

**LINDA,**

COMO NO CASO DO  
ASSASSINATO DE LINDA



**Leif GW Persson**



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

LEIF GW PERSSON

# Linda, como no caso do assassinato de Linda

TRADUÇÃO DE Mauro Pinheiro



Copyright © Leif GW Persson, 2005  
Publicado mediante acordo com Salomonsson Agency.

TÍTULO ORIGINAL EM SUECO  
Linda – som i Lindamordet

Traduzido da edição britânica (*Linda, as in the Linda Murder*)

PREPARAÇÃO  
Ana Resende

REVISÃO  
Breno Barreto  
Gabriel Pereira

FOTO DE CAPA  
Leif Zetterling

MÁSCARA DA FOTO DE CAPA  
Pernilla Stödberg

ADAPTAÇÃO DE CAPA  
Julio Moreira

REVISÃO DE EPUB  
Taynée Mendes

GERAÇÃO DE EPUB  
Intrínseca

E-ISBN  
978-85-8057-762-4

Edição digital: 2015

*Todos os direitos desta edição reservados à*  
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



# Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Mídias sociais

1. Växjö, sexta-feira, 4 de julho

2

3

4. Estocolmo, sexta-feira, 4 de julho

5

6

7

8. Växjö, sábado, 5 de julho

9

10

11. Växjö, domingo, 7 de julho

12

13

14. Växjö, segunda-feira, 7 de julho

15

16

17. Växjö, terça-feira, 8 de julho

18

19

20. Växjö, quarta-feira, 9 de julho

21

22

23. Växjö, quinta-feira, 10 de julho

24

25. Växjö, sexta-feira, 11 de julho

26

27

28

29

30

31. Skåne, sábado, 19 de julho

32. Växjö, domingo, 20 de julho

33. Växjö, segunda-feira, 21 de julho

34

35

36

37. Växjö, quinta-feira, 24 de julho

38. Växjö, sexta-feira, 25 de julho

39

40. Växjö, segunda-feira, 28 de julho

41

42

43

44

45. Estocolmo, segunda-feira, 4 de agosto

46. Växjö, segunda-feira, 4 de agosto

47

48

49. Växjö, terça-feira, 5 de agosto

50. Alnön, ilha próxima a Sundsvall, terça-feira, 5 de agosto

51. Estocolmo, terça-feira, 5 de agosto

52. Växjö, quarta-feira, 6 de agosto

53. Estocolmo, segunda-feira, 11 de agosto

54. Växjö, segunda-feira, 11 de agosto

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65. Växjö, segunda-feira, 18 de agosto

66

67



68

69

70. Estocolmo, quarta-feira, 20 de agosto

71

72

73

74

75

76

77

78. Växjö, domingo, 24 de agosto

79

80. Estocolmo, segunda-feira, 25 de agosto

81

82

83

84

85

86

87

88

89

90

91

92

93

94

95

96

97

98

99

Sobre o autor

Leia também

*Para Maj Sjöwall e Per Wahlöö —  
que fizeram melhor do que quase todo mundo.*

# 1

## *Växjö, sexta-feira, 4 de julho*

Foi uma vizinha que encontrou o corpo de Linda e, sob todos os aspectos, foi muito melhor assim do que se a mãe da moça a tivesse encontrado. Isso também evitou que a polícia perdesse bastante tempo. Sua mãe não planejava voltar da casa no campo antes do fim do dia de domingo, e a filha e ela eram as únicas moradoras do apartamento. Quanto mais cedo melhor, no que dizia respeito à polícia, especialmente se tratando de uma investigação de assassinato.

\*

O alarme soou na central de comunicação da polícia de Växjö às oito e cinco da manhã e uma viatura de patrulha na vizinhança atendeu o chamado. Apenas três minutos depois, os policiais entraram em contato de volta com a central. Estavam no local, a mulher que avisara estava em segurança no banco traseiro da viatura, e eles se preparavam para entrar no prédio e fazer uma inspeção.

Na central, o policial de plantão recebera a chamada. Os dois policiais mais jovens que se encarregaram da missão já tinham conseguido criar uma reputação na polícia local. Infelizmente, não era uma muito favorável e, como o policial de plantão tinha o dobro da idade deles, trinta anos de serviço, e já passara por situações

bem complicadas, seu primeiro instinto foi o de enviar reforços. No entanto, enquanto refletia sobre isso, o chamaram outra vez. Ligaram apenas oito minutos depois, e para o celular dele, de modo que o que tivessem a dizer não pudesse ser ouvido por outra pessoa. Eram oito e quinze.

Extraordinariamente, apesar da idade, experiência e reputação, eles agiram da maneira correta, para variar. Fizeram tudo o que se esperava deles, sendo que um chegara a fazer ainda mais, obtendo assim uma pequena estrela de ouro na sua ficha de serviço, de um modo que jamais tinha sido visto no histórico do Departamento de Polícia de Växjö.

Num dos quartos do apartamento eles encontraram uma mulher morta. Tudo indicava que tinha sido assassinada, e que isso ocorrera apenas poucas horas antes. Não havia vestígios do criminoso, exceto por uma janela aberta no quarto que dava para os fundos do prédio, o que, pelo menos, já oferecia alguma indicação de como ele deixara a cena do crime.

Infelizmente, havia uma complicação. O jovem policial que falou com o que estava de plantão tinha certeza de que reconhecia a vítima. E se ela fosse quem ele achava que era, isso significava que o policial de plantão a encontrara em várias ocasiões durante o verão e, mais recentemente, no dia anterior.

— Isso não é bom, não é nada bom — murmurou o homem, mais para si mesmo, pelo que pareceu.

Em seguida, ele pegou a breve lista de instruções do que fazer caso acontecesse o pior durante seu turno. Uma folha A4 plastificada com dez coisas a lembrar e um cabeçalho provocador: *Se a merda for parar no ventilador*. Ele a deixava debaixo do bloco de registros no início de cada plantão, e já fazia quase quatro anos desde a última vez que tivera motivo para usá-la.

— Muito bem, rapazes — falou o homem. — Vamos fazer o seguinte...

Ele também fizera tudo o que razoavelmente se podia esperar. No entanto, não mais do que isso, porque, na sua idade, esse tipo de agitação não é recomendável.

\*

A primeira viatura a chegar ao local do crime trazia os dois jovens policiais de Växjö. Um deles era o inspetor interino Gustaf von Essen, de trinta anos, e conhecido na corporação como Conde, por causa do seu nome, embora sempre tomasse o cuidado de advertir que, na verdade, ele era só "um simples barão". O outro policial no veículo era quatro anos mais novo: Patrik Adolfsson, conhecido como Adolf por motivos que, infelizmente, não se limitavam ao sobrenome.

Quando atenderam à chamada, eles estavam a poucos quilômetros do endereço informado, voltando para a delegacia. Como praticamente não havia trânsito naquele trecho àquela hora da manhã, Adolf deu um cavalo de pau e pisou fundo, seguindo pelo trajeto mais curto, sem ligar as luzes nem a sirene, enquanto Conde ficou atento a qualquer movimentação suspeita na direção oposta.

Os dois somavam quase duzentos quilos de excelência da polícia sueca. Músculos e ossos, basicamente, com todos os sentidos e as funções motoras na melhor forma possível. Juntos, eles eram a resposta dos sonhos de qualquer cidadão que ligasse para a polícia e denunciasse a presença de três arruaceiros desconhecidos na sua varanda, tentando arrombar a porta da frente.

Quando estacionaram em frente ao prédio, na rua Pär Lagerkvists, onde o suposto crime havia sido cometido, uma mulher de meia-idade, nervosa, veio correndo na direção deles. Ela agitava os braços, gaguejando, e Adolf, que foi o primeiro a sair do carro, colocou, com gentileza, um dos seus braços ao redor dela, fazendo com que se sentasse no banco de trás da viatura e lhe assegurando

que “estava tudo bem agora”. Enquanto o Conde se posicionava nos fundos do prédio, empunhando a arma, para o caso de o criminoso ainda estar lá e pretender fugir por aquele lado, Adolf verificou rapidamente a entrada do local e depois subiu até o apartamento. Entrou com facilidade, pois a porta estava escancarada.

Foi nesse momento que ele fez por merecer a estrela de ouro, antes de pôr em prática, pela primeira vez, todas as outras coisas que lhe ensinaram na Academia de Polícia de Estocolmo. Depois de sacar a pistola, ele inspecionou o apartamento, se esgueirando pelas paredes, para não mexer em nada que atrapalhasse depois os colegas da polícia científica, e tampouco fornecer um alvo fácil ao criminoso, caso ele ainda estivesse ali, desesperado para fugir. Mas a única pessoa ali era a vítima, que estava deitada na cama do quarto, imóvel, sob um lençol manchado de sangue que cobria sua cabeça, tronco e parte das coxas.

Pela janela aberta do quarto, Adolf avisou ao Conde que a escada estava livre para ele dar uma olhada; em seguida, guardou a arma e pegou a pequena câmera digital, que trazia sob a axila esquerda. Depois de tirar três fotos diferentes do corpo ainda coberto, removeu cuidadosamente o lençol para verificar se a mulher estava viva ou morta.

Com o dedo indicador da mão direita, ele localizou a artéria carótida, embora fosse totalmente desnecessário, na verdade, considerando o laço em volta do pescoço e a expressão nos olhos da jovem. Depois, colocou a mão delicadamente em suas bochechas e têmporas. Ao contrário das mulheres vivas que havia tocado desse mesmo jeito, sentiu sua pele sem vida e rígida ao toque das pontas dos dedos.

Ela parece bem morta, ainda que não esteja morta há muito tempo, pensou.

Mas ele também a reconheceu. Não como alguém que tivesse apenas visto antes, mas como uma pessoa que ele realmente conhecia, com quem já conversara e chegara a fantasiar depois. O

mais estranho de tudo, embora não tivesse a menor intenção de um dia revelar isso a alguém, era que ele nunca se sentira tão *presente* quanto naquele instante. Totalmente presente, ainda que, ao mesmo tempo, parecesse que estava distante dali, observando a si mesmo. Como se nada daquilo tivesse qualquer coisa a ver com ele, e, menos ainda, com a mulher morta estendida na cama, muito embora poucas horas antes ela estivesse tão viva quanto ele.



A testemunha que encontrara a vítima e chamara a polícia respondeu às perguntas de dois inspetores, pela primeira vez, por volta das dez da manhã. Seu depoimento foi gravado e transcrito no mesmo dia. Deu cerca de vinte páginas impressas. Margareta Eriksson, cinquenta e cinco anos, viúva, sem filhos, moradora da cobertura do prédio em que a vítima e sua mãe moravam.

A última página da transcrição trazia a observação de que a testemunha havia sido informada de que deveria manter sigilo sobre sua declaração, o que ia de acordo com o parágrafo dez, capítulo vinte e três, do Decreto de Procedimento Judicial. Entretanto, ela não esboçou nenhuma reação ao fato de poder ser punida, caso revelasse a qualquer um o conteúdo daquele interrogatório. Isso não era tão estranho assim. Normalmente, não se registrava isso e, além do mais, ela reagira da mesma forma que a maioria das pessoas quando recebem uma notificação como essa: estava claro que ela não era do tipo que sai por aí fofocando sobre coisas desse gênero.

O prédio, composto de um porão, quatro andares e um sótão, pertencia a uma associação de proprietários que era presidida pela testemunha. Dois apartamentos em cada um dos três primeiros andares e outro, com o dobro do tamanho, na cobertura, onde a testemunha morava. No total eram sete imóveis, todos de propriedade de pessoas de meia-idade ou mais idosas, solteiras e casadas com filhos adultos, que já não moravam mais ali. Quando o crime aconteceu, a maior parte delas tinha saído de férias.

O apartamento onde ocorrera o homicídio pertencia à mãe da vítima, e, segundo a testemunha, a vítima, de tempos em tempos, se mudava para lá também. Recentemente, a testemunha tinha visto a filha com bastante frequência, mas a mãe estava de férias, passando a maior parte do tempo em sua região de origem, Sirkön, uma ilha vinte quilômetros ao sul de Växjö.

O apartamento composto por sala, três quartos e cozinha era no térreo, isso se visto da rua, pois, como o prédio ficava numa ladeira, nos fundos, a parte de trás do apartamento ficava um andar acima e dava para um pátio que levava a uma pequena área arborizada, onde havia algumas casas e poucos prédios.

A testemunha tinha cães e, segundo seu depoimento, fazia muitos anos que os animais eram seu principal interesse. Atualmente, estava com dois, um labrador e um spaniel, que ela levava para passear quatro vezes por dia, durante uma hora, no mínimo.

“Sou uma pessoa matinal. Levantar cedo nunca foi um problema para mim. Detesto ficar na cama depois de acordar.”

Ao voltar para casa, ela geralmente tomava o café da manhã e lia o jornal, enquanto seus cães comiam a “ração matinal”. Ao meio-dia, dava outro passeio com os animais, que também durava cerca de uma hora e, ao retornar, ela costumava almoçar, enquanto seus amigos quadrúpedes eram recompensados com uma “orelha de porco ou outra coisa gostosa de comer”.

Às cinco da tarde, ela saía novamente, mas desta vez por pouco tempo, cerca de meia hora, para que sobrasse tempo para jantar e, com calma e tranquilidade, dar a “ração vespertina de Peppe e Pigge”, antes de chegar a hora de ligar a televisão para o noticiário noturno. Depois, vinha a hora do “último pipi”, entre dez e meia-noite, dependendo do que mais a televisão tivesse a lhe oferecer.

Em outras palavras, ela seguia uma rotina fixa que, em grande parte, parecia ser ditada pelos cães. Em geral, dedicava suas horas livres para resolver algumas coisas no centro da cidade, encontrar

com amigos — “na verdade, quase todos são mulheres como eu e outros donos de cachorros” — ou então ficava trabalhando em casa.

Seu marido, que havia morrido dez anos antes, tinha sido contador autônomo, e ela o auxiliava em meio expediente. Depois de sua morte, ela continuou ajudando alguns dos seus antigos clientes com as contas. No entanto, sua principal fonte de renda vinha da pensão deixada pelo marido.

“Ragnar sempre foi muito cuidadoso com essas coisas, por isso, não tenho com o que me preocupar.”

O interrogatório fora realizado no apartamento dela. Os policiais que lhe fizeram as perguntas puderam ver com os próprios olhos que não havia razão para duvidar dessa última informação. Tudo ao redor indicava que Ragnar cuidara para que o sustento da esposa fosse garantido após sua morte.

Às onze horas da noite anterior, enquanto estava ocupada com o que chamava de “último pipi”, ela vira a vítima sair pela porta da frente do prédio e seguir na direção do centro da cidade.

“Parecia que ela estava indo a uma festa, mas tenho a impressão de que, atualmente, a maioria dos jovens se veste assim, independentemente da hora do dia.”

A testemunha estava a uns trinta metros, rua acima, e as duas não se cumprimentaram, mas tinha certeza de que era a vítima que ela vira.

“Acho que ela não me viu. Devia estar com pressa, senão certamente teria me cumprimentado.”

Cinco minutos depois, a testemunha estava de volta ao próprio apartamento e, seguindo sua rotina, deitara-se e adormecera quase imediatamente, e isso era tudo de que conseguia se lembrar da noite anterior.

\*

O verão excepcional começara antes, já em maio, e não parecia querer chegar ao fim. Dia após dia, sem qualquer brisa, o sol queimando, o céu azul-claro, impiedoso, sem nuvens nem sombras. Todos os dias as temperaturas batiam novos recordes, e, na manhã seguinte, ela saía bem cedo com os cães, às seis e meia da manhã.

Era bem mais cedo que o normal, mas considerando o “verão totalmente inacreditável... Não acho que sou a única a pensar assim... Eu queria evitar as piores horas”. E todo dono de cachorro responsável sabe que os cães não são capazes de fazer muito esforço quando está quente demais.

Ela seguiu o itinerário de sempre. Virou à esquerda, ao sair pela porta da frente do prédio, subiu a rua, passando diante das propriedades vizinhas e, depois, desceu pelo atalho à direita, na direção da parte mais ampla do bosque, que começa a algumas centenas de metros atrás do prédio onde ela mora. Meia hora mais tarde, quando o calor ficou insuportável, embora não passasse muito das sete horas, ela resolveu dar meia-volta e ir para casa. Peppe e Pigge estavam ofegantes, e ela própria ansiava pela sombra que teria dentro do apartamento, além de uma bebida gelada.

Mais ou menos no mesmo instante em que ela resolveu voltar para casa, o céu se encheu subitamente de nuvens, ficando cinza, o vento começou a agitar as árvores e os arbustos, e se ouviam os trovões cada vez mais próximos. Quando as primeiras gotas de chuva pesadas caíram, ela estava apenas a algumas centenas de metros de casa, e começou a correr, mesmo que não fizesse diferença, pois a chuva logo se transformou num temporal e ela estaria encharcada quando chegasse nos fundos do prédio.

Nesse momento notou a janela do quarto da vizinha aberta e batendo por causa do vento; as cortinas já ensopadas.

Assim que entrou no saguão do prédio — “devia ser umas sete e meia, se me lembro bem” —, ela tocou a campainha da vizinha várias vezes, mas ninguém atendeu à porta.

“Achei que ela devia ter chegado tarde em casa e aberto a janela. Não sei de que adiantaria isso, pois faz muito mais calor do lado de fora do que dentro de casa. De qualquer maneira, quando saímos para o último pipi, a janela estava fechada, porque geralmente reparo nesse tipo de coisa.”

Como ninguém apareceu na porta, ela pegou o elevador até seu andar. Depois de enxugar os cães, ela trocou de roupa. Não estava de muito bom humor.

“Na verdade, aqui é uma propriedade coletiva, então é preciso levar a sério os danos causados pela água. Sem falar no risco de roubo. É verdade que o parapeito da janela fica a alguns metros do chão, mas tenho a impressão de que não passa um dia sem que apareça alguma notícia nos jornais sobre assaltantes levando tudo das pessoas. E mesmo se estiverem drogados, não deve ser difícil pegar uma escada emprestada com um colega, não é?”

Mas o que ela devia fazer? Falar com a garota na próxima vez que esbarrasse com ela? Ligar para a mãe dela, denunciando a moça? Duas semanas antes, caíra uma tempestade parecida, mas durou apenas dez minutos e parou tão bruscamente quanto começara, e o sol voltou a brilhar num límpido céu azul, o que acabava sendo bom para os gramados e as plantas. Mas desta vez foi diferente, e quinze minutos depois, enquanto ela enchia a tigela com as rações dos cães e preparava um café para si própria, a chuva continuava caindo com a mesma força, levando-a a tomar uma decisão.

“Como eu disse, sou a síndica do prédio e temos o hábito de cuidar uns dos outros aqui. Especialmente no verão, quando muita gente sai de férias. Por isso, tenho cópia das chaves da maioria dos apartamentos.”

Então, ela pegou a cópia da chave que a mãe da vítima lhe dera, desceu de elevador até o térreo, tocou a campainha mais algumas vezes, “no caso de ela estar mesmo em casa, no fim das contas”, depois destrancou a porta e entrou no apartamento.

“Acho que estava no estado que era de se esperar, quando os jovens ficam sozinhos em casa, então, não dei muita atenção. Acho que eu disse alguma coisa, para ver se havia alguém lá dentro, mas não tive resposta, então entrei... no quarto... hum... e foi lá que vi o que tinha acontecido. Percebi na hora. Então, eu... me virei e saí correndo para a rua. Fiquei apavorada, pensando que o assassino ainda podia estar por lá. Felizmente, eu estava com o celular e liguei para o número de emergência... Sabe, o um-um-dois. E atenderam na mesma hora, apesar de lermos nos jornais que os policiais estão sempre ausentes.”

Ela acabou não fechando a janela do quarto, o que não fez diferença, pois já tinha parado de chover quando a primeira viatura policial chegou lá, e qualquer estrago causado pela chuva era completamente irrelevante àquela altura. O policial Adolfsson não tinha intenção de fechá-la, é claro. Na verdade, ele notara que havia extensos vestígios de sangue diluídos no parapeito, mas preferiu deixar aquele detalhe específico para seus colegas da polícia científica.

O verão mais quente de que se tem lembrança, uma vizinha que passeava com seus cachorros pelo mesmo trajeto todas as manhãs e que, por acaso, tinha a cópia da chave do apartamento da vítima, um temporal repentino, uma janela aberta. As circunstâncias funcionando juntas, a mão do destino, se preferir, mas seja lá como queira chamar, foi assim que a polícia conseguiu deduzir o que tinha acontecido. E, considerando as alternativas, este estava longe de ser o pior dos resultados.

O policial de plantão, sem dúvida, tinha feito a sua parte. Em menos de duas horas, todos que deviam estar no local do crime compareceram. Infelizmente, várias pessoas que não fariam a menor falta se não estivessem presentes também apareceram, mas não havia nada que ele pudesse fazer quanto a isso, e a área em torno do prédio fora isolada, assim como a rua em frente, nos dois sentidos.

Policiais uniformizados iniciaram uma busca sistemática pelas propriedades vizinhas e imediações, enquanto os cães farejadores tentavam encontrar o rastro que o criminoso supostamente deixou ao pular da janela no pátio dos fundos. Não tiveram sucesso, mas considerando o temporal que caíra duas horas antes, isso não chegou a surpreendê-los.

A polícia científica começara a revistar o apartamento. O médico legista já havia sido chamado e estava a caminho, vindo de sua casa no campo. Os policiais locais já tinham feito as primeiras perguntas para a testemunha que encontrara o corpo, e os pais da vítima haviam sido informados sobre o ocorrido e levados para a delegacia. Não demoraria muito para os policiais uniformizados começarem a bater de porta em porta naquela área, e todos os itens da lista do policial de plantão — com exceção do último — tinham sido realizados e assinalados.

Quando se certificou de que tudo estava em ordem, ou, pelo menos, encaminhado, ele se dedicou ao derradeiro item da lista,

ligando para o comissário de polícia responsável por aquela área. Surpreendentemente, mesmo sendo uma sexta-feira daquele verão perpétuo, quando o homem devia estar de férias na sua casa de campo, no litoral de Oskarshamn, a uns cem quilômetros de Växjö, ele estava à sua mesa, alguns andares acima, no mesmo prédio do policial de plantão. Falaram por cerca de quinze minutos ao telefone. Principalmente sobre a vítima, e quando a conversa terminou, apesar de experiente e calejado, o policial de plantão de súbito se sentiu inexplicavelmente deprimido.

Era mesmo curioso, porque, em geral, ele ficava orgulhoso ao se recordar da última vez em que precisara consultar sua lista manuscrita. Ele havia sido transferido e passara algum tempo na divisão vizinha, em Kalmar, quando dois dos maiores arruaceiros da cidade tinham começado a atirar desvairadamente no meio do dia, no meio da cidade, em meio a todos os cidadãos decentes cumpridores da lei. Dezenas de tiros sendo disparados para todas as direções possíveis. Como por milagre, só conseguiram atingir um ao outro, e uma coisa dessas só podia acontecer em Småland, pensara o policial de plantão na época.

O comissário de polícia também não ficou nada contente. Era preciso reconhecer que ele não era um investigador criminal, e um de seus preceitos na vida era nunca adiar os problemas, mas aquele caso não estava mesmo lhe cheirando bem. Apresentava todos os indícios de uma investigação básica de assassinato. Se algo saísse errado — o que não era improvável, considerando a identidade da vítima —, haveria a séria possibilidade de ele acabar se sentindo como todas as pessoas parecidas com ele sempre ficam quando, injustamente, dá tudo errado no trabalho.

Durante o discurso que proferira na semana anterior, após o jantar, ele passara bastante tempo falando sobre os recursos limitados da polícia e concluía fazendo uma comparação entre a sua divisão e “uma cerca inadequada e malconservada tentando manter afastados os níveis crescentes de criminalidade”.



O discurso fora muito apreciado e ele próprio ficou particularmente satisfeito com sua metáfora da cerca, que considerou, ao mesmo tempo, criativa e bem-formulada. E não foi o único a pensar assim: o editor-chefe do maior jornal local estivera presente no mesmo jantar e, quando o café e o conhaque foram servidos, ele lhe parabenizara. Mas isso foi antes. No momento, o comissário não fazia ideia de que rumo as reflexões do editor-chefe tomariam nas próximas horas.

O pior de tudo eram seus sentimentos pessoais, inteiramente particulares. Ele conhecia o pai da vítima, e já estivera com a filha dele — a vítima do crime — em diversas ocasiões. Lembrava-se dela como uma jovem encantadora, e, se tivesse uma filha, ficaria feliz se ela fosse parecida e se comportasse como aquela moça. O que está acontecendo?, perguntou-se ele. E por que diabo isso está acontecendo em Växjö, onde não houvera nenhum caso de assassinato durante todos aqueles anos em que trabalhava ali? No meu turno e, ainda por cima, no meio do verão.

Nesse instante tomou uma decisão. Não importava que a cerca estivesse sob intensa pressão atualmente. Apesar das férias e de outras investigações estarem em andamento, era o momento de se preparar para o pior. Então, ele pegou o telefone e ligou para seu velho amigo dos tempos de faculdade para lhe pedir ajuda. A quem mais poderia recorrer numa situação como aquela?

Após a conversa, que durou menos de dez minutos, o comissário ficou bastante aliviado, sentindo-se quase liberado. A ajuda estava a caminho, a melhor ajuda possível da parte do esquadrão de homicídios da lendária Divisão Federal de Investigações Criminais, e o chefe prometera que chegaria naquele mesmo dia.

Ele também conseguira desempenhar honrosamente as primeiras etapas daquela missão. Reconhecia que não receberia uma estrela de ouro, nem mesmo uma de prata, mas provavelmente uma de bronze, por ter cuidado de um detalhe prático considerável. Depois, foi logo instruindo a secretária a ligar para o Town Hotel e reservar

seis quartos de solteiro para os próximos dias, solicitando que fossem próximos e, preferivelmente, isolados dos demais aposentos do hotel.

Os funcionários do Town Hotel ficaram felizes, porque estavam na calma dos meses de verão e havia vários quartos vazios, mas esse não seria mais o caso poucas horas depois naquele mesmo dia, quando não haveria mais nenhuma vaga disponível em hotel algum do centro de Växjö.

## 4

### *Estocolmo, sexta-feira, 4 de julho*

Muito embora fossem apenas dez da manhã — daquele verão extraordinário que começara em maio e parecia não querer terminar —, um dos lendários membros do esquadrão de homicídios da Divisão Federal de Investigações Criminais já chegara ao trabalho. Ao contrário da maior parte de seus colegas, o superintendente Evert Bäckström não tinha viajado para o campo, para não ter que enfrentar mosquitos, uma esposa furiosa e crianças manhosas. Sem mencionar os vizinhos malucos, os banheiros externos fedorentos, churrascos com cheiro de gasolina e cervejas quentes.

Bäckström era um homem baixo, gordo e primitivo, mas, quando necessário, era capaz de ser tanto astuto quanto lento para esquecer as coisas. Ele se considerava um homem sábio na plenitude da vida, um espírito livre que preferia a vida sossegada da cidade e, levando em conta que uma quantidade suficiente de mulheres atraentes e sumariamente vestidas compartilhavam essa mesma opinião, ele não tinha razão alguma para se queixar.

As férias de verão eram uma fonte de prazer para pessoas que não sabiam mais o que fazer, um dispositivo usado em excesso por quase todos os seus colegas, e, portanto, essa era uma excelente razão para continuar trabalhando: finalmente uma ótima oportunidade para controlar o próprio tempo. Último a chegar e primeiro a sair, sem ninguém por perto para fazer qualquer comentário. E esta era exatamente a questão. Tempo de sobra para

missões fora do quartel-general da polícia, e, se algum chefe aparecesse para dar uma olhada em seu escritório, ele estaria preparado.

No dia que antecedeu a saída de férias do seu superior imediato, Bäckström anunciara que, além de cuidar dos assuntos em andamento, caso fosse necessário, pretendia ocupar todo o seu tempo disponível revisando alguns casos antigos que haviam sido arquivados. Seu chefe não fizera qualquer objeção, em grande parte porque tudo o que queria era se afastar do quartel-general da polícia, no bairro de Kungsholmen, e também porque a última coisa que desejava era conversar com Bäckström. Assim, a mesa de Bäckström estava coberta por uma pilha de casos de homicídio não resolvidos, que seus colegas, menos abençoados mentalmente, tinham se mostrado incapazes de esclarecer.

A primeira coisa que fez quando chegou ao trabalho foi reorganizar a pilha de papéis, para o caso de alguém dar uma espiada ali. Após planejar o resto do seu dia, sentado no razoável conforto de sua cadeira, atrás da sua mesa entulhada de papéis, ele marcou no celular um motivo plausível para sua ausência. A escolha era ampla, e, para evitar qualquer padrão suspeito, ele deixou a sorte decidir, colocando na mão do destino se passaria o restante do dia "numa reunião", "fora do escritório em uma missão oficial", "temporariamente fora do escritório", ou até mesmo em uma "missão externa". Quando essa tarefa recorrente tivesse sido cumprida, em geral, já estava na hora de prosseguir com os estorvos e as tribulações diárias e ir "almoçar". Uma necessidade humana fundamental, um direito sagrado da legislação trabalhista, e, naturalmente, uma ausência digna de seu próprio código no sistema telefônico da polícia. Sequer precisava deixar a sorte decidir.

O único problema prático era que havia uma nítida escassez de horas extras e de outras pequenas vantagens pecuniárias, porque, como ocorrera tantas vezes antes, ele estava sofrendo de falta de caixa, embora tivesse recebido o salário uma semana atrás. Vou dar

um jeito, pensou Bäckström. Sempre haveria o clima agradável e as moças seminuas na cidade. Não vai demorar para um lunático espancar até a morte um pobre coitado em viagem a um destino decente de três estrelas e então haveria horas extras, diárias e todas as demais vantagens isentas de impostos para um simples policial. E enquanto estava absorvido por essas ideias encorajadoras, seu telefone começou a tocar.

\*

O Diretor da Divisão Federal de Investigações Criminais, Sten Nylander — ou DDF, como era mais conhecido entre seus oitocentos colegas da polícia —, também estava perdido nos próprios pensamentos quando o comissário regional ligou de Växjö. Ele estava distraído com pensamentos elevados sobre um intrincado problema operacional que expusera sobre sua ampla mesa de planejamento na sala de comando, ou no centro de operações, como preferia chamar, que tinha relação principalmente com a melhor maneira de acionar as forças de intervenção rápida para o caso de terroristas internacionais resolverem imprudentemente sequestrar um avião no aeroporto de Arlanda.

Estava evidente que seu colega em Växjö não tinha a mesma capacidade de diferenciar uma preocupação pequena de uma grande, e, para evitar que metade do seu dia fosse desperdiçado, ele prometera enviar imediatamente para lá algumas pessoas do esquadrão de homicídios. O pior que poderia acontecer, no caso de eles estarem ocupados, seria ter que reorganizar suas prioridades, pensou ele, ao desligar o telefone e pedir à secretária para convocar “aquele gordo baixinho da Divisão Federal, aquele de quem nunca guardo o nome”. Em seguida, ele voltou a se concentrar em assuntos mais importantes.

\*

— DDF parece bastante atarefado, apesar de estarmos no auge do verão — disse Bäckström, abrindo seu sorriso mais simpático para a secretária de seu chefe e indicando com a cabeça a porta fechada atrás dela. Centro de operações, DDF, sei!, pensou ele.

— Ele está mesmo muito ocupado — respondeu a secretária num tom comedido, sem tirar o olhar dos papéis à sua frente. — É assim em qualquer época do ano — acrescentou.

É claro, pensou Bäckström. Ou, então, ele fez um curso em que ensinaram que pessoas como ele devem sempre fazer pessoas como eu sentar e esperar por quinze minutos, enquanto ele lê o editorial do *Svenska Dagbladet*.

— Pois é, estamos passando por um período conturbado — lamentou-se Bäckström.

— Sem dúvida — disse a secretária, lançando-lhe um olhar severo.

A menos que você seja um DDF, pensou Bäckström. O safado tinha um belo título também. DDF soa como algo militar, além de bem viril. Com certeza é melhor do que ser chefe da Polícia Federal e ser chamado de CPF. Porque, aliás, quem precisa de outro CPF?

— DDF está pronto para recebê-lo — informou a secretária, indicando a porta fechada com a cabeça.

— Meus humildes agradecimentos — retorquiu Bäckström, curvando-se ligeiramente de onde estava sentado.

Quinze minutos exatos. Até uma criança teria percebido. Até mesmo você, sua sapatão, pensou ele, sorrindo cordialmente para a secretária. Ela não retribuiu, apenas olhou desconfiada para ele.

\*

O superior imediato de Bäckström parecia perdido nos próprios pensamentos. Ele afagava o queixo vigoroso e bem-definido com o polegar e o indicador da mão direita e, quando Bäckström entrou na sala, apenas o cumprimentou brevemente com a cabeça.

Que figura, pensou Bäckström. E que roupa ridícula para o calor que está fazendo lá fora.

O Diretor da Divisão Federal estava, como sempre, vestindo seu uniforme impecável, que naquele dia consistia de botas pretas de montaria, calça azul de cavalaria e uma camisa de uniforme imaculadamente branca, com as ombreiras ornadas de quatro divisas douradas e uma folha de carvalho sob uma coroa real. No lado esquerdo do peito havia uma fita com quatro galões e, no direito, dois sabres de ouro cruzados que, por alguma razão, virara o emblema da Divisão Federal de Investigações Criminais. Uma gravata, é óbvio, ajustada perfeitamente em um ângulo reto, presa por um alfinete que era dado aos comandantes mais antigos. As costas esticadas feito uma vara, a barriga para dentro, o peito para fora, como se quisesse rivalizar com seu traço físico mais proeminente.

Porra, que queixo enorme! Ele parece um navio-tanque imenso, pensou Bäckström.

— Se estiver se perguntando por que estou vestido assim — começou o DDF, lhe dedicando apenas um olhar de relance e afastando os dedos da parte do rosto sobre a qual Bäckström estava pensando —, é porque pretendo ir cavalgar meu Brandklipparen mais tarde.

O homem não era bobo. Melhor tomar cuidado, pensou Bäckström.

— Um nome real para um nobre corcel — acrescentou o DDF.

— Esse era o nome do cavalo de Carlos XII, não era? — perguntou Bäckström obsequiosamente, embora tivesse faltado à maior parte das aulas de história.

— Tanto de Carlos XI quanto de Carlos XII — emendou o DDF. — O mesmo nome, mas, claro, eram cavalos diferentes. Você sabe o que é isso?

Ele apontou para uma maquete complexa na ampla mesa de planejamento.

Considerando a quantidade de terminais, hangares e aeronaves, provavelmente não se tratava de uma representação da Batalha de Poltava, foi o que pensou Bäckström.

— Arlanda — arriscou. Era como o aeroporto de Arlanda devia ser, visto de cima.

— Exatamente — confirmou o DDF. — Mas não foi para isso que eu o chamei.

— Sou todo ouvidos, chefe — disse Bäckström, tentando agir como o melhor aluno da sala.

— Växjö — anunciou enfaticamente o DDF. — Investigação de assassinato. Uma jovem foi encontrada estrangulada na própria casa hoje de manhã. É provável que tenha sido estuprada também. Prometi ajudá-los. Portanto, reúna uma equipe e vá para lá imediatamente. Os detalhes, você pode analisar em Växjö. Se alguém aqui fizer alguma objeção, mande falar comigo.

Excelente, pensou Bäckström. Caramba, isso era ainda melhor do que na época dos três mosqueteiros. E olha que este foi um livro que ele lera de verdade, quando faltava às aulas na escola.

— Tudo bem, chefe — disse Bäckström.

Växjö, pensou ele, não fica em algum lugar no litoral, para os lados de Småland? Deve estar cheio de mulheres nesta época do ano.

— E mais uma coisa — acrescentou o Diretor da Divisão Federal —, antes que eu esqueça. Há uma pequena complicação. A identidade da vítima.

\*



Vamos ver, disse o cego, pensou Bäckström ao sentar-se meia hora depois à sua mesa, organizando os detalhes práticos. Antes de tudo, uma boa injeção de dinheiro líquido na forma de vale postal que conseguira pegar no caixa, embora fosse sexta-feira e estivessem no auge da temporada de férias. Acrescentou a isso algumas notas de mil coroas suecas da caixa de gratificação da divisão de crimes violentos. Sempre havia algum ali, no caso de urgência, despesas inesperadas, e Bäckström sempre ficava de olho na caixa, porque não importava a situação miserável da sua conta bancária, ele não tinha intenção alguma de sofrer qualquer tipo de privação.

Ele ainda conseguira reunir cinco colegas, quatro policiais e apenas uma mulher. Mas, de qualquer forma, ela só fazia serviços administrativos e ficaria basicamente ocupada mantendo a papelada em ordem, portanto, ele conseguiria suportar isso. E um dos seus colegas ia gostar da presença dela na equipe, considerando que costumava dar em cima da moça sempre que surgia a oportunidade, a uma distância segura de sua pobre esposa. Talvez não fosse exatamente uma força de elite, pensou Bäckström, relendo os nomes da lista, mas seria suficiente, levando em conta a quantidade de policiais de férias. Além do mais, ele também estaria lá.

Nas circunstâncias atuais, haveria transporte disponível para a viagem a Växjö, e também durante a estadia deles na cidade. Por alguma razão, havia vários veículos na garagem e Bäckström escolheu os três melhores. Ele ficou com o Volvo maior, que tinha tração nas quatro rodas, motor mais possante e tantos acessórios que achou que os rapazes da mecânica deviam estar muito inspirados quando prepararam o veículo.

Acho que isso é tudo, concluiu Bäckström, encerrando sua pequena lista. Agora lhe restava somente arrumar a mala, mas, ao começar a pensar nisso, de repente se sentiu indisposto. A bebida não era um problema. Para variar, ele tinha um monte de garrafas em casa. Um de seus colegas mais novos fora até Tallinn no fim de semana para fazer compras, e Bäckström adquirira parte

considerável das mercadorias: uísque, vodca e dois engradados de cerveja *lager* tipo exportação que era excelente.

Mas o que vou vestir? Lembrou-se da sua máquina de lavar enguiçada, o cesto transbordando com lençóis e pilhas de roupas sujas que brotavam no quarto e no banheiro já fazia quase um mês. Somente naquela manhã, pouco antes de sair para o trabalho, ele enfrentou aqueles problemas. De banho tomado e perfeitamente limpo, parou um instante, sem o menor vestígio de ressaca, o que era excepcional, e teve um trabalho danado até conseguir farejar uma camisa e uma cueca que não fizessem as pessoas se lembrarem de uma loja de queijos dinamarquesa, caso tivesse que ir falar com elas. Isso vai acabar se resolvendo, pensou Bäckström, e então teve uma ideia brilhante. Primeiro, faria um rápido desvio até o centro comercial em Sankt Eriksgatan para comprar algo novo e bonito. Agora não lhe faltava dinheiro, mas — pensando bem — ele poderia simplesmente levar a roupa suja de casa e deixá-la na lavanderia do hotel em Växjö. Formidável, concluiu Bäckström. Porém, antes de tudo, era hora de almoçar, pois seria uma séria negligência profissional embarcar numa investigação de homicídio com a barriga vazia.

\*

Bäckström tivera um almoço decente num restaurante espanhol na vizinhança, que incluía vários *tapas* e outras apropriadas delícias estivais. Depois de chegar à conclusão de que seus chefes poderiam bancar aquela conta, ele acrescentou no recibo a presença fictícia de um informante. O informante tivera o bom senso de beber só dois canecos de cerveja. Bäckström, como estava em serviço, consumira somente uma água mineral e, quando saiu de novo na rua, saciado e fortalecido, foi tomado por uma sensação agradável, como havia muito tempo não sentia. O sol está brilhando e a vida parece estar

melhorando, pensou ele, seguindo para casa. Sequer precisava pegar um táxi, pois havia alguns anos que estava morando num pequeno e agradável apartamento em Inedalsgatan, a poucos minutos a pé do quartel-general da polícia, perto do Kronoberg Park.

Ele ficara com o apartamento de um antigo colega que se aposentara alguns anos atrás. Alguém que conhecera durante o período que passou trabalhando na Divisão de Crimes Violentos, em Estocolmo. O antigo colega tinha se mudado para uma casa de veraneio, numa das ilhas do arquipélago, onde poderia encher a cara até morrer com calma e tranquilidade, aproveitando para pescar um pouco, já que estava lá. Consequentemente, não precisava mais do apartamento na cidade e passara o contrato para Bäckström.

Por sua vez, Bäckström vendera o antigo apartamento para um colega mais jovem, da divisão criminal local, que tinha sido despejado de casa porque tivera um caso com uma policial militar. Como ela já era casada com um terceiro colega, que trabalhava na Divisão de Intervenção Rápida, um homem capaz de extrema maldade, não foi possível que ele fosse morar com a mulher. Então, em vez disso, comprou o apartamento de Bäckström. Em espécie, sem imposto, por um preço acessível, desde que Bäckström o ajudasse a transportar as coisas para seu novo lar, em Kungsholmen. Dois quartos, cozinha e banheiro no segundo andar de um prédio escondido atrás de um pátio. O aluguel era razoável, a maioria dos vizinhos já era idosa, nunca fazia barulho e não tinha a menor ideia de que ele era policial, de modo que as coisas não poderiam ser melhores.

O único problema seria encontrar uma mulher que cuidasse da limpeza e da lavagem de roupa em troca de algumas boas trepadas na cama de madeira maciça da Ikea. Porque, por ora, o lugar estava um caos, pensou Bäckström, enquanto enfiava as roupas sujas em uma bolsa esportiva grande o bastante para que pudesse levar tudo para o Town Hotel, em Växjö.

Teria sido melhor se tivesse como carregar todo o seu apartamento no carro e entregá-lo na recepção, pensou. Dane-se, isso vai acabar se resolvendo. Bäckström pegou uma cerveja na geladeira. Quando acabou de encher uma segunda bolsa com tudo o que precisava levar, surpreendeu-se com um pensamento terrível. Teve a impressão de que o tinham agarrado pela gola da camisa e o sacudido. Nos últimos anos, isso vinha lhe acontecendo com uma frequência preocupante. Que diabo vou fazer com Egon?

\*

Egon recebera esse nome por causa do colega aposentado que lhe passara o apartamento, mas, fora isso, eles não eram nem um pouco parecidos: o Egon de Bäckström era um peixinho dourado da variedade mais comum, enquanto o homem cujo nome ele usava era um ex-policia! de quase setenta anos.

Bäckström ganhara Egon e o aquário de uma mulher que conhecera seis meses atrás. Ele respondera a um anúncio de encontro que vira na internet. O que o animou a responder foi, em parte, a descrição que ela fazia de si mesma, mas principalmente como terminava seu texto: *uniformes são bem-vindos*. Bäckström devia ter sido cauteloso e evitado usar uniforme desde que se tornou importante o bastante na polícia para se defender sozinho, mas quem se importava com detalhes como esse?

Para começar, aquilo havia funcionado muito bem. A descrição que ela fazia de si mesma como sendo *uma mulher solta e liberal* tinha alguns fundamentos. Mas, diferente do início, depois de um tempo ela se tornou incrivelmente semelhante a todas as outras mulheres resmungonas que passaram por sua vida. E, no fim, as coisas terminaram como sempre, exceto por Egon, que continuava ao seu lado. Ultimamente, tudo andava tão ruim para Bäckström que ele começara a se afeiçoar ao peixe.

A descoberta de um vínculo emocional no relacionamento de Egon e Bäckström ocorrera alguns meses antes, quando Bäckström foi obrigado a se ausentar por uma semana, investigando um caso de homicídio e, conseqüentemente, acabou sendo impossível alimentar seu peixinho dourado todos os dias.

Primeiro, ele ligou para a mulher que lhe deixara com aquele problema cheio de escamas, mas ela só berrou e desligou na cara dele. Ora, pensou Bäckström, não custa nada tentar, apesar da advertência na lateral do frasco. Ele então despejara metade da ração dentro do aquário, antes de sair. Essa é a vantagem de ter um peixinho dourado, pensou ele dentro do carro, a caminho da investigação criminal. Não é possível se desfazer de um cão morto dando descarga num vaso sanitário. Além do mais, Bäckström ainda poderia conseguir alguma grana pelo aquário, se o anunciasse na internet.

Porém, quando voltou para casa, dez dias depois, Egon ainda estava vivo. Bäckström tivera que admitir que o peixe parecia mais resplandecente antes da sua viagem, e que passou alguns dias nadando em um ângulo esquisito, mas logo em seguida voltou a ser o mesmo de antes.

Bäckström ficou impressionado e chegou a comentar sobre Egon no escritório — “um bichinho safado e extraordinariamente obstinado” —, e foi mais ou menos nessa época que começou a se afeiçoar a ele. Às vezes, se surpreendia sentado ali à noite, tomando uma merecida bebida após um árduo e longo dia de trabalho, só olhando para o seu peixe. Observando Egon nadar de um lado para outro, de cima para baixo, aparentemente sem se incomodar nem um pouco com o fato de não haver nenhuma peixinha por perto. Você já resolveu isso, cara, pensava Bäckström. Comparado a todos os documentários inúteis sobre natureza na televisão, Egon era de longe uma distração melhor.

Simplesmente precisarei dar um jeito para que o caso não dure muito tempo, pensou ele, sentindo-se um pouco culpado, pegando

uma boa quantidade de ração com o polegar e despejando-a no aquário de seu amiguinho silencioso. E, se por acaso a missão se arrastasse por mais tempo, bastaria ligar para o trabalho e pedir que um de seus colegas viesse alimentar Egon.

— Cuide-se, cara — falou Bäckström. — Papai precisa viajar a trabalho. Nós nos veremos em breve.

Quinze minutos depois, ele estava dentro do carro, a caminho de Växjö, com dois colegas do esquadrão de homicídios.

Dois dos mais jovens talentos da divisão, os inspetores Erik Knutsson e Peter Thorén, não eram particularmente espertos, mas, pelo menos, obedeciam às ordens de Bäckström. No trabalho, eles eram conhecidos como Hans e Fritz, como nas histórias em quadrinho *Os sobrinhos do Capitão*, e exceto pelo fato de Hans ser louro e Fritz, moreno, os dois podiam ser facilmente confundidos. Quase sempre chegavam juntos, conversavam quase o tempo todo um com o outro, e de olhos fechados era realmente impossível reconhecer qual dos dois estava falando.

Knutsson estava dirigindo e, ao seu lado, Thorén lia em voz alta um guia turístico de Växjö que baixara na internet. Bäckström se acomodara no banco de trás para refletir calma e tranquilamente sobre o caso, acompanhado de uma cerveja gelada.

— Sinto muito, Bäckström — disse Thorén —, mas Växjö não fica no litoral, e sim a cerca de cem quilômetros do Mar Báltico. Tem uma catedral, uma prefeitura e uma universidade. Você deve ter confundido com Västervik. Ou talvez Kalmar. Essas duas ficam no litoral, em Småland. A terra natal da escritora Astrid Lindgren, sabe. Ao que parece, a cidade tem setenta e cinco mil habitantes. Växjö, quer dizer. Qual será a quantidade de mulheres solteiras? Alguma ideia, Erik?

— Se não for pedir demais, você bem que podia nos dar mais informações sobre esse caso — demandou Knutsson, de mau humor.

— Pelos menos umas mil mulheres — acrescentou, respondendo a Thorén e soando bem mais alegre de repente.

— Nossos colegas em Växjö vão mandar um fax com os detalhes assim que chegarem a algumas conclusões — disse Bäckström, acenando para o painel do carro entre os dois assentos.

— Mas eles já devem saber alguma coisa a essa altura — insistiu Knutsson.

Blá-blá-blá, pensou Bäckström, suspirando.

— Hoje de manhã, encontraram uma jovem assassinada em seu apartamento. Estrangulada. Se pudermos acreditar no que a polícia local diz, parece ter havido agressão sexual. A identidade do criminoso é desconhecida, essas coisas. Se tivermos sorte, eles estão enganados e logo poderemos prender o namorado dela.

— E é só isso que sabemos? — perguntou Knutsson num tom cético. — Então, tem um namorado na história?

— Parece que não — respondeu Bäckström, hesitante. — Tem outro probleminha também. Ela era policial.

— O quê? — exclamou Knutsson. — Uma policial?

— Isso é ruim — disse Thorén. — Uma policial. Isso não acontece todos os dias. Quer dizer, não se tratando de um crime sexual.

— Quase policial — esclareceu Bäckström. — Era estagiária em Växjö. Deveria se formar no próximo ano. Pelo que sabemos, ela estava trabalhando durante o verão na delegacia de Växjö. Atrás do balcão da recepção.

— Mas como pode uma coisa dessas? — indagou Knutsson, balançando a cabeça. — Que tipo de imbecil é capaz de matar uma estagiária da polícia por motivos sexuais?

— Se foi alguém que ela conhecia, então há grande chance de ter sido outro policial — disse Bäckström. — Mas pode não ser tão ruim assim — acrescentou ao notar a expressão hostil de Knutsson pelo retrovisor.

— Vendo pelo lado positivo, talvez seja mais fácil de resolver do que seus casos habituais de homicídios de prostitutas. — Thorén



tentou animá-los. — Quer dizer, pelo menos, não teremos que abordar os clientes estranhos e seus contatos no mundo do crime, essas coisas.

Este está longe de ser o maior problema desta vez, cara, pode esquecer, pensou Bäckström.

— Vamos torcer — falou.

Eles estavam passando por Norrköping quando os policiais de Växjö lhes enviaram o fax, mas ao verem o conteúdo notaram que teria dado no mesmo se não o tivessem feito. Primeiro, um mapa de Växjö com o local do crime circulado, e, depois, o trajeto até o hotel, marcado por setas. Totalmente desnecessário, pois Thorén havia encontrado o mesmo mapa na internet e a primeira coisa que Knutsson fizera ao entrar no carro fora colocar o endereço do hotel no GPS.

Depois, chegou uma pequena mensagem do responsável local pela investigação, dando-lhes as boas-vindas e informando que a investigação já havia começado e estava sendo efetuada dentro dos costumes. Outras informações seriam passadas, tão logo as tivessem. As duas equipes deveriam se encontrar no dia seguinte, às nove da manhã, na delegacia de Växjö.

— O superintendente Bengt Olsson, da divisão local, aparentemente vai comandar as primeiras investigações — disse Thorén, por ser o que estava sentado mais perto do fax com ambas as mãos livres. — Você o conhece, Bäckström?

— Já o encontrei — respondeu ele, sorvendo as últimas gotas da latinha.

Um cara ligeiramente retardado, pensou ele, então as coisas não podiam ser melhores. Pelo menos para Bäckström, que já havia decidido como iria cuidar do caso.

— E aí? Como ele é? — perguntou Knutsson.

— Simpático — respondeu Bäckström.

— Então é alguém que entende um pouco de homicídios? — insistiu Knutsson.

— Duvido — disse Bäckström. — Mas posso dizer que ele compareceu a diversas palestras sobre violência contra mulheres e crianças, incestos, *debriefings* psicológicos e todo esse tipo de coisa.

— Mas ele deve ter comandado pelo menos uma investigação de homicídio, não? — indagou Thorén.

— Alguns anos atrás, falou-se muito sobre o assassinato ritual de uma jovem imigrante, que supostamente ocorreu em Småland. Ele tinha uma informante maluca que afirmava ter estado lá na época.

— E o que aconteceu? — perguntou Knutsson.

— Correu tudo bem. Eles nos passaram o caso e resolvemos tudo no dia seguinte. Depois lhes mandamos uma carta explicando que o assassinato em questão, na verdade, nunca acontecera. Agradecemos a colaboração deles e pedimos que voltassem a entrar em contato conosco, caso tivessem mais alguma velha história de fantasmas em seus arquivos.

— Acho que me lembro disso — comentou Thorén. — Foi antes de eu chegar. Mas esse cara, Bengt Olsson, não é o que ficou conhecido como o detetive do Assassinato Ritual entre os colegas mais antigos?

— Ele mesmo — confirmou Bäckström. — É sua especialidade: fantasmas, sujeitos repugnantes, incensos, caninos afiados, capas, essas coisas. Depois faz um *debriefing* rápido, antes de voltar do trabalho para casa.

Mas o que ele quis dizer com “colegas mais antigos”? Isso parecia a porra de um fascismo contra os mais velhos.

— Mas o que está acontecendo com a polícia? Para onde estamos indo? — lamentou Thorén.

— Foi o que acabei de dizer — disse Bäckström. — Mas agora, se os dois cavalheiros puderem ficar de boca calada por um tempo, vou tentar descansar minha cabeça exausta.

E dormir um pouco também, pensou Bäckström. Apesar dos dois idiotas sentados no banco da frente do carro.

O restante da viagem transcorreu em relativo silêncio. Não enviaram mais nenhum fax. Knutsson e Thorén continuaram conversando, mas em um tom mais baixo, sem tentar puxar Bäckström para o assunto. Quando chegaram ao Town Hotel, em Växjö, eram cinco da tarde, e como Bäckström ainda estava se sentindo um tanto letárgico, resolveu se deitar por algumas horas, antes de se encontrarem para jantar. Além disso, os outros colegas ainda não tinham chegado.

Ele havia sido esperto e entrado em contato com o hotel antes, para poderem chegar e ir direto para os respectivos quartos, sem ter que encarar os abutres da imprensa que já começavam a se reunir no saguão. Também aproveitara a oportunidade para planejar a divisão das tarefas. Afinal, era ele quem estava no comando. Pediu para Knutsson entrar em contato com a polícia local e informá-los que ele estaria ocupado, mas os procuraria assim que fosse possível, e que compareceria sem falta à reunião marcada para o dia seguinte. Thorén prometera cuidar da roupa suja de Bäckström e, depois, daria um pulo até o local do crime. Quanto a ele, sua intenção era tirar uma merecida soneca.

— Afinal de contas, não parei desde manhã cedo — disse Bäckström, já esparramado na cama de seu quarto. — E não se esqueça de reservar uma mesa discreta no restaurante para as oito horas.

Finalmente, pensou ele, quando Thorén saiu e fechou a porta. Depois, ajeitou o travesseiro e caiu no sono quase imediatamente.

Meia hora antes do jantar, eles se reuniram no quarto de Bäckström para atualizarem as informações. Isso era totalmente normal, considerando que ele estava no comando e, caso se encontrassem em qualquer outro lugar que não fosse o quarto do chefe, a insubordinação se espalharia. Bäckström conhecia esse tipo de amotinação desde os velhos tempos, e dos dois lados da história, pois já fora tanto o capitão como parte da tripulação durante os anos em que integrara a Divisão de Crimes Violentos. Mas, até o momento, tudo parecia calmo. Todos os membros da equipe estavam presentes. Alertas, felizes, quase ansiosos, como se aquela fosse apenas uma viagem banal para uma conferência na Finlândia, e não uma investigação de homicídio.

O primeiro a chegar ao quarto de Bäckström foi seu velho colega, o detetive Jan Rogersson, que ele conhecia desde a época que passou na Divisão de Crimes Violentos, em Estocolmo. Ele viera sozinho até Växjö, tendo feito um pequeno desvio para passar na delegacia de Nyköping e entregar algumas anotações sobre uma investigação que, felizmente, fora arquivada. A viúva da vítima acabara batendo as botas e parara de escrever se queixando para a ouvidoria da polícia. Rogersson chegara ao Town Hotel poucas horas depois dele próprio. Era um cara legal, na sua opinião, e praticamente a única pessoa no trabalho que Bäckström conseguia suportar fora do expediente.

Bäckström estava se sentindo em plena forma e de ótimo humor. Tinha acabado de acordar e tomar uma ducha. Rogersson e ele aproveitaram a oportunidade para virar algumas cervejas e uma ou outra bebida mais forte para rebater, antes de o resto das pessoas surgir e acabar com a tranquilidade deles. Knutsson e Thorén chegaram juntos, é óbvio. Knutsson tinha ido à delegacia local, onde encontrara seus novos colegas e recebera uma pasta abarrotada de documentos. Thorén cuidara da roupa suja de Bäckström e visitara a cena do crime. Mas, ao chegarem, a nenhum dos dois foi oferecida uma cerveja ou outra bebida mais forte. Ao contrário, assim que bateram na porta, Bäckström escondeu as garrafas e os copos, antes de abri-la. Eles poderiam beber em outro momento, quando estivessem a fim, pensou ele.

O último a chegar foi o superintendente de polícia Jan Lewin, que viera de carro com sua funcionária terceirizada, Eva Svanström. O que foi um pouco estranho, pois eles tinham saído juntos de Estocolmo antes de todos os outros e, por algum motivo, levaram sete horas para percorrer quatrocentos quilômetros de carro. Mas todos sabiam a razão, e por isso, não questionaram nada.

— Espero que tenham feito uma boa viagem — disse Bäckström, com uma expressão inocente, olhando para a única mulher do grupo.

A aparência alerta e o rosto corado de quem trepara havia pouco tempo, pensou ele. Contudo, ela era magra demais para o seu gosto, portanto, o melhor era ficar de boca calada e deixar os dois em paz.

— Foi excelente — respondeu Svanström rapidamente. — Janne tinha uns assuntos para resolver no caminho, por isso levamos tanto tempo.

— Entendo — disse Bäckström. — Bom, talvez devêssemos aproveitar a ocasião para resolver algumas coisas, enquanto estamos só nós, assim poderemos comer algo sem precisar falar

sobre o caso perto dos abutres que estão lá embaixo. Erik, você trouxe um monte de papel. Já tirou cópia para todo mundo?

O que é totalmente inútil, pensou.

Ao visitar a delegacia, Knutsson trouxera praticamente tudo o que havia de disponível e pronto. E seis cópias de tudo, o suficiente para todos. Cada uma contendo o pedido de socorro da testemunha, um relatório dos primeiros policiais a chegarem ao local, várias fotos da cena do crime e dos arredores, um esboço do apartamento onde o corpo fora encontrado, uma breve descrição da vítima e uma lista detalhada de tudo o que os policiais locais tiveram tempo de reunir para começar a investigação.

Quando folheou o dossiê, Bäckström sentiu uma ligeira decepção. Não pareciam ter deixado passar nada óbvio. Por enquanto, pelo menos. E considerando que ele estava prestes a assumir o comando da missão, as coisas correriam bem, sem dúvida.

— Alguma pergunta? — comentou, recebendo como resposta um unânime balançar de cabeças. — Bom, ainda não está na hora de comer. — Bando de preguiçosos, pensou ele, sorrindo torto, só pensam em comer, beber e foder.

— Alguma ideia de quando conseguiremos algum dado do médico legista e da polícia científica? — perguntou Rogersson.

— A autópsia sai amanhã — disse Knutsson. — Eles provavelmente já a levaram para o Instituto Médico Legal, em Lund. A polícia científica está trabalhando com empenho, e o policial com quem conversei disse que já tinham conseguido amostras do sêmen do criminoso, além do sangue no parapeito da janela do quarto. Acharam também algumas roupas, que acreditam pertencer ao assassino. Coisas que deixou para trás, quando fugiu. Parece que estava com bastante pressa, e o policial me falou que tinha quase certeza absoluta de que ele pulou da janela do quarto. Foi quando provavelmente se cortou no parapeito.

— Você mencionou alguma coisa sobre roupas — grunhiu Bäckström. — Se tivermos muita sorte, ele fugiu sem calça.

— É o que tudo indica — disse Knutsson. — Bom, não sei como ele estava vestido quando chegou, mas parece que escapou sem a cueca.

— Isso é muito descuido da parte dele — comentou Bäckström. — Mas, mesmo assim, imagino que não tenha deixado também a carteira de motorista, pois aí seria sorte demais.

É raro encontrar alguém assim tão estúpido, pensou ele, embora esse criminoso parecesse bastante estúpido, e isso, em geral, era um bom sinal.

— Bäckström — chamou Rogersson, aparentando, de repente, um excelente humor. — Você se lembra daquele idiota que estrangulou uma mulher no apartamento dela em Högalidsgatan? O Caso Ritva. Era esse o nome dela. O cara passou um tempão limpando tudo antes de fugir. Apagou suas impressões digitais e chegou até a esfregar as paredes, o chão e o teto, antes de ir embora. O idiota gastou horas fazendo isso. Foi mesmo uma pena que dona Ritva, que morava lá, não tenha tido tempo de ver como seu apartamento ficara limpinho.

— Eu me lembro — disse Bäckström. — Trabalhamos juntos nesse caso, e é o único sobre o qual você não se cansou de falar nesses últimos vinte anos.

Deve ser a bebida, pensou.

— Espere um pouco, não precisa falar desse jeito — reagiu Rogersson, ainda de bom humor. — Imagino como ele deve ter se sentido, quando bateu a porta e, de repente, se deu conta do que tinha esquecido.

— Imagino que não deve ter se sentido muito bem — disse Bäckström. Depois, olhando para Thorén, acrescentou: — Peter, você foi dar uma olhada na cena do crime. O que viu por lá?

— E depois? — perguntou Thorén. — Perdoem minha ignorância, mas o que aconteceu?

— O que você quer dizer? Como assim o que aconteceu? — exclamou Bäckström.

De que merda ele estava falando? Que tal responder a uma simples pergunta, em vez de fazer outra?

— O que aconteceu com o cara em Högalidsgatan? — insistiu Thorén.

— Ah, ele — disse Bäckström. — Ele se esqueceu de pegar a carteira com a habilitação e tudo o mais que as pessoas costumam carregar dentro de uma carteira. Ele a deixou na mesinha de cabeceira ao lado da cama da vítima. Mas, fora isso, tudo o mais ficou perfeitamente limpo e arrumado. A polícia científica não encontrou um fio de cabelo sequer. Mas voltando ao que nos interessa...

— Inacreditável — exclamou Knutsson, quase tão bem-humorado quanto Rogersson.

— Voltando ao caso atual... — insistiu Bäckström. — E quanto ao local do crime?

Segundo Thorén, não havia nada de diferente das cenas de crime habituais. A mesma aparência triste de sempre de um local onde uma mulher foi estuprada e assassinada. Talvez até ligeiramente mais triste dessa vez, pois o assassino tinha ficado sozinho com a vítima na casa dela e parecia ter exercido total controle sobre a moça, dispondo assim de muito tempo para agir.

Infelizmente, nenhum dos suspeitos clássicos comuns havia sido identificado. Ela não tinha um atual ou ex-namorado, sequer alguém que conhecesse e em quem confiasse. Tudo indicava que não namorava ninguém fazia um bom tempo, e não havia nenhum louco ou algum sujeito particularmente suspeito na vizinhança ou entre as pessoas que ela conhecia. O que causava o típico pesadelo da polícia. Um assassino que a vítima desconhecia. Alguém que ela nunca encontrara antes e, no pior dos casos, alguém que não era conhecido de mais ninguém.

— Então, no fim das contas, parece que vai ser uma verdadeira investigação de homicídio — concluiu Thorén.



— Muito bem — disse Bäckström. — Vamos resolver isso. Vocês podem ler seus dossiês com calma e tranquilidade antes de dormir. E tentem guardá-los corretamente, para que as informações não vazem para os jornais. Esse hotel está cheio de repórteres e outros ladrões de cadáveres. E, quanto a mim, eu poderia comer alguma coisa agora. Só tomei café da manhã e estou faminto.

— Se vocês anotarem seus nomes no topo do dossiê e o entregarem a mim, posso trancá-los no meu cofre, enquanto jantamos — propôs Svanström.

— Excelente ideia — disse Bäckström.

Sua metidinha, pensou. E ele estava certo, ela era magra demais.

\*

Após o jantar, todos voltaram para seus quartos e se puseram a estudar o caso. Pelo menos, foi o que disseram a Bäckström que iriam fazer. Sendo que Knutsson e Thorén iriam fazê-lo juntos, é óbvio. Até mesmo Rogersson, que, em geral, era um policial perfeitamente normal, parecia atormentado pela vontade de ler o dossiê. Embora tivesse acompanhado Bäckström até seu quarto e pedido duas latinhas de cerveja emprestadas, ele declinou o convite de tomarem juntos uma bebida alcoólica digestiva.

— Você não está aprontando alguma coisa, está, Rogge? — perguntou Bäckström. — Estou começando a me preocupar com você.

Seu fraco desgraçado, pensou ele.

— Não — respondeu Rogersson, balançando a cabeça. — Não há com o que se preocupar. Só preciso de algumas horas de sono para estar bem amanhã.

Em seguida, seguiram caminhos diferentes, o que, na verdade, também foi oportuno, pois Bäckström estava considerando dar um

discreto passeio pela cidade. Nem que fosse para observar o estado do lugar, e esse tipo de coisa ele preferia fazer sozinho.

Depois de sair sorrateiramente pela porta dos fundos do hotel, ele ficou andando a esmo por um tempo pelo centro da cidade. Nunca estivera em Växjö, nem a trabalho nem a lazer, então passou pela prefeitura, pela catedral, diante de todos aqueles lindos prédios antigos que haviam sido merecidamente restaurados. Havia vários bares com terraços cheios de gente em trajes de verão e que não parecia particularmente abalada pelo acontecimento que o trouxera até ali. Como era possível que uma pessoa matasse alguém daquela maneira num local como esse?, indagava Bäckström. Deve ser algo inédito na história criminal desse lugar.

Havia diversos albergues agradáveis naquela rua, e apesar de já ter passado das onze da noite, fazia quase vinte graus, mas Bäckström manteve-se firme, resistindo à tentação até voltar para o hotel.

Quando chegou ao terraço do bar, pediu uma cerveja e sentou-se na escuridão, numa mesa afastada para que pudesse ter um pouco de paz. Mas não havia muita gente por lá, ele notou. Seus colegas, é claro, estavam ausentes, e a explicação mais simples era que de fato todos tinham feito o que prometeram. Ele tinha algumas dúvidas no que se referia a Lewin e a pequena Svanström, pois tinha certeza de que a leitura de um dossiê não era prioridade para esses dois. Mas Knutsson e Thorén provavelmente eram mais focados. Deviam estar sentados no quarto de um deles, conversando sobre casos de homicídios, e era possível que estendessem o assunto noite adentro, se ninguém os interrompesse. Como é que eles podiam agir assim?, perguntou-se Bäckström. Ainda por cima, os idiotas estavam tão sóbrios quanto uma pedra, pensou ele, bebendo sua cerveja.

— Tem alguém sentado aqui?

A pessoa que lhe perguntou isso era uma mulher de idade indeterminada, entre trinta e cinco e quarenta e cinco anos, que já

deixara para trás o auge de seu esplendor, mas, pelo menos, parecia bem roliça, pensou Bäckström.

— Isso depende de quem está perguntando — respondeu ele, achando que se tratava de uma jornalista.

— É, talvez eu devesse me apresentar — disse a mulher, colocando a própria cerveja na mesa e sentando-se na cadeira vazia. — Meu nome é Carin Ågren. Sou repórter na estação de rádio da cidade.

Ela lhe entregou seu cartão.

— Que coincidência fantástica — exclamou Bäckström, sorrindo. — Então, em que posso ajudar, Carin?

Além de meter na sua xoxota lá no meu quarto, pensou ele.

— Não é mesmo? — disse ela, exibindo seus dentes brancos ao sorrir. — É engraçado como as coisas acontecem às vezes. Na verdade, reconheço você. Já o vi antes, quando trabalhava na TV4, em Estocolmo, alguns anos atrás. Eu estava cobrindo um julgamento e você era uma das testemunhas. Três russos tinham roubado e assassinado um casal de idosos. Posso perguntar o que uma unidade da Divisão Federal de Homicídios está fazendo na cidade?

— Não tenho a menor ideia — respondeu Bäckström, dando um grande gole na sua cerveja. — Eu estava pensando em visitar a casa onde Astrid Lindgren passou a infância.

— Talvez a gente possa se encontrar outra vez — disse ela, sorrindo. Um sorriso tão largo quanto o primeiro, revelando os mesmos dentes brancos.

— Talvez — disse Bäckström, colocando o cartão dela no bolso.

Ele assentiu e terminou o restante de sua cerveja. Depois, levantou-se e lhe lançou seu sorriso mais eficaz. O policial estropiado da cidade grande. Violento com os caras violentos, mas o homem mais gentil do mundo, se a pessoa fosse suficientemente gentil e soubesse acariciá-lo da maneira certa.

— Vou considerar isso uma promessa — disse ela. — Senão, terei que começar a persegui-lo.

Ela ergueu o copo e sorriu para ele pela terceira vez.

\*

Ela estava realmente disposta, pensou Bäckström, quinze minutos mais tarde, quando estava diante do espelho do banheiro, escovando os dentes. Bastaria ir devagar, fazer as coisas na ordem certa e logo ela poderia provar o supersalame Bäckström.

Num contraste marcante com o imaginário de Bäckström, o superintendente Jan Lewin buscara a tranquilidade de seu quarto, logo após o jantar, para poder ler seu dossiê sobre o caso, com calma e em paz. Ele resumira tudo o que havia de bom e tudo o que havia de ruim, e embora a maior parte daquilo não passasse de informações preliminares, muitas coisas pareciam a favor dele e de seus colegas.

Tinham uma vítima cuja identidade era conhecida, a cena do crime, uma ideia aproximada de como e quando tudo acontecera. E seus colegas e ele chegaram ao local menos de vinte e quatro horas após o assassinato, o que nem sempre acontecia, quando se trabalhava no esquadrão de homicídios. O crime havia sido cometido no interior, o que — levando tudo em consideração — era melhor do que se tivesse ocorrido fora da casa. E a vítima parecia uma moça perfeitamente normal, sem hábitos nem relações extravagantes.

Apesar de tudo isso, ele não conseguia afastar aquela sensação habitual de desconforto corrosivo. A princípio, pensou em visitar a cena do crime na rua Pär Lagerkvists, ver com os próprios olhos o que havia acontecido, mas, levando em conta a informação de que seus colegas da polícia científica ainda estavam trabalhando no local, ele decidiu mudar de planos e não os incomodar desnecessariamente.

Na falta de outra coisa e, em grande parte, para arrumar o que fazer, ele conectou seu computador e entrou na internet para ler

sobre o autor Pär Lagerkvist, ganhador do Prêmio Nobel, que emprestara seu nome à rua em que a vítima perdera a vida. Lewin achava que, provavelmente, o escritor não tinha nada a ver com o caso, pois estava morto havia trinta anos.

Não foi uma surpresa total descobrir que Pär Lagerkvist era natural de Växjö. Nascido em 1891, era o caçula de sete irmãos. Enfrentou situação financeira difícil, o pai era contramestre em um depósito de mercadorias na estação ferroviária da cidade. O filho mais novo era altamente talentoso, ao contrário dos irmãos mais velhos, e teve a oportunidade de estudar e terminar o ensino médio numa escola em Växjö.

Depois, deixando a infância para trás, ele saiu da cidade, para se tornar escritor. Aos vinte e cinco anos, em 1916, estreou na literatura com uma coletânea de poesia, *Angústia*. Finalmente, foi eleito à Academia Sueca e, em 1951, recebeu o Prêmio Nobel.

É evidente que ele era muito admirado por seus concidadãos, pois, poucos meses depois, uma rua da cidade onde ele nasceu e foi criado recebeu seu nome. E isso mais de vinte anos antes de sua morte, que é quando esse tipo de homenagem costuma ser feita a pessoas como ele. E, na época, os prédios que seriam finalmente construídos na rua que recebeu seu nome existiam apenas nos projetos do departamento local de planejamento urbano.

Agora, um desses prédios se tornara a mais recente cena do crime de Jan Lewin, onde, assim que tivesse tempo ou lhe parecesse apropriado, ele faria uma visita. Mas não nesta noite, pensou ele. Não nesta noite, quando os colegas da polícia científica precisavam trabalhar tranquilos.

Em vez disso, foi dar uma caminhada pela cidade. Ruas noturnas desertas que o levaram, após somente quatrocentos metros, até a delegacia que seria seu local de trabalho nos próximos dias.

O prédio estava situado em Sandgårdsgatan, numa das praças da cidade, a Oxtorget. Havia sido erguido no início do novo milênio, e era um templo de justiça típico daquela época. Com forma

retangular, quatro ou cinco andares, dependendo de onde se começasse a contar, uma fachada de um tom amarelo esmaecido, onde a polícia partilhava o espaço com a promotoria de justiça, um tribunal de custódia, uma cadeia e um gabinete de liberdade condicional. Uma fábrica de justiça, disposta de forma tão prática que cobria toda as esferas forenses. Um recado bem claro, de ínfimo conforto para aqueles que acabassem indo parar ali, e um frágil amparo para a teoria de que todo suspeito deveria ser tratado como inocente até que se provasse o contrário, além de toda e qualquer dúvida.

À esquerda da entrada principal, Lewin se deparou com uma placa de cobre lhe informando que, na época de Pär Lagerkvist, e mesmo bem depois de ele ter ganhado o Prêmio Nobel, ali ficava a antiga leiteria de Växjö, com currais para o rebanho bovino local. Por alguma razão, Lewin sentiu-se deprimido, de repente. Deu meia-volta e seguiu para o hotel, a fim de tentar dormir algumas horas, antes de o trabalho de verdade começar.

\*

Antes de adormecer, sem saber o motivo, ele ficou pensando na angústia. Presumivelmente, não se tratava de um tema incomum para um jovem poeta, independentemente da época em que vivera. E, presumivelmente, um tema comum para escritores, pouco importando a idade que tivessem, em meio a uma guerra mundial com a Europa inteira em chamas.

Jan Lewin sabia muito sobre angústia. Experiência particular e pessoal das emoções que sentira desde a infância. Reconhecidamente, ela passou a visitá-lo menos com o passar dos anos, mas ainda estava à espreita, marcando presença, sempre pronta a atacar, caso ele não fosse forte o bastante para resistir. Repentina, inesperada, cada vez vindo de uma fonte diferente. Suas

consequências totalmente claras, ainda que sua mensagem e origem estivessem sempre ocultas nas trevas.

Além disso, havia a angústia que ele encontrava no trabalho, que atacava de forma violenta, e ele acabava investigando-a. Encontros românticos que deram errado, relacionamentos que saíram dos trilhos, fornecendo um terreno fértil para o medo e o ódio. E, algumas vezes, acabava em sua mesa na Divisão Federal de Investigações Criminais, em Estocolmo.

E, por fim, havia a angústia que podia afligir até mesmo o mais insensível e cruel dos criminosos, quando se dava conta da monstruosidade que cometera. Sabendo o tempo todo que a polícia o acabaria pegando, é claro, o melhor a fazer era se esconder na escuridão. Sempre consciente de que pessoas como Jan Lewin estavam à sua procura naquela mesma escuridão, tentando encontrá-lo.

Nem que seja apenas para abrandar minha própria angústia, pensou Jan Lewin antes de finalmente cair no sono.



## *Växjö, sábado, 5 de julho*

Como sempre, eu tinha razão, pensou Bäckström, descendo à recepção do hotel para tomar o café da manhã, no sábado. Os jornais vespertinos já haviam chegado. Embora fossem apenas oito e quinze da manhã, já estavam expostos no balcão da recepção. Bäckström pegou um exemplar de cada e seguiu para o refeitório, onde estavam seus colegas. Se a situação não parecia muito complicada, o melhor era torcer para que não achassem nada mais grave, pensou ele.

Todas as capas dos jornais e mais um monte de páginas no interior noticiavam o assassinato, abordando-o exatamente pelo ângulo que ele previa: POLICIAL MORTA APÓS AGRESSÃO SEXUAL, bradava o mais importante dos veículos, enquanto os concorrentes ligeiramente menores tentavam chamar ainda mais atenção: JOVEM POLICIAL ASSASSINADA... *Estrangulada, estuprada, torturada.* Bäckström enfiou os jornais debaixo do braço, pegou uma bandeja e começou a enchê-la com seu café da manhã. Ninguém podia comandar uma investigação de homicídio com a barriga vazia, pensou, enquanto se servia de generosas porções de ovos mexidos, bacon e salsichas.

— Já viu os jornais de ontem à noite, Bäckström? — perguntou Lewin, quando ele se juntou aos outros na mesa. — Imagine como a família da moça vai se sentir ao ler isso.

Mas você é estúpido ou o quê?, pensou Bäckström, folheando os jornais com a mão esquerda enquanto devorava os ovos mexidos e as salsichas com a mão direita.

— Porra, é simplesmente repulsivo — concordou Thorén, que não costumava se expressar nesses termos.

Mais um, pensou Bäckström, grunhindo com a boca cheia, sem parar de ler.

— Por que a polícia nunca faz nada em relação a isso? — indagou Knutsson. — Deveria haver uma legislação controlando esse tipo de coisa. Esses excessos são tão ruins quanto... bem... quanto o sofrimento das vítimas.

É mesmo, imagine só. Por que os políticos não fazem alguma coisa? Por que não impedem os editores de publicar esse monte de besteira?, pensou Bäckström, sem parar de comer nem de folhear os jornais.

Eles continuaram com o assunto por uns bons cinco minutos, enquanto Bäckström terminava de comer e ler as notícias. Rogersson era o único que ainda não dissera nada. Mas não era de seu feitio falar muito a essa hora do dia.

Ao menos um deles tinha o bom senso de ficar calado, pensou Bäckström, no instante em que o primeiro representante do quarto poder se aproximou e se apresentou, perguntando se poderia fazer algumas perguntas. Então, Rogersson finalmente abriu a boca.

— Não — respondeu ele, e no brilho dos seus olhos ficou claro que a resposta era definitiva, pois o homem que fizera a pergunta desapareceu imediatamente.

Esse Roger é um cara legal, pensou Bäckström. Nem precisou rosnar e mostrar os caninos, algo que costumava fazer com muita eficiência.

— Outra coisa está me deixando mais preocupado — disse Bäckström. — Mas podemos cuidar disso quando estivermos sozinhos.

\*

A primeira oportunidade para isso só surgiu quando chegaram ao estacionamento, protegidos pelos portões fechados do complexo policial.

— Imagino que todos vocês tiveram tempo de ler os jornais vespertinos — disse Bäckström.

— Assisti a um pouco de televisão durante o café da manhã, e não foi muito melhor — respondeu Lewin.

— Para ser sincero, porra, é simplesmente repulsivo! — repetiu Thorén, que estava evidentemente superando sua relutância em usar, pelo menos, os palavrões mais leves.

— O que me preocupa — prosseguiu Bäckström — é que tudo o que conversamos ontem à noite já está nos jornais. Fodam-se as hipóteses e as especulações, se concentrem apenas nos fatos divulgados. A única conclusão sensata é que as informações estão vazando como o ar de um pneu furado. — Ele indicou com a cabeça a delegacia, que estava a ponto de se tornar a base deles num futuro previsível. — Se não conseguirmos resolver logo isso, vamos acabar ficando numa merda bem maior do que merecemos.

Nenhum dos outros o contestou.

\*

Primeiro, Bäckström se encontrou com o comissário regional e o detetive de Växjö que comandaria as investigações preliminares e, portanto, seria seu superior imediato. Pelo menos teoricamente, pensou Bäckström. Isso sempre acontecia quando ele e seus colegas da Divisão Federal se encontravam em algum lugar do país, tentando arrumar a bagunça deixada pelos delegados locais.

— Apesar das circunstâncias trágicas, estou contente e aliviado por você e seus colegas estarem aqui nos ajudando. Assim que me

dei conta do que tinha acontecido, liguei para o DDF Nylander e pedi ajuda... Nós nos conhecemos há bastante tempo, estudamos juntos... Portanto, se eu tiver soado um alarme precipitado, peço desculpas. Obrigado por ter vindo, superintendente. Muito obrigado.

Bäckström assentiu. Porra, que idiota, pensou ele. Tome dois Valiums e volte para casa e para sua esposa, e deixe o tio Bäckström cuidar de tudo para você.

— Estou de pleno acordo com meu chefe — acrescentou Olsson.  
— Sua equipe e você são muito bem-vindos, estávamos ansiosos pela sua chegada.

Mais um, pensou Bäckström. De onde saíram todos ao mesmo tempo?

— Obrigado — falou.

Duas bichinhas sentadas no mesmo galho gorjeando em unísono, pensou ele. E, agora, que tal colocar a mão na massa um pouco?

Antes que pudessem começar, precisariam chegar a um acordo quanto à divisão de tarefas, além de formalizar a investigação.

— Vamos agir segundo os regulamentos, como sempre — disse Bäckström.

Porque presumo que vocês saibam ler, pensou ele.

— A menos que você tenha alguma objeção, Bäckström, pensei que eu deveria cuidar da comunicação externa, do contato com a mídia, essas coisas, além de outros detalhes administrativos. Nós estamos em grande número. Vocês são seis e, do nosso lado, uns vinte. Convocamos alguns agentes de Jönköping e Kalmar, portanto, no total, seremos uns trinta nessa investigação. Você tem alguma objeção?

— Nenhuma — respondeu Bäckström. Desde que todos façam o que eu mandar, pensou.

— Mas há também um problema prático — continuou Olsson, trocando olhares com o comissário. — Quer que eu o exponha, chefe?

— Vá em frente, Bengt — concordou.

— É um fato terrível, uma verdadeira tragédia. Estamos no auge das férias de verão e vários policiais que chamamos para ajudar são bem jovens e, talvez, com pouca experiência... Portanto, o comissário e eu decidimos ontem que deveríamos inserir um terapeuta especializado em situações de crise na equipe de investigação, de forma que qualquer um que esteja trabalhando no caso possa ter acesso a aconselhamento profissional a todo momento, para que possa ajudá-los a lidar com tudo isso... basicamente um *debriefing* psicológico — concluiu Olsson, respirando fundo, como se já estivesse precisando desse tipo de ajuda.

Nossa, isso não pode estar acontecendo, pensou Bäckström, se contendo para não dizer isso em voz alta.

— Vocês têm alguém específico em mente? — perguntou ele, numa corajosa tentativa de parecer tão compreensivo quanto os outros naquela sala.

— Uma psicóloga muito experiente que já trabalhou para a gente e que também coordena módulos sobre *debriefing* no treinamento dos policiais aqui em Växjö. Ela trabalhou vários anos para o conselho municipal. E seu talento para oratória é muito admirado.

— Qual o nome dela? — perguntou Bäckström.

— Lilian... Lilian Olsson, nós a chamamos de Lo — respondeu Olsson. — Não tem nenhum parentesco comigo.

Não, são só parecidos, pensou Bäckström. Seria tão mais prático se todos os idiotas tivessem o mesmo sobrenome.

— Tenho certeza de que não haverá problema — falou ele. — Suponho que ela não fará parte da equipe de investigação propriamente dita, correto? — acrescentou, para deixar logo tudo esclarecido.

— Não, claro que não — respondeu o comissário. — Mas ela pensou em comparecer à reunião preliminar e se apresentar, de

forma que todos fiquem sabendo que podem contar com ela. Nós disponibilizamos uma sala aqui na delegacia para ela.

\*

Até que não foi tão ruim, pensou Bäckström, assim que a reunião com o comissário chegou ao fim. Todos os seus colegas ocupariam as posições que importavam de fato. Lewin ficaria diretamente subordinado a ele, verificando todos os dados relacionados ao caso, à medida que fossem surgindo. Ele separaria o joio do trigo, selecionando os detalhes relevantes, garantindo que tudo o que parecesse promissor fosse devidamente investigado e relegando ao fundo das prateleiras o que se mostrasse inútil.

Rogersson se encarregaria dos interrogatórios, enquanto Knutsson e Thorén fariam juntos a vigilância interna e externa. Ele conseguira até arranjar algo para a pequena Svanström. Por causa de sua grande experiência prática com a documentação envolvendo investigação de homicídio, ela seria responsável pelos funcionários administrativos locais, registrando toda a papelada que já ameaçava soterrar a própria investigação.

E o mais importante de tudo: Bäckström estava no comando. Nada mal, pensou, andando pela ampla sala de reunião. A partir daquele momento, aquela seria a base da equipe, e a maioria dos colegas já estava sentada lá, aguardando. Nada mal mesmo, apesar do fato de mais uma mulher maluca vir meter o nariz nos seus assuntos e nos da sua equipe. Muito embora ela não devesse sequer ter sido autorizada a entrar no prédio. Em todo o caso, não fui eu que determinei isso, pensou Bäckström.

\*

Como de costume, todos começaram se apresentando e dizendo o que faziam. Como havia trinta e quatro pessoas na sala, isso levava bastante tempo, porém, até mesmo Bäckström foi capaz de aguentar, imaginando como iria se livrar de duas mulheres assim que as apresentações terminassem: a assessora de imprensa da polícia de Växjö e a consultora espiritual da investigação. Convenientemente, essas duas foram as últimas a se apresentar, e a assessora de imprensa fora muito concisa e clara: ela, e somente ela, se responsabilizaria por todos os contatos com a mídia, após consultar os que estivessem no comando da investigação.

— Fui policial durante quase vinte anos, antes de assumir este cargo — disse ela. — Conheço a maior parte das pessoas nesta sala, e quem me conhece sabe que é melhor não mexer comigo. Depois de ter lido os jornais hoje, me parece necessário relembrar com rigor a todos aqui que o sigilo é essencial nesse caso. Se alguém esqueceu isso, é melhor consultar de novo o regulamento. Mas o melhor é manter a boca fechada e só falar sobre o caso com as pessoas que estão trabalhando nele ou quando houver uma boa razão para isso. Alguma pergunta?

Ninguém tinha nada a perguntar, então ela simplesmente assentiu com a cabeça para todos e saiu. Afinal de contas, não lhe faltava o que fazer. Puta merda, pensou Bäckström, como ela devia ser, quando era policial? Era bem bonita também. Mas estava no limite de idade. Já devia ter uns quarenta e cinco, coitada, pensou Bäckström, sendo que ele próprio era dez anos mais velho.

Já a terapeuta para situações críticas da equipe, Lilian Olsson, levava muito mais tempo, obviamente. Considerando que ela se encaixava com perfeição nas expectativas de Bäckström, uma loura magrinha que já devia ter vivido pelo menos uns cinquenta outonos chuvosos, isso não o espantou nem um pouco.

— Bem, meu nome é Lilian Olsson... Mas todos que me conhecem me chamam de Lo, e espero que vocês também o façam... Bem, sou psicóloga e psicoterapeuta... e alguns de vocês provavelmente estão

se perguntando qual é a minha função. Como eu disse, sou psicóloga... terapeuta... Dou aulas e ministro cursos... Trabalho com consultoria... E no meu tempo livre... atuo como voluntária em diferentes instituições de caridade... grupos de apoio às mulheres... aos homens... às vítimas de crimes... E também estou escrevendo um livro... E para a maioria das pessoas aqui... é normal ficar contrariado... Muitos entre nós parecem sensíveis, confusos, perversamente afetados pelas crises... enquanto outros buscam refúgio em atitudes machistas e na recusa, sem dizer nada e... alguns cometem excessos alcoólicos e sexuais... Não só eles, mas as pessoas ao redor também... Muitos de nós temos distúrbios alimentares... Somos todos humanos... precisamos nos afirmar... precisamos trabalhar nossa consciência... temos que dar o passo... nos libertar de toda bagagem pesada que nos detém... precisamos ter coragem para mostrar nossas fraquezas... ousar chorar e pedir ajuda... ousar dar um passo para longe de tudo isso... A questão é toda essa, de verdade... um processo de libertação, para dizer de modo mais simples... realmente, não é nada além disso... Portanto, para ser sincera, tudo é bem simples e direto. E estarei sempre à disposição — concluiu Lo, dando seu sorriso cordial para todas as pessoas na sala.

Blá-blá-blá... blá-blá. Bäckström se ajeitou e deu uma olhada no relógio. Mais de dez minutos do precioso e limitado tempo de investigação já se foram como fumaça, porque mais uma naquele desfile interminável de idiotas precisou de quinze minutos para dizer a todo mundo que estava inteiramente aberta a receber os outros, pensou ele.

— Muito bem — falou ele, assim que ela saiu e fechou a porta. — Talvez agora o resto de nós possa começar a agir de verdade. Temos um louco à solta que precisamos prender. Quanto antes melhor.

Mas melhor ainda seria derretê-lo num caldeirão de água fervente até se tornar uma pasta grudenta, pensou ele, mas não falou em voz alta.



De qualquer maneira, todo policial decente sabia disso. Não precisava fazer um desenho, e durante a apresentação da Sra. Terapeuta de Crise ele identificara alguns policiais mais jovens que, a julgar pelas expressões, pareciam bem promissores. Talvez houvesse até um futuro Bäckström naquela sala, pensou ele. Por mais inacreditável que isso pudesse parecer.

— Muito bem, então vamos — disse Bäckström.

Ele se inclinou na cabeceira da mesa comprida onde estava sentado, apoiado nos cotovelos e projetando ao máximo o queixo para a frente, como se fosse o chefe de toda a Divisão Federal de Investigações Criminais.

— Pensei que poderíamos começar resumindo a posição em que estamos agora — prosseguiu. — O que sabemos sobre a vítima e o que lhe aconteceu. É tudo o que temos até o momento.

A vítima do assassinato chamava-se Linda Wallin. Tinha vinte anos e iria comemorar seu vigésimo primeiro aniversário exatamente uma semana após ter sido morta. Naquele outono, ela deveria começar o terceiro período de seu treinamento policial em Växjö. Media um metro e setenta e dois e pesava cinquenta e dois quilos. Loura natural, cabelo curto, olhos azuis. Uma moça atraente, se a pessoa gostar do tipo magrinho que faz muito exercício físico, pensou Bäckström, olhando um retrato da moça. Era uma cópia ampliada da foto da sua identificação na Academia de Polícia, a qual mostrava uma jovem de sorriso largo, encarando a câmera, absorvida num momento de intensas expectativas em relação à vida que se estendia à sua frente. Naquele verão, por exemplo, trabalhando como funcionária terceirizada para a polícia de Växjö, ela parecia passar a maior parte do tempo atrás do balcão da recepção, um trabalho que havia executado com grande eficiência. Não só tinha uma bela aparência, como também era boa em seu

trabalho, competente e querida tanto pelos visitantes quanto pelas colegas.

As pessoas que a conheciam a descreviam como uma pessoa talentosa, encantadora, sociável, inteligente e boa nos esportes. Não havia nada de muito surpreendente nisso tudo, considerando as circunstâncias, mas dessa vez tinha a sustentação de evidência documental. As melhores notas na escola e na Academia de Polícia, tanto nas matérias práticas quanto nas teóricas. Ela foi também a aluna mais veloz do ano em corrida de obstáculos e a segunda melhor pontaria do time feminino de futebol. E, aparentemente, ela parecia também ter sido ativa nas esferas social e política. Na escola, escrevera um projeto sobre *Crime, racismo e xenofobia*. Em nada se assemelhava a uma vítima de assassinato, mas provavelmente era o tipo de garota que levaria para casa qualquer um com quem simpatizasse, sem ver maiores problemas nisso, pensou Bäckström.

Como todos os filhos, Linda tinha pai e mãe, e, como acontece com muitas crianças de sua geração, os dois estavam divorciados havia dez anos. Linda era a única filha do casal e, após a separação, seus pais concordaram em compartilhar a guarda. Pouco antes do divórcio, a família passara alguns anos morando nos Estados Unidos, pois seu pai abrira um negócio próprio em Nova York. Quando a relação dos pais chegou ao fim, a mãe voltara com a filha para a Suécia.

A mãe tinha quarenta e cinco anos e passara os últimos quinze dando aulas no ensino médio de uma escola em Växjö. O pai, vinte anos mais velho, era um homem de negócios bem-sucedido que devia estar levando uma vida mais tranquila agora. Ele também retornara às suas raízes em Småland alguns anos depois de Linda e a mãe, e atualmente morava numa mansão à margem do lago Rottnen, a uma pequena distância de Växjö.

Ele tinha dois filhos do casamento anterior, com aproximadamente o dobro da idade da filha que acabara de perder. Segundo as

informações, Linda mantinha pouquíssimo contato com seus meios-irmãos. Mas se dava bem com os pais, muito embora o pai e a mãe, aparentemente, não tivessem se reencontrado desde o divórcio. Parece uma típica desavença de casal, pensou Bäckström. Já estava na hora de fazer uma pergunta.

— Ela morava, então, com a mãe no apartamento onde foi assassinada? — indagou.

— Ao que parece, ela morava na casa do pai e da mãe — respondeu a policial de Växjö, que estava reunindo dados para esboçar o perfil da vítima.

— E o que estava fazendo antes desse final trágico se abater sobre ela? — perguntou Bäckström, soando ao mesmo tempo cordial e interessado.

É assim que todas deviam ser, se queriam fazer parte da polícia, pensou ele. Cabelo pintado de louro, oriunda da classe média alta, alegre, simpática e em boa forma para seus trinta anos. O único problema era que ela com certeza andava saindo com algum policial imbecil dali, que podia muito bem estar naquela mesma sala. Abordagem só com extrema cautela.

— Você perguntou à pessoa certa — respondeu a policial, sorrindo. — Na verdade, a vítima e eu estávamos no mesmo local. Na Grace, a boate do Town Hotel, onde houve uma festa na noite de quinta-feira. Mas Linda foi embora antes de mim. Fiquei até acabar. É preciso aproveitar o máximo, quando o marido e os filhos estão em segurança no interior — esclareceu ela, aparentemente sem se sentir nem um pouco constrangida.

Assim como os outros, a julgar pelo sorriso reprimido que, de repente, se disseminou em todos os rostos.

— Verdade? — perguntou Bäckström, ainda parecendo cordial e interessado.

Talvez, no fim das contas, aquela cidade fosse um pouco arriscada, pensou ele. Especialmente se estava a ponto de dar em cima de alguém da própria equipe. Como, por exemplo, Anna

Sandberg, trinta e três anos, da polícia de Växjö. Com certeza esse era o nome dela, a julgar pela lista dos membros da equipe à sua frente na mesa.

— Estamos avançando — afirmou Sandberg. — Gyllene Tider tocou em Öland ontem, por isso havia muito mais gente na cidade do que normalmente, e, com certeza, eu não era a única policial, ou futura policial, na Grace... quer dizer... Estamos começando a identificar as pessoas que estavam presentes. Se quiser, posso dar uma olhada rápida nisso.

Ela lançou um olhar interrogativo para Bäckström e teve como resposta um aceno de cabeça cordial e interessado.

Vá em frente, querida, pensou ele. Poderemos cuidar dos detalhes quando nós dois estivermos sozinhos.

\*

Na quinta-feira, véspera do assassinato, Linda passara o dia trabalhando na recepção da delegacia. Deixara o local com um amigo, que também era funcionário terceirizado, pouco depois das cinco da tarde. Eles passaram um tempo em algumas lojas e depois, às seis e meia, foram até uma pizzaria no centro da cidade, onde comeram salada, pizza e beberam água mineral. E foi ali que combinaram de se encontrar mais tarde no Town Hotel.

Quando terminaram de comer, seguiram caminhos diferentes, e Linda voltou andando para casa. No caminho, fez três ligações no celular. A primeira, pouco depois das sete e meia, foi para a mãe, que estava em sua casa de campo, ao sul de Växjö. Uma conversa breve e loquaz na qual ela contou à mãe seus planos para aquela noite.

A segunda e terceira ligações foram para uma colega da Academia de Polícia, para ver se ela “queria acompanhá-la à boate”. A amiga falou que iria pensar, mas confirmou a presença quando

Linda voltou a ligar, dez minutos mais tarde, para avisar que acabara de chegar em casa e que iria tomar banho, só para o caso de a amiga ligar e ficar sem entender por que ela não atendia. Às onze e quinze da noite, as duas se encontraram no lado de fora do Town Hotel, na praça central, e entraram juntas na boate.

O que ela fizera entre sete e quarenta e cinco e pouco antes das onze da noite ainda não estava claro, mas o mais provável parecia que tivesse ficado no apartamento durante todo esse tempo. Neste período, não fizera nem recebera nenhuma ligação no celular. Mas ligara para o pai, pouco antes das nove, para a linha fixa do apartamento, e a conversa durara cerca de quinze minutos. Segundo o pai, eles conversaram sobre assuntos corriqueiros, coisas que aconteceram no trabalho e os planos da filha para o resto da noite. E pelo que contara às amigas no bar naquela noite, ela assistira a um programa de música na MTV que começara às nove e meia e, depois, mudara de canal para assistir ao jornal das dez na TV4.

Aproximadamente uma hora mais tarde, a vizinha a viu saindo de casa e seguindo pela rua Pär Lagerkvists, rumo ao centro da cidade, ao sul. Esta informação foi confirmada pelo fato de ela ter sacado quinhentas coroas suecas no caixa eletrônico externo do SE-Bank, às onze e quatorze, na esquina da praça central com a Storgatan, que ficava a apenas cinquenta metros da boate do Town Hotel.

— Acho que tudo se encaixa perfeitamente — concluiu Sandberg. — Toda garota sabe que demora um tempo para se arrumar para uma festa. E, provavelmente, era isso que ela estava fazendo, quando não estava conversando com o pai ou vendo televisão, ou simplesmente relaxando. Ela estava apenas se arrumando para uma noitada — concluiu e, de repente, calou-se de vez.

— O que aconteceu dentro da boate? — perguntou Bäckström. As mulheres são todas iguais e, se as coisas continuarem desse jeito, aquela piranha psicóloga vai ter muito trabalho.

Devido a razões naturais, o que acontecera lá dentro também não tinha sido totalmente esclarecido. A boate estava lotada, como esses

lugares costumam ficar, e ainda faltava interrogar um monte de gente com quem não tiveram tempo de conversar. Aquela noite também foi mais caótica do que de costume, pois haviam contratado os serviços de algumas celebridades locais que tinham participado de reality shows e agora viviam de suas aparições em locais assim.

Nada dramático nem particularmente interessante parecia ter ocorrido, considerando o que aconteceria com Linda algumas horas depois. Ela ficara vagando por lá, como as pessoas fazem nas boates. Estava com dois grupos diferentes de pessoas. Bateu papo e dançou, parecendo bem-humorada. Não havia discordado nem discutido com ninguém, além disso, não tinha sido abordada por nenhum desconhecido. Também não estava particularmente bêbada. Tomara uma cerveja, talvez uma dose de aguardente de framboesa e, depois disso, duas taças de vinho, no máximo, que uma colega da delegacia comprara para ela.

Em algum momento entre duas e meia e três da madrugada, ela reencontrara sua amiga da Academia de Polícia e lhe dissera que estava pensando em voltar para casa e dormir. O vigia na porta a vira saindo — “eu diria que foi um pouquinho antes das três” — e, segundo ele, ela parecia sóbria e estava sozinha, nem alegre nem triste, quando a viu atravessar a praça na diagonal, passando pela residência do governador, seguindo na direção da rua Pär Lagerkvists.

Na pior das hipóteses, para a polícia, foi nesse meio-tempo que ela desapareceu. Nenhuma testemunha a vira percorrer o trecho de aproximadamente um quilômetro entre a boate e sua casa. Ou, pelo menos, ninguém que tenha entrado em contato com a polícia. Também não foram feitas nem recebidas ligações em seu celular. Era apenas uma noite tranquila na cidade, ainda mais nas ruas por onde Linda provavelmente caminhou.

— Ok — disse Bäckström, olhando para sua equipe de investigadores. — Agora vem uma parte extremamente importante, tenho certeza de que vocês já perceberam. Quero saber em detalhes

o que aconteceu dentro da boate. Cada desgraçado que esteve lá naquela noite deve ser interrogado, todos os funcionários, sem falar nesse pessoal de reality shows. Especialmente eles. O mesmo em relação à volta da vítima para casa. Nenhuma testemunha se manifestou ainda?

Ele lançou um olhar inquisidor para a policial Sandberg, que, pelo modo como balançou a cabeça, pareceu sentir-se quase culpada.

— Câmeras de vigilância — acrescentou ele enfaticamente. — Você mencionou um caixa eletrônico. Deve haver alguma câmera instalada ali, não?

Bando de amadores, pensou ele.

— Já conseguimos as gravações. Mas infelizmente não tivemos tempo de dar uma olhada ainda. Não tivemos oportunidade.

— Que outras câmeras há no itinerário dela de volta para casa? — Bäckström mexeu-se em sua cadeira, parecendo irritado.

— Estamos vendo isso — respondeu Sandberg. — Já pensei nisso, mas ainda não tive tempo para verificar.

— Bom, isso tem que ser uma prioridade — insistiu Bäckström. — Antes que o cara que trabalha na loja da esquina ou qualquer outra pessoa se dê conta de que se esqueceu de pedir autorização para instalar sua camerazinha e resolva escondê-la e apagar as gravações da noite de sexta-feira.

— Entendo — concordou Sandberg.

— Ótimo — disse Bäckström. — Então já está na hora de sair batendo em todas as portas que ficam no trajeto da boate até a casa da vítima. Faça os policiais que estão visitando as casas vizinhas cuidarem disso.

Ela assentiu com a cabeça dessa vez, anotando alguma coisa em seu caderninho.

Meeerda, pensou Bäckström, olhando para o seu relógio. Já faz três horas que estamos aqui. Seu estômago começava a roncar de fome e ainda não tinham sequer visitado o local do crime. E se não quisesse acabar perdendo o dia inteiro naquele falatório, seria



preciso assumir o controle, acelerar todo o processo e certificar-se de que sua equipe de investigação fizesse um trabalho decente.

— Ok — falou, dirigindo-se a Enoksson, o chefe da polícia científica conhecido como Enok, que estava no comando da sua divisão. — Corrija-me se eu estiver errado, Enoksson. A cena do crime é o apartamento onde ela morava com a mãe, e o assassinato ocorreu nas primeiras horas da manhã de sexta-feira, aproximadamente entre três e cinco horas. E, na sua opinião e na de seus colegas, ela foi estrangulada e estuprada, e estamos considerando a existência de apenas um criminoso.

— Não há o que ser corrigido — respondeu Enoksson, parecendo carente tanto de comida quanto de sono. — Isso foi exatamente o que concluímos. E também temos certeza de que ele fugiu pela janela. Encontramos vestígios de pele e sangue no parapeito.

— E por que ele simplesmente não saiu pela porta? — indagou Bäckström.

— Se o que a vizinha que a encontrou diz for verdade, a porta estava trancada por dentro. É o tipo de fechadura que não volta automaticamente ao lugar, se a pessoa apenas bater a porta pelo lado de fora. Meus colegas e eu pensamos que talvez o criminoso tenha decidido fugir quando ouviu o jornal sendo enfiado na caixa de correspondências ao lado da porta. Acreditamos que ele deve ter imaginado que alguém estava entrando no apartamento, e como o quarto era o cômodo mais afastado da porta, ele acabou pulando por aquela janela.

— E a que horas o jornal foi entregue?

Seu prolixo imbecil, pensou Bäckström.

— Logo após as cinco da manhã, e quanto a isso não há dúvidas. — Enoksson balançou a cabeça para enfatizar o que acabara de dizer.

— Temos mais alguma informação?

— O código para abrir a porta do prédio foi desativado. O mecanismo não estava funcionando direito e o entregador de jornal

andou reclamando. Portanto, a porta do prédio não ficava trancada desde quarta-feira. O chaveiro prometera consertá-lo na quinta, mas evidentemente não apareceu. — Ele suspirou e deu de ombros.

— E quanto à porta do apartamento, Enoksson? Alguma coisa sobre ela?

— Nenhum sinal de arrombamento — disse o chefe da polícia científica. — E também nada de vestígios de luta no corredor. Então, ou ela o deixou entrar voluntariamente, ou se esqueceu de trancar a porta quando voltou para casa.

— Ou ele colocou uma faca no seu pescoço na frente da porta e a obrigou a abrir o apartamento. Ou então pegou suas chaves — sugeriu Bäckström. — Lembre-se de que a porta estava fechada, quando ele saiu.

— Isso não pode ser descartado — disse Enoksson. — Com certeza não. Vamos precisar de mais alguns dias dentro do apartamento para ter uma ideia mais clara. As análises do laboratório vão levar algum tempo, como sempre, mas o médico legista prometeu nos passar suas primeiras descobertas até amanhã, no máximo, então dá para presumir que ele já está num estágio avançado da autópsia.

— Boas notícias, até que enfim — comentou Bäckström, repentinamente jovial.

É preciso misturar as coisas, pensou ele. Muita dificuldade e, de vez em quando, uma recompensa.

— Temos sangue, sêmen e, provavelmente, as impressões digitais dele também, portanto, não há razão para desespero — disse Enoksson.

— Mas você prefere esperar os resultados? — Bäckström continuava sorrindo.

— Prefiro. Meus colegas da polícia científica e eu preferimos assim. — Ele assentiu com a cabeça, como se sugerisse que havia um momento adequado para tudo, e Bäckström pareceu concordar. — Mas posso dar algumas sugestões, enquanto isso.

— Sou todo ouvidos — disse Bäckström.

Mas, de preferência, que não dure o dia inteiro, pensou ele, porque estava ocorrendo uma verdadeira revolução em seu estômago.

— Para começar, acho que ela o deixou entrar por iniciativa própria. Ou o encontrou no caminho e o convidou para entrar em sua casa. Ou havia combinado mais cedo de se encontrar com ele. Do jeito que estavam as coisas no apartamento, tudo parece ter, pelo menos de início, acontecido de maneira razoavelmente amistosa.

— É mesmo? — inquiriu Bäckström com calma.

Devia ser o tipo de pessoa que deixava qualquer um entrar em casa, pensou ele.

— E, em segundo lugar, e com todo o respeito ao que nossa colega Anna disse há pouco, não acho que ela ficasse morando lá por um longo período. Li o interrogatório da mãe da vítima e acho que foi isso que ela quis dizer.

— Por que você não acredita nisso, então? — perguntou Bäckström.

— Ela estava dormindo na cama da mãe — respondeu Enoksson. — E é quase certo que foi ali que ele a matou. A única cama do apartamento. Claro que ela podia estar dormindo no sofá da sala, é grande o suficiente, mas nada sugere que estivesse fazendo isso há muito tempo, podemos dizer assim.

— Mas a mãe dela é professora — disse a policial Sandberg, sentindo-se provocada, é evidente. — Está há quase um mês de férias, e provavelmente passou a maior parte desse tempo na casa de campo. Quer dizer... com o tempo que tem feito.

Por que nunca desistem?, pensou Bäckström. Eles têm sempre que ficar discutindo. Sempre.

— Entendo o que você está dizendo, Anna — continuou Enoksson. — Mas simplesmente não me parece que ela tivesse a intenção de se mudar de vez para lá. A única coisa que encontramos no

apartamento que parece pertencer a Linda foi um nécessaire no banheiro, contendo os objetos habituais, e uma dessas bolsas esportivas de lona, na prateleira de cima, dentro do armário, no cômodo que sua mãe parece usar como escritório. Dentro dessa bolsa havia um conjunto limpo de calcinha e sutiã e uma blusa. Portanto, tenho a impressão de que ela ficava por lá enquanto a mãe estava ausente, ou quando queria ficar na cidade, para poder sair à noite, por exemplo. Como na quinta-feira em que foi à boate.

— Precisamos ir mais fundo — concluiu Bäckström, sorrindo cordialmente. — Bom, não sei quanto a vocês, mas estou precisando comer alguma coisa.

Para começar, Bäckström e Rogersson tinham planejado dar uma escapulida até a cidade para almoçar num lugar discreto, onde pudessem tomar aquela cerveja que tanto mereciam. Mas ao avistarem a multidão de jornalistas à porta da delegacia, eles rapidamente mudaram de ideia e deram meia-volta, seguindo até a cafeteria dos funcionários. Encontraram uma mesa vazia nos fundos e pediram o prato do dia e uma cerveja com baixo teor alcoólico.

— O que essas pessoas têm na cabeça, servindo macarrão com linguiça frita e *cheesecake* de Småland com geleia para a sobremesa, quando está fazendo quase trinta graus lá fora? Parecem minhocas — comentou Rogersson, desconfiado, espetando o macarrão com o garfo em seu prato.

— Não me pergunte. Nunca comi minhocas — retrucou Bäckström. — Mas estou achando gostoso.

— Claro, Bäckström — disse Rogersson com um ar cansado. — Mas se você fosse uma pessoa normal como eu...

— Se você está preocupado com minhocas, talvez devesse conversar com Egon.

E boa sorte com isso, pensou Bäckström, porque Egon falava ainda menos do que seu colega Rogersson.

— Quem é Egon, porra? — indagou Rogersson.

— O meu Egon — respondeu Bäckström.

— Você dá minhocas para o seu peixe? — Rogersson o olhou com desconfiança.

— E larvas de mosca, insetos, essas coisas. Mas só em ocasiões especiais. Você faz ideia de quanto custa um frasco com larvas de moscas?

É preciso estabelecer certos limites, mesmo se tratando de Egon, pensou Bäckström. Afinal de contas, nós dois temos que sobreviver com o parco salário de um policial.

— Você vai querer café? — perguntou Rogersson, se levantando.

— Duplo, com leite e açúcar — respondeu Bäckström, pensando que acabara de comer uma das melhores *cheesecakes* de sua vida.

Depois do almoço, Bäckström começou a organizar as coisas com uma energia renovada, certificando-se de que a equipe de investigação fizesse um trabalho decente. O policial mais velho, Olsson, apareceu e deu uma volta na sala, tentando socializar com o maior número de pessoas possível. Mas ao se aproximar de Bäckström, este sacou o celular do bolso e soltou um grunhido concentrado, escutando o sinal da linha, disposto a desperdiçar o tempo precioso do policial. Depois ergueu a mão direita, pedindo que esperasse. Por medida de segurança, havia um bloco e uma caneta bem visíveis sobre a mesa diante dele. Olsson acabou voltando para sua sala e fechou a porta. Depois disso, Bäckström ligou para a policial Sandberg e aproveitou a oportunidade para fixar seu olhar cansado em quem de fato iria fazer o trabalho.

— E a vida sexual da vítima, Anna? Já temos alguma ideia sobre isso? — começou, balançando a cabeça para ela.

O gesto ponderado e professoral ao qual ele geralmente recorria quando precisava tratar de assuntos complicados. Essa mocinha tem uns peitinhos decentes, pensou ele.

— Descobrimos algumas coisas — respondeu Anna, num tom neutro.

— Algo interessante? No que diz respeito à investigação, é claro.  
— Estou pisando em ovos. Preciso tomar cuidado com a escolha de palavras, se eu não quiser quebrar alguns deles.

Até a primavera passada, Linda tinha um namorado. Ela o conhecera um ano antes, quando ele estudava Economia na Universidade de Lund. Assim que as provas dele terminaram, pouco antes do último Natal, o rapaz arrumou emprego numa empresa com sede em Estocolmo. Mudou-se para lá, e não demorou muito para que seu relacionamento com Linda esfriasse.

Não haviam encontrado nada de negativo em relação a ele ou ao relacionamento dos dois, e além disso, o rapaz contava com um álibi consistente para a hora do assassinato. Tinha ido a uma festa com sua nova namorada e alguns amigos. Ele próprio entrara em contato com a polícia de Växjö assim que soubera o que acontecera com Linda, e, também por iniciativa própria, se apresentara à polícia de Estocolmo, que já o tinha interrogado. Estava chocado, naturalmente, mas ao mesmo tempo se mostrava ainda mais disposto para colaborar com a investigação do que era esperado. Ele se disponibilizara, por exemplo, a fazer um teste de DNA, para que a polícia não perdesse mais tempo com ele.

— Que rapaz prestativo — disse Bäckström. — Mas como ele ficou sabendo tão depressa? Quer dizer, sobre o assassinato de Linda.

— A mãe dele mora na cidade e conhece a família de Linda. Ela ligou para ele ontem à tarde, assim que ficou sabendo. O filho estava em algum lugar chamado Sandhamn, uma ilha do arquipélago de Estocolmo, pelo que parece. Mas é claro que você já sabe disso. Onde fica esse lugar, quer dizer. É evidente que ela sabia que o filho estava em Sandhamn, por isso ligou para lá, caso você esteja se perguntando. Conversei agora há pouco com o policial que o interrogou. Ele está convencido de que o rapaz não teve nada a ver com o assassinato. Ainda assim, retirou uma amostra do DNA dele e vai enviá-la para o Laboratório Central da Polícia — concluiu Anna.

— Muito bem. Imagino, então, que agora a gente tenha que aguardar para ver. Você descobriu outro namorado, desde que ela terminou com o economista?

— Nenhum — respondeu Anna, negando com a cabeça. — E já falamos com suas três melhores amigas e vários colegas da Academia de Polícia. Estamos planejando conversar com seus pais, assim que eles estejam em condições para isso.

— Nenhum relacionamento passageiro, nem algo de especial sobre suas preferências sexuais? — persistiu Bäckström.

— Não — respondeu Anna, balançando a cabeça com firmeza. — Pelo menos, ninguém com quem falamos sabia nada sobre isso. De acordo com o que disseram, Linda parece ter sido uma garota perfeitamente normal. Namorados normais, sexo normal. Nada de excêntrico.

— Seis meses sem um namorado, ou mesmo um caso passageiro. — Bäckström balançou a cabeça com um ar desconfiado.

Quais são as probabilidades de isso acontecer?, pensou ele. Uma linda moça de vinte anos. Ainda que fosse magra demais para o gosto dele.

— Provavelmente isso é muito mais comum do que as pessoas pensam — respondeu Anna, dando a impressão de que sabia do que estava falando. — Acho que ela foi atacada por um maluco. Se quer saber minha opinião, não acho que seja mais complicado que isso.

— Sério? Bom, as coisas vão acabar se resolvendo — retorquiu ele devagar, com um sorriso.

Todos têm algo escondido em algum lugar, pensou Bäckström.

A policial Sandberg ficou calada e simplesmente assentiu com a cabeça, parecendo surpresa.

Isso a deixou curiosa, não é mesmo, querida?, pensou Bäckström, observando-a se afastar. Ele suspirou. Todo trabalho carecia de diversão. Ele se levantou e foi buscar um café, depois chamou Knutsson e Thorén para uma sala vazia, para descobrir com calma e tranquilamente como andava a missão de vigilância.

— Então, o que vocês têm para contar ao velho aqui? — Ele decidira adotar uma postura descontraída e altiva. — Descobriram alguma coisa interessante?



— Está se referindo ao local do crime? — respondeu Thorén. — Ao que parece, estão descobrindo coisas novas o tempo inteiro.

— Não estou me referindo ao local do crime — retrucou Bäckström, num tom calmo e pedagógico. — E sim a todos os outros lugares. O caminho da vítima até a casa naquela noite. A vizinhança do local do crime. A rota de fuga presumida do assassino. Ou qualquer outro lugar em Växjö, na Suécia... ou no resto do mundo.

— Sei o que está pensando — disse Knutsson. — Você quer dizer...

— Duvido que saiba — interrompeu-o Bäckström, começando a ficar exasperado. — Estou pensando em qualquer pedacinho de papel na rua em frente ao prédio onde ocorreu o crime, em latas de lixo, caçambas de detritos, sarjetas e esgoto, qualquer buraco ou rachadura, escada que dá acesso ao poço, esconderijos, nos outros apartamentos, sótãos ou porões, terrenos baldios e em qualquer lugar perfeitamente comum entre todos esses. Estou pensando em vizinhos esquisitos, arruaceiros em geral, *voyeurs*, exibicionistas, maníacos sexuais e pacientes psiquiátricos. E estou pensando nos cidadãos comuns que podem ter acabado de sofrer um curto-circuito no cérebro porque está um calor da porra que, pelo que parece, não vai mais acabar.

— Nesse caso, não encontramos nada, não — respondeu Thorén.

— Mas ainda estamos investigando — disse Knutsson. — Quer dizer, o que você falou na reunião ficou bem claro. Então acho que todos estão fazendo o melhor possível.

— Mas ainda não encontramos nada? — perguntou Bäckström, lançando-lhes um olhar questionador.

— Não — respondeu Thorén.

— Não — confirmou Knutsson, balançando sua cabeça redonda.

— Não parece um pouco estranho que um maluco possa fugir da cena do crime sem cueca, pulando pela janela só porque enfiaram um jornal na caixa de correio, sem mencionar os vestígios de sangue

e esperma, as impressões digitais, e depois disso simplesmente desaparecer de vez assim que consegue sair?

— Com certeza é um pouco estranho — concordou Thorén.

— Também acho — corroborou Knutsson. — Mas acho que ele não estava vestindo apenas uma cueca quando atacou a vítima. Só estou brincando — acrescentou rapidamente ao ver a expressão de Bäckström.

— Nunca se sabe — disse o superintendente. — Nunca se sabe. Considerando o que ele, obviamente, passou algumas horas fazendo com ela, e também o que fez após matá-la. Porque, pelo que parece, ele tomou uma ducha e parou para refletir um pouco.

— Parece se tratar mesmo de um maluco, concordo — observou Thorén.

— Mas, aparentemente, não tão maluco a ponto de deixar alguma evidência fora do local do crime, não é mesmo? — perguntou Bäckström.

— Talvez tenha se sentido melhor, depois de ter se aliviado — sugeriu Knutsson, dando uma risadinha.

— Acho difícil imaginar isso — disse Bäckström. — Se eu vir algo parecido com um vaga-lume que se move como um vaga-lume e emite uma luz misteriosa, o que estou vendo?

— Um vaga-lume? — opinou Thorén, olhando perplexo para o chefe.

— Muito bem, rapaz — disse Bäckström. — Você já pensou em virar policial?

\*

Naquela noite, antes de voltarem para o hotel, Bäckström e Rogersson fizeram um desvio e passaram no local do crime para dar uma olhada no apartamento. É claro que vários jornalistas estavam a postos, atrás das faixas de isolamento, e a julgar pela quantidade

de lentes teleobjetivas, nitidamente eles estavam prontos para qualquer eventualidade. Bäckström ficou sentado atrás do volante com o rosto totalmente inexpressivo, apesar de um dos fotógrafos estar quase em cima do capô do carro. Por fim, passaram pela faixa de isolamento e o superintendente logo estacionou bem em frente ao prédio, para evitar um percurso maior e ter sua foto tirada desnecessariamente.

— Malditos abutres — comentou Rogersson assim que entraram no prédio. — Só fico surpreso por não ter surgido ainda um quiosque vendendo sanduíches.

— Está muito calor, deve ser por isso — falou Bäckström num tom de escárnio.

Mas um caminhão de sorvete viria a calhar, pensou ele.

Os dois agentes da polícia científica que estavam de serviço tinham feito uma pausa no momento em que eles chegaram, mas quando Bäckström e Rogersson recusaram o café que ofereceram, os dois largaram seus próprios cafés e se colocaram à disposição para lhes mostrar o local.

— Vocês querem o circuito maior ou o menor? — perguntou o perito mais jovem.

— O menor será suficiente — respondeu Bäckström, colocando as luvas de borracha e, com certa dificuldade, os protetores plásticos nos sapatos, tendo que se apoiar na parede para não perder o equilíbrio.

— Uma sala e três quartos, cozinha e banheiro, um lavabo separado, e este corredor em que estamos. Um total de oitenta e dois metros quadrados. — O perito mais velho gesticulava ao falar. — A sala de estar fica bem ali. Tem aproximadamente vinte e cinco metros quadrados, no centro do apartamento. De frente para a rua, temos a cozinha e um quarto que a mãe da vítima usa como escritório. Por falar nisso, vocês já viram a planta do apartamento, não é?

— Vimos — respondeu Bäckström. — Já vimos, mas não é a mesma coisa que dar uma olhada pessoalmente.

— Com certeza. Concordo cem por cento — disse o mais velho, dando um sorriso. — Nos fundos do apartamento está o quarto onde ela foi encontrada, com a porta voltada para a sala. Ao lado do quarto, há um banheiro bem grande, com banheira, box do chuveiro, vaso sanitário e bidê, com acesso pelo quarto. Do outro lado do banheiro, temos um quarto menor, que a mãe da vítima parece ter usado para guardar coisas velhas ou como despensa para mantimentos. Lá dentro, achamos também uma tábua de passar e dois cestos de roupas, entre outras tralhas, e temos acesso por esse corredor — disse ele, apontando para o local. — No corredor, há também vários armários embutidos.

Nem ostentatório nem humilde, pensou Bäckström, enquanto andava pelo apartamento com os outros. Nem bagunçado nem particularmente arrumado, levando em conta a ação da polícia científica. Era exatamente como ele imaginava o lar de uma professora de meia-idade, da classe média. Uma mulher solteira com uma filha de vinte anos, que parecia ter o hábito de passar alguns dias ali, de vez em quando.

Na sala de estar havia um grande sofá com três almofadas removíveis de encosto, sendo que a do meio estava faltando. À frente, uma mesinha de centro e duas poltronas. Tinha uma cômoda pequena encostada à parede, ao lado do sofá, e como o apartamento era ocupado por uma mulher, Bäckström não ficou com muita vontade de conferir o que havia dentro dos armários. Provavelmente eram só copos, guardanapos e outras porcarias assim, pensou.

As estantes ao longo das paredes estavam repletas de livros, algo perfeitamente normal, considerando a profissão dela, e, é claro, havia uma televisão de tamanho razoável, posicionada em local estratégico em relação ao sofá. Havia um pequeno candelabro pendendo do teto, duas luminárias de pé e um total de três tapetes

no chão, alguns com estampas orientais que Bäckström não conseguiu reconhecer, além de um aparelho de som com duas caixas posicionadas à altura do peito na estante do meio. Nas paredes, porta-retratos contendo paisagens e fotos de pessoas.

— Nós retiramos a almofada do meio — informou o perito mais jovem. — E também a famosa cueca, sobre a qual arrisco dizer que logo poderemos ler nos nossos amados jornais vespertinos, e que não será descrita simplesmente como uma peça do vestuário masculino, que foi encontrada toda amarrotada debaixo do sofá.

Você é todo jeitoso com as palavras, pensou Bäckström. Será que aprendeu num curso? Mas haveria melhores oportunidades para um comentário desse tipo, então se contentou em assentir com a cabeça, enquanto seu amigo Rogersson continuava taciturno como de costume.

No quarto, ficava evidente que os peritos tiveram muito trabalho. O colchão e as roupas de cama não estavam no estrado de madeira, e por todo lado havia vestígios de pó para revelar impressões digitais e várias substâncias químicas. Grande parte do carpete também tinha sido removida.

— Bom, foi aqui que quase tudo parece ter acontecido — indicou o perito mais velho. — O centro dos eventos, se quiser pôr dessa forma. E tudo o que não foi mandado para o Laboratório Central em Linköping está no nosso depósito, se quiserem dar uma olhada.

— Ok, muito obrigado — disse Bäckström, sorrindo jovialmente.

Mas estava mais do que na hora de tomar uma ou duas cervejas.

\*

No hotel, os dois colegas pediram que servissem o jantar no quarto de Bäckström. Bastava um olhar de relance no salão de jantar para confirmar que aquele seria o pior lugar de toda a cidade de Växjö para um policial da Divisão Federal que quisesse simplesmente

comer sossegado, tomando algumas cervejas e, talvez, algo mais forte.

— Bom, saúde, então — disse Rogersson, erguendo seu copinho, antes mesmo de Bäckström ter tido tempo de servir a cerveja para eles.

O velho bebum parece consideravelmente mais feliz agora, pensou Bäckström. Ele não era dessas pessoas que criam caso porque estão bebendo toda a sua vodca.

— Saúde — brindou Bäckström.

Finalmente, hoje é sábado, pensou ele, tomando o primeiro gole e sentindo o calor e a paz se espalharem pelo seu corpo. Sou um homem de sorte.

*Växjö, domingo, 7 de julho*

O superintendente de polícia Jan Lewin nunca estivera a serviço em Växjö. Considerando que, em quase vinte anos como agente da Divisão Federal, ele visitara quase todas as cidades da Suécia, umas maiores ou iguais àquela, e outras bem menores, este não era um fato totalmente irrelevante. De qualquer maneira, ele estava ali agora. Växjö, até que enfim, refletiu Lewin com um sorriso torto. Quem diria, entre tantos lugares no planeta, pensou ele, balançando a cabeça.

Assim que a reunião matinal acabou, ele almoçou rapidamente e sentou-se à sua mesa, tentando colocar alguma ordem naquela crescente pilha de papéis. Ele ficara sentado ali por quase doze horas, o sábado inteiro, e quando conseguiu enfim sair da delegacia na Sandgärdsngatan e percorrer o curto caminho até o hotel, já passava da meia-noite. E a papelada em cima da sua mesa, na verdade, estava maior do que quando ele começou a organizá-la, logo após o almoço.

No corredor do hotel em que seus colegas e ele estavam hospedados, tudo parecia calmo e silencioso. Lewin abriu com cuidado a porta do quarto, para não perturbar seus companheiros dormindo. Ele parou um instante diante da porta de Eva Svanström, se perguntando se deveria bater — bem delicadamente — para ver se ela ainda estava acordada e se queria companhia. Não esta noite,

pensou ele. Numa outra ocasião, num momento mais propício do que aquele.

Em seguida, se esgueirou dentro do seu quarto e usou uma toalha úmida para se lavar na pia. O rosto, as axilas e a genitália. Só o necessário e nessa ordem, embora tudo o que queria naquele momento fosse se enfiar debaixo do chuveiro e deixar a água correr pelo corpo. Amanhã cedo, quem sabe. Não à meia-noite e meia, quando todos os outros já estavam dormindo.

Depois, ele foi para a cama. Como sempre, ao começar um novo caso, encontrava dificuldade em pegar no sono e, quando finalmente conseguiu, os sonhos o atormentaram, como costumava acontecer ao iniciar as investigações, ou quando simplesmente ficava ansioso ou triste por razões que ele mesmo nunca entendia muito bem. Os sonhos se baseavam em eventos reais, mas sempre ganhavam um novo significado, uma nova expressão. E, dessa vez, seus sonhos o levaram ao verão que sucedeu seu sétimo aniversário, quando ganhou sua primeira bicicleta de verdade. Uma Crescent Valiant vermelha.

Ele despertou pela terceira vez às cinco e meia da manhã, e foi então que tomou a decisão. Vestiu seu short e uma camiseta azul de manga curta com o emblema da Divisão Federal no peito. Depois de calçar os tênis de corrida, colocou o cartão de acesso ao quarto no bolso, pegou o mapa de Växjö e ligeira e silenciosamente saiu pela porta. Já que era preciso fazê-lo, que fosse feito de uma vez, pensou ele, aguardando o elevador. Considerando o estado de sua mesa de trabalho, provavelmente levaria algum tempo até que pudesse visitar a cena do crime durante o expediente, e no mundo em que vivia, a essa altura ele já devia estar lá fora.

Na rua, o sol brilhava num pálido céu azul. Fazia quase vinte graus, embora ainda fosse quinze para as seis da manhã. A praça principal estava silenciosa e deserta. Ninguém à vista. Sequer uma latinha de cerveja solitária que insinuasse algum vestígio de vida humana anteriormente. Ele parou diante da entrada da boate e, com



o auxílio do mapa, traçou o percurso mais direto até a casa de Linda. Primeiro, conferiu a hora, assim poderia saber quanto tempo levaria e, depois, começou a caminhar no ritmo que imaginava ter sido o dela. Torcendo para estar seguindo o mesmo itinerário, embora isso ainda fosse bastante incerto.

Seguiu para o nordeste. Cruzando na diagonal a praça principal, passando pela ala leste da residência do governador, seguindo pela Kronobergsgatan em direção ao norte. Até o momento, a informação do vigia da boate estava correta.

Mas Lewin ficou se perguntando o que deveria fazer em seguida. Ele parou e mais uma vez verificou as horas. O caminho mais rápido até a casa dela, refletiu. Não foi isso que Linda disse à amiga, antes de sair da boate, que estava indo para casa dormir? Na falta de uma ideia melhor, ele dobrou na primeira rua à direita e saiu na Linnégatan, cem metros à frente. Em seguida, virou para o norte e, quatro minutos depois, dobrou à direita novamente, chegando à rua Pär Lagerkvists. Parou para se orientar e resumir suas impressões.

Aproximadamente seiscentos metros, saindo da boate. O que dava uma caminhada de seis minutos para uma jovem sóbria, em forma, andando depressa numa área que conhecia desde criança. Ruas amplas e tranquilas do centro da cidade, bem-iluminadas, aliás: só um maluco tentaria atacar alguém nesse trecho. Sem mencionar o fato de se tratar de uma cidade como Växjö.

E mesmo na rua Pär Lagerkvists, uma caminhada noturna na verdade parecia ainda mais segura. Eram cerca de setecentos metros até a porta do prédio de Linda, um trajeto amplo em linha reta, ao longo de pequenos prédios residenciais de três ou quatro andares. As fachadas brancas, com placas da associação dos moradores HSB, sugeriam a presença de zelosos moradores de classe média e de meia-idade, que tinham vidas bem-organizadas e conviviam com uma ótima vizinhança. Nenhum terreno baldio nem beco estreito, sequer uma ruazinha perpendicular, onde alguém com

más intenções pudesse eventualmente ficar à espreita de uma vítima distraída.

A mãe de Linda morava no final da rua, num prédio igual aos outros, embora não tivesse placa da HSB, pois pertencia a uma associação particular cujos próprios membros moravam no prédio. Então, tinha sido ali que tudo acontecera, pensou Jan Lewin, diante da faixa de isolamento azul e branca que ainda cercava o local do crime. Um lugar extremamente improvável para o assassinato com motivação sexual de uma jovem.

Só tem uma explicação, concluiu ele, ao voltar para seu quarto de hotel meia hora depois. Era ali que Linda estava morando. E por isso o assassino tinha ido até lá. Especificamente para vê-la. Alguém que ela conhecia, em quem confiava, alguém de quem gostava. Alguma pessoa como ela. Em seguida, Lewin se despiu e entrou no banho, deixando a água escorrer pelo seu corpo durante cinco minutos. E pela primeira vez em um dia e meio, sentiu-se completamente calmo e feliz com o trabalho que ainda precisava ser feito.

Às seis e meia da manhã de domingo — enquanto Jan Lewin estava no seu quarto de hotel, debaixo do chuveiro, deixando a água correr pelo corpo — o celular do comissário regional tocou. Ele ainda estava dormindo e teve dificuldade em colocar os óculos e localizar o aparelho, antes de atender. Deve ter acontecido alguma coisa, pensou, depois de dar uma olhada no despertador em cima da mesinha de cabeceira.

— Aqui é Nylander — disse a voz do outro lado da linha. — Espero não tê-lo acordado.

— Não tem problema — respondeu lentamente o comissário. — Não tem o menor problema.

Deve ter acontecido alguma coisa terrível, pensou ele.

— Estou ligando para saber como estão as coisas por aí — informou Nylander bruscamente. — Qual é a situação atual?

— Está tudo seguindo o planejado — respondeu o comissário. Como é que vou saber? Dormi a noite toda. — Há algo em particular que você quer saber, Nylander?

Não havia nada que Nylander quisesse saber, ele não era esse tipo de pessoa. Mas em sua posição de Diretor da Divisão Federal, ele refletira sobre algumas “considerações estratégicas” motivadas pelo caso atual. Como consequência disso, tinha uma proposta relacionada às “contribuições operacionais”.

— E no que você estava pensando? — perguntou o comissário. Considerações estratégicas, contribuições operacionais? Do que ele

estava falando, porra?

— A meu ver, existe o sério risco de haver um louco de verdade à solta — disse Nylander —, e o mais provável é que ele acabe fazendo algo bem pior em breve.

— E você está pensando em alguma coisa em particular? — insistiu o comissário com uma voz vagarosa, fazendo Nylander embarcar numa série de cenários possíveis, extraídos de sua rica experiência como oficial no comando da polícia federal.

— Bem, estou pensando no homicida samurai em Malmö, que matou e mutilou vários vizinhos. No tenente de Falum, que matou dez pessoas a tiro, sendo que a maioria eram jovens mulheres. E... quem mais? — A voz do DDF passava a impressão de que ele estava esfregando o queixo. — Tem também aquele que pirou com uma barra de ferro na plataforma do metrô, não faz muito tempo. Três mortos e meia dúzia de feridos, se lembro bem. E aquele louco em Gamla Stan, que saiu ceifando com seu carro uma centena de pedestres logo de manhã cedo. Só para citar alguns exemplos.

— Entendo — disse o comissário. Meu Deus, pensou ele. Logo no meu território, em Växjö.

— Já conversei com nossos analistas — prosseguiu Nylander —, e eles concordam completamente comigo. Estamos falando de um serial killer que, pelo que apontam as probabilidades, é capaz de um homicídio em massa, uma chacina.

— Você tem alguma sugestão? — indagou o comissário.

Que merda, pensou ele.

O DDF tinha três propostas operacionais. Já expusera duas delas e se preparava para anunciar a terceira.

— Acho que deveríamos deixar o grupo de PC analisar direitinho esse maluco, antes que as coisas piorem. E, depois, vamos mandar o caso para a unidade do SAACV. Precaução é se preparar para a ação — concluiu ele.

— Grupo de PC? SAACV? — repetiu o comissário.

Quantos acrônimos, pensou ele.

— O grupo de perfilagem criminal, para termos uma ideia mais clara de quem é o assassino. E o SAACV, sistema de análise e associação de crimes violentos, que poderá relacioná-lo a todos os ataques anteriores de natureza semelhante que ele já cometeu — explicou Nylander rapidamente, pensando que essa dúvida era bem típica de um funcionário administrativo.

— E você ainda mencionou uma terceira opção — lembrou ele, hesitante.

— Exatamente. Quando a prisão do assassino for iminente, acho que seria melhor se você passasse a tarefa para a Divisão de Intervenção Rápida. Isso evitaria qualquer derramamento de sangue desnecessário. Eu já os alertei. Em geral, eles chegam ao local três horas após a ordem ter sido dada. Estamos tentando reduzir esse tempo e, supondo que a gente consiga as boas condições de voo que tivemos durante todo o verão, o chefe da divisão acha que é possível fazer isso em duas horas. Já elevamos o nível de alerta de azul para laranja para as três equipes de intervenção rápida.

— Que merda. — Dessa vez, o comissário expressou o que pensava. — E de que números estamos falando exatamente no que diz respeito a um derramamento de sangue?

Quinze minutos mais tarde, apesar de ainda ser muito cedo, o comissário de polícia regional ligou para Olsson, que comandava as investigações preliminares, informando-lhe que o DDF e ele tinham resolvido em conjunto e perfeito acordo reforçar o inquérito com especialistas do grupo de PC e o SAACV, e que qualquer prisão potencial seria efetuada pela Divisão de Intervenção Rápida. O próprio Olsson, curiosamente, andara pensando nisso e considerou aquela uma ótima proposta.

— Eu estava justamente pensando em ligar mais tarde para sugerir isso, chefe. Só resolvi esperar porque sei que você está curtindo umas merecidas férias.

\*

Bäckström estava estressado, cansado e de ressaca. Na noite anterior, Rogersson e ele tinham feito o possível para compensar o longo período de abstinência que seus deveres impuseram. Bäckström desabara na cama pouco antes da meia-noite, dormira demais e tivera que devorar o café da manhã sem tempo de olhar direito os jornais matutinos. Eles também foram obrigados a parar na loja de conveniência de um posto de gasolina no caminho para comprar balas de hortelã e bebidas energéticas que deixassem seu hálito e seus níveis de hidratação em um estado aceitável.

Mas as coisas não melhoraram nem um pouco quando Bäckström se precipitou pelo corredor para chegar à reunião matinal com a equipe de investigação, porque o idiota do Olsson o alcançara e começara a falar sobre os cenários mais desfavoráveis que ele e o comissário regional de polícia tinham considerado que era necessário encarar sem o conhecimento do próprio Bäckström.

— O que você acha disso, Bäckström? — perguntou Olsson. — De envolver seus colegas do grupo de PC e o SAACV nesse caso?

— Parece uma ótima ideia — respondeu Bäckström. Ele não tinha a menor intenção de desperdiçar seu tempo precioso sendo repreendido pelo telefone por seu superior, Sten “Queixada” Nylander.

Finalmente, conseguiu chegar à cabeceira da mesa de reunião. Verdade que ele não tinha uma jarra de dez litros de água à sua frente para impedi-lo de morrer de sede, mas, pelo menos, havia uma caneca de café com bastante leite e açúcar, e sua equipe inteira estava presente.

— Muito bem — disse ele. — Vamos começar.

\*

No início, a policial Sandberg lhes contou sobre as câmeras de vigilância instaladas ao longo do trajeto da vítima para casa. Aquela que havia perto do caixa eletrônico de onde ela retirara dinheiro não lhes adiantara em nada, presumivelmente porque a vítima tinha ficado fora do alcance da câmera, ao sair do Town Hotel.

— A câmera cobre apenas a calçada e um pedaço da rua em frente ao caixa eletrônico — explicou a policial. — Mas nós encontramos uma coisa muito melhor, e acho que o mérito cabe inteiramente a você, chefe. — Ela assentiu e sorriu para ele.

— Estou ouvindo — disse Bäckström, retribuindo o sorriso da moça.

Já estou a meio caminho, pensou ele.

Sandberg e seus colegas tinham achado outra câmera, uma muito melhor, apesar de ter sido instalada sem autorização. Ela ficava acima do balcão de uma loja na esquina, no início da rua Pär Lagerkvists, a apenas quinhentos metros da casa da vítima, e à noite, alcançava também a rua em frente à loja. Quando faltavam quatro minutos para as três, na madrugada de sexta-feira, Linda Wallin tinha sido filmada pela câmera quando estava a caminho de casa. Entretanto, a gravação não registrara mais ninguém nos trinta minutos seguintes, portanto, tudo indicava que não estava sendo seguida.

— A loja fica aberta até as onze da noite. A câmera normalmente se concentra apenas no interior do estabelecimento e nos caixas, mas antes de o comerciante ir para casa, pouco antes da meia-noite, ele muda o ângulo, para poder filmar as pessoas que passam do lado de fora. Ele é iraniano e já teve problemas com vandalismo, gente pichando as vitrines com frases racistas, essas coisas — explicou Sandberg.

— E temos certeza absoluta de que se trata de Linda? — perguntou Bäckström, que não queria ignorar esse pequeno e encorajador detalhe no processo de investigação.

— Certeza absoluta — respondeu Sandberg. — Analisei a gravação com a polícia científica. Afinal, vários de nós a conhecemos... conhecíamos.

Depois disso, tudo se encaminhou da forma habitual e eficaz de sempre, quando era ele que estava na liderança. E Bäckström era grato por isso, pois agora metade da sua força policial não precisaria mais perder tempo se apresentando ao resto do pessoal.

— E quanto à busca de porta em porta e nas imediações? — perguntou ele. — Encontramos alguma coisa interessante desde ontem?

Infelizmente não, segundo o agente responsável por essa parte da investigação. Os últimos rastos conhecidos do assassino eram o sangue e o fragmento de pele achados sobre o parapeito da janela do quarto, onde ocorrera o homicídio.

— Então vamos expandir a área de busca — disse Bäckström num tom severo. — Para qualquer coisa de anormal que tenha acontecido em qualquer lugar da cidade durante aquele dia. Tudo mesmo, desde os encenqueiros de sempre, assaltos, danificações criminosas, carros roubados e multas de estacionamento para quaisquer veículos estranhos, eventos e pessoas. Quero ver essa lista antes do almoço. — Bando de imbecis preguiçosos, pensou ele. Se quer que algo seja feito, é melhor fazer você mesmo. — E então, alguém entrou em contato com a gente para contar alguma coisa relevante? — perguntou ele, olhando para Lewin.

Quem sabe se você desgrudasse um pouco de Svanström e começasse a trabalhar, seu babaca sem-vergonha, pensou ele.

— Recebemos centenas de dicas — respondeu Lewin. — Pelo telefone, pelo e-mail e até mesmo por mensagens de texto nos celulares dos membros da equipe que têm os números evidentemente conhecidos por vários informantes. Acho que não há nada de estranho nisso, pois os agentes que recebem informações como essas costumam trabalhar na vigilância ou no combate ao tráfico de drogas, e nesses casos é necessário fornecer o número do



celular. Se alguém nos mandou alguma pista por e-mail, provavelmente só o abriremos amanhã, na melhor das hipóteses. Esse parece um meio tão lento quanto os correios hoje em dia.

— E então? — perguntou Bäckström. — Receberam alguma informação interessante que a gente possa aproveitar?

Infelizmente não, segundo Lewin. Só o de sempre. Cidadãos nervosos lamentando a decadência generalizada da sociedade e o aumento da criminalidade, em particular. Aqueles sabichões de sempre, querendo dizer o que a polícia deve fazer, com base no conhecimento que adquiriram assistindo às séries policiais na televisão. E, é óbvio, uma quantidade razoável de videntes, visionários e místicos querendo compartilhar suas visões, premonições, prognósticos gerais, intuições e vibrações.

— Nada específico, que a gente possa aproveitar? — insistiu Bäckström.

— Alguns foram extremamente específicos — respondeu Lewin. — O único problema é que eles parecem ter feito uma grande confusão.

— Dê alguns exemplos.

— É claro — disse Lewin, analisando os papéis. — Temos uma que foi amiga de Linda no ensino médio. Ela disse ter certeza absoluta de que falou com Linda num show na cidade de Borgholm, na ilha de Öland, naquela mesma noite. Um grupo chamado Gyllene Tider estava se apresentando numa turnê de verão.

Borgholm, pensou Bäckström. Isso fica a uns cento e cinquenta quilômetros de Växjö.

— O único problema é que o show foi na sexta-feira à noite e, a essa altura, a vítima já estava no Instituto Médico Legal, em Lund — disse Lewin com um suspiro. — Portanto, essa testemunha sequer leu o jornal vespertino. E há mais um aqui. — Ele folheou os papéis à sua frente com as informações recebidas. — Um dos jovens talentos de Växjö comentou com um de nossos policiais militares que viu Linda a quinhentos metros do Town Hotel, sexta-feira logo

cedo. Na Norra Esplanaden, perto do centro da cidade, se entendi direito.

— E o que há de errado nisso? — indagou Bäckström.

— O problema, sem deixar de ressaltar a credibilidade merecida do rapaz, é que isso supostamente ocorreu às quatro da madrugada, numa rua que fica na direção oposta do local para onde a vítima estava indo, e na companhia de, segundo as palavras da própria testemunha, “um negão sarado”.

— Então já sei quem é essa testemunha — disse um dos policiais locais, sentado à extremidade da mesa. — Na cabeça desse jovem tem muita gente negra e cruel.

— Foi o que entendi também, quando li esse relatório — comentou Lewin, dando um breve sorriso.

— Muito bem — prosseguiu Bäckström. — Perguntas? Opiniões? Sugestões? — Ninguém é capaz de dizer alguma coisa sensata, pensou Bäckström, observando as cabeças balançando em torno da mesa. — Então, ao trabalho — disse ele, se levantando bruscamente. — O que vocês estão esperando? Não fiquem aí sentados. Vamos, temos trabalho a fazer. Quero o nome do homem que fez isso até a hora do almoço, no mais tardar. Se me derem alguma coisa que preste, vou comprar bolo para acompanhar o café desta tarde.

Rostos felizes em volta da mesa. Parecem crianças, pensou Bäckström. Mas de jeito nenhum ele iria desperdiçar seu dinheiro suado num maldito bolo.

Munido de papel e caneta, procurou se isolar numa sala de interrogatório vazia para pensar com calma e tranquilidade. Acendeu a luz vermelha, fechou a porta e soltou os gases intestinais que ficou segurando durante a reunião inteira. Enfim, sozinho, pensou, afastando os eflúvios da noite anterior com as mãos.

Muito bem. Então ela chega em casa pouco depois das três da manhã. Ao que parece, ninguém a seguiu nem combinou de encontrá-la em seu apartamento. Mas o assassino entra em cena

logo em seguida. Tudo acontece muito rápido e, levando em conta o aspecto do local do crime, o psicopatazinho deve ter ficado bastante ocupado por pelo menos uma hora e meia. O mais provável é que ela tenha sido morta entre quatro e meia e pouco antes das cinco, pensou.

Depois, o assassino vai até o banheiro para lavar pelo menos o grosso. O jornal é entregue por volta das cinco, e o cara imagina que tem alguém entrando no apartamento. Em seguida, ele pega o essencial e pula pela janela do quarto, e a essa altura são pouco mais de cinco horas. Aonde isso nos leva? Bäckström conferiu as horas e começou a calcular a partir da manhã de sexta-feira até a manhã de domingo. Já fazia quase dois dias e meio que ela morrera. O safado poderia estar na Lua a essa hora, pensou, irritado. Depois, juntando seus papéis, decidiu voltar e dar mais um empurrãozinho na sua equipe.

Por outro lado, ele pensou ao chegar no corredor, seria muito estúpido fazer isso com a barriga vazia e, considerando que, por causa dos últimos eventos, a cantina estava aberta, apesar de ser domingo, provavelmente seria sensato ir até lá comer alguma coisa.

\*

Bolinhos de batata recheados à la Småland, ele leu com avidez ao conferir o cardápio. Deve ser delicioso. Finalizando o almoço com uma grande xícara de café e um pão doce com amêndoas, Bäckström leu sossegadamente os jornais vespertinos que pegara no hotel, mas que ainda não tivera tempo de dar uma olhada. Nenhum fato novo, pensou, enquanto bebericava seu café quente. A maior parte era só especulação e rumores.

Um dos jornais havia sugerido uma variação do ponto de vista policial clássico. O assassino provavelmente era um criminoso violento que odiava policiais e "nutria um ódio irracional pela vítima

porque ela trabalhava para a polícia”, segundo as palavras de um dos especialistas que escreveu no jornal. Sempre que a oportunidade surgia, rapidamente convocavam uma seleção das mentes mais confusas do país.

Claro, claro, pensou Bäckström, mastigando o pão doce com amêndoas. Deve ter sido algum dos instrutores da Academia de Polícia de Växjö, talvez aquela maluca encarregada dos *debriefings*. A presença do sêmen não a livrava necessariamente: podia ser um plano astuto para despistá-los.

Segundo o outro jornal vespertino e seus especialistas, o caso era completamente diferente. Na verdade, tratava-se de um serial killer com ódio obsessivo por mulheres e um método quase ritualístico de cometer seus crimes. Isso parecia coisa de seu querido colega Olsson, pensou Bäckström. De onde eles conseguem tirar essas coisas?

Havia também alguns elementos em comum nas matérias dos dois jornais. Era uma conexão frágil, mas existia. Outro especialista, que defendia o ponto de vista da polícia no primeiro jornal, não considerava impossível que estivessem lidando com um tipo específico de serial killer, que visasse em especial as policiais, pois o uniforme o excitava sexualmente. Era como um “gatilho” para ele, segundo o jornal.

Todos eles deviam ter acesso ao mesmo site onde reabastecem seus estoques de ideias cretinas, pensou Bäckström.

Ele estava prestes a deixar os papéis na mesa, quando notou um artigo que o fez interromper seu gesto: uma entrevista com outro especialista, professor de algo chamado psiquiatria forense, no hospital psiquiátrico Sankt Sigfrid, em Växjö, com uma grande foto dele. O professor fazia uma longa descrição dos ferimentos provocados pela tortura que a polícia descobrira no corpo da vítima. Ou ele vira as mesmas fotos que os principais membros da equipe de investigação receberam na noite anterior, pensou Bäckström, ou

uma das pessoas que as viram descrevera para ele em detalhes exaustivos.

Até mesmo o professor, com suas extraordinárias interpretações sobre o funcionamento do inquérito, parecia endossar o que provavelmente poderia ser chamada de linha de investigação principal. Estavam lidando com um serial killer. Considerando a brutalidade do caso, ele devia ter cometido crimes de violência semelhante no passado, e havia uma grande probabilidade de repetir isso no futuro próximo. Na verdade, era quase certo.

Ao mesmo tempo, ele não era “um sádico comum com fantasias sexuais altamente desenvolvidas”, como os colegas incompetentes do professor pareciam acreditar. Ainda menos alguém que ficava excitado com jovens policiais, com ou sem uniforme. Não, tratava-se de um assassino “com sérios distúrbios mentais”, quem sabe até mesmo com uma personalidade “caótica”. Também era “um jovem descendente de imigrantes que havia sido exposto a experiências violentas e traumáticas na infância ou na juventude”. Por exemplo, ele mesmo poderia ter sido torturado ou sofrido graves abusos sexuais. Quando chegou a esse ponto da leitura, Bäckström logo sorveu o resto do seu café, enfiou o jornal no bolso e foi procurar a assessora de imprensa designada para a investigação.

Cinco minutos depois, sentado na sua sala, ele lhe entregou o jornal aberto na página do artigo.

— Você viu isso?

— Entendo o que quer dizer — respondeu ela. — Li isso hoje de manhã e tive a mesma reação que você. Está havendo um vazamento sério nessa equipe. Mas note que, numa tentativa de ver isso pelo lado positivo, talvez não seja tão estranho que esse especialista em particular tenha se envolvido. Suponho que você conheça o Sankt Sigfrid? É o grande hospital psiquiátrico aqui da cidade, onde estão internados os piores criminosos, que foram condenados a passar por tratamentos sob vigilância. Esse nosso amigo professor dá palestras regularmente tanto na Academia de

Polícia quanto aqui na nossa delegacia. Já perdi a conta de a quantas palestras dele já assisti.

— Ah, é mesmo? — perguntou Bäckström. — Devem ser mesmo interessantes, então.

— Eu diria que são, sim. Na minha opinião, ele costuma interpretar as coisas corretamente.

Talvez valesse a pena conversar com esse desgraçado, pensou Bäckström. Aquela história sobre um criminoso jovem e estrangeiro não parecia tão louca assim. Além do mais, a vítima provavelmente tinha um fraco por esse tipo de cara. Talvez a ponto de deixá-lo entrar, quando bateu à sua porta.

\*

Quando Bäckström voltou para a sala maior, que servia de base para a investigação, recuperou sua expressão de marechal de campo e inspecionou sua tropa.

— Muito bem — falou. — O que estão esperando? Acabei de almoçar e agora quero um nome concreto. — Para enfatizar, ele afagou a barriga protuberante sem sequer pensar no que fazia.

— Posso dar alguns nomes — disse Knutsson com uma pilha de papéis na mão —, acabamos de fazer a primeira lista que resultou das perguntas feitas de porta em porta.

— Alguma coisa interessante? — Bäckström pegou os papéis e foi se sentar no seu lugar de sempre.

— Bem, pelo menos tem vários nomes — respondeu Knutsson acomodando-se ao seu lado. — Setenta e nove, para ser exato, e esses são só os vizinhos imediatos, pessoas que conheciam a vítima e os prováveis suspeitos em Växjö.

— Preciso de mais — pressionou Bäckström. — Alguma coisa com que eu possa trabalhar.

— Calma — pediu Knutsson. — Vou chegar lá.

Knutsson e sua equipe tinham começado investigando a família da vítima, seus amigos e conhecidos, para verificar se alguns dos vários registros de ocorrências que a polícia tinha disponíveis traziam algo relevante sobre algum deles. Não chegou a ser uma surpresa o fato de ter encontrado tão poucas conexões. Cerca de um terço dos vinte e poucos nomes era de colegas de Linda na Academia de Polícia, e a pessoa não é aceita lá se tiver antecedentes criminais.

— Tão imaculados quanto nossa vítima — declarou Bäckström satisfeito, encostando-se na cadeira e cruzando as mãos sobre a barriga.

— Pelo menos no que se refere aos antecedentes criminais — disse Knutsson judiciosamente.

— Como vamos receber o perfil do DNA do assassino, quero amostras de todas essas pessoas. De preferência, de forma voluntária. E, sobretudo, para excluí-los de nossas investigações o mais rápido possível.

— Isso não deve ser um problema — concordou Knutsson.

— Com certeza não vai ser.

Pessoas honestas nada têm a temer sobre o seu DNA, pensou Bäckström.

A segunda categoria era o oposto da primeira, pois todos os membros tinham longos antecedentes criminais. Usando o computador, Knutsson e sua equipe conseguiram dragar uma centena de misóginos, arruaceiros, estupradores e outros malucos

com alguma conexão com Växjö e seus arredores. Em seguida, eliminaram os que já estavam na cadeia ou tinham álbis razoáveis. Com isso, sobraram oitenta pessoas, que foram mais profunda e demoradamente esmiuçadas. Dez delas eram de interesse específico, porque estavam recebendo, ou receberam, tratamento no hospital Sankt Sigfrid, devido a graves agressões sexuais.

— Colha amostras de DNA. Todos eles vão enfiar cotonete dentro da boca para ajudar a polícia. — Bäckström assentiu, satisfeito.

Finalmente, isso está começando a se parecer com alguma coisa, pensou ele.

— Está bem — disse Knutsson, parecendo menos feliz de repente.

Com um pouco de sorte, já temos algumas nos arquivos, pensou ele.

Só sobravam os vizinhos. No total, quase mil pessoas, sendo que aproximadamente metade havia entrado em contato com a polícia ou estava em casa quando os agentes bateram à sua porta. Considerando que era verão e época de férias, e que os moradores daquela área eram, em sua maioria, gente da classe média de meia-idade ou idosa, o número de ausentes não chegou a surpreender.

— Não me importo se eles passaram o verão todo no campo e nada têm de útil a acrescentar. Ainda assim quero que sejam interrogados e assinalados na lista.

— Concordo — disse Knutsson —, mas suponho que você não quer que a gente arranje uma amostra de DNA de todas essas pessoas.

— Não custa nada pedir — respondeu Bäckström, ajeitando-se na cadeira. — Aliás, quanta gente você achou ao verificar os antecedentes criminais?

— Acho que já disse — respondeu Knutsson, olhando para sua lista. — Setenta e nove, menos setenta de distúrbio da ordem pública, o que dá um total de nove.

— E o que elas fizeram?



— Três dirigiam embriagadas. Uma delas teve quatro condenações em doze anos. Um de nossos colegas de Växjö descreveu o sujeito como uma bicha velha. Sendo que um deles tem cinquenta anos, outro, cinquenta e sete e a bicha velha está com setenta, então... — Knutsson suspirou mais uma vez, dando de ombros expressivamente. — Também tem um que foi flagrado com a mão na cumbuca no trabalho e pegou uma condicional por desfalque. Outro agrediu a esposa, nove anos atrás, mas não o encontramos quando batemos à sua porta. Com certeza ele está na casa de campo. Tem mais um que foi flagrado em fraude fiscal e dois jovens, de dezesseis e dezoito anos, que andaram fazendo o de sempre: roubando lojas, pichando muros, jogando pedra nas vitrines, brigando na rua com outros garotos.

Knutsson suspirou outra vez.

— E esse que bateu na esposa? — indagou Bäckström, curioso.

— Deve estar passando as férias no campo com ela. É um casal feliz, segundo os vizinhos que conversaram com nossos homens, quando bateram à sua porta.

— Então, não vai se opor a dar uma amostra de seu DNA — disse Bäckström.

Pessoas felizes em geral não se opõem, pensou ele.

— Há outro cara que acho que pode ser interessante — prosseguiu Knutsson. — O nome dele é Marian Gross e nasceu na Polônia. Quarenta e seis anos, chegou aqui ainda criança com os pais, que eram refugiados políticos. Ele conseguiu cidadania sueca em 1975. Foi registrada uma ocorrência dele no inverno passado por comportamento agressivo, assédio sexual e vários outros delitos. É solteiro, sem filhos e trabalha como bibliotecário na universidade local.

— Espere um pouco, Knutsson — interrompeu Bäckström, erguendo as mãos para acalmá-lo. — O cara é veado. Já dá para perceber pela descrição, não acha? Marian. Que porra de nome é

esse? Bibliotecário, solteiro, sem filhos. — Ele ergue o mindinho. — Vamos ter uma conversinha com a bichona que o denunciou.

— Acho que não vai dar. A pessoa que deu queixa é uma de suas colegas de trabalho, quinze anos mais jovem do que ele.

— Outra bibliotecária. Então, o que ele fez com ela? Mostrou sua linguíça polonesa na festa de Natal ou o quê?

— Ele enviou vários e-mails anônimos e outras mensagens que me pareceram bastante ofensivas. Essas coisas pesadas de sempre, reconheço, mas havia um pouco de ameaça nelas.

Knutsson balançou a cabeça com uma expressão de repulsa.

— Essas coisas pesadas de sempre? — repetiu Bäckström, lançando um olhar de dúvida para o colega. — Você não pode ser um pouco mais... — Ele fez um gesto expressivo com a mão direita.

— Claro — respondeu Knutsson, respirando fundo. — Posso lhe dar alguns exemplos. Temos o clássico pênis de borracha que foi enviado para ela no trabalho. Do maior tamanho disponível, preto, com um bilhete anônimo no qual o remetente dizia que serviu de modelo para a representação daquele órgão.

— Mas você não disse que ele era polonês? — grunhiu Bäckström. — Talvez o desgraçado seja daltônico. Ou então o pau dele gangrenou e caiu.

Começou a rir tanto que sua barriga saliente balançava para cima e para baixo.

— Os bilhetes e e-mails habituais, dizendo que ele a vira na cidade e na biblioteca, dando sua opinião sobre a roupa íntima que ela usava. Isso basta?

— Parece um velho devasso perfeitamente normal — disse Bäckström.

O que foi que levou o jovem Hans a revelar o lado mais delicado de seu caráter?, pensou ele. Talvez tenha andado conversando com a terapeuta de situações críticas.

— Enfim, não é exatamente isso que me interessa — reagiu Knutsson, mal-humorado.

— O que é, então? O fato de ele ser polonês?  
— Ele mora no mesmo prédio da vítima. No apartamento de cima.  
— Colha uma amostra do DNA dele — vociferou Bäckström, se levantando e apontando o indicador para Knutsson. — Você devia ter dito isso logo. Mande alguém até lá colher uma amostra do DNA, e se ele se recusar, vamos ter que colocá-lo em cana.  
Isso está, finalmente, começando a se parecer com alguma coisa.

\*

A tarde já estava chegando ao fim quando eles receberam o prometido relatório preliminar sobre a autópsia. O documento chegara pelo fax dos peritos e era endereçado ao chefe da equipe da polícia científica do caso, Enoksson, da delegacia de Växjö, e, assim que acabou de lê-lo, ele procurou Bäckström para discutirem seu conteúdo.

— Segundo a perícia médica, ela morreu entre três e sete da manhã. Asfixia decorrente de um estrangulamento — disse Enoksson.

— Não precisa ter um jaleco branco para descobrir isso — comentou Bäckström. — Se me perguntarem, eu diria que ela morreu entre quatro e meia e cinco da manhã, no máximo.

Essa covardia é bem típica da polícia científica, pensou ele.

— Concordo com você sobre o horário. Quanto ao resto, parece que ela foi estuprada, pelo menos, duas vezes. Da primeira vez, foi estupro vaginal, e da outra, pelo ânus, e provavelmente nesta ordem. Mas é possível que tenha sido mais de duas vezes. E o assassino ejaculou nas duas ocasiões.

— E eles dizem alguma coisa que nós já não descobrimos? — perguntou Bäckström. — Nada sobre aquelas perfurações na... região lombar?

Não se pode mais dizer na bunda, pensou ele. Onde fomos parar?

— Perfurações talvez seja um exagero — retrucou Enoksson. — Está mais para cortes, ainda que tenha havido um pouco de sangramento. Mas, sim, eles fizeram uma avaliação para a gente. É claro que isso não é trabalho nosso, mas conseguimos contar as contusões e concordamos com eles. Treze cortes, de baixo para cima no diafragma e no centro do corpo, provavelmente feitos do lado esquerdo para o direito.

— Sou todo ouvidos — disse Bäckström.

— Uma faca cega, provavelmente a que foi encontrada no local do crime. Os cortes têm de dois a cinco milímetros de profundidade, sendo que o mais profundo chega a um centímetro. Parecem ter sido feitos com certo grau de controle, se considerarmos que ela deve ter reagido e acabou sendo espancada. São mais profundos no lado direito do que no esquerdo. Poderemos descobrir se ela foi amordaçada e imobilizada, e o que provocou as marcas no corpo, assim que recebermos o relatório definitivo.

— Não faço nenhuma objeção a isso — afirmou Bäckström. — Afinal de contas, tudo o que os peritos nos disseram até agora nós já sabíamos.

Pelo menos eu sabia, pensou ele.

— É mesmo, na maior parte. Mas eles não se importariam de vir conversar com a gente, se você quiser. Acho que seria melhor que isso acontecesse após meus homens e eu termos terminado nossa parte e recebido os resultados das análises que fizemos. É possível que haja algum assunto sobre o qual eles queiram conversar pessoalmente, quando nos encontrarmos. Dessa forma resolveremos tudo de uma vez. A menos que você não queira.

— Por mim está ótimo — respondeu Bäckström.

Mas, de preferência, antes do final do verão, pensou ele.

\*

Depois disso, Bäckström chamou Sandberg para um canto, com a intenção de se inteirar um pouco mais sobre a personalidade da vítima, mas principalmente para descansar seus olhos exaustos.

— Espero não estar incomodando, Anna — disse ele com um sorriso cordial. — Mas tenho certeza de que você entende que saber quem era a vítima é provavelmente o aspecto mais importante de toda a investigação.

Devagar e sempre, pensou Bäckström. Era incrível até onde ele era capaz de chegar.

— Você não me incomoda nem um pouco — respondeu Anna. — Ao contrário, gosto de ouvir o que tem a dizer. Muitas pessoas aqui não levam a vítima a sério.

Ela o fitou com um olhar solene.

Bom saber que existem alguns policiais sensatos em Växjö, ruminou ele, sem a intenção de dizer isso em voz alta.

— Exatamente — disse Bäckström. — Pelo que eu soube você conversou com o pai de Linda, não?

— Não foi bem assim. Eu estava lá quando fomos visitá-lo para informar o que aconteceu. Um colega mais velho se encarregou de contar para ele. Antes de se tornar policial, o homem foi vigário, mas faz anos que atua como policial de proximidade na vizinhança, aqui na cidade. Ele é excelente nisso. É uma coisa horrível, quando a gente começa a pensar a respeito. Foi um choque tremendo para o pai dela. Assim que voltamos para a delegacia, foi preciso chamar um médico para ele.

— Horrível mesmo — concordou Bäckström. Pronto, ela está ficando toda sentimental de novo. É melhor eu acelerar as coisas, antes que as lágrimas comecem a rolar. As mulheres são todas iguais. Mulheres, vigários e policiais de proximidade. Um bando de bebês. — Pensei que na sua ficha dizia que ela morava com o pai... Suponho que ela tivesse seu próprio quarto lá, então.

— Claro — confirmou Anna. — A casa é imensa, uma mansão. Muito bonita, por sinal.

— Você achou algo interessante quando revistou o quarto da vítima na casa do pai? Diários, anotações pessoais, agendas, alguma coisa assim? Cartas antigas, fotos, vídeos de reuniões familiares? Esse tipo de coisa, você sabe.

— Na verdade, não tivemos tempo para isso — disse Anna. — Não fomos muito além do corredor, antes de ir embora. O pai da vítima estava acabado. Mas conseguimos a agenda de bolso da vítima. Estava na bolsa que ela usou para sair quinta-feira à noite.

— Alguma coisa interessante nela? — perguntou Bäckström.

— Não — respondeu Anna, balançando a cabeça. — Nada de incomum. Seus compromissos, aulas na academia, nomes de amigos com quem costumava se encontrar e daí por diante. Pode dar uma olhada, se quiser.

— Mais tarde — disse Bäckström. — E, depois disso, você voltou lá?

— Não, eu a peguei na sexta-feira, com Bengt... quer dizer, com o superintendente Olsson, depois do pai de Linda sair daqui com um médico e um casal amigo da família. Mas Bengt achou que devíamos esperar. Deixar o homem em paz, considerando tudo o que aconteceu.

— Então ainda não fizemos uma busca no quarto da vítima na casa do pai?

Onde é que eu fui parar?, pensou ele.

— Até onde eu sei, não. A polícia científica andou ocupadíssima no local do crime. Mas entendo o que você quer dizer.

— Vou ver isso amanhã com Olsson — anunciou Bäckström.

Isso lhe dará mais metade de um dia para fazer merda, pensou.

\*

Rogersson estava sentado na sua sala de porta fechada. Com fones de ouvido e um gravador à sua frente, quando Bäckström entrou.

— Em que posso ajudá-lo, superintendente? — perguntou ele, tirando os fones e assentindo com certa melancolia ao desligar o gravador.

— Você pode voltar comigo para o hotel, comer alguma coisa e me acompanhar em algumas cervejas no meu quarto.

— Acho que peguei um eczema no ouvido, depois de passar a tarde inteira e metade da noite escutando todos esses interrogatórios totalmente sem sentido. Isso até meu caro colega Bäckström entrar, e agora tudo o que ouço é música para meus ouvidos.

— Deixe de besteira e vamos embora — disse Bäckström.

Esse babaca está ficando muito sentimental, pensou ele. Deve ser o álcool.

\*

— Ahhh! — exclamou Rogersson com um grande suspiro de contentamento, limpando com a mão esquerda a espuma de cerveja do canto da boca. — Quem quer que tenha inventado a cerveja devia ganhar todos os Prêmios Nobel que existem. Desde o da paz até o de literatura. Merecia ganhar todos.

— Eu me arrisco a dizer que não é só você que pensa assim. E a única coisa melhor do que uma cerveja gelada é só mesmo uma cerveja gelada grátis. Portanto, o cara também merecia ganhar o Nobel de economia, considerando quantas minhas você já bebeu, seu safado.

Rogersson ignorou o insulto, mas logo mudou de assunto bruscamente.

— E o polaco? Aquele que Knutsson quer que a gente procure — disse ele, balançando a cabeça.

— Estamos pensando em falar com o cara amanhã bem cedo e fazer um teste de DNA com ele — respondeu Bäckström.

Mas vamos falar de todas essas cervejas que você está bebendo de graça, pensou ele.

— Não consigo entender — disse Rogersson. — Parece que há alguma coisa errada com ele.

— É mesmo? E o que é?

— Li o interrogatório dos dois: o cara do jornal e o polonês. E conversei com nosso colega Salomonson aqui, que estava encarregado do caso de assédio sexual. Aliás, ele me pareceu bem normal. Mas com o polonês... tem alguma coisa estranha. Só isso. — Ele enfatizou seu ponto de vista sorvendo um grande gole de cerveja gratuita.

Segundo Rogersson, havia três boas razões para que Marian Gross, o polonês vizinho de Linda, não fosse o assassino. A primeira era o interrogatório com o entregador de jornais, que todos os dias era pontual com os assinantes.

— Ele teria percebido — começou Rogersson — que era só alguém entregando os jornais, e não uma pessoa entrando em casa. Ele, inclusive, assina os mesmos jornais que a mãe de Linda. O *Småland Post* e o *Svenska Dagbladet*.

— Vai ver ele costuma estar dormindo quando os jornais são entregues — argumentou Bäckström.

A segunda razão foi o interrogatório da polícia com Gross, quando estava batendo de porta em porta, na tarde de sexta-feira, em que o sujeito afirmou que tinha falado com a mãe de Linda no início da semana e ela lhe dissera que iria viajar, mas sua filha ficaria no apartamento.

— Na verdade, isso o compromete definitivamente — disse Bäckström. — Ele sabia que não haveria obstáculos.

— Então por que teria fugido pela janela? — inquiriu Rogersson. — Com certeza a solução mais simples teria sido sair pelas vias normais, passando pela porta e depois subindo até seu apartamento.



— Mas havia alguém do outro lado da porta — retrucou Bäckström.

— Havia. Entregando os jornais — disse Rogersson enfaticamente. — Ele só precisava esperar que o cara fosse embora.

Verdade, pensou Bäckström, se contentando em assentir com a cabeça.

A terceira razão estava relacionada com a condição física de Gross, associada à rota de fuga escolhida pelo assassino. Segundo o relatório da polícia científica, o parapeito ficava quase quatro metros acima do gramado. Gross tinha um metro e setenta de altura, e pesava noventa quilos, mais ou menos. Não era particularmente ágil e estava fora de forma.

— Segundo Salomonson, o safado é bem gordo e tem uma aparência bastante desagradável. Salomonson diz também que ele está em má condição física. Fica ofegante como uma máquina a vapor logo após o primeiro lance de escada — acrescentou Rogersson. — Então, ele provavelmente teria se matado, se escapasse daquele jeito. Isso se conseguisse passar pela janela.

Um gordo safado, pensou Bäckström. Ele era um pouco mais alto e não muito mais magro, e imaginava um assassino diferente, consideravelmente mais atlético.

— O que você diz faz algum sentido — admitiu Bäckström —, mas não custa nada colher uma amostra do DNA, não é mesmo?

— Boa sorte, então, com isso — concluiu Rogersson. — Pelo que ouvi dizer, Gross tem uma personalidade bastante complicada.

*Växjö, segunda-feira, 7 de julho*

Quarto dia depois do crime e nada do assassino ainda, pensou Bäckström ao sentar-se à enorme mesa de reunião. O superintendente Olsson, é claro, decidira brincar que estava no comando das investigações preliminares e chamava atenção para isso. Além do mais, eles ainda se baseavam no estado inicial da investigação que, até o momento, não tinha levado a muita coisa, refletiu Bäckström. Olsson estava no comando, os puxa-sacos habituais concordando com ele, e o tempo ia passando. Ele tentou bloquear sua audição, fingindo ler alguns documentos.

Para começar, tinham decidido encerrar a busca de pistas nos arredores do local da cena do crime e na suposta rota de fuga do assassino. Já fazia três dias que estavam lá e, nada tendo encontrado até o momento, a possibilidade de acharem algo era mínima.

— Acho que faz mais sentido concentrarmos nossos recursos em outro lugar — disse Olsson, sendo recompensado com uma série de assentimentos.

Como, por exemplo, uma rápida busca no quarto da vítima na casa do pai, pensou Bäckström, mas não expressou isso em voz alta, pois planejava abordar esse assunto com Olsson em particular.

— Muito bem, só quero agradecer a todos vocês envolvidos nesse caso — concluiu o superintendente. — Todo mundo está fazendo um trabalho fantástico.

Não foi nada demais, pensou Bäckström, tudo o que fiz foi encontrar uma câmera que os outros idiotas foram capazes de ignorar.

A quantidade de interrogatórios realizados de porta em porta também seria reduzida. Os vizinhos que ainda não tinham sido interrogados receberam uma convocação pelo correio, e os que despertassem mais interesse, quaisquer que fossem eles, teriam que ser abordados em suas casas de campo.

— Com isso poderemos disponibilizar um número de colegas que serão necessários em outros lugares — declarou Olsson com animação.

Como, por exemplo, uma rápida busca no quarto dela na casa do pai...

Chegara a hora de analisar o capital investigativo que, de alguma maneira, tinham conseguido arrecadar juntos, graças ao local do crime e ao laboratório de análises, em Lund.

— No que nos diz respeito — disse Enoksson —, nossa situação está melhor. Mas vocês terão que ser pacientes por mais alguns dias. Em parte, porque ainda estamos aguardando vários resultados de exames, mas, depois disso, prometo que voltaremos a nos reunir. Até lá, será preciso se virar com o que é relatado nos jornais, embora seja recomendável tomar cuidado com isso.

Arrá!, pensou Bäckström. Caramba, Enoksson ainda não está satisfeito.

Olsson não pareceu ter percebido o comentário e, obviamente, ainda não tinha a intenção de deixar a cena do crime de lado.

— Se entendi direito — disse ele —, ela foi estrangulada, violentada, pelo menos duas vezes, e morreu pouco antes das cinco horas.

— Isso mesmo — confirmou Enoksson. — A morte ocorreu entre quatro e meia e cinco horas.

Bom garoto, pensou Bäckström, defenda sua posição. Ofereça um dedinho que arrancarão um braço seu.

— Os elementos mais ritualísticos do caso... Aquilo foi quase uma tortura, para ser direto. Ele a amarrou, amordaçou e então a esfaqueou várias vezes. O que mais sabemos sobre isso? — perguntou Olsson.

— “Esfaqueou” talvez seja um exagero — objetou Enoksson. — Foram só alguns cortes.

— Se entendi direito — prosseguiu Olsson —, ele a esfaqueou, ou se preferir, a cortou, treze vezes.

— Isso mesmo, treze vezes, e acho que não deixamos nenhum corte de lado. Ela sangrou muito quando foi cortada, apesar de os ferimentos não terem sido particularmente profundos, o que significa que ainda estava viva, se debatendo, e é provável que essa questão seja a mais importante.

De repente, Enoksson pareceu exausto.

— Esfaqueada treze vezes — repetiu Olsson, parecendo alguém que acabou de enxergar a luz da verdade. — Isso não pode ser uma coincidência, pode?

— Acho que não entendi o que quer dizer — retrucou Enoksson, parecendo sincero.

— Por que exatamente treze vezes? — insistiu Olsson. — Esse é o número do azar para todo mundo. Se quer saber minha opinião, não foi por acaso que ele a perfurou treze vezes. Tenho quase certeza de que nosso assassino queria nos mandar um recado.

— Eu, ao contrário, acho que foi pura coincidência que tenham sido treze vezes, e não dez ou vinte — disse Enoksson secamente.

— Vamos refletir sobre isso.

Bäckström não aguentou mais e grunhiu alto o bastante para atrair a atenção de todos.

— Tendo a concordar com você, Bengt — disse ele, sorrindo amistosamente para Olsson. — E a data em que ela foi assassinada tampouco pode ser coincidência, embora eu só tenha percebido isso relendo o excelente trabalho de perfil psicológico traçado por Anna. Ela notou que a vítima tinha de fato passado alguns anos nos

Estados Unidos, quando era mais nova. Quer dizer, dia 4 de julho não deve ser uma coincidência.

— Não estou entendendo bem — respondeu Olsson, hesitante.

Mas todos os outros pareciam ter entendido, considerando que assentiram sucessivamente, como uma torcida fazendo uma ola num estádio, comparou Bäckström.

— O dia da independência americana — explicou, enfatizando suas palavras com um gesto de cabeça. — Não acham que podemos estar lidando com um membro da Al-Qaeda?

O número de pessoas que se remexeram desconfortavelmente em suas cadeiras foi um pouco superior ao daqueles que deram risadinhas, mas o recado foi dado.

— Entendo seu argumento — disse Olsson, dando um sorriso forçado —, ainda que tenha sido sutil. Então, falando nisso, tenho a impressão de que estamos lidando com um sujeito extremamente interessante.

E se virou para Knutsson.

Os fracos estão pensando em abandonar o barco, pensou Bäckström, olhando para Knutsson, que, de repente, pareceu concentrado em seus papéis.

— Isso mesmo — concordou Knutsson. — O vizinho polonês da vítima: Marian Gross. Um homem que vários de vocês aqui com certeza já conhecem.

É mesmo? Então por que você não foi atrás dele na sexta-feira para eu não ter que fazer isso agora?, pensou Bäckström. Mas, é claro, os policiais uniformizados que bateram de porta em porta para fazer os interrogatórios não sabiam quem aquele sujeito era, pois o procurador que estava cuidando do seu caso desde o inverno passado não se dera conta de que ele morava no prédio da mãe de Linda, até que o jovem Hans, da Divisão Federal em Estocolmo, chamou sua atenção para isso.

Levando em conta o fato de ele ser “um maníaco sexual já conhecido”, eles passaram a considerá-lo não apenas como

potencial, mas também como o provável assassino. A discussão durou quase quinze minutos, enquanto Bäckström tentava se concentrar em outros assuntos, e quando Olsson repentinamente lhe fez uma pergunta direta, ele não tinha a menor ideia do que o colega estava falando. Só sabia, é claro, que estava se referindo ao polonês.

— O que você acha, Bäckström? — perguntou Olsson.

— Sugiro que a gente faça o seguinte: vamos procurar esse desgraçado e fazer algumas perguntas. E não deixar de colher uma amostra do DNA dele — sugeriu o superintendente.

— Acho que teremos um pouco de dificuldade — interrompeu Salomonson do lugar mais afastado da mesa. — Fui o encarregado de averiguar as alegações de assédio sexual, caso queiram saber. E Gross é um cara difícil.

Muito bem, se ele é assim, teremos simplesmente que arrastá-lo até aqui e interrogá-lo, pensou Bäckström. Nós o faremos entrar algemado pela porta principal em Oxtorget, assim os jornalistas vão poder tirar várias fotos dele.

— Como sou o responsável, ficarei feliz em trazê-lo aqui para ser interrogado — disse Olsson, se empertigando na cadeira. — Está previsto no parágrafo vinte e três, seção sete do código criminal — esclareceu ele, parecendo muito satisfeito com sua intervenção.

Faça isso, rapaz, pensou Bäckström, assentindo com a cabeça, assim como todos os outros em volta da mesa, exceto Rogersson, que manteve a expressão inalterada.

Após a reunião, Bäckström foi atrás de Olsson, antes que ele tivesse tempo de desaparecer em seu escritório e fechar a porta.

— Você tem um minuto? — perguntou, com um sorriso simpático.

— Estarei sempre à sua disposição, Bäckström — respondeu Olsson com a mesma simpatia.

— Parece que Linda passava a maior parte do tempo na casa do pai — disse Bäckström. — O quarto que ela tinha lá deveria ser revistado assim que possível.

Olsson pareceu confuso, nem um pouco animado como costumava ficar ao final das reuniões. O pai da vítima estava mal. Alguns anos antes, ele tivera um ataque cardíaco e quase morrera. Agora, sua filha única havia sido levada da maneira mais brutal, e sempre que ele ligava a televisão ou o rádio, ou quando tentava ler os jornais, era lembrado da tragédia que se abatera sobre ele. Além disso, era praticamente inimaginável que o pai tivesse alguma coisa a ver com a morte da filha. Inclusive, quando esteve na delegacia, ele se prontificou a fornecer suas impressões digitais para que fossem realizadas as comparações habituais.

— Também não acho que ele teve algo a ver com a morte da filha — retrucou Bäckström, já se concentrando em outra coisa.

Da mesma forma que aquele polonês desgraçado, pensou ele, mas essa não era a questão no momento.

— É tranquilizador saber que concordamos nesse ponto — disse Olsson. — Sugiro que a gente aguarde mais alguns dias para dar uma chance para o pai de Linda se recuperar. Quer dizer, se tivermos sorte com o polonês Gross, todo o caso poderá ser resolvido assim que recebermos os resultados do teste de DNA.

— A decisão é sua — afirmou Bäckström, saindo da sala.

\*

Depois do almoço, Bäckström recebeu uma nova lista de Knutsson, que por algum motivo parecia se sentir quase culpado.

— Pelo que Rogersson me contou, você não acredita que tenha sido o polonês — disse o detetive, num tom apologético.

— O que Rogersson lhe contou?

— Bem, você sabe como ele é, quando está daquele jeito.

— O que ele lhe contou? — insistiu Bäckström, cheio de expectativa. — Diga exatamente o que ele falou.

— Ele falou que eu podia enfiar o polonês no meu... bom... no meu traseiro — disse Knutsson com a voz firme.

— Isso não foi muito simpático da parte dele — comentou Bäckström.

Mas não é nada, em se tratando de Rogersson, pensou ele, se considerarmos as coisas que esse cara é capaz de dizer quando está daquele jeito.

— Se tiver interesse, aqui está a lista mais recente — informou Knutsson, nitidamente ávido por mudar de assunto.

— Estou sempre interessado — disse Bäckström, apoiando-se na cadeira.

Na opinião de Knutsson, a missão havia avançado bem desde a última vez que tocaram no assunto, no dia anterior. Ele e seus colegas tinham, entre outras coisas, sido capazes de reduzir a uns vinte os setenta arruaceiros mais relevantes de Växjö e arredores. As amostras de DNA de outras dez pessoas já haviam sido colhidas, por terem se envolvido em crimes anteriores e, assim que o laboratório da Divisão Federal enviasse suas descobertas, eles seriam capazes de cruzar informações.

— Isso parece ótimo — afirmou Bäckström. — Certifique-se de que todas as amostras sejam colhidas o mais rápido possível.

— Só tem um probleminha.

— Pode falar.

Depois de analisar a lista com os outros que também trabalhavam com aquela pista, Knutsson e Thorén resolveram expandir a relação de potenciais assassinos.

— Há um monte de assaltos nesta época do ano, quando as pessoas saem de férias — explicou Knutsson. — Por isso, acrescentamos os criminosos reincidentes mais graves, independentemente de terem ou não demonstrado quaisquer sinais de violência no passado.

— E então, quantos temos agora? Mil?



— Não tantos assim — respondeu Knutsson. — A lista atual contém oitenta e dois homens com alguma ligação com esta área e que já foram condenados antes.

\*

Mais tarde, um agente do SAACV da Divisão Federal ligou para contar o que descobrira.

— Estou cheio de coisas para fazer, então vá direto ao ponto — advertiu Bäckström.

Ele conhecia o agente em Estocolmo, e o considerava incredivelmente verborrágico. O Queixada deve ter assustado demais aqueles desgraçados, pensou ele.

A unidade do SAACV estava atrás de serial killers na tentativa de encontrar conexões entre os crimes recentes e os antigos, de preferência os que tinham sido solucionados. Para começar, inseriram todos os detalhes sobre o assassinato de Linda de que tinham conhecimento, e depois os compararam com os dos casos precedentes e os criminosos conhecidos, que já estavam registrados no computador da unidade.

— Conseguimos encontrar uma conexão com um criminoso conhecido — informou o agente do SAACV, soando tão orgulhoso quanto um pavão. — O caso em que você está trabalhando agora é muito semelhante ao que levou esse sujeito à cadeia. Nada mal, hein? Mas vou logo avisando, Bäckström, que não é muito pior do que o caso atual.

— Quem ele é, afinal? — perguntou Bäckström.

Parece até que você está falando do seu próprio filho, pensou ele.

— É aquele polonês maluco que matou a esteticista em Högdalen. O caso do assassinato de Tanja. Esse era o nome dela. Da vítima. Você se lembra? Leszek, Leszek Baranski. Gosta de ser chamado de Leo. O cara estuprou uma série de mulheres antes disso. Ele é

mesmo repulsivo. Costumava seguir o mesmo repertório, amarrando e amordaçando as moças, depois torturando, estuprando e estrangulando. A mesma vítima sofria mais de um estrangulamento, na verdade. Costumava estrangular as vítimas apenas o suficiente para que perdessem a consciência, depois as acordava cortando a pele delas com um picador de gelo, até que voltassem a si, e então recomeçava. Um cara bem legal. — Sua voz parecia cheia de entusiasmo.

— Espere um instante — disse Bäckström, lembrando-se de repente de quem estavam falando. — Ele não pegou prisão perpétua? Esse merda já está solto?

— No primeiro julgamento, pegou prisão perpétua. Mas o Tribunal de Recursos o sentenciou a um encarceramento psiquiátrico com exigências específicas de condicional, e segundo nossos arquivos, ele ainda está internado, apesar de já fazer seis anos que foi condenado. Deve ser um novo recorde na unidade de encarceramento psiquiátrico.

— Então para que você me ligou? — indagou Bäckström.

Acho que já completamos nossa cota de poloneses, pensou ele.

— Ah, me esqueci de dizer — prosseguiu o agente. — Ele está no hospital Sankt Sigfrid, em Växjö, ou pelo menos é onde deveria estar. Fala sério, Bäckström, você já está nisso há algum tempo. Sabe como as coisas funcionam nessas instituições psiquiátricas. Talvez os médicos de malucos tenham achado que um pouco de ar fresco lhe faria bem e resolveram deixar o cara tomar um pouco de sol, mas se esqueceram de nos informar.

— Você está dizendo que ele pode ter sido liberado por um dia ou algo assim? — perguntou Bäckström. Ele, não. Nem os psiquiatras podem ser tão loucos assim, porra.

— Não faço ideia — respondeu o colega. — Por que você não liga para eles e pergunta? Vou lhe mandar um fax com tudo o que temos sobre o cara.

— Obrigado — agradeceu Bäckström e em seguida desligou.

O homem certo no trabalho certo: aquele idiota com quem acabara de falar seria capaz de trabalhar de graça se fosse necessário. Que tipo de gente eles têm deixado entrar na polícia?

Bäckström se levantou e se arrastou até o fax. Talvez, se tivesse bastante sorte, pegaria o assassino e, ainda por cima, foderia com toda a indústria psiquiátrica ao mesmo tempo.

\*

O primeiro polonês da investigação, bibliotecário e detentor de um doutorado, Marian Gross, tinha sido contatado pela polícia naquela mesma manhã. Pela fresta da caixa de correio da porta fechada do seu apartamento, ele informara ao detetive von Essen e ao policial que o acompanhava, Adolfsson, da polícia de Växjö, que passaria o dia todo extremamente ocupado, mas que poderiam entrar em contato com ele por telefone no dia seguinte. Como von Essen e Adolfsson não estavam de bom humor, pelo menos no que dizia respeito àquele caso e, em particular, àquele prédio, Adolfsson vociferou para ele se afastar da porta se não quisesse ser atingido por ela, e então deu um chute exploratório para verificar se precisaria buscar o aríete no porta-malas da viatura da polícia. Por razões que nunca foram esclarecidas por completo — as versões dos envolvidos diferiam dramaticamente no relatório que foi enviado logo em seguida para a corregedoria da polícia —, Gross abriu a porta no mesmo instante.

“Ah, então você que é o Gross”, dissera Adolfsson, sorrindo para o proprietário do apartamento. “Prefere vir com a gente ou que o levemos à força?”

Quinze minutos depois, von Essen e Adolfsson, com Gross entre os dois, entraram na sala ocupada pela equipe de investigação. Gross decidira vir por vontade própria. Não estava algemado e eles chegaram discretamente na garagem da delegacia.

— Um polonês, como foi requisitado — declarou Adolfsson, entregando-o a Salomonson e Rogersson, que se encarregariam de interrogá-lo.

— Ouvi o que você disse — resmungou Gross, que estava com o rosto bem vermelho, apesar de não ter emitido um som sequer até o momento. — Vou dar queixa por discriminação ilícita, seus fascistas de merda.

— Se Dr. Gross fizer a gentileza de me acompanhar, nós poderemos acertar os detalhes práticos de uma vez — disse Salomonson, fazendo um gesto educado na direção da sala de interrogatório.

\*

O interrogatório com Marian Gross, o vizinho da vítima assassinada, começou pouco depois das onze da manhã. O detetive Nils Salomonson, da polícia regional de Växjö, estava no comando, e tinha como testemunha o detetive Jan Rogersson, da Divisão Federal, em Estocolmo. Aquilo levaria quase doze horas, com um intervalo para o almoço, dois para o café e mais algumas pausas para que todos pudessem esticar um pouco as pernas. No final da sessão, Martin Gross recusou uma carona até em casa, pedindo que chamassem um táxi para ele. Às dez e quinze da noite, saiu da delegacia. Considerando o que tinham conseguido extrair dele, tudo não passou de uma perda de tempo.

Gross estava principalmente interessado em falar de si mesmo e do assédio ao qual a polícia o submetia havia mais de seis meses, com base numa queixa ridícula dada por “uma maluca do trabalho, de quem tive que rechaçar as investidas”. As acusações que ela fizera deram início a uma bola de neve e agora que a filha de sua vizinha tinha sido assassinada, era óbvio que a polícia o considerara um alvo legítimo.

— Vocês não acham mesmo que alguém como eu seria capaz de fazer uma coisa dessas, acham? — perguntara Gross, olhando alternadamente para Salomonson e Rogersson.

É claro que ele não obteve resposta. Em vez disso, Salomonson mudou de assunto e abordou uma questão relacionada, dizendo que as impressões digitais de Gross, as quais eles já tinham arquivadas por conta da investigação anterior sobre a acusação de assédio sexual, podiam vir a calhar. Infelizmente, eles não tinham colhido uma amostra do DNA naquela ocasião.

— Você e a mãe de Linda, Liselotte Ericson, são vizinhos há vários anos — disse Salomonson. — Você a conhece bem?

Encontros normais entre vizinhos, nada mais que isso, ainda que a mãe de Linda nunca tivesse demonstrado ser avessa a um relacionamento mais próximo, segundo Gross. E ele também aproveitara a oportunidade para deixar as coisas claras entre os dois.

— As pessoas a chamam de Lotta. É o nome que ela mesma usa — contou ele, parecendo bem contente em alguns momentos. — Uma mulher razoavelmente atraente, ao contrário da filha anoréxica. Elas não se parecem nem um pouco. Lotta tem a aparência que uma mulher deve ter.

Salomonson ignorou a descrição que ele fez da vítima.

— Mas Lotta Ericson também não faz seu tipo?

Era uma pessoa simples demais, até mesmo um pouco vulgar, em geral, e tinha tendência a tornar-se um tanto grudenta, o que ele não suportava. E ainda era velha demais, na opinião de Gross.

— Pelo que vi na sua ficha — interveio Rogersson —, ela é só um ano mais nova que você. Está com quarenta e cinco anos, e você, quarenta e seis.

— Prefiro mulheres mais jovens — respondeu Gross. — Não que isso seja da sua conta.

— Você já visitou Lotta no apartamento dela? — inquiriu Rogersson.

Gross estivera no apartamento da vizinha em várias ocasiões. Algumas vezes com outros vizinhos, quando discutiram assuntos relacionados à associação de moradores do prédio, e outras vezes sozinho. A visita mais recente fora mais ou menos um mês atrás.

— Ela insistiu em me convidar a entrar, embora eu tivesse deixado claro que não estava interessado. Como falei, ela era bastante grudenta.

Em que parte do apartamento ele estivera? No corredor, na sala, na cozinha, nos lugares normais que a pessoa visita quando é convidada para tomar um café. Possivelmente, no banheiro também.

— Aquele a que se tem acesso pelo quarto? — perguntou Salomonson.

— Estou percebendo aonde vocês querem chegar — disse Gross. — Para evitar qualquer mal-entendido: nunca coloquei os pés no quarto dela. Posso ter usado o banheiro que fica no corredor, e como nossos apartamentos são idênticos, não tive dificuldades para encontrá-lo. Portanto, se por acaso encontrarem minhas impressões digitais em algum lugar, as mesmas que arranjam sem justificativa legal, há uma explicação totalmente natural para isso.

Esse cara não é um idiota como outro qualquer, pensou Rogersson. Até o momento, nenhuma impressão digital de Gross havia sido encontrada na cena do crime, e se alguma fosse achada no futuro, teria um valor extremamente limitado, por conta do que ele acabara de dizer. Então, mudaram de assunto e perguntaram sobre a filha de sua vizinha, a vítima do assassinato.

— Eu raramente falava com ela — respondeu Gross. — Como poderia ter uma opinião sobre a garota? Parecia ser um pouco fechada, mimada e malcriada, assim como toda jovem da idade dela.

— Fechada, mimada e malcriada. O que quer dizer com isso? — quis saber Salomonson.

Nas poucas ocasiões em que se cruzaram, ela praticamente não o cumprimentara. Evitara fitar seus olhos e parecia fazer questão de

parecer desinteressada, na última vez que se recordava de ter de fato conversado com ela. E, nessa ocasião, sua mãe também estava presente.

\*

Só fizeram um intervalo para almoço às duas da tarde. O próprio Gross decidira adiar a pausa, presumivelmente para, acima de tudo, dificultar as coisas para eles. Enquanto Salomonson foi cuidar da comida, Rogersson seguiu para o banheiro. Ao sair de lá, Bäckström foi a primeira pessoa que encontrou.

— E então, como está indo com nosso molestador sexual polonês? — perguntou o superintendente.

— Precisei me aliviar — respondeu Rogersson. — Tenho a impressão de que ultimamente tenho passado metade do tempo lá dentro. Não aguento mais esses interrogatórios. As únicas ocasiões em que não preciso correr para o banheiro são quando estou tomando um monte de cervejas. Nessas horas nem me lembro de ir me aliviar. É tudo muito estranho.

— É mesmo — concordou Bäckström com um sorriso. — Só vou ao banheiro quando acordo e antes de ir para a cama. Duas vezes por dia, na verdade, independentemente de sentir vontade ou não.

— Respondendo à sua pergunta, está tudo indo conforme o esperado — disse Rogersson, ignorando o último comentário de Bäckström.

— Ele forneceu uma amostra do DNA? — perguntou Bäckström.

— Ainda não chegamos nesse ponto. Andamos ocupados ouvindo o cara reclamar como o tratamos mal. Se você quiser, posso lhe dizer como é que isso vai acabar.

— É mesmo? E como é que vai acabar?

— Vamos passar as próximas três horas ouvindo toda a lengalenga dele. Depois, Olsson vai aparecer e dizer que teremos que

ouvi-lo por mais seis horas. Então, o cara vai se recusar a dar uma amostra do DNA, e Olsson vai desistir porque não terá coragem de declará-lo oficialmente suspeito e de pedir ao promotor para mantê-lo em custódia, para que a gente possa extrair uma amostra sem sua permissão. Em seguida, Gross, Salomonson e eu iremos para casa, cada um para a sua.

— Bom, pelo menos você poderá beber algumas cervejas então — comentou Bäckström, solidariamente. — Quer dizer, assim não precisará ir ao banheiro.

— Claro. Gross não matou Linda, não viu nada, não ouviu nada, e não elaborou coisa alguma para si mesmo, então o que está fazendo aqui? Para resumir, este é só mais um dia de rotina desperdiçado na vida de um detetive. E você, o que está a fim de fazer?

— Estou indo para o hospício — respondeu Bäckström.



Como Bäckström não gostava de dirigir, arrumou um motorista. A pessoa que teve a honra foi o jovem Adolfsson. E a caminho da garagem, os dois deixaram as apresentações de lado.

— Pelo que entendi, foram você e seu parceiro que a encontraram? — indagou Bäckström.

— Isso mesmo, chefe.

— E então, como é que você acabou vindo parar na equipe de investigação? — perguntou Bäckström, embora já tivesse certeza de qual seria a resposta.

— Está faltando efetivo, por conta das férias e tudo o mais — respondeu Adolfsson.

— Falei com Enoksson — disse Bäckström. — Ao que parece ele gostaria de adotar você.

— Pois é, é provável que isso não esteja muito distante da verdade. Enok é um cara legal. Meu pai e ele costumam ir caçar juntos.

— Férias, falta de efetivo policial e Enoksson. Então as coisas funcionaram assim, independentemente da opinião do nosso estimado superintendente Olsson — resumiu Bäckström.

— Pois é. Em geral, é assim mesmo, chefe.

— Esta também não é a primeira vez — acrescentou Bäckström, se enfiando com dificuldade no banco do carona.

Que rapaz simpático. Eu era assim, quando tinha a idade dele, pensou.

— Posso fazer uma pergunta, chefe? — indagou educadamente Adolfsson, enquanto saíam da garagem.

— Vá em frente — respondeu Bäckström.

Que rapaz simpático e também bem-educado, pensou ele.

— Por que nosso hospício merece a honra de uma visita sua? — perguntou Adolfsson.

— Vamos dar uma olhada em um maluco em particular. E aproveitaremos a oportunidade para dar uma conferida em quem é responsável por ele. Se tivermos sorte, vamos encontrar dois malucos numa tarde só.

— O assassino de Tanja e o professor Brundin — concluiu o rapaz. — Se eu tiver permissão para conjecturar.

Um rapaz de talento, pensou Bäckström. O que mais se podia esperar dele?

— Exatamente. Você conhece um deles?

— Os dois — respondeu Adolfsson. — Brundin veio nos dar uma palestra uma vez. E o outro foi ferido por um detento no pátio, um ano atrás, e teve que ser levado para o hospital para que pudesse levar uns pontos. Meu parceiro Essen e eu escoltamos a transferência.

— E como eles são? Brundin e o assassino de Tanja?

— Os dois são bem pirados — respondeu Adolfsson enfaticamente.

— Quem é o mais doido? — perguntou Bäckström, olhando com curiosidade para seu mais novo jovem amigo.

— São duas categorias diferentes — respondeu o rapaz, encolhendo os ombros largos. — Eles são doidos de maneiras diferentes, se posso dizer assim. Você se importa se eu explicar?

— Manda ver — encorajou Bäckström.

— Se eu tivesse que dividir um quarto com algum deles, provavelmente preferiria que fosse com o assassino de Tanja. Sem dúvida.

\*

O hospital Sankt Sigfrid ficava a poucos quilômetros da delegacia, uma mistura de prédios antigos e outros mais modernos cercados por um parque bastante amplo que declinava até um lago. Era arejado e verde, com árvores frondosas e gramados bem-cuidados, apesar do verão seco. Acima de tudo, o lugar fazia Bäckström se lembrar do Grand Hotel, em Saltsjöbaden, na periferia de Estocolmo, onde a Divisão Federal geralmente fazia conferências e reunia os agentes. O escritório do professor Brundin ficava num antigo prédio do século XIX, que fora respeitosamente restaurado com pedras brancas. Não parece que nossos criminosos lunáticos estejam sofrendo muito por aqui, pensou Bäckström, quando ele e Adolfsson saíram do carro.

— Fico me perguntando quanto deve custar tudo isso — comentou Bäckström, assim que tocaram o interfone na entrada. — Os lunáticos têm as próprias quadras de tênis, campos de minigolfe e uma piscina foda. O que há de errado com um arame farpado básico?

— Verdade, neste país, nossos criminosos lunáticos têm tudo de que precisam — concordou o jovem Adolfsson.

Esse garoto vai longe, pensou Bäckström.

\*

O professor Robert Brundin lembrava um pouco Oscar Wilde quando jovem, embora, diferente do original, ele tivesse dentes perfeitos que adorava exibir quando sorria. Estava confortavelmente sentado numa imensa cadeira atrás da imensa mesa em seu imenso escritório, e parecia em perfeita harmonia tanto consigo mesmo quanto com o ambiente que o cercava.

Porra, ele parece muito com aquela bichona inglesa que escreveu algumas besteiras e foi parar na cadeia, pensou Bäckström, temporariamente incapaz de se lembrar do nome do filme que tinha esse protagonista. O que não surpreende em nada, pensou. Era uma merda de filme e sequer tinha cenas decentes de viadagem, embora o suplemento de televisão no jornal dissesse que se tratava de um filme gay.

— Então, a polícia está preocupada, achando que posso ter deixado meu pequeno Leo solto pelas ruas e praças da cidade? — perguntou o professor, expondo todos os seus dentes brancos.

— Pois é, infelizmente isso já aconteceu — explicou Bäckström.

— Não aqui. Não comigo — afirmou Brundin. — Se quiserem, posso muito bem explicar por quê.

— Estamos ouvindo — disse Bäckström.

O jovem Adolfsson já sacara seu caderninho preto e a caneta.

Leo, Leszek Baranski, de trinta e nove anos, era um sujeito extremamente perigoso, a joia mais valiosa em meio à notável coleção de indivíduos perigosos do professor Brundin. Leo o inspirara a escrever inúmeros artigos para revistas acadêmicas de psiquiatria, além de ter sido o personagem principal de diversas palestras do professor.

— Um exemplo único de sádico sexual com fantasias bastante desenvolvidas — declarou Brundin com satisfação. — Toda semana, temos várias discussões sobre o assunto, ele e eu, e eu nunca tinha visto nada parecido. De maneira geral, ele é muito inteligente. Seu QI é superior a cento e quarenta, o bastante para que ele possa ingressar no programa de treinamento para astronautas da NASA, por exemplo. Mas no que diz respeito a atormentar jovens mulheres para sua própria satisfação sexual, ele é um gênio absoluto. Quando se trata de descobrir novas maneiras de exprimir o sadismo sexual, a criatividade dele não tem limites.

— Então, você não está planejando deixá-lo sair — disse Bäckström.

Parece um cara encantador, pensou ele, sem saber ao certo se estava se referindo a Leo ou ao médico.

Brundin não estava planejando deixá-lo sair. Essa ideia nunca lhe ocorrera. Porém, seu superior, um colega mais velho que era — reconhecidamente — “uma pessoa decente, mas, lamento dizer, extremamente influenciável de maneira desfavorável pelo liberalismo de sua geração e, em geral, letárgico em suas atitudes e que ocasionalmente demonstrava claros sinais de uma personalidade refratária”, havia sugerido várias medidas que, por fim, poderiam, em sua opinião, facilitar a reabilitação de Leo para uma vida no lado de fora do aquário onde estava sendo mantido.

— Tais como? — indagou Bäckström. Por que não ferver o desgraçado até transformá-lo numa pasta viscosa?

— Castração voluntária — respondeu Brundin, com um largo sorriso. — Meu chefe sugeriu que, se Baranski concordasse em ser castrado, então, durante um longo período de tempo, ele poderia gradualmente dar passeios sob vigilância.

— Castração? — perguntou Bäckström. — Vocês ainda fazem isso?

Porra, pensou ele, cruzando as pernas inconscientemente.

— Voluntária, é claro. Voluntária — insistiu Brundin, encostando-se confortavelmente em sua cadeira e formando um campanário com os dedos das mãos.

— E então, o que ele achou disso? — perguntou Bäckström.

Claro que devia haver alguns limites, não é mesmo? Ferver o cara até transformá-lo numa pasta viscosa, comparativamente, parecia um ato de clemência.

— Não se pode dizer que ele tenha ficado entusiasmado. Afinal de contas, isso extinguiria por completo seu considerável ímpeto sexual. Em geral, ele se masturba entre cinco e dez vezes por dia. E pacientes assim costumam sofrer um ganho de peso dramático, em particular quando ficam em locais como este aqui. É óbvio que ele está com medo de perder seus instintos e sua aparência, porque é

um homem muito vaidoso. Quanto a mim, fui firmemente, e até poderia dizer categoricamente, contra essa ideia de castração.

— Por quê? — questionou Bäckström.

Porque o desgraçado provavelmente se parece com você, pensou ele.

— É óbvio que extinguir seus desejos sexuais também afetaria suas fantasias sexuais. No pior dos casos, seria excluído das pesquisas psiquiátricas — respondeu Brundin, sem sequer a sombra de um sorriso.

— Entendo — disse Bäckström, que dessa vez não sabia o que pensar.

— Suponho que gostariam de vê-lo — propôs o professor.

— Por que não? — retrucou Bäckström.

Pelo menos lhe renderia assunto para conversar com o pessoal no trabalho, pensou ele.

Adolfsson se contentou em assentir com a cabeça, com um lampejo de expectativa e juventude em seus olhos profundamente azuis.

— Ele está isolado desde ontem à tarde — explicou Brundin. — Tivemos que sedá-lo e colocá-lo numa camisa de força, então acho que vocês não vão poder conversar com ele. O mais provável é que ele tenha escutado algum dos funcionários comentando sobre o assassinato de Linda, o que o deixou tremendamente excitado.

\*

Leszek "Leo" Baranski parecia tudo, menos excitado, muito embora lembrasse uma ilustração de uma das fantasias que costumavam ocupar sua cabeça, possivelmente até mesmo naquele instante, parecendo imerso num sono profundo. Ele estava deitado num quarto de dez metros quadrados, no corredor de segurança máxima das celas de isolamento. O único móvel ali dentro era uma cama de

ferro aparafusada ao chão. Leo estava deitado nela, imóvel, a cabeça virada para o lado direito. Um homem baixo e magro, de cabelo escuro cacheado e traços faciais delicados, quase femininos. Só estava usando um short fornecido pelo hospital, estampado com o logotipo do Sankt Sigfrid. Seus braços estavam amarrados nas laterais da cama por espessas tiras de couro. Suas pernas eram mantidas esticadas, afastadas uma da outra, e os tornozelos também tinham sido presos por tiras de couro fixadas na extremidade da cama.

— Normalmente, ele leva cerca de seis horas para recobrar a consciência — disse Brundin. — Em geral, começamos soltando seu braço direito, assim ele pode aliviar o pior de sua fúria.

Ele sorriu.

— Parece bem prático — comentou Bäckström.

Enquanto você e seus colegas ficam assistindo pela vidraça, pensou ele.

Quando saíram, o professor Brundin desejou-lhes sorte na investigação e disse que esperava reencontrá-los em outra ocasião. Ele acabara de começar a esboçar um futuro projeto de pesquisa sobre um grupo recente e muito interessante de rapazes de origem estrangeira que cometeram crimes sexuais porque eles mesmos tinham sofrido abusos semelhantes na infância ou na adolescência. Jovens desorientados e severamente perturbados, é claro, mas ainda assim capazes de manter algum controle, e que não deveriam ser confundidos com casos como o de Leo.

— Estou ansioso para saber quem é o assassino de Linda. Ainda mais por ele pertencer a uma categoria de criminosos totalmente diferente da qual Leo faz parte — disse Brundin, dando um sorriso cordial para eles.

— Quem não está ansioso para conhecê-lo? — replicou Bäckström com franqueza.

— Você se importa se eu fizer um comentário pessoal, chefe? — indagou Adolfsson, enquanto saíam de carro pelo portão do hospital.

— Manda ver — disse Bäckström.

— Esse tal de Brundin parece um cara estranho. O homem certo no trabalho certo, eu diria.

Você vai muito longe, rapaz, pensou Bäckström, se contentando em responder com um grunhido de anuência.



Quando voltaram para a delegacia, Bäckström pediu ao jovem Adolfsson para redigir um relatório da visita ao Sankt Sigfrid, enquanto ele fazia uma triagem na pilha de papéis que havia se acumulado em sua mesa. Nada muito interessante, e ninguém ali parecia precisar levar uma bronca para fazer seu trabalho. Já passava da hora de voltar ao hotel e tomar uma cerveja, concluiu Bäckström, após dar uma olhada rápida no relógio. Mas, é claro, seu celular tinha que tocar naquele momento. Era o prolixo colega do SAACV, querendo saber como havia sido o encontro com Leo.

— Nós estivemos com os dois, ele e Brundin — disse Bäckström.

— E Brundin é o responsável por tomar conta dele?

— Sim — respondeu Bäckström, olhando o relógio de novo. — Aliás, ele mandou lembranças.

— Nesse caso, não há com o que se preocupar — garantiu-lhe o colega. — Brundin é a única pessoa na nossa profissão que é completamente normal. E o Leo, como estava?

— Ótimo. Parecia estar se divertindo bastante. Ele mandou lembranças também — disse Bäckström, encerrando a conversa.

Ao sair, passou pela sala de Rogersson para ver se ele já havia terminado o expediente, mas a luz vermelha da sala de interrogatório ainda estava acesa. Seis horas, mais seis horas, pensou Bäckström. Ora, ele poderia chamar um táxi. Quem teria forças para caminhar com um calor daquele? Ele pegou o celular do bolso outra vez, mas, antes que tivesse tempo de fazer uma ligação,

a terapeuta que dava apoio psicológico à equipe de investigação surgiu de repente, quase esbarrando nele, embora fosse muito magra e apenas um pouco mais alta que um taco de golfe.

— Fico contente em encontrar você, superintendente — falou, com um sorriso acolhedor e inclinando a cabeça para o lado. — Pode me dar alguns minutos?

— O que posso fazer por você, Lo? — perguntou Bäckström, retribuindo com um sorriso igualmente acolhedor.

Talvez seja melhor lidar com essa vaca enquanto estou no embalo, pensou ele.

Ao voltarem à sala, Lo levou alguns minutos para dizer o que queria. Mas, como Bäckström já sabia exatamente como lidar com a situação, foi um verdadeiro prazer observá-la colocar o pescoço esquelético na corda que ele preparara. Bäckström se recostou confortavelmente na poltrona que Lo mantinha ali para as visitas, cruzou as mãos sobre a barriga proeminente e assentiu com a cabeça, encorajando-a a falar.

— Você é praticamente a única pessoa com quem ainda não conversei, superintendente — começou ela.

— Pois é, Lo, mas como você deve imaginar, tive um monte de coisas para fazer — disse Bäckström, com uma expressão solícita.

Tantas coisas que não tive tempo para sentar aqui e jogar conversa fora com uma vaca irritante como você, pensou ele.

— Posso imaginar, sim — concordou ela, inclinando um pouco mais a cabeça e dando um sorriso quase vertical.

— Bom saber — disse Bäckström calmamente, tentando fazer o gesto contemplativo com a cabeça que ele costumava guardar para aquele tipo de situação.

Na opinião de Lilian Olsson, graças à longa experiência como investigador criminal da Divisão Federal de Investigações Criminais, Bäckström devia ter enfrentado mais desgraças do que qualquer outro policial da equipe.

— Como você consegue lidar com tudo isso? — perguntou ela. — Deve carregar nas costas algumas experiências horríveis.

— Como assim?

Nunca ceda um milímetro sequer, senão você está fodido, pensou Bäckström.

E todas as coisas horríveis que vira ao longo de seu tempo de serviço? Vários policiais, para não dizer muitos, ou quase todos, acabavam esgotados por causa do estresse do trabalho. Eles seguem até seu limite, depois se arrastam para o próximo turno graças ao excesso de álcool e sexo.

— E essa é provavelmente a pior maneira de tentar lidar com problemas psicológicos — disse Lo.

Mas é divertido pra cacete, pensou Bäckström, assentindo com um gesto de cabeça.

— É trágico — respondeu ele, dando de ombros com uma expressão de desgosto. — Trágico — repetiu.

Talvez eu devesse lhe dar uma dica sobre o que está rolando entre Lewin e a jovem Svanström, pensou ele.

— Tenho visto casos de alguns jovens policiais que desenvolveram distúrbios alimentares enquanto ainda estavam na Academia de Polícia — continuou Lo.

— Trágico — repetiu Bäckström. — Os jovens também? Terrível.

Ele respirou fundo. Levando em conta a comida que serviam lá, o maior mistério é como conseguiam comer alguma coisa.

Na opinião resolvida de Lo, com base nos vários anos em que trabalhara como psicóloga junto à polícia, o problema estava oculto na própria cultura policial, no espírito de “machismo, negação, silêncio e padrões de comportamento destrutivos, todos agindo em conjunto”, algo que por muito tempo governara o ambiente de trabalho dentro da instituição e afetara as pessoas que eram obrigadas a trabalhar ali. Até mesmo Lo era capaz de sentir aquilo invadir seu corpo, vindo do chão, das paredes e do teto, a cada vez que colocava o pé dentro de uma delegacia.

— Como você lida com todas essas experiências traumáticas, Bäckström? — perguntou outra vez, encorajando-o com um gesto de cabeça.

— Com a ajuda de nosso Senhor — respondeu ele, erguendo o rosto com uma expressão devota em direção ao teto.

Toma essa, vadia, pensou ele.

Lo sorriu, hesitante.

— Sinto muito, acho que não entendi — retrucou ela.

— Nosso Senhor — repetiu Bäckström com um tom de voz acolhedor. — Nosso Senhor Todo-poderoso, que governa o céu e a terra, e também é meu guia e minha salvação durante a vida terrena.

Era assim que devia ser a expressão de alguém pouco antes de se espantar, considerou ele.

— Eu não sabia que você era tão religioso, Bäckström — disse Lo, olhando-o desamparada.

— Não é o tipo de coisa que a gente sai por aí contando para todo mundo — explicou ele, lançando-lhe um olhar de repreensão e balançando a cabeça. — É algo entre mim e o Senhor.

— Entendo perfeitamente, mas não são as únicas possibilidades, é claro. Você nunca pensou em altern... quer dizer, tentar outros meios de alcançar a paz em sua mente?

— Tipo quais? — perguntou Bäckström de um modo sombrio, encarando-a com severidade policial.

Hora de pressionar, pensou ele.

— Bem, diferentes formas de terapia, como o *debriefing* psicológico, que, na verdade, já é uma terapia em si — respondeu Lo, com um sorriso forçado. — Minhas portas estão sempre abertas, e eu recebo muita gente religiosa...

— Não terás outros deuses diante de mim! — bradou Bäckström, apontando para ela com a mão estendida, enquanto se erguia da poltrona. — Esse é o tipo de arrogância que você e seus colegas demonstram, quando tentam se colocar no lugar do nosso Senhor.

Vocês têm consciência de que estão desrespeitando o primeiro mandamento?

Ou o segundo, pensou ele. Bem, foda-se.

— Eu realmente não tinha a intenção de irritá-lo...

— Os feitos dos homens são meros fragmentos — interrompeu Bäckström. — Eclesiastes doze, quatorze — continuou ele, encarando-a.

Um tiro no escuro, pensou ele, uma aposta em Småland, mas ela não parecia do tipo que frequentava a igreja.

— Bem, realmente sinto muito se irritei você — disse Lo com um leve sorriso.

— Minhas portas estão sempre abertas — respondeu Bäckström, abrindo a porta da sala dela, como se quisesse enfatizar as próprias palavras. — Pense bem numa coisa, Lilian — disse ele, em tom bajulador. — Nós, seres humanos... somos apenas uns tolos... na visão de nosso Senhor.

Ele fechou delicadamente a porta ao sair. Agora vou me trancar no banheiro e rir até provocar uma hérnia, pensou.

Assim que chegou ao quarto de hotel, ele se serviu de um copo de cerveja gelada. Deve haver algo errado com as pessoas que bebem direto da lata. Não valem mais do que macacos, pensou Bäckström, tomando longos goles com voracidade e lambendo a espuma do lábio superior. Depois, ele se jogou na cama, ligou a televisão e verificou os recados que tinham sido deixados para ele na recepção do hotel. Havia muitos, a maioria de Carin, a repórter da rádio local. Em um dos recados, recebido poucas horas antes, ela chegara a jurar que “não vamos falar sobre trabalho”, e, para mostrar que não estava mentindo, deixara o número do telefone de casa. “Posso convidar você para comer alguma coisa num lugarzinho discreto?” Uma mulher no sufoco, pensou Bäckström, enquanto pegava o telefone na mesa de cabeceira. Ela parece totalmente desesperada.

\*

O “lugarzinho discreto” ficava no terraço de um pequeno hotel, com vista para o lago Småland. O local se situava razoavelmente longe do centro da cidade, mas como seu chefe pagaria o táxi, isso não importava. Nenhum outro maldito jornalista por perto, de acordo com meu radar de detetive, pensou ele, puxando a cadeira para ela.

— Enfim sós, não é mesmo, superintendente? — começou Carin, toda sorridente. — O que você gostaria de comer? Por minha conta.

— De maneira alguma.

No táxi, Bäckström já havia decidido conceder algumas horas extras a si mesmo, simulando um encontro com algum informante secreto, e para isso obviamente precisaria do recibo para comprovar a reunião.

— Quero alguma coisa deliciosa — disse ele, observando as pernas e os braços bronzeados de Carin.

Ela usava um vestido leve de verão, e devia ter se esquecido de fechar os três botões da parte de cima. Talvez esteja fácil demais, considerou ele.

\*

Muito agradável, pensou Bäckström, ao deixá-la três horas mais tarde. Ele se esquivara de todas as tentativas de Carin de lhe fazer falar sobre o caso Linda. Para manter a conversa fluindo e falar um pouco de si próprio com naturalidade, ele lançara mão dos clássicos assuntos policiais, e concluíra com uma grande promessa de futuro.

— Mesmo assim, você pode imaginar como me sinto — dissera ela com um suspiro, os dedos percorrendo a borda da taça de vinho. — Estamos aqui, e todas as notícias continuam vindo dos jornais de Estocolmo. É assim que se consegue descobrir o que está

acontecendo. E, no entanto, esse assassinato é nosso. Quer dizer, a moça que foi assassinada vivia aqui. Era uma de nós.

— A maior parte do que publicam é bobagem, se isso servir de consolo — argumentara Bäckström.

Ah, como sou generoso com essas pobres almas, pensara ele.

— Sério? — indagara ela, com um lampejo de esperança nos olhos.

— Bem, vamos fazer assim — dissera Bäckström, inclinando-se para a frente e tocando o braço dela de forma casual. — Quando eu pegar o desgraçado e estiver convencido de que realmente é ele, prometo que você vai saber antes de todo mundo. Só você. Mais ninguém.

— Promete? De verdade? — insistira ela, olhando-o fixamente.

— Prometo — mentira ele, deixando a mão no braço de Carin. — Só você, mais ninguém.

Aquilo estava ficando fácil demais.

Assim que chegou de volta ao hotel, ele seguiu direto para o bar. Tinha bebido somente três cervejas durante o encontro e estava com tanta sede que se sentia como um camelo que acabara de completar a peregrinação de Jerusalém a Meca. Embora houvesse várias mesas livres, Rogersson estava sentado no fundo do bar com um copo cheio à sua frente, e parecia mais infeliz do que de costume. Os cerca de vinte jornalistas e fregueses presentes tinham escolhido, por algum motivo, sentar-se o mais longe possível dele.

— Eu disse que quebraria a cara do primeiro abutre que tentasse se aproximar, então está tudo bem — explicou ele. — O que você quer beber? Essa rodada é minha.

— Uma cerveja bem grande — respondeu Bäckström, acenando para o garçom, que, por algum motivo, parecia relutante.

Rogge, você é sempre tão diplomático, pensou ele.

— Então, por onde você andou? — perguntou Rogersson, após Bäckström ser servido e ter conseguido aliviar a sede.

— Tive uma longa conversa com a nossa terapeuta para situações críticas — respondeu ele com um sorriso. — Depois precisei ir ao banheiro. Pela terceira vez hoje.

— E eu achava que você era uma pessoa normal. Porra, para que você foi conversar com alguém como ela?

Rogersson suspirou, balançando a cabeça.

— Apenas me escute — disse Bäckström, inclinando-se sobre a mesa para contar toda a história a Rogersson, que pareceu razoavelmente mais animado após o relato.

Eles permaneceram ali, bebendo rodadas de cerveja e doses de bebidas alcóolicas cada vez mais fortes. Bäckström instruiu o garçom a colocar tudo na conta dos quartos, que, com todo o restante, seria paga pelo chefe.

Quando chegou a hora de subirem para dormir um pouco, o bar estava praticamente vazio. Rogersson sentia-se consideravelmente mais feliz, e chegara a dar boa-noite aos poucos jornalistas que ainda estavam por ali, com a óbvia intenção de beber até cair.

— Voltem para casa, seus babacas — disse ele.



*Växjö, terça-feira, 8 de julho*

Evidentemente, nem todos os jornalistas haviam seguido o conselho de Rogersson na noite anterior, porque, durante o café da manhã, Bäckström e seus colegas puderam desfrutar do último furo do principal jornal vespertino. ELE TENTOU MATAR A VIZINHA DE LINDA, bradava a manchete, referindo-se à matéria de três páginas, nas páginas seis, sete e oito: *"O policial assassino também tentou me matar."* *Margareta, vizinha de Linda, conta sua história.*

— Mas que porra é essa? — exclamou Bäckström para Rogersson. O homem permanecia em silêncio enquanto os conduzia de carro pelos quatrocentos metros que separavam o hotel da delegacia. — *Às três da madrugada, fui acordada por alguém tentando invadir meu apartamento* — leu ele em voz alta. — *Mas meus dois cachorros começaram a latir furiosamente e a pessoa fugiu. Ouvi quando ele desceu correndo a escada.* Mas que porra é essa? — repetiu Bäckström. — Por que ela não mencionou isso antes? Nós a interrogamos pelo menos duas vezes, não foi?

— Ela foi interrogada três vezes — respondeu Rogersson. — Li as três transcrições. Para começar, ela falou com a primeira viatura policial que chegou lá. Depois, nossos colegas da divisão criminal local realizaram um longo interrogatório, e a proibiram de revelar os detalhes do depoimento. E, então, pela terceira vez, quando foram realizados interrogatórios de porta em porta.

— E nem sequer uma palavra sobre o cara ter tentado arrombar o apartamento dela?

— Nem um pio.

— Vá até lá e a interrogue outra vez — ordenou Bäckström. — Imediatamente. Leve o jovem Salomonson com você.

— Certo — concordou Rogersson.

Talvez essa seja simplesmente a verdade, pensou ele. Será que o mesmo maluco bateu à porta de Linda e ela foi tão estúpida a ponto de deixá-lo entrar?

\*

A reunião matinal foi bem entediante, apesar de ter sido conduzida por Bäckström. A maioria deles parecia ansiar pelo relatório da polícia científica sobre o que ocorrera no local do crime, particularmente o muitíssimo esperado relatório do Laboratório Central da Polícia com o perfil do DNA do assassino. A maior parte da reunião foi dedicada à discussão do que todos haviam lido nos jornais pela manhã, o que aborreceu Bäckström tão profundamente que ele preferiu não revelar o motivo: a mídia havia tomado a dianteira na sua investigação de homicídio.

Como tantas vezes antes, as opiniões se dividiram.

— Acho que ela pode apenas não ter tido coragem de nos contar, quando a interrogamos. Estava com medo — disse o primeiro a se manifestar.

— Outra possibilidade é que ela tenha inventado tudo isso para parecer mais importante, ou então os jornalistas colocaram palavras na boca dela — falou o seguinte.

— Talvez a verdade esteja no meio-termo — opinou um terceiro. — Os cachorros dela começaram a latir no meio da noite, mas não necessariamente porque alguém estava tentando entrar no

apartamento. Talvez tenha sido por causa de um carro passando, ou alguém bêbado gritando na rua.

A reunião prosseguira nesse tom, até Bäckström se levantar, erguendo a mão para interromper a discussão.

— Isso vai acabar se resolvendo — disse ele. Então se virou para Enoksson, que ainda não havia dito nada. — Você acha que vale a pena mandar seus homens procurarem impressões digitais na porta do apartamento dela?

— Eles já estão a caminho — respondeu Enoksson.

Até que enfim, pensou Bäckström. Um policial decente.

Após a reunião, Bäckström chamou reservadamente a policial Sandberg, para apaziguar seu cansaço e saber em que ponto se encontrava o processo de esboçar os perfis das pessoas que tinham ligação com a vítima.

— Como vão as coisas, Anna? Estamos começando a ter alguma ideia de quem se encontrava na boate na quinta-feira?

Segundo Sandberg, estavam falando de um total aproximado de duzentas pessoas, levando em conta tanto as que estavam dentro da boate quando Linda apareceu, logo depois das onze horas, como as que chegaram mais tarde naquela noite, enquanto ela ainda estava lá. Dessas, cerca de uma centena já havia sido interrogada. A maioria tinha entrado em contato voluntariamente, depois que a equipe de investigação apareceu na mídia local fazendo um apelo para que procurassem a polícia. O grupo incluía seis colegas de Linda da Academia de Polícia, o amigo que era um funcionário terceirizado e também trabalhava na delegacia, e quatro outros policiais, incluindo a própria Anna Sandberg.

— E você não suspeita de nenhum de nossos colegas ou dos estudantes da academia? — indagou Bäckström, animado.

— Não — respondeu Anna, parecendo menos entusiasmada com o assunto. — Pelo menos não com o que consegui descobrir até agora.

— E quanto aos outros? Havia baderneiros entre eles? E aqueles que não entraram em contato conosco? O que sabemos sobre eles?

Porra, as mulheres não têm senso de humor?, pensou ele.

Não havia nada fora do comum, segundo Anna. Alguns arruaceiros locais, mas qualquer coisa além disso teria chamado a atenção, considerando a hora e o local. Tinham conseguido falar com vários deles, e todos se mostraram igualmente chocados com o assassinato de Linda.

— Então há pelo menos cinquenta pessoas sobre as quais não sabemos nada?

Ela se parece com aquela jovem detetive Anna Blomkvist, dos livros de Astrid Lindgren, pensou Bäckström.

— Sim — respondeu Anna. — No máximo, se considerarmos só os homens. Mas não acho que cheguem a tanto.

— E como você vai fazer para entrar em contato com eles?

Segundo Anna, isso deveria levar algum tempo. Em parte, por estarem no meio das férias, e também porque vários deles simplesmente não queriam admitir que estavam na boate, mesmo sem terem visto ou falado com a vítima. Além disso, a policial Sandberg tinha uma opinião, e se perguntava se deveria mencioná-la.

— Passei muito tempo pensando nisso e, para ser sincera, eu me pergunto se vale a pena todo esse trabalho.

— Por que não valeria? — questionou Bäckström.

Então ela também é preguiçosa, pensou ele.

Havia diversas razões, na opinião de Anna. Tudo isso envolvia bastante trabalho, e não importava o quanto se esforçassem, nunca iam conseguir encontrar todos que estavam na boate.

— Alguma outra razão? — perguntou Bäckström.

Ai, ai, pensou ele.

— A questão é realmente tão relevante? — prosseguiu Anna. — Nada indica que alguém que estava na boate a acompanhou até em casa, ou que a seguiu. Nem mesmo que ela tenha ido encontrar

alguém que conheceu lá. Se o que a vizinha disse nos jornais for verdade, ao que parece ela foi apenas atacada por um maníaco, não é? Acho que isso é o mais provável.

— Mas, na verdade, não temos certeza disso — retrucou Bäckström. — Você não tem, eu não tenho — acrescentou ele.

Você muito menos, pensou.

— Então, seguimos adiante? — indagou Anna.

— Exatamente. Quero que todos que estavam na boate sejam identificados e interrogados, e se acontecer de acharmos o assassino de algum outro modo nesse meio-tempo, então paramos. Não sou tão estúpido assim.

— Entendido — disse Anna, com um tom áspero.

— Mais uma coisa, você disse que eu podia dar uma olhada na agenda dela.

— Claro. Embora eu ache que também não há nada relevante nela. Pelo menos, nada que eu tenha visto.

— A polícia científica já terminou de examiná-la? — perguntou ele.

O que você quer dizer com “também não”?, pensou Bäckström.

— Já. Só encontraram as impressões digitais de Linda. De mais ninguém.

— Ainda bem — disse ele, sério.

— Como assim? — indagou Anna, hesitante.

— Não vou precisar usar aquelas drogas de luvas de plástico.

— Não, não vai — respondeu ela, em tom seco. — Acabou? É só isso?

— Só — respondeu Bäckström, dando de ombros.

Porra, pensou ele, como uma mulher com uns peitos como esses pode ser tão desprezível?

Um verão extraordinário. O mais extraordinário de todos, desde que se tem notícia, e também na memória comum, supondo se tratar de pessoas velhas o bastante para isso, é claro. Começara no início de maio, dias e dias de calor extremo e novos recordes de temperatura sendo alcançados em todo o país de forma razoavelmente uniforme.

E na terça-feira, dia 8 de julho, foi a vez de mais um recorde nacional. O recorde sueco anterior havia sido registrado, na verdade, em Småland, quase sessenta anos antes. Em 29 de junho de 1947, os termômetros atingiram 38 graus em Målilla, e se Deus fosse mesmo responsável pelas condições climáticas, então certamente devia estar ocupado consigo mesmo. Que outra explicação poderia haver para que, às três da tarde na terça-feira do dia 8 de julho, a religiosa aldeia de Väckelsång, logo ao sul de Växjö, registrasse uma temperatura de 38,3 graus Celsius? Na sombra, naturalmente.

Em Växjö, o clima estava relativamente fresco. Quando Jan Lewin e Eva Svanström saíram da delegacia, pouco depois de uma hora, para um almoço tardio no centro da cidade, a Oxtorget tremulava com as ondas de calor, muito embora fizesse apenas 32 graus do lado de fora. Lewin passara a maior parte do tempo, desde que acordara, dentro do escritório com ar-condicionado da delegacia, portanto, estava totalmente despreparado para aquilo.

— Talvez fosse melhor ficarmos lá dentro — sugeriu ele para Eva Svanström, com um sorriso hesitante.

Mas o que está acontecendo?, ele se perguntou. Em pleno verão na Suécia?

— Acho ótimo — respondeu Eva, sorrindo e balançando os braços em um gesto nada sueco. — Vamos, Janne. Vamos sair. Prometo deixar você sentar à sombra.

O noticiário da noite anterior e o daquela manhã tinham focado principalmente no clima, e a imprensa local havia demonstrado seu orgulho. O lugar mais quente da Suécia, graças a Deus, ainda era Småland. O jornal *Barometern*, de Kalmar, chegara a considerar apropriado declarar Småland a Riviera do norte da Europa, embora o *Småland Post* se mostrasse, como era de costume, mais contido: afinal de contas, todo habitante sensato de Småland conhecia o castigo para o orgulho vão.

Exatamente como ocorrera nos grandes jornais, vários especialistas foram convocados para dar opiniões, tanto aqueles que advertiam sobre o efeito estufa quanto aqueles que o descartavam, referindo-se a variações históricas da temperatura em longos períodos, tais como o fato de terem existido parreiras em Norrland durante a Idade do Bronze. E, é claro, não faltavam conselhos médicos. As pessoas deviam ficar à sombra, evitar esforços físicos desnecessários, ingerir muito líquido e proteger a cabeça com bonés ou chapéus. Isso era importante principalmente para os idosos e as crianças pequenas, e também para pessoas com pressão alta ou problemas cardíacos. E, obviamente, cães e crianças não deveriam ser mantidos dentro de carros trancados, nem mesmo por um curto período, sob nenhuma circunstância.

Os jornais vespertinos seguiram sua tradição habitual. Após cumprirem seus deveres e darem conta dos detalhes meteorológicos, eles haviam se concentrado nos aspectos realmente importantes, tais como a ligação entre o calor insuportável e o aumento dos crimes violentos — sem esquecer de mencionar o assassinato de Linda, é claro.

Um dos especialistas, consultado pelo maior jornal vespertino, detalhara a conexão entre o surgimento de serial killers e a temperatura no momento em que os crimes foram cometidos. Segundo sua pesquisa, a probabilidade de múltiplos assassinatos aumentava junto com a temperatura. Os meses de verão eram bem mais críticos que os de inverno, fosse você um esquimó ou um africano. E não era coincidência que a maioria dos serial killers nos Estados Unidos, por exemplo, preferisse agir nos estados do sul, como a Califórnia ou a Flórida, do que nos estados do meio-oeste ou do norte. A conclusão do especialista: o calor desencadeia a violência, particularmente em criminosos com doenças mentais, instáveis ou fragilizados.



A vida continua. Primeiro, tenho que discutir com aquela piranha desgraçada antes do almoço; em seguida, tenho que almoçar com dois grandes idiotas, porque Rogersson está obviamente conversando com a outra piranha, pensou Bäckström. E, como se isso já não fosse o bastante, estão servindo um prato de massa empapada com um molho de peixe horrível no almoço. O que há de errado com ensopado de carne com beterraba? Pelo amor de Deus, esse quinto dos infernos campestre ficava perto de Skåne, e a comida lá era boa.

Knutsson e Thorén pareciam mais animados, principalmente Knutsson, pois resolvera verificar a lista de assaltos antes mesmo de a vizinha se manifestar, contando sua história para o jornal.

— Muito perspicaz da sua parte, Erik — disse Thorén com admiração. — Quando li o que ela disse, fiquei convencido de que era verdade. Acho que você está na direção certa.

— Não me diga... — resmungou Bäckström.

Bando de idiotas, pensou ele.

Segundo Thorén, a coisa era simples.

— Comportamento típico de assaltantes. Primeiro, sobem até o último andar do prédio, onde há menos chances de alguém que more nos andares inferiores descobrir o assalto.

Porque às três da manhã, no meio das férias, esse risco é muito relevante mesmo, pensou Bäckström, assentindo e o encorajando.

— E aí ele provavelmente tentou tocar a campainha para ver se havia alguém em casa, e então os cães começaram a latir — prosseguiu Thorén.

— Ou então ele olhou pela abertura da caixa de correspondência — acrescentou Knutsson, prestativo.

— E depois ele foi embora. Assaltantes detestam cachorros — explicou Thorén.

E eu posso garantir que você nunca trabalhou num esquadrão antinarcóticos, pensou Bäckström, assentindo com um gesto de cabeça.

— E qual era o problema com o apartamento de baixo? Não havia ninguém lá? — perguntou ele.

— Perto demais, considerando que havia acabado de acordar o vizinho de cima — respondeu Knutsson, com segurança.

— E o andar seguinte? — perguntou Bäckström.

— O polonês estava em casa — respondeu Thorén. — Mas isso não quer dizer que o assaltante não tenha tentado a porta dele também.

— Ainda acho que ele foi direto para o térreo — disse Knutsson. — Para não se arriscar, entende?

— Então, é nessa hora que ele toca a campainha do apartamento de Linda? — indagou Bäckström.

Está ficando cada vez melhor.

— Exato — concordou Knutsson. — E depois olha pela abertura da caixa de correio e tudo o mais que os assaltantes costumam fazer. Esse é o modo como essas pessoas agem. Quer dizer, seu *modus operandi*.

— E Linda se levanta e abre a porta para ele? — sugeriu Bäckström.

— Exato! — exclamou Knutsson. — Ainda que possa parecer um pouco estranho. Mas é claro que ela pode simplesmente ter se esquecido de trancar a porta.

— Ela deve ter feito isso, pois não havia vestígios de arrombamento na porta — disse Thorén. — Ou ela abriu a porta ou se esqueceu de trancá-la.

— Espere um instante — interveio Bäckström, erguendo a mão para que se calassem. — Só para eu acompanhar o raciocínio de vocês, cavalheiros. Às três da manhã um típico assaltante chega ao prédio, um viciado com marcas de agulha nos braços, saliva escorrendo do canto da boca e por aí vai, e toca a campainha do apartamento de Linda para verificar se o tal Ericson, do nome na porta, está em casa, ou, de preferência, não está. Enquanto isso, os cachorros da vizinha do quarto andar começam a latir feito loucos. Então, nosso ladrão toca novamente a campainha, mais uma vez, e outra. Em seguida, dá uma olhada pela abertura da caixa de correio. E Linda, que deixou a boate e foi para casa dormir, e que, suponho, estava em treinamento para se tornar policial, vai até a porta, olha pelo olho mágico e o que ela vê? Um típico ladrão. Chapado. Nossa, é melhor deixar o cara entrar! Imediatamente. Tem bastante coisa para ele roubar aqui. Desde que ele prometa tirar os tênis e os deixar na sapateira ao lado da porta, assim ele não suja tudo. É isso?

Thorén e Knutsson não disseram nada. Bäckström se levantou, colocou a bandeja no carrinho, foi buscar um café com bastante leite e açúcar e seguiu para sua sala, xingando baixinho ao longo do trajeto.

\*

Quando Rogersson e o policial Salomonson, que o acompanhava, tocaram a campainha da vizinha de Linda, Margareta Eriksson, a mulher já estava ocupada. Ela convidara um repórter e um fotógrafo do segundo maior jornal vespertino, que perdera o furo de

reportagem, mas não desistira de obter um novo ângulo da notícia. Estavam tomando café na cozinha.

— Portanto, seria melhor se vocês pudessem voltar ainda hoje, só que mais tarde — explicou ela.

— Então talvez seja melhor se apresentar na delegacia, Sra. Eriksson — disse Rogersson, com uma voz monótona e uma expressão indiferente. — Podemos providenciar uma viatura para buscá-la. Apenas me diga quando.

Depois de ela analisar a situação, aquele momento pareceu ter se tornado apropriado, afinal de contas. Poucos minutos depois, a Sra. Eriksson estava sentada diante de Rogersson e Salomonson à mesma mesa da cozinha que os jornalistas haviam acabado de desocupar.

— Vocês gostariam de uma xícara de café? — perguntou a anfitriã. Parecia decidida a estabelecer limites e seguir em frente.

— Por favor, seria ótimo — respondeu Salomonson, antes que Rogersson tivesse tempo de recusar.

— Bem, entendo perfeitamente que vocês estejam se perguntando sobre o artigo que saiu no jornal — disse a Sra. Eriksson. Pelo seu olhar, não parecia estar se sentindo muito à vontade. — Quer dizer, o motivo de eu não ter falado nada, quando conversei com seus colegas.

Rogersson se contentou em assentir com a cabeça, enquanto Salomonson se concentrava em mexer o café na xícara.

— É claro que não se pode acreditar em tudo o que os jornais publicam — disse ela com um sorriso nervoso. — Com certeza não, pois, na verdade, eu não disse realmente tudo aquilo que noticiaram. O que falei foi que tinha acordado no meio da noite porque meus cachorros estavam latindo. Mas o restante, sobre tentarem arrombar a porta e que eu pude ouvir alguém descer correndo a escada... Nunca disse nada disso. Se algo assim tivesse acontecido, eu certamente teria chamado a polícia.

— Seus cachorros costumam latir quando alguém vem aqui, Sra. Eriksson? — perguntou Salomonson.

Ela respondeu que com certeza isso acontecia às vezes. Ocasionalmente, eles latiam mesmo quando os vizinhos chegavam em casa, especialmente se já estivesse tarde, ou, ainda, quando alguém fazia barulho na rua. “Esse polonês horrível”, que infelizmente era seu vizinho, chegara a reclamar disso na reunião dos moradores. Sem sucesso, segundo ela, que presidia essas assembleias. Mas, sem dúvida, Peppe às vezes se mostrava muito sensível.

— Ele tem um latido bem rouco — disse a Sra. Eriksson com orgulho. Ela afagava o enorme labrador, que repousava o focinho em seu colo. — E a pequena Pigge se junta ao irmão mais velho, para ajudá-lo.

— O que a senhora fez, quando os cães começaram a latir, Sra. Eriksson? — indagou Rogersson.

Devido ao fato de estar na cama, dormindo, e ter sido acordada pelos latidos, a mulher ficara deitada, à espreita. Depois, mandara os cachorros pararem de latir, e quando eles se acalmaram, ela supusera que não havia nada de errado.

— Se alguém estivesse do outro lado da porta, no patamar, obviamente eles teriam continuado a latir, mesmo se a pessoa não fizesse barulho algum — explicou a Sra. Eriksson.

— Então, os cães pararam de latir — prosseguiu Rogersson. — E o que a senhora fez em seguida?

Primeiro, ela havia se dirigido até o corredor e espiado pelo olho mágico, porém, não ouvira nem vira nada. Depois, voltara para a cama e tinha acabado adormecendo novamente. Isso foi tudo, e ela mais uma vez se desculpou por não ter se lembrado disso antes, quando falou com os policiais. Quanto aos motivos de os jornalistas terem escrito tudo aquilo, “sinceramente, não faço a menor ideia”.

Estava apenas querendo chamar a atenção, pensou Rogersson, mas não disse nada. E finalizou o interrogatório. Eles agradeceram o

café e foram embora. Rogersson não se dera nem o trabalho de falar sobre a obrigação de manter sigilo acerca do interrogatório. Todo policial respeitável sabia que era inútil.

Ao descerem a escada, encontraram dois peritos da polícia científica que estavam a caminho do apartamento da Sra. Eriksson para coletar impressões digitais da porta e de outros locais que lhes parecessem relevantes.

— Se vocês forem rápidos, vão ganhar uma xícara de café — comentou Salomonson, enquanto Rogersson se limitou a resmungar e assentir com a cabeça.

Como já estavam ali, eles tocaram a campainha do apartamento de Gross, a fim de lhe perguntar se ele vira alguém por ali na manhã de sexta-feira. Gross se recusou a abrir a porta. Pela abertura da caixa de correio, ele lhes disse para pararem de incomodá-lo.

— Tem alguns repórteres aqui. Tenho testemunhas no apartamento. Estou avisando — ameaçou Gross. — Me deixem em paz! Agora!

\*

— Pois é, foi mais ou menos isso — concluiu Rogersson. Ele olhou para Bäckström e suspirou.

— E o que você acha? — indagou ele.

— Acho que aquela bruaca acordou no meio da noite porque os cachorros começaram a latir — respondeu Rogersson. — Ela não sabe ao certo o horário. Imagino que aqueles cães latam o tempo inteiro. Quando nós tocamos a campainha, eles latiram feito loucos.

— E por que ela se levantou e foi espiar pelo olho mágico? — perguntou Bäckström. — Ela faz isso toda vez que os cachorros latem?

— Segundo ela, não — respondeu Rogersson. — Mas quer saber o que eu acho?

Bäckström assentiu.

— Foi no meio da noite, em pleno verão, ela leu as notícias sobre vários arrombamentos e ladrões à solta em todos os jornais, e praticamente todos os vizinhos viajaram de férias. Isso é o bastante para que tenha decidido dar uma olhada dessa vez.

— Mas, então, por que os cachorros latiram? — insistiu Bäckström.

— Não me pergunte sobre os cachorros. Fale com alguém da divisão de cães farejadores. Isso provavelmente vai animá-los. Os cachorros são a única coisa em que aqueles idiotas conseguem pensar.

— Por que os cachorros latiram? — repetiu Bäckström.

— A explicação mais simples é que começaram a latir porque ouviram Linda voltando para casa. Se a dona deles não estiver mentindo, esses cachorros têm uma puta audição. A gente se vê mais tarde no hotel — concluiu Rogersson antes de sair.

— Não se esqueça de me reabastecer — lembrou Bäckström. — Não precisa trazer nada para mim, basta repor todas as minhas latinhas que você tomou.

Antes de sair da delegacia, Bäckström ligou para Enoksson na polícia científica para saber sobre a perícia realizada na porta da Sra. Eriksson.

— Analisamos tudo com luz ultravioleta e coletamos impressões digitais — respondeu Enoksson. — A porta, a maçaneta, a caixa de correio, o batente da porta, as paredes, o corrimão da escada até seu andar. Já checamos o elevador, como você deve lembrar.

— E aí? — perguntou Bäckström.

— Nada — respondeu ele. — Apenas as impressões digitais dela. Provavelmente estava se sentindo sozinha e queria companhia. E talvez tenha exagerado, querendo parecer importante.

\*

Quando Bäckström voltou para seu quarto no hotel, viu que as roupas lavadas haviam sido entregues. As pilhas bem-dobradas ocupavam a maior parte das superfícies disponíveis no quarto. E tinham escrito “manutenção técnica” no recibo, como ele pedira. Em seguida, Rogersson apareceu com o engradado de cerveja tipo exportação que devia a Bäckström. Presente de Natal, pensou ele, esquecendo naquele exato momento de ligar para Carin e lhe dizer alguma coisa.

— Ainda tenho algumas geladas no frigobar — disse ele. — Vamos acabar com elas primeiro, antes de sair para comer alguma coisa.



*Växjö, quarta-feira, 9 de julho*

O dia começara singularmente promissor. O segundo maior jornal vespertino se recusava a fugir da briga. Estavam a fim de vingança e conseguiram exagerar a história de Marian Gross mais do que o editor-chefe do jornal esperava. Matéria de página dupla, com uma foto enorme do herói, o bibliotecário Marian Gross, trinta e nove anos, que combinava perfeitamente com a manchete: O HOMEM QUE AFUGENTOU O SERIAL KILLER. Como diabo o fotógrafo havia conseguido fazer isso?, se perguntou Bäckström. O safado até parece assustador. Devem ter tirado a foto de um plano inferior.

— Escutem isso — disse ele, começando a ler a matéria.

— Espere — interrompeu Thorén com arrogância. — Ele tem quarenta e seis, não trinta e nove anos, certo?

— Que importância tem isso? — retrucou Bäckström. — Apenas escutem. *Marian acordou no meio da noite porque alguém tentava arrombar seu apartamento. Ele correu até a porta e espiou pelo olho mágico, então viu um jovem de vinte e poucos anos tentando forçar a tranca de seu apartamento.*

— Qual delas? — perguntou Rogersson, mal-humorado. — Havia três trancas diferentes na porta, quando estive lá ontem.

— Não perca tempo com detalhes — instruiu Bäckström, continuando a leitura. — *Perguntei o que ele estava fazendo, conta Marian, mas antes que tivesse tempo de abrir a porta e agarrá-lo, ele desceu a escada correndo e desapareceu.*

— Ele dá alguma descrição do cara? — quis saber Knutsson.

— Uma excelente descrição, na verdade — disse Bäckström. — Embora o rosto do criminoso estivesse coberto pela aba de um boné de beisebol, nosso amigo polonês viu que ele tinha cabelos curtos, quase raspados, e uma aparência tipicamente sueca. Ou pelo menos como um hooligan ou alguém de extrema direita. Grande e forte. Com cerca de um metro e oitenta, vinte anos, usando uma jaqueta camuflada verde e marrom, além de calça preta de um tecido brilhoso e um par de botas de cano longo.

— Interessante — disse Lewin, bebendo um gole de café. Ao mesmo tempo, o dedão de seu pé direito roçava o tornozelo esquerdo e a perna bronzeada de Eva Svanström sob a mesa. — Quer dizer, a maneira como ele estava vestido, levando em consideração que fazia uns vinte graus lá fora.

— Há algo que não faz sentido — comentou Knutsson, hesitante. Balançou a cabeça.

— E o que é? — perguntou Bäckström, ansioso.

Largou na mesa o jornal que segurava e se inclinou na direção de Knutsson, para não perder sequer uma palavra.

— O criminoso teria realmente descido até o térreo e tocado a campainha de Linda? — refletiu Thorén, balançando a cabeça.

— Talvez já tivesse acabado com Linda — sugeriu Bäckström. — E achou que poderia voltar até o último andar do prédio.

— E então, por que não chamou a polícia? — acrescentou Knutsson, obsequioso. — Gross, quero dizer.

— Já perguntaram isso a ele, na verdade — disse Bäckström com um sorriso. — Assim como a maioria dos cidadãos deste país, Gross não põe muita fé na polícia.

— Graças a Deus — disse Thorén. — Considerando o tipo de cara que ele é.

— Não acredito em nada disso — falou Knutsson, balançando a cabeça com convicção. — Acho que ele inventou tudo. Embora

alguém possa ter tocado sua campainha, é claro. A mulher do andar de cima, por exemplo.

— Não acho que estamos avançando muito — interveio Rogersson com um suspiro. E se levantou da mesa. — Você quer que eu o interrogue novamente?

Ele encarava Bäckström.

— E o Papa é católico? E o superintendente Bäckström usa uniforme? — perguntou Bäckström, levantando-se também.

Na mesma manhã, a equipe de investigação finalmente recebeu o tão esperado relatório da polícia científica, e todos estavam presentes na reunião matinal. A tensão dominou a sala quando ouviram que os resultados eram conclusivos. Se conseguissem pegar a pessoa que deixara seu DNA no local do crime, a investigação do assassinato de Linda estaria, sem dúvida alguma, elucidada. Levando em consideração as provas, tudo era tão incontestável, que as alegações do assassino após ser preso seriam totalmente irrelevantes.

O DNA fora colhido de sete lugares diferentes. Do sêmen no sofá da sala de estar. De diversos fluidos corporais na cueca azul-escura, tamanho P, encontrada embaixo do mesmo sofá. Do sêmen na vagina e no reto da vítima. Do sêmen na parede do boxe, no banheiro. Do sangue, coletado do parapeito da janela. E, finalmente, de outro lugar que a polícia científica não mencionara antes. Tinham encontrado no corredor um par de tênis Reebok, tamanho quarenta. O DNA que os peritos da polícia científica conseguiram extrair deles identificava que pertenciam ao assassino.

— No começo, não tínhamos certeza — explicou Enoksson. — Foi por isso que não falamos nada antes. Mas a mãe de Linda disse que nunca os tinha visto, então os enviamos para o Laboratório Central da Polícia e deu certo.

Uma cueca e um par de tênis Reebok. Itens usados por centenas de milhares de homens e vendidos aos milhões. Tentar rastrear

quem os comprara estava fora de questão. Então seria preciso contar com outras pistas e, segundo Enoksson e seus colegas, a natureza dos indícios que haviam sido identificados dava uma boa ideia a respeito da sequência dos eventos.

O assassino entra pela porta da frente do apartamento. A maior parte das evidências sugere que Linda o deixa entrar. Ele retira o tênis e o coloca na sapateira que se encontra no corredor.

Em seguida, ele e sua vítima acabam indo até o sofá na sala de estar, onde o assassino tira a calça e a cueca e ejacula no sofá.

Depois, a ação passa para o quarto. O assassino amarra as mãos de Linda junto às costas, a amordaça, prende os tornozelos dela ao pé da cama, provavelmente nesta ordem. Então ele a estupra duas vezes, primeiro pela vagina e depois pelo ânus, ejaculando nas duas vezes. Parece provável que, em conjunção com o segundo estupro, ele tenha feito alguns cortes na altura da lombar dela. Depois, durante ou após esta última agressão, ele a estrangula.

Então, ele vai até o banheiro, se lava, se masturba e ejacula mais uma vez.

— E, finalmente, ele foge pela janela do quarto — disse Enoksson. — Desce de costas, com o peito e a barriga contra o parapeito, a fim de amortecer a queda. Ao deslizar para fora e se soltar, ele se arranha na extremidade do parapeito, que está enferrujado e cortante.

As roupas que Linda usava na noite em que foi assassinada também haviam ajudado a polícia científica a mapear o curso dos acontecimentos.

— Segundo as testemunhas que a encontraram na boate — prosseguiu Enoksson —, ela estava usando sandálias de salto baixo com tiras de couro em volta dos tornozelos. Uma calça de linho azul-escuro de cintura baixa e bem folgada. Uma blusa de linho da mesma cor, sem gola e com cinco botões, para fora da calça. Sobre a blusa, um colete de veludo preto com bordados pretos, pérolas azuis e lantejoulas. Também carregava uma pequena mochila de

veludo azul, com alças e detalhes em camurça azul, que podia ser usada como uma bolsa de mão comum, ajustando-se a alça. Muito bem, onde eu parei? Ah, sim. — Ele coçou a cabeça. — Por baixo, ela estava usando calcinha e sutiã pretos. Resumindo, um par de sandálias, uma mochila e cinco peças de roupa, no total. E agora cheguei ao ponto mais importante.

Parece que Linda se livrou das sandálias e da bolsa assim que entrou em casa. As sandálias estavam jogadas no chão ao lado do capacho, e sua bolsa estava encostada à parede, a meio metro de distância. O colete de veludo, a calça e a blusa de linho foram encontrados na sala de estar, em uma pilha bem-dobrada apoiada no braço de uma das poltronas. O colete por baixo, depois a calça, com a blusa por cima.

A calcinha e o sutiã estavam no chão do quarto. A calcinha intacta, embora parcialmente ao avesso, jogada no chão, no lado da cama mais próximo da sala. O sutiã estava do outro lado da cama. O fecho nas costas havia sido aberto, mas as alças estavam arrebitadas.

— A explicação plausível é que o assassino o tenha removido depois de amarrar os braços dela nas costas — disse Enoksson.

O próximo ponto na lista de Enoksson dizia respeito às joias de Linda. Segundo várias testemunhas interrogadas pela polícia, ela usava um relógio no pulso esquerdo, um fino bracelete de ouro no mesmo braço, três anéis diferentes na mão esquerda e um no dedo mínimo da mão direita.

— O relógio mais cinco joias, totalizando seis itens — continuou Enoksson. — Todos os seis foram encontrados dentro de uma tigela de cerâmica na mesinha de centro da sala de estar. — Ele acionou o projetor, fazendo surgir na tela a imagem da mesa de centro com a tigela de cerâmica. — Achamos que ela provavelmente retirou o relógio e as joias sozinha. Assim como o colete, a calça e a blusa. Se olharmos mais de perto a tigela de cerâmica sobre a mesa — continuou Enoksson, dando zoom na imagem —, vocês também

verão o celular dela. O que nos leva ao meu próximo ponto: o conteúdo de sua bolsa.

Dentro da pequena mochila de Linda, eles tinham visto tudo o que se espera encontrar naquele tipo de bolsa. Um total de cento e sete objetos diferentes. Sua agenda de bolso, uma carteira de couro contendo sua cédula de identidade, emitida pela Academia de Polícia, a habilitação, quatro fotos pequenas, de seu pai, sua mãe e de duas amigas, seus próprios cartões de visita e quatro de outras pessoas, um cartão bancário e vários outros de plástico: cartões de fidelidade, cartão VIP para a boate Grace e outro do Café Opera, em Estocolmo.

A carteira também continha dinheiro: seiscentas coroas suecas em cédulas; trinta e duas coroas e cinquenta öre em moedas, além de sessenta e cinco euros, totalizando aproximadamente mil e duzentas coroas. Havia também uma bolsinha contendo batom, sombra para os olhos e outros itens de maquiagem, um pacote de balas de hortelã para a garganta, manteiga de cacau para os lábios, uma pequena embalagem de fio dental, um palito de dente num saquinho plástico e uma caixinha de fósforos contendo doze palitos, além de vários recibos de compras e de cartão de crédito de diferentes lojas. Acharam também os fragmentos habituais de tecido do forro e outros que a polícia científica sempre encontra no fundo de qualquer bolsa, por mais meticulosa que seja a dona.

— Falando de maquiagem, ela não a removeu. O que pode ser interessante no que se refere à sequência dos eventos. Ela ainda usava maquiagem quando foi encontrada pela manhã. Batom, sombra e outra coisa que esqueci o nome. Tudo parecia ser dela. A coisa que esqueci o nome consta no relatório. Nada incomum.

Finalmente, a bolsa também continha um molho de chaves, que abriam a porta da frente e várias outras fechaduras na casa do pai dela. Uma chave de carro, um Volvo S40 que Linda ganhou do pai como presente de formatura dois anos atrás. O veículo se encontrava perfeitamente estacionado numa das vagas privadas em

frente ao prédio. Agora, ele estava no estacionamento da delegacia, mas a perícia da polícia científica não revelara nenhuma novidade.

— Muito bem — disse Enoksson. — Alguns de vocês devem estar se perguntando a respeito da chave do apartamento da mãe de Linda, não? Ela também estava dentro da tigela de cerâmica na mesa de centro.

Ele mostrou outra imagem aproximada da tigela, com uma seta vermelha apontando para uma chave comum presa a uma argola branca de metal. A explicação para isso, segundo Enoksson, era que ela costumava guardar a chave do apartamento da mãe no bolso, ao passo que o chaveiro da casa do pai ficava dentro da bolsa.

— Para concluir essa história de bolsa — prosseguiu ele —, não parece estar faltando nada. E nada indica que alguém tenha vasculhado suas coisas. Portanto, não deve ter havido intenção de roubo. O dinheiro na carteira, as joias e o relógio na tigela, um Rolex de ouro e aço que ao que tudo indica o pai lhe deu de aniversário, quando ela se tornou maior de idade, e cujo valor se estima em sessenta mil.

Após terminar de analisar o conteúdo da bolsa de Linda, Enoksson passou a citar os vários itens que o assassino utilizou enquanto estuprava, torturava e matava a vítima. Um estilete e cinco gravatas masculinas diferentes. Havia fotos de cada item e tudo indicava que o assassino tivera muita sorte, pois encontrara tudo no apartamento.

A equipe da polícia científica descobrira o estilete no chão do quarto, mas antes de parar ali, ele estivera na cozinha, dentro de um balde de plástico vermelho no escorredor da pia, junto a outras ferramentas de bricolagem. Era um estilete comum, desses usados para cortar papel de parede, tecido e ladrilho. Um estilete de corte unilateral, com uma lâmina oblíqua ajustável, capaz de produzir uma perfuração de aproximadamente um centímetro, com a ponta bem afiada.



— Foi o que ele usou para cortá-la — disse Enoksson. — O sangue dela está na lâmina e no cabo, mas as impressões digitais do assassino não. Ao que parece, ele limpou o estilete no lençol que usou para cobrir Linda.

As cinco gravatas tinham ficado em cima de uma caixa no corredor. A mãe de Linda estava se desfazendo de lençóis, toalhas e roupas velhas, que pretendia jogar fora.

As cinco gravatas masculinas eram de um modelo antigo, mais estreitas, compradas pelo pai da vítima. Por alguma razão desconhecida, elas ficaram com a mãe de Linda após o divórcio e estavam prestes a serem jogadas no lixo, até que o assassino resolveu usá-las para amarrar e estrangular a vítima.

Três delas ainda estavam no corpo de Linda quando ela foi encontrada. A primeira, apertada em volta do pescoço, com um nó na parte de trás para facilitar o trabalho do assassino, que parece ter se sentado sobre as coxas da moça quando a estrangulou. A segunda fora usada para atar as mãos dela nas costas. A terceira amarrava o tornozelo direito. Uma quarta gravata estava embolada no chão. Havia vestígios da saliva de Linda e marcas de seus dentes. Provavelmente ele a tinha usado para amordaçar Linda e removera a gravata logo após o estrangulamento. A quinta estava amarrada em volta da beirada do estrado da cama e, a julgar pelas evidências, servira para prender o tornozelo esquerdo de Linda.

— Uma história muito triste — concluiu Enoksson, desligando o projetor.

— E quanto às outras evidências? — perguntou Bäckström. — Cabelo, impressões digitais, pedaços e fios de tecido, todas essas coisas que vocês costumam encontrar aos montes nesses locais?

Havia muitas coisas, segundo Enoksson. Tinham encontrado dez fios de cabelo diferentes, que foram enviados para o Laboratório Central da Polícia. De vários tipos: fios de cabelo comuns, pelos corporais e pubianos.

— Algum deles pode vir do assassino — disse Enoksson. — Mas a análise ainda não foi concluída. Começamos pelo mais fácil.

O mesmo era esperado em relação às impressões digitais, outros vestígios e fios de tecido. Supondo que encontrassem a pessoa certa, haveria um monte de provas que poderiam ser associadas especificamente a ela.

— Considerando o que já conseguimos, isso é quase um exagero — continuou Enoksson. — Mas quanto mais melhor. Sabem, às vezes acho que sofremos de uma espécie de histeria indicial neste país. Provavelmente, graças a todos esses programas que as pessoas assistem na televisão.

Que grande filósofo você é, Enok, pensou Bäckström.

— Você tem mais alguma coisa para nós? — perguntou ele.

Enoksson pareceu hesitar, balançando a cabeça.

— Não fique aí se segurando para não falar — continuou Bäckström. — Ponha para fora, Enok. Abra seu coração. Ajude seus esforçados colegas que estão trabalhando duro no chão de fábrica.

— Muito bem — começou Enoksson. — A esse respeito, acho que meus colegas e eu fizemos nossa parte. Quando falei com o Laboratório Central sobre o DNA... mas ainda está longe de termos certeza, porque as pesquisas nesta área ainda estão nos... nos estágios iniciais, portanto, há um sério risco de que seja um engano, mas...

— Enoksson — interrompeu Bäckström, ríspido. — O que o cara do laboratório disse?

— Na verdade, era uma mulher — respondeu Enoksson. — Bem, na opinião dela, há certos indícios que sugerem que não se trata de um DNA tipicamente nórdico. Há alguma evidência indicando que venha de uma pessoa de origem diferente, digamos assim.

Ora, ora!, pensou Bäckström, se limitando a um gesto de cabeça.

\*

Após um intervalo para tomar café e esticar as pernas — a explanação de Enoksson durara quase duas horas —, o médico legista recomeçou. Nada do que ele dissera contradizia o que a polícia já conseguira deduzir sozinha, embora ele tenha enfatizado que se tratava somente de descobertas preliminares. O relatório final só ficaria pronto em algumas semanas, quando todas as análises estivessem completas e ele pudesse examinar os resultados.

— Mas o que posso dizer neste estágio — observou o médico legista, enquanto folheava algumas páginas — é que a vítima morreu asfixiada por estrangulamento. Evidências da autópsia indicam que ela foi estrangulada com a gravata que estava em volta de seu pescoço, e que a morte ocorreu entre as três e as sete horas, na manhã de sexta-feira.

Mentalmente, Bäckström suspirou.

— E, de acordo com os resultados da autópsia, os ferimentos a estilete encontrados nas nádegas correspondem ao estilete em questão.

Mentalmente, Bäckström suspirou e grunhiu.

— Ferimentos similares têm se tornado frequentes nos últimos anos, no que diz respeito a esse tipo de crime — continuou o legista. — A descrição popular deles como ferimentos de tortura não está totalmente equivocada, ainda que, na minha profissão, seja bom evitar especulações sobre as possíveis motivações do assassino. Existem muitos casos precedentes em que os assassinos usaram facas ou armas semelhantes, cigarros acesos. Já tivemos também alguns casos em que uma arma de eletrochoque foi usada...

E ninguém dá a mínima para isso agora, pensou Bäckström.

— O fato de ter havido um sangramento considerável a partir dos ferimentos, quer dizer, levando em conta sua natureza, sugere que a vítima estava viva quando foi ferida, e provavelmente resistiu ao máximo. O corpo produz adrenalina e a pressão sanguínea aumenta significativamente.

Bom, isso já é alguma coisa, pensou Bäckström. Nosso assassino não é tão louco a ponto de torturar um cadáver.

— As marcas nos pulsos e nos tornozelos foram feitas pelas gravatas analisadas...

É mesmo? Quem diria?, pensou Bäckström olhando para seu relógio.

— Bem — disse ele quinze minutos depois, com um olhar impositivo para todos os presentes. — O que vocês estão esperando? Saiam daqui e encontrem esse desgraçado.

Naquela noite, após o jantar no hotel, Bäckström reuniu sua equipe principal em seu quarto para discutir o caso em paz, com tranquilidade, sem um monte de delegados caipiras tentando impor suas opiniões cretinas.

— Vamos analisar ponto a ponto. Você pode ir anotando, Eva? — perguntou Bäckström, se dirigindo à única mulher no grupo.

Para que mais servem essas mulheres magricelas?, pensou ele.

— Pronto, chefe — disse Svanström, empunhando um bloco e uma caneta.

— Ok, ponto a ponto — falou Bäckström. — Como o assassino entrou?

Ela está bem insinuante hoje, pensou ele.

— Ela o deixou entrar — sugeriu Rogersson com um suspiro. Parecia estar com a cabeça em outro lugar. — Logo depois que Linda chegou em casa, ele tocou a campainha e ela o deixou entrar. Não se trata apenas de alguém que ela conhecia, mas alguém de quem gostava.

— De qualquer maneira, era alguém em quem ela confiava — interveio Thorén. — Ou, pelo menos, de quem não tinha medo.

— Mas ele também pode ter enganado a vítima — disse Knutsson.

— Você é idiota, Erik? — disparou Rogersson, encarando Knutsson. — E você também, Thorén? — completou, encarando-o com um olhar fulminante. — Ela planeja ir dormir. São três da

madrugada. A primeira coisa que ele faz é tirar o tênis e colocá-lo na sapateira. Não acho que nosso querido Gross estivesse querendo apenas um pouco de Nescafé emprestado.

— Mudando completamente de assunto... — interrompeu Bäckström. Estava pensando na mesma coisa que possivelmente perturbava Rogersson. — Que tal uma cervejinha?

Se for preciso, posso sempre colocar nas despesas gerais, pensou ele.

Pela primeira vez, todos pareceram concordar. E a era dos milagres tampouco parecia prestes a acabar, pois Thorén e Knutsson se propuseram a trazer algumas cervejas que tinham em seus quartos.

— Compramos um engradado inteiro na sexta-feira, mas não tivemos tempo de beber nenhuma — explicou Thorén.

Esses dois são completamente loucos, pensou Bäckström.

\*

— Ok — disse ele cinco minutos depois, lambendo a espuma no lábio superior. — Então, o que você acha, Jan?

Ele assentiu para Lewin, que também parecia pensar em outra coisa.

Recomponha-se, seu vagabundo desgraçado, pensou Bäckström.

— Eu concordo com Rogersson — disse Lewin. — Foi alguém que Linda conhecia e de quem gostava. E não acredito que tenham planejado o encontro. Ele simplesmente apareceu, sem avisar.

— Concordo com Janne — disse Svanström. — Alguém de quem ela realmente gosta simplesmente apareceu do nada, sem mais nem menos.

E alguém te perguntou alguma coisa, porra?, pensou Bäckström.

— Como ele sabia que ela estava em casa? — indagou Thorén.

— O carro dela estava estacionado lá fora, e talvez ele tenha visto luzes acesas no apartamento, ou então apenas tentou a sorte — respondeu Lewin, dando de ombros.

— Tudo bem — disse Thorén, aparentemente disposto a ceder. — Mas ainda acho que ele a enganou.

— Levando em conta como tudo terminou, você quer dizer? — perguntou Rogersson, soando mais irônico do que irritado. — Nesse caso, concordo plenamente com você. Acho que Linda não imaginava como aquilo ia acabar, quando o deixou entrar.

— Então, o que aconteceu na sala de estar? — indagou Bäckström.

Eles são como crianças, pensou. Gostam de fazer estardalhaço.

— Ela tira a roupa, ele também. Depois começam — disse Rogersson. — De modo totalmente voluntário, se quiser saber minha opinião. Ela o masturba com as mãos. Em seguida, ele goza no sofá e, ao que parece, não acharam vestígios da saliva de Linda.

— Espere um pouco — interrompeu Thorén, erguendo as mãos. — Nós não sabemos se isso aconteceu. Talvez ela quisesse apenas se sentar e conversar um pouco com ele.

— Exatamente — concordou Knutsson. — Ele diz que quer um copo d'água, vai até a cozinha e vê o estilete. Depois, volta e diz que já conversaram demais.

— Porra, que complicado. — Rogersson suspirou. — O que há de errado com a hipótese de sexo consensual?

— Eu tendo a concordar com Rogersson, mais uma vez — disse Lewin. — As roupas dobradas com cuidado, o fato de ela provavelmente ter tirado a chave do apartamento do bolso da calça ou do colete antes de dobrar tudo e colocar as roupas apoiadas na poltrona. Esse não é o tipo de coisa que nosso assassino teria feito ou algo que Linda teria pensado em fazer se estivesse com um estilete no pescoço.

— Concordo com você, Janne — disse Svanström.

— Mas tudo indica que ele estava com mais pressa do que ela — acrescentou Knutsson. — Todos concordam com isso, não é? Ele tira a calça e a deixa jogada no chão. Mas a garota, Linda, tira as roupas bem mais lentamente.

— Talvez estivesse tentando excitar o cara — sugeriu Rogersson, dando de ombros. — Levando em conta o que aconteceu, quando eles foram parar na cama da mãe dela, eu diria que ela foi além de todas as expectativas.

Nenhum dos outros disse mais nada. Knutsson e Thorén ficaram com uma expressão de descrença. Lewin parecia mais interessado no teto do quarto de Bäckström, enquanto Svanström estava ocupada fazendo as anotações.

— Você quer dizer que ela entrou na onda dele? — perguntou Bäckström. — Que se tratava de uma espécie de jogo sexual que fugiu do controle?

Mas ela parecia tão recatada, pensou ele.

— A primeira coisa que aconteceu no quarto parece ter sido uma relação sexual normal — disse Rogersson. — De acordo com nosso estimado colega legista, ela não apresentava nenhum ferimento significativo no interior ou em volta da vagina. Não descarto a possibilidade de ele ter enganado Linda e ela ter se deixado amarrar sem objeção. Antes ou depois.

— E o que acontece em seguida? — indagou Bäckström.

Rogge é bom, pensou ele. Ainda que beba como se trabalhasse para a polícia de Tallinn.

— A partir daí as coisas começaram a ficar fora de controle — respondeu Rogersson. — Ele resolve comê-la por trás, mas já é tarde demais para Linda. Ela está amarrada, amordaçada, sem poder gritar, e depois ele saca o estilete para obrigá-la a fazer tudo o que ele quiser. E é então que ela sofre os ferimentos que nosso estimado médico legista descreveu com tantos detalhes. Pequenas lacerações no ânus, arranhões em volta do pescoço, nos braços, pulsos e tornozelos. Enquanto ele a fere, ela luta para se soltar.



— O inibidor no cérebro do nosso assassino parou de funcionar — disse Bäckström.

— Cada porra de fusível do cérebro do desgraçado explodiu — acrescentou Rogersson, exaltado. — Aliás, ainda tem cerveja?

— Então, quem é ele? — perguntou Bäckström a toda a equipe. — Quem estamos procurando?

— O assassino é provavelmente um homem — disse Thorén em tom solene. — Estou brincando, é claro. Eu estava pensando nos nossos colegas da unidade de perfilagem criminal. Não é isso que eles costumam escrever sobre os perfis dos criminosos? “O assassino provavelmente é um homem.” É possível que ele já conhecesse a vítima, mas não podemos descartar a hipótese de ele não ter conexão prévia com ela e tê-la conhecido apenas no dia do crime — concluiu ele com um tom de voz lúgubre.

— Por acaso você está pensando em mudar de emprego? — perguntou Bäckström. — Um jovem que já conhecia Linda — prosseguiu ele, lançando um olhar encorajador para os outros.

— Jovem? Na verdade, Peter não disse que ele era jovem — argumentou Knutsson.

— Então qual é a idade dele?

Meu Deus, parecem uns adolescentes teimosos, pensou Bäckström.

— Bem — falou Knutsson —, entre vinte e vinte e cinco anos. Por aí. Um pouco mais velho que Linda.

— Ótimo — disse Bäckström. — Foi o que acabei de dizer.

Idiotas, pensou ele.

— Então, até que ponto ele conhecia Linda? — prosseguiu Bäckström.

— Eu acho o seguinte — começou Lewin, parecendo ter realmente refletido sobre o assunto. — Na verdade, eu e Eva estávamos conversando antes do jantar.

— Sou todo ouvidos — falou Bäckström.

Então quer dizer que vocês também conversam?, pensou ele.

— Um jovem, vinte e cinco, trinta anos, algo assim. Ele conhecia bem a vítima, embora não se encontrassem com muita frequência. Mas mesmo assim ela gostava muito dele, apesar de fazer algum tempo que se conheceram. Alguém com quem ela já tinha transado pelo menos uma vez antes. Provavelmente se tratava de sexo perfeitamente comum, pois tenho a impressão de que era assim que ela preferia. Também não acho que ela era sexualmente experiente. Na verdade, perguntei ao médico legista após a reunião e, segundo ele, nada sugere que ela tenha praticado sexo anal ou outra forma violenta de sadomasoquismo antes. Não havia feridas cicatrizadas ou tecido regenerado, nada disso. E acho que ela confiava no cara. Já fazia algum tempo que não se viam. Então, de repente, ele aparece novamente. No meio da noite.

— Ela ainda gostava dele o bastante para deixá-lo entrar — disse Svanström. — Eu também não acho que ele seja necessariamente jovem. Pode muito bem ser um pouco mais velho.

Eu não esperava isso de Lewin, pensou Bäckström. Ele ainda deve estar em ótima forma.

— Ainda assim, o cara conseguiu quatro orgasmos em pouco mais de uma hora — disse ele.

— Era assim, um tempo atrás — falou Rogersson. Parecia que ele estava pensando em voz alta.

— Tenho a impressão de que ele estava sob efeito de alguma substância — disse Lewin. — Deve ter tomado anfetamina ou algo parecido.

— Sim, ou talvez seja um homem um pouco mais velho que tomou Viagra — acrescentou Thorén.

— Alguém que usa drogas? — Rogersson pareceu hesitar. — Não consigo encaixar isso com o perfil da vítima. Especialmente se admitirmos a possibilidade de ela confiar nele. Acho que ela confia nele de modo mais ou menos incondicional. Será que ela teria a mesma confiança em alguém viciado em drogas?

— Não um viciado. — Lewin balançou a cabeça. — Isso não faz sentido, nesse caso. Talvez seja alguém que já experimentou algumas vezes. Ou que só use para transar.

— Alguém que Linda conhece e confia — disse Bäckström lentamente. — Então onde ele mora?

Faz sentido seguir outra linha de raciocínio, pensou ele.

— Aqui na cidade — opinou Knutsson. — Em Växjö.

— Ou próximo da cidade, Växjö e arredores — disse Thorén.

— Um homem de vinte e cinco anos ou um pouco mais velho, alguém que ela já conhecia, de quem gostava e em quem confiava plenamente. Que vive na cidade ou nos arredores. Que não é viciado em drogas, mas ocasionalmente toma uma anfetamina, pois sabe o efeito que pode ter, que o ajuda a perder a inibição e torna seu pau tão potente quanto uma escova de dentes elétrica — resumiu Bäckström. — Vocês não acham que a situação pode ser bem pior e que talvez estejamos procurando por alguém da polícia? Algum maluco desgraçado que sempre conseguiu se conter, mas que acaba perdendo as estribeiras em um dia fatídico?

— Essa hipótese vem pairando na minha mente desde que cheguei aqui — respondeu Rogersson. — Encontramos uns caras bem doidos na polícia. Ouvimos cada história. Algumas não foram inventadas, infelizmente.

Lewin balança a cabeça intrigado.

— É preciso reconhecer que coisas piores já aconteceram na polícia — disse ele calmamente. — Essa possibilidade também me ocorreu. Mas ainda custo a acreditar.

— Por quê? — indagou Bäckström.

Porque não é alguém como você, pensou ele.

— Ele me parece desinibido demais — explicou Lewin. — Com todas as provas que deixou para trás. Um policial não teria dado um jeito em tudo antes de fugir?

— Pelo menos ele limpou o estilete — disse Bäckström. — Talvez não tenha tido tempo de fazer uma boa limpeza, pois achou que

alguém estava chegando.

— Há uma coisa nisso tudo que simplesmente não se encaixa — prosseguiu Lewin, dando de ombros. — Mas já me enganei antes, é claro.

— Mais alguma coisa? — indagou Bäckström, olhando para todos que se encontravam no quarto.

Ou será que estou com sorte e vou poder me jogar na minha cama com uma ajudinha alcóolica antes de cair no sono?

— Acho que ele é bonito — disse Svanström bruscamente. — O assassino, quero dizer. Linda era uma mulher muito atraente. E parece que cuidava bastante da aparência, sem falar nas roupas. Vocês fazem ideia de quanto custam essas roupas? Os acessórios que ela estava usando. Acho que ele é parecido com ela. Farinha do mesmo saco. Não é assim que as pessoas dizem?

É verdade. E você e Lewin são dois sacos vazios, pensou Bäckström.

\*

Antes de dormir, Bäckström ligou para a repórter da rádio local. Nem que fosse só para continuar enrolando-a.

— Pelo que soube, vocês receberam os resultados das amostras de DNA — disse Carin. — Imagino que não queira falar sobre isso.

— Não sei do que você está falando. — A voz de Bäckström soou grave. — Chegou bem em casa na outra noite?

Era óbvio que ela chegara bem, mas não quis entrar em detalhes. Em seguida, ela sugeriu que deveriam se encontrar novamente em breve. E continuariam sem precisar falar sobre trabalho.

— Claro — concordou Bäckström. — É uma boa ideia. Mas atualmente está tudo muito agitado, vamos deixar para daqui a um ou dois dias — disse ele.

Muito fácil, pensou.

— Devo interpretar isso como um sinal de que as coisas estão começando a se esclarecer? — A voz de Carin de repente soou ávida.

— Você vai ser a primeira a saber — respondeu Bäckström.

## *Växjö, quinta-feira, 10 de julho*

Na quinta-feira Lewin resolveu parar de ler os jornais vespertinos. Era uma decisão definitiva e irrevogável; e incluía o *Aftonbladet*, o *Expressen* e, se possível, dois outros repugnantes e menos importantes, o *Göteborgs-Tidningen* e o *Kvällsposten*.

A matéria de duas páginas que tinha desencadeado a repulsa naquele dia estava no *Kvällsposten*, fazendo com que tudo que os jornais vespertinos suecos já haviam publicado sobre o assassinato de Linda parecesse inócuo. Micke-No-Limite se manifestara, revelando que “encontrei Linda na noite em que ela foi assassinada”.

Micke-No-Limite, na sua condição de celebridade de reality show, tinha conexões locais e aceitou um trabalho no Town Hotel na noite de quinta-feira, dia 3 de julho. A mesma noite em que Linda estava na boate do hotel, algumas horas antes de ser assassinada. Ele estava com duas outras celebridades: Frasse-A-Fazenda e Nina-Big-Brother, e dividiam tarefas como dar uma ajuda no bar e socializar com os clientes, animando o ambiente do evento.

Por volta de dez da noite, cerca de uma hora antes de Linda chegar à boate, Micke, totalmente embriagado, sem camisa e descalço, dançava em cima do balcão do bar, mas tropeçou e caiu, quebrando vários copos; acabou se machucando com os cacos no chão. Às dez e quinze, ele foi levado pela ambulância para o hospital de Växjö, para tomar alguns pontos. Frasse acompanhara Micke e, enquanto estavam na ambulância, havia chamado um jornalista que

conhecia. A entrevista com Micke e Frasse fora realizada na emergência do hospital. Na manhã seguinte, quando Linda foi encontrada morta e antes de a notícia do assassinato chegar aos jornais, o *Kvällsposten* publicara uma extensa reportagem sobre o fato de Micke-No-Limite — famoso por sua participação nos reality shows *O Bar* e *No Limite*, além da consagração de também entrar em *No Limite Celebridades* — ter sido atacado e agredido, na noite anterior, no Town Hotel de Växjö, apesar de ter nascido e crescido na cidade e ser um de seus habitantes mais importantes.

Após o fim da entrevista e de uma hora de espera pelos médicos que cuidariam de Micke, Frasse-A-Fazenda se cansou e voltou para o Town Hotel. Ao chegar lá, o segurança o impediu de entrar e uma briga começou. A polícia fora chamada e, pouco depois de meia-noite, Frasse-A-Fazenda foi parar na cadeia da delegacia de Växjö, em Sandgårdsgatan, onde o prenderam até que a embriaguez passasse.

Algumas horas depois, Micke-No-Limite se juntou a Frasse. Ele criara uma confusão na emergência, acabara detido pela polícia e tinha sido jogado dentro de outra cela da mesma delegacia. Na manhã seguinte, às seis horas, ambos foram autorizados a ir embora e, apoiando-se em Frasse, Micke cruzara a Oxtorget. A polícia perdera qualquer interesse nele, cujo paradeiro era desconhecido.

\*

O que Micke-No-Limite contava agora ao jornal, uma semana após o assassinato, era um monte de mentiras do começo ao fim. Ele não poderia ter falado com Linda durante a noite anterior ao crime, e ela não "lhe fizera confidências sobre recentemente se sentir ameaçada com frequência, por conta de seu emprego na polícia de Växjö".

Assim como Micke-No-Limite, que se encontrava no mesmo corredor de celas que eram usadas principalmente para a detenção

de bêbados, Frasse tampouco poderia ter encontrado Linda na noite do assassinato. Restava apenas o terceiro membro do grupo, Nina-Big-Brother, que pelo menos permanecera na boate até o fechamento, às quatro da manhã.

Nina fora interrogada pela polícia já na tarde de sexta-feira, e levava algum tempo até entender que a polícia não queria falar sobre a suposta agressão que seu amigo Micke sofrera. Ela não fazia a menor ideia de que Linda havia sido assassinada. Não a conhecia. Nunca a encontrara e muito menos falara com ela, nem antes nem durante a noite do crime.

O jornalista que escrevera ambas as matérias não podia estar tão desinformado, mas o que irritou o habitualmente calmo Lewin foi o fato de o jornalista ter o mau gosto de envolvê-lo em uma rede de mentiras. Um dia antes da publicação da segunda matéria, ele ligara para Lewin, a fim de lhe dar o direito de resposta às sérias alegações que Micke-No-Limite fizera em relação à polícia. O que haviam feito para investigar as ameaças que Linda confidenciara, e que Micke-no-Limite afirmava ter informado à polícia de Växjö na primeira oportunidade?

Lewin recusara-se a comentar e dissera ao jornalista para procurar a assessora de imprensa. Não ficou claro se ele seguiu seu conselho. A matéria mencionava somente o contato com o superintendente encarregado do caso, Jan Lewin, da Divisão Federal de Investigações Criminais, mas ele teria “se recusado a abordar as graves alegações contra ele e seus colegas”.

E foi neste momento que Lewin tomou a decisão. Nunca mais voltaria a ler nenhum jornal vespertino sueco pelo resto da vida.



Na reunião matinal daquele dia, Enoksson fez um relato sobre os primeiros resultados concretos da investigação.

Com a ajuda do DNA do assassino, conseguiram descartar dez pessoas do inquérito. O primeiro a ser investigado e desconsiderado foi o ex-namorado de Linda, assim como alguns estudantes amigos dela, com quem se encontrara na boate na noite de sua morte. Também eliminaram meia dúzia de maníacos sexuais com ficha na polícia, cujos perfis de DNA já estavam registrados, inclusive Leo Baranski.

— É como entrar no meio do mato com uma foice afiada — disse Enoksson com alegria. — Com alguns bons golpes, você se livra de tudo o que não tem a ver com nosso caso.

— Ok — concordou Bäckström. — Ouviram o que Enok falou. Vamos sair golpeando com foice. Precisamos de amostras, amostras e mais amostras. Aqueles com consciência tranquila nada têm a temer, e todo cidadão decente quer ajudar a polícia. Então, não devemos encontrar obstáculo para conseguirmos voluntários.

— E se alguém se recusar? — perguntou um dos jovens policiais na extremidade da mesa.

— Aí é que as coisas começam a ficar realmente interessantes — respondeu Bäckström, sorrindo cordialmente feito o lobo mau na história dos três porquinhos.

Hoje em dia, deixam qualquer idiota entrar na polícia, pensou ele.

Algumas horas depois, naquela mesma manhã, o diretor da Divisão Federal de Investigações Criminais, Sten Nylander, chegou a Växjö. Ele viera de helicóptero com o chefe do Estado-Maior e seu assessor. Os membros subalternos da Divisão de Intervenção Rápida, que se responsabilizariam pelos detalhes práticos, tinham vindo em dois grandes veículos que foram deixados à disposição deles.

Quando Nylander aterrissou no aeroporto de Småland, a cerca de dez quilômetros de Växjö, um comitê de recepção já estava a postos, e a Divisão de Intervenção Rápida havia isolado a área. O comissário viera de sua casa no campo e até trocara a bermuda e a camisa de estampa havaiana por um terno com gravata cinza, apesar de estar fazendo quase trinta graus. Ao seu lado, estava o superintendente Bengt Olsson, todo uniformizado, e os dois já tinham começado a suar bastante.

Nylander, ao contrário, se apresentou imaculadamente vestido e sem qualquer vestígio de fluidos corporais. Apesar do calor, ele usava a mesma roupa com que Bäckström o vira uma semana atrás. A única diferença era um quepe pontudo que fazia parte do uniforme, e que ele ajeitou na cabeça assim que pôs os pés fora do helicóptero. O traje ficava completo com os óculos escuros espelhados e um chicote de montaria. Este último elemento provocou certa surpresa, pois ninguém vira o menor sinal do seu cavalo, Brandklipparen.

Primeiro, eles fizeram o “reconhecimento do terreno operacional” — Växjö e arredores —, antes da iminente operação, em parte, para sentir o clima do lugar, em parte para identificar locais adequados onde poderiam “desembarcar” suas forças e também com o intuito de determinar o “local ideal” para a captura do assassino.

— Mas vocês conseguem resolver tudo isso com antecedência? — perguntou o comissário, se apertando no banco de trás do veículo de intervenção rápida, cercado por meia dúzia de homens em

uniformes camuflados. — Quer dizer... Na verdade, nós não sabemos quem ele é. Ainda não sabemos, digo — acrescentou depressa.

— Afirmativo — respondeu Nylander, sentado à frente, sem sequer virar a cabeça. — Tudo é uma questão de planejamento.

\*

Algumas horas depois, haviam concluído o trabalho. Nylander dispensara uma reunião no escritório do comissário regional, o almoço programado e outras formalidades. Ele precisava viajar de avião até Gotemburgo numa missão similar, e seus homens poderiam resolver os detalhes práticos com Olsson em Växjö.

— Mas eu queria ver meus agentes — disse o DDF, e quinze minutos depois estava entrando na sala da equipe de investigação.

Que porra é essa?, perguntou-se Bäckström, ao ouvir a comoção no corredor e notar de relance os primeiros homens camuflados. O país entrou em guerra ou o quê?

Nylander entrou e parou, fazendo um gesto com a cabeça para todos, feito um navio-tanque surgindo em meio às ondas. Em seguida, chamou Bäckström para uma conversa em particular, chegando a lhe dar tapinhas no ombro.

— Estou contando com você, Åström — disse o DDF. — Temos que pegar esse cara o mais rápido possível.

— Claro, chefe — concordou Bäckström, assentindo para o próprio reflexo nos óculos do seu superior.

Deixa comigo, Queixada.

— Pode ir em frente e prendê-lo neste fim de semana — recomendou Nylander, quando ele e o comissário regional voltaram ao aeroporto. — Os rapazes que vão cuidar disso já estão no quartel.

— Receio que possa levar um pouco mais de tempo — gritou o comissário regional, pois o motor do helicóptero estava aquecendo,

o que o impedia de escutar a si mesmo.

Por que eles ficam num quartel?, perguntou-se Bäckström. Não têm suas próprias casas?

— Você já está com o DNA dele — concluiu Nylander. — O que está esperando?

\*

Depois do almoço, Bäckström foi até a sala de Olsson. Já tinha passado da hora de alguém botar um pouco de juízo na cabeça daquele cretino. Apesar de a luz vermelha estar acesa, Bäckström não estava de bom humor e simplesmente bateu na porta e entrou.

Olsson contava com a companhia de três agentes da Divisão de Intervenção Rápida, com os quais não parecia totalmente à vontade. Estavam todos camuflados e davam a impressão de serem cópias uns dos outros, considerando que dois eram carecas e o terceiro tinha a cabeça totalmente raspada. Nenhum deles moveu um músculo sequer quando Bäckström entrou.

— Ah, aí está você, Bäckström — saudou-o Olsson, levantando-se depressa. — Deem licença por um instante. — Ele foi empurrando Bäckström para o corredor. — Por que mandaram esses caras para cá? — perguntou, balançando a cabeça nervosamente, assim que fechou a porta. — O que está acontecendo com a polícia sueca?

— A busca — respondeu Bäckström com severidade. — Já passou da hora de fazermos uma busca no quarto de Linda na casa do pai.

— Claro — concordou Olsson, dando um sorriso fraco. — Eu simplesmente não tive tempo para isso ainda, e tenho certeza de que você entende, mas se puder pedir que Enoksson venha até aqui imediatamente, nós resolveremos tudo.

— Também quero que o pai e a mãe da vítima sejam interrogados — acrescentou Bäckström, que não estava disposto a perder aquela oportunidade.

— Claro — repetiu Olsson. — A essa altura, eles devem ter superado boa parte do choque. Enfim, o suficiente para que a situação já faça algum sentido, quer dizer — acrescentou ele. — Então você desistiu da ideia de que ela tenha sido assassinada por um maluco completamente desconhecido?

— Ela foi assassinada por alguém que conhecia — respondeu Bäckström, de forma direta. — Só nos resta descobrir até que ponto ele é maluco.

— Peça a Enoksson para vir me ver — repetiu ele, soando quase suplicante.

\*

Enoksson usava um jaleco branco e luvas de borracha, quando Bäckström entrou no laboratório da polícia científica, mas assim que percebeu a presença do superintendente, ele retirou as luvas e as deixou em cima da bancada. Em seguida, puxou uma cadeira para a visita.

— Bem-vindo à nossa humilde residência — falou, dando um sorriso. — Aceita um café?

— Acabei de tomar um. Obrigado mesmo assim.

— Ok, em que posso ajudar, então? — perguntou Enoksson.

— Drogas — respondeu Bäckström, considerando que Olsson poderia continuar esperando por mais algum tempo. — Meu colega, Lewin, acha que o assassino podia estar sob o efeito de alguma droga. Como podemos descobrir isso?

Segundo Enoksson, havia, pelo menos, uma chance. Provavelmente teria sangue suficiente no parapeito para que pudessem investigar isso. Quanto ao sêmen do assassino, ele não tinha certeza, mas daria uma olhada. Os fios de cabelo que haviam sido encontrados também representavam uma possibilidade.

— Se pertencem ao assassino, o laboratório central será capaz de nos dizer se ele usou maconha, por exemplo. Ou pelo menos descobrir se ele era um usuário regular.

— E se ele só tiver tomado alguma coisa logo antes de atacar Linda?

— É pouco provável — respondeu Enoksson, balançando a cabeça. — Que tipo de droga você tem em mente?

— Anfetamina ou algo assim.

— Ah, sim. Muitos de nós ficaram surpresos com um detalhe específico — disse ele, sem ser mais preciso que isso. — Prometo que vamos dar uma olhada. No que diz respeito à Linda, recebemos o resultado do laboratório central esta manhã. — Ele folheou uma pilha de papéis à sua frente, em cima da bancada. — Aqui está.

— Sou todo ouvidos.

— Zero ponto dez por mil unidades em seu sangue, e zero ponto vinte na urina, o que significa que ela estava no máximo ligeiramente intoxicada na boate, e bem mais sóbria quando morreu.

— Nada mais? — perguntou Bäckström.

Se eu tiver sorte, os dois tomaram algo juntos, pensou ele.

— Nada — respondeu Enoksson, balançando a cabeça. — A análise para as chamadas “drogas sob prescrição” em seu sangue deu negativo e não havia vestígios de maconha, anfetaminas, opiáceos nem cocaína na urina dela. Parece que Linda estava totalmente limpa, se posso dizer assim, da mesma forma que nossos colegas do esquadrão antidrogas.

Bem, não se pode ganhar sempre, pensou Bäckström.

— Mais uma coisa — disse ele. — Você tem um minuto?

— Claro.

— Quem é ele?

Não tenha pressa, pensou Bäckström. Olsson está muito bem onde está.

— Pensei que esse fosse o seu trabalho, Bäckström — respondeu Enoksson, evasivamente. — Você está se referindo à sapateira no

corredor, essas coisas? Que talvez seja alguém que ela conhecia?

— Isso mesmo.

— Sei o que você está pensando, mas também parece se tratar de uma pessoa bem insana. Será que Linda conhecia alguém assim?

— Pense nisso — disse Bäckström, condescendente.

Esses caras não aprendem nunca, pensou.

— Muito bem — respondeu Enoksson, parecendo extremamente envergonhado. — Esse crime foi horrível. Acabou me afetando. E eu achava que já tinha visto tudo.

— Pois é — disse Bäckström animado. — Nossa amiga em comum, Lo, deve estar bem atarefada.

— Acho que estou ficando velho, mas se você não consegue olhar as fotos da cena de um crime, então, provavelmente não deveria ter entrado para a polícia científica. As fotos não saem boas, e somos nós que temos que tirá-las.

Porra, quem é que quer entrar para a polícia científica?, pensou Bäckström.

— E suponho que — prosseguiu ele — só alguns de nós são abençoados pela orientação e reconforto do nosso Senhor.

— Então você já sabe — disse Bäckström, sorrindo. — Obrigado pela dica.

— É horrível mesmo. — Enoksson suspirou. — O que aconteceu com o sigilo das confidências? Os atos dos homens podem ser fragmentados, e não se trata de uma citação bíblica, aliás, e sim de uma brincadeira com o texto do capítulo treze da primeira carta de Paulo aos Coríntios, como todo bom cidadão de Småland pode confirmar. Mas será que nós, policiais, realmente precisamos de todos os fragmentos para ter uma visão geral das coisas? Siga-me que você vai entender o que quero dizer.

Ele se levantou, foi até o computador e começou a digitar com a mesma velocidade de um nerd quarenta anos mais jovem.

— Este é um dos nossos jornais mais populares na internet — falou, mostrando a tela para Bäckström. — E aqui dá para ler todos

os detalhes repugnantes que sequer os jornais vespertinos têm coragem de publicar. “Estrangulada com a gravata do pai” é a manchete desse artigo que abrange praticamente tudo o que discutimos na reunião de ontem. Inclusive os tênis. Mas parece que se esqueceram da sapateira. Provavelmente, não era interessante o suficiente para eles.

Você é mesmo um filósofo, Enok, pensou Bäckström.

— Ah, mais uma coisa — disse o superintendente. — Olsson quer falar com você. Acho que é sobre uma busca na casa do pai da vítima.

\*

Isso está funcionando com a precisão de um relógio, pensou Bäckström.

Ele foi imediatamente procurar seu amigo Rogge e disse que já estava na hora de interrogar os pais de Linda. E deveriam fazer isso com o rigor de sempre.

— Nesse caso, é melhor eu mesmo fazer — afirmou Rogersson.

— Depois precisamos identificar as pessoas que ela conhecia. Interpelar qualquer um que já tenha lhe dado bom-dia e enfiar um cotonete dentro da boca da pessoa. Assim, não teremos que colher amostras da cidade inteira. A mãe, o pai, amigos, colegas da Academia de Polícia, amigos da família e outros conhecidos, vizinhos, professores, pessoas que trabalham aqui na delegacia, qualquer desgraçado que estava usando calça na boate, sexta-feira. Mesmo aqueles que preferem saias, apesar da protuberância que têm na frente, entende o que quero dizer?

— Entendo — confirmou Rogersson. — Veja bem, podemos deixar a mãe de lado, não é mesmo? No que se refere às amostras de DNA, quer dizer. E, de qualquer maneira, você provavelmente terá que arranjar um reforço para nossa colega Sandberg.



— Alguma sugestão?

— Knutsson ou Thorén. Ou os dois. Duvido que um deles ganhe o Prêmio Nobel um dia, mas, pelo menos, são extremamente meticolosos.

É preciso se virar com o que se tem, pensou Bäckström. Não foi isso que Jesus disse quando dividiu os pães e os peixes entre seus camaradas?

\*

— Você tem um minuto? — perguntou Anna Sandberg, quinze minutos depois, olhando com uma expressão séria para Bäckström. Ele estava majestosamente sentado diante das pilhas de papéis na mesa emprestada.

— Mas é claro — respondeu, receptivo, apontando para a única cadeira disponível na sala.

Quem poderia negar alguma coisa a uns peitos decentes?, pensou ele.

— Pelo que entendi, vou receber reforços — disse Anna, com o mesmo tom de seu chefe, o superintendente Olsson.

— Exato. — Bäckström assentiu com a cabeça.

Será que não mereço um sorriso por isso?, pensou ele.

— Mas você vai me manter responsável por traçar o perfil de Linda e dos conhecidos dela? Quer dizer, não vou ser substituída?

— Claro que não — respondeu Bäckström. — Você pode pegar Knutsson e Thorén emprestados. São rapazes decentes. Mantenha-os na rédea curta, e, se começarem a causar problemas, é só me falar que cuidarei deles.

Pelo amor de Deus, não me diga que vamos dar início a um debate sobre a igualdade de gêneros, pensou ele.

— Nesse caso, fico contente — disse Anna, levantando-se. — Você realmente desistiu da ideia de que Linda foi vítima de um

maluco qualquer?

— Não exatamente — respondeu Bäckström de modo vago. — Mais uma coisa. A agenda de bolso que você me prometeu. Esqueceu dela?

— Vou trazê-la agora mesmo — disse Anna ao sair.  
Porra, por que ela parece tão infeliz?

\*

Uma agenda de bolso preta totalmente comum, com uma capa vermelha de couro bem menos comum e o nome dela, Linda Wallin, escrito com relevos dourados na parte inferior à direita.

Um presente do pai, pensou Bäckström, enquanto começava a folheá-la, procurando os nomes dos homens que Linda conhecia.

Terminou meia hora depois. A agenda tinha tudo que uma agenda comum deve ter. Pequenas anotações sobre reuniões, aulas, palestras e exercícios da academia. Havia algumas referências a seus expedientes na delegacia, que começaram num fim de semana no meio do verão. Visitas regulares à mãe, na cidade. Pequenas anotações feitas durante uma viagem a Roma com uma amiga e colega de classe, Kajsa, no início de junho. Nada particularmente confidencial, e certamente nada revelador, e, no geral, o homem mais mencionado naquelas páginas era seu pai, a quem ela se referia apenas como "papai". Após a viagem a Roma, ele se tornou "Papa", mas duas semanas depois voltou a ser "papai". Fora isso, as anotações eram basicamente sobre seus amigos, e principalmente sobre as amigas mais próximas, Jenny, Kajsa, Anki e Lotta.

A penúltima anotação datava de quinta-feira, dia 3 de julho. Fazia uma semana, e Linda tinha escrito que deveria trabalhar das nove às dezessete horas, e que ela e Jenny com certeza tinham planos para a noite. *Festa?* As últimas anotações, que a julgar pela escrita e pela caneta, pareciam ter sido feitas ao mesmo tempo que as outras de

quinta-feira, mencionavam que seu turno de trabalho na sexta-feira seria das treze às vinte e duas horas, e depois havia um risco sobre sábado e domingo, indicando que estaria de folga no fim de semana.

Se as coisas não tivessem acabado assim, pensou Bäckström, de súbito se sentindo inexplicavelmente triste. Recomponha-se, rapaz, disse a si mesmo, se endireitando na cadeira.

Em janeiro, havia quatro anotações sobre alguém chamado Noppe, mas como Bäckström sabia que se tratava do apelido dado ao ex-namorado, já descartado da investigação por conta de seu DNA, ele não deu atenção ao fato de Noppe ter deixado Linda furiosa, tendo em vista que merecera o único comentário exaltado e negativo em toda a agenda. *Noppe sempre foi um babaca!*, declarou a ex-namorada numa segunda-feira, dia 13 de janeiro.

Muito bem, pensou Bäckström.

Na verdade, só uma coisa dominava seus pensamentos. Não que fosse particularmente excitante, mas era melhor lidar com isso antes de encerrar o expediente e voltar para o hotel.

Provavelmente, é melhor que ela venha a mim. Afinal de contas, sou seu chefe, pensou ele, pegando o telefone.

— Obrigado por ter me emprestado a agenda — disse Bäckström gentilmente, devolvendo-a à policial Sandberg.

— Achou alguma coisa interessante? — perguntou ela. — Quer dizer, algo que eu não tenha percebido?

Porra, o que há de errado com ela? Ainda mal-humorada, pensou Bäckström.

— Só fiquei pensando em uma coisa.

— O quê?

— No sábado, 17 de maio. Feriado nacional na Noruega. Dia da Constituição Norueguesa — disse Bäckström, indicando a agenda.

— Hum? — respondeu Anna, hesitante, procurando a página na agenda. — *Ronaldo, Ronaldo, Ronaldo, um nome mágico* — leu.

— Ronaldo ponto de exclamação, Ronaldo ponto de exclamação, Ronaldo ponto de exclamação. Um nome mágico ponto de

interrogação — corrigiu Bäckström. — Quem é Ronaldo?

— Ah, sim — disse Anna com um sorriso inesperado. — Deve ser o jogador de futebol. Aquele brasileiro que é incrível. Acho que estava disputando uma final da Liga Europa nesse dia. Tenho certeza de que nossos colegas da polícia científica verificaram isso. Se não me engano, ele fez três gols. Acho que eu mencionei, em nossa primeira reunião, que Linda era uma das melhores jogadoras do time de futebol feminino na Academia de Polícia. O jogo foi transmitido na TV. Ela deve ter assistido. Duvido que haja algo por trás disso.

— Hum — murmurou Bäckström.

Porra, de repente você ficou bem falante, hein?, pensou ele.

Infelizmente, o pensamento seguinte surgiu em alto e bom som antes que ele tivesse tempo de detê-lo.

— Ela podia simplesmente ser sapatão, não? — perguntou Bäckström.

Que merda, pensou, mas já era tarde demais.

— Como é? — Anna estava com os olhos arregalados. — Ela podia ser o quê? Como você a chamou?

— Uma moça bonita, sem namorado, interessada em futebol, um monte de amigas. Ela podia simplesmente ser... lésbica, não? — esclareceu Bäckström.

Seja lá como elas querem ser chamadas, porra, pensou.

— Ora, por favor, Bäckström — começou Anna, visivelmente afetada e ignorando a hierarquia que os separava. — Eu também jogo futebol. E tenho marido e dois filhos. Não vejo a relação entre uma coisa e outra — concluiu ela, parecendo irritada.

— Em casos como esse, a vida sexual da vítima sempre tem alguma coisa a ver com o crime — disse Bäckström. Quando percebeu que ela não ia recuar, ele ergueu a mão numa postura defensiva. — Esqueça, Anna. Simplesmente esqueça.

— Vou tentar — respondeu ainda aborrecida.

Ela pegou a agenda e saiu da sala.

Tem uma coisa que não faz sentido, pensou Bäckström, pegando uma caneta e uma folha de papel. *Ronaldo! Ronaldo! Ronaldo!* E depois, logo em seguida, *Nome mágico?*

Ah, foda-se, pensou, olhando para o que acabara de escrever.

Além do mais, era hora de voltar para o hotel, descansar um pouco antes do jantar e, talvez, tomar uma ou duas cervejinhas.

\*

— Achei isso na agenda da moça — disse Bäckström, entregando a folha de papel para Rogersson, algumas horas e várias cervejas depois. — Datado de 17 de maio deste ano.

— *Ronaldo, Ronaldo, Ronaldo, um nome mágico* — leu Rogersson. — Deve ser o jogador de futebol, não? Alguma partida que viu na televisão. Ela se interessava por futebol, não era? No que você está pensando?

— Ah, bobagem — respondeu Bäckström, balançando a cabeça. Bobagem, pensou.

*Växjö, sexta-feira, 11 de julho*

A reunião matinal de sexta-feira se concentrou principalmente numa antiga crença da polícia, a qual costuma se revelar correta com mais frequência do que a ainda mais velha teoria de que o assassino sempre comparece ao enterro da vítima. Considerando tudo o que o criminoso fizera com Linda, não parecia totalmente impossível que ele tivesse cometido outros crimes como aquele. Outros crimes interessantes nas proximidades do local do assassinato de Linda, tanto no tempo quanto no espaço, que, num mundo ideal, poderiam ter sido executados quando ele estava a caminho da casa de Linda ou então ao fugir de lá.

A partir do banco de dados da polícia, os inspetores Knutsson e Thorén tinham verificado todos os crimes e boletins de ocorrência, até mesmo simples multas por estacionamento irregular, que haviam sido registrados desde quarta-feira, dia 2 de julho, até a terça-feira, 8 de julho. Os resultados foram poucos, mesmo levando em conta as multas de trânsito. Muitos motoristas tinham saído de férias de carro. E vários guardas de trânsito também estavam de férias. Era tudo o que havia, e na área onde ficava o apartamento da mãe de Linda, não fora aplicada sequer uma multa de trânsito durante a semana em questão.

Em relação a outros crimes, cento e dois tinham sido registrados na polícia de Växjö durante a mesma semana. Houve treze roubos de bicicletas, vinte e cinco casos de furto em lojas, dez assaltos a

apartamentos, casas, escritórios e empresas, dez veículos arrombados, cinco veículos danificados, dois carros roubados, quatro casos de fraude, um de desfalque, dois casos de abuso de confiança relatado pela mesma pessoa, três casos de crime fiscal, dez multas de trânsito graves, das quais cinco por embriaguez ao volante, e um total de dezessete contravenções diferentes com agravantes de violência.

Destas últimas, oito se referiam a violência física, sete tinham sido por ameaças ou comportamento intimidador e havia um caso de violência contra um servidor público. A metade envolvia brigas conjugais e desavenças menores, vinte e cinco por cento era entre pessoas que se conheciam, e os vinte e cinco por cento restantes ocorreram dentro ou nas imediações de um bar. E um assassinato, é claro, o assassinato da estagiária da polícia Linda Wallin, no início da manhã de sexta-feira, 4 de julho.

Esta cidade parece Chicago, pensou Bäckström, suspirando.

— E então, temos alguma coisa interessante? — perguntou ele, se empenhando para não transmitir sua falta de interesse.

— O ato cometido mais próximo da cena do crime foi o roubo de um veículo. Um velho Saab foi levado de um estacionamento na Högtorpsvägen, em Högstorp, ao sul do pequeno bosque situado logo a leste do quarteirão do apartamento de Linda. Precisamente, foi roubado a cerca de dois quilômetros a sudeste do local do crime. Perto da Rodovia 25, na estrada para Kalmar — explicou Knutsson.

— Os carros mais roubados neste país — acrescentou Thorén. — Velhos Saabs, quer dizer.

O problema é que o roubo só foi notificado na segunda-feira, três dias após o assassinato.

— Talvez o desgraçado tenha montado acampamento naquele bosque e aproveitado a oportunidade para pegar sol e nadar, já que estava por lá — sugeriu Bäckström, conseguindo arrancar alguns sorrisos dos colegas.

— É óbvio que verificamos se a data em que a queixa foi dada coincidia com a data do roubo. Erik ligou para o proprietário e falou com ele.

Thorén apontou para Knutsson.

— Segundo o proprietário, o carro estava lá durante o fim de semana. Ele falou com um vizinho que o viu — disse Knutsson. — Por sinal, o cara é piloto aposentado, o dono do carro, quer dizer, não o vizinho. Ele tinha viajado para o campo. O Saab era um carro antigo seu. Passava a maior parte do tempo no estacionamento. Agora ele tem uma Mercedes novinha. Não que isso tenha alguma coisa a ver com o caso. Mas nunca se sabe... — concluiu ele, assentindo com seriedade para Bäckström.

E que diabo isso tem a ver com qualquer coisa, pensou Bäckström, antes de perguntar:

— Isso é tudo?

— Sim — respondeu Thorén.

— Se você quiser podemos expandir a busca — propôs Knutsson, sendo prestativo.

— Bobagem — disse Bäckström. Temos coisas mais importantes a fazer. — Muito bem, o que vocês estão fazendo aí sentados? — Ele percorreu o olhar pelos rostos da equipe de investigação. — A reunião está encerrada. Eu me esqueci de dizer? Podem sair e fazer algo útil, e se não tiver nada melhor para fazer, tentem encontrar as pessoas das quais precisamos de uma amostra de DNA.

Ele se levantou. Um bando de inúteis, pensou. E fazia calor demais também. Estava insuportavelmente quente, e ainda havia pelo menos oito horas pela frente, antes de poder beber a primeira cerveja gelada do dia.

\*



Na mesma manhã, Enoksson e um de seus homens fizeram uma busca pelo quarto de Linda e pela casa do pai dela, que ficava fora de Växjö. O superintendente Olsson os acompanhara, apesar das tentativas de Enoksson de fazê-lo mudar de ideia sem ser grosseiro.

— Talvez precisem mais de você aqui — disse o chefe da polícia científica. — Não há com o que se preocupar, Bengt. Minha equipe e eu podemos cuidar disso.

— Acho que seria melhor se eu fosse com vocês — retrucou Olsson. — Afinal de contas, já o conheço há algum tempo e posso aproveitar para bater um papo, ver como está se sentindo.

Deve ser ótimo morar num lugar assim, refletiu Enoksson, enquanto andavam até a porta da mansão onde Linda morava com o pai. Ou costumava morar, pensou. Isso quando não estava na cidade, na casa da mãe, devido ao seu turno de trabalho que terminava tarde ou porque saía à noite para se divertir no centro de Växjö.

— Henning Wallin — apresentou-se o pai de Linda ao encontrá-los. Ele mal os cumprimentou, e pareceu não notar a mão estendida de Olsson. — Sou o pai de Linda. Mas vocês já devem saber disso.

Ela se parecia com o pai, pensou Enoksson. Alto, magro, louro e, apesar da sua expressão tensa, ele parecia ter menos de sessenta e cinco anos.

— Obrigado por nos receber — agradeceu Olsson.

— Para ser sincero, não entendo por que vocês estão aqui — disse Henning Wallin.

— É apenas um procedimento de rotina — explicou o superintendente.

— É claro — respondeu Henning Wallin. — Acho que, se eu quiser saber mais alguma coisa, basta ler os jornais vespertinos. Vocês queriam ver o quarto de Linda? Aqui está a chave. — Ele a entregou a Enoksson. — É a última porta do corredor que dá para o lago — disse ele, inclinando a cabeça naquela direção. — Tranquem a porta ao sair. E quero a chave de volta.

— Você não teria... — começou Olsson.

— Se precisarem de mim, estarei no meu escritório — falou Henning Wallin.

— Justamente o que eu queria perguntar — observou Olsson. — Por acaso não tem alguns minutos para conversarmos?

— Dois minutos — respondeu Wallin.

Então, por algum motivo, ele consultou o relógio de pulso, antes de subir até o primeiro andar, sem se virar para trás. Olsson foi atrás dele.

A porta do quarto de Linda estava fechada e trancada. Provavelmente pelo pai, que lhes dera a chave. As cortinas nas duas janelas que davam para o lago tinham sido fechadas e o quarto se encontrava imerso na penumbra.

— Que tal abirmos as cortinas? — perguntou o colega de Enoksson.

— Tudo bem. Não faz muito sentido acender a luz — esclareceu o chefe da polícia científica, notando que alguém já havia entrado ali e limpado.

— Linda tinha mais espaço aqui do que todos os meus filhos juntos têm em casa — disse Olsson, ao abrir as cortinas, deixando a luz inundar o quarto. — E, aparentemente, ela mantinha tudo bem-arrumado. Não se parece nem um pouco com o quarto da minha filha mais velha.

— Pois é. Acho que o pai de Linda tem uma faxineira. Teremos que conversar com ela.

O quarto não estava apenas arrumado, pensou ele. A ampla cama parecia ter sido refeita com lençóis limpos, e a mesa de Linda parecia arrogantemente imaculada. As almofadas no sofá estavam dispostas da mesma forma que nas fotografias das revistas de decoração. Este quarto não é mais o de Linda, pensou Enoksson. É só um mausoléu em sua memória.

\*

— Então, encontraram algo interessante? — perguntou Olsson dentro do carro, duas horas mais tarde, a caminho da delegacia.

— O que você quer dizer? — questionou Enoksson.

— Alguma coisa pessoal, por exemplo. Parece que ela não tinha um diário, de acordo com o pai. Pelo menos não que ele soubesse.

— Não que eu saiba — respondeu Enoksson.

— E acho muito difícil acreditar que ele mentiria sobre uma coisa dessas — disse Olsson. — Eu me atrevo a dizer que a resposta é simplesmente não, ela não tinha um diário. Tenho dois filhos e nenhum deles tem diário. Por falar nisso, vocês verificaram o computador dela?

Ele não se cansa, pensou Enoksson.

— Verificamos, sim — respondeu o assistente, pois o chefe parecia não ter escutado a pergunta. — Conferimos o computador. Procuramos impressões digitais e demos uma olhada no disco rígido. Isso já foi feito.

— E então, encontraram alguma coisa interessante? — persistiu Olsson.

— Você está se referindo ao computador, chefe? — indagou o parceiro de Enoksson com uma risadinha, ao notar que Olsson estava totalmente escondido no banco de trás.

— Sim, estou me referindo ao computador.

— Não — respondeu Enoksson desta vez. — Nada de interessante. Você me dá licença um instante, Bengt?

Ele pegou o celular e ligou para a esposa. No fundo, só queria que Olsson calasse a boca.

\*

— E aí, Enok — disse Bäckström, lançando um olhar animador para o chefe da polícia científica. — Achou um diário?

— Nããã — respondeu ele com um breve sorriso.

— E o pai dela também desconhecia a existência de um?

— Foi o que ele disse — confirmou Enoksson. — Sugeriu que perguntássemos à mãe de Linda. Ele não tem a intenção de fazer isso. Os dois mal se falaram depois do divórcio, que foi dez anos atrás, e antes disso, passavam o tempo todo brigando.

— É mesmo — disse Bäckström, com franqueza. — As mulheres podem ser terrivelmente complicadas.

— Não a minha esposa — retrucou Enoksson, sorrindo. — Você deve estar falando por experiência própria, não é, Bäckström?

E quem mais faria isso por mim?, pensou o superintendente.

\*

À tarde, ligaram para Bäckström do departamento pessoal, em Estocolmo. Considerando que o fim de semana estava próximo, queriam lhe informar que Rogersson e ele já estavam perto do limite de horas extras.

— Só achamos que era melhor avisar antes do fim de semana — disse a assistente ao telefone. — Portanto, se o caso esquentar, cuidado para não trabalharem de graça.

— Você pode não acreditar, mas nós prendemos pessoas seja nos dias úteis, seja nos fins de semana — respondeu Bäckström.

Ao contrário de você e seus colegas, seus burocratas de merda.

— Com certeza não vai acontecer nada nesse fim de semana. É verão, o sol está brilhando — prosseguiu a assistente de Estocolmo. — Sendo assim, tire uma folga, Bäckström. Por que não vai nadar um pouco?

— Obrigado pela dica — agradeceu Bäckström, desligando em seguida.

Nadar, pensou. Acho que nem lembro como se faz isso.

Rogersson, por outro lado, não demonstrou objeção.

— Eu estava pensando em tirar uns dias de folga, de qualquer maneira — explicou ele. — Pensei em pegar o carro e voltar a Estocolmo. Venha comigo, podemos sair à noite. Acho que a cerveja tem um gosto bem melhor em Estocolmo do que neste buraco de merda.

Isso porque você não está mais bebendo à minha custa, pensou Bäckström.

— Acho que vou ficar. Olhe só, você podia me fazer um favor?

— Um favor, como assim? — perguntou Rogersson, encarando-o com uma expressão desconfiada.

— Aqui estão as chaves do meu apartamento — disse Bäckström, entregando-as a ele, antes que o colega tivesse tempo de objetar seriamente. — Você poderia dar um pulo lá e cuidar do Egon? Só lhe dar um pouco de ração, sabe? A comida está bem ao lado do aquário. Mas é importante seguir as instruções.

— Mais alguma coisa? — indagou Rogersson. — Se quiser, posso lhe transmitir seu amor, me sentar um pouco e bater um papo com ele, talvez até levá-lo para passear, mudar de ares?

— Um pouco de ração já é o bastante — respondeu Bäckström.

Assim que retornou ao quarto de hotel e reestabeleceu sua hidratação, Bäckström ligou para Carin. Curiosamente, ela não atendeu, embora tivesse telefonado para ele várias vezes durante o dia. Ele não tinha o costume de deixar recados na caixa postal dos outros. Por isso, tomou mais duas cervejas, intercaladas com uma dose de outra bebida alcoólica mais forte para ajudá-lo a raciocinar. Na falta de coisa melhor para fazer, acabou descendo até o bar. Seus colegas não estavam lá. Hans e Fritz deviam estar no quarto de um deles discutindo o caso, enquanto que Svanström devia estar com as pernas entrelaçadas na cintura de Lewin, pensando em coisas completamente diferentes. Eles só pensam nisso, concluiu

Bäckström, pedindo uma dose dupla de conhaque para raciocinar ainda melhor.

\*

Quase ao mesmo tempo em que Bäckström tentava aprimorar sua capacidade de raciocínio com o auxílio de uvas fermentadas e destiladas, estava acontecendo um evento em memória de Linda Wallin. Uma semana após sua morte, no dia em que faria vinte e um anos, caso ainda estivesse viva. Algumas centenas de cidadãos de Växjö caminharam do Town Hotel até o prédio onde ela tinha sido assassinada, seguindo pelas ruas que a conduziram ao fim de sua temporada na terra. Não era época para acender tochas, mas tinham preparado um memorial no jardim do lado de fora do edifício com velas, flores e um grande retrato da vítima. O governador fez um breve discurso. Os pais da moça continuavam transtornados demais para comparecer, mas vários policiais que trabalhavam no caso participaram da procissão, e um número consideravelmente maior deles se certificava de que todos os que ali estavam presentes fossem deixados em paz. Bäckström e seus colegas se recusaram a participar, devido apenas a uma decisão política que fora imposta alguns anos antes. Os agentes da Divisão Federal de Investigações Criminais deveriam se restringir a atividades pertinentes ao seu trabalho. Praticamente no mesmo momento em que a breve cerimônia chegou ao fim, Bäckström saiu do bar do hotel.

\*

Ele voltou para o quarto e ligou outra vez para Carin. Ainda caía na caixa postal. No instante em que desligou o telefone, teve a primeira ideia construtiva da noite. O jeito vai ser arranjar uma pornografia

padrão, pensou ele. E porra, como é que vou fazer isso com discrição para que não apareça na conta do meu quarto?

Bastaram alguns segundos para ele encontrar uma resposta. Deve ser o conhaque, pensou, ao retornar à recepção, pegar a chave do quarto de Rogersson, se jogar na cama recém-arrumada do colega e ligar a televisão no canal para adultos que lhe pareceu mais promissor. Então ele bebeu uma das cervejas que trouxera, e também o restante de sua garrafa de vodca do Báltico, e depois metade de duas garrafas de vinho que, por razões desconhecidas, estavam dentro do frigobar de Rogersson. Isso é que é vida, pensou ele, já tão embriagado que precisou tapar um dos olhos para conseguir se concentrar nos movimentos frenéticos da bunda da atriz principal na tela da televisão. E mais ou menos nesse instante ele deve ter simplesmente desmaiado, pois quando acordou, um sol impiedoso incidia direto em sua barriga, pois se esquecera de fechar as cortinas. Eram quase dez da manhã e, na tela, a mesma bunda continuava se remexendo, exatamente como na véspera, quando perdeu a consciência.

\*

Após uma rápida ducha e uma troca de roupa, ele desceu até o restaurante do hotel para tomar café da manhã. O lugar estava praticamente vazio. As únicas pessoas ali, nos fundos, onde costumavam se sentar, eram seus colegas Lewin e Svanström. Aonde foram os abutres?, pensou Bäckström, se servindo de uma porção generosa de ovos mexidos e salsichas. Levando em conta o que acontecera na noite anterior, ele complementou seu prato com alguns filés de anchova e vários comprimidos para dor de cabeça, que o prestativo gerente do hotel colocara ao lado do seu peixe salgado.

— Este lugar está livre? — perguntou Bäckström. — Será que é só uma vã esperança minha ou alguém colocou veneno de rato na comida ontem à noite? — comentou ele, indicando as mesas vazias.

— Se está falando dos jornalistas, suponho que não tenha lido as notícias — disse Lewin.

— O que houve? — indagou Bäckström, com dois filés de enchova espetados no garfo, os quais engoliu com três analgésicos e o auxílio de vários goles do suco de laranja. Ele suspirou fundo.

— Houve um grande banquete de casamento ontem à noite em Dalby, na periferia de Lund, e quando os recém-casados se preparavam para a primeira dança, o ex-namorado da noiva surgiu com uma AK4 e esvaziou o cartucho — concluiu Lewin.

— E o que aconteceu depois? — perguntou Bäckström.

As salsichas aqui são excelentes, pensou ele.

No momento em que enfiou o garfo numa delas, a gordura começou a brotar em grandes gotas que praticamente pularam em sua boca.

— O de sempre — respondeu Lewin. — Liguei para nossos colegas em Malmö e, segundo eles, o noivo, a noiva e a mãe dela estão mortos. Vinte outros convidados foram levados para o hospital. Balas perdidas, estilhaços e a decoração saíram voando para tudo quanto é lado.

— Ciganos — opinou Bäckström, soando mais como uma sentença otimista do que uma pergunta.

— Sinto muito desapontá-lo — disse Lewin, parecendo repentinamente exausto. — Quase todos os envolvidos eram moradores locais. Inclusive o atirador, que ocupava um posto de comando no Exército. Aliás, ele ainda está foragido.

Ora, não se pode ter tudo. De qualquer maneira, o que foi que aconteceu com o velho bom humor sueco?

— Mais alguma coisa que você queira saber?

— Onde estão Hans e Fritz?



— Provavelmente na delegacia. — Lewin se levantou e deixou o guardanapo em cima da mesa. — Eva e eu estamos de folga hoje, então pensamos em ir à praia.

— Boa sorte para vocês — disse Bäckström.

E não se esqueça de mandar notícias à sua esposa, ao marido dela e às crianças, pensou.

\*

Na falta de coisa melhor para fazer, depois do almoço Bäckström foi até a delegacia. O local estava calmo, mas o que mais podia se esperar, considerando que ele não deveria estar ali? Knutsson e Thorén estavam a postos, diante de seus computadores, feito dois pica-paus desvairados em cima dos teclados.

— Como vão as coisas, rapazes? — perguntou ele.

Afinal, ainda sou o chefe aqui, pensou.

Segundo Knutsson, o fim de semana estava tranquilo e as coletas de DNA seguiam de acordo com o planejado. No total, até então, eles haviam coletado amostras de cerca de cinquenta pessoas. Todas voluntárias, nenhuma criara caso e metade já tinha sido descartada. Os especialistas estavam trabalhando arduamente no laboratório, e o assassinato de Linda era prioridade.

— Os resultados que faltam ficam prontos semana que vem — disse Thorén. — E estamos reunindo mais e mais amostras. Nós vamos pegá-lo, ainda mais se você tiver razão, Bäckström.

O quê?, pensou o superintendente. Claro que tenho razão. Qual é o problema?

— O que vocês estão pensando em fazer esta noite? — perguntou ele.

Porra, não tenho muitas opções mesmo, pensou.

— Sair para comer — respondeu Thorén.

— Em algum lugar sossegado — revelou Knutsson.

— E, depois, estamos pensando em ir ao cinema — completou Thorén.

— Está passando um excelente clássico aqui na cidade — disse Knutsson.

— *1900*, de Bertolucci — contou Thorén.

— A primeira parte, que de longe é a melhor. A segunda parte tem uns momentos um pouco arrastados. Você não acha, Peter?

Eles devem ser veados, pensou Bäckström. Apesar de tudo o que esses dois e todos os outros dizem sobre as mulheres com as quais já se envolveram, só podem ser veados. Porra, quem mais seria capaz de vir até Växjö para ir ao cinema?

Quando Bäckström voltou ao hotel, após fazer uma breve parada no terraço de um bar na Storgatan e tomar duas cervejas, ligou para Rogersson do celular.

— Como vão as coisas? — perguntou ele.

— Ótimas, se quer saber — respondeu Rogersson. — Mas o pequeno Egon não está muito bem. Você quer a versão longa ou curta da história?

— A curta — respondeu Bäckström, já imaginando o que ele queria dizer.

— Nesse caso, ele bateu as botas. Não vai nadar nunca mais.

— O que você está dizendo, porra?

Egon!

— Estava boiando de barriga para cima, e quando o cutuquei, ele não se mexeu — disse Rogersson.

— O que você fez?

— Joguei no vaso e dei descarga. O que você teria feito? Mandado para uma autópsia?

— Mas do que ele morreu?

Eu deixei comida suficiente, pensou Bäckström.

— Talvez estivesse deprimido — respondeu Rogersson, dando uma risadinha.

Bäckström passou a noite de sábado velando Egon a distância, e, no domingo, não acordou para tomar café da manhã. Reservou a energia que restava para ir almoçar mais tarde. O pior de sua dor havia passado e, naquela tarde, ele tentou outra vez falar com Carin, mas, do outro lado da linha, ouviu a mesma mensagem gentil anunciando sua ausência.

Que diabo está acontecendo?, pensou Bäckström, ao abrir outra latinha de cerveja que trouxera. Parece que as pessoas não ligam mais para nada, muito menos para um simples policial. E aquela era a última latinha.

Logo cedo na manhã de segunda-feira, 14 de julho, dia nacional da França, o DDF ligou para o comissário regional, em Växjö.

O comissário se levantara cedo, tomara café da manhã e depois fora se refugiar debaixo da sombra de uma árvore, nos fundos de sua bela casa de campo. Ele se acomodou numa confortável cadeira dobrável, ao lado das fundações sólidas de pedra de sua residência, e começou a ler com calma os jornais matutinos, bebendo uma taça de licor artesanal de framboesa com bastante gelo. Mais adiante, à beira-mar, sua esposa se bronzeava, estendida como um linguado ao sol. Elas não são como nós, pensou o comissário com certo afeto, e nesse instante seu celular tocou.

— Nylander — disse o próprio num tom áspero. — Vocês já o encontraram?

— A investigação está avançando rapidamente — respondeu o comissário. — Mas da última vez que falei com meus colegas, ainda não o tinham encontrado, não.

— Tem um maníaco à solta em Skåne, armado com um rifle automático — informou o DDF. — Desloquei todo o meu efetivo para pegá-lo. Sem qualquer aviso, atingimos nosso alerta vermelho, e como você e seus homens não conseguiram chegar a conclusão alguma, vai ser necessário reposicioná-los, ainda que precisem deles em Växjö.

— Ok, eu entendo, mas neste exato momento, na verdade...

— Vocês ao menos se deram o trabalho de verificar se poderia ser o mesmo homem? — interrompeu o DDF.

— Não tenho certeza se entendi o que você quer dizer.

— Não é tão difícil assim de entender — resmungou Nylander. — Växjö não fica tão distante de Lund, e, na minha concepção, inegavelmente é uma coincidência extraordinária.

— Tenho certeza de que alguém aqui já verificou a existência de alguma relação — disse o comissário. — Mas se quiser...

— Åström está por aí?

— Aqui? — Ele devia estar se referindo a Bäckström, pensou o comissário, embora não fizesse sentindo algum que ele estivesse ali, na casa de campo. — Não, ele não está aqui. Estou fora da cidade, falando do celular.

— No campo — observou o DDF. — Você está na sua casa de campo?

— Isso — respondeu o comissário, mas antes que pudesse dizer mais alguma coisa, Nylander desligou.

\*

Evidentemente, Knutsson e Thorén não tinham passado o fim de semana inteiro no cinema. Após a reunião matinal de segunda-feira, os dois foram até a sala de Bäckström e revelaram suas últimas descobertas.

— Estávamos pensando no que você disse, Bäckström. Sobre não podermos descartar a possibilidade de estarmos procurando um policial — começou Knutsson.

— Ou de alguém em treinamento para se tornar policial — acrescentou Thorén.

— Aonde querem chegar?

Seus completos idiotas, pensou Bäckström.

Segundo Knutsson e Thorén, a ideia básica tinha algum fundamento. Entre os serial killers americanos, vários tinham conseguido pegar suas vítimas fingindo ser policiais. O exemplo mais famoso na história criminal moderna era Ted Bundy.

— Deve ser uma tática imbatível, caso queira ganhar a confiança de uma garota — disse Knutsson.

— A pessoa se apresentar como policial — esclareceu Thorén.

— Sei — anuiu Bäckström. — Mas por que não começarmos com aqueles que são de fato policiais? Assim não precisaremos nos preocupar com a possibilidade de um falso policial ter visitado uma futura policial no meio da noite — acrescentou ele com um tom de voz amargo.

Bando de babacas, pensou.

Mesmo entre policiais de verdade, a missão era extensa. Retrospectivamente, houvera o renomado Homem de Hurva, um ex-policial chamado Tore Hedin, que assassinara onze pessoas, e tudo começara quando ele fora suspenso por ter usado suas algemas na namorada.

— Você provavelmente se lembra desse caso, Bäckström. Deve ter acontecido depois de você ter entrado para a polícia, em 1952 — disse Knutsson com inocência.

— E que tal se, em vez disso, começarmos procurando em Växjö nos dias de hoje? — retrucou Bäckström com rispidez.

— Nesse caso, aqui estão dez nomes de futuros e atuais policiais — disse Thorén, entregando-lhe uma lista.

— Seis deles estavam na mesma boate que Linda na noite em que ela foi assassinada — explicou Knutsson. — Três oficiais já formados e três em treinamento, dois dos quais já nos procuraram e nos deram uma amostra do seu DNA. E já foram descartados.

— São os nomes que estão riscados na lista — apontou Thorén.

— Só os deixamos na lista para não haver dúvidas — acrescentou Knutsson.

— Não interessam — disse Bäckström. — E quanto aos outros? Por que não temos o DNA deles?

As razões não eram claras, segundo Knutsson e Thorén. A explicação mais provável, a partir dos breves interrogatórios que Sandberg fizera com todos eles, era que ainda estavam na boate após as três horas da madrugada, quando o assassino apareceu no apartamento de Linda. O terceiro estagiário disse que saiu da boate pouco antes das quatro horas. Estava sozinho e foi direto para casa. Sóbrio e tranquilo, é claro. Os três policiais em serviço ficaram na boate até fechar. Depois se separaram ao sair e seguiram sozinhos para suas casas. Não havia qualquer referência ao nível de sobriedade, nem a outros detalhes, mas provavelmente estava mais perto das cinco do que das quatro horas.

— Não fode — disse Bäckström com sinceridade. — São todos veados ou o quê?

— O que você quer dizer? — perguntou Thorén.

— É o que consta na transcrição do interrogatório, de qualquer forma — interveio Knutsson. — O que eles disseram.

— Quatro policiais voltando sozinhos da boate para casa? Vocês são estúpidos ou o quê?

— Na verdade, um deles ainda estava em treinamento, o que voltou para casa primeiro — corrigiu Thorén. — Mas entendo o que você quer dizer.

— Verdade, isso nunca aconteceu comigo — disse Knutsson. — Mas, por outro lado, não podemos esquecer que estamos em Växjö, é claro.

— É verdade — concordou Bäckström. — Vocês não mostraram esta lista a Sandberg, mostraram?

Considerando o imediato e simultâneo balanço de suas cabeças, eles não tinham mostrado a lista, e a principal razão era provavelmente porque os quatro nomes restantes eram conhecidos da equipe de investigação.

— E, então, por onde andam esses rapazes? — perguntou Bäckström, olhando atentamente para a lista. Ninguém que ele conhecesse.

Atividades variadas, segundo Knutsson. O primeiro dos quatro trabalhava uniformizado no município vizinho, mas também exercia funções de instrutor de tiro, na Academia de Polícia de Växjö. Alguns anos atrás, uma de suas alunas o havia denunciado por assédio sexual: cartas e telefonemas com as propostas habituais. A queixa foi arquivada apenas um mês depois, e a aluna largou a Academia de Polícia. Quando a comissão de investigação interna entrou em contato com ela, a moça se recusou a colaborar e o inquérito foi deixado de lado. Mas o instrutor continuou trabalhando lá e não demorou até que ele estivesse de volta no estande de tiros com Linda e outros alunos em maio.

— Supostamente, ele tem grande respeito como policial e instrutor — disse Knutsson. — Imagine só... — Ele deu de ombros.

A queixa contra o segundo policial era ainda mais antiga. Na época em que ele estava se divorciando, cinco anos atrás, sua ex-mulher deu queixa dele por agressão física. Mas esta queixa também foi arquivada, e a investigação igualmente abandonada.

— Mas ele foi suspenso por um mês, mais ou menos — acrescentou Thorén. — Durante a investigação. E, então, aparentemente foi indenizado pela corporação, com a ajuda do sindicato. Agora estão divorciados.

— E o que ele anda fazendo? — perguntou Bäckström.

As mulheres são todas iguais, pensou ele.

— Ora, voltou ao trabalho, é claro — respondeu Knutsson, parecendo surpreso.

— E o próximo? — questionou o superintendente.

O terceiro policial fazia trabalhos voluntários como instrutor esportivo com os jovens locais: futebol, hóquei no gelo e handebol. Durante sua juventude, ele foi um esportista promissor, tendo jogado futebol e hóquei no gelo profissionalmente. Uma das equipes



que ele treinava era o time de futebol feminino, com jogadoras de treze a quinze anos. Os pais de uma das meninas deram queixa por ele ter se exibido diante de sua filha em diversas ocasiões. Algumas vezes no vestiário, depois do treino, e também quando as meninas e alguns dos pais passaram uma semana num acampamento esportivo.

O episódio todo acabou virando uma grande história e chegou até às manchetes dos jornais vespertinos. Porém, as provas legais eram bem escassas e o caso finalmente foi deixado de lado. A menina que o acusara deixou de jogar futebol e se mudou com a família para outra cidade. O policial desistiu de treinar a equipe, apesar do amplo apoio das outras garotas e de seus pais. Depois disso, ele conseguiu uma licença médica por dezoito meses, antes de retornar ao trabalho. Atualmente, ele trabalhava na delegacia de Växjö, onde cumpria apenas funções administrativas.

— Parece mesmo uma história bem triste — comentou Thorén. — Quando a esposa dele pegou os filhos e foi embora, tiraram sua arma de serviço, com medo de que o cara se suicidasse.

— E quanto ao último? — indagou Bäckström.

Então foi isso que aconteceu, pensou ele. A esposa simplesmente pegou os filhos e se mandou.

— Parece ser um de nossos colegas mais simplórios, se posso dizer assim — observou Knutsson. — Para resumir a história, dois anos atrás ele foi acusado pela sua então noiva. Ela trabalhava num salão de beleza em Alvesta, a uns vinte quilômetros daqui, e, ao que parece, ela não parece ter sido a única, para ir direto ao ponto. Seus colegas policiais o chamam de Karlsson Devasso, ou Kalle Devasso.

— Aliás, o nome dele é Karl Karlsson — esclareceu Thorén.

— E por que ela ficou tão furiosa? — perguntou Bäckström.

Parece um bom rapaz, pensou ele.

— Consta no relatório que nosso colega Karlsson costumava algemá-la nos momentos de intimidade e, aparentemente, usava as algemas de serviço — respondeu Knutsson.

— Ah, que coisa horrível — disse Bäckström sorrindo. — Ele não tinha as próprias algemas?

Segundo Knutsson e Thorén, isso não ficara claro no relatório preliminar, que mencionava apenas as algemas de serviço. A cabeleireira se mudara para Gotemburgo, onde, ao que parece, tinha o próprio salão e um novo namorado. O mais estranho nessa história toda foi que o policial Karlsson a seguiu, seis meses depois, e atualmente estava trabalhando na delegacia de Mölndal, na periferia de Gotemburgo.

— Falei com um colega meu em Gotemburgo, e ele sabia perfeitamente quem era Karlsson Devasso. Ele ainda faz patrulhas de carro e continua sendo conhecido como Karlsson Devasso, ou Kalle Devasso. Nada indica que tenha sossegado — disse Thorén.

— O que ele tem feito neste verão? Além de trepar o tempo todo? — perguntou Bäckström.

— Está de férias desde o meio do verão — respondeu Thorén.

— Arranje uma amostra do DNA dele. Ele não parece fazer o tipo de Linda, mas é melhor sobrar do que faltar. E dos quatro que estavam na boate, mais os outros três, o instrutor de tiro, o que batia na esposa e o exibicionista. Consigam amostras de todos eles, e não dou a mínima para o que aquela Sandberg acha. E mais uma coisa — acrescentou Bäckström, antes que eles tivessem a chance de fugir para os próprios quartos. — Não deixem de conseguir uma amostra daquele polonês safado também.

— Lewin está cuidando disso — disse Thorén. — Ele teve a ideia de recorrer à promotoria.

Lewin, quem diria, pensou Bäckström. A pequena Svanström deve tê-lo animado um pouco.

\*

Após a conversa desagradável com o Diretor da Divisão Federal, o comissário regional ficou um bom tempo profundamente imerso nos próprios pensamentos. Nylander parecia totalmente desequilibrado, pensou ele. Enquanto refletia sobre o assunto, ele caminhou até a beira d'água e ficou observando a esposa.

— Você vai acabar pegando no sono debaixo desse sol, não vai, querida? — questionou ele, de forma atenciosa. — Passou filtro solar, não passou?

Ela parece completamente exausta, coitadinha, pensou ele.

Em seguida, ele ligou para seu colega Olsson a fim de descobrir as potenciais relações entre a tragédia de Skåne e o caso horrível com o qual estava ocupado, em Växjö. Olsson disse que era apenas uma coincidência. Ele estava mesmo prestes a ligar e dizer que tinha entrado em contato com seus colegas em Skåne, pedindo que averiguassem se havia alguma ligação. Eles deveriam lhe dar uma resposta no fim do dia.

— Bom saber disso — disse o comissário.

Olsson é uma rocha, pensou ele ao desligar. Um daqueles pilares rochosos de Gotland, embora ele fosse de Småland. Incólume aos ventos e tempestades, divagou poeticamente o comissário.

\*

Bäckström chamou a policial Sandberg até sua sala, ainda que ela estivesse começando a encher seu saco. Ele indicou a cadeira livre com a cabeça.

— Sente-se, por favor. Quero que sejam colhidas amostras de DNA dos policiais que estiveram na boate e do estagiário, que ainda não forneceu a dele.

É claro que Sandberg tinha objeções. As mulheres são todas iguais, pensou Bäckström, e, ao examinar de perto, dava para

perceber que esta também estava começando a ficar caída. Em mais de um lugar.

— Mas nenhum deles saiu da boate antes de três e meia — disse ela. — Se você leu meus interrogatórios, sabe disso. Além do mais, eu também estava lá e falei com todos eles durante a noite. Várias vezes. E quando fui embora, às quatro horas, os três agentes ainda estavam lá. E o estagiário tinha acabado de ir. Ele veio se despedir antes de sair.

— Sim, eu sei, mas não entendo o que isso tem a ver com alguma coisa.

— De acordo com o que foi dito na reunião esta manhã, você e Enoksson parecem acreditar que o assassino chegou à casa de Linda às três da manhã — afirmou Sandberg.

— Mas na verdade não temos certeza disso — retrucou Bäckström. — A única coisa que nosso estimado médico-legista sabe dizer é que ela deve ter morrido entre três e sete da manhã.

— E se ele fugiu às cinco horas, quando é que o entregador de jornais apareceu? — insistiu Sandberg. — Considerando tudo o que ele fez, como poderia ter tido tempo?

— Isso nós também não sabemos. É apenas o que eu acredito. Trate de colher amostras de todos eles. Voluntariamente, é claro, e quanto antes.

— Está certo, Bäckström — respondeu ela, olhando furiosamente para ele, taciturna.

— Ótimo. Então precisamos colher amostras de mais três homens.

Nossos colegas de Gotemburgo podem cuidar do safado devasso que está por lá, pensou ele.

— Quais? — perguntou Sandberg, olhando-o desconfiada.

— Andersson, Hellström e Claesson. Estes nomes soam familiares para você?

— Tenho medo de que isso nos traga problemas — disse Sandberg. — Espero que você se dê conta de que há um sério risco

de Claesson cometer suicídio, se acabar sendo envolvido nesse caso.

— Por isso é uma ideia excelente dar a ele a chance de provar sua inocência o mais rápido possível. Assim ele não vai precisar mais ouvir conversa fiada pelos corredores.

\*

Após um almoço leve com salada, peixe e tomates secos, acompanhado de uma garrafa de água mineral, o comissário regional concluiu suas reflexões e ligou para um velho conhecido que trabalhava no grupo de proteção constitucional do Serviço de Segurança Nacional.

— Esse não é um assunto fácil de abordar — começou ele e levou dez minutos para contar a história. — Ele parecia totalmente desequilibrado — concluiu.

Seu conhecido agradeceu por ele ter entrado em contato. Sem revelar o motivo, disse que aquilo era profissionalmente justificável, interessante e significativo, inclusive do ponto de vista da proteção constitucional.

— A melhor coisa seria você escrever algumas linhas sobre o que acabou de me contar — disse ele. — É claro que tudo o que escrever será considerado estritamente confidencial, portanto, não precisa se preocupar com isso de forma alguma.

— Acho melhor não — discordou o comissário, hesitando. — Eu esperava que esta conversa fosse bastar.

— Agradeço sua iniciativa — falou seu conhecido num tom quase jovial. — Muito bem, não tem importância, então. Esta conversa informal será suficiente.

— Se as coisas se complicarem, pode ter certeza de que vou confirmar tudo o que acabei de dizer.

— Claro, claro. Eu nunca esperaria outra coisa de você — concordou seu conhecido, soando ainda mais jovial do que antes, se

é que isso era possível.

Depois de encerrarem a ligação, o comissário voltou para sua esposa com o intuito de se certificar de que ela não caíra no sono. Estava acordada. Mas virara de costas.

Seu conhecido, por outro lado, desligou o gravador conectado ao telefone, retirou o chip de memória que continha a conversa, levou-o até sua secretária e lhe pediu para imprimir o diálogo e autenticá-lo.

No dia seguinte, eles finalmente conseguiram uma amostra de DNA do vizinho de Linda, o bibliotecário Marian Gross. Ninguém na equipe de investigação achava de fato que ele pudesse ser o assassino, mas era uma questão de princípio. Nenhuma pessoa, muito menos alguém como Gross, poderia ter permissão de escapar apenas por fazer um estardalhaço. O superintendente Jan Lewin tinha conversado com a promotora responsável pelo inquérito em andamento sobre Gross. Ele ressaltara algumas brechas jurídicas que o antigo caso ainda oferecia, e não foi nem um pouco difícil convencê-la. Muito pelo contrário: ela chegara inclusive a demonstrar surpresa com o fato de o assunto ainda não ter sido abordado. Portanto, agora era só uma questão de ir atrás dele e, se o cara não quisesse fornecer voluntariamente uma amostra do DNA, eles a arranjariam de qualquer maneira.

Von Essen e Adolfsson receberam essa missão e, depois dos costumeiros chutes na porta, Gross acabara consentindo em abri-la, calçar os sapatos e acompanhá-los até a delegacia. Como na última vez, ele não disse uma palavra sequer durante todo o trajeto.

— Muito bem, Gross — começou Lewin, olhando cordialmente para ele. — A promotora decidiu que precisamos de uma amostra do seu DNA. Até onde posso ver, há duas maneiras de conseguirmos. Você põe um cotonete na boca ou chamamos um médico para enfiar uma agulha no seu braço, enquanto meus colegas supervisionam o procedimento.

Gross ficou calado, com uma expressão contrariada nos olhos.

— Devo interpretar seu silêncio como uma opção pelo segundo método? — perguntou Lewin, ainda num tom cordial. — Muito bem, rapazes. Levem o Dr. Gross até uma de nossas celas, enquanto aguardamos a chegada do médico.

— Exijo que eu mesmo faça isso — gritou Gross, pegando um cotonete no frasco de amostra em cima da mesa de Lewin.

Quando terminou, ele recusou a carona que o policial ofereceu até sua casa e saiu apressado da delegacia.

Poucas horas depois, ele enviou uma correspondência para a promotora acusando de grave abuso judicial o superintendente Olsson, o superintendente Jan Lewin e os policiais von Essen e Adolfsson. A recepcionista deixou o envelope na bandeja de encaminhamento interno para que fosse entregue à divisão de reclamações. E tudo voltou ao normal.

No geral, a missão de obter amostras de DNA estava indo melhor do que o esperado. Um dos policiais mais jovens da equipe, que se interessava por estatísticas, havia fixado um gráfico enorme no quadro de avisos, onde o andamento do caso podia ser acompanhado. O número total de amostras colhidas dos moradores de Växjö e arredores já ultrapassava uma centena. Metade havia sido verificada pelo laboratório central e eliminada do inquérito. Gross fora o único a oferecer certa resistência. Alguns dos arruaceiros locais tinham até se prontificado a dar suas amostras.

As únicas nuvens no céu da polícia científica eram seus colegas policiais.

Os três que também estiveram na boate se recusaram a princípio. Após uma conversa em particular, dois deles acataram, mas o terceiro entrara em contato com o sindicato e continuava se recusando. E, se estava dizendo a verdade, sua intenção era denunciar Bäckström e seus colegas da Divisão Federal à corregedoria da polícia, nem que fosse para que aprendessem alguns fundamentos legais. O estagiário tinha sido ainda mais direto.



Apesar de diversos telefonemas para sua casa e seu celular, os policiais simplesmente não conseguiram entrar em contato com ele. Deixaram inúmeros recados, mas até ali ainda não tinham obtido resposta.

Olsson estava preocupado com os três policiais dos quais Bäckström queria amostras do DNA por causa do comportamento que tiveram recentemente. Do seu ponto de vista, Olsson estava tranquilo em relação ao homem que espancava a esposa e ao instrutor de tiro que assediara a própria aluna com propostas indecentes. Ele falou sobre isso confidencialmente com Bäckström.

— Cá entre nós, vou ficar feliz se forem dispensados do serviço.

O que isso tem a ver comigo ou com você?, pensou Bäckström.

Mas o antigo treinador era um assunto bem diferente. Olsson o conhecia pessoalmente, e estava preparado para responder por ele. Era inocente, tinha sido vítima de um erro judicial.

— Não quero a morte dele na minha consciência — explicou Olsson. — Ele sofre de uma depressão grave, tenho certeza de que você entende isso.

— Claro, e quem não sofre? — retrucou Bäckström. — Mas pensei que era comum entre os jovens mentir sobre abuso sexual.

Olsson era o primeiro a concordar com isso. Era verdade que o fato de seu grande amigo ter sido acusado, apesar de ser inocente (supondo que a garota tivesse inventado tudo), era uma prova cabal disso. No entanto, nesse episódio, parecia que os pais da menina estavam por trás de tudo, o que só aumentava a seriedade do assunto.

— Espero que você considere isso, Bäckström.

— Claro. Tenho certeza de que todos nós esperamos encontrar um assassino que nos deixe satisfeitos. Quer mais alguma coisa comigo?

Será que não deveríamos colher uma amostra sua também?, pensou ele.

Olsson tinha outra coisa em mente: o maníaco de Dalby, que ainda estava foragido, embora a Divisão de Intervenção Rápida houvesse isolado a área e estivesse efetuando buscas sistemáticas em cada metro quadrado.

— Você acha que ele pode ser o nosso homem? — indagou Olsson, olhando esperançoso para Bäckström.

— Pelo que estou vendo, a mesma ideia ocorreu ao nosso adorador jornal vespertino — disse Bäckström. — Estão se referindo a alguém que ocupa uma posição importante aqui neste prédio. Se é isso que você está se perguntando, não foi comigo que a imprensa falou.

— É claro que não — garantiu Olsson. — Mas o que você acha dessa hipótese?

— Acho que a pessoa importante neste prédio é tão estúpida quanto seus amigos da imprensa.

\*

Naquela noite, Carin ligou e lhe perguntou por que ele não mantivera contato. Ela passara o fim de semana fora, visitando a mãe idosa, mas ele poderia ter deixado uma mensagem na caixa postal.

— As coisas andam muito complicadas — disse Bäckström evasivamente.

O que ela quer dizer com isso? Visitando a mãe idosa? Só me faltava essa, pensou Bäckström.

— Há alguma coisa que você gostaria de me dizer? — indagou ela, no mesmo tom que usava toda vez que fazia essa pergunta.

— Não, é algo pessoal. Meu animal de estimação morreu. Pedi que um amigo cuidasse dele enquanto estou neste caso, mas não deu certo.

— Ah, sinto muito — disse Carin, soando chateada. — Era um gato ou um cachorro?

Porra, ela está pensando que sou o quê?, perguntou-se Bäckström. Só as velhas e os veados têm gatos.

— Um cachorro — mentiu ele. — Uma criatura formidável. Muito alegre. Ele se chamava Egon.

— Que triste — falou ela, e a julgar pelo tom da sua voz, Carin gostava de animais e era uma pessoa bem sensível. — Um cachorrinho com um nome tão bonito. Imagino como você deve estar abalado. Está a fim de falar sobre isso? Sobre o que aconteceu, quer dizer?

— Ele se afogou — contou ele. — Desculpe...

— Eu entendo, você não consegue falar sobre isso — disse ela.

— Vamos falar amanhã — sugeriu Bäckström. — Ligue para mim, se quiser sair para jantar.

Que mulher maluca, pensou ele.

\*

Bäckström tinha evitado Rogersson durante alguns dias, pois havia considerável evidência sugerindo que ele assassinara o pequeno Egon. Mas Rogersson não parecia notar que Bäckström o estava evitando. Andava se comportando como sempre. É assim que eles são, pensou Bäckström, os verdadeiros psicopatas. Só pensam em si mesmos. Embora Rogersson parecesse ser um tipo de assassino um pouco mais complicado, considerando que acabara de bater na sua porta. Uma batida muito delicada para Rogersson, provavelmente por causa da sua consciência pesada, pensou Bäckström. E, num gesto conciliador, ele trouxera um engradado de cerveja e uma garrafa de uísque quase cheia.

— Então você está aqui, reclamando da vida — disse Rogersson.

Como Bäckström não era do tipo que guardava mágoas, aos poucos, eles conseguiram normalizar o relacionamento e restaurar a camaradagem que sempre existira entre os dois.

— Um brinde a Egon — propôs Rogersson.

— Saúde, meu camarada. Um brinde a Egon — disse Bäckström solenemente, levantando-se e erguendo o copo.

\*

Um dia após o segundo velório de Egon, ele vislumbrou, por fim, um suspeito digno de receber tal classificação. Uma experiência quase mística, pensou Bäckström ao sentir o formigamento que lhe era familiar.

Antes da reunião matinal de quarta-feira, Thorén ligou para seu colega em Gotemburgo e pediu ajuda para colher uma amostra de DNA de Karlsson Devasso, outro policial. O amigo prometeu fazer o possível e ligar de volta assim que tivesse uma resposta. Não demorou a entrar em contato com Karlsson Devasso.

Apesar de ser de manhã cedo, Karlsson Devasso já estava no terraço de um café em Marstrand, observando as garotas. O conhecido de Thorén lhe perguntou como tinha passado o verão até o momento, pois era sempre melhor começar com cautela, qualquer que fosse o assunto que quisesse abordar. Maravilhoso, dissera Karlsson Devasso. Ele passara as férias viajando pela costa oeste. Começara em Strömstad, ao norte, e descera, passando por Lysekil, Smögen e outros lugares menores cujos nomes já havia esquecido. E naquele instante estava sentado à beira-mar, em Marstrand, poucos quilômetros ao norte de Gotemburgo.

— É incrível — disse ele com entusiasmo. — Você nem imagina quantas garotas tem aqui. É mulher que não acaba mais. E o clima... Isso é que é vida!

Ele não teve problema algum em fornecer voluntariamente uma amostra de DNA. Já fizera isso em diversas ocasiões em casos relacionados a questões de paternidade na Suécia e em outros lugares, e sempre se safara.

— Isso é ótimo — prosseguiu, parecendo ainda mais entusiasmado. — Nunca me pegaram. Ao que parece, sou imune a

essa merda.

Para ganhar tempo, eles concordaram que Karlsson, assim que arranjasse uma brecha na sua agenda, iria até a delegacia em Marstrand e forneceria lá mesmo a amostra prometida. Independentemente de qual fosse a necessidade daquilo, foi o que pensou o colega de Thorén ao desligar o telefone.

\*

Adolfsson e von Essen não compareceram à reunião matinal, pois tinham ficado encarregados da coleta das amostras de DNA, e o dia começara particularmente auspicioso para os dois. Primeiro, conseguiram encontrar o instrutor de tiro, que era um velho conhecido de Adolfsson, membro do seu clube de caça. Animados com esse êxito, eles foram procurar o policial que estivera na boate e se recusava a colaborar. O sujeito estava em casa revisando o texto de sua queixa para a corregedoria de polícia, mas assim que Adolfsson e von Essen lhe deram alguns conselhos, acabou tomando a decisão correta.

— O que faremos em seguida? — perguntou Adolfsson. Afinal de contas, Gustaf ainda era seu superior naquela missão.

— Agora vamos cuidar do estagiário que pelo visto está se recusando a atender o telefone. Em seguida, vamos atrás de todo mundo que esteve naquela boate com Linda.

\*

Durante a reunião, inicialmente eles discutiram a situação em que a investigação estava, depois, a maior parte do debate girou em torno das amostras de DNA. Para variar, todos pareciam plenamente de acordo. Se não conseguissem encontrá-lo de outro modo, cedo ou

tarde o assassino seria preso por conta do DNA. Lewin foi o único a expressar alguma reticência.

— Essas coisas trazem riscos — afirmou ele com certa cautela, apontando para o gráfico no quadro de avisos que indicava a quantidade de amostras colhidas.

— O que você quer dizer? — perguntou Olsson.

— Há o risco de perdermos o controle da investigação — respondeu Lewin. — Já aconteceu, e provavelmente vai acontecer de novo, e isso apesar de termos o DNA do assassino e ainda não termos detido o cara. Posso citar de memória meia dúzia de exemplos recentes.

Fale por si mesmo, seu maldito teórico da conspiração, pensou Bäckström. Pessoalmente, ele ficaria feliz de conseguir amostras do DNA de todo mundo, caso fosse necessário.

— O que você acha, Bäckström? — quis saber Olsson.

— Já ouvi isso — respondeu ele secamente. — E, por mais curioso que seja, vindo da mesma pessoa — acrescentou, provocando vários sorrisos. — É uma questão de descartar as pessoas que nada têm a ver com o caso o mais rapidamente possível, e se quiserem a minha opinião, não há jeito melhor que esse para manter o controle da investigação.

Cuide da sua própria vida que vou lidar com o resto, pensou ele, olhando furiosamente para Lewin.

Ao redor da mesa, todos concordaram com a cabeça, e Lewin se contentou com um dar de ombros. Em seguida, mudaram de assunto para discutir a recompensa que o pai de Linda queria oferecer.

— Ele ligou para mim e para o comissário — disse Olsson, se espreguiçando por algum motivo desconhecido. — Mas isso me preocupa, pois pode passar uma ideia errada... Nesses estágios iniciais, quer dizer, porque não faz nem duas semanas... para oferecer uma recompensa.

Que monte de merda, pensou Bäckström. Se ele não quisesse passar metade do dia ali, era melhor fazer algo naquele exato instante.

— A situação é a seguinte — começou ele. — Se for alguém que ela conhecia, nós o pegaremos de uma maneira ou de outra, independentemente de ele ter contado a alguém que possa denunciá-lo em troca de uma quantia de dinheiro, mas se for um doido varrido, como algumas pessoas parecem acreditar, então é provável que ele não tenha ninguém a quem poderia contar, e assim não teremos nada a ganhar com uma recompensa, não importa quando seja oferecida. Se for um viciado comum, então todos os seus amigos já estão por dentro, e isso poderá acelerar um pouco as coisas. De qualquer modo, cedo ou tarde, de um jeito ou de outro, nós o pegaremos.

— Devo interpretar isso como uma coisa que não afetaria efetivamente a investigação? — perguntou Olsson com certa cautela.

— De que quantia em dinheiro estamos falando?

Porra, interprete isso do jeito que quiser, seu veadinho.

— O pai da vítima sugeriu um milhão de coroas. Para começar — respondeu Olsson, deixando toda a sala em silêncio de repente.

— O quê? — exclamou Bäckström.

O pai da moça deve estar louco. Em vez disso, dê esse dinheiro para mim, pensou.

— Quanto custa para conseguir uma dose nesta cidade? — perguntou Rogersson, do nada, fazendo um gesto na direção de um dos policiais que costumavam atuar no esquadrão antinarcóticos de Växjö.

— Depende do que se quer — respondeu o policial. — É o mesmo que nas cidades grandes, suponho. Quinhentos ou mais, se quiser heroína. Dá para conseguir anfetaminas por cerca de duzentos. Haxixe não custa quase nada, se a pessoa der um pulo em Copenhague.



— Caramba, vamos ser inundados por um dilúvio de viciados malucos tentando vender um monte de histórias doidas. Nada de recompensa — afirmou Bäckström, se levantando. — Bom, se ninguém tiver mais nada a dizer, sugiro que a gente comece a agir.

\*

Após o almoço, Bäckström se fechou na sua sala e acendeu a luz vermelha para não ser incomodado e poder pensar em paz. Preciso fazer com que coloquem uma cama aqui, pensou ele. Fazia anos que não se deitava mais em cima da mesa, e sequer dispunha de uma almofada decente na sala. Talvez devesse me hospedar em algum lugar mais perto do que aquele hotel, considerou, mas essas ideias estimulantes foram interrompidas por uma batida discreta à porta.

— Entre — rosou Bäckström.

E vou cortar você em pedacinhos, seu babaca daltônico, pensou ele.

— Não que eu seja daltônico — disse Adolfsson se desculpando. — E nem é o caso do meu colega aqui — acrescentou ele, indicando von Essen com a cabeça, que estava bem às suas costas. — Mas tem algo que precisamos falar com você, chefe. Pode ser realmente interessante.

Esse rapaz ainda vai longe, pensou Bäckström, apontando amistosamente para a única outra cadeira na sala.

— Sente-se aí, rapaz. E pegue uma cadeira no corredor — disse ele para von Essen. Se não quiser se sentar no chão, seu desgraçado metido a besta. — Então, do que se trata? — perguntou, encorajando Adolfsson.

— Teve uma coisa que nos surpreendeu — revelou o rapaz. — O que Enoksson diz ter ouvido da mulher do laboratório, que nosso assassino não tinha um DNA de padrão nórdico. O fato de estarmos, na verdade, procurando um homem negro, basicamente.

— As reflexões de Adolf costumam se encaixar nesse padrão — comentou von Essen, distraído, examinando as próprias unhas.

— Sou todo ouvidos — disse Bäckström, olhando feio para von Essen.

Será que você pode ficar calado?, pensou.

— É em relação ao colega da vítima na Academia de Polícia, aquele que estava na mesma boate que Linda, na noite em que ela foi assassinada. Não conseguimos uma amostra de DNA. O cara se chama Erik Roland Löfgren.

— Erik Roland Löfgren? Parece bem exótico.

— Ao que parece, ele mora na cidade na maior parte do tempo. Tentamos encontrá-lo em seu endereço residencial para lhe oferecer um cotonetezinho, mas ele não estava — acrescentou von Essen, aparentemente não tendo notado o olhar colérico de Bäckström.

— Ok. Cale a boca, von Essen — interrompeu o superintendente, usando seu tom mais educado. — Continue — ordenou para Adolfsson.

— Na verdade, não foi tão terrível assim. — Adolfsson entregou uma foto para Bäckström. — Esse é o retrato dele na carteira da Academia de Polícia. Portanto, as notícias não são tão ruins — acrescentou, parecendo satisfeito consigo mesmo.

Preto como a noite, pensou Bäckström, olhando para a foto. E naquele instante começou a sentir o velho formigamento que lhe era familiar.

— E, então, o que sabemos sobre ele?

O rapaz estudava na mesma sala que Linda na Academia de Polícia, estava com vinte e cinco anos, fora adotado na África Ocidental Francesa quando tinha seis anos, e acabou ganhando pais suecos e dois irmãos mais velhos, ainda por cima.

— O pai adotivo dele trabalha no hospital de Kalmar, a mãe é diretora de uma escola de ensino médio na mesma cidade. Para ser sincero, são o melhor tipo de gente. Não se trata de um pobre rapaz que cresceu no meio do nada — disse Adolfsson, que inclusive era

filho de um dos maiores fazendeiros da região, tendo crescido na propriedade da família, perto de Älmhult.

— E o que mais sabemos sobre ele? — perguntou Bäckström.

Tinha seis anos quando chegou dos confins da África e, provavelmente, só alguém como Brundin poderia descobrir que tipo de coisas o rapaz aprendera por lá.

Só melhora, pensou ele.

— Notas decentes na escola, nada de extraordinário, mas suficientes para alguém como ele entrar na Academia de Polícia — respondeu Adolfsson. — Se entende o que quero dizer, chefe.

— E então, quais são os interesses dele? — Bäckström lançou um olhar de advertência para von Essen, que encarava o teto.

— Ele tem um fraco por mulheres, e evidentemente é brilhante no futebol — concluiu Adolfsson.

— Ele joga no time da academia — acrescentou von Essen. — Ao que parece, é o craque. E embora prefira que o chamem de Roland, todo mundo o chama de Ronaldo, presumivelmente em referência ao jogador brasileiro profissional.

A expressão de von Essen denunciava sua preferência por atividades mais culturais.

— Todo mundo o chama de Ronaldo — repetiu Bäckström devagar. Em relação ao diário da moça, a ficha já havia caído, mas no momento seu formigamento parecia se espalhar pela sala. — Ok, escutem só o que vamos fazer, rapazes. — Para enfatizar seu argumento, ele se inclinou sobre a mesa e os fitou nos olhos, um de cada vez. — Número um: não falem nada sobre isso com mais ninguém, exceto comigo — disse ele, erguendo o dedo indicador roliço. — O que é dito neste prédio vaza como uma peneira. Número dois: quero que descubram tudo o que puderem sobre esse sujeito e a relação que tinha com Linda. Sem que ninguém desconfie do que estão fazendo. Número três: não façam nada que possa assustá-lo. Deixem-no em paz. Não tentem segui-lo, porque acabaremos encontrando o cara de um jeito ou de outro.

Quando chegar a hora, pensou ele.

— Entendido, chefe — afirmou Adolfsson.

— Ok — disse von Essen.

Assim que os dois policiais saíram, ele chamou Knutsson e Thorén para lhes explicar o que deveriam fazer.

— Sem problemas, por mim — concordou Knutsson.

— Vai ser bom não ter que acompanhar pelos jornais tudo o que estamos fazendo — disse Thorén.

— Ok, então vamos logo.

Finalmente estamos chegando a algum lugar, pensou Bäckström.

— Vocês não acham que ele já pode ter dado o fora? — perguntou Knutsson. — Se é que foi mesmo ele, quer dizer.

— Levando em conta que ele parece não estar em casa e nem atende o celular — acrescentou Thorén.

— É por isso que achei que poderíamos começar dando uma olhada no registro de ligações dele — esclareceu Bäckström.

Seus retardados da porra, pensou.

Um bom chefe deve ser capaz de delegar responsabilidades, pensou ele, colocando os pés em cima da mesa, assim que ficou sozinho na sala. E também deve ser capaz de tomar decisões. Como, por exemplo, escolher o toque adequado no celular, para o caso de alguém ligar e se esgueirar até seu quarto de hotel, para tomar uma cerveja gelada e tirar uma bela soneca por algumas horas. Se surgir uma emergência e o bicho pegar, seus homens fiéis só precisariam ligar para ele. Afinal de contas, era o chefe dos dois.

Após a reunião matinal de quinta-feira, tudo estava parecendo muito promissor. A coleta de amostras de DNA em Växjö e nos bairros periféricos estava indo melhor do que o esperado. Quase trezentos homens se voluntariaram a fornecer amostras, e cerca de metade já havia sido descartada. A investigação sobre o colega de classe de Linda, Erik “Ronaldo” Löfgren, estava avançando bem. Adolfsson já ligara para Bäckström, contando que von Essen e ele tinham reunido uma boa quantidade de informações que lhe apresentariam no fim do dia. Até mesmo Hans e Fritz pareciam ter feito algum progresso.

— Acho que desvendamos aquela história do jogo de futebol — anunciou Knutsson.

— Não com alguém que trabalhe neste prédio, espero — disse Bäckström.

— De maneira alguma — respondeu Thorén, parecendo quase em choque.

— Isso seria estupidez. Verificamos com um dos nossos especialistas — explicou Knutsson. — Um policial que nós dois conhecemos e em quem confiamos.

Segundo o departamento de informação da Divisão Federal, Ronaldo, a lenda viva de vinte e oito anos, tivera uma atuação honrosa no sábado, dia 17 de maio, com sua equipe do Real Madrid numa partida da liga espanhola contra seu time arqui-inimigo, o Barcelona. Mas ele não marcara três gols. Fizera apenas um e dera o passe para outro. Depois do jogo, tinha sido eleito pelos

telespectadores o melhor jogador em campo, como ocorrera em várias ocasiões anteriores.

— Mas não é isto que interessa de verdade — disse Knutsson.

— Todos aqui que acham que esse caso tem alguma coisa a ver com ele estão completamente equivocados — esclareceu Thorén.

— E o que é que interessa, então? — perguntou Bäckström.

Segundo o analista do departamento de informações que examinou a frase, a interpretação mais provável das palavras *Um nome mágico?* era que a pessoa que escreveu a mensagem estava fazendo uma pergunta, a qual deveria ser entendida como sendo retórica.

— E que porra isso quer dizer em linguagem normal? — indagou Bäckström.

— Uma pergunta que tem uma resposta óbvia — explicou Knutsson.

— Por exemplo, você conhece uma clássica, Bäckström. O Papa é católico? — exemplificou Thorén.

— Entendi.

Algo como: Hans e Fritz são cretinos?, pensou Bäckström.

E a pergunta retórica não se referia apenas à pessoa conhecida no mundo todo como Ronaldo, ou, pelos menos, na parte do mundo que se interessava por futebol, mas a todo um conjunto de pessoas com o mesmo nome.

— O que quer dizer isso, porra? — perguntou Bäckström, erguendo as mãos.

Esses merdas que saem da faculdade serão a morte de toda a maldita corporação, pensou ele.

— Mais de uma pessoa que se chama Ronaldo — explicou Knutsson. — O jogador de futebol Ronaldo, o nome do jogo, e outro Ronaldo, que fizera algo semelhante e que, provavelmente, tem alguma ligação com essa tal partida.

— Ok, agora entendi — disse Bäckström. — Por que vocês não disseram apenas que Linda estava sentada assistindo ao jogo com o

ídolo Ronaldo na tela, enquanto o Ronaldo dela estava lhe dando um trato no sofá? Será que estou forçando a barra se disser que ele a comeu três vezes?

— É uma maneira de colocar as coisas — observou Thorén vagamente.

— Segundo o analista com quem falamos, esta é a interpretação mais provável, sim — confirmou Knutsson. — Embora ele não tenha usado exatamente esses termos.

— Então mande esse desgraçado fazer um curso para aprender a falar como uma pessoa normal — disse Bäckström. — Enfim, como anda a pesquisa sobre as ligações feitas e recebidas no celular dele?

— Estamos progredindo — afirmou Thorén.

— Mas esse tipo de coisa leva tempo — acrescentou Knutsson.

— Quando vai estar concluída? — perguntou Bäckström.

— No fim de semana — respondeu Thorén.

— Na melhor das hipóteses, amanhã. No mais tardar, domingo — precisou Knutsson.

— Vamos nos falando — disse Bäckström, apontando para a porta.

\*

Enquanto Bäckström almoçava na cantina da delegacia, a policial Sandberg se aproximou e perguntou se podia se sentar.

— Claro — respondeu o superintendente, indicando a cadeira vazia à sua frente.

Não vai demorar muito até o corpo dela ficar caído, como acontece com toda mulher, pensou ele.

— Posso ser sincera? — perguntou Sandberg, fixando os olhos nele.

— Eu sou sempre.

— Ok, então — disse ela, respirando fundo.

— Sou todo ouvidos, mas não estou escutando nada.

— Não acho que essa história de colher amostras de DNA de um monte de colegas policiais funcione — disparou Sandberg.

— Pois acho que está funcionando muito bem. Os dois jovens policiais que estão cuidando disso comprovaram que são bastante eficientes.

— Eu não achava que existisse gente assim, antes de me tornar policial. Pelo menos, eu esperava que não existisse. Agora, sei que estava enganada. — Seu olhar solene estava fixo em Bäckström. — Para mim...

— Você não se torna um policial — interrompeu Bäckström. — A pessoa simplesmente é policial. Adolfsson e esse tal de Essen são policiais. É ponto final. Está preocupada com algum policial específico?

Isso está começando a ficar divertido, pensou ele.

— Conseguimos descartar todos os policiais de quem conseguimos o resultado do teste.

— É, e isso deve ter sido um alívio para eles — disse Bäckström com um sorriso.

— Não posso simplesmente ir atrás de Claesson e lhe pedir que me dê por vontade própria uma amostra de seu DNA. Não no estado em que está, depois de tudo pelo que passou.

Sandberg balançou a cabeça.

— Você precisa de mais alguma coisa? — perguntou Bäckström, olhando intencionalmente para o relógio.

— Bem, o que você acha?

— Acho que tudo vai acabar se resolvendo. Vou pedir a Adolfsson ou a outra pessoa para fazer isso — respondeu Bäckström, levantando-se da mesa.

Agora engole essa, sua vadiazinha, pensou ele, colocando a bandeja no carrinho.



\*

— Como você conseguiu que ele concordasse em ser interrogado? — perguntou Bäckström a Rogersson duas horas mais tarde, dentro do carro, a caminho da mansão do pai de Linda.

— Liguei e perguntei se poderia ir até lá conversar com ele — respondeu Rogersson.

— E ele não viu problema nisso?

— Não, nenhum. — O detetive balançou a cabeça.

O interrogatório com o pai de Linda durou quase duas horas. Sentados no escritório no primeiro andar da mansão, Bäckström deixou Rogersson conduzir a conversa, se contentando em fazer uma ou outra pergunta ocasionalmente. Falaram sobre os interesses de Linda, sua vida social, seus amigos, e quiseram saber se havia mais alguma pessoa que o pai considerasse importante que eles ficassem sabendo. Tomaram cuidado para não abordar dois assuntos. O primeiro era a questão de descobrir se ela havia ou não deixado um diário, ou qualquer documento pessoal dentro de casa, e o segundo era saber como ele, o pai, estava se sentindo.

Depois de mais ou menos uma hora, ele lhes perguntou se queriam beber algo. Café ou outra coisa.

— Se eu não estivesse trabalhando, pediria uma cerveja gelada — disse Bäckström com um sorriso fraco. — O Rogersson aqui vai se contentar com um refrigerante, pois está dirigindo.

— Tenho certeza de que podemos dar um jeito nisso — retrucou o pai de Linda, depois de se levantar do sofá e abrir a porta de um armário antigo, que ficava no canto do seu escritório. — Nem tudo é o que parece — acrescentou ele ao ver a expressão de surpresa de Bäckström.

No armário havia grande quantidade de garrafas e copos de tamanhos variados. E também uma pequena geladeira com gelo, água mineral, refrigerantes e cervejas.

— Acho que vou tomar uma cerveja — disse Henning Wallin. — E sugiro que os cavalheiros me acompanhem. Se for o caso, podem voltar andando até Växjö. Ou posso pedir para o meu motorista levar vocês.

— Parece uma boa ideia — disse Bäckström.

Você vai conseguir superar isso, pensou. Muito embora pareça um caroço de maçã que passou pelos intestinos de alguém. E apesar de ter cortado metade do rosto quando tentou se barbear de manhã.

— Você reconhece este homem? — perguntou ele, entregando ao pai de Linda a fotografia de Erik Roland Löfgren.

Está mais do que na hora de irmos direto ao ponto, pensou Bäckström.

Henning Wallin observou atentamente a foto e depois assentiu.

— Eles estudavam juntos, não é? Acho que o pessoal o chamava de Ronaldo.

— Linda o conhecia bem? — questionou Rogersson.

— Não, acho que não. Ela teria mencionado se fosse o caso. Só o encontrei uma vez.

Rogersson fez um gesto com a cabeça para que ele prosseguisse.

— Teve uma vez que ele veio aqui, na primavera. Lembro-me de cumprimentá-lo. Eu estava indo jantar fora. Se me recordo bem, eles iam assistir a um jogo de futebol. Linda tem... tinha uma quantidade enorme de canais de televisão no quarto.

— Mas você se lembra dele com certeza? — perguntou Rogersson.

— Claro. É o tipo de pessoa de quem a gente não se esquece. Pelo menos se você for um pai como eu. Mas entendi aonde querem chegar. Tenho certeza absoluta de que Linda não tinha qualquer relacionamento com ele. Isso realmente não me preocupa.

— Você não o achou desagradável, ameaçador, ou coisa parecida, achou? — indagou Rogersson.

— Não, achei um cara simpático — respondeu Henning Wallin. — Mas não era o tipo de pessoa que eu gostaria de ter como genro —

acrescentou ele, balançando a cabeça bruscamente e pressionando o polegar e o indicador nos olhos.

— Não vou perguntar como você está se sentindo — disse Bäckström. — Também perdi uma pessoa... Alguém muito próximo de mim... Da mesma forma que você perdeu Linda. Então, sei como se sente.

— Verdade? — perguntou o pai de Linda, surpreso.

— É, sim. Por isso não vou fazer essa pergunta. Podemos seguir em frente?

— Podemos — respondeu Henning Wallin. — Agora estou bem. Antes que eu esqueça: pensei em oferecer uma recompensa. Vocês acham que isso ajudaria em alguma coisa?

— Não — respondeu Bäckström, balançando a cabeça.

— Por que não?

— Porque sei que vamos pegá-lo de qualquer maneira — afirmou o superintendente, lançando seu olhar de policial.

— Ótimo — disse Henning Wallin. — Mas, se no final das contas, a recompensa for uma boa ideia, é só me avisar.

— Tenho uma lista aqui com os nomes das pessoas que Linda conhecia ou com quem se encontrou — comentou Rogersson. — Você conhece alguma delas?

Henning Wallin deu uma olhada na lista. Ele não acrescentou nada que os policiais já não soubessem, e o único nome que o levou a fazer um comentário foi Marian Gross.

— É aquele vizinho, não é? Lembro que Linda me falou dele. Disse que era um homem particularmente repulsivo. Deve ter se mudado para lá depois de nos separarmos.

— Você morava lá? No prédio em que tudo aconteceu? — perguntou Rogersson.

— O prédio era meu — respondeu Henning. — Eu o dei para a mãe de Linda na época do divórcio. E ela o transformou num condomínio. O dinheiro sempre foi sua maior preocupação.

— Mas você nunca morou lá? — insistiu Rogersson.

— Não. Uma das minhas empresas suecas teve um escritório lá por um tempo, mas eu raramente o visitava. Vocês não acham que pode ter sido ele, acham? Esse tal de Gross?

Rogersson deu de ombros.

— Estamos averiguando todos que nos dão motivos para serem averiguados — respondeu ele.

— Não estamos descartando ninguém, até termos certeza absoluta — enfatizou Bäckström. — E quem sobrar vai para a prisão. Perpétua.

— E quando isso vai acontecer? — perguntou Henning.

— Em breve — respondeu Bäckström. — Será que posso usar o seu banheiro, antes de irmos? Beber cerveja à tarde é demais para um velho policial — mentiu ele.

— Pode usar o meu banheiro. É a primeira porta à esquerda.

— Acho que estamos quase acabando — disse Rogersson, quando Bäckström saiu para se aliviar. — Não há nada de que se lembre que não tenhamos conversado? Alguma coisa que queira acrescentar?

— Apenas peguem o desgraçado que fez isso. Podem deixar que eu me viro.

— Estamos trabalhando para isso — afirmou Rogersson.

\*

— Você não está bêbado demais para dirigir? — perguntou Bäckström quinze minutos depois, já no caminho de volta para Växjö.

— Não — respondeu Rogersson. — Não costumo ficar bêbado após só uma cerveja. Aliás, eu não sabia que você tinha uma filha que foi estrangulada.

— Não foi o que eu disse. Falei que foi alguém próximo.

— Se estiver pensando em Egon, fique sabendo que não o estrangulei. Ele parecia ter se afogado. Embora eu achasse que se

tratava de um peixe dourado.

— Eu estava pensando em Gunilla — disse Bäckström.

Aposto que ele fez alguma coisa com Egon, pensou. Por que outra razão continuaria abordando o assunto?

— Porra, quem é Gunilla? — indagou Rogersson irritado.

— Você sabe, Gunilla. O assassinato de Gunilla — explicou Bäckström. — Ela foi estrangulada.

— Mas, porra... Ela era uma prostituta, não?

— Ela era uma moça muito legal. Eu a encontrei algumas vezes na rua, quando estava atrás de clientes e continuava inteira. De qualquer maneira, funcionou. Você notou como o pai de Linda se recompôs quando descobriu que estava diante de alguém que sofria como ele? Aliás, você tem aqui no carro alguma embalagem para coletar provas?

— Tem de tudo neste maldito carro — respondeu Rogersson. — Olhe no porta-luvas.

— Ótimo — disse Bäckström, abrindo um dos sacos plásticos e retirando com cuidado um lenço de papel ensanguentado do bolso.

— Então foi por isso que você pediu para ir ao banheiro.

— Foi. Não que precisasse. — Bäckström parecia satisfeito. — Ele jogou isso na lata de lixo do banheiro.

— Sabe de uma coisa, Bäckström? Você é louco. Um dia vai ter que acertar as contas com o diabo. E ele virá buscá-lo pessoalmente.

Quando voltaram para a delegacia, Adolfsson e von Essen estavam aguardando na sala de Bäckström. Quando o viu entrar, Adolfsson deu um pulo da cadeira. Seu parceiro se contentou com um gesto educado de cabeça e tronco, indicando uma atitude benevolente.

— Espero que não se importe, mas resolvemos entrar e esperar aqui, chefe — disse Adolfsson. — Não queríamos ficar em pé no corredor onde todo mundo poderia nos ver.

— Sente-se, Adolf. Não tem problema — tranquilizou-o Bäckström, alegre, antes de se sentar e pôr os pés em cima da mesa.

Esse rapaz vai mesmo muito longe, pensou.

Erik Roland Löfgren tinha sido interrogado na noite de sexta-feira em que Linda foi assassinada. O interrogatório fora feito por telefone, e a policial que ligara para seu celular tinha sido Anna Sandberg. Segundo o relatório, a ligação durara vinte minutos e abordara três questões relacionadas ao caso. O resumo do que foi dito ocupava apenas duas páginas.

— Löfgren informou que Linda e ele estudavam na mesma sala da Academia de Polícia em Växjö, mas não tinham uma relação próxima. Quando se encontravam fora das aulas, era por causa dos diversos eventos sociais relacionados à instituição, exceto as poucas ocasiões em que se esbarraram em restaurantes ou em outros lugares públicos em Växjö. Em seguida, ele afirma que não conhecia Linda muito bem, mas a considerava uma garota legal, alegre,

interessada em esportes e de quem todos gostavam. Até onde ele sabe, ela nunca se relacionou amorosamente com alguém da academia nem com qualquer pessoa que ele conhecesse. De acordo com Löfgren, ela parecia passar a maior parte do tempo com as amigas.

Sobre a noite em questão, Löfgren afirma que chegou à boate às dez horas, na noite de quinta-feira, com dois amigos da Academia de Polícia, e saiu por volta das quinze para as quatro, na madrugada de sexta. Voltou a pé direto para casa e foi para a cama, pois tinha prometido visitar os pais na casa de campo deles em Öland naquele fim de semana e precisava descansar um pouco antes de dirigir. Durante o tempo em que ficou na boate do Town Hotel, notou a presença de Linda, mas os dois só se cumprimentaram depressa, pois ele estava com um grupo de amigos. A boate estava lotada e Löfgren não se recorda de ter visto nada de importante durante a noite. Ele também diz que está extremamente abalado com o que aconteceu com sua colega de classe. E este é o resumo do que foi dito — concluiu von Essen, assentindo para Bäckström.

— Também tem um apêndice nesse relatório — disse Adolfsson.

— Estou chegando lá — assegurou Essen calmamente. — Estou chegando lá. A responsável pelo interrogatório, a policial Sandberg, acrescentou um apêndice ao relatório. Ela escreveu o seguinte: “Eu, signatária, também estava na boate do Town Hotel na noite em questão... Isso foi informado ao chefe da investigação preliminar, o superintendente Bengt Olsson, hoje, às três da tarde... Posso confirmar que Löfgren esteve comigo e meu grupo durante a noite e que ele se despediu pouco antes das quatro da manhã, dizendo que ia para casa dormir, pois pretendia visitar os pais na casa de campo deles naquele fim de semana. Também encontrei Löfgren mais cedo, quando dei uma palestra sobre violência doméstica na Academia de Polícia, como parte de minhas obrigações. Assinado, Anna Sandberg.”

— Então, o que vocês acham disso? — perguntou Bäckström.

— Ele está mentindo quando diz que mal a conhecia, infelizmente — disse Adolfsson.

— Não se preocupe — consolou von Essen dando um tapinha no ombro do colega. — Você não pode ganhar todas, e caso perca uma batalha, sempre haverá milhares de outras por vir. Nosso amigo Adolf tinha uma queda pela vítima — explicou ele. — Costumava dar em cima dela quando a garota ficava na recepção.

Bäckström deu uma risadinha.

— Talvez devêssemos colher uma amostra do seu DNA também, Adolf.

— Já tratei disso com Enoksson — respondeu o policial, de forma bastante abrupta, para variar.

— Por quê? — perguntou Bäckström, curioso.

Por que, hein?, pensou ele.

— Porque eu encontrei a vítima. Estive na cena do crime, em vários cômodos. Não fiquei babando diante do corpo dela, mas toquei para me certificar de que estava morta. Por isso, sugeri que Enoksson colhesse uma amostra do meu DNA. Voluntariamente.

— E ele fez isso?

— Fez.

— Cara esperto — elogiou Bäckström. — Mas voltando ao nosso assunto. Até que ponto nosso pequeno Ronaldo conhecia a vítima, então?

— Segundo o que andou dizendo a alguns colegas, ele já dormiu com ela — respondeu Adolfsson. — Acredito que é provável que isso seja verdade. Quer os detalhes, chefe?

— Não, deixe os detalhes para lá. Todas as mulheres são loucas. Aliás, já que tocamos no assunto, nossa colega Sandberg, como ela é?

— Não é das minhas favoritas — disse Adolfsson. — E também não a considero uma colega, já que está me perguntando, chefe. Ela é casada com outro policial, e prefiro não revelar o que acho dele. O



cara trabalha na delegacia de Kalmar, o que provavelmente explica tudo.

— Nós dois sermos reservados em relação à nossa colega Sandberg provavelmente se deve ao fato de ela ter nos denunciado por uso excessivo de força no desempenho da nossa missão — explicou von Essen. — Ela alegou que nós agredimos alguém sob sua custódia, durante uma detenção. Isso foi na primavera passada.

— E o que o cara tinha feito? — perguntou Bäckström.

— Não era um cara, e sim uma mulher — respondeu Adolfsson. — Ela tentou morder o barão no pescoço, quando estávamos tentando fazer com que entrasse no carro. Considerando que ela era soropositiva, achei melhor amordaçá-la.

— Não sabia que vocês tinham mordaças no carro — comentou Bäckström. — Isso parece bem prático.

— Tirei meu casaco e o enrolei em volta da cabeça dela — esclareceu Adolfsson. — Nem os traidores na ouvidoria fizeram qualquer objeção a isso.

— Ok, vamos fazer o seguinte. E não quero que falem nenhuma palavra sobre isso com ninguém — disse Bäckström, retirando os pés da mesa e se inclinando para a frente.

*Skåne, sábado, 19 de julho*

No início da semana, o Diretor da Divisão Federal fora de avião para Skåne com a intenção de conduzir pessoalmente a busca ao criminoso mais perigoso do país. O louco de Dalby, um grande assassino — em um mundo onde pessoas como Nylander eram forçadas a viver —, tinha grande probabilidade de também ser um serial killer. Para ficar perto da área de busca em Dalby e arredores, onde os homens da Divisão de Intervenção Rápida estavam trabalhando, ele se hospedou no Grand Hotel em Lund.

De início, tiveram o mau gosto de reservar uma suíte luxuosa para ele, mas quando esclareceu as circunstâncias operacionais de sua visita, logo o transferiram para uma suíte de casal comum. Esses civis desprezíveis não têm a menor ideia do que é um estado de alerta, pensou Nylander.

Mas, infelizmente, no fim da noite de sábado, ocorreu um pequeno incidente no seu quarto de hotel.

Nylander estava cansado depois de ter passado mais de quinze horas em serviço. O calor estava de matar e eles tiveram um pouco de dificuldade para conseguir os equipamentos adequados. Antes de ir para a cama, quando estava descarregando ou, o mais provável, carregando sua arma de serviço — esse detalhe específico nunca foi divulgado —, um tiro acabou sendo disparado involuntariamente e acertou o espelho do banheiro. Como os danos não pareceram significativos, Nylander escovou os dentes e foi dormir, deixando o

revólver debaixo do travesseiro, como sempre fazia quando estava em missão oficial fora de casa. Estava quase pegando no sono, quando alguém bateu com violência à porta.

Infelizmente, a bala perdida acabara acertando a televisão do quarto ao lado. O hóspede vizinho, com tendências histéricas, correrá até a recepção, berrando, vestindo apenas uma cueca com desenhos do Pato Donald. Os funcionários do hotel chamaram imediatamente a polícia, alegando que houvera “uma série de disparos dentro do quarto do Diretor da Divisão Federal”. Apenas dois minutos mais tarde, a primeira viatura chegou ao local e, por garantia, a Divisão de Intervenção Rápida de Malmö também seguiu para lá.

Depois disso, a situação saiu de controle. O próprio Nylander explicou calma e sistematicamente o que de fato acontecera, chegando até a sugerir que todos voltassem a tomar conta de suas vidas, mas foi ignorado. Os policiais locais simplesmente não eram profissionais o bastante para lidar com a situação. Confiscaram sua arma de serviço e o arrastaram até a delegacia de Lund, para que fosse interrogado, embora estivessem no meio da noite. Após o interrogatório, o levaram, enfim, de volta ao hotel.

— Infelizmente, serei obrigado a redigir um relatório sobre este incidente — disse Nylander, encarando o chefe da Divisão de Intervenção Rápida, quando o deixaram na entrada do hotel.

— Faça isso mesmo, Nylander — retrucou o policial com seu sotaque carregado do condado de Skåne. — Desde que prometa parar de brincar com sua pistola na cama.

\*

Na manhã seguinte, encontraram o louco que procuravam. Ele estava morto numa cabana de pescador, perto de Åhus, e o fato de ter sido descoberto pelo dono da propriedade, e não pela equipe da

Divisão de Intervenção Rápida de Nylander, se deu provavelmente porque ele não estava na área em que a busca era realizada. A julgar pelo cheiro e pela quantidade de vermes em seu corpo, era evidente que ele já estava ali havia vários dias.

— Ao que parece, o desgraçado enfiou a arma na boca e atirou — disse o subalterno imediato de Nylander.

— Colha uma amostra do DNA dele e informe aos nossos colegas em Växjö — determinou o diretor.

Policiais burros, pensou ele. Era preciso explicar tudo.

*Växjö, domingo, 20 de julho*

Domingo, tarde da noite, Knutsson e Thorén bateram à porta do quarto de hotel de Bäckström. Seus colegas em Estocolmo tinham concluído a investigação preliminar do celular do estagiário de polícia Erik Roland Löfgren.

— O quê? Eles trabalharam durante o fim de semana? — perguntou Bäckström, surpreso.

— Imagino que estivessem precisando de algumas horas extras, como todo mundo — explicou Knutsson.

— E, então, ele ainda está por aí ou já deu o fora? — indagou Bäckström.

Espero que o filho da mãe tenha fugido, pensou ele, bruscamente voltando a sentir seu formigamento de sempre.

— A julgar pela análise das ligações, o cara está em Öland desde o meio da semana. — disse Thorén. — Antes disso, parece que estava em Växjö.

— A busca mais recente o localizou próximo de uma antena de celular em Mörbylånga — esclareceu Knutsson. — Seus pais têm uma casa de campo ali perto e ele deve estar por lá, tomando sol.

— E vocês encontraram alguma coisa interessante? — perguntou Bäckström.

Bando de cretinos, pensou. Por que alguém como Löfgren ia querer ficar tomando sol?

— Acho que sim — respondeu Thorén, parecendo satisfeito consigo mesmo.

— O que foi? — insistiu Bäckström. — A menos que seja segredo...

— A policial Sandberg parece ter tentado ligar várias vezes para ele — disse Thorén. — A primeira, no dia em que Linda foi assassinada.

— E daí? — indagou Bäckström, suspirando. — O que há de tão estranho nisso, considerando que foi ela quem o interrogou por telefone?

Malditos cretinos, pensou ele.

— Foi o que pensamos de início — retrucou Thorén.

— Até refletirmos um pouco mais — acrescentou Knutsson.

— É mesmo? — exclamou Bäckström com frieza.

Porra, quem eles pensam que são?

Segundo o relatório sobre o interrogatório redigido e assinado por Sandberg, ela falou com Roland Löfgren entre sete e quinze e sete e trinta e cinco, na noite de sexta-feira, 4 de julho.

— Ela ligou para o celular dele. Provavelmente da sua linha fixa na delegacia, em Växjö, pois a chamada passou pela central — disse Thorén.

— Não sou tão idiota assim — reagiu Bäckström. — E daí, qual é o problema?

— Foi uma conversa bem rápida — observou Knutsson, lançando um olhar malicioso para Bäckström. — Só durou quatro minutos, a partir das sete e dezenove da noite.

— E daí? — repetiu Bäckström. — Isso pode significar apenas que ele pediu para usar o fixo. Comunicação ruim, sem bateria. Como diabo podemos saber? — Caramba, como são estúpidos. — Vocês verificaram a linha fixa dele?

— Isso está sendo feito — respondeu Thorén. — É uma linha normal no alojamento de estudante. Fica numa casa grande em Doktorsgatan, no centro de Växjö, propriedade de um médico que

tem consultório aqui na cidade. Provavelmente um dos velhos amigos de seu pai. A conta está no nome do pai dele, o que complica conseguir a autorização para investigar os registros telefônicos.

— Muito bem, eles simplesmente vão ter que dar um jeito nisso — disse Bäckström. — Qual é o outro problema?

— Bem, sendo curto e grosso — começou Knutsson.

Sendo curto e grosso, o problema era o seguinte: às sete e vinte da noite, alguém ligara outra vez da central da delegacia para o celular de Löfgren, mas ele não atendeu. Outras cinco chamadas recebidas foram registradas, todas do mesmo número e todas, considerando a duração, caíram direto na caixa postal. A última ligação foi feita pouco depois da meia-noite. Nos quinze dias que se seguiram, mais dez foram realizadas da delegacia para o celular de Löfgren. Nenhuma, aparentemente, foi atendida.

Como se isso não bastasse, Sandberg também ligara para ele do seu celular de serviço em cinco ocasiões, e essas chamadas também não foram atendidas. Por fim, ela voltou a ligar para ele, dessa vez de seu celular pessoal.

— Isso foi na quinta-feira, logo após o almoço — disse Knutsson. — E dessa vez parece que conseguiram se falar. A conversa durou nove minutos.

— Estranho — concordou Bäckström.

O que essa mocinha está aprontando, porra? O que ela estava tentando me dizer quando me abordou na cantina?

— Com certeza é um pouco estranho — disse Thorén.

— Se quiser saber minha opinião, isso é um grande mistério — afirmou Knutsson.

— Vamos refletir com calma sobre o assunto — pediu Bäckström. Porra, o que está acontecendo? Depois acrescentou, antes que os policiais saíssem correndo porta afora: — Mais uma coisa: nenhuma palavra sobre isso com ninguém.

— Claro que não — confirmou Knutsson.

— Sigilo total e absoluto — concordou Thorén, piscando o olho direito e colocando o indicador direito sobre os lábios.

— O que estão dizendo? — perguntou Bäckström.

Esses desgraçados são maçons ainda por cima?

— Sigilo total e absoluto — repetiu Knutsson. — Como naquele filme policial americano que se passa nos anos cinquenta: *Los Angeles – Cidade Proibida*.

— Um dos personagens diz isso: sigilo total e absoluto — explicou Thorén. — É um bom filme. Baseado num livro de James Ellroy. Você devia assistir, Bäckström.

Não há outra explicação. Eles só podem ser veados, pensou Bäckström, pouco antes de cair no sono. Depois que o resto da humanidade conseguiu acesso à televisão e ao vídeo, só os veados ainda iam ao cinema. Veados e velhas, é claro. Nem mesmo as crianças iam mais ao cinema, pensou Bäckström, e deve ter sido nesse instante que ele pegou no sono, porque, ao abrir os olhos, já estava claro lá fora e o mesmo sol impiedoso buscava brechas nas cortinas, tentando invadir o quarto.

Hoje vou agarrar esse desgraçado, pensou Bäckström, sob o chuveiro, deixando a água gelada despertá-lo para mais um dia de trabalho na divisão de homicídios.



## *Växjö, segunda-feira, 21 de julho*

O superintendente Jan Lewin tinha começado a ler o *Småland Post*. Ele não podia ficar sem ler pelo menos um jornal, para se manter informado sobre a visão da imprensa a respeito do mundo, em geral, e do assassinato de Linda Wallin, em particular.

Era óbvio que o assassinato de Linda dominava as notícias do jornal local mais importante, mas também havia espaço para outras matérias, algum pequeno reconforto em meio a toda a desgraça humana. Nessa segunda-feira em especial, uma delas veio na forma de um artigo sobre o que provavelmente era o maior morango do mundo.

Havia uma foto do morango na primeira página, com a clássica caixa de fósforos ao lado para dar uma ideia da escala. Assim era possível deduzir que o morango era do tamanho de uma couve-flor, ou talvez de um punho humano. Dentro do jornal havia uma longa entrevista com o homem por trás dessa façanha agrícola, Svante Forslund, de setenta e dois anos, ligeiramente mais baixo do que sua esposa, Vera, de setenta e um.

Svante Forslund estava aposentado havia quase dez anos, após ter feito carreira de professor de biologia e química num colégio de ensino médio em Växjö. Agora, sua esposa e ele passavam o ano todo na casa de campo que antigamente era seu refúgio de verão, perto da cidade de Alvesta. O principal passatempo dos Forslund era a jardinagem. A horta deles ocupava quase um acre e tinha a maior

parte das coisas que podem ser cultivadas para fins culinários ou pelo prazer visual. Flores, ervas, plantas medicinais, frutas e todos os outros tipos de hortaliças. Batatas e todas as raízes de vegetais, além de outros alimentos ricos em nutrientes. Obviamente, também tinham colmeias, para assegurar a polinização de seu paraíso particular. Eles dispunham de inúmeras variedades de *Fragaria ananassa*, porque morangos, em particular, eram a paixão da vida de Svante Forslund.

O morango em questão era uma recente espécie híbrida americana, a *Fragaria monstrum americanum*, o morango monstro americano. Forslund tinha notado esse morango, em particular, durante o verão, e mesmo naquela época, a fruta já era consideravelmente maior do que as outras no mesmo canteiro.

Imediatamente, Forslund decidiu iniciar um novo programa de cultivo. Outros morangos da mesma planta tinham sido retirados, para evitar qualquer competição pelos nutrientes, e ele introduziu um novo regime nutricional e irrigatório, além de ter fornecido à planta uma proteção particular contra insetos, vermes, pássaros, lebres e cervos. Quinze dias depois, quando Forslund achou que seu morango havia alcançado o tamanho ideal, ele o colheu, o fotografou e a notícia foi parar nos jornais.

Ao lado de seu interesse específico pela horticultura, Svante Forslund também viu imenso potencial econômico em seu morango gigante. O cultivo profissional de morangos na Suécia ocupava atualmente dois mil trezentos e cinquenta hectares e, na opinião de Forslund, bastariam alguns anos de dedicação sistemática a esse morango gigante americano para que a produção anual dessa fruta aumentasse cerca de quatrocentos por cento. A partir da mesma área e com custos consideravelmente menores de água e fertilizantes.

Sua esposa, Vera, também tinha uma opinião própria, e parecia bem menos entusiasmada. Resumindo, ela achava o morango monstro do seu marido aguado e insípido, ao mesmo tempo. E, para

ser sincera, nem em seus sonhos ela o utilizaria na sua cozinha. No universo de Vera Forslund, um morango decente deveria ter o sabor de quando ela era criança. O seu favorito era uma variedade local que consistia em uma fruta razoavelmente pequena e de tom vermelho-escuro, com a polpa firme, adocicado e gosto pronunciado da variedade selvagem. Ela herdara as plantas de seus pais, e embora seu marido fosse uma versão moderna de Lineu, ele mesmo não tinha sido capaz de classificar suas origens. De qualquer maneira, essa fruta ainda representava o ingrediente principal da famosa torta de morango que ela sempre fizera para os filhos, netos e amigos todo verão. Os leitores do *Småland Post* também podiam prepará-la sozinhos, seguindo sua receita: uma massa bem fina de pão de ló, uma pequena quantidade de licor de morango artesanal, uma grande quantidade de geleia feita com os mesmos morangos, bastante chantilly, fatias finíssimas de morango ao redor e um morango inteiro especialmente vistoso para coroar a criação.

Parecia simples e delicioso. Isso fez Jan Lewin se lembrar das tortas que sua mãe costumava preparar quando ele era criança. Então resolveu recortar o artigo e deixá-lo com o resto do material que estava colecionando de sua viagem a Växjö.

O programa de doação voluntária de amostras de DNA em Växjö e nos bairros próximos foi um verdadeiro sucesso. Contavam agora com quase quatrocentas amostras. O Laboratório Nacional da Polícia Científica havia disponibilizado recursos para a investigação do assassinato de Linda e praticamente a metade das amostras examinadas foi descartada.

— E quanto a nossos colegas policiais e os alunos da academia? — perguntou Olsson.

— Está indo tudo bem — respondeu Knutsson, dando uma olhada em seus arquivos. — Conseguimos oito amostras. Todas voluntariamente cedidas. As quatro primeiras que recebemos já foram descartadas. Só falta colher duas.

— Isso mesmo, e prometi resolver o caso da amostra de Claesson, portanto, tudo está encaminhado — disse Olsson. — Não é preciso se preocupar. Eu mesmo cuido disso — acrescentou.

— Muito bem, então resta um só aluno de quem não conseguimos colher amostra — observou Knutsson, fingindo consultar suas anotações. — Vamos ver. Ele estudava na mesma sala de Linda, e esteve na boate na noite em questão. Um tal de Erik Roland Löfgren, segundo a matrícula do aluno.

— Tentei falar com ele por telefone. Várias vezes — disse Sandberg.

— E como você está se saindo? — perguntou Bäckström.

Conte logo para a gente que merda é essa que está aprontando.

— Bem, estamos no meio das férias, mas consegui, enfim, entrar em contato com ele no final da semana passada — respondeu Sandberg. — Ele estava com os pais na casa de verão, em Öland, mas prometeu que entraria em contato assim que voltasse a Växjö.

— É muito generoso da parte dele — grunhiu Bäckström. — Então quando poderemos vê-lo? Na volta às aulas da academia, no outono, talvez? A solução mais simples com certeza seria pedir que nossos colegas em Kalmar fossem até Öland colher a amostra.

— Prometo que vou atrás dele novamente — disse Sandberg. — Prometo. Mas não podemos nos esquecer de que isso depende da boa vontade das pessoas. Quer dizer, ele não é suspeito, afinal de contas.

— Resolva logo isso — decretou Bäckström. — Explique para nosso rapazinho do que se trata. Senão, eu mesmo farei isso e aí estaremos falando de amostras de sangue, e não de saliva.

— Tenho certeza de que isso vai se resolver — afirmou Olsson. — Vai ficar tudo bem. Não devemos ficar tensos com detalhes pequenos.

— Não estou nada tenso — retrucou Bäckström. — Diga a esse puto que, se ele quiser entrar para a polícia, é melhor parar de agir como um criminoso comum sob suspeita de ter feito alguma besteira. É um conselho de bom coração. E, se não tiverem mais nada a dizer, eu pelo menos tenho bastante trabalho a ser feito.

\*

Naquela tarde, Olsson chamou Bäckström para uma conversa em particular.

— Um conselho de um colega experiente me ajudaria muito — disse ele.

Que exibicionista, pensou Bäckström. Você pediu uma amostra de DNA e agora que ele se enforcou no sótão, quer chorar no ombro do

tio Bäckström.

No fim das contas, se tratava de um problema bem diferente. Havia uma grande preocupação em Växjö após o assassinato de Linda, particularmente entre as mulheres mais jovens, e, de um ponto de vista social, isso reduzira a qualidade de vida de um grande número de indivíduos.

— Será que as pessoas ainda conseguem sair e se divertir sem correr o constante risco de serem atacadas? — indagou Olsson.

— Pergunta interessante — disse Bäckström.

— Faz muitos anos que nós, na polícia, não somos mais capazes de garantir algo assim — prosseguiu Olsson. — Nossos recursos não são mais suficientes para dar conta dos problemas básicos.

Se houver de fato algum problema nesse fim de mundo, pensou Bäckström. Carros mal-estacionados e cães perdidos?

— Verdade, a situação é péssima — concordou ele, com um suspiro.

— Alguns de nós têm tentado encontrar uma solução alternativa, e foi Lo, na verdade, quem teve a ideia — contou Olsson.

— Sou todo ouvidos, pode ter certeza — disse Bäckström, assentindo com uma expressão séria e inclinando-se para a frente.

Essa galinha de cativo. Mal posso esperar para ouvir, pensou ele.

— “Homens de Växjö pelo Fim da Violência contra as Mulheres” — revelou Olsson. — Homens comuns, camaradas seres humanos, camaradas patrulheiros, se posso dizer assim... Alguém no grupo sugeriu essa expressão: “Camaradas patrulheiros”... Um cidadão camarada, que, por sinal, é um homem, patrulhando as ruas à noite e de madrugada, e cuja simples presença no meio urbano elevaria o grau de segurança. Eles podem, por exemplo, oferecer escolta para mulheres solteiras voltando da boate para casa...

Que porra de ideia brilhante para arrumar uma namorada, pensou Bäckström. Até mesmo a Lo provavelmente conseguiria um

camarada patrulheiro com visão debilitada que ela poderia atrair para o seu quarto com o intuito de ter uma trepada insatisfatória.

— O que você acha, Bäckström?

— Parece uma ótima ideia — respondeu ele.

Meu Deus, até onde pode chegar a estupidez desses caras?, perguntou-se ele.

— Você não acha que há um risco de isso ser considerado uma espécie de grupo paramilitar? — perguntou Olsson, parecendo repentinamente preocupado. — Ou ainda pior, que sujeitos frívolos se aproveitem para tirar vantagem?

— Não acho que exista grande risco de isso acontecer — respondeu Bäckström. — Desde que haja supervisão adequada daqueles que participarem, quer dizer.

E tomem cuidado para não incluir homens como nossos colegas Karlsson Devasso e o exibicionista, pensou.

— Claro — disse Olsson, aliviado e feliz ao mesmo tempo. — Queria saber se você poderia dar sua opinião na próxima vez que nosso pequeno grupo se reunir.

— É claro que eu ficaria feliz em dividir minha opinião. É evidente. Se você acha que tenho alguma contribuição para dar — acrescentou ele modestamente.

Mal posso esperar, pensou.

\*

Era óbvio que a investigação de Adolffson e von Essen sobre Erik Roland Löfgren tinha avançado durante o fim de semana. Vários detalhes perturbadores começavam a se acumular em torno do estagiário. Segundo o que ele próprio contara a diversos rapazes da sua sala na Academia de Polícia, ele mantivera relações sexuais com Linda durante toda a primavera, até o final das aulas, em meados de junho, mas como era o tipo de homem que valorizava a liberdade,

resolvera manter o caso em sigilo. De acordo com Löfgren, Linda começara a ficar apegada e exigindo coisas demais a ele para o seu gosto. Mas não acontecera nenhum barraco, nada desse tipo. Ele simplesmente lhe explicara de maneira amistosa que, no futuro, ela teria que ocupar seu lugar na longa fila de candidatas interessadas. Ninguém sabia qual tinha sido a reação de Linda. Aparentemente, ela nada dissera às amigas, e não parecia ter arrumado um novo namorado ou amante, seja lá qual fosse a categoria em que ele se encaixava.

— Então o que ele contou para Sandberg no interrogatório não era verdade? — perguntou Bäckström.

— Não — respondeu Adolfsson, balançando a cabeça. — E ele não estava só tirando onda. Parece que esse rapaz traçou todas as mulheres da cidade. Falamos com várias delas. Tudo indica que ele foi para a cama com metade de Småland.

— Pelo que sabemos, esse foi o último parceiro sexual que ela teve — disse von Essen. — Isso normalmente não nos dá um indício do assassino nesses casos?

— Ótimo — exclamou Bäckström. — Isso é melhor do que ótimo, é uma coisa bem séria. — Afinal, está claro que esse veadinho aristocrático não é um tremendo cretino, pensou ele. — Bom trabalho, rapazes. Se tivermos sorte, a complicação chegou ao fim. E então, o que essas mulheres dizem? Ele costuma aprontar com elas?

— O quê? Você está falando do cheiro aconchegante do couro, látex e das algemas? As pessoas de uma cidade como esta não falam sobre esse tipo de coisa — disse von Essen, apesar de ele mesmo ter nascido e sido criado numa cidade do interior, em Småland. — Mas ele não parece carregar o equipamento necessário quando sai para se divertir. Se entende o que quero dizer.

\*



Löfgren era jovem, forte, saudável, encantador e extremamente atraente. Considerando que tinha apenas vinte e cinco anos, ele também parecia ter acumulado bastante experiência e um talento notável no campo sexual. Segundo uma das informantes, ele era bem-dotado, como exigia o mito que havia sobre os homens negros. E, obviamente, era um protagonista central nos pesadelos dos homens brancos.

“Ronaldo é uma verdadeira máquina de sexo”, dissera ela, dando um sorriso afetado. “Se você quiser foder até cansar, não há parceiro melhor. Ele tem um pau grande e bem grosso.”

Como uma espingarda, ocorrera a Adolfsson, enquanto conversava com ela. É preciso prática, talento e um belo estoque de munição.

“Um pouco como você, Patrik”, dissera a informante de repente. “Mas o problema é que você também é muito simpático. Lembra-se daquela vez em que queria me mostrar a torre de caça de onde você atirou num alce pela primeira vez?”

“Gostaria de não fugir do assunto”, pedira Adolfsson. De preferência, falando de coisas que eu possa incluir no meu relatório, pensara ele.

Sexo extravagante? Exótico? Perverso? Submissão? Sadomasoquismo?

“Não comigo, pelo menos”, dissera a informante, dando de ombros. “Veja bem, se eu quisesse fazer alguma coisa do tipo, tenho certeza absoluta de que ele concordaria. De qualquer forma, não teria se recusado. Acho que eu sequer precisaria pedir. Ele daria um jeito de descobrir. Afinal, sexo é a coisa que ele mais gosta.”

Eles não haviam se aprofundado mais do que isso.

— Aposto que o cara é um maníaco nojento e sádico — disse Bäckström avidamente.

E isso ficaria óbvio se pudessem dar uma olhada em seu armário, pensou ele.

Seu formigamento familiar estava cada vez mais forte.

\*

Bäckström tinha começado a se acomodar à sua nova vida no Town Hotel, em Växjö. Grande parte de sua tristeza por causa de Egon diminuía inesperadamente rápido, e nos últimos dias ele sequer pensava no peixe. Seu quarto de hotel estava sempre limpo e com a cama recém-arrumada, quando ele voltava de suas árduas atividades diárias na delegacia. Tudo de que precisava lembrar antes de sair todas as manhãs era jogar as toalhas numa pilha no chão do banheiro, para que algum extremista da área ambiental entre os funcionários não considerasse a hipótese de apenas pendurá-las outra vez, em vez de substituí-las, de fato, por outras bem limpas. Provavelmente já era hora de entregar todas as suas roupas usadas para que fossem lavadas e passadas. Isso estava em perfeito acordo com sua rotina, considerando que todas as peças acabavam ficando suadas ao longo do dia.

Ele estabelecera bem depressa uma rotina noturna. Primeiro, uma cerveja gelada, assim que chegasse. Em seguida, tirava uma soneca rápida, tomava outra cerveja no quarto e fazia uma refeição rápida. Antes de ir para a cama e dormir, batia um papo instrutivo com seu colega Rogersson, bebia mais algumas cervejas e, possivelmente, uma ou duas doses discretas de digestivo. Além disso, para apimentar um pouco seu dia a dia, havia as agora regulares conversas por telefone com sua repórter da rádio local. Assim, ela podia se queixar de que ele parecia nunca ter tempo de se encontrar com a mulher, embora ela tivesse prometido que não falariam de trabalho.

Como essa noite, por exemplo.

— Estou sobrecarregado no momento — explicou Bäckström.

— Promessas, promessas — disse Carin, suspirando.

Ela devia ter ouvido falar do seu supersalame para estar tão ansiosa assim, pensou Bäckström, ao escutar uma batida familiar à

porta.

— Tenho que desligar — disse ele. — Vou ter que resolver uma coisa. Depois nos falamos.

Rogersson entrou carregando um engradado inteiro com seis latas de cerveja gelada e, aparentemente, estava de excelente humor.

— Acabei de falar com nossos colegas em Estocolmo — disse ele com um sorriso estampado no rosto esquelético cheio de marcas de varíola. — Eles me contaram uma história incrível sobre Queixada, que acho que meu querido colega superintendente Åström vai apreciar bastante.

— Sou todo ouvidos — respondeu Bäckström.

Mas tome cuidado, seu velho bêbado, pensou ele.

A história que Rogersson lhe contou incluía todo o material adicional que as histórias costumam acumular, quando correm boca a boca. Esta, em particular, passara por várias bocas, desde o espelho do banheiro do Grand Hotel, em Lund, chegando até os ouvidos de Rogersson.

— Foi um verdadeiro massacre. Aparentemente, o cara atirou para todos os lados no hotel — concluiu ele com um sorriso de contentamento, cinco minutos depois.

— Ele deve ter destravado o gatilho com o queixo, quando estava limpando a arma — sugeriu Bäckström. — Se tivesse acontecido com a gente, agora nós dois estaríamos numa cela lá em Malmö.

— Quem disse que a vida é justa? — questionou Rogersson, balançando a cabeça e servindo as últimas gotas da latinha em seu copo.

— E o Papa é católico?

— O engraçado é que não saiu nada nos jornais — comentou Rogersson.

— Podemos dar um jeito nisso — disse Bäckström, sorrindo. — Vou ter uma conversinha com nosso querido colega Åström e ver se ele consegue mencionar essa história para alguns dos nossos gentis babacas.

Na manhã seguinte, o *Småland Post* publicou uma matéria grande sobre uma séria discussão cultural que mobilizou a cidade. Jan Lewin resolveu imediatamente recortá-la e colocá-la no seu álbum de viagem.

O promotor-chefe e atual membro do parlamento pelo Partido Democrata-Cristão, Ulf G. Grimtorp, tinha travado uma batalha contra as ideias populistas e, em última análise, moralmente corruptoras que pareciam predominar nas atividades do departamento de cultura do Conselho Municipal de Växjö.

Um projeto específico havia desencadeado sua raiva. Seu objetivo era atingir as mulheres imigrantes da cidade. Recebera o nome de programa de incentivo à natação e ao ciclismo, e, basicamente, pretendia ensinar as jovens estrangeiras a andar de bicicleta e a nadar. Tinham conseguido um período de residência de três semanas num curso de verão, que ficava numa área rural e relaxante, com um lago particular, instrutores, bicicletas e piscina. Todas as quatorze participantes tinham aprendido a andar de bicicleta e a nadar, tendo obtido os melhores resultados.

Tr s delas tinham sido entrevistadas pelo jornal e declararam com unanimidade que a melhoria física delas também as ajudaria a progredir na vida num sentido puramente intelectual, libertando-as das correntes patriarcais que as restringiam. Era um ganho de força, liberdade e autoestima que lhes dava capacidade para cumprir os

questos básicos para se dedicarem a valores e interesses culturais mais tradicionais.

O representante do departamento de cultura municipal, Bengt A. Månsson, responsável por este e outros projetos classificados como especiais, considerou o programa de ciclismo e natação um sucesso quase sem precedentes.

“Se você supõe que isso não tem nada a ver com cultura é porque ainda não entendeu o que realmente é cultura”, declarou Månsson. Eles planejavam dar sequência a essa iniciativa durante o inverno, com um projeto para ensinar as mulheres a esquiar e a patinar no gelo.

Segundo o Sr. Grimtorp, membro do parlamento, aquilo era uma tremenda besteira. Uma desculpa idiota e evidente para vários homens da esquerda radical, que pertenciam às elites culturais, se bronzarem na companhia de moças às custas dos contribuintes que trabalham arduamente.

“Duzentas mil coroas suecas!”, esbravejara Grimtorp. “E o que isso tem a ver com cultura?”

Esse dinheiro, na opinião inflexível de Grimtorp, deveria ser direcionado para obras no Växjö Town Theatre, para a orquestra local, a biblioteca e atividades relacionadas. Sem mencionar que o projeto também ameaçava várias subvenções concedidas aos vidreiros, artistas e escultores que moravam em Växjö e nos arredores.

Esse Grimtorp parece ser um sujeito desprezível, pensou Jan Lewin, e, por algum motivo, se lembrou de outro verão, quase cinquenta anos atrás, quando ganhara sua primeira bicicleta, uma Crescent Valiant vermelha. Provavelmente o nome Valiant vinha das histórias em quadrinhos do Príncipe Valente. Ele pedira uma a seu pai, que lhe contara tudo o que sabia sobre o nobre cavaleiro Príncipe Valente.

O Príncipe Valente vivera muito tempo atrás, numa época em que não existiam bicicletas. Por isso, Valente tinha um cavalo. Um

poderoso cavalo marrom-avermelhado que parecia tão obstinado e difícil de ser controlado quanto a primeira bicicleta de Jan. O cavalo se chamava Arvak, segundo o pai de Jan, e ele recebera esse nome em homenagem a outro cavalo, Arvakr, da mitologia nórdica: o cavalo que fazia o sol percorrer o céu atrás dele, e que devia ter ficado sem trabalho durante aquele verão, quase cinquenta anos atrás, quando Jan aprendeu a andar de bicicleta.

Ele tinha lido tudo e mais um pouco sobre isso nas histórias em quadrinho do Príncipe Valente que eram publicadas no *Allers Weekly Journal*. Jan e seu pai tinham passado uma noite inteira vasculhando um monte de caixas de papelão e caixotes no sótão do velho estábulo, na casa que tinham no campo. Eles devem ter encontrado umas cem revistas antigas, todas contando uma história sobre o nobre cavaleiro Príncipe Valente, e, antes de Jan dormir, seu pai lia para ele uma ou, às vezes, duas histórias sobre aquelas emocionantes aventuras.

Mas, mesmo assim, era um pouco estranho, pensou Jan. Seu pai lhe dissera que sua bicicleta se chamava Valiant Crescent por causa do Príncipe Valente. Mas o Príncipe Valente tinha um cavalo marrom-avermelhado chamado Arvak, pois não existia bicicleta na época em que ele vivia. Então por que a bicicleta de Jan não se chamava Arvak Valiant em vez de Crescent Valiant? E quem era Crescent?

Talvez Crescent fosse o primeiro nome do príncipe, pensou Jan. Príncipe Crescent Valente. Perguntaria a seu pai de manhã, porque ele sabia muito sobre várias coisas, mas então caiu no sono e, até onde conseguia se lembrar, quase cinquenta anos depois, acabou nunca fazendo essa pergunta.

Na mesma manhã em que a discussão cultural causava furor nas páginas do *Småland Post*, a equipe de perfilagem criminal enviou por e-mail as análises do perfil do assassino de Linda Wallin. E o chefe da equipe, o superintendente Per Jönsson, informara que um de seus colegas e ele chegariam a Växjö logo depois do almoço, no dia seguinte, para debaterem suas descobertas com os membros da equipe de investigação.

\*

Bäckström passou a manhã de quarta-feira lendo o relatório de vinte páginas, resmungando e suspirando alternadamente. Mas, sobre o crime em si, eles não haviam deduzido nada mais do que qualquer policial inteligente teria feito sozinho, pensou o superintendente.

O fato de o assassino não ter arrombado o apartamento, de ele já conhecer a vítima, de a relação sexual ter, ao que parecia, começado de forma relativamente normal, ainda mais levando em conta o que acontecera mais tarde. Começara com a vítima e o assassino transando no sofá da sala, sem qualquer indício de que o ato não tivesse sido consensual. Em seguida, passaram para o quarto, onde os níveis de violência e a intensidade da atividade sexual aumentaram rapidamente, e o assassino a estrangulou durante ou após a última penetração anal. Depois ele fora para o chuveiro, se

masturbara e se lavara, deixando, por fim, a cena do crime pela janela do quarto.

Depois disso, vinham as ressalvas habituais que não tinham utilidade alguma para qualquer detetive de homicídio digno de tal posto, exceto reservá-las para os pesadelos. Tais como o fato de não termos como descartar que Linda pudesse ter se esquecido de trancar a porta, que o assassino tivesse entrado de forma sorrateira no apartamento ou a convencido a deixá-lo entrar. Que ele pudesse ter feito uso de força desde o início, colocando um estilete no pescoço dela — por exemplo, o que havia sido encontrado na cena do crime —, e a obrigado a tirar suas bijuterias, seu relógio e suas roupas, e feito ameaças que a convenceram a praticar várias atividades sexuais, passando do sofá da sala para a cama no quarto, onde foi estrangulada. Também não era impossível que o assassino, na pior das hipóteses, pudesse ser alguém que ela nunca vira.

Considerando o perfil anexo e a identidade da vítima, essa parecia a explicação mais provável. De acordo com o perfil traçado, o assassino era um homem na faixa entre vinte e trinta anos. Ele morava próximo ao local do crime, já havia morado lá ou, por alguma razão, tinha uma relação próxima com aquele lugar. O homem provavelmente morava sozinho; seus relacionamentos anteriores tinham sido complicados; as pessoas ao seu redor o consideravam esquisito; ele tinha dificuldade para se relacionar socialmente ou até mesmo manter amizades duradouras; estava desempregado ou fazia algum tipo de trabalho temporário singelo.

Ele também tinha o lado psicológico seriamente perturbado. Sua personalidade mostrava claros indícios de caos e irracionalidade. Tinha um comportamento problemático com as mulheres. Com base em experiências traumáticas na infância, o sujeito odiava as mulheres, sem que ele ou qualquer um ao seu redor tivesse necessariamente consciência disso. No entanto, ele com certeza não era um sádico sexual comum com fantasias sexuais bem-desenvolvidas.



Tinha um temperamento explosivo. Diante do menor dos problemas, ele podia perder totalmente o controle de si e logo recorria à violência. Essas características deviam ter se manifestado antes, sugerindo grandes chances de que já tivesse sido fichado na polícia, devido a vários incidentes violentos, mas também a crimes associados ao tráfico de drogas. Por último, mas igualmente importante, era alguém bem forte. Com força o bastante para dominar e estrangular uma mulher de vinte anos que estagiava para ingressar na polícia e que estava em melhor forma física do que a maioria das garotas de sua idade. Na academia, ele era capaz de levantar vinte quilos a mais que o próprio peso. Sem falar na sua agilidade, por ter se mostrado capaz de pular de uma janela que ficava a quatro metros do chão.

Ele também deixa os tênis na sapateira do corredor. Organizadamente, lado a lado. E ninguém o viu escapando, apesar de o homem calçar quarenta e seis, pensou Bäckström, suspirando fundo.

\*

Apesar disso, o superintendente Per Jönsson parecia ter causado grande impressão na maior parte do seu público. Após passar uma hora contando suas descobertas, ele se dispôs a responder às perguntas.

— Aposto que vocês têm várias perguntas — disse Jönsson, sorrindo cordialmente para todos. — Por favor, vão em frente. Fiquem à vontade para perguntar qualquer coisa que passe pela cabeça de vocês.

Excelente, pensou Bäckström. Talvez pudesse começar explicando por que todos os policiais decentes da Divisão Federal acham que você é um verme.

— Bem, como ninguém começa, talvez eu possa ser o primeiro — disse Olsson, olhando imperiosamente em volta da mesa.

Muito bem, Olsson, pensou Bäckström. Comece perguntando a esse desgraçado por que os colegas dele na Divisão Federal chamam a equipe de perfilagem criminal de Arquivo X.

— Eu gostaria de começar agradecendo a você e a seu colega por terem arrumado tempo para nos fazer essa visita — comentou Olsson. — Mas, acima de tudo, por essa apresentação tremendamente interessante. Sem dúvida, várias pessoas nesta mesa concordariam comigo, quando digo que tenho certeza absoluta de que a análise que você e seus colegas nos apresentaram será de importância decisiva para nossa investigação.

Não para um policial decente, pensou Bäckström. A situação não pode estar assim tão desesperadora para que a gente precise depositar nossas esperanças nesse verme chamado Jönsson e nas suas ideias aleatórias.

— Uma coisa em particular me chamou a atenção no seu relatório — prosseguiu Olsson. — A descrição do assassino. Só consigo imaginar que se trata de mais um jovem socialmente excluído e com tendências criminosas.

— Certo, e muitas coisas sugerem que esse é exatamente o tipo de homem que estamos procurando — concordou Jönsson. — Mas, é claro, ainda não há nada de conclusivo — acrescentou ele depressa.

— Você quer dizer que a maioria das evidências sugere que Linda abriu a porta e o deixou entrar? — indagou Enoksson.

— Bem, sim. Mas é claro que às vezes as pessoas se esquecem de trancar a porta depois de entrar em casa — respondeu Jönsson. — Ou então a vítima era ingênua demais, a ponto de permitir a entrada de alguém que, numa percepção tardia, ela realmente não deveria ter deixado entrar.

— E como é que vamos fazer para esclarecer isso? — perguntou Enoksson, dando a impressão de ter pensado alto.

— Tenho uma pergunta, se não se importar — interveio Adolfsson repentinamente, embora estivesse sentado no lugar mais afastado da mesa.

— Pois não, pode perguntar — disse Jönsson, exibindo o mais democrático dos seus sorrisos.

— Eu estava pensando no que o Laboratório Central disse, que o DNA do assassino poderia comprovar que estamos procurando um forasteiro — disse Adolfsson.

— Um forasteiro? — perguntou Jönsson, olhando intrigado para o policial.

— Isso mesmo. Alguém que não fosse de Småland — esclareceu Adolfsson. — Alguém de outro lugar, digamos assim.

— Entendo o que quer dizer — afirmou Jönsson, de repente parecendo mais cauteloso. — Acho que devemos ser muito cuidadosos com hipóteses como essa. Estamos falando de pesquisas que ainda estão nos... estágios iniciais, por assim dizer. — Ele se calou bruscamente, evitando na última hora falar o que tinha na ponta da língua.

— Porque, caso contrário, o perfil se encaixa bem em vários imigrantes aqui da cidade — insistiu o jovem Adolfsson. — Muito bem, aliás. Se querem saber a opinião de um simples policial.

— Acho que não conseguiremos nos aprofundar demais nesse ponto — disse Jönsson. — Mas, como expliquei, é preciso muita cautela antes de chegar a essa conclusão. Mais alguma pergunta?

Muitas, pelo visto. No total, aquilo durou três horas. Mais três horas desperdiçadas, pensou Bäckström, quando a reunião finalmente terminou.

— Tenha um bom voo, Pelle — disse Bäckström, dando seu sorriso mais jovial, quando Jönsson se despediu. — E não se esqueça de cumprimentar todo mundo que trabalha nos arquivos.

\*

Naquela noite, após o jantar, Bäckström reuniu mais uma vez seus fiéis escudeiros no seu quarto de hotel. Ele já falara com Rogersson, e, assim como Bäckström, o detetive sentira o mesmo agradável formigamento após conversar com seu superior. Adolfsson e von Essen também tinham sido convidados, considerando o quanto haviam trabalhado, e era sempre uma vantagem ouvir as informações direto da fonte. Era, na verdade, uma questão apenas de deixar Lewin e a pequena Svanström a par de tudo, embora Bäckström soubesse antecipadamente o que Lewin acharia disso.

Eu estava certo: sim ou com certeza?, pensou Bäckström, quando Lewin bateu à sua porta dez minutos mais cedo, para conversar sozinho com ele.

— No que posso ajudar, Lewin? — perguntou, dando um sorriso amigável para o seu convidado.

— Não tenho certeza absoluta de que você pode, Bäckström — respondeu Lewin. — Já falei, mas vou repetir. Você não pode fazer uma investigação própria dentro da investigação e excluir a maioria dos seus colegas.

— Então você prefere continuar sabendo de tudo pelos jornais? — perguntou Bäckström.

— Não seja bobo. Você sabe que não. Não mais do que você nem ninguém. Mas se quiser saber, e considerando as escolhas que temos, acho melhor tentar viver com isso e não continuar pelo caminho que você parece estar seguindo.

— Quer saber, Lewin? — disse Bäckström ainda sorrindo para o colega. — Prefiro que você ouça o que Adolfsson, seu parceiro, e nossos colegas Knutsson e Thorén têm a dizer, antes de tomar alguma decisão.

— Se você acha que isso vai mudar alguma coisa.

— Depois de escutar o que eles têm a dizer, vou deixar que você decida como devemos agir.

— Sério?

Lewin pareceu surpreso.

— Sério — confirmou Bäckström.  
E agora segure essa, pensou ele.

\*

Primeiro, von Essen e Adolfsson apresentaram os resultados do trabalho deles.

— Pelo que sabemos, ele foi o último parceiro sexual de Linda, e mentiu sobre isso quando foi interrogado — disse von Essen. — Segundo o que ele próprio e outras pessoas dizem, ele saiu da boate sozinho, entre três e meia e quatro da madrugada. Andando depressa, ele conseguiria chegar ao apartamento de Linda em cinco minutos, e o rapaz não tem um álibi para o restante da noite.

— E os tênis e a cueca? — indagou Lewin. — O que as amiguinhas dele têm a dizer sobre isso?

— Como esses detalhes não foram divulgados pelos que comandam o caso, não perguntamos — respondeu Adolfsson. — Mas é o tipo de coisa que praticamente qualquer homem sueco costuma usar nesta época do ano.

Lewin apenas assentiu.

Em seguida, Knutsson e Thorén contaram o que descobriram, e até mesmo Lewin pareceu preocupado quando discutiram sobre a primeira conversa que a policial Sandberg tivera com Löfgren por telefone.

— Pelo que diz o relatório, não entendo como ela poderia ter feito todas aquelas perguntas em apenas quatro minutos — disse Knutsson.

— Que mulher eficiente — brincou Thorén.

— Mas não podemos descartar a possibilidade de ela ter ligado depois para o número fixo dele — ponderou Lewin.

— Não — concordou Thorén.

— Ainda não — interveio Knutsson. — A companhia telefônica está dificultando o acesso à linha fixa, porque a conta está no nome do pai dele. Nosso contato habitual na empresa ficou receoso.

— Então, o que você diz? — perguntou Bäckström, olhando maliciosamente para Lewin. — Como acha que devemos agir?

— Bem, é claro que a situação é um pouco complicada. Tem alguma coisa que não faz sentido em tudo isso. Minha sugestão é que eu converse com a promotora amanhã, o mais cedo possível. Ela parece ser competente e bem firme. Tenho certeza de que vai nos autorizar a trazer o rapaz aqui para ser interrogado sem qualquer aviso prévio, e se ele continuar dificultando nossa investigação, a mulher simplesmente vai declará-lo suspeito e poderemos conseguir uma amostra do seu DNA, quer ele queira ou não.

— Parece uma ótima sugestão — concordou Bäckström, sorrindo. — Você cuida da promotora e eu vou pedir para um dos nossos rapazes aqui abastecer nosso estoque, e poderemos celebrar de forma decente, quando esse desgraçado estiver atrás das grades.

*Växjö, quinta-feira, 24 de julho*

Assim que Rogersson lhe contou sobre o massacre no Grand Hotel, em Lund, o superintendente Åström sussurrou confidencialmente sobre o episódio no ouvido de três jornalistas. Apesar disso, sequer uma linha apareceu nos jornais abordando aquele acontecimento perturbador. Não se pode confiar nesses malditos idiotas para nada, pensou o superintendente Bäckström, irritado.

Em vez disso, os primeiros jornais vespertinos, assim como os matutinos, publicaram apenas as notícias habituais. O serial killer de Dalby havia sido relegado às páginas internas, assim que acabavam as tristes entrevistas com os sobreviventes. O assassinato de Linda recuperara seu destaque, e a aglomeração em torno do bufê do café da manhã no Town Hotel aumentara consideravelmente.

Na reunião matinal, informaram que mais de quatrocentas amostras de DNA haviam sido recolhidas, e mais cinquenta voluntários tinham sido descartados da investigação. Um deles fora o vizinho da mãe de Linda, Marian Gross, e sua dispensa não deixara ninguém lamentando, muito menos Bäckström, que já tinha um assassino bem melhor na manga. Além disso, o superintendente Olsson tivera uma ideia que era um bom presságio para a investigação.

Tomando como ponto de partida o perfil traçado pela equipe responsável, Olsson fez uma série de cálculos demográficos e chegou à conclusão de que não precisariam colher amostras de DNA

de mais do que quinhentas pessoas em Växjö e arredores para abranger todos os que se encaixavam no perfil. E depois de conversar com um especialista em estatística da prefeitura, ele percebera que a situação, na verdade, era ainda melhor.

— Ele me falou sobre uma coisa chamada expectativa matemática — explicou Olsson. — É uma espécie de artifício numérico. Mas, se entendi direito, nós só precisaríamos colher amostras de DNA da metade dessas quinhentas pessoas, se fizermos isso de forma totalmente aleatória.

Mas que merda é essa?, pensou Bäckström. Por que não colher a amostra de uma única pessoa, então?

— Se quiser um conselho sincero de um velho policial, sugiro que você se restrinja aos chamados forasteiros — disse Bäckström.

— Não se preocupe, meu caro Bäckström — respondeu Olsson, parecendo estar de excelente humor. — Já estou por aqui há algum tempo e conheço um pouco os corpos de Pappenheimer. *Ich kenne auch meine Pappenheimer* — acrescentou ele, orgulhoso de seu alemão básico, aprendido num curso de educação a distância que sua esposa e ele faziam desde que realizaram uma excursão para amantes do vinho no vale do Reno, no verão anterior. — E não esqueça que você prometeu comparecer à nossa reunião.

— Não se preocupe — disse Bäckström.

Mas que porra o Pappenheimer tem a ver com isso?, pensou.

Após a reunião, o superintendente Jan Lewin falou com a promotora e com Olsson, o chefe das investigações preliminares. Bäckström não se juntou a eles, o que não pareceu incomodar Lewin nem um pouco.

— Então há algo de errado com esse rapaz — concluiu Lewin, após delinear o caso.

— O suficiente para convocá-lo sem aviso prévio? — perguntou a promotora.

— Sim — respondeu Lewin. — Mas se ele recusar mesmo assim, quero recolher uma amostra do seu DNA de qualquer maneira. Nem



que seja para eliminá-lo da nossa lista.

— Se ele continuar mentindo e se comportando com tamanha infantilidade, vou pedir a prisão preventiva. E enquanto ele estiver sentado na cela refletindo, poderemos colher as impressões digitais e uma amostra de seu sangue — continuou ela. — Essa é uma investigação de homicídio, afinal de contas, e sua conduta não me agrada nem um pouco.

— Mas isso é mesmo necessário? — perguntou Olsson. — Quer dizer, ele ainda é um dos nossos estagiários e não se encaixa nem de longe no perfil traçado pela equipe de perfilagem. Eu acharia melhor...

— Nesse caso, provavelmente é melhor que a decisão seja minha — interrompeu a promotora. — A equipe de perfilagem — começou ela, bufando —, em geral, não passa de uma fantasia completa. Até onde eu sei, eles nunca ajudaram a resolver caso algum. Com certeza, nenhum nos quais estive envolvida.

\*

À tarde, Bäckström cumpriu sua promessa e compareceu à reunião do comitê recém-formado "Homens de Växjö pelo Fim da Violência contra as Mulheres". Ele recebeu café, bolo de cenoura e biscoitos. A presidente do comitê, a psicóloga e psicoterapeuta Lilian Olsson, acolheu-o calorosamente.

— Muito bem, você já me conhece, e também conhece meu colega Bengt Olsson — disse Lo. — Bengt concordou em fazer parte do nosso grupo. Mas você ainda não conhece os outros, então, pensei que, sendo nosso convidado, talvez poderia começar se apresentando aos outros membros: Moa Hjärtén, nosso segundo Bengt, o Bengt Karlsson — disse ela, sorrindo para um cara louro e magricelo, que retribuiu seu sorriso com o mesmo fervor —, e nosso terceiro Bengt, o Bengt Axel Månsson. — Ela fez um gesto amistoso

com a cabeça para um homem moreno, baixo e magro, na outra extremidade da mesa.

— Obrigado por ter me convidado, Lo — disse Bäckström, entrelaçando as mãos sobre sua barriga proeminente e sorrindo respeitosamente para as três pessoas que tinham acabado de ser apresentadas.

Dois veados de calça e uma criatura usando uma espécie de vestido rosa. Que prático que pelo visto todos os veados se chamam Bengt, pensou ele.

— Bem, meu nome é Evert Bäckström... Embora meus amigos me chamem de Evie — prosseguiu ele, mentindo. Ele nunca tivera um amigo de verdade durante toda a vida, e era chamado de Bäckström desde a escola primária. — O que mais posso lhes dizer? Bem... Sou superintendente na Divisão Federal de Homicídios e... como já aconteceu diversas vezes na minha vida, vim parar aqui devido a circunstâncias extremamente trágicas.

Bäckström fez um gesto contido com a cabeça e suspirou. Um agrado para os veados, pensou ele.

— Obrigada, Evie — disse Lo num tom cordial. — Pois bem... talvez a gente deva passar para o outro integrante deste grupo. Por favor, Bengt — prosseguiu ela, assentindo para o homem moreno, baixo e magro, escondido atrás de uma caneca de café e um pedaço de bolo de cenoura, na extremidade da mesa.

— Obrigado, Lo — disse Bengt, pigarreando de nervosismo. — Bem... meu nome é Bengt Månsson e trabalho na Secretaria Municipal de Cultura, onde sou responsável pelo que chamamos de projetos especiais. E vamos inserir nossa nova fundação como um projeto secundário.

Um cara muito meigo, e terrivelmente parecido com aqueles que defendem a igualdade no governo. Aquelas cujas mãos devem ter trepado com um cavalo. Já não sei mais qual é o nome dele, pensou Bäckström, tentando não sobrecarregar seu cérebro com nomes que não pertencessem a trapaceiros, bandidos ou policiais decentes.

— É, não deve ser um trabalho fácil — disse ele. — Quer dizer, com todos esses projetos...

— Não — concordou Månsson, parecendo instantaneamente um pouco mais alegre. — Há muitas coisas envolvidas, e passei bastante tempo administrando os custos para que não...

— Ok, talvez devêssemos passar agora para nosso segundo Bengt — interrompeu Lo.

Por algum motivo, ela pareceu claramente relutante em detalhar aquela questão e, por isso, fez um gesto com a cabeça para o outro Bengt, um cara louro, de olhos azuis, duas vezes mais alto que seu pequeno xará. O segundo Bengt, de algum modo peculiar, parecia pairar sobre a cadeira e a mesa, enquanto sorria com cordialidade e empatia.

— Meu nome é Bengt Karlsson e eu administro um serviço de aconselhamento telefônico para os homens de Växjö — disse o grande Bengt. — Nós damos conselhos e orientações, e até oferecemos terapia comportamental para aqueles que abusam das mulheres aqui em Växjö. Para os que abusam, não para os que são abusados — enfatizou ele. — E tenho certeza de que vocês podem imaginar que não nos falta trabalho.

Posso imaginar, considerando a quantidade de mulheres loucas que tem por aí. De qualquer jeito, você costumava ser um brutamontes, pensou Bäckström, porque quando se tratava desse tipo de diagnóstico, ele se sentia tão confiante quanto um médico da zona rural distinguindo pacientes com caxumba daqueles que estavam só com as adenoides inchadas.

— Só sobrou euzinha aqui — gemeu a mulher de vestido rosa.

Porra, você não é tão pequenininha assim, pensou Bäckström. É três vezes maior do que a Lo, se isso serve de consolo.

— Pois bem, eu me chamo Moa, Moa Hjärtén. E aposto que você está se perguntando o que alguém como eu faz, não é, Evie?

Você cuida do aconselhamento telefônico às mulheres, da assistência às vítimas de crimes e de todas as outras desgraçadas

com coração partido no mundo, pensou Bäckström, assentindo para encorajá-la a prosseguir.

— Bem, eu cuido do aconselhamento telefônico às mulheres aqui da cidade, e sou responsável por atender as vítimas de atos criminosos. E o que mais... Vamos ver...

Não disse?

— Então — continuou Moa. — Também administro uma instituição particular que oferece abrigo a mulheres que foram estupradas e maltratadas. E, com tudo isso, não tenho tempo para mais nada.

Parabéns, pensou Bäckström. Se administra uma iniciativa privada, você não pode ser totalmente estúpida.

Em seguida, a recém-criada associação se beneficiou da oportunidade de aproveitar a experiência do superintendente Bäckström, considerado um dos maiores especialistas do país em crimes realmente violentos. Como seu colega Olsson já explicara, havia duas coisas que preocupavam o grupo: serem vistos como um grupo de justiceiros e atraírem homens com intenções frívolas, vagas ou até mesmo possivelmente criminosas.

Bäckström fez o possível para tranquilizá-los.

— Para resumir o que eu já disse, não acho que vocês precisem se preocupar com isso — concluiu ele. Embora fosse um homem de fé, talvez tivesse soado um tanto pomposo no final. — E sobre o outro assunto, não tenho dúvida de que vocês sabem discernir bem quem tem bom caráter e são capazes de separar o joio do trigo.

E você, meu camarada, posso garantir pessoalmente que vai ficar na minha mira, pensou ele, sorrindo de forma especial e amistosa para Bengt Karlsson.

Após a reunião, o comitê se reuniu com a mídia, mas Bäckström se recusou a participar, alegando a política interna da Divisão Federal sobre ocasiões como essas.

— Apesar de querer muito participar, simplesmente não posso — disse ele, sustentando ainda o sorriso piedoso de duas horas mais cedo, quando tudo começou.

Lo e seus amigos entenderam perfeitamente, e Bäckström voltou para a delegacia, para dar sua modesta contribuição à causa.

— Pode dar uma olhada nesse desgraçado? — perguntou ele a Thorén, entregando-lhe um papel com o nome e a descrição de Bengt Karlsson.

— Claro — respondeu o inspetor, surpreso. — Mas, se não se importa que eu pergunte, por que você quer informações sobre ele? Não é...

— Sigilo total e absoluto — interrompeu Bäckström com um sorriso e o indicador direito sobre os lábios.

\*

Assim que conseguiu carta branca da promotora, Lewin determinou que Adolfsson e von Essen fossem até Öland e buscassem Löfgren, o aspirante a policial. A julgar pela chamada mais recente feita do celular dele, o mais provável era que ainda estivesse na casa de férias de seus pais, perto de Mörbylånga. Como Adolfsson fora designado a buscar o rapaz, Bäckström lhe emprestou seu carro. E deu alguns conselhos aos dois policiais.

— Digitando o endereço daquele desgraçado no GPS, vocês vão conseguir chegar lá — disse Bäckström. — E se tiverem que agredir o sacana, façam isso fora do carro para não sujar o banco de sangue.

— Um novo recorde — disse Adolfsson, uma hora e meia e setenta quilômetros mais tarde, ao estacionar diante da entrada da residência da família Löfgren no interior.

Uma grande casa de madeira, pintada de amarelo, bem imponente, com pátio de cascalho, árvores frondosas e uma vista esplêndida do estreito de Kalmar. E, no gramado, estava justamente quem eles tinham ido buscar. Ele usava tênis, short e uma camiseta

sem manga, e se ocupava com o alongamento de suas pernas compridas e musculosas.

— Em que posso ajudar? — perguntou Löfgren com simpatia.

— Nós gostaríamos de falar com você — esclareceu Adolfsson, também sendo simpático.

— Isso vai ter que ficar para amanhã. Estou saindo para dar minha corrida diária — disse Löfgren, disparando na direção oposta de Växjö.

Num reflexo, von Essen saiu atrás dele. Graças ao seu empenho, conseguiu manter Löfgren dentro de seu campo de visão por centenas de metros, antes de o estagiário ser engolido pelo matagal, deixando seu perseguidor ali, curvado para a frente e ofegante.

— Está fazendo vinte e cinco graus na sombra e você não consegue se controlar para não sair perseguindo um homem negro — disse Adolfsson, sentando-se numa das confortáveis cadeiras no gramado, quando seu parceiro voltou.

— Você falou com os pais dele? — perguntou von Essen, apontando para a casa.

— Parece que não tem ninguém em casa.

— Vamos ligar para Lewin — decidiu von Essen.

— O que você quer dizer com “ele fugiu”? — perguntou Lewin ao telefone, cinco minutos depois.

— O que você quer dizer com “ele fugiu”? — repetiu Olsson, dez minutos depois.

— Fugiu? Ele simplesmente fugiu? — perguntou a promotora ao celular, quinze minutos depois.

— É, simplesmente fugiu — confirmou Lewin. — E o que fazemos agora?

— O que fazemos agora? — repetiu Olsson, quando Lewin ligou pela segunda vez em meia hora.

— A promotora acha que é melhor tomarmos cuidado, e se não o pegarmos até amanhã, ela vai emitir um mandado de prisão — disse Lewin.

\*

— E por que você não correu atrás do safado e lhe deu uma surra?  
— rosnou Bäckström.

Ele estava com o rosto tão vermelho quanto o de von Essen duas horas antes, embora Bäckström não tivesse saído da cadeira a tarde toda.

— Na verdade, não tivemos oportunidade, se é que você me entende, chefe — explicou Adolfsson.

— Não queríamos pôr em risco um futuro interrogatório atirando nele — arriscou von Essen num tom conciliador, que fazia parte do seu nobre patrimônio hereditário.

Porra, tome cuidado, seu veadinho, pensou Bäckström, olhando com malícia para o aristocrático colega. Pessoalmente, ele não teria hesitado nem um segundo em chamar os policiais com seus cães e os helicópteros também, além de fechar a ponte que dava acesso à ilha de Öland.

*Växjö, sexta-feira, 25 de julho*

Durante o café da manhã, Bäckström leu o *Småland Post* pela primeira vez na vida. O mais importante jornal local havia feito uma grande cobertura da associação recém-criada, "Homens de Växjö pelo Fim da Violência contra as Mulheres", e o que chamara particularmente a atenção de Bäckström fora a foto do comitê da associação, que ocupava metade da primeira página. No centro, estava a presidente, Lo Olsson, com Moa Hjärtén à direita e o superintendente Bengt Olsson à esquerda. Nas extremidades, estavam o pequeno Bengt Månsson e o grande Bengt Karlsson, duas vezes mais alto. Todos olhavam sérios para a câmera e estavam de mãos dadas.

Que bando de idiotas, pensou Bäckström, feliz.

Mas o jornal não parecia compartilhar da opinião de Bäckström. A associação era descrita com entusiasmo, chegando a ter a honra de uma menção no editorial, na qual o editor-chefe, num raro arroubo poético, retratou a polícia como "uma cerca inadequada e malconservada tentando conter os níveis crescentes de criminalidade". O editor declarava também que iniciativas particulares como esta, destinadas a manter a lei e a ordem, não só eram desejáveis, mas também deveriam ser vistas como realmente necessárias. "Mesmo aqueles de nós que vivem numa cidade predominantemente pacífica, como Växjö, têm que se dar conta de



que a batalha contra os níveis crescentes de criminalidade é, na verdade, responsabilidade de todos”, concluiu ele.

De onde é que eles tiram toda essa merda?, pensou Bäckström, enfiando o jornal do bolso, para poder dar risada assim que estivesse trancado em sua sala.

\*

Lewin, como geralmente era o caso, tinha passado a noite na cama de Eva Svanström, mas, depois que ela pegara no sono, ele havia ficado deitado ali durante mais uma hora, preocupado com o que o jovem Löfgren estaria aprontando. Assim que chegou à delegacia, ele pegou várias pastas de arquivo daquela investigação, leu com cuidado e depois, tendo pensado bem, se deu conta de que talvez tivesse descoberto o que estava, de fato, acontecendo. No entanto, como já havia se enganado algumas vezes, ele chamou Adolfsson e von Essen e pediu para os dois verificarem uma coisa para ele.

— Tenho um palpite que eu gostaria que vocês averiguassem para mim. Eu mencionei isso na reunião matinal de domingo, dia 6 de julho, e provavelmente não é nada demais, mas ainda assim gostaria que vocês falassem com o informante no meu lugar. O nome dele é Göran Bengtsson. Aqui estão os detalhes — disse Lewin, entregando as anotações a von Essen.

— Gurra Amarelo e Azul, claro, nós conhecemos — exclamou von Essen, balançando a cabeça.

— Espere — pediu o superintendente. — Como é que você o chamou?

— Gurra Amarelo e Azul, ou apenas Amarelo e Azul. É assim que ele é conhecido na cidade — explicou Adolfsson. — Em parte, porque, politicamente, é um depravado, para dizer o mínimo, e, em parte...

— ...por causa dos tons mais escuros da paleta política, se é que posso dizer assim — completou von Essen.

— Ele e os amigos foram postos para correr quando tentaram comemorar o Dia da Bandeira da Suécia em Växjö, alguns anos atrás — prosseguiu Adolfsson. — Surgiu um bando de brutamontes da Liga Antifascista e outros grupos parecidos, e Gurra e os amigos levaram uma tremenda surra. Antes de conseguirmos controlar a situação, ele apanhou tanto que ficou todo amarelo e azul que nem a sua adorada bandeira.

— Ele diz que viu Linda com um neg... com um homem forte pra caralho — corrigiu —, por volta das quatro da madrugada do dia do assassinato.

— Pois é, mas não há nada de extraordinário nisso, e nosso estagiário Löfgren não é o único homem negro neste nosso recanto feliz — disse von Essen. — Não atualmente, pelo menos.

— Mesmo assim, eu gostaria que vocês falassem com ele. Podem lhe mostrar algumas fotos, começando por Löfgren — orientou Lewin, entregando uma pasta transparente com as fotografias de nove homens negros, sendo Löfgren um deles. — Em seguida, passem para as fotos de Linda, e é importante que façam isso nesta ordem.

Ele entregou outra pasta de plástico com retratos de nove jovens louras, incluindo a vítima, Linda Wallin.

\*

No mesmo momento que von Essen e Adolfsson tocaram a campainha do modesto apartamento quarto e sala de Amarelo e Azul, no centro de Växjö, o estagiário Erik Roland Löfgren entrava na delegacia de Sandgärdsgratan, dirigindo-se à recepção. Ele estava acompanhado de um advogado de Kalmar, que, por acaso, era um antigo amigo da família e estava disponível bem naquele momento.

A promotora acabara de tomar a decisão de expedir um mandado de prisão, por considerá-lo foragido.

\*

Gurra Amarelo e Azul estava sentado diante do computador, ocupado com um jogo que ele baixara no site da organização americana Resistência dos Arianos Brancos. Uns nerds desse site tinham reunido uma variação mais etnicamente focada dos antigos clássicos Desert Storm I-III, e Amarelo e Azul estava jogando quando von Essen e Adolfsson chegaram.

— Mais um grande resultado — disse Amarelo e Azul, com as bochechas brilhando de tão agitado que estava. — Porra, eu disparei trezentos e oitenta e nove mísseis Tomahawk em apenas meia hora.

— Você pode nos conceder uns minutos? — perguntou Adolfsson.

— Estou sempre pronto para colaborar com os policiais — disse Amarelo e Azul. — É dever de todo cidadão sueco. Estamos em guerra. Temos que cerrar as fileiras, se não quisermos deixar os negros vencerem.

\*

Löfgren não estava muito animado quando se sentou na sala de interrogatório com Rogersson, que fazia as perguntas, e Lewin ficou com o papel de testemunha oficial. No início, ele foi tão formal quanto seu advogado, que tinha três vezes a sua idade.

— Por que acha que queremos falar com você? — começou Rogersson, depois das costumeiras observações preliminares que informavam que a conversa seria gravada.

— Pensei que vocês poderiam me contar o motivo — disse Löfgren, assentindo educadamente com a cabeça.

— Não conseguiu descobrir sozinho? — perguntou Rogersson.

— Não — respondeu o estagiário, balançando a cabeça.

— Pois então, vou lhe dizer. Imagino que esteja curioso.

Löfgren assentiu outra vez, parecendo repentinamente mais atento e intrigado.

\*

— Porra, liguei para vocês um monte de vezes perguntando o que tinham feito com a minha dica. Claro que foi o negão que fez isso — afirmou Amarelo e Azul. — Um dos colegas dele deve estar protegendo o cara. Hoje em dia, a polícia está cheia de pretos. Procure bem entre eles que vão achar o assassino.

— O que você fez quando os viu? — perguntou von Essen.

— Cumprimentei aquela tal de Linda. Eu a reconheci, pois já tinha cruzado com ela na delegacia.

— Mas o que você disse exatamente? — insistiu von Essen.

— Perguntei se ela não tinha nada melhor para fazer do que ir para casa chupar um pau preto — respondeu Gurra, sorrindo alegremente para eles. — E então falei sobre o risco de pegar HIV também. Porra, essa negada é como uma bomba biológica ambulante, quando a gente pensa em todas as merdas que carregam.

— E depois, o que aconteceu? — perguntou Adolfsson.

— O negão ficou furioso e saiu correndo na minha direção. O rosto do cara estava mesmo azul-escuro e pensei que eu não devia nem tocar nele porque podia pegar herpes e morrer. Na melhor das hipóteses. Aí dei o fora.

— Isso foi por volta das quatro da manhã e o incidente ocorreu na Norra Esplanaden, a cerca de quinhentos metros do Town Hotel, não foi? — certificou-se von Essen.

— Afirmativo. Era por volta de quatro horas, de acordo com o relógio perto do posto de saúde.

— Temos algumas fotos que gostaríamos que você desse uma olhada — disse o policial. — Reconhece algum desses homens? Ele mostrou as fotos de Löfgren e dos outros oito.

\*

— Num interrogatório feito por um dos meus colegas, você nega categoricamente que teve um relacionamento sexual com Linda — disse Rogersson. — Do jeito que a descreveu, ela parece só mais uma aluna qualquer.

— Éramos da mesma sala na Academia de Polícia. Mas vocês já sabem disso.

— Sabemos — concordou Rogersson. — Nós já sabemos disso. E também sabemos que você manteve relações sexuais com Linda. Por que não mencionou isso?

— Não sei do que está falando — retrucou Löfgren, inflexível. — Nunca tive qualquer tipo de relacionamento com ela.

— É uma pergunta simples. — Rogersson suspirou. — Você já dormiu com Linda? Responda sim ou não.

— Não entendo o que isso tem a ver com coisa alguma — disse Löfgren. — De qualquer maneira, não comento essas coisas. Não sou esse tipo de homem.

— Segundo seus amigos, você é exatamente esse tipo de homem — insistiu o detetive. — Falamos com vários, e de acordo com eles, você passou alguns meses se vangloriando por ter trepado várias vezes com Linda.

— Bobagem — contestou Löfgren. — Nunca comento essas coisas, então, isso é uma grande bobagem.

— Uma grande bobagem, você diz. Mas se nunca foi para a cama com ela, só precisa dizer não.

— Você não parece estar entendendo o que estou falando — disse Löfgren.

— Estou entendendo perfeitamente — retrucou Rogersson. — E sei que menti quando foi interrogado pela polícia, e agora eu mesmo estou aqui ouvindo você tentar evitar uma resposta para uma pergunta simples e direta.

— Que não tem nada a ver com nada. Eu não matei Linda. Se acham que fui eu, é porque estão malucos.

— Supondo que seja inocente, não vai se importar em nos dar uma amostra de DNA, para que a gente possa descartar você da investigação — disse Rogersson, apontando para o tubo de ensaio com um cotonete, ao lado do gravador.

— Não tenho qualquer intenção de fazer isso — respondeu Löfgren. — Considerando que sou inocente, e vocês não têm nenhuma prova contra mim. A verdade é que estão tentando se livrar de um futuro policial negro. — Sua expressão mostrava que ele estava tão furioso quanto soava. — Esta é a verdade, o resto é besteira.

— E estou dizendo que você está mentindo. E o fato de mentir para a polícia numa investigação de homicídio, que, por acaso, envolve uma de suas colegas na Academia de Polícia, basta para fazer meus colegas e eu suspeitarmos de você — disse Rogersson. — Para nós, a questão é simplesmente esta.

— E isso basta para vocês — rebateu Löfgren, acalorado —, e sequer estão ouvindo...

— Não só para nós — interrompeu Rogersson. — A promotora está tão curiosa quanto nós.

— Desculpe intervir — disse o advogado —, mas seria interessante ouvir essa opinião da própria promotora.

— Isso é muito simples — afirmou Rogersson. — Se Löfgren continuar mentindo e se recusando a dar uma amostra do DNA, ela vai considerá-lo formalmente suspeito, e ele ficará em prisão preventiva.

Rogersson trocou um olhar com Lewin, que assentiu com a cabeça.

— Nesse caso, gostaria que ficasse registrado nos laudos que eu não compartilho da opinião dela — disse o advogado.

— Está registrado — confirmou Rogersson. — E imagino que você esteja ciente de que, se decidir levar o assunto adiante, não é à polícia que deverá se dirigir. Uma última pergunta para você, Roland, antes de o prendermos...

— Tenho um álibi — interrompeu Löfgren. — Se é que sua geração aprendeu isso um dia. O que significa um álibi, quer dizer.

\*

— Foi ele — exclamou Gurra Amarelo e Azul, com um sorriso triunfante ao segurar a foto de Erik Roland Löfgren.

— Não tenha pressa, Gurra — disse von Essen. — Olhe com atenção.

— Costumo achar todos eles parecidos — opinou Adolfsson. — Como você pode ter tanta certeza?

— Vocês estão falando com um *expert* — respondeu Gurra. — Entendo de crioulos tanto quanto os esquimós entendem de neve. Ou quanto aqueles lapônios miseráveis entendem de renas. Este aqui, por exemplo. — Ele apontou para a foto de Löfgren. — Se querem saber, é um típico negro-azulado da África. Mas não de qualquer África, porque não estamos falando de Eritreia, Sudão, Namíbia ou Zimbábue. Muito menos da etnia masai. E nem da kikuyu, uhuru, tútsi, zulu ou...

— Espere aí — interrompeu Adolfsson, erguendo as mãos. — Então de que parte da África *estamos* falando? Deixe para lá todos os negros que não nos interessam.

— Se quiser saber minha opinião, estamos falando da África Ocidental. Costa do Marfim, talvez. Basicamente, a África Ocidental Francesa, os negros comedores de rãs. — Amarelo e Azul assentiu com uma expressão de quem sabia do que estava falando.

— Obrigado pela sua ajuda — disse von Essen. — Só mais uma pergunta. Você se incomodaria em dar uma olhada também das garotas?

— Preste atenção, Conde — respondeu Amarelo e Azul. — Ouça o que estou dizendo. Falei com ela quando estava na delegacia. Já disse isso. Era ela. Estou cento e dez por cento seguro.

— E qual dessas garotas é ela, então? — questionou Adolfsson, apontando para as fotos de Linda e das outras oito moças.

\*

— Pode contar — pediu Rogersson. — Qual é o seu álibi?

— Eu não estava sozinho quando saí do Town Hotel. Estava acompanhado e fomos para o meu apartamento — respondeu Löfgren. — Fiquei com essa pessoa até mais ou menos dez horas da manhã.

— Quando foi interrogado, você disse que voltou sozinho para casa — observou Rogersson. — Isso também foi mentira? Então me dê o nome. O nome da pessoa com quem você voltou para casa.

— Já falei. Não cito nomes — respondeu Löfgren.

— Não é um grande álibi, então — disse Rogersson, suspirando. — Pelo menos, não pelo que eu entendo que seja um álibi. Se me lembro bem, os professores sempre enfatizavam a importância de saber quem estava fornecendo o álibi.

— Não cito nomes — repetiu Löfgren. — Isso é mesmo tão difícil assim de entender?

\*

— E então, o que dizem agora, rapazes? — respondeu Amarelo e Azul, erguendo a foto que tinha escolhido.



— E você tem certeza absoluta de que era ela? — perguntou von Essen, trocando um olhar com Adolfsson.

— O que quer dizer com “certeza absoluta”? Estou cento e dez por cento certo de que era ela, já falei. Conversei com essa moça mais de uma vez lá na delegacia. Era mesmo uma safada, se quer saber o que eu acho.

\*

— Tem uma coisa engraçada no que você está dizendo — salientou Rogersson, encarando Löfgren com ar cético.

— Como assim, engraçada? — retrucou o estagiário. — Não estou vendo nada de engraçado nisso.

— Seus amigos dizem que você gostava de se gabar para eles, relatando quantas vezes trepou com Linda, além de fazer outros comentários ainda piores, que não pretendo repetir para não deixar você constrangido, e nem seu advogado, aqui presente.

— Isso é problema deles — disse Löfgren. — Não falei nada disso.

— Mas você disse para eles que saiu desacompanhado do Town Hotel. Uma pessoa, inclusive, o viu indo para casa sozinho. Você falou que ia para casa dormir.

— E daí? Não sou obrigado a ficar sentado aqui justificando o que outras pessoas disseram. Além disso, parece que tem alguém querendo falar com você — observou Löfgren, apontando para a porta, que começou a se abrir lentamente após uma batida discreta.

— Você tem alguns minutos, Lewin? — perguntou von Essen, do outro lado da porta.

— Esse truque é mais velho que minha avó — disse Löfgren ao seu advogado. — Um dos professores na Academia de Polícia nos ensinou...

— Dois minutos — respondeu Lewin, levantando-se, saindo da sala e fechando a porta com cautela em seguida.

— Acho que estamos com um probleminha — disse von Essen.  
— Eu imaginei que isso fosse acontecer, desde hoje cedo — resmungou Lewin, suspirando.

\*

— O que foi que eu disse? — perguntou Löfgren com um ar vitorioso, dando um tapinha no braço do seu advogado. — Cinco minutos, não dois. Não falei?

— Desculpe interromper, cavalheiros — disse Lewin, olhando para Rogersson por algum motivo. — Eu entendi direito? Você está se recusando a dar o nome da pessoa que alega ser capaz de lhe fornecer um álibi?

— Fico feliz que tenha finalmente entendido — respondeu Löfgren. — Está certo. Na verdade, este é o seu trabalho, não o meu.

— Muito bem, é bom saber que concordamos em uma coisa, pelo menos. Nesse caso, gostaria também de informar que agora são duas e cinco da tarde, sexta-feira, 25 de julho, e a promotora decidiu mantê-lo em prisão preventiva. Então, o interrogatório está suspenso e recomeçará outra hora. A promotora também decretou que devemos colher suas impressões digitais e uma amostra de DNA.

— Esperem um instante — retrucou o advogado depressa. — Não seria melhor me darem alguns minutos para conversar sozinho com meu cliente? Que tal encontrarmos uma solução mais prática para este pequeno problema?

— Sugiro que você fale então diretamente com a promotora — concluiu Lewin.

\*

— Porra, Lewin, de repente, você ficou cheio de pressa — queixou-se Rogersson cinco minutos depois, quando estavam sozinhos na sala.

— No meu lugar, você teria também ficado assim — disse Lewin.

— Mas por quê? Se você tivesse me dado mais uma hora eu conseguiria o nome do suposto álibi dele, se é que existe mesmo um. E também teria feito o cara enfiar um cotonete na boca.

— Esse era o meu medo — disse Lewin. — Que a gente acabe tendo que preencher um monte de papelada.

— Não estou entendendo o que quer dizer.

— Eu explico.

— Mal posso esperar — disse Rogersson com um sorriso falso, se encostando na poltrona para ficar mais confortável. E, cinco minutos depois, sorrindo de verdade, ele perguntou: — Quando você vai contar isso para Bäckström?

— Agora mesmo — respondeu Lewin. — Assim que conseguir encontrá-lo.

— Quero estar presente — afirmou Rogersson. — E então tentaremos impedir juntos que aquele gordo desgraçado comece a quebrar todos os móveis.

\*

Hoje vai ser um dia maravilhoso, pensou Bäckström. Fazia só dez minutos que ele vira Adolfsson e von Essen passarem no corredor, escoltando um abatido Löfgren, claramente seguindo para as celas. Como se isso não bastasse, Thorén aparecera em sua sala com os resultados do membro do comitê, Bengt Karlsson, do grupo “Homens de Växjö pelo Fim da Violência contra as Mulheres”.

— Esse tal de Karlsson parece ser um sujeito realmente repulsivo. Nem de longe é uma boa pessoa — disse Thorén.

— Como assim? — perguntou Bäckström.

Não que eu saiba o que fazer com ele, pensou, considerando que o rapaz negro já está preso.

— Há onze infrações na ficha dele. E sua especialidade parece ter sido a violência contra as mulheres com quem estava saindo.

— O homem certo no emprego certo — disse Bäckström, visivelmente feliz.

E, com certeza, o homem certo para baixar a bola de Lo e do idiota do Olsson, pensou.

— O único problema é que o último incidente ocorreu nove anos atrás — esclareceu Thorén.

— Imagino que ele tenha aprendido a lição — comentou Bäckström. — Provavelmente, agora enrola uma toalha na mão antes de bater nelas. Desenterre toda a merda que conseguir encontrar — concluiu ele, vendo Lewin e Rogersson ao lado da porta, parecendo duas galinhas ansiosas para pôr ovos. — Entrem, rapazes, entrem. O jovem Thorén já estava de saída. — Thorén saiu e bateu a porta. — Então, contem tudo — prosseguiu ele. — Vocês conseguiram encurralar o cara? Vi Adolfsson e aquele veado metido que anda com ele levando Löfgren para as celas.

— Sinto muito decepcioná-lo, Bäckström — começou Lewin. — Mas Rogersson e eu estamos razoavelmente convencidos de que Löfgren não é o homem que estamos procurando.

— Isso é ótimo! — exclamou Bäckström, todo contente. — E, então, para que vocês o prenderam?

— Já chego lá — emendou Lewin. — Mas é melhor você ir se acostumando com a ideia de que ele é inocente.

— E por quê? — perguntou Bäckström, encostando-se na sua cadeira.

— Ele tem um álibi — respondeu Rogersson.

— Um álibi — grunhiu Bäckström. — Quem seria capaz de fornecer um álibi a ele, porra? Martin Luther King?

— Ele não quer contar — disse Lewin. — Então pensamos em deixá-lo preso antes que tivesse tempo de mudar de ideia.

— Mas Lewin já descobriu, de qualquer maneira — interveio Rogersson, alegre.

— Então, de quem estamos falando? — perguntou Bäckström, se inclinando para a frente e encarando os dois com os olhos apertados.

— Achamos que o que aconteceu foi o seguinte — começou Lewin. — Löfgren saiu do Town Hotel às quinze para as quatro da madrugada. Ele insiste que está saindo sozinho e indo para casa dormir. Após alguns quarteirões, ele para e espera a mulher com quem combinou secretamente dentro da boate de se encontrar. Ela aparece um pouco depois das quatro, os dois seguem para o apartamento de Löfgren e começam a fazer aquilo que as pessoas geralmente fazem nessas circunstâncias.

— Então, quem é ela? — perguntou Bäckström, embora já tivesse adivinhado a resposta.

— Nossa colega Anna Sandberg, de acordo com uma testemunha com quem conversamos — disse Lewin.

— Eu mato aquela safada! — rosou Bäckström, levantando-se bruscamente da cadeira. — Juro por Deus que eu vou...

— Não, você não vai — interrompeu Rogersson, balançando a cabeça. — Você vai ficar sentado tranquilo, antes que sofra um derrame ou coisa pior.

Seja lá como for, pensou Bäckström sentando-se de volta, vou acabar com ela.

\*

Löfgren, o estagiário de polícia, foi autorizado a sair da cela da delegacia de Växjö antes mesmo de terem tempo de trancar as grades. Cerca de uma hora depois, ele estava no carro com seu advogado, voltando para a casa de veraneio dos seus pais, em Öland. Ele tivera que jurar para a promotora que, no futuro,

atenderia o telefone se a polícia de Växjö precisasse falar com ele por qualquer motivo. A promotora ainda dera alguns conselhos, antes de o rapaz ir embora. Sem entrar em detalhes, ela sugerira que ele parasse para refletir um pouco sobre seus planos para sua futura carreira. Löfgren deixara as impressões digitais, um cotonete com uma amostra do seu DNA e ainda, de bônus, alguns fios de cabelo. Tudo isso provavelmente teria total inutilidade para a investigação.

\*

Enquanto o carcereiro cuidava dos pormenores práticos relacionados às impressões digitais e ao cotonete de Löfgren, Lewin estava ocupado corrigindo as besteiras que ele e os colegas tinham feito. Primeiro, conseguiu uma promessa de sigilo de todos aqueles intimamente envolvidos na operação secreta de Bäckström, e depois, sentou-se com a policial Sandberg para ter uma conversa séria.

Bäckström tinha finalmente se acalmado. A maior parte da sua raiva passara, embora ainda estivesse saturado com o desastre do caso promissor que seus colegas inúteis, para não dizer criminosamente incompetentes, tinham provocado. Bäckström estava se sentindo muito infeliz, pois havia sido tratado de forma hostil e injusta. Estava cercado de idiotas e já era hora de encontrar coisa melhor, pensou ele, ao sair no calor extremo das ruas a caminho da cama macia no seu quarto de hotel com ar-condicionado, fazendo uma breve parada para comprar bebida.

Ele começou tomando as duas latinhas geladas de cerveja que já estavam no seu frigobar, principalmente para abrir espaço para as que acabara de comprar. No entanto, a habitual sensação de bem-estar não surgiu para aliviar sua mente e seu corpo. As coisas estavam tão ruins que a safada da Sandberg tinha não só sabotado

sua investigação, como também sua paz interior, pensou ele. Na falta de opções melhores, ele ligou a televisão e ficou ali deitado, meio que assistindo a um programa de debate cultural que deveria abordar o assassinato de Linda Wallin, mas que, na verdade, eram os mesmos veados de sempre, jogando conversa fora.

Micke-No-Limite, que ficou famoso depois de participar do reality show *No Limite*, assim como da temporada especial com celebridades, também era aluno do segundo ano do Instituto de Artes Dramáticas, em Malmö, e tinha solicitado financiamento para produzir um documentário dramático sobre o assassinato de Linda. A secretaria de cultura do município de Växjö recusara prontamente seu projeto, mas ele conseguiu encontrar um investidor privado querendo apoiar o empreendimento. O roteiro estava quase pronto e o papel de Linda seria interpretado por uma moça chamada Carina Lundberg, mais conhecida pelos suecos como Nina-Big-Brother. Ela participara do *Big Brother* e de outro programa chamado *Os Empreendedores*, num novo canal de finanças. Ela fizera um curso de teatro por algum tempo e agora estava construindo um nome nas emissoras de televisão que focavam em cultura e eram subsidiadas pelo Estado. Ela e Micke já se conheciam havia bastante tempo, e sua confiança no diretor era irrestrita, apesar de o papel de uma vítima de assassinato estar longe de ser simples. Ela estava particularmente preocupada com as cenas lésbicas, em especial, aquelas em que ela e outra atriz usariam uniformes de polícia.

Porra, o que ela está dizendo?, pensou Bäckström, aumentando o volume e sentando-se na cama.

— É claro que há muitas policiais sapatonas — explicava Nina. — Na verdade, quase todas são. Tenho uma amiga na polícia, e ela me contou.

— Criei um clássico triângulo dramático — interveio Micke. — Temos Linda e a mulher que ela ama, que também é policial e se chama Paula. E então temos o homem, o assassino rejeitado, cheio de ódio e ciúme. Tem complexo de castração. Tem um pouco de

Strindberg, de Norén e de... de um drama clássico masculino, basicamente.

— Com certeza, parece que tem mesmo — concordou a apresentadora com entusiasmo. — E, é claro, é disso que se trata, mais um homem castrado.

Jogar esses cretinos em um caldeirão de água fervente seria fazer um favor a eles, pensou Bäckström, mudando de canal assim que seu telefone tocou, embora tivesse deixado bem claro na recepção que não queria receber ligações.

— Pois não — grunhiu Bäckström.

Putá que o pariu, pensou ele ao desligar.

\*

Bengt Karlsson, membro do comitê “Homens de Växjö pelo Fim da Violência contra as Mulheres”, tinha despertado o interesse do inspetor Peter Thorén a tal ponto que, mesmo sabendo que seria quebrar a promessa de sigilo que fizera a Bäckström, ele se sentiu obrigado a contar o segredo para Knutsson. Pensando bem, refletiu Thorén, isso provavelmente não tem muita importância, comparado ao que Bäckström estava fazendo com o coitado do estagiário.

Bengt Karlsson tinha quarenta e dois anos. Entre os vinte e os trinta e três, ele acumulara onze condenações por comportamento violento contra sete mulheres diferentes que conhecia, e que tinham entre treze e quarenta e sete anos quando os crimes foram cometidos. As condenações foram por ofensa grave, violência física, ameaças, coação, abuso sexual com agravante, exploração sexual e assédio sexual. Em decorrência delas, Karlsson recebeu diferentes penas de prisão, totalizando quatro anos e meio, dos quais cumprira aproximadamente metade.

— É mesmo um personagem interessante — concordou Knutsson, depois de ler o resumo inteiro que Thorén fizera a partir de todas as



ocorrências no banco de dados eletrônico de que a justiça dispunha atualmente.

— Mas por que ele para de repente? — perguntou Thorén. — A última ocorrência foi nove anos atrás. Desde então, não houve qualquer queixa contra o cara.

— Talvez tenha mudado de método operacional — sugeriu Knutsson. — Você se lembra daquele ladrão que passou a explodir os caixas eletrônicos? Ele conseguiu roubar uma dúzia deles, antes de descobrirmos. E, durante todo esse tempo, o cara dava palestras em diversas escolas sobre como tinha conseguido superar seu passado criminoso.

— Então, ele pode ter passado de mulheres que conhece, com quem morou junto ou namorou, para mulheres totalmente desconhecidas? — indagou Thorén, como se estivesse pensando em voz alta.

— É possível — disse Knutsson. — Bastante possível, na verdade. Mas tem outra coisa me intrigando. Você se lembra daquela palestra na Academia de Polícia, na primavera passada, de um agente do FBI?

— Lembro, sim. Ele só falou de crimes sexuais. Era essa a especialidade desse cara do FBI, se me recordo bem. Parecia que ele não conseguia pensar em outra coisa que não fosse crime sexual.

— Então será que você se lembra do que ele disse sobre o tipo de criminoso que abusa sexualmente das mulheres e fica brincando de gato e rato com as pessoas que tentam investigá-lo? O tipo de cara que realmente curte ficar próximo das pessoas que estão atrás dele.

— Na verdade, não.

Será que tudo era tão simples assim?, pensou Thorén. Nesse instante, ele sentiu o mesmo formigamento que o superintendente Bäckström, seu colega mais velho, sentira em relação ao policial estagiário Erik Roland Löfgren.

— Precisamos de uma amostra de DNA — afirmou Knutsson. — Esse homem definitivamente tem que ser investigado. Não faço ideia

de como poderemos fazer isso sem que o resto do comitê e o superintendente Olsson descubram.

— Isso já está resolvido — tranquilizou Thorén, orgulhoso. — Tinham recolhido uma amostra do DNA de Karlsson em Malmö. Ele foi pego numa revista de rotina durante a investigação de assassinato de Jeanette, uns cinco ou seis anos atrás. Mas, sabe, esse caso continua sem solução, portanto, ele deve estar limpo.

— Por que não se livraram da amostra, então? — perguntou Knutsson.

— Isso não é o tipo de coisa que a gente joga fora assim, sem mais nem menos — respondeu Thorén, um pouco indignado. — O Laboratório Nacional da Polícia Científica obviamente descarta as amostras, pois é obrigado por lei a fazer isso. Mas nossos colegas em Malmö guardaram uma cópia dos resultados em seus arquivos sobre o caso. Eu já consegui esses documentos e mandei por fax para o Laboratório Nacional.

\*

Bäckström ainda estava deitado na cama, com as costas apoiadas em dois travesseiros, parecendo um paciente obeso perfeitamente comum na ala dos cardíacos. Ela merece o pior, essa vagabunda, pensou ele, estendendo sua mão gorda e mole na direção do frigobar.

— Se quiser uma cerveja mais gelada, tem no frigobar, Anna — disse Bäckström.

E agora, segura essa, sua putinha delinquente, pensou ele.

— Não tem outra coisa? — perguntou Anna Sandberg. — Terminei o expediente de hoje e vou ficar na cidade. Eu aceitaria algo mais forte.

— Tem uísque e vodca ali na estante — disse Bäckström, se perguntando “que porra é essa?”

— Obrigada. — Anna serviu-se de uma dose equivalente à que Rogersson costumava colocar para si mesmo. — Você quer um pouco? — perguntou ela, acenando para Bäckström com a garrafa de uísque.

Mas que porra é essa?, pensou Bäckström outra vez. Primeiro, ela sabota a minha investigação, em seguida, invade meu quarto e, um minuto depois, me oferece uma dose do meu próprio uísque.

— Quem sabe uma pequena dose.

\*

A policial Anna Sandberg tinha ido se desculpar com Bäckström. Ela fizera uma grande besteira — em suas próprias palavras — e Bäckström era a primeira parada da sua humilhante via-crúcis. Até o momento, se podia dizer algo em sua defesa era que Löfgren lhe prometera pelo telefone que se comportaria como um cavalheiro e logo forneceria uma amostra de seu DNA. De forma voluntária e, obviamente, inútil, mas levando em conta o que acontecera, era essa a solução mais simples para os dois.

A razão pela qual ela não procurara Bäckström e abrisse o jogo quando Löfgren se recusou a colaborar, apesar de sua promessa, era apenas mais um exemplo da fragilidade humana. Em parte, mantivera a esperança de que Löfgren mostrasse ter um pouco de juízo, ou, pelo menos, a ajudasse naquela situação delicada, mas principalmente porque ela não fazia a menor ideia do que Bäckström e seus colegas estavam planejando. A conversa que tivera com Lewin mudara tudo.

— Preciso falar com algumas pessoas. Com você, Bäckström, Olsson e meu marido; sobretudo, com meu marido — disse ela, balançando a cabeça e tomando um bom gole do seu uísque.

O quê?, pensou Bäckström. As mulheres não batem muito bem da cabeça.

— Você é idiota? Não está mesmo pensando em falar com Olsson sobre isso, está?

É claro que era exatamente isso que ela estava pensando em fazer. Seria melhor pegar logo o touro pelos chifres, superar a vergonha e, se fosse preciso, sair da polícia e ir atrás de outro trabalho.

— Isso não é problema meu — disse Bäckström —, mas não entendo por que você quer contar para Olsson.

— Antes que ele descubra tudo sozinho — revelou Sandberg com firmeza. — Não vou dar esse prazer a ele. E, aliás, a mais ninguém.

— Corrija-me se eu estiver errado, mas estou falando do superintendente Bengt Olsson. O detetive do Assassinato Ritual do bosque de Småland, que fica imerso em profundas reflexões toda vez que se levanta do vaso sanitário e percebe que está com um pedaço de papel na mão.

— Então, você não acha que eu deveria contar para Olsson? — perguntou Sandberg, parecendo repentinamente mais alegre.

— Não — respondeu Bäckström, balançando a cabeça. — E com mais ninguém. Lewin e Rogersson já conversaram com quem está sabendo, então, os dois só vão assentir com as cabecinhas se você tentar falar com eles. Deixe para lá.

As mulheres são simplesmente loucas, pensou o superintendente.

— E quanto ao meu marido? — indagou Sandberg. — Ele também é policial, mas com certeza você já sabe disso.

— Ele fica excitado quando ouve coisas desse tipo? — perguntou Bäckström com uma expressão leve de desprezo.

Mas, considerando que o marido dela trabalhava como policial de proximidade, havia muitos motivos para temer o pior, pensou ele.

— Acho muito difícil acreditar nisso — respondeu ela.

— Pois bem — disse Bäckström, dando de ombros. — O que os olhos não veem o coração não sente.

Anna Sandberg assentiu com uma expressão pensativa.

— Posso beber mais? — perguntou ela, indicando o copo vazio.

— Claro — respondeu Bäckström, entregando-lhe seu copo. — Sirva para mim também. Só uma pequena dose.

É uma pena que Lo não esteja aqui. Ela poderia aprender alguns truques com um velho profissional, pensou Bäckström. Sandberg já parecia uma pessoa diferente, melhor. Até mesmo seus seios estavam mais empinados e mais parecidos com o que eram no passado. E isso apenas depois de duas doses e algumas sábias palavras, pensou ele.

— Pois bem, dane-se tudo isso, Sandberg — disse Bäckström, erguendo o copo. — Ninguém vira policial. A pessoa simplesmente é ou não. E um policial de verdade nunca dedura um colega.

Mesmo que seja uma mulher que, para começar, nunca deveria ter ingressado na corporação.

\*

Naquela noite, depois do já costumeiro jantar no restaurante do hotel, Bäckström voltou para seu quarto com Rogersson para conversar sobre o caso num ambiente mais sossegado e pensar na melhor forma de proceder, agora que o jovem Löfgren fora descartado da investigação. Por fim, a cerveja e o ânimo se esgotaram e Bäckström estava tão cansado que não tinha mais condições de acompanhar Rogersson até o bar para uma saideira. Ele passou o sábado recuperando o sono e, naturalmente, os funcionários preguiçosos e incompetentes do hotel aproveitaram a oportunidade e nem se deram o trabalho de limpar o quarto ou trocar as toalhas usadas.

Durante a madrugada de sábado para domingo, enquanto Bäckström estava dormindo na cama desfeita do seu quarto no Town Hotel, outra mulher foi atacada, bem no centro de Växjö e a poucas centenas de metros do hotel. A vítima foi uma moça de dezenove anos que voltava sozinha para casa depois de ir a uma festa. Quando ela abriu o portão do prédio onde morava na Norrgatan, por volta de três da madrugada, um desconhecido a atacou por trás, empurrando-a até o hall, jogando-a no chão na tentativa de estuprá-la. A vítima gritou e se debateu, lutando por sua vida. Vários vizinhos acordaram com o barulho e o criminoso fugiu do local.

Em quinze minutos, todo o aparato foi posto em ação. A vítima foi levada para o hospital. A cena do crime foi isolada, os policiais de plantão e a polícia científica chegaram ao local e interrogaram testemunhas, procurando pistas. Três viaturas da polícia circulavam, procurando qualquer coisa suspeita na vizinhança. Reforços foram chamados e os telefones dos membros da equipe que investigava o assassinato de Linda começaram a tocar. O superintendente Olsson estava com o celular colado no ouvido, em sua casa de campo, enquanto tentava vestir a calça com sua mão livre, se esforçando para lembrar onde deixara as chaves do carro. O superintendente Bäckström ainda dormia profundamente. Ele aprendera com experiências anteriores a desligar seu celular e desconectar o telefone do quarto durante a noite.

Quando desceu para tomar café naquela manhã de domingo, e Rogersson lhe contou o que acontecera, ele ficou bem nervoso. Já dava para perceber que alguns detalhes não estavam nada esclarecidos.

— Falei com Sandberg agora há pouco — disse Rogersson.

— E o que ela contou? — perguntou Bäckström.

— Que havia alguma coisa estranha sobre a vítima — respondeu Rogersson. — Sandberg acha que ela pode ter inventado tudo.

Ai, essa Sandberg, pensou Bäckström. É cada coisa que a gente tem que ouvir...

Naquela noite, Bäckström ligou para sua repórter da rádio, mas, assim como no fim de semana anterior, caiu na caixa postal. É a mãe idosa, pensou Bäckström. Na ausência de outra opção, ele pediu que entregassem comida e cerveja em seu quarto e ficou ali deitado, passando a metade da noite trocando de canal na televisão, até finalmente adormecer.

\*

Jan Lewin voltara a sonhar.

Suécia, meados dos anos 1950. O verão em que Jan Lewin completou sete anos, antes de voltar às aulas no outono, e quando ganhou sua primeira bicicleta de verdade. Uma Crescent Valiant vermelha.

O chalé de verão dos seus avós, em Blidö, no arquipélago de Estocolmo. Ele, papai e mamãe. O sol brilhando todos os dias num céu sem nuvens. Seu pai diz que é um verdadeiro verão indiano, e desta vez, as férias de verão do pai parecem nunca acabar.

— Por que se chama verão indiano, papai? — pergunta Jan.

— É o nome que dão — responde ele. — Quando o verão é excepcionalmente longo e quente.

— Mas o que isso tem a ver com os indianos? — insiste Jan. — Por que as pessoas chamam isso de verão indiano?

— Imagino que seja porque eles têm um clima melhor que o nosso — responde o pai, antes de passar a mão no cabelo do filho e começar a rir, como se sua resposta tivesse sido satisfatória.

Naquele verão, seu pai o ensinou a andar de bicicleta. Pistas de cascalho, arbustos de urtigas, valas, cheiro de alcatrão. O pai correndo atrás dele, segurando o selim, enquanto Jan se agarra ao guidão com as mãozinhas suadas e pedala o mais rápido que suas pernas magras e bronzeadas conseguem.

— Vou soltar você agora — grita seu pai e embora Jan saiba que é preciso pedalar e guiar ao mesmo tempo, isso simplesmente não funciona. Ou ele pedala ou guia, e, às vezes, o pai não tem tempo de segurá-lo. Joelhos ralados, queixo arranhado, as urtigas ardendo, cardos e espinhos afiados.

— Vamos tentar outra vez, Jan — diz seu pai, afagando o cabelo do filho, e eles recomeçam tudo.

Guidão e pedais, guidão e pedais, e o pai o solta, mas novamente não consegue impedir que Jan caia. E quando se vira, ele não vê seu pai indo ajudá-lo. Em vez disso, encontra seu colega Bäckström, ali em pé sorrindo.

— Porra, como você pode ser tão idiota, Lewin? — pergunta Bäckström. — Puta merda, você não pode parar de pedalar, porque não estou mais empurrando.

E então ele acordou, se arrastou até o banheiro e deixou a água fria escorrer pelo corpo, enquanto esfregava os olhos e as têmporas.



*Växjö, segunda-feira, 28 de julho*

Na primeira reunião matinal da semana da equipe de investigação, o chefe do inquérito preliminar, o superintendente Bengt Olsson, pôde anunciar que eles tinham conseguido bater um novo recorde sueco. O plano olssoniano de recolhimento de amostras de DNA em Växjö e nos arredores estava avançando sem dificuldades. Durante o fim de semana, inclusive, tinham verificado mais de quinhentas amostras, sem mencionar um lenço de papel com sangue e o miolo de uma maçã. O futuro colega deles, o estagiário Löfgren, fora descartado da investigação com ajuda do cotonete de sempre, e o outro colega deles, o mentalmente perturbado Claesson, fora deixado de lado graças a seus próprios hábitos alimentares saudáveis, e sem fazer ideia do que havia acontecido.

Infelizmente, o superintendente Jan Lewin aproveitou a oportunidade para lhes contar como o recorde anterior havia sido estabelecido. Ele e a Divisão Federal também tinham participado do caso na época. Mais uma mulher assassinada, em Dalarna. Quase quinhentas amostras tinham sido recolhidas nesse caso, mas passaram-se muitos anos desde o assassinato de Petra, que continuava sem solução e praticamente abandonado. Então, Lewin cometeu o erro de fazer um comentário longo e pessoal demais sobre o assunto.

— Eu me lembro da minha primeira investigação de homicídio envolvendo uma jovem — disse ele, como se estivesse falando em

voz alta consigo mesmo. — Isso já faz trinta anos, portanto, vários de vocês aí sentados nem eram nascidos. O Assassinato de Kataryna, como era reportado nos jornais. Naquela época, nunca tínhamos ouvido falar em DNA, e todos nós sabíamos que, se quiséssemos solucionar o caso, quase sempre precisávamos fazer isso à moda antiga, sem muita ajuda da polícia científica e seus métodos de perícia. Essas coisas eram usadas nos tribunais, quando nós, meros policiais, já tínhamos descoberto quem era o autor do crime.

— Sinto muito, Lewin — disse Bäckström, apontando para seu relógio de pulso. — Que tal irmos direto ao ponto, antes do almoço? É que o restante de nós tem bastante coisa para fazer.

— Estou chegando lá, Bäckström — retrucou Lewin, sem se preocupar. — Naqueles dias, a taxa de casos de homicídio solucionados passava de setenta por cento. Hoje em dia, conseguimos resolver menos da metade, apesar de toda a tecnologia e dos novos métodos. Não acho que os casos atuais sejam tão mais complicados assim do que antes.

— Então, na sua opinião, por que isso acontece? — perguntou Sandberg, de repente. — Você deve ter pensado no assunto.

— Pensei, sim, é claro. Essa história de DNA, por exemplo. Quando funciona, é obviamente um recurso fantástico. Isso se a gente encontrar uma boa prova de DNA, como nesse caso agora, e se achar a pessoa que deixou o vestígio.

— Então, qual é o problema? — insistiu Sandberg.

— Se o for DNA compatível, há o risco de você se entusiasmar e acabar negligenciando todo o resto, como o bom trabalho sistemático da polícia feito à moda antiga.

— Você quer dizer que, para pegar o autor do crime, não podemos ficar correndo por aí feito galinhas decapitadas? — sugeriu Sandberg, sorrindo.

— É uma maneira de pôr as coisas — concordou Lewin.

\*

O tópico final da reunião daquela manhã foi a apresentação de Sandberg do que eles sabiam sobre a agressão registrada na madrugada de domingo.

— Há tantos detalhes e são tão vagos que não tenho como não cogitar que talvez tenham sido todos inventados — disse ela.

— Mas por que a garota faria uma coisa dessas? — perguntou Olsson. — Com certeza não é o tipo de coisa que as pessoas saem inventando por aí.

— Já vou chegar lá — respondeu Sandberg, falando como seu colega vinte e três anos mais velho, o superintendente Jan Lewin.

Nenhuma testemunha vira o ataque no hall do prédio nem o agressor, sequer de relance. A polícia científica não havia encontrado absolutamente nenhuma evidência, embora Enoksson e seus colegas tivessem passado o pente fino em toda a cena do suposto crime e na vizinhança do local. Tudo o que tinham era a história da própria vítima sobre um ataque que ela fora capaz de evitar graças à sua brava resistência. Ela alegava ter mordido e arranhado o agressor. E também o descrevera.

— Não há nada de errado com a descrição — insistiu Olsson. — Acho que ficou muito boa. O que diz mesmo? Um único agressor, com cerca de vinte anos, bem forte e em boa forma, de aproximadamente um metro e oitenta de altura, usando boné preto, camiseta preta, calça folgada preta, tênis de corrida, com tatuagens em ambos os braços. Algumas eram um desenho de serpentes pretas, outras de dragões, todas começando na parte superior do braço e se estendendo pelos cotovelos, chegando quase até os pulsos. E ele a ameaçou em inglês, mas com um sotaque tão carregado que ela tinha certeza de que o cara não era inglês nem americano. Provavelmente do Leste Europeu ou algo assim. Não é segredo, pelo menos não para quem mora aqui, que essa costuma

ser a aparência deles. Isso, na verdade, está começando a virar um problema.

— É mesmo uma descrição fantástica — concordou Sandberg. — Mesmo com tudo o que estava acontecendo no momento, ela fez questão de observá-lo com bastante atenção.

— Concordo com você, Anna — disse Bäckström, dando um sorriso forçado. — Ela parece ser uma mocinha bem atenta. E se encaixa perfeitamente no perfil que temos. E, ao que parece, ela arranhou tempo para aparecer também nos jornais e na televisão, para contar como foi horrível. É provável que daqui a pouco ela comece a apresentar a previsão do tempo na TV3, ou a exibir os peitos na fazenda onde gravam aquele reality show.

— Obrigada, Bäckström — agradeceu Sandberg, por algum motivo. — Essa é uma das coisas que estão me incomodando. Normalmente, garotas que foram submetidas a algo assim nem conseguem se olhar no espelho. Mal são capazes de falar, mesmo com as pessoas mais próximas delas. Só querem que as deixem em paz.

\*

Bäckström tinha ressurgido das cinzas deixadas pelo estagiário de polícia Löfgren, já identificara sua próxima presa e voltou a ficar agitado. Logo após a reunião, ele chamou o jovem Thorén para uma conversa em particular a fim de descobrir como estava sua averiguação sobre Karlsson, um dos membros do comitê.

— Você tinha toda a razão, Bäckström. O Sr. Karlsson não parece ser uma pessoa muito agradável — respondeu Thorén, antes de resumir suas descobertas.

— Precisamos do DNA desse desgraçado — disse Bäckström, entusiasmado.

— Isso já foi feito — afirmou Thorén, contando sobre o empenho dos seus colegas em Malmö.

— Porra, por que você não me disse isso antes? — perguntou Bäckström, irritado. — Está guardando segredo ou o quê?

Estamos correndo de um lado para outro feito galinhas decapitadas, pensou ele.

\*

— Sente-se, Lewin, sente-se — disse Bäckström cordialmente, apontando para a cadeira em frente à sua mesa. — Como vão nossas especulações? Está conseguindo encontrar algum sentido nelas?

— Tenho certeza de que vai funcionar — respondeu o policial, de modo neutro.

Ele dispunha de duas propostas concretas que poderiam representar um passo na direção certa. A primeira delas seria interrogar novamente a mãe de Linda. Na opinião de Lewin, os dois interrogatórios anteriores não foram completos. Fazendo uma análise mais crítica, não tinham fornecido coisa alguma que os policiais não poderiam descobrir sem falar com ela. E Lewin também queria tentar conversar outra vez com o estagiário Löfgren.

— Você sabe que sempre escuto o que tem a dizer — comentou Bäckström, com generosidade.

Embora você estivesse a ponto de foder com metade da força policial com aquele negro desgraçado, pensou ele.

— Minha sugestão é que a gente mande Rogersson interrogar a mãe de Linda — disse Lewin. — Rogersson é extremamente metuculoso nesse tipo de coisa.

— Pois é, coisa estranha, não acha? Mesmo bebendo como um russo e indo o tempo todo ao banheiro.

— Nunca notei isso — contestou Lewin depressa. — Mas você com certeza está melhor informado do que eu sobre essas coisas, Bäckström.

— Correm rumores, se é que posso dizer assim — comentou o superintendente com um sorriso. — E quanto ao rapaz negro? Quem vai cuidar dele?

— Se você está falando do jovem Löfgren, eu estava pensando em fazer isso pessoalmente. Tenho a impressão de que ele pode querer contar alguma coisa, agora que não é mais suspeito.

— Pode ser — disse Bäckström. — Dessa vez, vai ser mais tranquilo.

E você, Lewin, é provável que acabe ganhando o Prêmio Nobel mais cedo ou mais tarde.

A mãe de Linda estava em sua casa de veraneio em Sirkön, no meio do lago Åsnen, cerca de vinte quilômetros ao sul de Växjö. Uma de suas amigas estava passando um tempo lá, e, segundo ela, a mãe de Linda se concentrava em sobreviver, um dia após o outro. No entanto, entendia que a polícia estava ansiosa para conversar com ela, e se mostrava disposta a colaborar ao máximo.

— Agradeça a ela por mim — disse Rogersson. — Estarei aí com um dos meus colegas em mais ou menos uma hora.

— Precisa que eu ensine o caminho? — perguntou a amiga.

— Não, tudo bem. Se nos perdermos, eu ligo novamente. Transmita-lhe meu agradecimento por se dispor a conversar conosco.

Bäckström resolvera acompanhar Rogersson. Achava que sair um pouco da cidade lhe faria bem. De preferência num carro confortável com ar-condicionado, em que ele e Rogersson poderiam falar besteiras em paz, principalmente sobre os idiotas que andavam atrapalhando sua vida. Além disso, estava um pouco curioso a respeito da mãe de Linda.

— Mais à frente, à esquerda, fica o lago — disse Rogersson meia hora depois, apontando com a cabeça na direção da água azul e cintilante entre as bétulas ensolaradas. — Só mais ou menos dez quilômetros até Sirkön. Um território clássico para pessoas como eu e você, Bäckström.

— Pensei que todas as pessoas de temperamento forte vinham de Skåne — comentou Bäckström, se sentindo muito mais animado, apesar das imerecidas pedradas que tinha recebido recentemente.

— A história criminal sueca — explicou Rogersson. — Uma de nossas mais célebres desapareições do século passado. Uma das mais importantes, junto com a de Viola Widegren, em 1948. Foi aqui que o pequeno Alvar Larsson sumiu da casa dos pais, numa manhã de frio e ventania, em abril de 1967. — Seu tom era quase solene. — Eu li um artigo interessante sobre o caso na *Nordic Crime Chronicle*, alguns anos atrás. Não parecia se tratar de assassinato. Provavelmente ele apenas caiu no lago e se afogou, quando estava brincando ao ar livre.

— Não acredito nessa hipótese um instante sequer — disse Bäckström. — Claro que o garoto foi assassinado. Por um daqueles pedófilos. Deve haver uma infinidade deles por aqui. Sentados dentro de seus chalezinhos vermelhos, baixando vídeos de pornografia infantil na internet.

— Não em 1967 — argumentou Rogersson. — Quer dizer, não na internet.

— Bom, eles deviam usar alguma outra merda naquela época — respondeu Bäckström. — Deviam ficar em seus banheiros do lado de fora da casa, se masturbando diante de pilhas de jornais antigos com fotos de escoteiros nadando nus. Porra, como você quer que eu saiba?

— Você parece saber tudo, Bäckström. Mas o que mais admiro em você é seu senso de humanidade. Digamos que você é uma pessoa realmente generosa.

Porra, o que está acontecendo com Rogersson?, pensou Bäckström. Parece estar na maior ressaca. Só espero que a mãe de Linda seja tão generosa com as cervejas quanto o pai dela.

\*



Um pequeno chalé vermelho com madeirame branco, uma velha árvore frondosa protegendo uma área coberta de cascalho em frente à casa, onde estacionaram o carro, um mastro de bandeira, um caramanchão lilás, um banheiro externo numa extremidade, um píer, uma garagem para barco, uma sauna e a própria faixa de areia à margem do lago. Caminhos bem-definidos cruzavam o imenso jardim, onde duas rochas cuidadosamente dispostas demarcavam os limites do gramado bem-aparado.

Em suma, o cenário perfeito de um idílico verão sueco, e, obviamente, eles se sentaram ao ar livre, em volta de uma mesa no caramanchão. Não havia cerveja, é claro, apenas uma jarra de suco de groselha-preta feito em casa, cheia de gelo, e taças de haste alta, provavelmente compradas de alguma fábrica de vidros local por um valor que pagaria várias caixas de cervejas tipo exportação.

E se você e seu olhar não estivessem completamente alheios, com certeza seria uma bela mulher, Lotta Ericson, pensou Bäckström. Quarenta e cinco anos, mas, em circunstâncias normais, certamente parece muito mais jovem do que isso.

— Se a situação começar a ficar muito difícil para você, é só me falar — começou ele em seu tom de voz mais gentil.

— Acho que não vai haver problema — respondeu a mãe de Linda e, se não fosse por seus olhos, ela pareceria quase alegre.

Fico me perguntando quantos Valium eles fizeram você tomar desde que acordou, coitadinha, pensou Bäckström.

Nas três horas que se seguiram, o detetive Jan Rogersson provou de forma convincente a eficácia que seu colega Lewin elogiara. Primeiro, ele perguntara sobre Linda. Sua infância e criação. Sobre os anos nos Estados Unidos, o divórcio e como havia sido quando as duas voltaram sozinhas para a Suécia.

— Uma menina tranquila e feliz, que gostava de todo mundo e todos gostavam dela. Acho que sempre foi assim com a Linda, mesmo quando ela ficou mais velha... Um período difícil em nossas vidas... A adaptação a um ambiente diferente... Linda fez novos

amigos, entrou numa escola nova... Consegui um novo emprego como professora quando ainda estava estudando... Quando conheci meu marido, trabalhava como secretária... Foi assim que nos conhecemos... Então, depois nos casamos, eu tive a Linda e nós nos mudamos para os Estados Unidos. Lá, eu era uma esposa troféu... Estava terrivelmente entediada, embora Henning parecesse se ambientar com muita facilidade. A pessoa que Linda e eu menos víamos provavelmente era seu pai... Na verdade, quase nunca o víamos.

“Mas no plano financeiro, minha situação era bem privilegiada, é claro. Acho que tínhamos um acordo pré-nupcial, mas assim que voltamos para a Suécia, ele me deu o prédio onde... onde tudo aconteceu... Nós moramos lá até que, de repente, Linda... já no ensino médio... Ela resolveu que, como o pai decidira voltar, ela queria morar com ele no campo... Mas assim que quisesse voltar a viver na cidade, viria morar comigo de novo...

— E os namorados de Linda?

— O primeiro foi provavelmente um rapaz negro que estudava na mesma turma de Linda, quando morávamos nos Estados Unidos. Na época, ela tinha apenas sete anos, ele também... O nome dele era Leroy, e era tão bonitinho que dava vontade de morder... Foi provavelmente a primeira vez que Linda se apaixonou...

E depois disso? Namorados com os quais ela deve ter tido relações sexuais?

Segundo ela, não houve muitos, mas com a ressalva de que Linda era sempre muito discreta sobre essas coisas. O relacionamento mais longo que Linda tivera havia durado um ano, e terminara seis meses atrás.

— Filho de amigos da família. Uma das poucas famílias que ainda encontro, depois do meu divórcio. Um rapaz muito simpático, que chamavam de Noppe, embora seu nome fosse Carl-Fredrik. Acho que Linda simplesmente se cansou dele. A relação chegou ao fim quando ela entrou na Academia de Polícia.

— Ela era uma pessoa difícil? Discutia muito? Tinha inimigos? Havia alguém que quisesse machucá-la?

Não no mundo da mãe de Linda. Não quando se tratava de sua adorada filha, pois, em seus piores momentos, Linda provavelmente não agia muito diferente de como as adolescentes de sua idade se comportavam o tempo todo. Lotta percebera isso por causa de suas amigas que tinham filhas da mesma faixa etária. Mas Linda não costumava ser assim. Seus defeitos? Linda podia ser bem teimosa. E, às vezes, um pouco ingênua. Confiava demais nas pessoas, achando que eram melhores do que de fato eram.

Ao longo dos vinte anos de experiência como investigador criminal, Rogersson havia comandado centenas de interrogatórios com parentes e pessoas próximas das vítimas. Portanto, era de se esperar que a mãe de Linda fosse um dos últimos pontos que gostaria de abordar, e não surpreendeu que ela reagisse do mesmo modo que todas as pessoas que se veem nessa situação. Por que ele queria falar sobre ela? Ela não tinha nada a ver com o assassinato de Linda. Também era uma vítima. Alguém lhe roubara sua única filha e agora ela precisaria continuar vivendo sem mais nada ao que se agarrar, a não ser a própria dor.

Rogersson lhe deu as respostas habituais. Que estavam ali para encontrar o assassino de Linda. Que não tinham a menor suspeita de que ela estivesse envolvida no crime. Que estavam ali fazendo aquelas perguntas porque, às vezes, era possível descobrir coisas que uma mãe que teve a filha assassinada podia não perceber, sobretudo porque o sofrimento a impedia de vê-las. Ela reagiu melhor do que a maioria das pessoas.

Após o divórcio, tinha saído com outros homens? Algum deles demonstrou interesse por sua filha? Havia conhecido alguém que pudesse querer lhe fazer mal, atacando sua única filha?

Claro que ela saíra com outros homens depois do divórcio. Vários, na verdade, mas tinham sido relacionamentos breves e transitórios, e o mais recente já datava de anos atrás. Relacionara-se com

alguém com quem trabalhava, depois com alguém que trabalhava com uma de suas amigas, e então alguém que conhecera por causa do trabalho, e até mesmo com o pai divorciado de um de seus ex-alunos. E tivera relações passageiras com outros homens, principalmente quando passava férias no exterior. Na verdade, tinha se apaixonado por um deles e mantido contato por algum tempo. Mas não dera em nada. Passaram somente a se telefonar, depois a enviar e-mails com intervalos cada vez maiores, antes de pararem de se falar completamente.

O cara devia ser gay, pensou Bäckström. Gay e cego.

Era totalmente impossível para ela imaginar que um desses homens pudesse ter matado sua filha. Não se encaixavam nesse tipo de contexto. Não era com esse tipo de homem que ela se encontrava. A maioria deles nunca conhecera Linda, e ao menos dois deles sequer sabiam que ela tinha uma filha.

— Ela deve ter sido atacada por um maníaco — disse a mãe de Linda. — Como eu disse, Linda confiava em todo mundo. Às vezes, era ingênua demais.

\*

— Mas o que diabo fomos fazer lá? — perguntou Bäckström, já no carro, no caminho de volta para a delegacia. — Não descobrimos nada de útil.

Toma essa, seu pedante desgraçado, pensou ele.

— A bebida estava boa, considerando o que era — retrucou Rogersson. — Em alguns momentos, tive a impressão de que ela suspeitava de algo, alguma coisa que ainda estivesse tentando entender, que dominava seus pensamentos.

— E o que diabo poderia ser?

Então, Rogge não é apenas um alcoólatra, pensou Bäckström, também é vidente.

— Não faço a menor ideia — respondeu Rogersson. — Foi só uma impressão, na verdade. Já me enganei antes. — Ele deu de ombros. — A cabeça dela deve estar um caos agora. Eu me pergunto quantos tranquilizantes estão lhe dando.

— Na minha opinião, ela estava completamente fora do ar — disse Bäckström.

Como todas as mulheres, pensou, mas muito mais bonita.

— E esse pode ser um bom motivo para voltarmos a conversar com ela — disse Rogersson.

— Bem, se não der em nada, pelo menos é uma mulher linda — falou Bäckström. — Quer dizer, em seu estado normal. Me avise quando for vê-la de novo. Vou querer ir junto.

Embora Löfgren, o estagiário da polícia, tivesse mudado de conduta, passando a colaborar, e ainda que parecesse estar dizendo a verdade em todos os aspectos importantes, Lewin continuava achando que ele havia mostrado o que tinha de melhor na primeira vez que se encontraram, quando o rapaz ficou sentado ali, tentando confundi-los.

Agora que Erik “Ronaldo” Löfgren havia sido excluído da lista de suspeitos, suas reservas cavalheirescas para falar sobre seu envolvimento sexual com Linda pareciam ter desaparecido. A primeira relação ocorrera em meados de maio, na casa do pai dela, que ficava no campo. O plano era assistir juntos a uma partida de futebol americano na TV. No entanto, havia acontecido muito mais do que isso, e continuaram por mais de um mês, até o final das aulas na Academia de Polícia. Tinham se encontrado quatro ou cinco vezes, todas elas, exceto a primeira, no alojamento de Löfgren, em Växjö. Uma vez, foram ao cinema, outra a um café, mas na maioria das vezes, ficavam sentados assistindo à TV e vendo DVDs, apenas relaxando ou transando.

— Qual dos dois terminou o relacionamento? — perguntou Lewin.

Isso não tinha ficado completamente claro, segundo o jovem Löfgren. Era possível que tivesse acabado sozinho, mas se alguém tomara a iniciativa, provavelmente havia sido ele.

— Aquilo não ia dar em nada — disse Löfgren, dando de ombros.  
— Linda era uma garota maravilhosa, adorável e realmente bem

bonita. Não havia nada de errado com o sexo, mas não era incrível. Não era como se eu ficasse pensando nela o tempo todo ou coisa parecida, quando ela não estava comigo. Então sugeri que devíamos retroceder um pouco e voltar a sermos apenas amigos. Na verdade, até mesmo sem sexo casual.

Como eles eram em relação ao sexo? Que tipo de práticas sexuais Linda preferia? E quem tomava as iniciativas e as decisões, se é que havia algo assim no relacionamento deles?

Sexo comum. Sexo normal. Nem muito nem pouco, na estimativa de Löfgren, e era ele quem comandava.

— Ela estava em boa forma e tudo mais. E costumava gozar, desde que eu a preparasse. Digamos que eu estava dirigindo, e ela me acompanhava no assento do carona. Não era ruim, só não era incrível. Sei que eu não deveria falar coisas assim sobre ela, agora que está morta, mas vendo como isso parece importante para vocês... Nota seis, seis e meio, mas em parte porque ela era muito bonita. Não era muito experiente e... sei que pode parecer rude... mas não tinha aquele brilho no olhar.

— Entendo que você seja um homem experiente, quando se trata de mulheres, e é por isso que vou lhe fazer esta pergunta. — Lewin encarou Löfgren, pensativo, embora na verdade sentisse vontade de pegar sua cadeira e quebrá-la na cabeça dele. — Você nunca teve a impressão de que Linda estivesse procurando um tipo de sexo mais intenso? Quer dizer, para realmente deixá-la excitada.

— Não — respondeu Löfgren, surpreso. — Eu teria percebido. Se fosse isso que ela queria, teria conseguido. Tenho absoluta certeza de que ela desejava apenas o básico, então foi isso que lhe dei.

E os namorados anteriores de Linda, sua relação com seus pais, amigos e amigas?

Os dois não tinham realmente conversado muito sobre essas coisas. Se bem que ela havia chegado a mencionar um ex-namorado. Um verdadeiro desastre na cama, pelo que Linda contara a Löfgren. No que dizia respeito a amigos, tinham falado mais sobre

as amigas dela. O que não era estranho, na opinião de Löfgren, já que ele conhecia várias delas, e tinha dormido com duas.

— Linda sabia disso? — perguntou Lewin.

— Não, você está maluco, Lewin? Ninguém sabia. Este é o primeiro mandamento. Nunca conte às garotas esse tipo de coisa. Só as mulheres podem contar para as outras essas coisas. É um lance típico das mulheres. Quer dizer, se eu transasse com a namorada de um amigo, não seria estúpido o bastante para contar. Para que procurar problemas?

— Então Linda pode ter ficado sabendo que você foi para a cama com duas amigas dela? — resumiu Lewin.

— Se soube, nunca mencionou nada — respondeu Löfgren com um tom amargo. — Mas é possível. — Deu de ombros. — Porra, as garotas falam demais.

Segundo Löfgren, havia uma pessoa que parecia ter mais importância para Linda do que todas as outras. Seu pai.

— Estamos falando sobre a filhinha do papai — disse Löfgren. — O mundo de Linda girava em torno do pai. Parecia que ela sempre conseguiu tudo que quis, sem sequer ter que pedir. Estilo Beverly Hills, sabe? Não sei se você já o conheceu, mas os dois são... ou melhor, eram... terrivelmente parecidos. Se tivessem a mesma idade, as pessoas diriam que eram gêmeos. Ele costumava ligar para ela o tempo todo também. Certa noite, quando Linda estava no meu apartamento, ele ligou três vezes para o celular dela. Conversavam com frequência, embora não tivessem realmente algo a dizer. Oi, querida. Oi, papai. Eu esqueci de dizer, querida... Esse tipo de coisa, sabe? — Löfgren fingia segurar um telefone junto ao ouvido.

— Você não gostava do pai de Linda?

— Acho que eu não tinha problemas com ele. — Löfgren bufou. — Era ele quem tinha problemas comigo.

— Pensei que só o tivesse encontrado uma vez — comentou Lewin.



— Uma vez foi mais que o suficiente. Pude ver imediatamente o que ele achava de mim. De pessoas como eu, quer dizer.

— Como assim?

— Negros — respondeu Löfgren. — No mundo dele, nada mais importava. Alguém como eu já estava fodido desde o começo. Provavelmente não era coincidência ter decidido viver nos Estados Unidos por vários anos. O pai de Linda era um verdadeiro racista.

— Mas Linda não era assim, era?

— Não, o lance dela parecia ser mais do tipo: é preciso gostar de pessoas como eu. Tenho certeza de que realmente gostava de mim, de pessoas como eu, justamente porque éramos assim. Você imagina como isso faz que a gente se sinta incrível?

— Você e Linda chegaram a falar sobre isso? — perguntou Lewin. Não deve ter sido muito agradável, pensou ele.

Uma vez, segundo Löfgren. Na verdade, ele lhe dissera o que pensava do pai de Linda, que o considerava racista.

— Ela ficou furiosa — continuou o rapaz. — Mas veja, ela concordava comigo. No entanto, ficava repetindo que não era culpa dele. Era algo geracional, que na verdade ele era o cara mais gentil do mundo, o que contava para ele eram os indivíduos, e todas essas baboseiras.

— E quanto à mãe? O que ela achava da mãe?

— Não me falava muito dela — respondeu Löfgren com um sorriso torto. — Elas costumavam bater boca o tempo todo. Uma vez, pude ouvir a discussão pelo telefone. Pareciam duas barraqueiras.

— Pensei que Linda costumava ficar na casa da mãe.

— Quando estava na cidade, sim. E quando sabia que a mãe não estava em casa. Senão, voltava para a casa do pai. Chegou a pegar um táxi na cidade algumas vezes, para voltar para lá. Isso deve ter custado, o quê? Umas quinhentas coroas?

Löfgren balançou a cabeça.

— Então por que ela tinha tanta raiva da mãe?

— Acho que tinha a ver com o pai. Ela o endeusava. Ficava falando sobre o fato de a mãe ter abandonado o pai, que ela só se interessava pelo dinheiro dele e coisas do tipo. Dizia que a mãe o traía, e que era culpa dela o ataque cardíaco que ele sofrera, coisas assim.

— Você chegou a encontrar a mãe de Linda? — perguntou Lewin.

— Apenas uma vez — respondeu o rapaz com um sorriso. — Eu a encontrei certa noite, quando Linda, eu e um grupo de amigos estávamos na cidade. Foi na primavera. Antes de começarmos a sair juntos. Eu apenas a cumprimentei. A mãe, quer dizer.

— E qual foi sua impressão?

— Parecia uma boa pessoa, na verdade. Acho que é professora.

— Algo mais chamou sua atenção? — perguntou Lewin.

Você está escondendo alguma coisa, pensou ele.

— Tudo bem — começou Löfgren com um sorriso. — Achei ela muito gostosa. Quer dizer, devia estar com uns quarenta anos, mas, nossa...

— Vamos, explique essa história para o velho aqui — induziu Lewin.

— Sabe o que eu falei, sobre o brilho no olhar? Na minha opinião, a mãe de Linda era nota dez, se é que você me entende. Se ela me quisesse, eu não teria recusado.

— Acho que entendo o que quer dizer — concordou Lewin.

— Isso que era muito estranho — prosseguiu Löfgren. — Digo, em relação a Linda e à mãe. Elas não se pareciam nem um pouco. Linda era uma garota adorável, doce, uma boa amiga. Mas a mãe dela... Aquela mulher era demais! O tipo de mulher capaz de levar você para lugares inimagináveis.

— É mesmo? — perguntou Lewin, assentindo atentamente.

É mesmo?, pensou.

A associação “Homens de Växjö pelo Fim da Violência contra as Mulheres” tinha sido extremamente bem recebida pela mídia local, e embora fosse verão e as férias estivessem no auge, cerca de cinquenta homens tinham demonstrado interesse em participar. Em termos práticos, era um número consideravelmente maior do que precisavam de fato. A vida noturna em Växjö, sobretudo durante o verão, não era realmente agitada, digamos, e para equilibrar os recursos com a demanda, eles designaram para cada voluntário dias específicos durante a semana. Também haviam decidido que os membros da associação patrulhariam as ruas e praças da cidade em duplas. Isso oferecia outras vantagens, além de facilitar o planejamento, em parte porque aumentava a segurança dos próprios voluntários, e em parte porque ampliava o controle, no caso de algum gaiato conseguir passar pela varredura da associação.

Eles também haviam se adaptado à temperatura, e dispunham de um monte de camisetas com a palavra PATRULHEIRO impressa em letras vermelhas no peito e nas costas. Assim, eram facilmente identificáveis pelas pessoas que deviam ajudar e proteger, uma espécie de credencial que evitava que tivessem de tirar uma identificação do bolso, caso algo acontecesse.

O sistema de comunicação mais simples fora estabelecido entre os Patrulheiros que trabalhavam no mesmo turno, que se certificavam de que todos tivessem os respectivos números de celular antes de saírem em suas rondas pela cidade. E, é claro,

dispunham também de um número especial para entrar em contato com a polícia, caso se encontrassem numa situação de risco. E, ainda, tiveram a perspicácia de encomendar junto a uma fábrica de roupas local casacos impermeáveis com forro removível, exibindo o mesmo logotipo, e isso bem antes da chegada do outono, quando o tempo era extremamente instável. Por último, mas não menos importante, sobretudo na parcimoniosa Småland, houvera tanto interesse por parte de diferentes patrocinadores, que teria sido preciso usar macacões para expor todas as propagandas.

Com esse cenário, foi particularmente desastroso que um incidente lamentável, que poderia ter terminado em tragédia, ocorresse logo na primeira semana. Na noite de terça-feira, dois membros da associação que, junto com outras duas duplas, patrulhavam a área central da cidade entre o cemitério Tegnér, o posto de saúde, o quartel do corpo de bombeiros e a catedral, tentaram mediar uma discussão de um grupo de jovens em frente ao McDonald's, na esquina da Storgatan com a Liedbergsgatan.

Os rapazes envolvidos eram filhos de imigrantes, e todos, exceto os dois que pareciam ter iniciado a briga, ainda eram garotos, no máximo adolescentes entrando na idade adulta. O membro do comitê Bengt Karlsson inicialmente tentara apaziguar a tensão conversando com os jovens; esse era o passo introdutório no sistema de três etapas para resolução de conflitos (conversar, intervir, imobilizar) que eles haviam decidido utilizar.

Apesar disso, dois deles começaram a brigar, incentivados pelos outros garotos e garotas e, a essa altura, Karlsson e seu parceiro foram obrigados a passar diretamente à terceira etapa do modelo CII, tentando separar os dois oponentes. O efeito da ação fora imediato. Os dois que estavam lutando logo esqueceram suas diferenças e, juntos aos que assistiam, se voltaram contra os Patrulheiros. Se o parceiro de Karlsson não tivesse digitado o número de emergência em seu celular, as coisas poderiam ter acabado realmente mal.

Em poucos minutos, um dos outros grupos de Patrulheiros chegara correndo, vindo da estação ferroviária, e tentara ajudar do melhor modo possível, seguindo o método recomendado. Quase no mesmo instante, uma viatura policial com von Essen e Adolfsson também chegara ao local. Por conta da carência de efetivos na polícia de Växjö, eles tinham sido obrigados a vestir seus uniformes e fazer um turno extra na Divisão de Intervenção Rápida. O primeiro a sair do veículo fora o policial Adolfsson, e, embora ainda houvesse dúvidas sobre o que ele e seu parceiro fizeram, em um minuto e meio conseguiram afastar os envolvidos na confusão e Adolfsson imobilizara os dois mais agitados no chão.

— Parem com isso — dissera Adolfsson. — E o restante de vocês, não se mova até meu colega registrar o nome de cada um.

Depois de outra discussão, que durara cerca de quinze minutos, os nomes dos seis jovens imigrantes e dos quatro Patrulheiros foram anotados, e então Adolfsson erguera as mãos e dispersara as pessoas.

— Vocês, sigam para esse lado — disse ele para os jovens, apontando para o norte, na direção de Dalbo. Era a mais provável, visto que era onde ficava o gueto de Växjö.

— E vocês para lá — ordenou von Essen aos Patrulheiros, indicando a direção do hospital.

— Mas estamos aqui para patrulhar as ruas do centro — protestou um dos Patrulheiros. — Por que deveríamos ir na direção sul?

— Sugiro que deem uma volta mais longa — disse von Essen, diplomaticamente. — Por sinal, como está seu nariz?

Os ferimentos visíveis felizmente se restringiam a um único Patrulheiro, cujo nariz começara a sangrar após ser esmurrado por um rapaz que ele tentava ajudar. Lamentavelmente, no calor da briga, ele acabara sendo derrubado por Adolfsson e machucara bastante as costas e o pescoço.

— Podemos levar você para o hospital, ou para sua casa, se preferir — disse Adolfsen. — Também podemos usar o kit de primeiros socorros que temos no carro. Incline a cabeça para trás e respire fundo.

— Não é fácil. Tenho certeza de que pode entender — afirmou von Essen num tom conciliador, entregando uma compressa ao Patrulheiro ferido. — Não é fácil saber quem são os bons e quem são os maus, quando estão todos engalfinhados, não é?

O Patrulheiro machucado entendia perfeitamente. Não tinha por que se queixar. Sequer sonhara em prestar queixa contra o jovem que tinha acertado seu nariz, e tampouco tinha a intenção de prestar queixa contra o policial Adolfsen, que, na verdade, estava apenas tentando ajudá-lo.

— Um sangramento do nariz não é o fim do mundo — disse ele com um sorriso corajoso. — Foi apenas um triste mal-entendido.

O trabalho de investigação ainda seguia de acordo com o planejamento. Em relação às amostras de DNA dos potenciais assassinos, tudo ia tão bem que a única coisa que talvez pudesse estragar a comemoração da polícia científica era o resultado do teste de Bengt Karlsson. O resultado fora enviado pelo Laboratório Central da Polícia via fax, e um exausto e mal-humorado técnico acrescentara uma observação, indagando se a equipe de investigação andava com dificuldades para ler: *Como já foi esclarecido em notificações anteriores do Laboratório Central da Polícia, o DNA analisado nesta amostra não corresponde ao DNA do assassino.*

Infelizmente, Olsson por acaso se encontrava ao lado do fax quando a mensagem chegou, e ele a passou para Adolfsson, com a instrução de acrescentá-la à base de dados junto aos demais resultados.

— Estou vendo que o nome do suspeito foi omitido. Você tem alguma ideia de quem pode ser, Adolfsson? — perguntou Olsson, curioso, ainda pensando no segredo envolvendo o miolo da maçã de Claesson.

— É aquele desastre ambulante, Bengt Karlsson. O cara da associação — respondeu Adolfsson.

— Pelo amor de Deus, quem resolveu envolvê-lo nisso? — quis saber Olsson, exaltado.

— Fale com Bäckström. Ele deve saber — respondeu Adolfsson, dando de ombros.

Olsson foi falar diretamente com Bäckström, e lhe perguntou por que diabo alguém ia querer analisar o DNA de Bengt Karlsson. Segundo Bäckström, havia uma resposta bem simples àquela pergunta. Uma rápida olhada nos arquivos da polícia deveria ser o suficiente até mesmo para um cidadão comum perceber que era negligência não averiguar alguém como Karlsson. Bäckström exibia um de seus ares mais cordiais, daí a decisão consciente de evitar o termo “policiais caipiras”, pois sabia como se ofenderiam com a expressão, embora um policial caipira como Olsson devesse ter se dado conta de que um cidadão comum, ao contrário dos policiais caipiras comuns, felizmente era incapaz de se intrometer nas atividades dos policiais de verdade.

Segundo Olsson, o caso de Karlsson era totalmente irrelevante nas atuais circunstâncias. Depois de sua última condenação, Bengt Karlsson tinha, por iniciativa própria, participado de um projeto bem-sucedido organizado pelo departamento ambulatorial do hospital psiquiátrico Sankt Sigfrid. Eles tinham utilizado as técnicas científicas mais recentes sobre terapias comportamentais para tentar acabar com o padrão de comportamento criminoso daqueles que costumavam abusar sexualmente de mulheres, e Karlsson tinha sido o caso de maior sucesso. Agora, ele era uma pessoa totalmente diferente. Trocara os punhos fechados por abraços, e já fazia muitos anos que era o defensor mais ativo na luta para ajudar homens violentos a terem uma vida normal e funcional.

— Entendo que você tenha dificuldade de aceitar isso, Bäckström, mas hoje Karlsson é um dos homens mais gentis que existem. Ele quer apenas abraçar o mundo todo — concluiu Olsson.

Talvez, embora pareça que ele sente falta de Linda, pensou Bäckström.

— Gostaria de saber o que você acha, Bäckström — continuou Olsson, com seriedade. — Sinceramente, o que você acha?



— Pau que nasce torto nunca se endireita — respondeu Bäckström, com um sorriso forçado.

\*

Infelizmente, até mesmo seu colega Lewin começara a se comportar de modo cada vez mais estranho, ainda que trabalhasse para o esquadrão de homicídios e não devesse agir assim. Ele começou a fazer perguntas estranhas aos colegas, o que obviamente ilustrava os riscos de acabar enredado em receios estruturais, pensou Bäckström.

Primeiro, Lewin tivera uma longa conversa com Rogersson, principalmente sobre a mãe de Linda, mais do que sobre a própria vítima, inquirindo um monte de detalhes esquisitos, como onde mãe e filha tinham morado, de fato, desde a volta dos Estados Unidos, após o divórcio, cerca de dez anos atrás.

— De acordo com o que ela disse no interrogatório, ela sempre morou no mesmo lugar — respondeu Rogersson.

O que havia de tão estranho naquilo?

— Vou verificar com Svanström — disse Lewin.

Ele era bem discreto em relação à vida particular, e nunca sonharia em se referir a ela como Eva diante de outros homens quando ela não estava presente.

— Faça isso, Lewin — concordou Rogersson, com um sorriso que insinuava algo. — Vá até lá e converse com Svanström. Mais alguma coisa? — concluiu, olhando insistentemente para o relógio de pulso.

Havia mais uma coisa, disse Lewin. Ele gostaria que Rogersson ligasse para a mãe de Linda e fizesse mais uma pergunta.

— Acho que seria melhor você fazer isso, considerando que já estive com ela — sugeriu Lewin.

— A pergunta — lembrou Rogersson. — O que você quer saber?

— Você pode ligar para ela e perguntar se ela já teve um cachorro? — pediu Lewin.

— Um cachorro? Você quer saber se ela já teve um cachorro? Algum tipo específico de cachorro ou qualquer cachorro serve?

— É algo que acabou de me ocorrer — respondeu Lewin, evasivo.  
— Apenas ligue para ela e pergunte se já teve um cachorro.

\*

— Fico me perguntando por que ele quer saber isso — disse Bäckström. Ele e o amigo estavam sentados em seu quarto de hotel, realizando os preparativos de costume para mais um fim de semana.  
— Você acha que ele está de mãos atadas? Lewin sempre foi um cara esquisito. Depois de todos esses anos, nunca o vi com uma cerveja decente na mão.

— É provável que tenha ficado de mãos amarradas quando estava transando com Svanström — disse Rogersson com um sorriso largo, balançando a cabeça.

— E então, ela já teve um cachorro? — perguntou Bäckström, ainda pensando sobre esse pequeno detalhe. — A mãe de Linda, eu digo.

— Não — respondeu Rogersson com um tom de voz seco. — Nunca teve cachorro. Aliás, ela não gosta de cachorros, nem de gatos. Aparentemente, Linda já teve um cavalo, mas ele ficava na casa do pai. Não conseguimos nada além disso.

\*

Apesar de os policiais caipiras estarem metendo o nariz onde não eram chamados, apesar das peculiaridades de Lewin, e do fato de o notório agressor doméstico Bengt Karlsson ter evidentemente achado um modo simples de enganar pessoas como Olsson nove

anos atrás, Bäckström continuou de excelente humor todo o fim de semana. E quando estava no chuveiro, segunda de manhã, chegou até mesmo a cantarolar.

“O DNA de todos no mundo vou mandar analisar... O tempo inteiro DNA eu vou coletar”, cantava ele, enquanto a água fria jorrava sobre seu corpo obeso e ele se esfregava cuidadosamente sob os braços e outros cantos e fendas, para eliminar os possíveis odores desagradáveis ao final do dia.

O policial mais gato do ano, pensou ele, inspecionando o resultado no espelho. Cuidado, mulheres: aqui vou eu.

## *Estocolmo, segunda-feira, 4 de agosto*

Na manhã de segunda-feira, a Divisão Nacional de Intervenção Rápida fez um importante treinamento em volta do quarteirão de Kronoberg, onde ficava o quartel-general da polícia, no bairro de Kungsholmen, em Estocolmo. A área foi isolada dos quarteirões vizinhos, mas “por questões práticas e por consideração aos moradores locais” os residentes e as pessoas que já estavam lá não foram evacuados. Assim, muitas pessoas ficaram assistindo ao que estava acontecendo, e em poucos minutos as primeiras equipes jornalísticas dos canais de televisão habituais apareceram com suas câmeras.

No total quatro policiais vestindo macacões pretos e toucas ninja, portando suas armas de sempre, desciam por cordas dos telhados dos prédios mais próximos da rua. Quando chegaram ao nono andar — a julgar pelo som abafado das detonações —, eles instalaram pequenos explosivos em volta das janelas para detoná-las e entraram no prédio. Todos os telefones do quartel-general da polícia davam ocupados, um assessor de imprensa da polícia já estava a postos e ele explicou aos jornalistas que aquele era um exercício totalmente normal do chamado Projeto 11 de Setembro.

A Divisão Nacional de Intervenção Rápida simulava um caso de golpe de Estado que ameaçava a liderança suprema da polícia sueca, porém, informações mais detalhadas não poderiam ser

divulgadas pois, caso fossem reveladas, invalidariam o objetivo do exercício.

A mídia pareceu satisfeita com essa explicação. Todos os canais de televisão transmitiram as cenas do treinamento, principalmente por serem boas imagens numa época de notícias escassas. Um representante da Divisão de Intervenção Rápida foi entrevistado e explicou em termos gerais o que estavam fazendo.

— Fazemos exercícios com frequência — disse ele. — E é essencial que alguns de nossos exercícios envolvam civis e alvos que nem sempre podem ser mantidos escondidos do público em geral. Infelizmente, isso é inevitável, e, claro, o que podemos fazer é pedir desculpas se provocamos algum pânico desnecessário. Tínhamos considerado a possibilidade de evacuar os moradores locais, mas como era um tipo diferente de exercício, principalmente por ser uma ameaça ao domínio da polícia, decidimos não fazer isso.

E, assim, o assunto foi encerrado. Funcionários do departamento de trânsito, supervisionados pelos policiais uniformizados, recolheram os cacos de vidro do gramado e da rua em frente à sede da polícia, as faixas de isolamento foram removidas e tudo voltou ao normal. A temperatura continuava como estivera durante todo aquele verão excepcional. Fazia entre vinte e trinta graus à sombra, do início da manhã até o fim da noite.

## *Växjö, segunda-feira, 4 de agosto*

Para a equipe de investigação, a semana começou tranquila, num clima quase formal. Durante a reunião da manhã, Enoksson relatou as últimas descobertas da polícia científica que haviam chegado do Laboratório Central e também as de outros especialistas que haviam sido consultados.

As impressões digitais coletadas na cena do crime finalmente haviam sido analisadas. Cinco delas pertenciam a pessoas que continuavam sem identificação. É óbvio que uma dessas impressões devia pertencer ao assassino, e já sabiam qual era a mais provável. No entanto, como não tinham certeza absoluta, analisaram todas as impressões digitais junto ao arquivo nacional da polícia, mas não chegaram a resultado algum. Evidentemente, isso poderia significar que nenhuma das impressões pertencia ao assassino, e que as dele continuavam nos arquivos.

Dez pelos pubianos, dois pelos corporais e vários fios de cabelo pertenciam ao assassino. Os resultados do DNA não deixavam margem para dúvidas quanto a isso. Outros exames científicos do cabelo, sangue e esperma contribuíram com informações adicionais sobre o homem que estavam procurando.

— A ideia de que ele pode ter consumido várias drogas acabou se mostrando bem precisa — disse Enoksson.

Os fios de cabelo tinham vestígios de *cannabis*. Devido ao fato de aparentemente o assassino ter ficado alguns meses sem cortar o

cabelo — de comprimento médio, tom louro-escuro, sem vestígios de fios brancos e possivelmente com o corte mais comum de Växjö para homens que não fossem velhos demais —, eles foram capazes de arriscar seu padrão de consumo.

— Não parece ser um usuário regular. Segundo o especialista com quem conversei no laboratório, talvez ele consumisse uma vez a cada duas ou três semanas, aproximadamente. Com certeza não era um usuário frequente — disse Enoksson, dando de ombros. — Mas, ao que parece, ele usava outras drogas. As análises encontraram vestígios de estimulantes no sangue que ele deixou para trás, embora não houvesse muito, considerando o contexto, quer dizer. Resumindo, encontramos coisas interessantes.

— Então, é alguém que fuma haxixe de vez em quando e que também usa anfetamina, se entendi direito — comentou Lewin.

— Isso mesmo — confirmou Enoksson. — Mas prefiro dizer que ele usou as duas coisas, porque existem várias formas de consumir haxixe e anfetaminas. Administrando a dosagem, como os médicos costumam dizer. Em outras palavras, temos alguém que consome *cannabis* com a frequência de uma vez por mês ou uma vez por semana, e que provavelmente faz isso fumando haxixe e/ou maconha. Esse é o método de consumo mais comum, ainda mais entre usuários frequentes, mas é claro que existem outros meios, e tenho certeza de que vários de vocês conhecem.

— E quanto à anfetamina? — perguntou Lewin.

— Sobre isso, temos algumas reservas — respondeu Enoksson. — Anfetamina ou outro estimulante qualquer. Há uma infinidade de substâncias muito associadas no mercado. Ele pode ter injetado, comido ou até mesmo bebido. Segundo o laboratório, também não parece que ele é um usuário constante dessa substância. Nossos amigos em Linköping acreditam que ele deve consumir essas coisas mais ou menos que nem *cannabis*: de tempos em tempos, e nesse caso o método mais comum seria engolindo comprimidos ou dissolvendo em líquido para beber.

— Não parece ser um viciado comum — disse Bäckström, contente. — Ele nunca teve as impressões digitais coletadas pela simpática polícia local, só usa drogas de vez em quando e tem o mesmo corte de cabelo da maioria dos homens.

— Sem dúvida, Bäckström, sem dúvida — comentou Enoksson. — Mas, por outro lado, parece ser usuário das duas coisas: *cannabis* e estimulantes em geral. Com relação às impressões digitais, não podemos descartar a possibilidade de não termos encontrado as dele, mas duvido disso. E, depois, há um problema ainda maior: o que ele fez com Linda. Então, não acho que a gente possa dizer que ele seja assim tão normal.

— Em que categoria ele se encaixa, esta é a questão — comentou Olsson com um ar solene.

— Nenhuma, se você quer saber minha opinião — retrucou Enoksson secamente. — Na verdade, guardei o mais interessante para o final. — Ele sentiu um indisfarçável prazer ao ver os olhares brilhando nos rostos do seu público. — Isso vai deixar vocês encucados.

No parapeito e batente da janela, haviam encontrado vestígios de fibra, de um tecido azul-claro que, segundo os técnicos do laboratório, provavelmente pertenciam a um suéter fino. A estrutura da fibra, sua espessura e outras características indicavam um tipo de suéter suficientemente leve para ser usado à tarde no clima predominante em Växjö e grande parte da Suécia sem que a pessoa sofresse uma insolação. Mas aquele estava longe de ser um tecido comum.

— Não é um suéter comum — afirmou Enoksson. — As fibras sobre as quais estamos falando são uma mistura, cinquenta por cento de caxemira e cinquenta por cento de uma lã de alta qualidade. De acordo com o laboratório, estamos falando de um suéter que deve ter custado milhares de coroas suecas. Talvez até mais, se for de uma marca chique.



— Parece o tipo de coisa que Linda teria ganhado do pai — disse Sandberg, hesitante. — Não poderia ter sido dessa maneira que elas chegaram lá? As fibras, quer dizer.

— Talvez ela tenha pendurado o suéter na janela para secar ou arejar? — indagou Enoksson.

— Era exatamente o que eu estava pensando — prosseguiu Sandberg. — Típico pensamento feminino. Já pensaram nisso, rapazes? — perguntou ela, olhando para seus colegas ao redor da mesa.

— O suéter não foi encontrado no apartamento — revelou Enoksson. — E também havia sangue em alguns fios que achamos no parapeito. Resta saber se o assassino pegou emprestado de Linda ou da mãe dela, e neste caso, o que ele fez com o que vestia, supondo que não estivesse com o peito nu, na verdade. Elementar, meu caro Watson — concluiu ele, olhando para Olsson.

— Precisamos descobrir isso — disse Bäckström, assentindo para Rogersson. — E se o suéter for mesmo dele, é possível rastrear esse tipo de coisa.

— Se ele tiver mesmo comprado a roupa — ponderou Olsson. — Se estamos falando do tipo de pessoa descrito pelos seus colegas da equipe de perfilagem, ele pode ter roubado em algum lugar.

— Isso mesmo, Olsson — concordou Bäckström. — Se ele não roubou nem pegou de um varal qualquer, provavelmente o encontrou numa praia, quando estava de férias na Tailândia. Quando estamos lidando com um caso de homicídio de verdade, temos que pensar em tudo.

— Entendo o que quer dizer, Bäckström. Retiro o que disse — afirmou Olsson, esboçando um sorriso.

Você é mesmo um veadinho bem modesto, pensou Bäckström.

\*

A primeira parte da busca pelo suéter exclusivo foi realizada por telefone. Primeiramente, Rogersson ligou para a mãe de Linda e lhe perguntou sobre aquela peça de roupa. Com absoluta certeza, ela nunca tivera um suéter como aquele. Não gostava de azul-claro.

E quanto à sua filha? Linda tivera um suéter de caxemira azul-claro? Sua mãe não conseguia se lembrar de já ter visto algo parecido, pois ela tinha muitas roupas. Para ter certeza, sugeriu que Rogersson falasse com o pai de Linda. Talvez ele tivesse lhe dado um de presente, parecia um presente dado por ele.

— Um suéter de caxemira azul? — perguntou Henning Wallin. — Nunca dei uma coisa dessas para Linda. Pelo menos, não que me lembre. Ela adorava azul, mas azul-claro, não.

A conversa terminou com Henning Wallin dando a entender que falaria com a faxineira sobre isso. Ela deveria saber, e qualquer que fosse a resposta, ele prometeu entrar em contato logo em seguida.

— Isso é importante? — perguntou ele.

— Pode ser — respondeu Rogersson. — A esta altura, quase tudo é importante.

\*

— O tal suéter — disse Rogersson a Bäckström, uma hora mais tarde.

— Sou todo ouvidos — resmungou ele.

Uma cerveja gelada cairia muito bem agora, pensou. Porra, quem quer falar sobre suéter quando está fazendo um calor desse?

— Parece que não era de Linda. Conversei com o pai dela. Ele falou com a faxineira, que me ligou, contando que costurava, remendava, lavava, passava, dobrava, pendurava, escovava e esfregava tudo para Linda e seu pai havia dez anos.

— E?

— Ela não se lembra de nenhum suéter de caxemira azul-claro, e com certeza essa peça teria lhe dado muito trabalho. Mas a pobre empregada parece ter sido obrigada a cuidar de um monte de coisas valiosas assim.

— E a mãe da vítima?

— Cor errada. Ela é completamente avessa a essa cor. Portanto, podemos esquecer isso.

A cor errada, pensou Bäckström. As mulheres são totalmente loucas. Ele, por exemplo, tinha um suéter que adorava, com listras azuis, vermelhas e verdes. Ele o achara alguns anos atrás quando estava investigando um caso de homicídio em Östersund; algum babaca cheio da grana o esquecera no restaurante do hotel, e Bäckström se apegara ao suéter. Além disso, andava fazendo frio suficiente para congelar a bunda de um esquimó quando ele estava lá, ainda que estivessem só no início do mês de agosto.

\*

O superintendente Lewin não perdeu tempo pensando naquele suéter azul-claro. Estava velho demais para sair por aí atrás das coisas desse jeito. Qualquer um que entendesse realmente o que estava acontecendo sabia ser necessário diferenciar o que era importante, e era preciso estar bem atento para saber o que importava ou não. Como no caso dessa história sobre onde a mãe de Linda morara, por exemplo. Além disso, ele podia contar com a melhor ajuda possível para uma investigação prática como essa.

— Entendo perfeitamente o que você quer dizer, Janne — disse Eva Svanström. — Mas não entendo por que Bäckström e todos os outros supõem que se trata só da vítima. Pensei muito sobre isso. Talvez ele quisesse ver a mãe de Linda, não? Dei uma olhada na foto do passaporte dela, só por curiosidade, e se ela é tão bonita quanto na foto, acho difícil imaginar que ela tivesse poucos pretendentes.

— Não vamos nos dispersar agora, Eva — disse Lewin, visto que estavam a sós. Ele preferia que ela o chamasse de Jan, e não de Janne, independentemente de estarem sozinhos ou não.

A maioria das evidências indicava que se tratava de Linda, na opinião de Lewin. Ela era a vítima, e a terrível agressão que sofrera parecia demonstrar que ela era o alvo. Algo extremamente pessoal e particular. O fato de o assassino tê-la coberto com um lençol no final era uma séria manifestação de culpa, angústia e de sua incapacidade de olhar para ela.

No mundo de Lewin, isso também era um sinal claro. Era o tipo de coisa com a qual os maníacos sexuais comuns que ele havia investigado nunca se incomodavam. Para estes, o que importava era expor a vítima de forma sexualmente provocadora, no limite do que era fisicamente possível. Estuprá-la até mesmo após sua morte para chocar quem a encontraria, e as pessoas que iriam atrás dele. Mas, sobretudo, para alimentar as próprias fantasias, com o desenrolar dos acontecimentos, e guardar lembranças para o futuro. O padrão de comportamento nessas ocasiões não se encaixava no de homens casados, ex-maridos e todas as diversas categorias de namorados que, num acesso de ciúmes, exagero na ingestão de álcool ou por simples ódio, atacavam suas namoradas e esposas, espancando-as até a morte, porque nestes casos a cena do crime costumava se transformar num matadouro.

E havia também os detalhes. Pequenos, mas interessantes, que apontavam mais para Linda do que para a mãe dela. Lotta estivera ausente do seu apartamento no mês passado. Assim que começaram as férias de verão, ela fora para o seu chalé no campo. Nas poucas ocasiões em que estivera na cidade, ficara ocupada resolvendo alguns problemas. Linda passara aquela época morando sozinha no apartamento. Praticamente três semanas seguidas, tendo inúmeras oportunidades para se reunir com amigos, conhecidos e marcar encontros.

— Você quer apenas deixar totalmente claro que isso não tem nada a ver com a mãe dela — disse Eva Svanström, sorrindo para ele do mesmo modo que a própria mãe às vezes lhe sorria, quando ainda era um garotinho e precisava ser reconfortado.

— Isso mesmo — confirmou Lewin. — Seria ótimo.

— Muito bem — disse Eva. — No geral, a situação é a seguinte...

Há aproximadamente dez anos, quando seus pais se separaram, Linda e a mãe deixaram os Estados Unidos e voltaram para Växjö. A mãe dela nascera e fora criada em Växjö e, com exceção dos quatro anos passados fora, ela morara na mesma cidade durante a vida toda. O mesmo ocorreu com a filha. Ela nasceu na maternidade do hospital de Växjö. Aos seis anos, se mudou para os Estados Unidos com os pais. Quatro anos mais tarde, bem a tempo da volta às aulas, no outono, ela veio com a mãe para Växjö e as duas foram morar no apartamento do prédio da rua Pär Lagerkvists, que a mãe ganhara com o divórcio.

Desde então a mãe de Linda morava oficialmente nesse endereço. Também não havia nada sugerindo que tivesse morado em outro lugar, exceto pelos períodos que passava no chalé de veraneio, em Sirkön, o qual comprara no ano em que voltara para a Suécia e onde passava as férias de verão, os fins de semana e outros feriados.

Aquele também era o endereço oficial de Linda até completar dezessete anos e ir estudar em um colégio de ensino médio em Växjö. E então, seu pai voltou para a Suécia, comprou uma bela mansão ao sul de Växjö e, poucos meses depois, acolheu a filha única. Durante o primeiro ano, Linda parecia ter vivido de forma bem nômade, tendo um quarto no apartamento da mãe, na cidade, e outro na casa do pai, no campo, que passou a ser seu endereço oficial. Depois de sair do colégio, aprender a dirigir e ganhar do pai um carro próprio, ela parecia ter preferido o campo à cidade, passando cada vez menos tempo no apartamento da mãe.

Svanström não encontrara indícios de “homens” dentro do apartamento, pelo menos, nada oficial. Somente Linda e a mãe

tenham sido registradas como moradoras daquele endereço.

— Entendo. — Lewin suspirou.

— Você não parece muito feliz e gostaria muito que me explicasse o motivo. Facilitaria as coisas para mim. Quer dizer, se eu soubesse o que você está procurando.

— Eu realmente não sei. E quanto aos outros moradores do prédio? Faz muito tempo que estão lá?

Segundo Svanström, parecia que todos moravam ali desde que a mãe de Linda se mudou para lá, ou até mesmo antes disso, com uma exceção. O único morador novo nos últimos dez anos era Marian Gross, o bibliotecário, que comprara seu apartamento e se mudara mais ou menos na mesma época em que os apartamentos do prédio deixaram de ser alugados e foram vendidos, alguns anos atrás.

— Mas você já investigou tudo sobre o cara — disse Svanström.

— E, de qualquer forma, o DNA dele o descartou da investigação, não?

— Se Gross comprou o apartamento, isso significa que alguém vendeu para ele. E se mudou de lá.

— Não na mesma ocasião — observou Eva Svanström. — Acredite se quiser, também verifiquei isso, apesar de ter demorado bastante tempo. Na verdade, ele o comprou de outra moradora, que vivia lá quando Linda e a mãe chegaram, e que continua morando lá, portanto, a explicação mais simples é que ela tinha dois imóveis no prédio. Descobri que ela mantinha um negócio de contabilidade, então supus que usasse o apartamento que Gross adquiriu como escritório. Parece algo muito esperto, em termos legais, utilizar um apartamento residencial como escritório. Ainda mais se for administrado por uma pequena associação residencial. Ela deve ter economizado muito dinheiro com isso.

— Margareta Eriksson — disse Lewin de repente.

— Exatamente — confirmou a policial. — Sabe de uma coisa, Janne? Às vezes, me pergunto para que você precisa de mim. Essa é

a mesma Margareta Eriksson que fez declarações para os jornais, não é? Aquela história sobre o assassino tentando entrar à força no apartamento na noite em que Linda morreu, sabe?

— Ela mesma — respondeu Lewin, começando, por fim, a sentir que seus pensamentos estavam fazendo algum sentido. Um pouco de estrutura para o seu mundo.

— Mas ainda não entendo o que você está procurando — disse Svanström.

— Nem eu. Sabe de uma coisa, Eva? Você deveria ligar para Margareta Eriksson e esclarecer isso.

— Mas você ainda não sabe o motivo?

— É só um tiro no escuro — respondeu Lewin com um sorriso fraco. — Um tiro no escuro para acertar um alvo desconhecido.

— Está bem, se isso vai lhe deixar feliz — concordou Eva, dando de ombros.

A paz e a tranquilidade chegaram bruscamente ao fim logo após o almoço, e a busca por estruturas significativas e um suéter azul-claro de repente virou algo muito diferente. Vozes exaltadas, pessoas correndo pelos corredores, portas batendo, von Essen e Adolfsson surgindo repentinamente na sala da equipe de investigação com armas nos coldres e expressões tensas, pedindo o reforço de Sandberg e Salomonson, entrando num carro à paisana e saindo da garagem com a sirene ligada, para chegar a Kalmar o mais rápido possível.

Duas horas antes, ocorrera um caso de estupro numa ilha chamada Björnö, a dez quilômetros ao norte de Kalmar, e, ao contrário da tentativa de estupro de uma semana atrás, dessa vez não havia dúvida de que era um caso real, e do pior tipo. A vítima era uma garota de quatorze anos. Depois do café da manhã, ela, sua irmã, dois anos mais velha, e uma amiga desta, também de dezesseis anos, foram até a praia para se bronzear e nadar um pouco.

Depois de cerca de uma hora, a vítima de quatorze anos foi comprar sorvete e refrigerante num quiosque ali perto. Até então, nada de surpreendente, pois afinal ela era a mais jovem das três. Enquanto a menina caminhava ao longo do bosque que margeava a praia, o agressor a atacou bruscamente por trás, arrastou-a para o mato, deixou-a semi-inconsciente e a estuprou. Como depois de meia hora ela ainda não havia voltado, a irmã mais velha e a amiga



começaram a se preocupar e foram atrás dela. Um fato também nada surpreendente, depois de toda a cobertura que a mídia deu ao caso de Linda. Apenas cem metros adiante, encontraram a menina mais nova. O agressor estava sentado com as pernas abertas em cima dela. As outras duas começaram a gritar e o homem fugiu.

Meia hora depois, a vítima estava a caminho do hospital de Kalmar, a polícia havia chegado, o local do crime fora isolado e as primeiras testemunhas começaram a ser interrogadas. Uma equipe com cães policiais deveria chegar em quinze minutos. Resumindo, houve muito alvoroço e as viaturas a caminho da área também contavam com uma descrição decente com a qual trabalhar. Segundo a irmã mais velha e sua amiga, o homem que procuravam tinha uma semelhança notável com o que foi descrito pela moça em Växjö, apenas uma semana antes. As duas tinham notado as tatuagens, particularmente. Traços espessos, sinuosos e azulados, que poderiam ser serpentes ou dragões, em ambos os braços, dos ombros até as mãos.

— Tem alguma coisa errada — disse Anna Sandberg, quando seus colegas e ela entraram na delegacia de Kalmar, pensando principalmente no caso que ocorrera em Växjö, o qual naquela mesma manhã ela tinha resolvido descartar, considerando-o um relato fantasioso.

— Você está se referindo às tatuagens? — indagou Salomonson.

— Isso mesmo. Tem alguma coisa errada.

— Não se apegue a isso — reconfortou Adolfsson. — Todo valentão que se dá o respeito, hoje em dia, tem tatuagens assim. Os corpos deles parecem tapetes orientais.

\*

— Está tudo resolvido, Janne. Já pode relaxar agora — disse Svanström, agitando vários papéis na mão para encorajar Lewin,

que estava acomodado na cadeira, atrás de uma mesa, resmungando sobre a grande quantidade de papéis diferentes ali em cima.

— Sou todo ouvidos — disse Lewin, inclinando o corpo para trás na cadeira.

— Não foi tão rápido quanto eu pensava. Margareta Eriksson contou o que aconteceu, e ela pareceu ter certeza. Sem falar que ela também é a presidente da associação dos moradores.

Três anos antes, mais ou menos na mesma época em que os apartamentos deixaram de ser alugados e passaram a fazer parte da associação de moradores, Margareta Eriksson vendeu seu imóvel no primeiro andar para Marian Gross, que se mudou para o prédio. Ao mesmo tempo, ela comprou de sua vizinha, Lotta Ericson, mãe de Linda, o apartamento no último andar, onde mora até hoje. E, finalmente, a mãe de Linda se mudou para o térreo, onde a filha foi assassinada mês passado. Esse apartamento já havia sido um escritório, e estava alugado, mas acabou ficando vazio, enquanto era feita a transferência para a associação de moradores. E ele pertencia à mãe de Linda, e não à associação.

— Está evidente que Margareta Eriksson queria mais espaço, mesmo sendo viúva — disse Svanström. — Ela tinha a intenção de transformar dois quartos em escritório para seus negócios como contadora, e também já vendera sua casa no campo, então havia muitos móveis antigos que queria guardar, e, por isso, precisava de mais espaço.

— Mas Lotta Ericson ficou satisfeita com um apartamento menor, pois a filha não morava mais com ela — disse Lewin.

— Exatamente. Então, para que você precisa de mim? — perguntou ela, sorrindo.

— Na verdade, tem mais algumas coisas.

— Sabia. Se formos pegar a história do início, imagino que você deva estar se perguntando se Margareta Eriksson, com k e dois s, e Lotta Ericson, com c e um s, são parentes. A resposta é não.

— Então você averiguou isso? — perguntou Lewin.

— Não foi muito difícil — respondeu Eva. — Percebi isso quando analisei os detalhes dessa troca de apartamento. Margareta Eriksson, com k e dois s, a ortografia normal, ou, pelo menos, a mais comum, tem esse nome desde que se casou. Já Lotta Ericson chamava-se originalmente Liselotte Eriksson, com k e dois s. Seu nome completo era Liselotte Jeanette Eriksson. Quando ela se casou passou a se chamar Liselotte Wallin Eriksson. Mas ao se mudar para os Estados Unidos, ela alterou a grafia para Ericson, com c e um s. Desde criança, as pessoas a chamavam de Lotta. Quando se divorciou e voltou para a Suécia, ela se livrou do nome Wallin, e depois, mais ou menos um ano mais tarde, fez uma solicitação formal de mudança do nome. Nos últimos oito anos, seu nome completo, de acordo com os registros oficiais, é Lotta Liselotte Jeanette Ericson.

— Entendi — disse Lewin.

— Você acha que o assassino bateu primeiro na porta errada?

— É o que eu estava começando a achar. Por causa do que Margareta Eriksson disse aos jornais, e pelo fato de ela e a mãe de Linda terem o mesmo sobrenome. Mas, na verdade, isso é graças a você. Foi você quem disse que podia ser um caso de uma paixão antiga.

— Ele estava atrás de Linda — afirmou Svanström. — E se enganou, tocando a campainha do apartamento onde elas costumavam morar. Tem certeza disso? Ela não era nenhuma mocinha de dezoito anos na época, era? Quando sua mãe morava no último andar, quer dizer.

— Ele estava atrás de Linda, ou da mãe dela. Ou então das duas. Na verdade, não sei mais — disse Lewin, se remexendo na cadeira.

— Mas, provavelmente, isso não tem importância.

— Se eu fosse aparecer de repente na casa de uma paixão antiga... no meio da noite, três anos depois... acho que tentaria ligar primeiro — argumentou Eva Svanström.

— Os telefones. Era a outra coisa que eu queria perguntar. Acho que devemos verificar se Lotta Ericson trocou de número.

— Agora que já começamos com isso, vamos em frente.

— Isso mesmo — disse Lewin. — Isso mesmo.

Que mal poderia fazer dar mais um tiro no escuro?, pensou ele.

\*

— O que você acha do estupro em Kalmar? — perguntou Bäckström assim que entrou na sala de Rogersson.

— Uma história horrível — respondeu o detetive.

— Tem alguma conexão com a gente, ou melhor, com Linda?

— Nenhuma.

— Então você pensa exatamente como eu.

— Vou ter que aprender a viver com isso — disse Rogersson, sorrindo.

— Também fiz a mesma pergunta a Hans e a Fritz. Separadamente, para garantir.

— E?

— Hans disse que não via conexão alguma, mas ainda assim achou interessante. Ele sugeriu que falássemos com nossos colegas do SAACV.

— E quanto a Fritz?

— Ele também não viu nenhuma ligação entre os dois casos, mas provavelmente deveríamos acompanhar o caso de Kalmar, e talvez conversar com nossos colegas do SAACV.

— Isso é muito animador. De onde tiraram tudo isso?

— Falei com Lewin também — disse Bäckström.

— E o que ele acha?

— Quer que eu cite as palavras dele?

— Claro.

— Com a ressalva de Lewin só ter ouvido uma descrição do caso de Kalmar feita pela policial Sandberg por telefone, ele ainda acha bastante improvável que se trate da mesma pessoa.

— Isso é a cara de Lewin — comentou Rogersson. — Ele está pensando numa coisa totalmente diferente. O que você acha de deixar tudo isso para lá, voltar para o hotel e tomar algumas cervejas geladas, antes do jantar?

— Acho que essa é uma proposta excelente — respondeu Bäckström.

\*

— Ligue a televisão no jornal do canal TV4 — disse Rogersson, quando estavam sentados no quarto de Bäckström, duas horas e duas cervejas geladas mais tarde.

— Para quê? — quis saber Bäckström, pegando o controle remoto.

— Só para ver se minha sala em Estocolmo ainda está inteira.

— Porra, que história! — exclamou Bäckström cinco minutos depois, desligando a televisão. — As janelas que aqueles babacas explodiram pertenciam ao centro operacional do Queixada. Só pode estar louco concordando com um exercício como aquele.

— Falei com os rapazes em Estocolmo mais cedo — disse Rogersson. — Eles contaram a mesma coisa. É justamente onde o calo aperta.

— Ah, então é isso! — Depois de cinco minutos, acrescentou outra vez: — Porra, que história!

— Imagino que tenha ocorrido como no Grand Hotel, em Lund. O cara parece gostar de espelhos de banheiro.

— Ou então ele entendeu tudo errado. Talvez estivesse apenas tentando cometer suicídio. Afinal de contas, com a porra daquele

queixo, a vida não deve ser nada fácil. Talvez ele simplesmente não esteja conseguindo aguentar mais.

— O que você quer dizer?

— Toda vez que ele se olha no espelho, atira na própria testa, mas ao invés de apontar para si mesmo, mira no espelho — respondeu Bäckström.

Ele estava tendo aquele sonho com uma frequência ainda maior. Aquele verão, cinquenta anos atrás, quando ganhou sua primeira bicicleta e seu pai lhe ensinou a andar. No entanto, naquela noite, não sonhara com a Crescent Valiant vermelha, mas com seu pai e sua mãe.

Um verão singular em que as férias do pai pareciam nunca chegar ao fim. Um dia, ele perguntou:

— Quanto tempo você tem de férias, papai?

De início, seu pai ficou um pouco estranho, depois riu e afagou o cabelo de Jan. Então tudo voltou ao normal.

— O tempo que for preciso para ensinar você a andar de bicicleta — respondera seu pai. — Leve o tempo que for, não acho que vou perder o emprego por isso.

Então ele afagou o cabelo do filho novamente. Uma vez a mais do que costumava fazer.

Aquele verão havia sido realmente indiano. Seu pai foi ficando cada vez mais parecido com um índio, com o passar dos dias. Magro, bronzeado, com marcas no rosto.

— Você parece um índio de verdade — dissera Jan.

— Não há nada de estranho nisso — respondera seu pai. — Ainda mais com esse clima maravilhoso que está fazendo.

Certa noite, ele acordou. Tinha escutado um barulho. Descendo lentamente a escada, ele chegou ao corredor e viu seu pai e sua mãe sentados em uma cadeira na cozinha. Mamãe no colo do papai,

olhando para o lado, com os braços em torno do pescoço dele, a cabeça apoiada em seu peito. O pai estava com um dos braços em volta da cintura dela e, com a outra mão, acariciava com delicadeza seu cabelo.

— Vai dar tudo certo — murmurou para ela. — Vai dar tudo certo.

Nenhum dos dois notara a presença de Jan. Ele se esgueirou de volta para o quarto no sótão e acabou pegando no sono.

Enquanto tomavam café da manhã, no dia seguinte, tudo voltara ao normal.

— Está pronto, Jan? — perguntou seu pai, colocando a xícara de café na mesa. — Vamos dar uma volta com a Valiant?

— Estou sempre pronto, papai — respondeu Jan.

E então ele acordou.



*Växjö, terça-feira, 5 de agosto*

A garota de quatorze anos que fora vítima de estupro em Kalmar sobrevivera. Seu estado era crítico, porém estável, e o relatório indicava que ela teria morrido caso sua irmã e a amiga não tivessem aparecido no último minuto e assustado o agressor. Tratava-se também de uma confirmação do que a mídia suspeitara desde o começo. Um serial killer que estuprava moças estava à solta em Småland. Em pleno idílico verão sueco.

Primeiro, ele assassinara Linda. Semanas depois, atacara outra menina, e o fato de ter fracassado nessa ocasião era, segundo os jornais, a explicação mais provável para ter investido contra a terceira vítima, apenas uma semana depois. Ele devia ter se sentido pressionado a tal ponto que o risco de ser pego se tornou a menor de suas preocupações.

Um professor de psicologia criminal da Universidade de Estocolmo, considerado o maior especialista do país em serial killers, deu inúmeros exemplos da incapacidade da polícia em identificar sequências de crimes violentos em seus estágios iniciais. Faltava perspectiva aos policiais, pois eles se concentravam cegamente nos detalhes, e havia falhas na comunicação interna. Um não sabia o que o outro estava fazendo. Eles não eram capazes de enxergar o todo, o padrão, os sinais mais óbvios.

— Eles são simplesmente incapazes de ver que o rei está nu — afirmou o professor, sentado no sofá de um programa matinal de

televisão.

— O que o senhor quer dizer com isso? — perguntou o apresentador.

— Ora, que ele está nu, como no conto *A nova roupa do rei* — esclareceu ele.

Pela primeira vez naquele verão, a mídia se mostrou severamente crítica em relação à polícia, em particular, a de Växjö. Apesar do grande número de provas, eles ainda não tinham conseguido solucionar o assassinato de Linda Wallin. Pior ainda: de acordo com diversas fontes anônimas da polícia, não tiveram progresso algum na investigação. Já havia se passado um mês desde o crime e a investigação continuava no mesmo estágio em que se iniciara.

A moça de dezenove anos que sofrera a tentativa de estupro no fim de semana anterior também voltou a ser mencionada. A polícia simplesmente se recusara a levar sua história a sério. Em vez de ir atrás do criminoso, intimidaram a vítima; e uma garota de quatorze anos pagara o preço dessa incompetência. Os jornais consideravam esse fato um escândalo, e noticiavam que a equipe de policiais investigando o assassinato de Linda dedicava a maior parte do seu tempo a problemas que a maioria deles achava que eram desnecessários.

No dia anterior, o comissário em Kalmar tinha entrado em contato com seu colega em Växjö, sugerindo a criação de uma força-tarefa conjunta. Um assassinato e duas agressões sexuais em um mês, e, considerando a interrupção do último incidente tudo indicava, infelizmente, que em breve o criminoso atacaria outra vez. O comissário de Växjö tinha algumas dúvidas, mas prometeu levar a questão ao comandante das investigações preliminares do caso Linda, e em seguida retornaria a ligação.

\*

O superintendente Olsson expôs a questão como primeiro tópico da reunião matinal de terça-feira, dizendo estar disposto a considerar várias opções.

— O que vocês acham? — perguntou ele, olhando para todos ali.  
— Eu tendo a acreditar mais na possibilidade de que o mesmo homem esteve envolvido nas duas agressões sexuais, levando em conta as descrições das vítimas, que foram quase idênticas.

— E quanto ao caso Linda? — perguntou Bäckström. — Ele também a matou?

— O problema é que nesse caso não temos uma descrição — respondeu Olsson, cautelosamente.

— Certo, mas esta é a única coisa que não temos — insistiu Bäckström. — E logo encontraremos o homem que fez isso. Se houver alguém aqui que realmente acredita que Linda teria deixado um assassino tatuado entrar no seu apartamento às três da madrugada, por favor, levante a mão.

— Desculpe interromper — disse Lewin, pigarreando. — Mas e quanto a esta última vítima? Acharam algum vestígio de sêmen?

— Acharam — confirmou Sandberg.

— Nesse caso, daqui a pouco vai ficar óbvio se há ou não alguma conexão com Linda — ressaltou Lewin.

— Com certeza — disse Sandberg, parecendo mais animada.

— No que diz respeito aos dois estupros, não sei como poderíamos ajudar nossos colegas em Kalmar, senão deixando que as testemunhas deles vejam as mesmas fotografias que mostramos à nossa própria vítima. Se é que já não fizeram isso, é claro — concluiu Lewin, pigarreando outra vez.

— Isso já foi providenciado — confirmou Sandberg, ainda mais animada.

— Muito bem. Tudo parece ótimo — continuou Lewin. — Pelo visto temos um exemplo pedagógico de colaboração entre duas delegacias.

— Mas o que você acha, Lewin? — perguntou Olsson. — Sobre existir ou não alguma ligação entre os casos.

— Em geral, não gosto de dar minha opinião sobre essas coisas — respondeu Lewin —, mas como você está perguntando, não acho que o homem que matou Linda seja o mesmo que estuprou a pobre garota em Kalmar. Isso vai ficar claro quando nossos colegas em Kalmar receberem o resultado do DNA. Não acho que devamos nos preocupar com nenhuma outra conexão.

— Muito bem, só nos resta aguardar — disse Olsson, balançando a cabeça, ansioso. — Espero sinceramente que você esteja certo.

Ao final da reunião, ele indicou que Sandberg, Salomonson, von Essen, Adolfsson e mais alguns outros deviam começar a trabalhar de imediato em colaboração com os colegas de Kalmar, procurando esclarecer se havia alguma ligação entre o assassinato de Linda, a tentativa de estupro em Växjö e o estupro em Kalmar. E, enquanto isso, ele entraria em contato com o SAACV e com a equipe de perfilagem para se certificar de que não tinham negligenciado o ângulo analítico.

Quando os policiais escolhidos saíram em busca de possíveis conexões, uma relativa calma tomou conta do ambiente outra vez, e Bäckström convocou o restante da equipe.

— Muito bem, então — disse ele. — Como vai a lista de amostras de DNA? Temos cotonetes suficientes?

\*

Lewin voltou para sua sala e Eva Svanström chegou logo em seguida.

— Vai levar alguns dias para termos a informação sobre os números de telefone da mãe de Linda. Falei com a companhia telefônica e os registros com acesso imediato que eles têm disponíveis só abrangem os dois últimos anos — explicou Svanström.

— Mas essas informações estão em algum lugar, não é? — perguntou Lewin, sentindo de repente aquela velha ansiedade.

— Claro. Mas a pessoa com quem falei me garantiu que levaria alguns dias para termos acesso.

— Tudo bem — disse Lewin.

Alguns dias. Não chega a ser o fim do mundo. E provavelmente são informações irrelevantes, pensou ele. Como a maior parte dos tiros no escuro.

*Alnön, ilha próxima a Sundsvall,  
terça-feira, 5 de agosto*

Lars Martin Johansson desfrutava a última semana das férias mais longas que já tivera na vida.

Fazia quase dois anos que estava de licença de suas funções de diretor de operações do Departamento de Segurança Nacional para comandar uma das investigações mais secretas da história da Suécia. Mas essa missão estava se aproximando do fim. O que faltava poderia muito bem ser feito pelos seus funcionários, e, na semana anterior ao solstício de verão, Johansson deixara sua terra natal com destino à Europa junto de sua esposa. Ela gostava de viajar — conhecer pessoas novas, lugares novos, ter impressões novas —, mas Johansson preferia um bom livro, um telefone que nunca tocava e refeições feitas na hora certa.

Apesar das motivações diferentes, em geral, eles retornavam à Suécia bem-dispostos. Cumprindo uma promessa feita havia muitos anos, e que desde então se tornara praticamente uma tradição, eles passavam a última semana das férias com o irmão mais velho de Johansson na sua fazenda em Alnön, uma ilha próxima a Sundsvall. Tranquilidade e sossego, boa comida, bebida decente, anfitriões sossegados e generosos, e que realmente estavam sendo sinceros quando diziam para você se sentir em casa. E o mais importante de tudo, pensou Johansson: existia outro país neste planeta que, em

algum sentido mais positivo e real, pudesse ser comparado à Suécia? Não, lugar algum, concluiu, e com um profundo suspiro de satisfação logo adormeceu em sua cadeira.

Atualmente Johansson tinha três celulares. Um particular, outro para seu trabalho em geral e mais um que era tão secreto que praticamente nunca era utilizado. Por razões de segurança, esse aparelho era vermelho e o toque havia sido escolhido por ele mesmo. Com exceção do volume, o som era o mesmo da sirene utilizada pelas viaturas da polícia, e ele ficara orgulho e feliz com o resultado. Após instalar o toque, ele fizera uma demonstração para sua esposa, para que ela pudesse apreciar suas habilidades tecnológicas. Mas a primeira vez que ela o ouviu tocar de verdade, seu marido estava roncando na cadeira.

Os alemães devem ter feito uma oferta tentadora para comprar toda Småland, pensou Pia, esposa de Johansson. Ela era administradora de fundos de investimento num banco. Deixando de lado o livro que lia, foi atender o telefone.

— Alô?

Acho melhor não dizer meu nome ou posso acabar indo para a prisão, pensou Pia.

— *Enchanté* — respondeu uma voz suave do outro lado da linha.  
— Suponho que você seja quem estou pensando. Adoraria poder continuar esta conversa, mas preciso falar com o seu marido.

— E quem gostaria? — perguntou Pia.

— Não posso revelar nomes, me desculpe — disse a voz suave. — Apenas fale para o seu querido marido que um antigo sócio da Pilgrim quer conversar com ele.

— E se eu perguntar do que se trata, corro o risco de acabar presa?

— Se eu respondesse, *eu* é que acabaria preso — retrucou o antigo sócio da Pilgrim num tom que parecia quase ofendido.

— Vou acordá-lo — disse Pia.

Parecem crianças, pensou ela.

\*

— Quem era? — perguntou a esposa cheia de curiosidade, dez minutos depois, quando seu marido encerrou a conversa sussurrada.

Por alguma razão, ele ficara na parte mais afastada da varanda espaçosa. Guardou o celular vermelho e se acomodou de volta na cadeira, suspirando.

— Um velho conhecido. — Foi sua vaga resposta.

— Um daqueles malandros secretos sem nome?

— Mais ou menos — respondeu Johansson, dando de ombros. — Ele trabalha no escritório como consultor especial, ajudando o Primeiro Ministro com várias tarefas. Seu nome é Nilsson.

— Ah — exclamou Pia. — Nosso *Eminência Parda*. O equivalente sueco do cardeal Richelieu.

— Algo mais ou menos assim — respondeu Johansson.

— E então, o que ele queria?

— Nada de especial. Só conversar.

— Sei. E por conta disso, agora você precisa ir para Estocolmo, não é? — perguntou Pia, que já havia passado por uma situação como aquela.

— Se você não se importar. Mas volto amanhã mesmo.

— Parece uma ótima ideia — disse Pia. — Pode inclusive passar em casa e trazer algumas coisas de que vou precisar se formos àquela festa no fim de semana.

— Claro.

Os pensamentos de Johansson já estavam distantes e ele não tinha disposição para se envolver numa longa discussão.

— No início, até pensei que o cara estava bêbado — comentou Pia. — Pelo menos foi o que pareceu.

— Eu arriscaria que ele estava apenas de bom humor — esclareceu Johansson de modo neutro. — Ainda é meio-dia, então ele não deve ter tido tempo de almoçar.



— É. Talvez só estivesse feliz. Um cara simpático e feliz.

— Não acho que ele seja assim — disse Johansson, balançando a cabeça. — Então, o que você acha? — perguntou ele, conferindo o relógio de pulso. — Sobre nosso almoço, quer dizer.

*Estocolmo, terça-feira, 5 de agosto*

Johansson vestiu um terno de linho e uma camisa de algodão azul-escuro, deixando, por enquanto, a gravata no bolso do peito. Depois, pegou um táxi até o aeroporto, onde embarcou no voo da tarde de Sundsvall para Estocolmo. O motorista do Departamento de Segurança Nacional já o aguardava e o levou diretamente para a casa palaciana do consultor especial, em Djursholm.

— Seja bem-vindo à minha humilde residência! — disse o consultor, abrindo os braços para recebê-lo, assim que Johansson passou pela porta da frente. — Espero que não se incomode se nos sentarmos aqui dentro.

— Quanto mais fresco, melhor — respondeu Johansson, embora fosse um entusiasta das saunas.

Então é aqui que você mora, pensou ele, observando discretamente o traçado complexo do assoalho, a madeira escura revestindo as paredes e os ornamentos em gesso no teto alto, sem deixar de notar cada um dos tapetes persas, as pinturas holandesas e o lustre veneziano.

De início, eles se acomodaram na biblioteca para tratar de assuntos práticos. Desta forma, poderiam jantar depois com tranquilidade. Em dez minutos tudo estava resolvido.

— Quando você pode começar? — perguntou o consultor especial.

— Segunda-feira — disse Johansson.

— Maravilha. — O rosto do consultor brilhou como o sol. — Pois bem, finalmente vamos poder cuidar de assuntos mais importantes. Não comi nada desde o almoço.

— Você tem uma bela casa — elogiou Johansson, enquanto eles seguiam para a sala de jantar. — Era dos seus pais?

— Está louco, Johansson? Tenho origem extremamente humilde. Sou um rapaz pobre de Söder, nascido e criado nas montanhas de Södermalm. Comprei esta casa de um pobre coitado que estava enfrentando certa dificuldade.

— Mas você parece estar vivendo bem agora.

— Maravilhosamente bem — concordou o consultor especial, satisfeito. — E por merecimento próprio, se quer saber.

Como estavam no meio da semana, o consultor especial esperava que seu convidado o desculpasse por lhe oferecer uma refeição tão simples. Mas, é claro, os dois ganhavam o pão de cada dia trabalhando para um governo de esquerda, por isso, os hábitos simples talvez devessem ser constantes. Mas havia boas razões para comemorar a iminente nomeação de Johansson, e talvez um bom motivo para homenagear também seus patrões pela sábia escolha de Lars Martin Johansson.

— Receio que você vai ter que aprender a lidar com meu modo de fazer as coisas — disse o consultor especial, suspirando. — Basicamente, sempre o melhor possível. Não é assim que vocês, policiais, costumam dizer?

Por quase toda sua vida adulta, o consultor especial considerara que o mais importante era manter um bom relacionamento com as pessoas, para que tanto ele quanto o outro ficasse igualmente contente ao seguirem pelo caminho que escolheram. Tendo como base esse lema existencial, o anfitrião de Johansson esperava ter encontrado uma solução que fosse do agrado do seu convidado e com a qual conseguiria se conciliar.

— Ouvi dizer que você vem de uma família de silvicultores de Norrland. Então o que seria mais adequado do que começarmos com

um *schnapps* sueco, envelhecido em barril? — indagou ele, gesticulando para o canto da sala de jantar, onde uma governanta idosa usando um sóbrio vestido preto e um avental branco segurava a bandeja com uma garrafa de *schnapps*.

— Bem — começou Johansson —, a família da minha mãe era composta principalmente de arrendatários, e a do meu pai...

— Espere um pouco, meu querido Lars Martin — interrompeu o consultor especial. — Não podemos permitir que a falsa modéstia encubra nossa visão e deixe turvas nossas perspectivas tão nítidas. Em vez disso, é melhor nos sentarmos à mesa e tomarmos algumas doses dessa forte bebida, que deve envolver nossas almas devastadas com um manto sedoso e aveludado. E nós merecemos isso.

— Excelente ideia — concordou Johansson.

Uma variedade de pratos pode ser feita com esturjão, explicou o consultor especial quando, após os primeiros drinques, que foram tomados ainda em pé, eles finalmente se sentaram à mesa repleta de pratos e copos cheios. Esturjão escaldado, guisado de esturjão, esturjão frito, esturjão defumado, esturjão curado, esturjão salgado e caviar de esturjão com batatas foram todos apresentados com os gestos instrutivos de seu garfo.

— Só os vendedores de carros usados comem caviar russo — declarou ele, colocando uma generosa quantidade de caviar de esturjão na boca. — Pessoas normais comem caviar de esturjão.

— Essa vodca é fantástica — comentou Johansson, girando a taça de cristal na mão direita como um especialista.

Mas você está errado, meu irmão é vendedor de carros e prefere ovas de peixe de água doce, pensou ele.

— É soberba, não? — perguntou seu anfitrião, dando um suspiro de contentamento. — Aproveitei para trazer algumas garrafas, quando estava visitando Putin na semana passada.

O jantar seguiu com toda a simplicidade. O consultor especial e seu convidado fizeram o melhor possível, como era esperado de fiéis

funcionários públicos, enquanto um lustre de cristal brilhava acima de suas cabeças. Ao esturjão, seguiu-se um prato de codorna recheada e outro de legumes cozidos; depois, uma fatia de queijo de cabra de Camarga e um sorbet de limão para neutralizar o paladar. Logo em seguida veio o café, acompanhado de conhaque e trufas de chocolate. A cada prato, beberam vinhos que o consultor especial selecionara de sua imensa adega: um vinho tinto da Borgonha de 1985 e depois um vinho tinto forte do Loire, sem informação sobre a safra.

— A França, sem dúvida, produz os melhores vinhos — afirmou o consultor especial com satisfação, enfiando seu nariz comprido na taça.

— Minha esposa e eu bebemos muitos vinhos italianos — disse Johansson.

O consultor especial remexeu-se em sua cadeira.

— Se quiser um conselho, Lars, acho que deveria evitar certos riscos. Priorize sua saúde e nada mais.

— E então, como vai Nylander? — perguntou Johansson, ao voltarem até a biblioteca para concluírem a refeição com um café espresso duplo e um conhaque Frapin de 1990.

— Está melhor do que antes — respondeu o consultor especial. — Tem seu próprio quarto, três refeições por dia, toma pequenos comprimidos verdes, vermelhos e azuis, e tem com quem conversar.

— Ele está em uma instituição particular? — indagou Johansson com cautela.

— Uma instituição particular? — repetiu o consultor especial, bufando. — Não! É preciso estabelecer certos limites! Primeiro, ele tenta transformar a força policial da nossa relativamente respeitável monarquia numa coisa que dificilmente pode ser achada numa mera república das bananas. Depois, se tranca no escritório e se recusa a sair, até que o coitado do jogador de futebol do nosso já bastante pressionado governo é obrigado a chamar seu pequeno exército particular para explodir metade da fachada do prédio para conseguir

arrancá-lo de lá e levá-lo para os gentis cuidados de uma ala psiquiátrica. Isso tudo sai muito caro.

— Ulleråker? — arriscou Johansson.

— Isso mesmo — disse o consultor especial, dando ênfase às palavras. — E já era hora, se quer saber a minha opinião.

— E o que aconteceu exatamente? — perguntou Johansson por curiosidade.

— Ainda não foi esclarecido — respondeu o consultor, encolhendo os ombros estreitos. — Aparentemente, tudo começou quando ele atirou no espelho do banheiro.

— É incrível o que as pessoas inventam — comentou Johansson, assentindo devagar, à moda de Norrland.

— Talvez tenha esbarrado o queixo naquela curva perto do gatilho, quando estava limpando a arma — especulou o consultor especial.

— No guarda-mato, você quer dizer? — indagou Johansson.

— Seja como for — reagiu o consultor especial com um gesto de desdém. — Estou apenas tentando lhe dar o benefício da dúvida.

Após mais uma hora de conversa fiada e mais algumas doses do fabuloso conhaque, o anfitrião de Johansson sugeriu que jogassem um pouco de sinuca, antes de fazerem um lanchinho leve. Mas Johansson tinha ouvido histórias de terror justamente sobre isso, de forma que declinou com educação.

— Não jogo sinuca — disse ele, balançando a cabeça como se pedisse desculpas.

— Se quiser, posso ensinar — propôs o consultor especial, com um olhar esperançoso.

— Seria um prazer, mas acho que vai ter que ficar para a próxima. Já está na minha hora.

Em seguida, Johansson agradeceu seu anfitrião pelo esplêndido jantar, chamou um táxi e foi para o apartamento onde morava com a esposa na Wollmar Yxkullsgatan, que ficava vazio durante o verão.

Esse cara também não parece muito equilibrado, foi tudo o que conseguiu pensar, antes de adormecer por completo, assim que se deitou na cama.

*Växjö, quarta-feira, 6 de agosto*

Enquanto o grupo que investigava o assassinato de Linda realizava uma de suas reuniões matinais, o superintendente Olsson entrou na sala, anunciando que os colegas de Kalmar prenderam o estuprador. O diretor de um centro de imigração próximo de Nybro o reconheceu entre os homens que estavam sob sua responsabilidade, a partir da descrição da rádio local. Ele telefonara para a polícia de Kalmar de imediato, mas eles já se encontravam a caminho. Tinham recebido os resultados das análises do Laboratório Central da Polícia uma hora antes, e desta vez a sorte lhes sorriu, pois a amostra coincidia com alguém do pequeno grupo de 0,05% da população masculina do país, cujos detalhes do DNA eles já detinham em seus arquivos.

Um mês antes, um rapaz de dezessete anos, vindo da Moldávia, chegara à Suécia em busca de asilo político. Uma amostra de seu DNA havia sido coletada diante da possibilidade de ele se meter em encrenca durante os meses necessários para que uma decisão de deportação fosse efetivamente tomada. Agora, ele se encontrava sentado em uma das celas da carceragem da delegacia de Kalmar. Negava tudo, segundo o intérprete, mas, pelo menos, agora conseguiria permanecer na Suécia por mais tempo do que qualquer outra pessoa de seu país. No caso Linda, ele era inocente. O perfil de seu DNA não correspondia ao do assassino.



— É claro que já suspeitávamos disso — afirmou Olsson. — Mas eu apostaria que ele também está envolvido nessa tentativa de estupro.

Ele fez um gesto com a cabeça, incentivando Anna Sandberg.

Os seis policiais destacados para acompanhar o caso de estupro junto à polícia de Kalmar estavam agora de volta à equipe. Todo o trabalho que restava poderia ser concluído do modo habitual, por telefone, pela intranet da polícia ou fax. Havia coisas mais importantes a serem feitas.

— Bem, nós continuaremos avançando em todas as áreas — disse Olsson. — Por falar nisso, como vão nossas amostras de DNA?

Elas haviam superado todas as expectativas, segundo os colegas de Olsson. Já ultrapassavam seiscentas amostras fornecidas voluntariamente, batendo o antigo recorde. Quatrocentas já tinham sido eliminadas da investigação.

— Estamos trabalhando em duas frentes — disse Knutsson, olhando de relance para Lewin. — Na primeira, averiguamos as pessoas que vivem nos arredores do local do crime. Além disso, também estamos tentando encontrar e coletar amostras de outras pessoas que se encaixem no perfil que nos foi fornecido.

— Portanto, não há dúvidas, nossa investigação é completamente aleatória — resumiu Thorén.

— Bem, mas cedo ou tarde o assassino vai cair na nossa armadilha — concluiu Olsson, parecendo confiante.

\*

Quando retornaram ao hotel, beberam a cerveja de sempre e Rogersson pôde contar a Bäckström que seu antigo chefe fora reposicionado.

— Para Huddinge? Centro de Psicologia Legal de Huddinge? — sugeriu Bäckström, que já havia visitado o hospital várias vezes ao

longo de seus anos de serviço.

— Ulleråker — respondeu Rogersson. — Ao que parece, ele morava em algum lugar na região, então faz sentido que fique perto da esposa e dos filhos. Acho que ele se formou na Universidade de Uppsala.

— E, então, como ele está? — perguntou Bäckström, interessado.

Segundo as fontes de Rogersson, as coisas iam muito bem. Em seu segundo dia internado, Nylander havia sido encarregado de algumas tarefas importantes, então agora empurrava por todas as alas o carrinho de livros para leitura dos pacientes.

— Parece que ele está feliz como pinto no lixo — disse Rogersson.

Bäckström apenas assentiu com a cabeça. Quem estará no comando das coisas agora? E por que estou me perguntando isso? Ah, dane-se, pensou.

— Saúde, meu camarada — disse ele, erguendo o copo. — E à saúde do Queixada também — acrescentou.

Na verdade, Nylander era um cara bem divertido, e ele sentiu que precisava dizer alguma coisa.

\*

No *Dagens Nyheter* de quinta-feira, havia um longo artigo assinado pelo bibliotecário Marian Gross, que o jornal também usou na primeira página e no editorial, ainda que o mesmo texto tivesse sido recusado por diversas razões pelo *Småland Post* de Växjö poucos dias antes. Gross estava chateado, em parte com a incompetência com que a polícia comandava a investigação do assassinato de Linda, e, em parte, num nível estritamente pessoal, por conta dos extemos abusos a que fora submetido.

Sem se preocupar consigo mesmo ou com os riscos aos quais poderia se expor, ele se voluntariara como testemunha para ajudar a polícia. Qualquer outra coisa estava fora de questão, como deveria

ser para todo ser humano normal e funcional vivendo numa democracia sob o respaldo da lei. Ele, sendo um refugiado da Polônia durante o período do império soviético, sabia melhor do que todos como era viver num regime de ditadura. Ele também estava envolvido emocionalmente. Conhecia a vítima e a mãe dela. As duas eram simpáticas, as melhores vizinhas que alguém poderia ter, segundo Gross. Considerando que havia fortes razões para se supor que ele era a única pessoa que devia ter visto o assassino de Linda e que podia fornecer uma descrição dele, o modo como a polícia o tratara era inexplicável e profundamente insultante.

Em duas ocasiões os policiais usaram a força para entrar em sua casa e o arrastaram até a delegacia; fizeram comentários racistas e ofensivos, tinham-no submetido a um prolongado interrogatório e o obrigaram a fornecer uma amostra de DNA, ainda que não tivessem nenhuma prova contra ele. Depois, se atreveram a dizer que ele havia fornecido uma amostra voluntariamente.

Quando saíram os resultados das análises, ele e o advogado ligaram inúmeras vezes e enviaram muitas cartas, antes de a polícia se dignar a dizer que ele havia sido descartado da investigação. Em outras palavras, que ele não tinha nada a ver com o assassinato de Linda. O que era óbvio para ele e para qualquer ser humano minimamente inteligente desde o começo, mas não para a polícia de Växjö e seus escudeiros da Divisão Federal de Investigações Criminais, em Estocolmo.

Gross não fora a única pessoa maltratada. Uma grande matéria no mesmo jornal revelou que uma fonte da polícia lhes dissera que, por conta da investigação do assassinato de Linda, quase mil amostras de DNA haviam sido coletadas dos homens de Växjö. A maioria era de indivíduos comuns, decentes e trabalhadores. Todos os resultados das análises até então provavam, o que era previsível, que eles eram inocentes.

Três foram entrevistados pelo jornal, e um deles, que fornecera voluntariamente uma amostra de DNA, estranhamente era uma

mulher. Todos estavam insatisfeitos, e a informação de que as doações haviam sido voluntárias não correspondia à experiência que tinham vivido. Em poucas palavras, nenhum deles tivera alternativa. E para não atrair ainda mais atenção, atenderam ao pedido da polícia. Mas sugerir que havia algo de voluntário nisso não passava de uma piada de mau gosto.

A mulher parecia a mais furiosa dos três, porque não entendia a razão de ser investigada. Àquela altura da investigação, todo mundo já sabia que Linda havia sido assassinada por um homem, então por que a polícia queria uma amostra do DNA da mulher? Era um mistério, ao menos para ela. A mesma pergunta havia sido feita à assessora de imprensa da polícia de Växjö, que se recusara a respondê-la. Os policiais encarregados do caso Linda Wallin não queriam comentar as medidas tomadas. Em termos gerais, isso afetaria o andamento de seu trabalho e, no pior dos cenários, poderia pôr em risco ou mesmo arruinar o sucesso da investigação.

O especialista ao qual o jornal recorreu, por sua vez, não ficou intimidado com as restrições policiais. Segundo ele, havia apenas uma explicação razoável. A mulher que se apresentara “voluntariamente” para a análise provavelmente tinha um filho cujo DNA interessava à polícia, que obviamente não conseguira encontrá-lo. Segundo a própria mulher, de fato isso era verdade. Ela tinha um filho, mas como ele poderia ajudar a solucionar o assassinato de Linda era um mistério ainda maior para ela do que seu próprio envolvimento na investigação. Segundo a mãe, ele jamais fizera mal a uma mosca e, além disso, morava há dois anos na Tailândia.

“Eu simplesmente acho que a polícia não sabe o que está fazendo”, disse ela ao final da longa entrevista.

Infelizmente, ela não parecia a única a ter essa opinião. O *Dagens Nyheter* reconhecia a injustiça e podia ver claros indícios da mesma confusão e desespero que caracterizara a caçada policial ao assassino do primeiro-ministro Olof Palme, cerca de vinte anos antes. Talvez isso não fosse realmente tão estranho, já que vários

dos policiais enviados pela Divisão Federal de Investigações Criminais para averiguar o homicídio de Linda tinham de fato desempenhado um papel importante na investigação.

\*

O jornal de Kalmar, o *Barometer*, também abordou o caso Linda, ainda que de uma perspectiva ligeiramente distinta da de seus congêneres da capital. De acordo com o *Barometer*, tratava-se fundamentalmente de um conflito envolvendo duas culturas policiais. De um lado, estava a polícia de Växjö, com seus contatos e conhecimento locais, ciente da importância de evitar injustiças, optando por trabalhar com detalhes e investigar tudo de forma muito minuciosa. Do outro lado, estavam seus colegas da Divisão Federal de Investigações Criminais, que viviam num mundo informatizado, habituados a recursos praticamente ilimitados, e mais propensos a atacar os problemas numa frente mais ampla e ofensiva.

O *Barometer* também parecia contar com fontes infiltradas na polícia. Segundo uma delas, as tensões na equipe de investigação foram detectadas desde o início, o que obviamente era prejudicial ao inquérito, independentemente de quem estivesse com a razão. Conclusão: eles estavam preocupados, ainda que fosse muito cedo para jogar a toalha, e com sorte o assassino de Linda finalmente seria encontrado, embora já tivesse se passado um mês desde o crime.

\*

Naquele dia, a reunião matinal do comando da investigação durou até a hora do almoço. Grande parte do que debateram girava em torno do que tinham lido nos jornais. O superintendente Olsson

chegara a fazer perguntas acerca da investigação do caso Palme. Tudo indicava que estivesse perguntando por pura curiosidade, certamente sem insinuar qualquer tipo de crítica. Mas ainda assim...

— Bäckström, arrisco dizer que você esteve envolvido nesse caso, é claro — disse ele, por algum motivo.

— Estive — respondeu Bäckström. Seu tom evidenciava a autoridade de alguém que trabalhara em casos de homicídio ao longo de toda a carreira policial. — O problema foi que ninguém no comando me deu ouvidos.

— Eu conduzi alguns interrogatórios — disse Rogersson, dando de ombros. — E se os cavalheiros me dão licença, tenho muitos outros para serem feitos.

E com um aceno rápido com a cabeça, ele saiu da sala.

— Eu participei dessa investigação também — afirmou Lewin. — E não há nada de estranho nisso, considerando que grande parte das pessoas que trabalhavam com homicídio em Estocolmo naquela época se envolveu no caso Palme de um jeito ou de outro. E ninguém me deu ouvidos também, se quiserem saber.

Em seguida, pediu licença e saiu da sala.

Mas Bäckström não tinha escolha. Foi deixado ali sozinho, vendo mais uma manhã de seu precioso tempo se transformar em fumaça, até finalmente conseguir pôr um fim àquele absurdo e comer alguma coisa.

\*

Rogersson evidentemente fizera mais do que simplesmente realizar interrogatórios. Ele já estava na cantina quando Bäckström, mal-humorado, foi até sua mesa carregando o prato do dia e uma bebida de baixo teor alcoólico, em vez da habitual cerveja.

— Está confortável aí? — perguntou Rogersson, assim que Bäckström se instalou à mesa.

— Estou.

— A coisa ficou feia em Estocolmo — disse Rogersson, inclinándose para a frente e baixando o tom de voz.

Ele balançava a cabeça, animado, para Bäckström.

— Não me diga... O Queixada apareceu com seu carrinho de livros no escritório do diretor da Divisão Federal, no décimo primeiro andar? — perguntou ele, passando uma grande quantidade de manteiga numa fatia de pão de forma seco.

— Conversei com um dos rapazes de lá — disse Rogersson. — Sabe quem vai assumir o posto do Queixada?

— Não. Como eu poderia saber, porra?

— Johansson — respondeu ele. — Lars Martin Johansson. Sabe quem é? Aquele que os policiais locais chamam de Carniceiro de Ådalen.

— Você está falando do desgraçado da Lapônia? Puta merda, não pode ser verdade!

— Fonte segura — afirmou Rogersson.

E também uma fonte quente, considerando que a reunião na qual o diretor do Departamento de Segurança Nacional, Lars Martin Johansson, tinha sido nomeado diretor da Divisão Federal de Investigações Criminais uma hora antes ainda estava em curso, e nem mesmo o jornalista mais bem informado saberia dessa decisão, que só seria divulgada publicamente algumas horas mais tarde, quando um comunicado oficial fosse enviado à imprensa.

\*

Na noite de sexta-feira, Bäckström reuniu sua equipe em um jantar no hotel. Eles começaram em seu quarto, a fim de poder discutir o caso com calma e privacidade, e, pela primeira vez, Lewin, Knutsson e Thorén aceitaram a generosa oferta de Bäckström para tomar uma cerveja. Svanström não bebia cerveja, mas pareceu disposta a ir até

o próprio quarto pegar uma taça de vinho branco da garrafa que deixara no frigobar.

— Assim, pelo menos, posso acompanhar vocês — disse ela.

Bäckström estava furioso. Ele não era o tipo de cara que conseguia ouvir um monte de merda e suportar punhaladas pelas costas de um bando de policiais caipiras, covardes demais para dizer tudo aquilo na sua cara. Várias vezes ao longo do dia ele pensara em ir até o gabinete do comissário para socar a mesa dele.

— Com todo o respeito, Bäckström, não acho que isso seria realmente construtivo — disse Lewin.

— É mesmo? — retrucou Bäckström.

Seu traidor de merda, pensou.

— Eu tendo a concordar com ele — interveio Rogersson, ficando ao lado de Lewin apesar de estar bebendo a cerveja de Bäckström. — Enfim, assim que colocarmos o desgraçado atrás das grades, essas histórias vão parar.

Mais um traidor, pensou Bäckström.

— Foi alguém que Linda conhecia — disse Lewin. — Alguém que ela deixou entrar porque gostava dessa pessoa, e estou quase certo de que ela transou com ele também por livre e espontânea vontade. Pelo menos, no começo. Até tudo sair do controle.

— Então, onde vamos conseguir encontrá-lo? — perguntou Bäckström.

Só na mente de um de vocês, seus desgraçados, pensou ele.

— Nós vamos encontrá-lo — respondeu Lewin. — Não pode haver tantas opções assim, não é? Cedo ou tarde, vamos pegá-lo.

Em seguida, desceram até o restaurante para jantar, e como Bäckström tinha começado a relaxar, conseguiu convencer os outros a tomar mais um drinque antes da refeição.

— Os *schnapps* são por minha conta — anunciou ele, já que descobrira como lidar com aquele probleminha sem ter que abrir mão do seu suado dinheiro.



Depois desses drinques, vieram muito outros. A maior parte para ele e Rogersson, é claro, mas até Lewin, quem diria, entrou na onda e tomou alguns. Hans e Fritz se saíram razoavelmente bem, até terem que seguir para a cidade, e, dessa vez, não estavam pensando em curtir um cinema em Växjö.

Bäckström permaneceu no bar com Rogersson e, quando finalmente cambalearam de volta até seus quartos para um merecido repouso, já estavam completamente bêbados. Bäckström teve dificuldades para abrir a porta do quarto com o cartão magnético, mas Rogersson o ajudou a entrar.

— Quer tomar mais uma? — perguntou Bäckström, apontando para o frigobar.

— Acho que já tomei o suficiente — respondeu Rogersson. — Enfim, tem uma coisa que eu queria dizer.

— Sou todo ouvidos — disse Bäckström, se livrando com um chute dos sapatos e deitando-se de lado para poupar tempo antes de dormir.

— Um daqueles jornalistas desgraçados telefonou e deu a entender que nós ficávamos aqui assistindo a filmes pornô a noite toda. Você sabe do que ele está falando, Bäckström? — perguntou Rogersson.

— Não faço a menor ideia — murmurou ele.

Mas de que merda ele está falando? Filme pornô? Agora?, pensou ele.

— Eu muito menos — disse Rogersson.

— E o que você disse?

— Mandei à merda, claro. O que você teria feito?

— Com certeza também mandaria à merda — respondeu Bäckström. — Acho que é melhor eu dormir um pouco.

\*

No domingo, 10 de agosto, foi realizado o enterro de Linda Wallin, com presença de seus pais, os dois meios-irmãos por parte de pai e cerca de vinte parentes e amigos próximos. No entanto, não havia nenhum jornalista ou policial. O superintendente Olsson fora vigorosamente repreendido pelo pai de Linda quando ligou oferecendo seus serviços. Ele já organizara tudo sozinho. O funeral foi realizado na igreja onde Linda havia sido crismada, sete anos antes, e ela foi enterrada no cemitério anexo, no jazigo que seu pai comprara ao voltar para a Suécia, para ele próprio e para as futuras gerações da família. Seu sofrimento já passara dos limites, uma dor imensurável, então nem o fato de sua única filha estar naquela sepultura antes dele conseguiria piorar as coisas.

## *Estocolmo, segunda-feira, 11 de agosto*

Na manhã de segunda-feira, por volta das sete horas, Lars Martin Johansson já estava em seu novo local de trabalho. Sua mesa se encontrava coberta por uma pilha organizada de documentos. Sobre uma delas, havia um *post-it* em que a secretária escrevera: *Ação imediata?*

Em cima de várias pastas, ele viu o memorando do MJ, Ministério da Justiça, e outro da OJ, Ouvidoria Judicial. O conteúdo dos dois era quase idêntico e tinham sido endereçados ao comissário regional do Departamento de Polícia do Condado de Kronoberg, com cópias para o DDF, contendo informações e um comentário final. Foram motivados pelas notícias do jornal *Dagens Nyheter* de quinta-feira, 7 de agosto, relacionadas aos métodos que foram utilizados na investigação preliminar do homicídio de Linda Wallin e, em particular, à coleta voluntária de DNA. Era evidente que os memorandos do MJ e da OJ representavam iniciativas políticas. Considerando suas origens, esta era a segunda pior coisa que poderia acontecer, e um péssimo presságio do que viria pela frente.

O que isso está fazendo na minha mesa? Por que não mandaram diretamente para Ulleråker?, pensou Johansson irritado e anotou no mesmo *post-it* que queria encontrar o advogado responsável por aquele assunto imediatamente. Mas, fora isso, tudo parecia estar como sempre estivera havia anos. Papéis, papéis, papéis e mais papéis, pensou ele.

*Växjö, segunda-feira, 11 de agosto*

Quando a equipe de investigadores se reuniu em volta da mesa para a primeira reunião matinal da semana, ninguém sequer imaginava as nuvens sombrias que pairavam sobre a investigação. Ao contrário, todos pareciam sentir um sol misericordioso finalmente brilhando para eles. Um minuto após o início da reunião, Enoksson surgiu e pediu a Bäckström para começar a falar. Ele disse que tinha muitas coisas interessantes para lhes contar, e como se tratava de Enoksson, e não de Olsson — que deixara Bäckström muito feliz por não estar lá —, o superintendente começou a sentir aquele formigamento familiar outra vez.

— Nossos colegas em Kalmar encontraram alguém compatível com o DNA do assassino de Linda — começou Enoksson, observando com satisfação a atenção de todos voltada para ele mesmo. — Infelizmente, não podem nos fornecer uma identidade, mas ainda assim acho que isso é bem animador.

Então é assim que nos sentimos diante de uma plateia fascinada, pensou ele.

Por ser um homem meticuloso e pedagógico, Enoksson tentou facilitar as coisas para o seu público, fazendo um resumo para especificar os itens que estava prestes a lhes contar. E, para garantir, ele distribuiu cópias para acompanharem suas explicações. O primeiro item tratava do assassinato de Linda, o último abordava o

relatório que recebera do Laboratório Central em Linköping apenas uma hora antes.

Linda tinha sido assassinada entre quatro e cinco horas na madrugada de sexta-feira, 4 de julho, no apartamento de sua mãe, num prédio da rua Pär Lagerkvists, em Växjö. Na tarde de 7 de julho, uma segunda-feira, a polícia de Växjö fora informada do roubo de um velho carro com dez anos de uso da marca Saab, a alguns quilômetros do local do crime, na manhã do mesmo dia. E o mesmo veículo reaparecera na investigação na sexta-feira, 11 de julho, quando os detetives do caso Linda averiguavam outros crimes interessantes que ocorreram naquela área. Por ter sido considerada de menor gravidade, a ocorrência tinha sido deixada de lado. Nesse momento, porém, havia boas razões para darem outra olhada.

— Se me lembro bem, naquela época, nós pensávamos que o carro tinha sido roubado três dias após o assassinato, e isso afastava todas as possibilidades de ter alguma relação com o caso Linda — disse Enoksson.

Pouco importava. Encontraram o carro no domingo, portanto, não poderia ter sido roubado na segunda-feira. Ele foi achado escondido num bosque, perto da Rodovia 25, a dez quilômetros de Kalmar, no caminho entre Växjö e Kalmar. O proprietário do terreno o encontrara bem cedo naquela manhã, quando fazia uma inspeção em suas terras. As placas do carro foram removidas, e parecia que alguém havia tentado incendiá-lo. Considerando o estado em que estava, tudo indicava que alguém tinha tentado se livrar de um velho veículo sem ter que percorrer todo o trajeto até o depósito de sucatas, e esta não era a primeira vez que o proprietário daquele terreno testemunhava esse tipo de iniciativa. Resumindo, ele não ficou nada contente.

Na tarde daquele mesmo dia, ele chamara a polícia de Kalmar, mas por conta do escasso número de policiais, somente na quarta-feira, dia 9 de julho, uma viatura da delegacia local, em Nybro, pôde averiguar a área. Encontraram duas placas dentro de uma vala a

cinquenta metros do veículo, na direção da Rodovia 25. Por meio do rádio da patrulha puderam verificar as placas e foram informados que, de fato, pertenciam àquele carro. Foi a partir daí que as coisas começaram a ficar realmente interessantes.

A divisão de redução da criminalidade do condado de Kalmar acatara calorosamente as propostas do Ministro da Justiça para lidar de forma mais firme com os crimes rotineiros. Isso fazia parte de uma experiência de utilização de técnicas científicas modernas que tinha o intuito de elevar as taxas de solução do roubo de carros.

Vários indícios sugeriam que esse veículo, em particular, tinha sido roubado. O motor fora acionado com o auxílio de uma chave de fenda na ignição, e a trava de direção havia sido quebrada da forma que sempre faziam: bloqueando o movimento das rodas e, em seguida, girando o volante com toda força.

No cinzeiro, que ficava entre os dois bancos da frente, seus colegas de Nybro encontraram a ponta de um cigarro enrolado à mão com um cheiro promissor de *Cannabis sativa*, então, a colocaram dentro de um saco plástico de coletar provas, o qual mandaram para o Laboratório Central da Polícia, para que analisassem o DNA contido ali. O carro foi levado para o pátio da delegacia de Kalmar, caso futuras investigações da polícia científica se mostrassem necessárias para o processo judicial.

Depois disso, o carro e a guimba desapareceram no sistema da polícia. Os policiais de Kalmar não faziam ideia de que esse mesmo carro havia sido brevemente discutido na investigação de homicídio de maior repercussão no país. Eles se contentaram em mandar uma carta para o proprietário do veículo informando que o tinham encontrado, mas a pessoa não retornara e, pelo visto, ninguém mais voltou a pensar no assunto.

No Laboratório Central da Polícia Científica, a guimba do baseado acabou indo para o fim da interminável lista de amostras de DNA que aguardavam análise. Independentemente das manobras políticas no Ministério da Justiça e das prioridades da divisão de

redução da criminalidade do condado de Kalmar, e sem a intenção de desrespeitar uma questão de importância nacional, a guimba fora deixada de lado para esperar sua vez. Um mês inteiro se passou, até que alguém tivesse tempo de analisá-la.

No fim da tarde de sexta-feira, 8 de agosto, o exame foi concluído e, quando os resultados foram comparados com os de outros casos que constavam no banco de dados, as luzes de alerta começaram a piscar. Infelizmente, todos os policiais envolvidos no caso, tanto em Växjö quanto em Kalmar, já tinham ido para casa e, em respeito ao sigilo e por causa de várias outras razões pessoais, só na segunda-feira de manhã Enoksson e seus colegas receberam as boas notícias graças ao telefonema de um técnico do Laboratório Central.

— E isso é tudo — concluiu Enoksson. — Alguns de nossos homens estão a caminho de Kalmar para trazerem o carro para cá. Achamos que essa seria a solução mais fácil. O que mais? Ah, sim. Temos um recado dos nossos colegas de Kalmar.

— O que eles querem? — perguntou Bäckström, apesar de já saber a resposta.

— O de sempre — respondeu o chefe da polícia científica. — Se precisarmos de qualquer ajuda para solucionar o assassinato de Linda, eles estão à disposição.

— Não acho que isso vai ser necessário — disse Bäckström. — Ok, meus camaradas, agora temos algo concreto. Se algum dia já existiu um roubo de carro mais investigado do que este em qualquer lugar do reino da Suécia, prometo que jogo a toalha.

Podem sonhar, seus babacas, pensou ele.

No gabinete do comissário de polícia do condado, no andar de cima, ninguém fazia a menor ideia do entusiasmo que tomava conta da equipe de investigação no andar de baixo. Ao contrário, o comissário estava seriamente preocupado e, como ocorria com frequência, seus receios eram partilhados pelo superintendente Olsson, que era um homem leal e sábio.

Mais cedo, naquela manhã, a secretária ligara para sua casa de veraneio, embora ele estivesse de férias, apenas para informar que ele tinha recebido comunicados do MJ e da OJ. Até então, era algo de que ele sempre se livrara, apesar de trabalhar na polícia havia quase vinte e cinco anos e ter acumulado nesse período um número crescente de policiais que precisara manter na linha. Aceitando a falta de opção, o comissário entrou imediatamente no carro e percorreu os cerca de cem quilômetros até a delegacia de Växjö. Mas, primeiro, foi verificar se sua adorada esposa estava bem. Como sempre, ela estava se bronzeando no píer e, como sempre, apenas acenou desdenhosamente para ele quando, como sempre, o marido lhe lembrou de usar o protetor solar.

De seu carro, ele telefonou para o fiel escudeiro Olsson e, tendo em mente a natureza delicada do assunto, tratou de enfatizar a importância de eles o discutirem em particular primeiro, e que seria conveniente por ora evitar que essas informações chegassem aos ouvidos dos colegas da Divisão Federal de Investigações Criminais.

— Concordo totalmente com você, chefe — disse Olsson.



Ele prometeu que falaria com Bäckström imediatamente, para pedir que conduzisse a reunião matinal na sua ausência, mas sem esclarecer os motivos.

Depois de discutirem a situação com calma e tranquilidade, tomando uma xícara de café, eles acabaram concordando sobre várias outras coisas. As informações das notícias dos jornais tinham sido, sem dúvida, seriamente distorcidas e brutalmente exageradas, mas Olsson até mesmo tentara, em várias ocasiões, conter seus colegas da Divisão Federal.

— Acho que, de certa forma, eles têm uma cultura policial bem diferente da nossa — explicou ele. — E, na verdade, parece que nunca precisaram levar em consideração os custos das operações. É mais do tipo “levante-se e vamos em frente”, se entende o que quero dizer.

No que dizia respeito às respostas para o MJ e a OJ, Olsson prometeu dar uma boa olhada nos detalhes. Seu chefe não precisava se preocupar com isso.

— Se for necessário, vou falar grosso com eles — disse, se empertigando.

Olsson é uma rocha, pensou o comissário de polícia do condado, desejando lhe pedir que também telefonasse para o recém-nomeado diretor da Divisão Federal de Investigações Criminais. Tratava-se de um assunto que precisava ser concluído mais ou menos urgentemente; aquilo vinha lhe irritando desde cedo. Como era que o chamavam? O Carniceiro de Ådalen?

Ele só o havia encontrado pessoalmente em poucas ocasiões, mas foram mais do que suficientes para entender a razão do apelido. Um homem grande e rústico de Norrland, que raramente dizia alguma coisa, mas que possuía um olhar que com certeza não contribuía para a paz de espírito das pessoas. Uma espécie de primo caipira distante, de passado desconhecido, sem educação ou mesmo o mais ínfimo treinamento, pensou o comissário de polícia do condado. Sentiu um frio na espinha.

No fim das contas, talvez fosse melhor eu mesmo ligar para ele, refletiu. E sem pensar demais, ligou para o mesmo número de celular que seu antigo colega de classe usara apenas uma semana antes.

— Johansson — a voz soou de modo abrupto.

\*

O diretor da Divisão Federal Lars Martin Johansson não foi o único a receber um telefonema. Quase no mesmo instante em que o comissário de polícia ligou para ele, o chefe da equipe de perfilagem criminal, superintendente Per Jönsson, ligou para seu colega Bäckström, em Växjö, oferecendo seus serviços por conta da notícia da compatibilidade do DNA, que acabara de saber. Uma excelente oportunidade para dar o troco, de modo sutil, por conta dos comentários descarados que Bäckström lhe lançara, na última vez em que se encontraram.

\*

— Eu realmente não vejo qual é o problema — interrompeu Johansson, depois de desperdiçar tempo demais ouvindo as diatribes do comissário. — São seus homens que estão no comando da investigação, não são? Pensei que meus colegas estivessem aí só para dar uma mão.

O que provavelmente já era ruim o bastante, considerando que um deles era Bäckström. Mas cuidou desse pesadelo mais tarde, pensou Johansson.

— Sim, é verdade — cedeu o comissário. — A investigação preliminar está sendo conduzida por um dos meus colegas de maior confiança, um policial de nosso distrito com muita experiência.

— Bom saber disso — respondeu Johansson. — Diga aos meus homens para se comportarem direito, senão terão sérios problemas comigo. Se quiser que eu os chame de volta, preciso desse pedido por escrito.

— Ah, não. Com certeza, não. Eles estão fazendo um ótimo trabalho — protestou o comissário. Apesar do calor, suas mãos estavam frias e úmidas.

— Está certo, então — disse Johansson.

Mas que pessoa extraordinariamente primitiva, pensou o comissário.

\*

— Corrija-me se eu estiver enganado, Pelle — disse Bäckström, com evidente bom humor. — Você está me ligando para perguntar se você e seus parceiros aí do Arquivo X podem ajudar a mim e à minha equipe com algo que nós ainda não tivemos tempo de descobrir por nossa conta?

— Bem, se você está dizendo, Bäckström — respondeu Jönsson com firmeza. — Estou ligando para oferecer nossa experiência analítica no que se refere aos vestígios de DNA que vocês encontraram no carro.

— Neste caso, entendo perfeitamente — retrucou Bäckström. — Você está ligando para perguntar se pode ajudar com algo que nós ainda não tivemos tempo de descobrir por nossa conta.

— Ok, se você quiser colocar dessa maneira.

— Negativo. Repito: negativo — disse Bäckström bem alto.

Ele desligou imediatamente o telefone. Já aprendera que sem dúvida era o modo mais eficaz de encerrar uma conversa, sobretudo se estivesse falando com alguém como Jönsson. Isso vai ocupar a mente daquele verme, pensou ele.

No dia seguinte, o maior dos dois principais jornais vespertinos publicou extensas matérias sobre o enterro de Linda — ADEUS A LINDA —, e a julgar pelos textos e pelas fotos, eles tinham sido obrigados a contar com fontes externas para conseguir as informações essenciais. O texto era solidário, mas razoavelmente básico e poderia estar relatando qualquer funeral. Tinha sido ilustrado com fotos granuladas do cemitério, tiradas de longe, mostrando o que poderia ser qualquer grupo de pessoas reunidas em luto. O repórter e o fotógrafo eram desconhecidos dos leitores do jornal. Os dois receberam discretos pseudônimos, e não havia foto deles ao lado da matéria, algo incomum, considerando que a reportagem ocupava uma página inteira na seção principal.

O furo jornalístico estava na outra página, com uma manchete transversal na capa do vespertino anunciando: POLICIAIS PASSAM A NOITE VENDENDO FILME PORNÔ. Embora o artigo não dissesse exatamente isso, qualquer desocupado folheando as páginas do jornal teria uma boa ideia do que havia acontecido: enquanto a família de Linda e seus amigos mais próximos, tomados de sofrimento, velavam seu descanso eterno, os policiais da Divisão Federal, que deveriam estar atrás do assassino, tinham ficado no hotel assistindo a filmes pornô.

— Não estou entendendo porra nenhuma — disse Rogersson, quando entraram no carro para percorrer o meio quilômetro que

separava o hotel da delegacia. — Porra, não assisti a nenhum filme pornô.

— Não ligue para isso — consolou Bäckström. — Ninguém se importa com essas merdas sensacionalistas.

A memória de Bäckström havia clareado consideravelmente, desde a última vez em que Rogersson mencionara o assunto, e no momento ele só precisava manter sua versão. Levando em conta que isso era uma das coisas que ele fazia melhor, não havia com o que se preocupar. É só fingir que está pensando em outra coisa, então balance a cabeça se alguém perguntar e, se necessário, fique irritado com toda essa porcaria a que os outros escolhem dar importância, caso a pessoa não aceite “não” como resposta.

\*

Mas se havia alguém que estava mesmo preocupado era Lars Martin Johansson. Ele levara o jornal vespertino para a sua sala na intenção de ler pela manhã enquanto tomava café, e imediatamente descobriu o que de fato estava acontecendo. Por alguma razão, pensou em Bäckström quando convocou o responsável pela Divisão de Homicídios.

— Sente-se — ordenou Johansson, apontando primeiro para o superintendente-chefe e depois para a cadeira, assim que o homem entrou no escritório. — Uma pergunta: quem mandou Bäckström para Växjö?

Isso não estava claro, de acordo com o outro homem. Mas de uma coisa tinha certeza: não havia sido ele. Na época, estava de férias, e caso não estivesse, Bäckström seria a última pessoa que teria escolhido para comandar um contingente da Divisão Federal em Växjö. Na verdade, ele tentara evitar que isso acontecesse, antes de sair de férias.

— Ele devia estar trabalhando em uma série de casos arquivados  
— acrescentou em sua defesa.

Johansson ficou calado. Apenas encarou seu visitante, lançando um olhar muito semelhante ao que o comissário regional, em Växjö, imaginara no dia anterior.

— Se quiser a minha opinião, chefe, tenho quase certeza de que foi Nylander quem tomou essa decisão — insinuou o superintendente-chefe, pigarreando nervosamente.

— Papel e caneta — disse Johansson, assentindo para sua vítima.  
— Anote aí o seguinte...

Na tarde de segunda-feira, o carro roubado já estava em segurança na garagem da delegacia. Enoksson e seus colegas começaram a trabalhar imediatamente, e apenas vinte e quatro horas depois, foram capazes de contar suas primeiras descobertas à equipe de investigadores. Tinham colhido inúmeras impressões digitais de dentro do veículo. Duas delas correspondiam com a série mais provável de impressões de origem desconhecida encontradas na cena do crime. Também acharam alguns fios azuis no banco do motorista. Estes haviam sido enviados para o Laboratório Central, mas segundo suas próprias análises iniciais — eles tinham um microscópio para realizar exames comparativos na delegacia de Växjö —, havia boas razões para acreditar que eram os mesmos fios de caxemira encontrados no local do crime.

Eles também acharam outras coisas. Essas coisas com as quais sempre nos deparamos, quando examinamos um veículo suspeito com bastante atenção. Areia, cascalho, poeira e pelos no chão, uma infinidade de fios de cabelo e fibras de tecido nos tapetes e bancos, recibos antigos e outros papéis enfiados no porta-luvas e em outros cantos. No porta-malas, havia um macaco hidráulico e as ferramentas habituais, um macacão vermelho infantil e uma velha cadeirinha para criança, dessas que são instaladas nos veículos. Fora do carro, jogado num arbusto a poucos metros de distância, os policiais de Nybro acharam um recipiente vazio de gasolina com capacidade para dez litros. Mas não haviam encontrado nenhum

vestígio de sangue, sêmen nem outros fluidos corporais circunstancialmente interessantes.

O método de ação do ladrão também se revelou bem óbvio. A ignição acionada por chave de fenda, a tranca de direção quebrada, o resto de um baseado no cinzeiro, a tentativa de incendiar o veículo para destruir qualquer prova. Tudo sugeria que se tratava de um exemplo clássico de ladrão de carros: um usuário de drogas com longa ficha criminal, várias desavenças com a polícia e com o sistema judicial. Até mesmo o fato de não ter conseguido queimar o carro por não ter gasolina suficiente se encaixava nessa teoria, considerando que eram pessoas quase sempre atrapalhadas, desorganizadas e sob efeito de drogas.

No mundo em que Enoksson vivia, duas coisas destruíam essa hipótese, mas a primeira delas não o preocupava. Os fios azuis do elegante suéter podiam ser explicados pelo fato de o assassino ter roubado a peça de roupa. Restava uma questão que era difícil de engolir: suas impressões digitais não constavam no banco de dados da polícia. Se ele era a pessoa para quem todas as demais evidências apontavam, então elas deviam estar lá, e se ele fosse uma exceção à regra, havia levado trinta anos para essa exceção se manifestar ao longo da carreira policial de Enoksson.

— Você não acha que pode ser um truque para desviar a atenção? — especulou Olsson. — Quer dizer, com exceção dessas benditas impressões digitais que não temos, ele corresponde quase perfeitamente ao perfil que nos deram.

Que diabo ele está falando?, pensou Enoksson, perplexo.

— Tenho certeza de que essas impressões digitais pertencem ao assassino — afirmou ele. — Por que nos deixaria pistas falsas que não levam a lugar algum? Sem mencionar o fato de que nem eu nem ninguém mais consegue imaginar como ele poderia ter feito isso em termos práticos. No caso dos outros detalhes, ele parece ser bem semelhante ao perfil traçado pelos nossos colegas em Estocolmo.



— Você não acha que ele pode ter vindo de outro lugar? Que talvez tenha acabado de se mudar para cá e por isso ainda não consta nos nossos registros? — sugeriu Olsson.

— É possível — respondeu Enoksson com uma expressão cética. — Mas por que diabo Linda deixaria alguém assim entrar em seu apartamento no meio da noite?

— Supondo que ela tenha feito isso — replicou Olsson, parecendo bastante satisfeito consigo mesmo. — Não podemos esquecer que ainda não sabemos como ele realmente entrou no apartamento.

— Também ando pensando nisso — disse Lewin devagar.

— O quê? — perguntou Olsson, inclinando-se em sua direção.

— Nada, deixe para lá — respondeu Lewin, balançando a cabeça. — Esqueça. Depois falo sobre isso. Foi só uma ideia.

\*

Os interrogatórios com o proprietário do carro e com as outras pessoas que poderiam contribuir com alguma coisa interessante resultaram apenas em mais pontos de interrogação e nos detalhes imprecisos de sempre. O piloto aposentado em cujo nome estava o veículo, Bengt Borg, de sessenta e sete anos (mais um Bengt no banco de dados dos personagens do caso Linda), não o usava desde que o trouxera de sua casa de campo, cerca de dois anos atrás. Ele tinha outro carro, consideravelmente mais novo, que utilizava todos os dias. Depois de se aposentar, ele e a esposa se mudaram para o chalé de verão, fora de Växjö, e independentemente da época do ano, era raro usarem o apartamento na cidade. O velho Saab ficava no estacionamento desde então.

Uma de suas filhas costumava usá-lo, mas já fazia alguns anos que tinha um carro próprio. A moça estava com trinta e cinco anos, trabalhava no atendimento ao cliente no aeroporto de Växjö e tinha uma filha de sete anos, que devia começar a escola no outono. O

macacão vermelho era dela, assim como a cadeirinha de bebê encontrada no porta-malas do carro, e, na opinião do seu avô, esses objetos forneciam provavelmente uma boa indicação de quando a mãe da menina tinha usado o carro roubado pela última vez. Aquela cadeirinha era para crianças bem pequenas, e a etiqueta no macacão vermelho indicava que aquele era um modelo para menores de três anos. Se tivesse que arriscar um palpite, isso fazia uns quatro anos.

O mais óbvio teria sido perguntar à sua filha. O problema era que ela, o marido e a filhinha tinham viajado para a Austrália, onde passariam dois meses explorando aquele continente tão interessante. Segundo seu pai, o piloto, a ideia era ótima, pois a Austrália ficava no hemisfério sul e seus invernos relativamente frescos eram preferíveis ao calor quase tropical que vinha atormentando a ele e aos demais moradores de Småland nos dois últimos meses.

— Mas, se for importante, posso tentar entrar em contato com ela — ofereceu o homem, sendo prestativo. — Senão, semana que vem eles já estão de volta. Minha neta começa na escola no outono.

O detetive Salomonson agradeceu a oferta, mas disse que não seria necessário.

— Não há mais ninguém que você conheça que possa ter pego o carro emprestado? — perguntou ele.

Ninguém, segundo o piloto. Na verdade, ele tinha outra filha, mas ela não dirigia e nem tinha carteira de habilitação. Já fazia alguns anos que a moça morava em Kristianstad, onde trabalhava como advogada. Não costumava visitar os pais com frequência, e pela descrição do pai, Salomonson percebeu que a filha preferida dele não era a advogada, e sim a que trabalhava no aeroporto.

— E não tenho outros filhos nem netos. Não que eu saiba, pelo menos — acrescentou ele, parecendo satisfeito consigo mesmo.

Por que ele achava que o carro tinha sido roubado na manhã do dia 7 de julho?, perguntou Salomonson a si mesmo.

Na verdade, o dono do carro não tinha certeza absoluta sobre isso. De início, ele sequer percebera que o carro não estava na sua vaga habitual no estacionamento, em Högstorp, até ir buscar algumas coisas em seu apartamento. Quando ele notou que os dois molhos de chaves estavam pendurados em seu devido lugar no armário do hall, começou a estranhar aquilo. Então, voltou ao estacionamento para dar mais uma conferida, no caso de ter deixado o Saab em alguma vaga diferente e se esquecido disso. Ao sair para fazer isso, ele esbarrou por acaso com seu vizinho de porta e mencionou o fato para ele. Seu vizinho tinha certeza de que vira o carro lá durante o fim de semana. Mas ele já havia explicado tudo isso, quando comunicou à polícia o sumiço do veículo. A solução mais simples seria falar diretamente com o vizinho, mas ele viajara até a Lapônia para caminhar nos montes e, pelo que dissera, só voltaria cerca de duas semanas depois.

— Não estou entendendo uma coisa — prosseguiu o piloto, olhando com curiosidade para Salomonson. — Por que vocês estão tão interessados em saber quem roubou aquela lata velha?

— É uma nova iniciativa que estamos testando aqui em Växjö — respondeu o detetive, tentando soar o mais convincente que conseguia. — Estamos tentando nos concentrar mais nos chamados crimes corriqueiros.

— Eu imaginava que vocês tivessem coisas mais importantes a fazer — comentou o piloto, balançando a cabeça. — Pelo menos essa é a impressão que se tem ao ler os jornais. Algumas vezes, a gente não tem como não ficar se perguntando onde este país vai parar.

\*

Na ausência de melhores opções, eles passaram dois dias batendo de porta em porta na vizinhança. Começaram pelas pessoas que

moravam em apartamentos de onde dava para ver o estacionamento. Em seguida, prosseguiram pelo restante do quarteirão. Metade das portas em que bateram permaneceu fechada. Todos receberam notificações na caixa de correio e poucos entraram em contato com a polícia. É claro que alguns também foram falar com outras pessoas, além da polícia, pois inúmeros jornalistas começaram a ligar para a delegacia e rondar os arredores em busca de informações. A notícia de que a polícia estava investigando um carro roubado que tinha relação com o assassinato de Linda chegou a boa parte da mídia em poucas horas.

Uma das várias vizinhas interrogadas tinha realmente uma informação para eles, mas considerando o que lhes contou, não faria falta alguma. Rogersson a deixara de lado ao olhar os relatórios que chegaram à sua mesa, com uma anotação presa por um clipe: *Idosa confusa. Nada de interessante. JR.*

Ela havia sido interrogada por Anna Sandberg. A senhora chamava-se Brita Rudberg, tinha noventa e dois anos e era uma viúva pensionista que morava no prédio mais próximo do estacionamento. Seu apartamento ficava no primeiro andar, com uma varanda de onde dava para ter ampla visão do tal estacionamento. Naquele verão, ela se habituara a todas as manhãs sentar-se na varanda por algum tempo, até que ficasse calor demais para continuar ali, e se lembrava muito bem daquele dia. Eram cerca de seis da manhã de sexta-feira, 4 de julho, horário em que costumava acordar durante o verão. Quando estava escuro lá fora, ela geralmente dormia mais um pouco, porém, mesmo no meio do inverno, ela nunca acordava depois das seis e meia.

De início, Sandberg achou a testemunha igualmente encantadora e sã, apesar de seus noventa e dois anos, e de estar claro que não fazia a menor ideia do assassinato que ocorrera um mês antes, menos ainda do carro roubado sobre o qual estava sendo questionada. Como podia ela ter tanta certeza de que tinha sido na sexta-feira, dia 4 de julho?

— Eu me lembro muito bem — disse a testemunha, sorrindo para Sandberg. — É o meu aniversário. Fiz noventa e dois anos. Eu tinha comprado um pedaço de bolo na confeitaria da cidade no dia anterior para comemorar, e lembro que me sentei na varanda e comi o bolo com a xícara de café que tomo de manhã logo cedo. Eu até o cumprimentei. Ele estava fazendo alguma coisa no carro e me lembro de ter pensado que devia estar indo para o interior, considerando que o homem tinha acordado tão cedo.

— Pode descrevê-lo, esse homem que estava fazendo alguma coisa ao lado do carro, que a senhora cumprimentou? — perguntou Sandberg e, sem se dar conta, começou a ter o mesmo formigamento que Bäckström sentia de vez em quando, embora, em geral, ele estivesse totalmente enganado.

— Enfiei na cabeça que era o filho — disse a Sra. Rudberg. — Pelo menos, parecia-se muito com ele. É bem bonito, sabe? Da mesma forma que os homens da época em que eu era jovem.

— O filho?

— Sim, o filho daquele piloto, o dono do carro — explicou a senhora. — Ele tem um filho que é muito parecido com quem eu cumprimentei. Moreno, bonito, esbelto também.

— Ele a cumprimentou de volta? — perguntou Sandberg. — Depois que a senhora acenou, quer dizer.

Nesse momento, a testemunha pareceu menos segura. Talvez o homem tivesse acenado, mas ela não tinha certeza absoluta. Mas, certamente, olhara para ela. Mais de uma vez, aliás.

Ela se lembrava de como ele estava vestido? Também não tinha certeza sobre isso. Era provável que estivesse vestido como os jovens da sua idade parecem se vestir, quando está calor e eles vão viajar para o campo.

— Calça e camisa informal — disse ela, de repente parecendo bastante hesitante.

— Calça comprida ou bermuda? — insistiu Sandberg, tentando parecer tranquila e amistosa, sem pressionar para conseguir uma

resposta.

A testemunha preferia não arriscar um palpite, mas, se tivesse que escolher, teria dito bermuda, só por causa do calor. Também não se lembrava da cor da calça ou bermuda nem da camisa. Tinha apenas uma vaga ideia de que eram de tecido escuro. Com certeza, não eram brancas, pois nesse caso ela se recordaria.

Seus sapatos? Será que ela havia reparado neles? A senhora ficou ainda mais hesitante. As pessoas não costumam olhar para os sapatos, não é mesmo? Se houvesse algo peculiar neles, então, ela teria notado. Mas provavelmente eram aqueles sapatos de borracha que todos os jovens pareciam usar hoje em dia.

Descalço? Ele poderia estar descalço? Não, com certeza não. Porque isso teria, sim, chamado a sua atenção, e, apesar de nunca ter aprendido a dirigir, pelo menos ela sabia que nunca se devia dirigir descalço.

— Sapatos de borracha — repetiu a Sra. Rudberg, confirmando com a cabeça. — Do tipo que todos os jovens usam hoje em dia.

Mas havia duas coisas sobre as quais ela tinha certeza absoluta. A primeira era que tinha sido no dia do seu aniversário de noventa e dois anos, uma sexta-feira, 4 de julho, por volta das seis da manhã. E a segunda, que o homem passara pelo menos dez minutos remexendo no carro, antes de sair dirigindo. E pelas roupas que usava àquela hora do dia, ele obviamente estava indo para o campo, para se encontrar com a esposa e os filhos. Ela também estava quase certa sobre uma terceira coisa. Se não era o filho do piloto, então era alguém muito parecido com ele. Moreno, bonito, esbelto, atraente da mesma forma que os homens de antigamente eram.

Sandberg quis saber se ela se lembrava de mais alguma coisa daquela manhã, na esperança de que a senhora mencionasse o temporal que caiu em Växjö logo após as sete da manhã e que durara, pelo menos, uma hora.

— Nããão. O quê, por exemplo? — A Sra. Rudberg olhou hesitante para a policial.

— Qualquer coisa que tenha acontecido nesse dia — insistiu Sandberg.

Segundo a testemunha, não havia nada. Ela não lia jornal, raramente assistia a televisão ou escutava rádio. Nunca via as notícias. Já fazia muito tempo que não tinha mais nenhum amigo próximo, e a maioria dos seus dias era idêntica.

Depois de mais três tentativas, Sandberg mencionou os trinta milímetros de chuva que caíra em menos de uma hora, correspondendo ao total de precipitações que atingiu Växjö no mês anterior.

A Sra. Rudberg não se lembrava de nenhum temporal, nem mesmo de qualquer chuva. Isso porque talvez ela já tivesse saído da varanda para descansar um pouco na sua cama quando o tempo virou.

— Com certeza, pois, caso contrário, eu teria lembrado. Afinal de contas, este verão anda seco demais.

— Essa senhora está completamente caduca, se quer saber o que eu acho — disse Rogersson no dia seguinte, enquanto a equipe de investigadores discutia o depoimento dela e das outras pessoas da vizinhança.

— Por que acha isso? — indagou Olsson.

Nos últimos dias, ele voltara a ocupar seu lugar na extremidade da mesa.

— Para começar, o piloto não tem um filho, nunca teve, não quer ter e sequer considera essa hipótese. Ele só tem um genro que é oficial de operação de voo da SAS, e está na Austrália com a filha mais jovem do piloto, com quem é casado há anos. Eles saíram da Suécia numa quarta-feira, dia 18 de junho, duas semanas e meia antes de Linda ser assassinada. Devem voltar para casa daqui a uma semana, quando começam as aulas da filha deles na escola. De qualquer maneira, o piloto ficou nervoso quando liguei falando do seu filho. Perguntou onde andávamos com a cabeça. Já havia explicado a um de nós que tinha duas filhas, uma neta e um genro, mas não um filho.

— E a outra filha? — perguntou Lewin. — O que sabemos sobre...

— Obrigado, Lewin — interrompeu Rogersson. — Ela tem trinta e sete anos, é advogada em Kristianstad, e mora há quinze anos com alguém da mesma profissão, que ela conheceu na faculdade de Direito, em Lund.

— O que sabemos sobre ele? — perguntou Lewin.



— Bem, na verdade, não se trata de um homem, e sim de uma mulher. Tenho certeza de que vocês não querem ouvir o que o pai me disse, quando comecei a perguntar sobre ela.

— Mas, vejam bem, essa história de aniversário é bem impressionante — insistiu Lewin.

— Foi o que achei. E Anna, que falou com ela pessoalmente, também — concordou Rogersson. — Até descobrirmos que o aniversário daquela senhora é dia 4 de junho, não 4 de julho. Considerando que podemos confiar nos números da identidade dela.

— Talvez estivesse comemorando outro tipo de aniversário, quem sabe? Pode ser que ela arranje qualquer desculpa para comer um pedaço de bolo. Essa velha deve ser viciada em açúcar — disse Bäckström, rindo a ponto de sua barriga balançar.

— Isso é verdade — concordou Lewin, suspirando. — E quanto à descrição?

— Você está se referindo ao fato de o homem se parecer tanto com um filho que não existe? — perguntou Rogersson. — Bem, como eu não tinha nada melhor para fazer, fui falar com o oculista dessa senhora. Ele não ficou muito impressionado, na verdade. Não sou especialista, mas tive a impressão de que essa mulher é praticamente cega. Ele até me pediu para lhe dizer que ela não tem feito os exames de rotina. Faz seis anos que não faz uma visita a ele.

— Acho que isso não vai nos levar a nada, vai? O que você acha, Lewin? — perguntou Bäckström, dando um largo sorriso.

\*

Após a reunião, Eva Svanström foi até a sala de Lewin consolá-lo.

— Não se preocupe com aqueles dois. Bäckström nunca bateu muito bem da cabeça, e Rogersson é um beberrão. Acho que ele só

estava de ressaca, como sempre. Perdi as contas de quantas vezes já falei isso para você.

— Você veio me consolar? — perguntou Lewin, sorrindo.

— E o que há de errado nisso? — indagou Svanström, no seu tom de voz habitual. — Mas não vim só por essa razão. Tenho uma coisa para lhe contar.

E o que há de errado com um pouquinho de consolo?, pensou Lewin.

Aproximadamente três anos atrás, mais ou menos no mesmo período em que ela se mudou para um apartamento no mesmo prédio em que já morava, e sua filha voltou para a casa do pai, a mãe de Linda trocou seu número de telefone. Normalmente, as pessoas mantêm o mesmo número quando se mudam, mas, por algum motivo, Lotta Ericson trocou o seu. E ficou de fora da lista telefônica. Até então, seu nome constava lá, como o da maioria das pessoas.

A companhia telefônica recuperou a linha antiga e, após o período regulamentar de quarentena, ela foi atribuída a um novo cliente: uma anestesista que tinha sido transferida de um posto da clínica universitária, em Linköping, para um cargo melhor no hospital de Växjö. Chamava-se Helena Wahlberg, era solteira, tinha quarenta e três anos e morava em Gamla Norrvägen, a uns quinhentos metros ao norte do local do crime, numa parte da cidade que era convenientemente chamada de Norr.

O número da linha também tinha sido excluído da lista telefônica, o que não era estranho, considerando o trabalho da nova cliente. Svanström tentara encontrá-la no hospital, mas descobriu que a moça estava de férias fazia um mês. Seu retorno ao trabalho estava previsto para segunda-feira, e a única coisa significativa nisso tudo — e que mesmo assim provavelmente não passava de uma coincidência irrelevante — era que suas férias tinham começado em 4 de julho, o dia em que Linda foi assassinada.

— Você quer que eu arranje a lista de todas as ligações feitas e recebidas por ela? — perguntou Svanström.

— Acho melhor aguardar — disse Lewin. — O mais simples seria ligar e perguntar a ela primeiro. Mas tem outra coisa que eu queria que você fizesse.

\*

Apesar de a testemunha de noventa e dois anos ter obviamente trocado o mês do seu aniversário, Lewin ainda não estava querendo desconsiderá-la do caso. A explicação para isso estava em sua própria experiência, e esse sentimento de angústia poderia ser considerado comum entre policiais. E, provavelmente, a explicação também estava em sua índole, embora ele não desse a menor atenção a isso, ainda que a mulher do outro lado da mesa o fizesse bastante, toda vez que pensava nele.

— Minha avó já faleceu, mas se estivesse viva teria uns cem anos. Bem, de acordo com sua certidão de nascimento, ela nasceu dia 20 de fevereiro de 1907, mas nós sempre comemoramos seu aniversário dia 23 de fevereiro.

— E por que faziam isso?

— Segundo a história que a família conta, o padre que fez a certidão de nascimento dela devia estar bêbado e simplesmente escreveu a data errada. Tudo bem que são só alguns dias de diferença, não um mês, mas alguma coisa em relação a junho e julho me incomoda.

— É muito fácil confundir os dois — concordou Svanström.

— É por isso que vários advogados mais velhos enfatizam a diferença quando falam. Para evitar qualquer confusão. Eu me lembro de como fui pego de surpresa na primeira vez que ouvi um deles fazer isso. Nós tínhamos um velho professor maluco de código penal na Academia de Polícia e o jeito esquisito como ele

pronunciava “julho” foi tudo o que conseguiu nos ensinar. Os advogados diziam “julho” de forma muito estranha. Fora isso, esse professor só nos enrolava com suas besteiras habituais, como, por exemplo, o fato de que tínhamos que nos certificar de segurar a espada com firmeza quando fôssemos enfrentar um criminoso. Ele parecia não ter ficado sabendo que havia muitos anos que a polícia passara a usar cassetetes. Teve uma vez que dedicou uma aula inteira às consequências legais de acertar alguém com a ponta, e não com a lâmina da espada, até que um aluno tomou coragem para falar dos cassetetes.

— E como ele reagiu?

— Ficou furioso.

— Talvez seja mais fácil perguntar a ela. À testemunha, quer dizer.

— Talvez é o que eu devesse fazer.

Quem sabe eu devesse falar com o oculista dela também, pensou Lewin. O problema de policiais como Rogersson, por mais essencialmente decentes que fossem, é que eles preferiam ver a realidade em branco e preto.

Quando Eva se levantou para ir embora, ele se lembrou de repente do pensamento que lhe ocorrera algumas horas antes.

— Mais uma coisa — disse Lewin. — Algo me chamou a atenção durante a reunião: quando Enoksson falou que era provável que alguém roubando um carro daquela forma fosse um ladrão comum. Não acho que isso seja necessariamente verdade. Basta ter certo conhecimento técnico. Pode ser um mecânico, ou só alguém que gosta de carros e tem habilidade com as mãos. Ou talvez o assassino tenha roubado de outra pessoa. Pode ser que ele trabalhasse no sistema carcerário, numa instituição para menores infratores ou algo assim.

— Ou na polícia — sugeriu Svanström.

— Talvez. Mas me sinto totalmente incapaz de fazer isso, sendo que já faz quase trinta anos que estou na polícia.

— Alguém que saiba o que está fazendo, mas que não tenha necessariamente chegado ao nosso banco de dados depois de aprender a fazer — resumiu Svanström.

— Isso mesmo.

— Então, estamos falando de uma pessoa que é totalmente o oposto do nosso repulsivo bibliotecário Marian Gross. Alguém que não é muito culto.

— Isso mesmo — repetiu Lewin.

Com certeza, alguém bem diferente de Gross, pensou ele.

Assim que Svanström saiu, Lewin não conseguiu resistir. Sem se dar conta de que, ao fazer isso, estava confirmando a opinião que Eva Svanström tinha dele na maior parte do tempo, ligou para a casa da anestesista. Ela ainda não retornara ao trabalho, mas as pessoas podiam voltar antes do fim das férias, só que também podiam voltar no último dia, não é? Pelos menos, era o que ele costumava fazer.

“Não posso atender agora, mas se você deixar seu nome e o número do seu telefone, ligarei assim que possível”, disse a gravação do outro lado da linha.

Lewin desligou. Essa deve ser a voz dela, pensou ele. Soava exatamente como uma anestesista de quarenta e poucos anos. Correta, bem-intencionada, alerta. Solteira, de acordo com os registros, trabalhando no hospital de Växjö, segundo os documentos que a meticulosa Eva Svanström encontrara no computador.

Cerca de uma semana antes, Bäckström designara duas policiais mais jovens da delegacia de Växjö para rastrear a origem das fibras de caxemira azul que, para simplificar as coisas, ele resolvera chamar de “pista do tecido” em seu inquérito. O fato de serem duas mulheres não era mera coincidência. Fazia parte da natureza daquela missão, e Bäckström achou ótimo que as duas mocinhas tivessem algo para fazer, de modo que não causassem nenhum problema sério para ele e os policiais de verdade.

Mesmo assim elas pareciam ter levado a missão a sério. Segundo o Laboratório Nacional da Polícia Científica, provavelmente tratava-se de um fino suéter azul-claro, e as policiais que o procuravam falaram com todos que de alguma forma pudessem ajudá-las, de acordo com sua experiência profissional. Conversaram com estilistas, jornalistas de moda, fotógrafos e especialistas em moda em geral, e também com fabricantes, vendedores atacadistas e representantes de várias lojas que vendiam roupas elegantes. Uma das policiais chegara até a conversar com a própria tia, que era quase obcecada com o que vestia.

Supondo que fosse um suéter masculino, havia dez modelos possíveis. O mais provável era um com gola V, manga comprida, fabricado na Grã-Bretanha, Irlanda, América, Itália, Alemanha ou França, que custava entre duas mil e doze mil coroas suecas, dependendo da marca. Se tinha sido comprado numa liquidação, numa ponta de estoque ou em qualquer outro lugar que não fosse

uma loja, o preço seria menor. Mas qualquer coisa abaixo de mil coroas suecas era improvável, e teria sido um excelente negócio, segundo as pessoas com quem elas falaram.

Mas a peça não parecia ter sido vendida em Växjö ou arredores. Nenhuma das lojas analisadas havia negociado um suéter masculino daquele tipo nos últimos anos. Tudo o que tinham, ou tiveram, eram alguns modelos femininos, mas, a julgar pelas faturas e recibos, nenhum era daquela cor. Ainda restavam cerca de vinte butikues e lojas de departamento a serem averiguadas na Suécia, quase todas em Estocolmo, Gotemburgo ou Malmö. A menos que o suéter tivesse sido comprado fora do país. O que era provável, segundo as pessoas com quem falaram, já que, levando em conta o preço, seria bem mais vantajoso. Tanto a oferta quanto a procura eram consideravelmente maiores no exterior. Mas isso foi o máximo que conseguiram.

Ainda restava a possibilidade de o suéter ter sido roubado. Com a ajuda dos computadores da polícia, elas fizeram uma lista com todos os roubos apenas de roupas que foram registrados por importadores, atacadistas, depósitos, lojas de departamento e butikues do sul da Suécia nos últimos anos. Em seguida, examinaram todos os boletins de ocorrência de assaltos a residências, roubos e objetos perdidos que conseguiram encontrar nos arquivos da polícia. Mas não havia nenhum suéter de caxemira masculino.

— Acho que não vamos conseguir ir muito além disso — lamentou uma das policiais que estava atrás da pista do tecido, quando sua colega e ela foram falar com Bäckström.

— Não é o fim do mundo — reagiu ele, dando um sorriso simpático. — O mais importante é que vocês duas tenham se divertido na missão.

As mulheres não têm senso de humor. Que belo casal de sapatonas, pensou Bäckström, quando elas saíram de sua sala. Ele olhou para o relógio de pulso, que já marcava quase três horas. Era

sexta-feira e já passara da hora de tomar a primeira cerveja do fim de semana. Mas com certeza não para o veadinho do Olsson, em pé ali, ao lado da porta, querendo falar com ele.

— Você tem alguns minutos, Bäckström?

— Claro — respondeu ele com um sorriso acolhedor. — Ainda falta muito tempo para podermos dizer que o expediente acabou.

Era evidente que Olsson estava disposto a passar algumas horas discutindo sobre as amostras voluntárias de DNA, a menos que Bäckström conseguisse interrompê-lo logo no início. Olsson estava preocupado e resolveu compartilhar sua inquietação. Com o intuito de acalmar sua ansiedade, ele resolvera perguntar a todos os principais membros da equipe de investigação o que achavam desse assunto.

— Já são quase setecentas amostras de DNA coletadas voluntariamente — informou ele, que acabara de receber de Thorén os números atualizados.

— É, estamos indo muito bem — concordou Bäckström entusiasmado. — Daqui a pouco vamos pegar o desgraçado. Falta pouco.

E agora, o que você vai dizer, seu covarde?, pensou ele.

— Você tem razão, é claro — disse Olsson, embora parecesse não ter escutado o que Bäckström falara. — O problema é que o Ministério da Justiça e a Ouvidoria Judicial estão no nosso pé. Não estou particularmente interessado no que está escrito nos jornais, é claro, mas pretendo levar em consideração essas críticas.

— Certo. Enfim, você está no comando da investigação preliminar — enfatizou Bäckström, satisfeito.

— O que quer dizer com isso?

Olsson olhou para o colega com desconfiança.

— Você sabe que estará na merda, se por acaso eles enfiarem na cabeça que querem causar problemas a alguém. Isso não vai ser nada divertido — respondeu Bäckström, dando seu sorriso mais solidário.



— Bem, esse não é o principal motivo pelo qual eu acho que deveríamos mudar nossa abordagem em relação a esse assunto, pelo menos por enquanto — disse Olsson com nervosismo.

— E que tal expandirmos nosso horizonte? — sugeriu Bäckström com um ar inocente.

— É claro que já levei isso em conta, Bäckström. Mas também tenho a impressão de que a investigação está começando a apontar para uma direção mais específica, se podemos dizer assim.

— Então, você está desistindo de coletar amostras de DNA da cidade toda? — perguntou Bäckström, alegre. — Nesse caso eu...

— É o carro que não sai da minha cabeça — interrompeu Olsson. — Acho que deveríamos suspender o plano de amostras de DNA e nos concentrar mais nas investigações a partir da pista do carro.

— Você está falando daquela centenária que não se lembra mais de quando nasceu?

— Ela tem noventa e dois anos. Talvez não essa senhora exatamente, mas ainda estamos longe de concluir as visitas de porta em porta em Högstorp. Enoksson e seus colegas costumam sempre apresentar algo novo quando terminam suas análises. O que acha, Bäckström?

— Acho que deveríamos chamar aqueles bandidos conhecidos como a Liga da Cidade de Sala, que agiam com frequência na Suécia nos anos 1930 — disse Bäckström, que acumulara todo seu conhecimento místico no *Anuário da Polícia Criminal*.

Esse era o único livro que ele lia, principalmente para verificar se usavam termos lisonjeiros para mencioná-lo nas descrições de casos que seus colegas insistiam em compartilhar com o público em geral. E sem ter que pagar, pois costumava surrupiar um exemplar no trabalho.

— Sim, eu sei quem são. Mas o que é que a Liga da Cidade de Sala tem a ver com nossa testemunha?

Olsson lançou um olhar desconfiado para Bäckström.

— Infelizmente, nada — retrucou o superintendente. — Além disso, a essa altura estão mortos, mas, nos anos 1930, eles intoxicaram uma senhora, levando-a à morte, só para roubá-la. Conseguiram um total de seis coroas suecas e 30 öre que ela escondia debaixo do colchão. O que era bastante dinheiro naquela época, Olsson.

— Você está brincando — retrucou ele.

— Nunca se sabe. Nunca se sabe.

Talvez esteja na hora de deixar Rogersson cuidar da velha, pensou Bäckström.

O superior imediato de Bäckström, Lars Martin Johansson, não tinha pensado em conferir que horas eram, embora já passasse das três da tarde de sexta-feira, e um superintendente-chefe nervoso estivesse esperando e transpirando junto de sua secretária fazia meia hora. Ele sequer lera o editorial do *Svenska Dagbladet*, pois passara a última hora tentando se familiarizar com o que Bäckström e seus colegas andavam realmente fazendo em Växjö havia um mês.

— Pode mandá-lo entrar agora — avisou Johansson à sua secretária pelo interfone.

Talvez porque o fim de semana estava próximo ou por outra razão qualquer, em menos de dez segundos o superintendente estava sentado na cadeira reservada para as visitas diante da sua grande mesa.

— Li os arquivos que você me mandou — afirmou Johansson.

— Sou todo ouvidos, chefe.

— Quero que alguém do departamento financeiro dê uma olhada neles. Marquei de vermelho as questões principais — disse Johansson, indicando a pasta que estava em cima da mesa.

— Para quando você quer isso pronto?

— Segunda-feira de manhã cedo está ótimo. Afinal de contas, já é sexta-feira — falou Johansson de forma generosa.

— Então, é melhor falar logo com eles. Antes que sumam — disse o superintendente com nervosismo, começando a se levantar da cadeira.

— Mais uma coisa — acrescentou Johansson. — Quero dar uma olhada na investigação também. Se entendi bem, o pessoal da equipe de perfilagem tem cópias dos principais arquivos, não tem?

— E para quando você quer isso, chefe?

— Daqui a quinze minutos está ótimo — disse Johansson.

— Mas, infelizmente, o expediente já terminou — respondeu o superintendente, inquieto, conferindo as horas.

— Impossível. Não são nem três e meia.

— Vou dar um jeito para que esteja pronto em quinze minutos, chefe.

— Excelente. Pode mandar entregarem tudo à minha secretária — concluiu Johansson.

Exatamente uma semana após a celebração do dia em homenagem à Rainha Silvia, na sexta-feira, 15 de agosto, um raio atingiu a cabeça do superintendente do esquadrão de homicídios da Divisão Federal de Investigações Criminais, Evert Bäckström. Pelo menos, foi assim que ele mesmo descreveu, quando estava conversando com seu amigo mais próximo, o detetive Jan Rogersson, sobre o pesadelo injusto que mais uma mulher maluca tinha lhe causado.

— Foi como se um raio tivesse caído na minha cabeça — disse Bäckström.

— Você sempre exagera — objetou Rogersson. — Conte o que realmente aconteceu. Estava bêbado, não é?

\*

Tudo começara, como sempre, de modo bem promissor, considerando que era fim de semana e o limite de horas extras os impedia de pisar no local de trabalho antes da manhã de segunda-feira. Assim que conseguiu se livrar daquele veado do Olsson, Bäckström deixou a delegacia de Växjö do seu jeito reservado de sempre e voltou andando para o hotel. Assim que entrou em seu quarto, tirou a roupa, colocou um roupão recém-lavado e abriu a primeira latinha de cerveja gelada do fim de semana. Quando Rogersson apareceu, por fim, com o rosto vermelho que nem um tomate, ele já estava virando a terceira cerveja.

— Sexta-feira, finalmente — disse o detetive abrindo uma latinha.  
— Algum plano especial para o fim de semana, Bäckström?

— Você vai ter que se virar sozinho hoje à noite — respondeu ele, que aproveitara o intervalo entre a segunda e a terceira cerveja e ligara para Carin, convidando-a para jantar.

— Companhia feminina — notou Rogersson.

Apesar de tudo, ele não era um detetive ruim.

— Primeiro, vamos comer alguma coisa na cidade, depois, pensei em colocar meu supersalame para trabalhar — explicou Bäckström, enfatizando as palavras com um bom gole de cerveja.

No início, tudo correria conforme o planejado. Bäckström e sua acompanhante comeram uma refeição razoável num restaurante perto de Storgatan, e até tomaram alguns drinques, embora ele estivesse tentando se controlar, tendo em vista o que aconteceria no fim da noite. Finalmente, foram para o hotel, e apesar de Carin, por algum motivo, não parar de repetir que eles deveriam ir até o bar, ela acabou aceitando seu convite para tomar mais um drink no quarto. A partir desse momento, os acontecimentos e detalhes não ficaram muito claros. Com certeza não o suficiente para que ele conseguisse relatá-los mais tarde a alguns dos supostos colegas carrancudos da Divisão Interna de Investigação.

— Quero lhe mostrar uma coisa — disse Bäckström, dando seu sorriso mais charmoso, antes de desaparecer no banheiro.

— Se não for demorar muito — respondeu Carin, atrás da porta enquanto bebericava do seu copo, sentindo-se, de repente, acuada.

Mais rápido que o Super-Homem na cabine telefônica, Bäckström repetira gestos similares no banheiro. Enrolando uma toalha na cintura, ele saiu pela porta se sentindo triunfal e deixou a toalha cair no chão, ao mesmo tempo que encolhia a barriga e estufava o peito. Algo totalmente desnecessário, é claro, mas, às vezes, era preciso se esforçar um pouco mais.

— O que acha disso, querida? — perguntou ele.

— Você ficou louco? Esconda essa coisinha horrível imediatamente! — gritou Carin, sentada no sofá.

Em seguida, ela pegou a bolsa e o casaco e saiu do quarto, batendo a porta com força.

As mulheres não batem bem da cabeça, pensou Bäckström. O que ela quis dizer com "coisinha"? Do que estava falando? Ele se vestiu novamente e desceu até o bar, mas a única pessoa que viu foi Rogersson, sentado num canto com uma expressão maliciosa. Na falta de algo melhor para fazer, ficou por lá e tomou mais algumas doses. E, então, quando finalmente voltou para o quarto, ligou para Carin, com a intenção de lhe desejar boa-noite e mostrar que não era o tipo de cara que guardava rancor. Mas antes que ele tivesse a oportunidade de abrir a boca, ela desligou. Ficou claro que ela também desconectara o telefone, pois Bäckström não conseguiu falar com ela nem deixar um recado. Igualzinha àquela vagabunda que me largou e deixou Egon.

Na manhã de sábado, acompanhado de Eva Svanström, Lewin pegou um trem para Copenhague. Ele vinha preparando secretamente uma surpresinha, o que a deixou agitada feito uma criança.

— Por que você não falou nada? — perguntou ela.

— Porque deixaria de ser uma surpresa.

— Isso vai ser tão emocionante! Na verdade, nunca fui a Copenhague — disse Eva.

Primeiro, eles visitaram o Tivoli Gardens, onde andaram na montanha-russa e no carrossel. Em seguida, passearam pela Strøget. Ao longo do canal Nyhavn, eles se depararam com um bar simpático, onde tomaram um autêntico café da manhã dinamarquês, com arenque, tortas e os acompanhamentos de costume. O sol brilhava tanto quanto em Småland, mas ali parecia bem suportável, e Lewin sentia-se disposto como nunca. Na verdade, ele estava se sentindo tão bem que conseguiu, enfim, abordar um assunto que andava deixando-o bastante preocupado.

— Talvez a gente devesse fazer algo sério com a nossa vida, Eva — disse ele, apertando sua mão.

— Estou bem assim — respondeu ela. — Nunca fui tão feliz quanto agora.

— Vamos pensar nisso — insistiu ele.

E então, o momento passou, mas talvez tenha sido melhor assim. Mesmo que ele nunca mais conseguisse arranjar coragem para tocar



naquele assunto outra vez.

— E aí, o que você acha do nosso novo chefe? — perguntou Eva, preferindo simplesmente mudar de assunto, em vez de encarar assuntos mais importantes. — Esse tal de Lars Martin Johansson.

— Na verdade, eu já o conhecia. Trabalhamos juntos num caso, na época em que éramos simples policiais. Deve fazer quase trinta anos. Isso foi antes de você fazer parte da polícia. O caso do assassinato de Maria. Uma mulher foi estrangulada e estuprada no próprio apartamento, lá em Enskede.

— Conte mais sobre isso — pediu Eva enlaçando seus dedos nos dele. — Como ele é? Johansson, quer dizer.

— Como policial, ele não era ruim. Os colegas dele costumavam brincar dizendo que o cara conseguia ver além do que estava na sua frente. Ele tinha uma enervante capacidade de descobrir o que estava acontecendo.

— O policial que conseguia ver além do que estava na sua frente — repetiu Eva, se divertindo. — Parece coisa de um daqueles seriados policiais na televisão. E, então, que tipo de pessoa ele era?

— Que tipo de pessoa ele era? Do tipo capaz de pisar em um cadáver sem sequer se preocupar onde estava pondo o pé.

— Argh! Isso não parece nada legal.

— Posso estar errado. Nós não temos muita coisa em comum. Talvez eu apenas não o entendesse.

— Parece ser uma pessoa complicada.

— Talvez essa habilidade de enxergar as coisas e continuar imperturbável com as consequências me assuste um pouco — confessou Lewin. — Não é assim que eles devem ser, os superpoliciais? Veem tudo, são capazes de resolver qualquer coisa e ainda assim não se preocupar com as pessoas que estão realmente envolvidas.

— Bem, se o pior acontecer, sempre poderemos pedir transferência. Solicitar uma vaga em outro lugar. Sei que estão

precisando de gente em Estocolmo. Meu antigo chefe, inclusive, entrou em contato comigo e me contou.

— É bom ter isso em mente — disse Lewin.

E, sem uma razão aparente, ele se inclinou e cheirou o cabelo de Eva, aninhando o nariz entre a bochecha e o lóbulo da orelha direita dela. Isso seria o pior que poderia acontecer, e as coisas nunca conseguiriam ser melhores do que são neste exato momento, pensou ele.

Na noite seguinte ao retorno deles de Copenhague, Lewin sonhou outra vez com aquele verão quase cinquenta anos atrás, quando ganhou sua primeira bicicleta. Uma Crescent Valiant vermelha. E seu pai tirara quase todo o verão de férias para lhe ensinar a andar nela.

A parte mais difícil era sempre quando eles já estavam quase prontos a voltar para casa. Os derradeiros vinte metros entre o portão branco do jardim e a varanda de madeira avermelhada.

— Vou soltar — grita seu pai.

Jan aperta o guidom e pedala sem parar, mas acaba derrapando sobre os cascalhos soltos. Dessa vez ele cai feio, arranhando os cotovelos, os joelhos, e a ideia de um dia aprender a andar de bicicleta de repente lhe parece sem sentido.

— Vamos, levante-se, Jan — diz seu pai, ajudando-o a se erguer e afagando seu cabelo. — Agora vamos tomar um chocolate quente, comer um sanduíche de queijo e procurar o esparadrapo.

E tudo voltou ao normal novamente.

No domingo, Johansson se esparramou no sofá na sala do seu apartamento na Wollmar Yxkullsgatan, no bairro de Södermalm, em Estocolmo. Tinha se servido de uma dose dupla de gim-tônica e bastante gelo, e começou a ler o dossiê inteiro do assassinato de Linda. Aquilo parecia que iria tomar toda a tarde, mas sua esposa saíra com uma amiga e ele não tinha nada melhor para fazer. Além do mais, considerando a importância do seu cargo, ele não poderia se aproximar mais do que isso de um caso de homicídio. Talvez eu devesse me candidatar a uma vaga na equipe de perfilagem. Ao que parece, eles estão precisando de bastante ajuda, disse a si mesmo, ao ler o perfil do assassino.

Que diabo eles estão fazendo?, pensou quatro horas mais tarde quando acabara de ler, refletir e fechar o dossiê. Qualquer policial decente teria solucionado isso semana passada.

*Växjö, segunda-feira, 18 de agosto*

Na segunda-feira, quando a busca ao assassino de Linda completou oito semanas, Bäckström começou a ficar cansado de tudo aquilo. Eles não conseguiam coletar mais nenhuma amostra de DNA, apesar de até mesmo um idiota como Olsson saber que, se não fossem capazes de pegá-lo de outra forma, eles acabariam conseguindo se continuassem coletando as amostras. Também não havia qualquer pista concreta à qual pudesse se agarrar. Nenhuma descoberta ou assassinos potenciais em que pudesse pôr as mãos. Tudo o que tinham era uma centenária maluca que não conseguia se lembrar do próprio aniversário e que achava o assassino parecido com alguém que não existia. Sem falar de todas as outras “testemunhas” que não tinham visto, ouvido nem pensado em coisa alguma, e também os lunáticos de sempre e os doentes mentais com suas premonições e mensagens do além. Mas que diabo ele estava fazendo ali? Aquele era um lugar totalmente inadequado para um policial decente, e já tinha passado da hora de arrumar as malas e voltar para Estocolmo.

Além disso, aquela cidade era muito escura. E agora todos os jornais, canais de televisão e estações de rádio pareciam dedicar seu tempo a ensinar a ele e seus colegas como deveriam fazer seu trabalho. E, é claro, os chefes chamavam a atenção pela sua ausência, quando se tratava da defesa de seus soldados da infantaria, ou seja, os policiais diretamente envolvidos no caso. Como acontecera havia pouco tempo com aquele desgraçado da

Lapônia, que sequer o maior jornal vespertino conseguira encontrar para obter uma declaração. Se é que alguém acreditava no que estavam contando, e Bäckström achava que, nas atuais circunstâncias, tudo parecia bem verossímil.

E como se tudo isso não bastasse, a policial Sandberg apareceu de repente em sua sala. Ela fechou a porta e sussurrou uma explicação para estar ali.

— Registraram uma queixa contra você hoje de manhã.

— E o que foi que eu fiz desta vez? — perguntou Bäckström. — A não ser tentar fazer o meu trabalho?

Talvez eu tenha estourado o orçamento da Divisão Federal comprando tantos cotonetes, pensou ele.

Tentativa de estupro, segundo a ocorrência. Assédio sexual, de acordo com o policial que registrou a queixa, e, por razões de segurança, a deixaram em cima de uma pilha de outras semelhantes.

— Você está brincando comigo? — questionou Bäckström, embora já tivesse entendido o que estava acontecendo.

Mais uma dessas vagabundas malucas, pensou ele.

Infelizmente, não, segundo Sandberg. O relatório dizia que, no dia 15 de agosto, tarde da noite, Bäckström tinha feito o que de fato fizera em seu quarto no Town Hotel, e mais uma série de coisas que ele na verdade não fizera. A vítima, Carin Ågren, era uma jornalista que trabalhava na rádio local de Växjö e tinha quarenta e dois anos. A pessoa que fizera a queixa era uma amiga próxima dela, coordenadora de um serviço de aconselhamento por telefone para as mulheres da cidade, Moa Hjärtén. O único lado bom é que não tinham conseguido entrar em contato com a suposta vítima, Ågren, e também, como acontecia com frequência, não havia testemunhas.

— Não faço a menor ideia do que você está falando — afirmou Bäckström. — Nunca toquei nessa mulher.

O que era totalmente verdade, pensou ele.

— Não estou cuidando desse caso — respondeu Sandberg, balançando a cabeça numa postura defensiva. — Só achei que essa informação pudesse ser útil para você.

— Tenho uma vaga lembrança dessa tal de Hjärtén. Não é uma gordinha inquieta, que usa um vestido rosa bem velho? Eu a conheci aqui, na delegacia. Com certeza é uma das colegas de Olsson.

— Bem, agora você já sabe.

— Foi gentil da sua parte, Anna. — Bäckström a presenteou com seu sorriso mais afável. — Nesta profissão, temos que aguentar um monte de merda.

E eles não têm testemunha, pensou o superintendente.

\*

Não tinha sido muito fácil encontrar a anestesista. Assim que voltou ao trabalho, precisaram dela no setor cirúrgico, e só no final da tarde a mulher conseguiu arranjar tempo para falar com Lewin. Desde que fosse realmente importante. Desde que não fosse algo que entrasse em conflito com seu juramento de sigilo médico. A iniciativa para aquele encontro também deveria partir dele, já que não queria dizer pelo telefone do que se tratava.

Mas assim que ele se sentou em seu consultório no hospital, tudo correu tranquilamente, e os resultados foram melhores do que o esperado. Jaleco branco, estetoscópio no bolso. Cabelo louro e curto, magra, em boa forma, olhos azuis e atentos com um brilho que revelava precaução, discernimento e humor. Uma mulher atraente, pensou Lewin.

Sem se ater aos detalhes ou motivos, Lewin explicou rapidamente qual era sua preocupação. Se ela havia recebido alguma ligação estranha. Ele estava interessado em ligações fora do comum, que ela podia ter recebido na noite antes de sair de férias, ou de manhã cedo, no seu primeiro dia de folga.

— Isso tem relação com aquele assassinato da estagiária da polícia, não tem?

Ela o olhava com uma expressão questionadora, e por trás dos seus olhos azuis, parecia raciocinar bem rápido.

— Eu não disse isso — respondeu Lewin, esboçando um leve sorriso.

Ela é atraente demais, pensou ele.

E de fato não dissera. Havia sido ela quem dissera, e sem esperar por uma resposta, pois tinha sido capaz de descobrir sozinha. Vinte e quatro horas atrás, ao chegar de férias do exterior, ela não fazia a menor ideia do assassinato de Linda. Depois de ler os jornais velhos e de ir algumas vezes até a sala dos funcionários do hospital, ela sabia tanto quanto qualquer pessoa.

— Eu nunca tinha conhecido um detetive de homicídios de verdade. Pelo menos, não da Divisão Federal.

— Deve ser uma boa experiência — comentou Lewin.

— Por isso, sua presença aqui quase me deixa contente.

— Obrigado — agradeceu Lewin, se perguntando aonde aquela conversa estava indo.

— Parece que você nasceu para isso. Não é o que vocês costumam dizer? Enfim, talvez eu possa ajudar. Não que eu saiba o motivo, mas vou contar o que aconteceu.

Era raro ela receber ligações de quem não conhecia, e praticamente todos os telefonemas que recebia tinham relação com o trabalho. Algumas vezes, eram engano, mas, em geral, ela logo se esquecia dessas. E nunca tivera que lidar com ligações desagradáveis, desde que se mudara para Växjö, dois anos antes.

— Nenhuma respiração ofegante do outro lado da linha — explicou ela. — Felizmente, é porque meu número não está na lista telefônica, e não porque estou velha demais.

Havia uma razão para ela se lembrar do tal telefonema. A anestesista aceitara ficar de plantão na sexta-feira de manhã, antes



de ir para o aeroporto de Copenhague, porque o pai de um dos seus colegas sofrera um ataque cardíaco repentino.

— O telefone tocou no meio da noite, e imaginei que minhas férias tinham ido para o espaço.

No meio da noite? Não conseguia lembrar a hora exata?

— De acordo com o despertador ao lado da cama, eram duas e quinze da manhã — disse ela, sorrindo para o olhar surpreso de Lewin. — Acho que você está se perguntando como me lembro disso.

Lewin retribuiu seu sorriso. Acho que para ela eu poderia perguntar sua data de aniversário, pensou Lewin.

As horas são muito importantes na vida dos anestesistas, ainda mais quando se trata de ligações à noite, que costumam ser do trabalho. Além disso, ela tinha uma memória excelente para números e, felizmente, havia um bloco de notas e uma caneta ao lado do telefone. A primeira coisa que fez foi anotar o horário da ligação. Só depois atendeu.

— Eu tinha tanta certeza de que era uma ligação do trabalho, que atendi por puro reflexo. E só para deixar claro que estavam a ponto de sabotar minhas férias, assim como meu sono de beleza, fiz o possível para soar como se ainda estivesse dormindo.

— Você não disse seu nome ao atender?

— Não. Tudo o que falei foi um “alô” bem arrastado e sonolento, apesar de estar totalmente acordada. Imaginei que aquilo bastaria.

— E então, o que a pessoa do outro lado da linha disse? — perguntou Lewin. — Você se lembra?

Foi um homem que ligou. Ele parecia feliz, gentil, sóbrio, e, a julgar pela voz, devia ter aproximadamente a mesma idade que ela.

— Primeiro, ele disse alguma coisa em inglês. “Quanto tempo”, ou coisa parecida, depois falou que esperava não ter me acordado. Eu ainda estava achando que era alguém do trabalho, tentando parecer engraçado, porque eu ia viajar de férias para os Estados Unidos. E então, de repente, comecei a pensar melhor.

— E por que isso?

— Porque achei que minhas férias estavam indo para o espaço e provavelmente eu tinha sido bem grosseira. Perguntei quantas pessoas e o que tinha acontecido dessa vez. Quando ligam a essa hora da noite, geralmente é porque ocorreu um acidente de carro.

— E aí, o que ele disse?

— Ele, de repente, também pareceu perplexo. Era como se tivesse se dado conta de que tinha ligado para o número errado. Perguntou quem estava falando e eu quis saber com quem estava tentando falar. Foi mais ou menos a essa altura que percebi que não era uma ligação do hospital, era apenas um engano no meio da noite.

— E ele disse mais alguma coisa?

— Disse, sim. Primeiro perguntou se aquele era o número do telefone de Ericson. Estranhei essa pergunta, é por isso que lembro tão bem. Na verdade, me recordo de ter pensado naquela confusão envolvendo uma companhia telefônica, e que então se tratava de alguém que havia se enganado de número. Àquela altura, eu já estava irritada, por isso respondi apenas que ele devia ter ligado para o número errado. Depois, ele se desculpou, parecendo bastante sincero, e fiquei feliz novamente, porque minhas férias estavam salvas. Então eu disse que não tinha importância, desde que promettesse que não faria isso outra vez.

— E isso foi tudo?

— Não — respondeu a anestesista, balançando a cabeça. — Ele disse mais uma coisa, e por ter falado de um jeito tão encantador, eu não esqueci.

— Tente ser o mais precisa possível — pediu Lewin, verificando se seu minigravador estava funcionando adequadamente.

— Ok. Ele disse alguma coisa sobre aquele não ser um bom momento para marcarmos um encontro às cegas. Foi isso mesmo: “Imagino que não seja um bom momento para marcarmos um

encontro”, foi isso que ele disse. Ou algo bem parecido com isso. Sua voz parecia sedutora e agradável.

— Feliz, sóbrio, gentil, encantador — resumiu Lewin.

— Exatamente. Se ele não tivesse ligado no meio da noite, quem sabe o que poderia ter acontecido. Lembro que custei a voltar a dormir. Fiquei imaginando se ele seria tão gentil, encantador e bonito quanto sua voz sugeria.

— Você ficou esperando que ele ligasse de novo?

— Bem, não estou assim tão desesperada. Ainda não, pelo menos.

— E ele não ligou outra vez?

— Não enquanto eu estava de férias — respondeu ela, dando de ombros. — Só recebi as mesmas mensagens chatas de sempre.

Talvez ele tivesse outras coisas em mente, pensou Lewin. Senão, provavelmente teria ligado de volta, se é o tipo de homem que penso que é.

— Se você se lembrar de mais alguma coisa, por favor, me avise — disse ele, entregando-lhe seu cartão.

— Claro — concordou ela, olhando para o cartão e guardando-o no bolso de cima do seu jaleco. — E, se você quiser, posso lhe mostrar os encantos de Växjö. É só me ligar. Afinal de contas, você já tem meu número.

\*

Assim que Lewin voltou para a delegacia, ligou para um velho amigo que estava trabalhando como inspetor no Departamento de Segurança Nacional, e que por acaso lhe devia alguns favores. De início, eles ficaram jogando conversa fora, falando sobre amenidades, mas assim que passaram dessa fase, Lewin foi direto ao ponto.

Não era um assunto de segurança nacional, mas ainda era um crime grave. Tratava-se de rastrear um telefonema em particular, mas dessa vez, ele sabia exatamente a que horas e para qual número tinha sido feito. Ele precisava saber de que número a ligação fora realizada, a quem pertencia essa linha e, se não fosse pedir demais, quem fizera a chamada.

— Isso tem a ver com o assassinato daquela estagiária da polícia, não tem? — indagou seu velho amigo. — Considerando que é você quem está pedindo, e é uma chamada feita para um número de Växjö.

— Isso mesmo. E quanto tempo você acha que isso pode levar?

Supondo que a informação de Lewin estivesse correta, e que a chamada tivesse sido feita às duas e quinze na madrugada do dia 4 de julho para o número fornecido, seria possível apurar o caso quase que imediatamente.

— Entro em contato com você amanhã — disse o homem. — Mas cruze os dedos, pois tenho certeza de que você sabe, tão bem quanto eu, que hoje em dia costumam usar celulares pré-pagos, o que torna praticamente impossível descobrir quem fez a ligação.

— Sinto que este não será o caso — respondeu Lewin.

Não desta vez, pensou ele.

No quartel-general da polícia em Kungsholmen, Estocolmo, quatrocentos quilômetros ao norte de Växjö, o diretor da Divisão Federal de Investigações Criminais sentia sua pressão arterial aumentar. E o principal motivo, em termos estritamente objetivos, era o caso menos importante dentre todos que se acumulavam em sua mesa. A viagem extravagante de Bäckström e sua equipe para Växjö, pensou Lars Martin Johansson.

Ele conversava com uma bela jovem do departamento financeiro que passara todo o fim de semana tentando solucionar as interrogações em vermelho ao lado das partes que Johansson destacara nos documentos que ela havia preparado para ele. Infelizmente, sem sucesso. Ainda havia várias notas fiscais peculiares, envolvendo desde a manutenção de equipamentos e material para reuniões até as habituais contas de bares e restaurantes de encontros com informantes anônimos. Tudo verificado pelo superintendente Bäckström, totalizando quase vinte mil coroas suecas. Havia também alguns saques de dinheiro sem explicação, feitos pelo mesmo Bäckström, que chegavam a quase doze mil coroas suecas, além das despesas comuns de deslocamentos cujos custos, excluindo salários e a previdência social, estavam alcançando cerca de trezentas mil coroas suecas.

— Cá entre nós, do que se trata tudo isso? — perguntou Johansson, incentivando-a a falar.

— Alguém foi pego com a boca na botija. E como isso vai ficar só entre nós dois, posso dizer que acho que não é a primeira vez. Além disso, também reconheci o nome de quem verificou essas despesas.

— Você já viu piores? — perguntou Johansson, sentindo-se repentinamente mais inteligente do que de costume.

— Bem piores — respondeu a moça do financeiro, com ênfase e emoção. — Ao longo desses anos, tenho visto várias notas fiscais extravagantes.

— Qual foi a mais extravagante? — indagou Johansson por curiosidade.

— Durante o último ano fiscal, tinha uma que se referia a duas toneladas de feno. Isso foi no inverno passado, mas não foi uma coisa assim tão cara. Alguns milhares de coroas suecas, se lembro bem.

— Posso imaginar quem autorizou essa compra — resmungou Johansson.

— Aparentemente, a Divisão de Intervenção Rápida precisava disso para um treinamento. Afinal de contas, como eles vivem pulando de alguns lugares, imagino que precisassem de alguma coisa para amortecer as quedas. Mas, olhe só, a conta de lavanderia do superintendente Bäckström, em Växjö, também não é nada mal. Até pedi uma análise de custos. Tenho marido e três filhos que estão sempre sujando as roupas, mas cá entre nós, comparados a Bäckström, eles não passam de amadores.

— Conte mais sobre isso — pediu Johansson, ansioso.

No mesmo dia em que o superintendente Bäckström chegou a Växjö, um dos seus assistentes levou a roupa suja dele para a lavanderia do hotel. Essas peças foram devolvidas alguns dias depois. A nota fiscal tinha sido autorizada por Bäckström e, de acordo com uma anotação feita à mão, ela se referia à "manutenção de equipamentos, decorrente do cumprimento da missão". Segundo a análise de custos requisitada por um funcionário do departamento financeiro, que, por alguma razão, não foi anexada à nota fiscal, a

roupa suja incluía: vinte e sete cuecas, duas ceroulas masculinas, trinta e uma camisetas masculinas, quatorze pares de meias, nove gravatas, quatro suéteres de manga comprida, quatorze camisas, três calças, dois shorts, um casaco e um conjunto de três peças incluindo terno, colete e calça.

— Um colete? — questionou Johansson, sorrindo feito uma criança. — É isso mesmo que está escrito aí? Um colete?

— Um colete — confirmou a mulher do financeiro, se divertindo quase tanto quanto o chefe. — Acho que já vi. É uma peça marrom em risca de giz. Bäckström tem fama de não trocar de roupa todos os dias, o senhor sabe.

— Fantástico! — disse Johansson, parecendo, de fato, animado. — Muito bem, vamos fazer o seguinte...

\*

Quando Johansson se encontrou com o superintendente-chefe e superior imediato de Bäckström, o homem estava de excelente humor. Ele não fazia ideia do motivo que o levara a ter sido chamado ali, tivera pesadelos com Johansson por três noites seguidas e, após ter sido convocado, passara todo o tempo temendo essa reunião. Para ele era realmente como uma experiência de quase morte.

— Vamos ver, disse um homem cego — brincou Johansson, folheando vários papéis com uma expressão alegre. — Imagino que não queira um café, não é? — perguntou ele inclinando a cabeça de forma inquisidora.

— Não, obrigado. Estou bem — garantiu o superintendente-chefe.

Esse cara deve ser um tremendo sádico, pensou ele. Será que está me obrigando a fazer uma última refeição de baixo custo? Uma xícara de café e um biscoito?

Havia três coisas que Johansson estava tentando entender. Por que o superintendente-chefe mandara especificamente esses seis

policiais para Växjö? Por que designara Bäckström para comandar a equipe? E qual ou quais desses policiais passaram uma longa noite no hotel assistindo a filmes pornô? Era provável que este fosse o item mais básico da longa lista de coisas terminantemente proibidas quando se está em serviço e o seu empregador, a Divisão Federal de Investigações Criminais, está bancando a conta.

Segundo o superintendente-chefe, o assunto era bem mais complicado do que isso. Para começar, ele mesmo não mandara ninguém para Växjö. Conforme já explicara, com todo o respeito, ele estava de férias e a decisão havia sido tomada pelo predecessor de Johansson, Nylander. Por que Nylander escolhera Bäckström como chefe das operações era algo que ele não sabia explicar, e, com relação aos filmes pornô, esse assunto ainda estava sendo investigado.

— Entendo — interrompeu Johansson. — Mas com certeza você refletiu um pouco sobre isso, não é? Sei que Jan Lewin também foi para lá. Por que ele não está no comando? Na época em que o conheci, era um policial bastante competente.

— Ele não gosta de estar no comando. Pelo que entendi, Nylander pediu para sua secretária chamar Bäckström. Por que ele em particular, ainda não está claro. A missão foi dada a Bäckström e coube a ele reunir os policiais que estivessem disponíveis no momento. Com exceção dele, que com certeza tem suas idiossincrasias, realmente não há nada errado com os outros. Lewin, por exemplo, tem experiência e é competente. Deve ser um dos melhores investigadores criminais deste país.

— É. Pode ser — disse Johansson. Já vi melhores, pensou. — Isso vale para Rogersson também. Pelo que entendi, a fatura dos filmes pornô foi ligada ao quarto dele.

— Mas ele estava em Estocolmo. Deixou o carro que usa aqui na garagem, na noite de sexta-feira, e voltou a sair com ele na hora do almoço de domingo. Então, não pode ter sido Rogersson.

— Descubra quem foi — ordenou Johansson.



- Prometo fazer o possível — disse o superintendente-chefe.
- Basta descobrir quem foi. Assim poderei expulsá-lo desta divisão e substituí-lo.

Quando Jan Lewin leu o *Småland Post* na manhã seguinte, a primeira página estampava uma foto enorme do diretor de compras, Roy Edvardsson, de quarenta e oito anos. A julgar pela fotografia, era um homem gordinho no auge da vida, vestindo os trajes clássicos do verão sueco: sandálias com meias, bermuda até os joelhos, camisa listrada de manga curta e um boné xadrez leve, em consonância com a época do ano. Edvardsson estava confortavelmente apoiado em seu carro, uma Mercedes, irradiando confiança e sucesso financeiro. Ele nascera, fora criado e continuava morando em Småland.

Ele aparecia no *Post* em uma longa reportagem que cobria o fato de o Departamento de Controle e Regulação dos Alimentos ter feito uma extensa pesquisa que descobrira que os moradores de Småland, ao fazerem compras, eram menos propensos, em relação a outros suecos, a comprar produtos orgânicos ou ecologicamente corretos. E isso apesar dos esforços extraordinários da cidadã mais ilustre da cidade, a escritora Astrid Lindgren, para libertar as galinhas do cercado e dar aos porcos uma vida feliz até o Natal.

A repórter do jornal saíra às ruas e fizera uma breve pesquisa na qual perguntava às pessoas suas opiniões sobre alimentos e produtos orgânicos e ecologicamente corretos. As respostas que recebeu da maioria dos entrevistados pareciam corroborar as descobertas do Departamento de Controle e Regulação dos Alimentos, e o motivo dessas opiniões negativas era bem claro.

Alimentos orgânicos e ecologicamente corretos eram mais caros do que os comuns, ainda que tudo quanto é comida tenha o mesmo sabor hoje em dia.

Mas nada disso interessava Roy Edvardsson, que, apesar de sua profissão, estava totalmente alheio à questão.

“Não me pergunte isso”, dissera Edvardsson na reportagem. “Nunca faço as compras em casa. Quer dizer, já sou casado há muitos anos.”

Eu achava que não existiam mais homens assim, pensou Lewin, perplexo, enquanto pegava a tesoura para poder acrescentar aquela rápida percepção da vida de Roy Edvardsson ao seu álbum de lembranças de Växjö.

Assim que acabou de tomar café da manhã, Lewin seguiu os passos de seu colega, e como não tinha mencionado isso para ele, cada passo pesava em sua consciência. Primeiro, ele foi visitar o oculista da testemunha de noventa e dois anos, para determinar de uma vez por todas como era a visão dela.

Era um homem de aproximadamente sessenta anos, e vendia óculos para a testemunha havia mais de trinta. No total, isso equivalia à venda de dois óculos e alguns pequenos consertos, não se tratando, portanto, de uma cliente tão importante. Já se passaram seis anos desde a última vez em que ela o procurara. O exame feito naquela ocasião mostrara que os óculos que ela comprara cinco anos antes continuavam perfeitamente adequados. E foram adquiridos pouco depois de seu octogésimo aniversário, apenas porque ela precisava de uma armação nova.

A testemunha era míope, mas já nascera assim e pelo visto a deficiência não havia piorado consideravelmente com o passar dos anos. Supondo que estivesse usando os óculos, e que sua visão não tivesse se deteriorado de forma drástica desde a última visita ao oculista, ela deveria ter a acuidade visual de uma pessoa normal, tornando-a capaz de reconhecer alguém a cerca de vinte metros, de acordo com o oculista. Se não estivesse com os óculos, isso não teria sido possível. Estava fora de questão. Da mesma distância, sem os óculos, ela seria capaz de distinguir movimentos e a diferença

entre uma pessoa e um cachorro, mas provavelmente não conseguiria discernir um cachorro de um gato.

No entanto, havia um problema diferente com os idosos e sua visão, que estava além do alcance da oftalmologia, mas que fazia parte do dia a dia dessas pessoas. Por isso, todo médico consciente precisava levar essa questão em consideração.

— A visão dos idosos é afetada de forma bem distinta, de acordo com suas condições físicas e mentais em geral. Eles sofrem bastante com vertigens e visão dupla, além de serem mais sensíveis às mudanças de luz. Também podem ficar bem confusos, misturando as coisas, mas depois isso passa e a visão volta ao normal. Eles vêm aqui e experimentam novas lentes, e às vezes conseguem até ler as últimas linhas do quadro com as letras, e então voltam para experimentar os óculos prontos e, de repente, sequer conseguem ler as primeiras linhas, porque dormiram mal ou discutiram com os filhos, algo assim.

— Mas supondo que estivesse em condições normais e com os óculos, ela seria capaz de reconhecer uma pessoa a essa distância? Ainda mais alguém que já vira antes?

— Seria, sim. Mas aí entra a questão mental. Os idosos se confundem e acham que estão vendo alguém que conhecem, possivelmente devido a algumas semelhanças superficiais, e depois, descrevem a pessoa que conhecem, e não a que, de fato, viram. Não sou médico, mas já vi e ouvi falar de vários exemplos assim ao longo desses anos.

A evidência está apontando para os dois caminhos, pensou Lewin um pouco depois, ao respirar fundo e tocar a campainha do apartamento onde a testemunha morava. Ele pedira que Eva ligasse avisando a idosa de sua visita. Talvez por isso ela sequer se deu o trabalho de espiar pelo olho mágico antes de abrir a porta.

— Meu nome é Jan Lewin. Sou superintendente da Divisão Federal de Investigações Criminais — apresentou-se ele, exibindo seu distintivo e sorrindo com o máximo de confiança possível.

Ela parece bem animada, pensou ele.

— Entre, entre — disse a senhora, indicando o caminho com a bengala.

— Obrigado.

Uma pessoa sã, pensou ele, sentindo um ímpeto de esperança.

— Eu que deveria lhe agradecer, superintendente — disse a Sra. Rudberg. — Você não está aqui por acaso, não é mesmo? A mocinha que passou aqui antes era apenas uma policial comum, não era?

Os dois começaram falando sobre a data de aniversário dela e ficou claro que a testemunha havia se deparado com o mesmo tipo de padre que registrara a avó de Lewin. Alguns anos se passaram até que seus pais perceberam o erro e lhe contaram.

— Provavelmente foi quando eu estava prestes a entrar na escola que meu pai se deu conta de que o padre registrara a data errada — explicou ela. — Mas, naquela época, já tinha surgido um novo padre, que não quis alterar algo que já estava registrado. Então acabou ficando assim.

Ela passou um tempo chateada por sua data de nascimento ter sido registrada no mês errado. Mas, conforme foi ficando mais velha, aquele mês a mais passou a importar menos, e quando chegou na idade de se aposentar, ela ficou até agradecida pelo erro do padre.

— Ganhei um mês a mais de pensão — disse ela, sorrindo para Lewin. — Então fiquei quieta e aceitei com gratidão.

Essa história sobre a troca das datas do seu aniversário nunca causara qualquer problema prático. Ela sempre festejara no dia 4 de julho, e só não explicou o erro do padre para a policial com quem conversara porque não pensara nisso. Às seis horas da manhã do dia 4 de julho ela estava sentada numa poltrona na varanda. Era algo que fazia na maior parte dos dias de verão, mas como aquela era uma ocasião especial, ela levou um pedaço de bolo para acompanhar seu café de sempre.

— Até coloquei tudo em uma bandeja para não ficar entrando e saindo. Tenho que usar a bengala, sabe?

Ainda faltava esclarecer uma coisa, mas como posso abordar esse assunto?, perguntou-se Lewin.

— E, é claro, superintendente, você deve estar se perguntando se eu estava com meus óculos — disse ela, piscando por trás das lentes.

— Estou mesmo — respondeu ele, dando um sorriso cordial. — A senhora estava com os óculos, Sra. Rudberg?

De acordo com a testemunha ela estava, sim. A última coisa que sempre fazia quando se deitava à noite era tirá-los e deixá-los em cima da mesinha de cabeceira para encontrá-los facilmente pela manhã. E a primeira coisa que fazia toda manhã, antes de sair da cama, era colocá-los de volta.

— Superintendente, o que eu ia fazer na varanda sem meus óculos? Sinceramente! Duvido que eu conseguisse chegar até lá sem eles.

Agora nos resta abordar o homem que ela vira mexendo no carro lá no estacionamento. Isso está indo muito bem, pensou Lewin.

Ligeiramente baixo, moreno, apressado e ágil. Em boa forma física, como as pessoas dizem hoje em dia. Bonito, com a mesma aparência que os homens costumavam ter quando ela era jovem.

— Mas, veja bem, superintendente, naquela época eles não precisavam malhar tanto para se manter em forma.

Lewin quis saber a idade do homem.

A idade que homens bonitos daquele jeito tinham na época em que ela costumava paquerá-los, quando era alguns anos mais jovem do que eles. Homens eram sempre alguns anos mais velhos, não é mesmo? E esse ainda parecia ser o caso, se ela havia entendido direito.

— Devia ter entre vinte e cinco e trinta anos, talvez — concluiu.  
— Mas, veja bem, hoje em dia, todos parecem jovens, então pode ser que ele fosse um pouco mais velho que isso.

— E a senhora achou que ele era alguém conhecido?

— Achei que fosse, mas me enganei redondamente.

— Como assim?

— Devo tê-lo confundido com outra pessoa.

— Entendo. Mas então, como...?

— Um dia desses, eu estava falando com o zelador do prédio. Ele veio aqui me ajudar com a geladeira, que estava fazendo um barulho horrível que quase me impedia de dormir à noite, e nós conversamos sobre aquele carro. Provavelmente tinha sido roubado, porque falaram sobre isso no rádio, e acabei mencionando o que disse para a policial, que devia ser o filho do piloto que pegara o carro para dirigir até o campo.

— Entendo — disse Lewin, assentindo para incentivá-la a prosseguir.

— Mas devo ter me enganado redondamente — repetiu ela —, porque ele não tem um filho. Por isso eu estava totalmente errada. Errar é humano, era o que o meu velho pai teria dito.

— Então ele provavelmente a fez se lembrar de outra pessoa?

— Deve ter sido isso. Afinal, se ele diz que não tem filho, então não tem.

— O zelador sabia que o seu vizinho, o piloto aposentado que era dono do carro, não tinha um filho, Sra. Rudberg?

— Se existe alguém que sabe dessas coisas, esse alguém é ele — afirmou a testemunha com firmeza. — Ele sabe tudo sobre todos que moram aqui. Claro que sabe. Aquele piloto tem duas filhas. Tenho certeza, e o zelador e eu concordamos plenamente quanto a isso. E não foi nenhuma delas que eu vi. Não estou tão caduca assim. Ainda não.

— Agradeço por ter refletido sobre o assunto, Sra. Rudberg. Talvez a senhora estivesse pensando em outra pessoa que mora por aqui, não? Alguém que conhece? Ou que pode ter visto antes e que se parece com essa pessoa?

— Não — respondeu a testemunha, balançando a cabeça. — Já pensei bastante sobre isso, mas a única pessoa que veio à minha



mente é aquele ator. O que fez *E o Vento Levou*. Clark Gable, mas sem o bigode, é claro.

— Clark Gable sem o bigode — repetiu Lewin.

— Mas suponho que dificilmente tenha sido ele.

— Não. Não parece muito provável.

— Nem um pouco provável — concordou a testemunha. — Porque ele deve estar com a mesma idade que eu. Aliás, ele já morreu, não?

— Acho que sim. Tenho a impressão de que já faz um tempo que morreu.

— Então é mesmo impossível que eu o tenha visto.

\*

Ao voltar a pé para a delegacia, Lewin se sentiu melancólico outra vez. Aquele apartamento abafado, as fotos de família, amigos e parentes, todos mortos. Aquele odor especial que as casas das pessoas mais idosas têm, não importa se estejam meticulosamente limpas ou que seus moradores viverão ali por mais vinte anos ainda. Mas ela era uma mulher de noventa e dois anos, saudável e bem atenta para alguém da sua idade, ainda capaz de morar sozinha, fazer seu próprio café e até mesmo carregar uma bandeja só com uma das mãos. Nada de cadeira de rodas nem de corrimão de segurança, apenas a energia e a força que eram capazes de levá-la até a varanda com uma simples bengala com ponta de borracha.

A casa era bem diferente das antessalas da morte que os abrigos para idosos ofereciam aos menos afortunados, muitos deles consideravelmente mais jovens do que a testemunha. Assoalhos de linóleo, a televisão ligada sempre no mesmo canal, peixe ensopado e sopa, alguém lhes enfiando uma colher na boca, uma cama à noite com o encosto levantado para sustentar uma coluna torta e aliviar os pulmões cansados. E a única libertação possível era que tudo

aquilo terminasse. Se a pessoa ainda tivesse consciência de que o fim a aguardava, totalmente indiferente a quem poderia ter sido, quando ainda tinha uma vida pela frente.

\*

— Ele se parecia com Clark Gable? — perguntou Sandberg, uma hora mais tarde.

— Mas sem o bigode — acrescentou Lewin com um sorriso fraco.

— Na verdade eu consegui uma foto recente do genro do piloto. Ele se chama Henrik Johansson e tem trinta e oito anos. É o oficial de operação de voo casado com a filha mais nova — disse ela.

— Como é a aparência dele, então?

— Nada a ver com Clark Gable, e fique sabendo que você está falando com alguém que assistiu *E o Vento Levou* inúmeras vezes. O que você acha de fazermos um retrato falado? Não temos outra pista mesmo...

— Que Deus nos ajude — disse Lewin, balançando a cabeça.

Um retrato falado do Clark Gable? Poderíamos nos virar apenas tirando o bigode dele, pensou Lewin, se sentindo um pouco mais animado.

\*

Olsson pedira para conversar em particular com Bäckström, mas o assunto já havia sido revelado ao superintendente na véspera por Anna Sandberg.

— É, já ouvi falar — disse Bäckström alegremente. — É aquela mulher maluca de vestido cor-de-rosa que conheci na reunião para a qual você me chamou. Foi a única vez que estive com ela, e me atrevo a dizer que não voltarei a vê-la tão cedo. Por falar nisso, vocês são bons amigos?

— Escute, Bäckström, não me entenda mal — retrucou Olsson, erguendo as mãos num gesto defensivo que se tornara uma de suas marcas registradas. — Eu só queria avisar, nada mais, no caso de você ouvir algum rumor desagradável.

— Infelizmente, fui obrigado a me acostumar com esse tipo de coisa ao longo dos anos. Por acaso você sabe, Olsson, quantos de nossos colegas policiais são atualmente alvos de queixas registradas pelos bandidos e pelas almas confusas que tentamos manter sob controle?

— Vários, eu diria.

— Cerca de dois mil — respondeu Bäckström, sendo enfático. — Quinze por cento de toda a força policial, e praticamente recebemos todas essas queixas só porque estávamos tentando fazer nosso trabalho. E você sabe quantos foram condenados?

— Não muitos.

— Boa tentativa, Olsson. Um ou dois por ano, menos de um a cada mil policiais, apesar de essas pessoas terem feito o máximo para arruinar as reputações deles.

— Pois é, a situação não é nada boa. — Olsson fez um movimento para se levantar.

— Acho que eu deveria falar com o pessoal do sindicato e preparar uma queixa por calúnia.

— Contra a suposta vítima?

— Não, contra a piranha maluca de vestido cor-de-rosa. De qualquer maneira, acho que nem teve vítima. Então pense se devemos fazer uma queixa contra ela. Contra a mulher de vestido cor-de-rosa, quer dizer.

Segura essa agora, seu babaca, pensou Bäckström.

— Acho que isso não vai ser preciso — disse Olsson, levantando-se para ir embora.

\*

— E então, como Bäckström reagiu? Ele tinha algo a dizer em sua própria defesa? — perguntou o comissário de polícia cinco minutos depois.

— Ele pareceu não entender — respondeu Olsson, suspirando. — Acha que devíamos prestar uma queixa contra Moa Hjärtén por calúnia. Ele falou que vai entrar em contato com o sindicato.

— E é mesmo necessário? — resmungou o comissário. — Por falar nisso, você conversou com a vítima?

— Só por telefone — disse Olsson.

— E o que ela disse?

— Ela não quis falar sobre isso, e não está pensando em oficializar a queixa. Mas estou totalmente convencido de que tem alguma coisa por trás disso.

— Com certeza — concordou o comissário. — É o que costuma acontecer, mas ainda estamos falando de um colega policial, e se a vítima está se recusando a oficializar uma denúncia, realmente não sei o que podemos fazer.

— Talvez você pudesse falar com o novo chefe do Bäckström — sugeriu Olsson. — Aquele tal de Johansson.

— Você está se referindo a Lars Martin Johansson, nosso novo DDF?

— Isso mesmo. Ele vai ficar sabendo mais cedo ou mais tarde, de qualquer maneira.

— Prometo que vou pensar no assunto.

O que está acontecendo com Olsson? Devo ter me enganado completamente sobre ele, pensou o comissário.

\*

Naquela tarde, pouco antes de voltar para o hotel, o amigo de Lewin que trabalha na Segurança Nacional retornou sua ligação para dar detalhes do telefone que tentava identificar.

— Você está com sorte, Jan. É um celular rastreável. Foi registrado em Växjö e, se você puder me dar mais um dia, vou conseguir dizer quem é o atual dono da linha. Ainda preciso fazer algumas pesquisas.

— Se não se importar em seguir com isso, eu agradeço muito. Desde que não cause nenhum problema para você — disse Lewin.

Problema algum, segundo seu velho amigo. O Departamento de Segurança Nacional tinha um excelente contato com uma pessoa em um cargo estratégico na prefeitura de Växjö. Portanto, ele só precisava de mais vinte e quatro horas.

— Ótimo. Muito obrigado — agradeceu Lewin.

— Não tem problema. Amanhã ligo para você e dou o nome dele.

— Ótimo, muito obrigado — reforçou Lewin.

Pode ser que funcione ou não, mas, quem sabe, talvez possa dar certo, pensou ele, antes de sentir outra vez aquela velha melancolia familiar. A sensação que costumava invadi-lo quando achava que estava a ponto de descobrir alguma coisa que em breve teria sérias consequências.

Quando ficava deprimido, seus sonhos eram ainda piores. Uma ansiedade que fazia seu corpo balançar, girar e cair, suas pernas embolando os lençóis, torcendo-os num espiral suado no meio da cama. Isso era totalmente natural, considerando que ele estava refém dos próprios pensamentos, incapaz de se defender pensando em outra coisa, como fazia quando estava acordado.

Mas não naquela noite.

\*

Mais um verão indiano, quase cinquenta anos atrás. Jan Lewin acabara de ganhar sua primeira bicicleta. Uma Crescent Valiant vermelha. Seu nome era uma homenagem ao Príncipe Valiant, que vivera tanto tempo atrás que naquela época nem existiam bicicletas, somente cavalos.

Pela milionésima vez, seu pai está correndo atrás dele, segurando o selim e o incentivando.

Ele agarra o guidom, pedala o mais rápido que suas pernas conseguem e pelo menos agora não fecha mais os olhos quando sente que está prestes a cair e ralar os joelhos.

Falta só a pior parte. O trecho de cascalho entre o portão branco e a varanda de madeira avermelhada da casa, onde sua mãe deve estar preparando panquecas, pois é quinta-feira.

— Não se preocupe, Jan — grita seu pai atrás dele. — Estou segurando. Não se preocupe, estou segurando.

Jan pedala e guia a bicicleta, se saindo melhor do que de costume, porque seu pai está segurando o selim. Ao se aproximar da casa, ele freia com cuidado e põe o pé esquerdo no chão, conseguindo manter o equilíbrio.

Ao se virar, vê que o pai continua em pé ao lado do portão branco, um sorriso iluminando seu rosto bronzeado, longe demais para afagar o cabelo do filho, mas é claro que ele não precisa mais fazer isso.

*Estocolmo, quarta-feira, 20 de agosto*

O comissário regional nem precisou ligar para o Diretor da Divisão Federal, pois na manhã de quarta-feira Lars Martin Johansson lhe telefonou.

— Vou ser breve — disse Johansson. — É sobre Bäckström. A menos que precise muito dele aí, estou pensando em trazê-lo de volta. Posso mandar mais algumas pessoas novas.

— Sim, entendo — respondeu o comissário. — É claro que fico contente em poder contar com todos os recursos possíveis, mas se o senhor precisar dele para deveres mais importantes, terei que aceitar isso.

— Deveres mais importantes? — Johansson bufou. — Estou pensando em chamá-lo de volta para poder arrancar o couro dele, e quando eu acabar, acho que ele não terá mais nenhum dever a cumprir.

— Se é por causa da denúncia, acho que não deveria julgar nosso caro Bäckström tão rápido assim — disse o comissário, tentando manter a voz calma e firme.

— Não faço a menor ideia do que você está falando. Que denúncia é essa?



Àquela altura, o comissário não tinha escolha a não ser explicar a queixa feita contra o superintendente Evert Bäckström, que havia sido registrada na polícia de Växjö dois dias antes.

— Isso parece mesmo extraordinário, se quer saber minha opinião — comentou Johansson cinco minutos depois, assim que seu prolixo colega terminou de falar. — Corrija-me se eu estiver errado, mas vocês receberam uma denúncia da coordenadora do serviço de aconselhamento por telefone para mulheres de Växjö afirmando que Bäckström submeteu uma jornalista, que é uma conhecida dessa tal coordenadora, ao que, de acordo com a minha interpretação do código penal, parece se tratar de assédio sexual. E, por razões desconhecidas, a jornalista se recusa a falar sobre o caso, ou mesmo a dar queixa.

— Exatamente. Esse é um resumo bem abrangente — concordou o comissário. — E ainda há a declaração juramentada que foi entregue ontem por quem fez a queixa.

— Estou chegando lá — disse Johansson. — Depois de entrar em contato com a suposta vítima e ela se recusar a fazer uma denúncia, a mulher que prestou a queixa oficial surgiu com uma espécie de documento assinado por ela mesma e por outra pessoa, o qual supostamente continha trechos de uma conversa que a mulher teve com a parte lesada. Uma pergunta bem simples: quem é essa segunda testemunha?

— É o coordenador do serviço de aconselhamento telefônico para homens, aqui da cidade. Seu nome é Bengt Karlsson. A coordenadora do serviço feminino, a que fez a queixa oficial, se chama Moa Hjärtén, e...

— Ok, agora não estou entendendo mais nada — interrompeu Johansson. — Achei que você tivesse dito que a parte lesada só falou com essa Hjärtén. Então por que esse tal de Karlsson assinou embaixo?

— Isso realmente não faz sentido.

— Na minha opinião, não — disse Johansson. — A meu ver, isso parece um documento juramentado que foi totalmente inventado. Não estou aqui para dar conselhos, mas, no seu lugar, eu tentaria entender essa ocorrência ou eliminá-la logo, antes que nosso caro Bäckström tenha tempo de armar alguma coisa com os amigos dele do sindicato.

— Será?

— Bäckström é capaz de ser surpreendentemente inconveniente. Você precisaria de uns cem peritos dogmáticos para encará-lo. Precisa estar ciente de com quem estamos lidando — advertiu Johansson.

— Ficou bem claro. Agradeço sua ajuda — disse o comissário.

— Vou pedir para o chefe de Bäckström entrar em contato com o encarregado da investigação preliminar, assim eles poderão resolver os detalhes práticos — concluiu Johansson.

\*

O superior imediato de Bäckström não fez qualquer objeção. A cópia do relatório que recebera era, infelizmente, preocupante e inequívoca ao mesmo tempo. Mas, é claro, ele estava de férias quando tudo aconteceu.

— Também ouvi rumores de que fizeram uma denúncia contra Bäckström, alegando que ele teria se exposto de forma obscena para uma jornalista — disse o superintendente-chefe, corando.

— Pois é, ao longo da vida ouvimos muitas coisas estranhas — concordou Johansson.

— Quando você quer que ele volte, chefe?

— O mais depressa possível. No máximo segunda-feira de manhã. Tenho uma brecha na minha agenda e acho que posso encaixá-lo.

E arrancar seu couro, pensou.

— Alguma preferência quanto a quem devemos mandar para substituí-lo lá, chefe?

— Anna Holt e aquela lourinha, seja lá qual for o nome dela, Lisa Mattei, eu acho — disse Johansson. — Reconheço que é uma equipe melhor do que eles merecem lá em Växjö, mas está na hora de passar a bola e mandar o time principal entrar em campo.

— Temo que possa haver um problema — interveio o superintendente-chefe receosamente.

— Não existem problemas — disse Johansson. — Na minha vida só existem desafios.

— É que nenhuma das duas está trabalhando para mim no momento — explicou o superintendente-chefe. — Anna Holt está substituindo alguém no escritório de coordenação nacional, e Mattei foi temporariamente transferida ao grupo de análise para cobrir as férias de alguém.

— Melhor ainda — falou Johansson. — Assim elas vão poder curtir um pouco de ar fresco. Resolva isso. O mais rápido que puder. Ah, mais uma coisa sobre a qual você deveria refletir, se quiser continuar trabalhando aqui comigo.

— O que o senhor quer dizer, chefe?

— Nunca expressei desejos quando estou em serviço — respondeu Johansson. — Eu lhe dei uma ordem. E isso é tudo.

\*

Uma hora depois, o superintendente-chefe voltou até seu superior para lhe dizer que tudo estava resolvido e, por algum motivo, ele permaneceu de pé diante da mesa de Johansson enquanto falava.

— Ordens cumpridas — concluiu o superintendente-chefe, xingando a si mesmo baixinho por não ter sido corajoso o bastante para bater continência ao dizer isso.

- Obrigado — agradeceu Johansson, dando um sorriso amistoso.  
— Excelente.  
— O senhor vai querer conversar com elas, chefe? Posso chamá-las imediatamente, se quiser — propôs o superintendente-chefe com certa inocência.  
— Ótimo. Chame as duas de uma vez.

\*

Por razões que permaneceram desconhecidas, Holt e Mattei não estavam nada contentes quando foram discutir a nova missão delas com Johansson, ainda que ele tivesse pedido que sua secretária servisse um bom café com doces e biscoitos dinamarqueses. Holt apenas balançou negativamente a cabeça quando lhe ofereceram a bandeja. Ela estava ocupadíssima em seu novo cargo e sem a menor vontade de organizar a bagunça de Bäckström. Mattei reconheceu que tudo aquilo parecia interessante e emocionante, mas ressaltou que, como estaria de licença a partir do dia 1º de setembro, pois ainda precisava terminar a faculdade, ela poderia ter alguns problemas práticos. Sem mencionar que já estava cobrindo a ausência de outra pessoa.

— Até lá ainda temos quase quinze dias. É só uma investigação de homicídio comum. Vocês vão resolver isso em uma semana, garotas — incentivou Johansson, bajulando as duas e se servindo de outro doce dinamarquês. — Além disso, vai ser bom vocês irem respirar um pouco de ar fresco. Fiquem bem atentas às pistas e tentem juntar as evidências e fazê-las se encaixar. Depois, na mesma tarde, é só ir atrás do suspeito, e quando vocês saírem vai começar a chover, e terão que levantar a gola do casaco ao descer do carro, mas logo vão encontrá-lo vendo televisão, totalmente confiante, já se acostumando à ideia de que vai conseguir escapar. Então vocês tocam a campainha e ele vai abrir a porta... "Somos da

polícia e queremos conversar com você” — concluiu Johansson, suspirando fundo, saudoso dos velhos tempos.

— Tudo isso é muito bonito, Lars, mas não tem nada a ver com a gente, não é mesmo? — contestou Holt.

— Como assim? — perguntou Johansson, com prudência.

— Na verdade, você gostaria de ir para lá — continuou Holt, como se estivesse falando com uma criança desobediente. — Mas como não pode ir, tem que nos mandar no seu lugar.

— Você seria uma bela psicóloga, hein, Anna? Talvez eu não estivesse esperando aplausos de pé, mas um discreto assentimento de aprovação não teria passado despercebido.

— Claro — respondeu Holt. — Faça o melhor possível, não complique as coisas de forma desnecessária e nunca confie em coincidências. As três regras de ouro de Lars Martin Johansson para todos os detetives de homicídios. É como se eu e Lisa já estivéssemos lá em Växjö.

— Perfeito — concordou ele. — Embora nessa situação em particular, e considerando a bagunça que vocês vão ter que arrumar, haja uma quarta regra que precisam saber.

— Sou toda ouvidos, chefe — disse Lisa Mattei, parecendo a melhor aluna da sala, aquela que nem precisa erguer o braço para responder às perguntas.

— Tomem cuidado com as bebidas alcoólicas, garotas. É só o conselho de um velho homem experiente — concluiu Johansson, pegando mais um biscoito daquela bandeja bem-servida.

Holt e Mattei passaram os dois dias seguintes se preparando para a viagem a Växjö. Holt resolveu as questões práticas em trinta minutos, com a ajuda do chefe de Bäckström. Em vinte horas, elas se informaram sobre o caso que iriam investigar, e até então não tinham visto nada fora do comum. A única coisa estranha era a intrigante ausência de Johansson, que durou até a tarde de sexta-feira, quando ele apareceu, de repente, na porta da sala das policiais.

— Espero não estar interrompendo nada — disse Johansson, sentando-se numa cadeira. — Então, digam-me. Qual é a impressão de vocês? — perguntou ele, apontando para os documentos que estavam na mesa.

— E qual é a *sua* impressão? — retrucou Holt.

Ela conhecia Johansson havia anos e já passara por aquela situação antes.

— Já que você perguntou, Anna — respondeu Johansson, que também conhecia Holt havia muito tempo e já passara por situações piores. — Acho que tudo parece bem claro. Foi alguém que a vítima conhecia. Provavelmente, alguém que a mãe dela também conhecia, ou, pelo menos, já havia encontrado. Ela o deixou entrar por vontade própria, tudo começou de modo consensual, depois saiu do controle e ele a matou.

— É praticamente a mesma impressão que eu e Lisa tivemos — concordou Holt.

— Fico feliz em ouvir isso. Considerando que estamos falando de Växjö e levando em conta que a vítima e a mãe parecem ser pessoas comuns, normais e decentes, não deve haver tanta gente que se encaixe nesse perfil. Vão até lá e prendam esse desgraçado. Alguém assim não pode ficar solto. Não vai ser um grande desafio encontrá-lo.

— Então por que eles não conseguiram fazer isso até agora? Quer dizer, por que ainda não encontraram o cara? — perguntou Mattei, lançando um olhar de curiosidade para o chefe. — Ao que parece, eles já investigaram muitas pessoas.

— Provavelmente, por causa de Bäckström — respondeu Johansson com um suspiro.

— E quanto a Lewin? — indagou Holt. — Ele também está lá. E os outros? Não há nada realmente errado com nenhum deles, até onde eu saiba.

— Ainda não devem ter pensado na pessoa certa — respondeu Johansson com outro suspiro. — Pois ele é uma pessoa comum, decente e normal que não vem à mente nesse tipo de situação. Ou talvez não tenham tido tempo, porque estão o tempo todo ocupados com aqueles malditos cotonetes.

— Levando em conta o que ele fez com a vítima, parece haver outros aspectos de seu caráter a considerar — disse Holt. — Aspectos não muito agradáveis.

— É exatamente a isso que me refiro — concordou Johansson. — Dessa vez, as barreiras de segurança dele cederam, perdeu o controle e as coisas tomaram o rumo que conhecemos. Peguei um caso uma vez, já faz muitos anos. O caso do assassinato de Maria. Ela também era professora, assim como a mãe de Linda. Já contei esse episódio para vocês?

— Não, acho que não — respondeu Holt.

Ele parece uma criança, pensou ela.

— Então conte para a gente, chefe — disse Mattei, parecendo genuinamente interessada.

— Certo. Se vocês fazem questão — começou ele.

\*

Maria morava em Enskede, perto de Estocolmo, e trabalhava como professora do ensino médio em uma escola em Södermalm. Uma mulher solteira, comum, decente e normal. Uma pessoa simpática, querida pelos amigos, conhecidos, colegas de trabalho e alunos, assim como por todas as pessoas com quem a polícia conversou. Parecia não esconder nada, nem um segredinho, nem mesmo um vibrador na gaveta da mesa de cabeceira. Mas, mesmo assim, ela foi estuprada e morta em seu apartamento. Mesmo que fosse no meio da semana, em pleno inverno. Mesmo que ela não tivesse saído para um bar e estivesse simplesmente sentada em casa, corrigindo provas, quando aconteceu.

— Primeiro, nós fizemos as coisas de praxe — disse Johansson. — Investigamos os homens com os quais ela estava saindo, amigos e conhecidos, colegas de trabalho, vizinhos, qualquer pessoa com quem ela pudesse ter cruzado pouco antes do assassinato. Os procedimentos clássicos, em casos desse tipo. A polícia investigou todos os possíveis suspeitos, de estupradores a exibicionistas, e quem mais tivesse estado na região e pudesse ter antecedentes nos registros policiais.

— E a que conclusão o senhor chegou? — perguntou Holt, embora já soubesse a resposta.

— Nenhuma — respondeu ele. — Mas então, um de nós começou a pensar num carro misterioso que tinha sido visto alguns dias antes do crime, e vinte e quatro horas depois a ficha caiu — disse Johansson, parecendo muito satisfeito.

Eu me pergunto quem pode ter sido, pensou Anna Holt, embora até mesmo uma criança pudesse adivinhar a resposta.



O carro estivera mal estacionado, obstruindo uma saída de veículos, e quando isso aconteceu pela segunda vez, o dono da garagem ligou para a polícia, irritado, e prestou queixa. A queixa ficara no meio da pilha dos casos sendo investigados, mas como o proprietário do veículo era um homem comum, decente e normal, de quarenta anos e sem passagens pela polícia, ninguém lhe deu muita atenção. Até que “um de nós”, da equipe de investigação, começou a se perguntar o que ele estaria fazendo ali.

— Afinal de contas, a vítima morava numa área residencial. E o cara tinha aparecido por lá tarde da noite. O dono do carro era casado e tinha dois filhos, trabalhava como engenheiro elétrico em uma empresa de energia em Råcksta, e morava com a família numa casa geminada em Vällingby, do outro lado da cidade. É claro que eu me perguntei o que ele estava fazendo ali àquela hora da noite — disse Johansson, finalmente decidindo deixar a máscara cair.

— E então, o que aconteceu? — perguntou Holt, embora já soubesse o desfecho. Queria se antecipar à colega mais jovem, que estava ansiosa pelo fim da história.

A historinha trágica de sempre, informou Johansson. E da forma mais banal.

— Eu mencionei que ele era casado, não? Ao investigarmos a mulher dele, descobrimos que ela trabalhava com a vítima, o que, para dizer de modo sutil, era coincidência demais. O assassino conhecera a vítima quando fora buscar a esposa numa festa dos funcionários na escola. Até que um dia a vítima finalmente se cansou dele e de suas falsas promessas, e terminou o relacionamento. Então ele passou a vigiá-la à noite, para descobrir quem era seu novo caso. Numa dessas vezes, ele foi até lá, bateu à porta e, infelizmente, ela o deixou entrar. E então as coisas terminaram daquele jeito. Suponho que ele tenha apenas perdido a cabeça.

— E havia um novo homem na vida dela? — perguntou Holt.

— Não, mas ele evidentemente cismou que havia. E presume-se que foi assim que tudo começou. Uma missão policial básica e simples — disse Johansson, dando de ombros. — Um caso que dispensava toda essa parafernália moderna, que depende de um laboratório inteiro para descobrir as coisas mais óbvias.

— Então, que conselho o senhor gostaria de nos dar a respeito dessa viagem a Växjö? — perguntou Holt, inocentemente.

— Tenho certeza de que você e Lisa não precisam de conselhos de um velho como eu — respondeu Johansson.

— Estava apenas tentando ser educada — disse Holt.

— Certamente — concordou Johansson, sem parecer nem um pouco desconcertado. — Mas já que você pediu um conselho, eu provavelmente diria para começarem conversando com a mãe de Linda.

— Nossos colegas já falaram com ela três vezes — interveio Holt, apontando para os arquivos sobre a mesa. — Um dos interrogatórios pareceu bem detalhado, na minha opinião.

— Ela provavelmente ainda está abalada — disse Johansson, dando de ombros. — Como se estivesse inconscientemente tentando se proteger. Mais cedo ou mais tarde, acho que ela vai entender o que aconteceu, se já não tiver compreendido.

— O senhor acha que devemos interrogá-la outra vez? — perguntou Mattei.

— Com certeza — respondeu Johansson. — Caso contrário, seria negligência. E, de preferência, antes que ela pense em fazer algo estúpido a si própria.

\*

Johansson e a esposa passaram o fim de semana com amigos de longa data numa casa de veraneio em Södermanland. Eles se divertiram bastante e só voltaram para casa na tarde de domingo, o

que fez com que Johansson felizmente não atormentasse Holt com perguntas sobre seus preparativos para o caso Linda. Mas assim que chegou a seu apartamento na Wollmar Yxkullsgatan, ele ligou para o celular dela.

— Como vão as coisas? — perguntou.

— Estamos no trem para Växjö. O sinal está fraco — respondeu Holt.

— Ligue para o meu celular assim que chegarem.

— Claro — disse ela, desligando o telefone com um suspiro.

— Quem era? — perguntou Mattei.

— Adivinha.

— Esse cara é surpreendente — sussurrou Mattei. — Lars Martin Johansson. O homem que toma conta de tudo.

— Olhe, acho que ele estaria melhor se pudesse tomar conta de si próprio.

E eu me pergunto que tipo de relação você tem com seu pai, Mattei, pensou Holt.

— Cuidado com o que você diz, Anna — advertiu Mattei, colocando o dedo sobre os lábios.

— Você está com medo de que ele ouça o que estou dizendo?

— Aquele cara pode ouvir até o que nós pensamos.

— Corrija-me se eu estiver enganada, mas parece que você tem uma queda por ele.

— Queda? — Mattei riu. — Estou totalmente de quatro por Lars Martin Johansson.

— Bem, ainda acho que ele devia controlar o peso — disse Holt.

E perder uns cinquenta quilos, pensou ela.

— Acho Johansson muito fofo do jeito que ele é. Claro que se perdesse uns vinte ou trinta quilos não seria nada mal — concluiu Mattei, com uma piscadela.

\*

Quando Holt e Mattei chegaram a Växjö no domingo à tarde, logo ficaram muito ocupadas. Não ocorrera a Holt ligar para o chefe apenas para ter uma conversinha sem sentido, e quando finalmente houve uma pausa na correria, ele acabou ligando primeiro.

— Você não me ligou — disse Johansson, parecendo um pouco magoado. Mesmo que seja quase nove horas da noite, pensou ele.

— Fiquei superocupada — explicou Holt, se perguntando como iria contar a novidade a ele sem causar um ataque cardíaco, um derrame, ou os dois de uma vez.

— Tudo bem — disse ele. Não era um homem rancoroso, agia assim apenas quando sentia vontade. — E então, como vão as coisas?

— Vão bem. A investigação está concluída.

— O que você quer dizer com concluída?

— Bäckström e sua equipe prenderam o criminoso hoje de manhã. A promotora já autorizou a prisão preventiva e amanhã ele será declarado oficialmente suspeito com base nas altas probabilidades.

— Bäckström? Você está brincando?

O que ela está dizendo?, pensou ele.

— Bäckström e sua equipe.

— Bäckström nunca resolveu um caso sequer na vida — bufou Johansson.

— Se você prometer se sentar e parar de me interromper, eu explico — disse Holt.

— Já estou sentado.

Na verdade, estava deitado no sofá quando ligou para ela, mas agora se encontrava sentado em uma cadeira, empertigado.

*Bäckström*, pensou ele.

— Muito bem. Quase tudo aconteceu no decorrer do dia de hoje e para resumir...

— Estou ouvindo — disse Johansson.

O que diabo está acontecendo?, pensou ele.

— Achei mesmo que estivesse. Mas seria bom se parasse de me interromper o tempo todo.

\*

Quando acabou de falar com Johansson, ela chamou Lewin para conversar.

— Eu já o parabenizei — disse ela —, agora gostaria que você recapitulasse para mim e para Lisa tudo o que aconteceu. As coisas parecem ter mudado completamente desde que nos falamos pela última vez.

— Obrigado — disse Lewin. — Muito bem, resumindo, foi assim que aconteceu. Acho que não preciso dizer para vocês que tudo costuma avançar muito rápido quando as coisas começam a acontecer, portanto, é importante que saibam que em nenhum momento mantivemos informações em segredo.

— Vamos, fale logo — insistiu Anna Holt.

Com o passar do tempo, o assassinato de Linda Wallin foi ocupando cada vez menos espaço nas páginas do *Småland Post*. E, ao longo da semana anterior, contentaram-se com um comunicado de que não havia novidades significativas na investigação. Nenhum avanço importante e tampouco qualquer descoberta relevante. Ainda assim, a investigação não parecia estar estagnada, nem mesmo mais lenta. Era como se tivesse entrado “numa fase mais calma e sistemática”, na qual a polícia trabalhava “num esforço mais amplo e sem ideias preconcebidas”; essas informações eram cortesia de uma fonte anônima dentro da equipe de investigadores.

Na quarta-feira, no entanto, a criminalidade local voltou a ser manchete do jornal com a provocativa manchete: DISCUSSÃO SOBRE CHINELOS DE PELE DE RATO-ALMISCARADO ACABA EM VIOLÊNCIA.

Na verdade, esse incidente havia ocorrido em janeiro, seis meses antes do assassinato de Linda Wallin, mas como a investigação havia sido longa e complexa, só agora o caso chegava ao tribunal de Växjö, onde, no dia anterior, um homem de quarenta e cinco anos fora multado e condenado por violência física contra sua antiga companheira, de quarenta e dois anos.

Jan Lewin leu a matéria com interesse. Era ao mesmo tempo divertida e polêmica, mas, considerando seu interesse profissional e sua capacidade de ler as entrelinhas, ele logo descobriu o que havia acontecido.

Em algum momento após o ano-novo, o acusado e sua companheira resolveram se separar, e como o apartamento estava no nome dela, era ele quem deveria sair de casa. O *Småland Post* analisou superficialmente as razões da separação, mas, mesmo assim, Lewin teve a impressão de que ela simplesmente se cansara dele e o dispensara.

De qualquer forma, ao que parecia, ela quisera ficar com o apartamento só para ela, então arrumara a mala do ex, e quando ele desfez a mala na nova e temporária moradia, a casa de uma colega de trabalho de trinta e três anos que claramente sentira pena dele, o acusado descobriu que seus mais preciosos pertences não estavam lá: os chinelos de pele de rato-almiscarado, feitos havia mais de sessenta anos, que ele herdara do pai, que por sua vez os herdara do avô.

O acusado se dirigiu imediatamente à casa da ex para recuperá-los. Quando ela lhe disse que havia jogado os chinelos fora, ele ficou violento, a agarrou pelo braço e derrubou no chão, dando-lhe vários tapas no rosto e tentando chutá-la enquanto ela permanecia deitada. Os vizinhos chamaram a polícia, que arrombou a porta, levou o homem para a delegacia e a mulher para o hospital, para que cuidassem de seus ferimentos. Em seguida, as coisas prosseguiram normalmente, e o motivo para a investigação se arrastar por tanto tempo foi a divergência nas histórias dos envolvidos, além do fato de que não havia testemunha da agressão, e as várias acusações e contra-acusações que foram lançadas durante o inquérito.

O acusado trabalhava como vendedor numa grande empresa automobilística em Växjö. Seu pai também havia trabalhado na mesma empresa, desde meados dos anos 1950 até se aposentar, quarenta anos mais tarde; o avô vendera máquinas agrícolas para uma empresa perto de Hultsfred até morrer, depois do fim da guerra.

Além do interesse por carros e tratores, o acusado, seu pai e seu avô partilhavam outra paixão: a caça. Grande parte do julgamento se dedicara a explorar isso, e, entre outras coisas, o acusado e seu advogado de defesa convocaram duas testemunhas, amigos e companheiros de caça, para explicar o que os chinelos de pele de rato-almiscarado realmente significavam. Com toda certeza, não se tratava simplesmente de um velho par de chinelos qualquer.

Segundo a história que era contada na família do acusado, durante os longos anos de guerra seu avô matara cerca de uma dúzia de ratos-almiscarados nas valas e nos pântanos dos arredores de Hultsfred. Ele próprio tinha arrancado as peles dos animais, as preparado e depois levado ao sapateiro, que fabricara a partir delas um par de chinelos quentes e confortáveis. O avô gostava muito deles, que eram de valor inestimável durante os frios invernos antes do fim da guerra.

O rato-almiscarado, espécie *Ondatra zibethicus*, era muito raro na região de Hultsfred. Tratava-se de um animal esquivo e difícil de ser caçado, menor do que um coelho. Assim, foram precisos alguns anos até que o avô dispusesse de pele suficiente para confeccionar um par de chinelos. Após sua morte, o calçado passara para o filho mais velho, e depois para o filho deste. A história sobre a fabricação dos chinelos fora contada inúmeras vezes por mais de meio século, diante de lareiras em abrigos de caçadores com o telhado coberto de neve. A narrativa continuava interessante com o passar do tempo, e agora fazia parte da tradição oral das caçadas em Småland. Os chinelos tinham se tornado parte da herança cultural local, segundo o advogado, que concluía a defesa com uma observação sobre como os chinelos eram fundamentais para o bem-estar mental de seu cliente.

“E agora você tem coragem de vir até aqui afirmar que não se passava de um par de chinelos comum!”, declarou o advogado com indignação, olhando nos olhos da autora da queixa.



\*

A situação era bem pior, segundo uma notícia estranhamente bastante detalhada sobre o julgamento, publicada na seção policial do *Småland Post*. A autora da denúncia não só havia sido namorada do acusado, como trabalhara por vários anos como assistente-veterinária, e ainda que nunca tivesse lidado profissionalmente com o *Ondatra zibethicus* (felizmente), parecia deter considerável conhecimento sobre os ratos-almiscarados.

Aquela história toda era uma típica invenção masculina, explicou ela aos membros do tribunal. Se o avô tivesse realmente contado todas as histórias que ela fora obrigada a ouvir nos anos que vivera com o ex, então ele era tão mentiroso quanto o neto.

Os ratos-almiscarados tinham migrado da Finlândia para a Suécia, principalmente para Norrland, mas isso só ocorrera em 1944; ou seja, alguns anos após o avô do ex-namorado, a mil e trezentos quilômetros ao sul, ter supostamente matado uma quantidade suficiente para fabricar um par de chinelos. Portanto, toda aquela maldita história não passava de um monte de mentiras. Em nome da harmonia da convivência doméstica, ela permanecera calada sobre o assunto durante anos. Mas, para ela, a explicação mais provável era que os chinelos foram feitos com pele de rato comum, e não de ratos-almiscarados, visto que eles só foram vistos em Småland posteriormente.

Segundo a autora da queixa, tratava-se apenas de um par de chinelos velhos, de décadas atrás, feitos de pele de ratazana, impregnados com o suor de três gerações de pés masculinos. Para ela, os supostos chinelos de rato-almiscarado de seu ex não passavam de um símbolo de sentimentalismo.

\*

Uma pena ela nunca ter se interessado em ingressar na polícia, pensou Jan Lewin, pegando a tesoura para acrescentar mais um recorte ao seu álbum de Växjö.

Lewin chegou ao trabalho na manhã de quarta-feira antes das sete e meia. Eva Svanström precisava resolver alguns problemas pessoais, então, para evitar as sábias palavras de Bäckström durante o café da manhã, Lewin tinha se levantado às sete e tomara seu café sozinho, em paz. Mas, apesar do horário, a policial Sandberg já se encontrava na delegacia quando ele chegou.

— Chegou cedo, hein, Anna? — disse Lewin.

Embora não pareça totalmente acordada, pensou ele.

— Cheguei tarde — respondeu Anna, balançando a cabeça para contradizê-lo. — Nossa testemunha idosa ligou agora há pouco, querendo retificar o depoimento.

— É mesmo? Bem, é verdade, sabemos que ela acorda bem cedo.

— Ela queria alterar a parte sobre Clark Gable. Era Errol Flynn que tinha em mente. Não Clark Gable em *E o Vento Levou*. Aparentemente, o rosto dele era mais gordo. O homem que ela viu tinha o rosto bem mais fino, mais parecido com Errol Flynn. Porém, sem bigode.

Lewin sorriu.

— Foi bom não termos divulgado um retrato falado, então.

— Foi mesmo — disse Anna, olhando para ele com hesitação. — Depois, ela disse mais uma coisa. Não sei... desde que você explicou que o aniversário dela na verdade é no dia 4 de julho e não em 4 de junho...

— Ela disse mais alguma coisa? — quis saber Lewin.

— Ela me perguntou se tínhamos certeza absoluta de que o ex-piloto não tinha um filho — disse Sandberg.

— Se ele tem um filho, não fomos capazes de encontrá-lo — respondeu ele, balançando a cabeça. — Algo mais?

— Ela prometeu ligar novamente, caso lembre de outra coisa. E mandou um oi para você também. Parece que você causou uma boa impressão.

— Não há mais nada em que eu possa ajudar?

Tipo com o que está realmente preocupando você, pensou ele.

— Muito obrigada, mas isso é tudo. Há coisas que as pessoas precisam resolver sozinhas. Mas obrigada mesmo assim.

Ela tinha contado para o marido o que acontecera na boate no mês passado, e agora sua vida se tornara um caos, pensou Lewin. Ela é mais corajosa do que eu.

\*

Na reunião matinal, Bäckström permanecia estranhamente contido, apesar de Olsson não estar presente. Ele perguntou se alguém tinha alguma ideia nova, agora que um bando de caipiras ignorantes tinha arrancado os cotonetes das mãos da polícia. Lewin aproveitou a oportunidade para lembrar a todos de suas antigas teorias.

— Correndo o risco de parecer um disco arranhado, ainda acho que sabemos muito pouco sobre a vítima — começou ele.

— Não me diga! — respondeu Bäckström com um sorriso torto. — E, então, o que você tem em mente, se me permite perguntar?

No mundo de Lewin, perguntar não era uma ofensa. Em termos concretos, ele pensava nos recentes interrogatórios com os pais de Linda e seus amigos mais próximos. E em todas as anotações pessoais, talvez diários, álbuns de fotos e coisas do tipo, objetos que ainda não tinham encontrado e que, segundo sua convicção, realmente existiam. Porque essas coisas sempre existem.

Bäckström soltou um longo suspiro e prometeu abordar a mesma questão com Olsson. E como ninguém tinha mais nada a acrescentar, ele tinha coisas mais importantes para fazer.

— Saíam e, para variar, façam algo útil. Eu compro o bolo — disse ele.

Ninguém mais quer bolo, pensou Lewin, pegando o jornal e voltando para sua sala. Levando em conta todas as circunstâncias, parecia que ele teria que resolver tudo sozinho.

\*

Logo após o almoço, o chefe de Bäckström ligou para seu celular e, como foi pego de surpresa, ele atendeu. O quê? Voltar para Estocolmo e conversar com um daqueles desgraçados da Lapônia? Foi o que Bäckström pensou enquanto entreouvia a torrente de palavras.

— Não estou ouvindo muito bem — disse ele, afastando o telefone. — Você está me ouvindo? Alô? Alô? — E finalmente fez o que deveria ter feito antes, desligou aquela droga de celular.

Um homem prevenido vale por dois, pensou, e imediatamente religou o aparelho. Em seguida, ligou para seu representante sindical a fim de explicar o erro judicial que sofrera. Não foi difícil deixar o cara do sindicato entusiasmado, já que além de muito parecidos, também eram parentes. Felizmente, os policiais costumam ser muito semelhantes.

— Isso é mesmo uma merda, Bäckström — disse o representante sindical. — Dane-se. Já passou da hora de levantarmos as barricadas e deixarmos o terreno bem demarcado.

Ele passou o restante do dia preparando as denúncias que faria contra Moa Hjärtén e Bengt Karlsson, e assim que terminou foi falar com Olsson e lhe disse para se certificar de que elas fossem oficialmente registradas e, é claro, endereçadas assim que possível,

com todos os recursos disponíveis. Algo que era, obviamente, o mínimo que podia se esperar do chefe das investigações preliminares.

— Acusações caluniosas, falsificação de documentos, uso de fontes ilícitas, desacato a funcionário público, difamação com agravante — leu Olsson.

— Exatamente. O advogado do sindicato voltará a falar comigo, caso falte alguma coisa. Mas, se isso acontecer, é sempre possível corrigir.

— Espere um minuto — disse Olsson, erguendo as mãos como de costume. — Você não acha que isso pode ser...

— Corrija-me se eu estiver errado — interrompeu-o Bäckström, olhando com firmeza —, mas espero que você não esteja pensando em suprimir alguns desses graves delitos da denúncia.

— Não, claro que não. Vou cuidar para que tudo seja encaminhado agora mesmo.

E o que eu faço agora?, pensou Olsson assim que Bäckström saiu da sala. Quais são as minhas opções? Então ligou para Moa Hjärtén.

Isso deve ter preocupado aquele desgraçado, pensou Bäckström, batendo a porta ao sair. Já estava mais do que na hora de tomar uma cerveja gelada.

\*

Jan Lewin passou o dia revirando pilhas de papel em sua mesa, pela segunda vez, sem encontrar nada interessante. Seu contato no Departamento de Segurança Nacional não lhe telefonara, apesar de ter prometido que o faria, e quando Lewin ligou para ele, caiu na caixa postal. Deve ter acontecido alguma emergência, pensou, sentindo uma pontada de culpa por estar tão impaciente.

Pouco antes do término do expediente, Eva entrou na sala dele e lhe informou que, ao investigar a testemunha de noventa e dois

anos, ela fizera uma pequena descoberta que, provavelmente, não seria relevante. O oficial de operação de voo que se casara com a filha caçula do ex-piloto cinco anos antes não era o pai biológico da filha deles. Havia outro homem, trinta e cinco anos, a mesma idade da mãe da criança, mas não era o tipo de pessoa que chamava a atenção de um policial, nem mesmo uma funcionária terceirizada como ela.

— Ele mora nesta cidade há dez anos, parece se interessar muito por arte, sem ficha na polícia, sequer uma menção sobre ele em nossos arquivos — resumiu Svanström, entregando as folhas impressas sobre o até então desconhecido pai da criança.

Não é um nome que nos leve imediatamente a pensar em alguma coisa, refletiu Lewin. E deveria? Por que todos nesse caso se chamam Bengt? Bengt Olsson, Bengt Karlsson e até o piloto, Bengt Borg. Sem contar mais umas vinte ou trinta testemunhas e homens que forneceram amostras de DNA que também se chamavam Bengt.

— Atualmente ele trabalha com o quê? — perguntou Lewin, só para dizer alguma coisa.

— O computador está muito lerdo. Você vai ter que esperar até amanhã para saber — respondeu Svanström. — Quando a filha do casal nasceu, acho que ele trabalhava no teatro municipal de Malmö. Como eu disse, parece se tratar de alguém envolvido com arte.

Lewin suspirou. Bem, já que ninguém parece estar disposto a fazer isso, ele poderia tentar falar com os pais de Linda. Cultura, arte, pensou ele, quando Eva fechou a porta. O que exatamente espero encontrar?

\*

Na manhã de quinta-feira, a jornalista Carin Ågren apareceu de repente na delegacia de Växjö para prestar queixa oficialmente contra o superintendente Bäckström por assédio sexual. Como o

policial que registrou a acusação fora discretamente advertido pelo superintendente Olsson na véspera, logo se pôs ao trabalho com todo o profissionalismo que o assunto exigia e realizou um interrogatório completo com a vítima.

Agora, aquele gordo desgraçado da cidade grande vai ter que engolir essa, pensou ele com satisfação ao ler o conteúdo do depoimento antes de Ågren assiná-lo.

O superintendente Olsson chegou à mesma conclusão ao ler o depoimento uma hora depois. Por ser uma alma pacífica, ele já conversara com o chefe de Bäckström, que prometera achar uma solução definitiva para o policial-problema no mais tardar até o fim de semana, pois decidira passar mais alguns dias em sua casa de campo. Fazia quase dois meses que estava trabalhando sem tirar folga, e já passava da hora de recarregar as energias, levando em conta o desgaste da semana que teria pela frente. Se alguém quisesse dar adeus àquele pesadelo ambulante da capital régia, Estocolmo, que o fizesse, pensou Olsson, antes de deixar a cidade para encontrar sua amada esposa e a relativa tranquilidade do interior, em Småland.

\*

Na tarde de quinta-feira, o contato de Lewin na Segurança Nacional finalmente lhe telefonou. Após uma sequência de desculpas — algo acontecera de repente, impedindo a pessoa de cumprir o que prometera —, ele disse que Lewin provavelmente o perdoaria, já que tinha várias coisas para contar.

O dono do celular havia sido identificado. Trabalhava no departamento de cultura da prefeitura de Växjö, e a linha estava registrada em nome da prefeitura. Na segunda-feira, dia 7 de julho, a pessoa informara o desaparecimento de seu telefone, que devia ter ocorrido em algum momento entre a quinta-feira, 3 de julho, e



segunda-feira, 7 de julho. Na quinta-feira, dia 3, o dono do celular tirara alguns dias de licença, e lembrava-se de ter deixado o aparelho na gaveta da mesa, em sua sala. Quando retornou ao trabalho, não o encontrou mais. Ele tinha falado com um de seus colegas, responsável pelos telefones da prefeitura. O celular foi dado como perdido, e a linha bloqueada.

Durante todo esse tempo, o aparelho foi usado para fazer duas ligações. A primeira, para o número errado que interessava a Lewin, às duas e quinze, na sexta-feira, 4 de julho. E a segunda, sete horas mais tarde no mesmo dia. As duas ligações foram rastreadas graças à torre de transmissão responsável pela chamada. A primeira ligação parecia ter sido feita a partir da área central de Växjö, já a segunda fora realizada na periferia de Ljungbyholm, cerca de dez quilômetros a sudeste de Kalmar. A segunda chamada fora para outro celular, um telefone pré-pago de usuário desconhecido, o que era bem comum nesse tipo de contexto. O aparelho não fora usado desde então.

— Bem, isso é praticamente tudo — disse o velho amigo de Lewin. — Vou lhe mandar um e-mail com todos os detalhes. Agora é com você.

— Obrigado, obrigado mesmo — agradeceu Lewin, que sabia o que viria pela frente. — Por falar nisso, suponho que você não possa me fornecer o nome do usuário do celular, não é?

— Ah, eu esqueci de dizer? — perguntou o velho amigo de Lewin, com dificuldades para esconder sua satisfação. — Que estranho! Creio que talvez esse não seja o cara que você está procurando. Levei um tempo para achá-lo, seu nome não consta nos nossos registros, nem nos seus. Parece se tratar de um cidadão perfeitamente comum, decente e honesto. Acima de qualquer suspeita e de todos os horrores em que pessoas como vocês gostam de chafurdar.

— Mas ainda assim ele tem um nome, não é? — disse Lewin, que já passara por isso antes.

— Seu nome é Bengt Månsson. Bengt Axel Månsson — respondeu o contato de Lewin. — Você verá todos os detalhes no e-mail. A foto do passaporte dele também é bem recente. Tirada há menos de um ano, se me lembro bem.

Uma vez é pouco, mas duas é demais, pensou Lewin.

Ele odiava coincidências, e Eva Svanström falara o mesmo nome no dia anterior, antes de sair do trabalho. O pai da garotinha cujo avô fora piloto.

— Obrigado — disse Lewin. — Tenho a impressão de que agora o caso está solucionado.

— Se você diz, eu acredito — concordou seu amigo. Ele também já estava no ramo há um bom tempo e tinha conhecido Jan Lewin na Academia de Polícia.

Assim que desligou o telefone, Jan Lewin fez exatamente o que sempre fazia em situações como aquela. Primeiro, fechou a porta e acendeu a luz vermelha do lado de fora. Em seguida, pegou uma folha de papel, uma caneta e tentou achar um sentido para tudo que ocupava sua cabeça. Sempre fica mais fácil quando se consegue visualizar as coisas no papel. E dessa vez, ele não precisava se preocupar com Olsson ou Bäckström. Olsson estava de folga em sua casa de campo, e não havia a menor necessidade de incomodá-lo com o pouco que tinha a lhe dizer. A ausência de Bäckström era incomum e, com um pouco de sorte, ele já devia estar voltando para Estocolmo.

Só nos restam os fatos, pensou Lewin. Fatos que favorecem e desfavorecem Bengt Axel Månsson, trinta e cinco anos, responsável pelos projetos especiais do departamento de cultura da prefeitura de Växjö. Era o pai da menina cuja mãe é a filha caçula do piloto aposentado, alguém que ele jamais encontrara, falara ou mesmo vira de relance, e que não aparecia em nenhum relatório da investigação, tampouco em qualquer outro caso averiguado pela polícia... Quais evidências indicavam que ele havia ou não assassinado Linda Wallin? E onde ouvira esse nome, antes mesmo de Eva Svanström e seu amigo da Segurança Nacional o pronunciarem? E de repente, ele pensou na sua primeira bicicleta. Uma Crescent Valiant vermelha. Mas seria possível?, pensou ele. Lembrava do velho artigo do *Småland Post* sobre a polêmica cultural

que surgira em Växjö aproximadamente uma semana após o assassinato, e, levando tudo em consideração, aquilo não deveria ter nada a ver com o caso.

Vamos começar com o perfil, e, desta vez, precisamos ser um pouco profissionais, pensou Lewin, afastando do pensamento todas as ideias estranhas. Apenas imaginar que Månsson não coincidia com o perfil não era algo conclusivo, mesmo com o pouco que Lewin já sabia sobre ele. A única coisa que não parecia estar totalmente errada era que o homem morava na Frövägen, na parte da cidade conhecida como Öster, cerca de dois quilômetros ao sul do local do crime. Mas metade da população da cidade vivia naquela área, portanto, isso não ajudava na busca pelo assassino. Para dizer o mínimo, nenhuma característica coincidia, e, segundo a equipe que elaborava os perfis, Månsson nunca poderia ser o assassino.

Ainda assim, o fato de seu celular ter sido usado naquela estranha ligação feita por engano para a anestesista indicava que ele poderia ter algo a ver com o assassinato. Claro, poderia também ser o caso de ele ter simplesmente ligado para o número errado, e até agora não havia nada que sugerisse que ele conhecia Linda ou a mãe dela, mas a coincidência de uma ligação para aquele número àquela hora da noite era inegavelmente muito peculiar.

A ideia de que seu celular tivesse se perdido ou mesmo sido roubado também era muito estranha, considerando o momento e o contexto. Se alguém o tivesse roubado, por que só o usara duas vezes, e uma delas supostamente por engano, para ligar para o antigo número da mãe da vítima? As pessoas que roubam telefones não costumam ser tão contidas. E com frequência suspeitos de assassinatos pareciam ser vítimas de crimes nos quais pessoas totalmente desconhecidas decidiam roubar seus pertences por alguma razão. Objetos que poderiam se revelar altamente problemáticos para seus donos, se fossem encontrados.

Além disso, havia também o carro roubado. Ele poderia ter alguma ligação pericial com o assassino que estavam procurando.

Bengt Månsson não poderia ser ligado diretamente ao carro, é verdade, mas era o pai biológico da neta do proprietário do veículo, e se a testemunha de noventa e dois anos tinha de fato visto o que dissera ter visto, o próximo passo da investigação naturalmente seria lhe mostrar uma série de fotografias, inclusive uma de Bengt Månsson.

Quanto antes melhor, e, com um pouco de sorte, ela não ia dormir tão cedo quanto acordava todas as manhãs, pensou Lewin.

Primeiro, ele falou com Eva Svanström, que prometeu cuidar dos detalhes práticos com rapidez, e depois conversou com Anna Sandberg. Em parte porque ela encontrara a testemunha, em parte porque tinha a impressão de que ela precisava ocupar a cabeça com outra coisa; e também porque, na prática, ele estava no comando durante a ausência de Olsson e Bäckström.

— Tenho a impressão de que você está absolutamente certo — disse Anna Sandberg, parecendo ficar completamente alheia à sua difícil situação conjugal.

— Pois é, descobriremos muito em breve — concluiu Lewin.

\*

— É ele. É ele, o filho. Estou falando isso desde o início — disse a Sra. Rudberg, uma hora mais tarde, quando se encontravam sentados à mesa da sua cozinha. O dedo dela apontava para a foto de Bengt Månsson.

— Parece Errol Flynn, um rapaz que fazia aqueles velhos filmes de piratas, mas sem o bigode — prosseguiu a testemunha. — Eles se parecem, não acha? Mas por que cargas-d'água um pai renegaria a existência de um filho? Talvez seja ilegítimo...

Não o filho, mas o genro. Como ela era uma senhora de noventa e dois anos, e ainda por cima nativa de Småland, Lewin explicou

com bastante tato como as coisas funcionavam atualmente na sociedade sueca.

— Então é isso — disse a testemunha, assim que Lewin terminou sua explanação. — Nem sei quantas vezes já o vi empurrando um carrinho de bebê.

Isso devia ter acontecido havia muitos anos, pensou Lewin. Mas que diferença aquilo fazia, quando você já tem quase cem anos?

\*

— Aquele suéter de caxemira — disse, de repente, Anna Sandberg. Estavam no carro, voltando para a delegacia. — Acabei de me dar conta de que é exatamente o tipo de suéter que um piloto poderia ter comprado em uma de suas viagens ao exterior.

— Não é uma ideia ruim — concordou Lewin.

A mesma ideia lhe ocorrera antes mesmo de a testemunha apontar o dedo para a fotografia de Bengt Månsson, mas, naturalmente, ele não tinha a menor intenção de revelar isso a Sandberg. Seria apenas uma vaidade e algo completamente desnecessário.

— O que você acha de falar com ele e mostrar fotos de vários tipos de suéter? Procurar saber se algum dia ele comprou algo do tipo para si mesmo ou para dar de presente? — sugeriu Sandberg, visivelmente querendo colocar a ideia em prática.

— Boa ideia. Vamos fazer isso — concordou Lewin. — Mas precisamos fazer outra coisa primeiro.

— Nunca cutuque a onça com vara curta — disse ela. — Pelo menos, não com uma muito curta.

— Exatamente — concordou Lewin. — Vamos começar descobrindo tudo o que for possível sobre Månsson, e sem abordar as pessoas que mantêm contato com ele.

Evidentemente, Bäckström resolvera esperar até o último minuto, e em tais circunstâncias, Lewin sentiu que não tinha outra escolha. Independentemente de tudo que havia acontecido, precisava informá-lo. Agora que a testemunha identificara Månsson, não se tratava mais de tiros no escuro ou coincidências improváveis. E, visto que nos últimos tempos Lewin acabara, de algum modo, perambulando pelos mesmos caminhos obscuros que seu colega Bäckström, ele decidiu lhe contar na sexta-feira antes do café da manhã. Só os dois, no quarto de Bäckström.

Como acabara de sair do chuveiro, Bäckström exibia a pele rosada, como a de um porquinho, e os olhos ligeiramente injetados. Estava de excelente humor.

— Sente-se, enquanto visto minha calça — disse ele. — Se estiver a fim de uma cerveja matinal, é só pegar no frigobar — acrescentou com generosidade.

Lewin recusou a oferta e logo fez um breve resumo da situação. Bäckström ficou imediatamente entusiasmado, e até esqueceu de vestir a calça.

— Porra, Lewin — disse ele. — Acho que nós encontramos a mina de ouro.

Nós quem?, pensou Lewin, suspirando profundamente.

Em seguida, ele sugeriu que falassem com a promotora assim que o dossiê sobre Månsson e seu envolvimento no inquérito de homicídio estivesse pronto. Tudo indicava que isso poderia ser feito

na parte da tarde, e que talvez pudessem até sair e prender Månsson sem aviso prévio, assim que a promotora tomasse sua decisão. O carro roubado e o fato de a testemunha o ter reconhecido deveriam ser argumentos suficientes. Isso sem considerar a gravidade do caso.

— Ele deve estar trabalhando hoje, portanto, o mais fácil seria provavelmente pegá-lo quando estiver saindo do trabalho.

— Nem pensar! — exclamou Bäckström, balançando a cabeça. — O desgraçado é meu, e vou dizer a você o que vamos fazer...

Desde quando ele se tornou o *seu* desgraçado?, perguntou-se Lewin enquanto saía, logo após terminar o café da manhã.

\*

Assim que Bäckström chegou à delegacia, convocou seus fiéis parceiros para sua sala e distribuiu as tarefas. Lewin, Knutsson, Thorén e Svanström, com o apoio de Sandberg, iriam ver o suspeito, Bengt Månsson. Deveriam procurá-lo em toda parte. Rogersson se encarregaria de várias tarefas não específicas sob o comando direto de Bäckström, enquanto ele próprio coordenaria e delegaria as missões, além, é claro, de lhes incentivar. Como sempre, todos tiveram que ouvir alguns conselhos para ajudá-los em suas tarefas.

— Isso deve permanecer em sigilo. Nenhuma palavra com ninguém fora desta sala. Não esqueçam o que eu disse sobre Olsson ser amigo de Månsson. Tenho certeza de que ele está envolvido nisso de alguma forma, e basta escutar um sussurro a respeito que Olsson vai dar um jeito de contar para Månsson, e nem quero imaginar o que o desgraçado poderá fazer.

— Eu tive a impressão de que você estava indo para casa, em Estocolmo, Bäckström — disse Lewin.

E que habilidade você tem com as palavras, pensou.



— De jeito nenhum — respondeu Bäckström. — Ninguém vai abandonar este barco antes de chegarmos à terra firme.

— Ainda assim, gostaria de saber o que você vai fazer — insistiu Lewin.

— Vou estabelecer uma vigilância discreta do assassino — disse Bäckström —, para garantir que ele não desapareça e não mate mais alguém. Diga para Adolfsson e para aquele figurão metido que está sempre com ele que quero ver os dois aqui imediatamente.

— Tudo bem — concordou Lewin.

Nenhuma palavra com ninguém fora desta sala, pensou.

\*

— Månsson, Bengt Axel — disse pouco depois o policial e barão Gustaf von Essen, quando ele e Adolfsson estavam em pé na sala de Bäckström. — Não estamos falando de um daqueles adorados Patrulheiros?

— Exatamente — confirmou Bäckström. — São umas pragas sexualmente enlouquecidas, todos eles.

Então, afinal, o idiota convencido não é tão estúpido assim, pensou.

— Neste caso, foi ele quem deixou seu uniforme cheio de sangue, Adolfsson. Eu me lembro de ter anotado o nome dele com os dos outros — disse von Essen, com um gesto de cabeça para o parceiro.

— Então vocês já deram uma surra nesse cara? — indagou Bäckström contente, olhando nos olhos de Adolfsson.

Eu estava certo mais uma vez, esse rapaz é esperto, pensou ele.

— Na verdade, não foi bem assim — respondeu Adolfsson, explicando a Bäckström sua intervenção na briga em frente ao McDonald's na Storgatan, aproximadamente três semanas antes.

— Porra, então o que você fez com seu uniforme? — bradou Bäckström, estreitando os olhos ao encarar Adolfsson.

— Eu limpei o grosso e deixei para lá — respondeu Adolfsson, dando de ombros. — Ainda não tive tempo de cuidar disso. Mas o cara não parecia ser um viciado típico, então guardei o uniforme no armário.

— Porra, e o que você está esperando? — disse Bäckström, agitado, dando um salto da cadeira.

Cinco minutos depois, ele estava em pé diante de Enoksson na sala da polícia científica, com a jaqueta do uniforme de Adolfsson nas mãos. Primeiro, ele fez com que Enoksson jurasse que ficaria calado, depois explicou do que se tratava. Segundo Bäckström, dar essa informação a Olsson era algo impensável. Infelizmente, havia uma série de circunstâncias misteriosas indicando que Olsson poderia ser considerado, no mínimo, um claro risco para a segurança da investigação, mas talvez fosse mais do que isso.

— Com todo o respeito, Bäckström, duvido que as coisas sejam tão ruins assim — disse Enoksson, examinando a jaqueta de Adolfsson sob uma lâmpada de alta potência.

— Isso não interessa, agora, Enok — retrucou Bäckström com sua gentileza de costume. — A quantidade de sangue na jaqueta é suficiente?

Supondo se tratar do sangue de Månsson na roupa e que não estivesse contaminado por alguma substância invisível — e que também não tivesse sofrido nenhum risco de deterioração —, havia sangue mais do que suficiente para realizar uma análise de DNA e para qualquer outra coisa que viesse a ser interessante no contexto.

— Então, quando teremos os resultados? — perguntou Bäckström.

No início da próxima semana, segundo Enoksson, se não houvesse impedimentos legais semelhantes aos que foram encontrados nas últimas semanas.

— Esqueça — disse Bäckström. — Você acha que eu vou deixar que ele massacre metade da população de Växjö, enquanto aguardamos?

— Vou ver o que posso fazer — concordou Enoksson com um suspiro. — De um ponto de vista especificamente técnico, eles devem concluir uma análise preliminar em vinte e quatro horas, desde que não haja nada de errado com o material que vamos enviar. Mas não nos esqueçamos de que há o fim de semana, também. Aliás, você não deveria voltar para Estocolmo?

— Fim de semana? Não estamos falando de fins de semana, Enok, estamos falando de assassinos! — exclamou Bäckström, exaltado.

E ninguém vai a lugar algum, pensou ele.

— Entro em contato com você em mais ou menos uma hora — disse Enoksson com mais um suspiro.

\*

Assim que Bäckström pegou a jaqueta de Adolfsson e a levou para Enoksson, von Essen e Adolfsson começaram a vigiar Bengt Månsson. Primeiro, chamaram uma jovem policial da unidade de vigilância de Växjö e pediram que telefonasse para Månsson em seu escritório, no departamento de cultura da prefeitura, perguntando se havia alguma maneira de obter financiamento para um projeto de teatro com jovens mulheres imigrantes. Enquanto a conversa avançava, eles estacionaram o carro sem nenhuma característica da polícia a uma distância discreta, de onde tinham uma boa visão da entrada do prédio do departamento de cultura. Quinze minutos mais tarde, a jovem policial ligou para o celular de von Essen para passar algumas informações. Não somente Månsson atendera a chamada, como também lhe parecera “muito simpático” e se mostrara “muito interessado” no projeto. Ele chegara até a sugerir que se encontrassem em breve para discutir pessoalmente a ideia.

— Então, o que você achou dele? — perguntou von Essen.

— Parecia excitado — respondeu a policial. — Realmente excitado. Acho que ele queria ter certeza de que sou tão bonita quanto a minha voz. Se precisarem de mais alguma coisa, me avisem — disse ela com uma risadinha.

— E então, o que a pequena Caijsa tinha a dizer? — indagou Adolfsson assim que seu parceiro desligou o telefone.

— Ela pareceu bem caidinha pelo Månsson.

— Essa aí fica caidinha por todo mundo — reagiu Adolfsson, parecendo bruscamente irritado por alguma razão.

— Com certeza não por todo mundo — argumentou von Essen, inocentemente.

Ele estivera na mesma festa dos funcionários que Adolfsson, alguns meses antes.

\*

Enoksson fizera o máximo, e finalmente uma de suas colegas no Laboratório Central da Polícia Científica prometera ajudá-lo. Ela precisava trabalhar naquele fim de semana de qualquer modo, portanto, com um pouco de sorte, conseguiria encontrar um tempo para fazer o que Enoksson lhe pedira. Mas ele deveria esquecer o prazo de vinte e quatro horas. Supondo que o material chegasse nas próximas horas, que estivesse apto para uso e que nada de inesperado acontecesse, o melhor que ela poderia fazer era entregar o relatório na manhã de domingo.

Após algumas doses de persuasão, e prometendo horas extras e folgas, ele também conseguira achar um jovem policial disposto a buscar o resultado em Linköping, uma viagem de ida e volta de quatrocentos quilômetros, embora já fosse sexta-feira à tarde. Assim que a jaqueta de Adolfsson foi encaminhada em segurança para o laboratório, Enoksson respirou fundo diversas vezes e ligou para Bäckström. Só espero que com isso a gente consiga se livrar desse

gordo desgraçado muito em breve, pensou Enoksson, apesar de ser conhecido por sua gentileza.

— Domingo de manhã? — resmungou Bäckström. — Mas eles estão ocupados com o que lá no laboratório? Será que sou o único que trabalha nessa polícia de merda?

— No mínimo, domingo de manhã — repetiu Enoksson.

— Não sou surdo — disparou Bäckström, antes de desligar.

O que custa dizer obrigado?, pensou Enoksson, enquanto telefonava para Olsson, a fim de explicar o que estava acontecendo. Afinal de contas, Olsson ainda era o chefe da investigação preliminar. Mas como já ocorrera em diversas ocasiões, Enoksson teve que se contentar em deixar um recado na caixa postal.

— Oi, Olsson, aqui é Enoksson. Não é sobre nada em particular, mas, se quiser, ligue para mim no número de sempre. Caso contrário, tenha um bom fim de semana.

Na verdade, Enoksson não tinha mais fé na jaqueta de Adolfsson do que nas teorias de Bäckström. E, acima de tudo, o que mais queria era voltar para sua casa e sua adorada esposa, e para toda aquela felicidade doméstica e bucólica de Småland.

Adolfsson e von Essen tinham passado o resto do dia vigiando Månsson, o que, como sempre acontecia em missões como aquela, significava principalmente ficar sentado e esperar alguma coisa acontecer. Como os dois eram caçadores espertos, não havia nada de muito difícil nisso. Caçar é saber esperar. O fato de Månsson ter encontrado com eles três semanas antes também não preocupava. Óbvio que a intenção era ver sem serem vistos, e eles estimavam que o risco de Månsson vê-los antes que eles o vissem era razoavelmente insignificante. Não que isso tivesse muita importância numa cidade do tamanho de Växjö, onde as pessoas estavam sempre se esbarrando.

Por volta das quatro da tarde daquela sexta-feira, Månsson saiu do seu trabalho no prédio da prefeitura, na rua Västergatan, bem ao lado da sala de concertos, acompanhado de algumas pessoas que, a julgar pela aparência, modos e jeito de se vestir, deviam ser colegas de trabalho. Adolfsson tirou algumas fotos discretamente, de uma distância segura, e anotou a hora e o local num caderno. Não havia nada sugerindo que o suspeito fosse o serial killer sobre o qual Bäckström os advertira.

Primeiro, Månsson e os outros se sentaram no terraço de um café na rua Storgatan, a alguns quarteirões do trabalho deles. Ali beberam cerveja, comeram asinhas de frango fritas e conversaram. E então o grupo se dispersou, cada um seguindo numa direção, todos provavelmente voltando para casa. Månsson seguira a pé para

o leste, a caminho de sua casa na rua Frövägen. Considerando a distância de dois quilômetros e sua evidente determinação de ir andando, Adolfsson e von Essen decidiram se separar; von Essen o seguiria a pé, e Adolfsson iria de carro.

Apesar do que o perfil dizia sobre o assassino, Månsson morava a mais de dois quilômetros do local onde supostamente teria assassinado Linda, sete semanas atrás. Mas, exceto por isso, era ótimo que ele morasse ali, pois, por acaso, um policial da Divisão de Tráfego morava no prédio do outro lado da rua. O apartamento de Månsson ficava no terceiro andar, e o do colega policial, no quarto andar do prédio em frente. Dessa forma, não podia haver tocaia melhor para alguém que quisesse saber o que Månsson andava aprontando. Eles tinham conseguido entrar em contato com esse colega antes de sair da delegacia, assim que Thorén lhes entregara a lista de endereços associados a Månsson. O policial tinha sido transferido temporariamente para Öland no fim de semana, mas não se opôs a emprestar seu apartamento, desde que lhe dissessem do que se tratava. Nada de especial, só algumas horas extras ajudando o esquadrão antidrogas, explicara von Essen. “Ótimo, dê àqueles viciados o que eles merecem”, dissera o policial, ao lhe entregar a chave. Adolfsson e von Essen poderiam ficar à vontade: tudo estava conforme eles esperavam, considerando que aquela era a casa de um solteirão de trinta e nove anos que trabalhava no Departamento de Trânsito do distrito de Kronoberg.

Quando Månsson entrou no prédio, Adolfsson já estava posicionado no apartamento do lado oposto da rua, e quando Adolfsson viu os pés e as pernas de Månsson passarem pela porta de seu apartamento, von Essen já estava ao seu lado.

— Ele não tem cortina nas janelas — observou von Essen, animado.

— Esses aficionados por arte nunca têm cortinas — explicou Adolfsson, enquanto acompanhava Månsson com seu binóculo Zeiss, que ampliava até vinte vezes.

\*

Enquanto von Essen e Adolfsson se acomodavam em sua nova residência, Bäckström ligou para saber como andavam as coisas. Adolfsson informou que o suspeito estava em casa, assistindo ao noticiário de sete e meia na televisão.

— Então não está fazendo nada que não deveria? — perguntou Bäckström.

— Não. Só está assistindo ao noticiário.

— Ligue para mim, se acontecer alguma coisa — instruiu Bäckström.

— Entendido, chefe.

— O que será que ele está armando? — questionou Bäckström, olhando para Rogersson, que se entretinha com os copos de cerveja vazios.

— E o que ele estava fazendo agora? — perguntou o detetive.

— Assistindo ao noticiário. Porra, quem é que vê televisão a essa hora do dia?

— Talvez ele não tenha nada melhor para fazer.

— Aposto que está aprontando alguma coisa.

\*

Månsson ficou sentado diante da televisão por cerca de duas horas, e quanto mais tempo ficava ali, com mais frequência mudava de canal. Como a maioria das pessoas, ele parecia ter dezenas de opções. Logo após nove e meia, conversou com alguém pelo telefone durante alguns minutos. Em seguida, foi até a cozinha, pegou alguns pratos do armário em cima da pia, tirou vários itens da geladeira, cortou pedaços de uma baguete e colocou tudo numa bandeja, que levou até a sala, deixando-a em cima da mesinha de centro diante do sofá. Depois, voltou à cozinha.



— A coisa está esquentando — disse Adolfsson para von Essen, que estava esparramado no sofá, assistindo a um filme na televisão do colega policial.

— Ele está se preparando para estrangular alguém? — perguntou von Essen, passando para a TV4, pois não queria perder o jornal.

— Não, está abrindo uma garrafa de vinho — respondeu Adolfsson. — E agora foi pegar duas taças.

— Arrá! Vai por mim, Adolf, o cara está esperando companhia feminina.

Às dez horas, uma mulher loura de cerca de trinta anos estacionou seu pequeno Renault e entrou pela porta do prédio de Månsson. Ela carregava uma bolsa pesada no ombro e, na mão esquerda, um saco plástico que parecia conter uma grande garrafa de vinho. Dois minutos depois, chegou ao apartamento de Månsson e, às dez e dez, estavam sentados no sofá tirando a roupa um do outro. Cinco minutos mais tarde, começaram a transar. Adolfsson aproveitou a oportunidade para complementar o relatório de vigilância com várias fotos boas, e anotou também a placa e o modelo do carro da visita.

As atividades sexuais no sofá se estenderam até pouco depois da meia-noite, com breves intervalos para comer e beber. Uma hora depois, Bäckström ligou para perguntar o que estava acontecendo. Adolfsson o colocou a par da situação.

— Ele está com uma mulher. Mandaram ver no sofá, mas agora fizeram uma pausa e estão comendo — disse ele.

— Ele já a amarrou? — perguntou Bäckström avidamente.

— Não, só fizeram o de costume — respondeu Adolfsson.

— O que você quer dizer com “o de costume”? Não usou gravata nem faca?

— Não, só sexo normal. Até agora, não fizeram nada que eu mesmo já não tenha feito. Mas, veja bem, Månsson parece cheio de energia para a idade que tem — acrescentou Adolfsson, por ser dez anos mais jovem.

À meia-noite e quinze, as coisas sossegaram. Månsson e sua visita acabaram de comer. Depois, terminaram com a garrafa de vinho. A convidada foi até a cozinha e voltou com um recipiente contendo três litros de vinho branco, enquanto seu anfitrião escolhia um filme em um dos vários canais de televisão. Aparentemente nada de extraordinário. Só uma comédia romântica, observou Adolfsson, após dar uma conferida rápida no jornal para ver a programação da noite. Às duas e meia, o casal saiu da sala e seguiu para o quarto, que dava para o outro lado do prédio.

Adolfsson acordou von Essen, que estava roncando na cama do colega policial. Von Essen saiu à rua para averiguar discretamente e voltou, confirmando que o suspeito tinha ido para a cama. Em seguida, substituiu Adolfsson, que foi se deitar na mesma cama e logo pegou no sono. Tudo havia sido cuidadosamente registrado, e o nome e a data de nascimento da dona do carro pareciam corresponder à convidada de Månsson. Ainda que não fosse a mesma pessoa, eles tinham inúmeras fotos dela, caso houvesse problemas de identificação.

\*

Para variar, Bäckström estava tendo dificuldade para dormir. Primeiro, Rogersson e ele ficaram conversando no quarto, e quando finalmente conseguiu se livrar do colega parasita já eram duas da madrugada. Três horas depois, ele acordou e só após mais um drinque conseguiu se acalmar e voltar a dormir. Mas lá pelas sete horas, despertou outra vez e, na falta de opções melhores, desceu até o restaurante para fazer uma refeição decente, depois de uma noite difícil e sofrida.

Ele começou, como de costume, enchendo sua bandeja com filés de anchova, ovos mexidos, linguças e comprimidos para dor de cabeça. Depois de engolir estes últimos com vários goles de suco de

laranja, ele voltou, enfim, a se sentir humano e se dedicou vigorosamente às linguças. Conseguiu resmungar alguma coisa para Lewin, que acenou de forma educada com a cabeça e até abaixou um pouco o jornal da manhã. Por algum motivo, Svanström teve um ataque de riso, até que, com os olhos vermelhos e lacrimejantes, segurando um guardanapo diante da boca, ela se levantou e correu em direção ao banheiro.

Porra, o que houve com ela? Intrigado, Bäckström enfiou outro pedaço de linguça na boca.

— O que houve com ela? — perguntou ele a Lewin, que pareceu não ter percebido que uma mulher histérica acabara de deixar a mesa.

— Não faço a menor ideia — mentiu Lewin.

Mas ele havia descoberto na véspera que Bäckström era provavelmente a única pessoa de toda a delegacia que não lera o relatório do depoimento de Carin Ågren. E quem era ele para arruinar o dia de um colega policial assim tão cedo, apesar das falhas e dos defeitos humanos do policial em questão?

Lewin se desculpou e se levantou da mesa, decidido a garantir que Eva Svanström ficasse a uma distância segura de Bäckström pelo resto do dia.

Månsson e sua convidada não pareceram enfrentar qualquer dificuldade para dormir. Quando já eram quase dez da manhã, von Essen pôde finalmente acrescentar alguma coisa ao relatório de vigilância. Primeiro, Månsson surgiu nu no corredor, seguindo para o banheiro. Alguns minutos depois, sua convidada se juntou a ele, também nua, e aparentemente eles eram cuidadosos com sua higiene corporal, pois levaram quase uma hora para sair do banheiro: Månsson, com uma toalha em volta da cintura, e sua convidada, com um roupão. Em seguida, os dois foram para a cozinha tomar café da manhã.

A essa altura, até Adolfsson estava de pé, depois de tomar uma ducha, preparar café e ovos mexidos, suco e sanduíches. Então, Bäckström ligou para saber as novidades.

— E aí? Ela ainda está viva?

— No auge de sua forma física, pelo que parece — respondeu von Essen. — Neste exato instante, ela e seu anfitrião estão tomando café, comendo cereais com iogurte, sanduíche de pão crocante com alface e queijo magro.

— Puta merda — exclamou Bäckström, com desgosto. — Eles são loucos. Avise se ele colocar as mãos no pescoço da moça.

Von Essen prometeu que o avisariam. Depois, aproveitou a oportunidade para tomar uma ducha, enquanto Adolfsson assumia a vigilância e fazia as anotações. A movimentação no apartamento em

frente sugeria que o suspeito estava pensando em ir a algum lugar desconhecido.

\*

Lewin e seus colegas tinham passado um dia e meio tentando encontrar uma conexão entre Bengt Månsson e Linda, e entre ele e a mãe da vítima. Não tiveram sucesso. Apesar de terem passado um pente fino em todo o banco de dados acessível com o cuidado, a dedicação e a criatividade que acumularam ao longo dos anos, eles não acharam nada.

A conclusão mais provável costumava ser deprimente. Não havia conexões diretas em suas circunstâncias familiares, vida profissional, criação, educação, moradia. Muito menos quaisquer redes de contatos, interesses, hobbies, amigos e conhecidos que tivessem relações com eles. Sobravam apenas os encontros casuais, e, se havia algum consolo, era o fato de todos parecerem pessoas comuns, decentes e normais, e que Växjö era uma cidade suficientemente pequena para que pudessem se esbarrar por aí qualquer dia desses.

Ainda assim, era um ínfimo consolo, e uma dúvida incômoda começava a se alastrar em Lewin, levando-o a crer que tudo em que acreditara acabaria se revelando um engano. Onde alguém como Månsson teria aprendido a fazer ligação direta num carro e a quebrar a tranca de direção? Onde alguém como ele teria conseguido algum contato com traficantes? E até que ponto pessoas como ele eram comuns, quando se tratava desse assunto? Estupro, tortura e estrangulamento de uma mulher quinze anos mais jovem do que ele? O único consolo até o momento eram os relatórios de von Essen e Adolfsson sobre seu considerável apetite sexual, apesar de tudo indicar que satisfazia essa necessidade dentro dos limites do

comportamento convencional. Por um lado. Por outro, refletiu Lewin, sobretudo para satisfazer suas próprias ansiedades.

\*

Naquela tarde, às cinco horas, Bäckström ligou para Adolfsson e von Essen e sua primeira pergunta foi por que não tinham entrado em contato com ele. Segundo von Essen, a razão era que não havia nada a informar que fosse importante o bastante a ponto de incomodarem o estimado chefe, que devia estar ocupado com assuntos mais importantes.

— Não fale bobagem, Essen — interrompeu Bäckström. — Só me conte o que o desgraçado está fazendo.

Depois de terminarem o café da manhã, Månsson e sua convidada tinham se vestido e guardado algumas coisas numa bolsa, sugerindo que estavam planejando um breve passeio, nem que fosse só para aproveitar aquele verão magnífico. Mas quando chegaram à porta do apartamento, deve ter acontecido alguma coisa, porque eles se despiram outra vez e se entregaram a diversas atividades sexuais no tapete. Os detalhes desses atos sexuais, contudo, não ficaram claros, pois a equipe de vigilância só conseguia enxergar as pernas nuas e os pés dos participantes.

Esse interlúdio, de certa forma inesperado, acabara sendo concluído relativamente rápido, pois apenas quinze minutos depois, Månsson e sua convidada foram até o carro. A julgar pelo comportamento deles, os dois estavam de excelente humor. Adolfsson e von Essen os seguiram a uma distância segura e, após uns dez quilômetros, o suspeito parou numa praia da costa norte de um lago próximo, o Helgasjön. Lá, eles passaram a tarde toda esparramados numa manta, conversando, se bronzeando e nadando. Também aproveitaram para fazer um piquenique simples. Fazia vinte e sete graus, vinte e quatro dentro d'água, e até von

Essen e Adolfsson aproveitaram para se refrescar um pouco como podiam, se revezando em discretos mergulhos a uma distância razoável de sua presa.

Depois, eles voltaram para o apartamento de Månsson, parando no caminho para fazer compras numa mercearia. O casal se despediu na rua, em frente ao prédio de Månsson, e a convidada se foi. Ele voltou para o apartamento, e chegando lá tirou as roupas e desapareceu dentro do banheiro, saindo meia hora mais tarde com a mesma toalha azul em volta da cintura. Em seguida, se deitou no sofá da sala e começou a ler os jornais vespertinos.

— Primeiro, leu o *Aftonbladet* e depois o *Expressen* — constatou von Essen, calmamente.

— E mais nada durante o tempo em que estiveram fora? — perguntou Bäckström, desconfiado. — Nenhuma trepada ao ar livre, enquanto estavam na praia?

Não, nada disso, afirmou von Essen, com exceção do que Månsson podia ter aprontado enquanto ficou sozinho no banheiro.

Ao conferir as horas, Bäckström se perguntou que merda aquele babaca devia estar aprontando. Já eram seis da tarde e ele não bebera uma cerveja sequer durante o dia inteiro. Mas, pelo menos, isso era algo que poderia resolver logo. Prevenido como sempre, naquela manhã ele mandara Rogersson reabastecer o estoque, antecipando o que provavelmente seria sua última noite em Växjö. Se bem que se aqueles desgraçados preguiçosos do Laboratório Central não fossem capazes de cumprir sua promessa, ele não teria opção a não ser passar mais uma noite na cidade, pensou. Cercado por cretinos e meros incompetentes, como era o seu caso, levava um tempo incrível para conseguir que as coisas mais simples fossem feitas. O desgraçado da Lapônia que os socialistas tinham designado para comandar sua equipe desafortunada teria simplesmente que se consolar sozinho, enfiando o estatuto do partido na própria bunda. Ninguém poderia dizer que ele era o tipo de policial que deixava

uma missão pela metade, pensou Bäckström, já se sentindo consideravelmente mais animado.

\*

Bengt A. Månsson, A de Axel, parecia ser um homem de hábitos fixos e rotina regular. Além disso, era um homem de atitude fundamentalmente liberal no que se referia à escolha de uma parceira. A noite de sábado começara da mesma maneira que na véspera. Primeiro, ele passou algumas horas deitado no sofá vendo televisão. Em seguida, deu alguns telefonemas e depois foi até a cozinha preparar aquela bandeja de sempre, por volta das nove e meia. Pães, várias pastas, petiscos, duas taças de vinho e a garrafa de três litros que a sua convidada da noite anterior evidentemente deixara para trás. Um homem esperto, tentando conter as despesas. Quem foi que lhe deu a garrafa que ele bebeu com a mulher loura? Nascido e criado em Småland, essa foi a primeira questão que passou pela cabeça de Patrik Adolfsson.

Meia hora mais tarde, uma mulher surgiu diante da porta do prédio. Em contraste com a da noite anterior, esta era morena e consideravelmente mais jovem, o que podia explicar por que ela foi a pé e não de carro. Mas isso pouco importava. Cinco minutos depois, ela estava sentada no sofá da sala com seu anfitrião, e então as coisas evoluíram como de costume.

— Algo interessante a relatar? — perguntou von Essen, sentado à mesa da cozinha, onde lia o *Svenska Dagbladet*, enquanto seu colega vigiava a janela.

— Morena, uns vinte anos, peitos bem maiores do que os da loura — resumiu Adolfsson. — E parece que ela se depilou todinha, talvez por causa do calor.

— Deixe-me ver — disse von Essen, se levantando da mesa da cozinha e pegando sem rodeios o binóculo das mãos de Adolfsson.



— Parece menos sofisticada.

— Talvez Månsson esteja cansado de ficar com a boca cheia de pelo — sugeriu Adolfsson.

— Você é um cara bem romântico, não é mesmo? — comentou von Essen, devolvendo o binóculo e retomando a leitura da seção financeira do *Svenska Dagbladet*, na esperança de que seus investimentos pudessem lhe proporcionar a chance de consertar os vazamentos do telhado da casa que herdou dos pais.

\*

— Como vão as coisas? — perguntou Bäckström pelo telefone uma hora mais tarde.

— Tudo na mesma — resumiu von Essen.

— A mesma mulher? — questionou o superintendente.

Em que ponto estava a verificação do histórico da loura? Ele não escutara um pio sequer de Lewin e seus colegas o dia todo, embora tivesse solicitado fotos e a ficha dessa mulher.

— É uma mulher diferente, morena, de uns vinte anos, parece menos sofisticada que a outra — respondeu von Essen, tentando evitar o tipo de detalhes que costumam deixar um homem como Bäckström excitado.

— Ele já a penetrou quantas vezes?

— Três vezes em duas horas — disse von Essen, após dar uma rápida conferida no relatório. — Mas, atenção, eles estão em ação de novo agora, portanto, esse número deve aumentar.

— Puta merda, que desgraçado doente — grunhiu Bäckström. — E ainda por cima com um calor desse!

\*

Adolfsson e von Essen passaram o resto da noite se revezando para descansarem na cama do colega policial. Às sete da manhã, a mais recente companheira de Månsson foi embora. Parecendo bem-disposta, a coitada provavelmente trabalhava como auxiliar de enfermagem ou coisa parecida, pensou o barão que existia dentro de von Essen, enquanto ele anotava o horário no relatório. Månsson, por sua vez, parecia dormir o sono dos justos, e sequer acompanhou a mulher até a porta. A essa altura, von Essen começou a se sentir exausto e a ficar bastante irritado com os roncos do colega que vinham do quarto. Já estava mais do que na hora de alguma coisa acontecer, pensou ele, bocejando profundamente e conferindo as horas, no instante em que o telefone começou a tocar.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou von Essen ao atender.

*Växjö, domingo, 24 de agosto*

Meia hora antes, o telefone de Enoksson tinha tocado. Como era uma pessoa matinal, ele já acabara de ler o jornal e de preparar o café da manhã para a esposa, que não tinha muita energia de manhã.

— Enoksson falando — atendeu ele.

— Você está sentado? — perguntou sua amiga do Laboratório Central, e naquele exato momento ele soube o que ela ia dizer.

— Caramba! — exclamou ele, dois minutos depois, quando ela desligou.

A era dos milagres ainda não chegou ao fim, pensou, mas na sua imaginação ele só conseguia ver uma policial gordinha da Divisão Federal, em Estocolmo.

\*

— Aconteceu alguma coisa? — insistiu von Essen.

— Vamos crucificar o desgraçado e derretê-lo em óleo fervente — rosnou Bäckström do outro lado da linha.

Naquele instante, von Essen soube que a espera tinha acabado. Para aquele caso, pelo menos.

Bäckström e Rogersson se juntaram à equipe de vigilância em meia hora, estacionando o carro nos fundos do prédio e se

comportando da forma mais discreta possível. Bäckström estava usando um short, uma camisa de estampa havaiana, meias e sandálias, como um figurante de um velho filme de espionagem no Caribe. Rogersson vestia-se como de costume, mas como entrou no prédio sessenta segundos depois de Bäckström, também poderia ter passado totalmente despercebido.

Von Essen logo os atualizou sobre a situação. Tudo indicava que Månsson ainda estava na cama. Provavelmente dormindo. Supondo que não tivesse pulado da varanda ou das duas janelas pequenas nos fundos do apartamento, restavam a porta principal do prédio e a entrada do porão, que também ficava na parte da frente.

— Muito bem, vamos subir e pegar esse desgraçado — afirmou Bäckström com impaciência. — Alguém pode me emprestar uma algema? Acabei esquecendo a minha.

— Com todo o devido respeito, chefe, não sei se essa é uma boa ideia — disse Adolfsson.

— Você está pensando em chamar a Divisão de Intervenção Rápida? — perguntou Bäckström.

Isso é típico, pensou ele. É sempre aquele que a gente menos espera que amarela no último minuto. E esse rapaz poderia ter ido longe.

Adolfsson sequer tinha sonhado em chamar a Divisão de Intervenção Rápida. Mas, por outro lado, tivera algumas ideias práticas e operacionais. Era provável que Månsson reconhecesse todos eles, exceto Rogersson. Com certeza reconheceria Bäckström, pois haviam passado algumas horas juntos na mesma sala, e a indisfarçável aparência de policial de Rogersson não contaria a seu favor numa situação como aquela. Além disso, Månsson tinha um olho mágico na porta e se eles simplesmente aparecessem e tocassem a campainha na esperança de que o homem a abra, ele teria bastante tempo para cortar o próprio pescoço com a faca de pão ou pular da janela do terceiro andar.

— Já vi essas duas coisas acontecerem — acrescentou von Essen.  
— Foi numa captura para extradição. Primeiro, o cara cortou o pescoço, depois pulou da varanda. Provavelmente não quis deixar qualquer chance ao acaso. É uma história triste. E aconteceu aqui mesmo, em Växjö.

— Ainda estou esperando sugestões — disse Bäckström, lançando um olhar penetrante para seus homens.

— Ele parece apreciar muito as mulheres, para dizer o mínimo, então vou dar uma sugestão — propôs Adolfsson. — Isso quase sempre funciona com homens feito ele.

\*

Enquanto Bäckström e seus colegas se concentravam apenas no elemento masculino do caso, Lewin, como de costume, cuidara de tudo o que precisava ser feito. Primeiro, ligou para Olsson e deixou um recado na caixa postal para que retornasse a chamada assim que possível, naquele mesmo minuto, se desse. Em seguida, ligou para a promotora, que atendeu e prometeu chegar lá em, no máximo, uma hora.

Depois, ele pediu que Anna Sandberg convocasse outro policial e fosse até a casa da mãe de Linda, para que ela não acabasse recebendo a notícia de outra fonte e, principalmente, não através da mídia. E também quis se certificar de que haveria alguém ao seu lado capaz de cuidar dela. O mesmo em relação ao pai de Linda, sendo que essa tarefa ele delegara em total confiança ao seu colega Knutsson. Sugeriu que Henning Wallin poderia ser mais facilmente encontrado pelo telefone, e se ele tivesse alguma proposta específica, poderiam dar um jeito nisso.

\*

Enquanto Lewin organizava conscienciosamente essas peças do software policial, se certificando de que todas se encaixassem nos lugares certos, Bäckström e os outros tinham recebido o reforço de uma jovem policial da unidade de vigilância do esquadrão local. Ela se apresentara como “Caijsa com um c, um i e um j”, e dois dias antes, falara com Månsson pelo telefone, se passando por Houda Kassem, uma imigrante iraniana interessada em teatro. Sobre aquela missão, ela pensara em sugerir um papel diferente, considerando que Månsson não sabia qual era a aparência de Houda.

— Estava pensando em pôr em prática o método “pesquisa de mercado”. Sair por aí perguntando às pessoas o que elas acham da vizinhança. Isso sempre funciona com caras como esse.

Caijsa sorriu para Adolfsson, mostrando uma identificação de agente de pesquisa de uma empresa, que estava pendurada em seu pescoço.

— Parece uma ideia excelente — disse Rogersson, antes que Bäckström tivesse tempo de complicar uma coisa que era simples e óbvia para qualquer policial com cérebro.

— Muito bem, ele se levantou e está se movimentando agora — avisou von Essen do seu posto de observação na janela. — Está na cozinha vestindo só uma cueca mínima, bebendo água direto da torneira. Acho que é preciso tomar cuidado com esse vinho branco, na verdade.

— Ok, vamos lá — disse Bäckström, encolhendo a barriga e estufando o peito, fazendo sua camisa havaiana ondular. — E, porra, não deixem de algemar o cara, assim não teremos que sair correndo pela rua — acrescentou ele, fitando Adolfsson e von Essen, por algum motivo.

\*

Caijsa estava totalmente certa e Månsson abriu a porta com um sorriso, inclusive. A captura sem resistência foi feita em quinze segundos, do momento em que von Essen entrou mostrando seu distintivo até o estalo das algemas, quando Adolfsson prendeu as mãos de Månsson nas costas.

— Mas o que é isso? Deve ter havido algum erro — exclamou Månsson, parecendo ao mesmo tempo irritado e totalmente surpreso.

\*

— Estamos levando o desgraçado — rosnou Bäckström para Lewin no celular. — Acorde aqueles panacas preguiçosos da polícia científica para que comecem a examinar o apartamento. Já temos duas viaturas aqui na rua, portanto, não vai demorar muito para aparecer um bando de abutres.

— Nossos colegas da polícia científica estão a caminho — respondeu Lewin. — Então deu tudo certo?

— O babaca deixou de ser tão arrogante agora — disse Bäckström, dando uma risadinha de satisfação.

E será que ele era assim antes?, perguntou-se Lewin.

Durante a tarde, Lewin também precisou cuidar dos detalhes práticos, e resolveu começar pela promotora.

— Desculpe não ter falado nada sobre isso com você até essa manhã — disse ele. — Até então, tudo não passava de uma vaga hipótese e eu não queria incomodar desnecessariamente, caso não fosse mais do que isso. Espero que não se importe por não ter sido informada antes.

A promotora não se importara nem um pouco. Ao contrário. Estava bastante aliviada e, assim que recebesse os resultados definitivos do Laboratório Central confirmando que o DNA encontrado no apartamento de Linda era o de Månsson, ela emitiria uma ordem de prisão. Até lá, ele ficaria detido preventivamente, e caso Lewin quisesse, seria bem-vindo para acompanhá-la até a cela, onde ela informaria sua decisão.

— Mudando completamente de assunto... Onde está Olsson? — perguntou a promotora.

— Está de folga neste fim de semana. Estamos tentando falar com ele pelo telefone. Se tivermos um pouco de sorte, ele vai retornar nossa ligação.

Embora eu não consiga imaginar para que precisaríamos dele, pensou Lewin.

— Acho que ele não parece grande coisa — observou ele, ao entrarem no corredor da carceragem. — Quer dizer, levando em conta tudo o que fez.



— Eles são sempre assim, não é mesmo? Pelo menos, os que eu vi até hoje.

Månsson não parecia grande coisa. Estava sentado num banco dentro da cela, com a expressão alheia a tudo. Exatamente como qualquer pessoa que, pela primeira vez, tem a individualidade arrancada da maneira mais tangível que é possível numa democracia. Primeiro, tinham tirado suas algemas e o revistado. Depois o despiram e lhe entregaram um uniforme de detento: cueca, meias, calça e camisa. E uns chinelos de feltro que ele poderia usar, se quisesse. Por fim, teve que assinar o recibo relativo a seus pertences.

Após uma breve espera, alguns colegas da polícia científica chegaram. Månsson foi fotografado, teve seu peso e altura anotados e colheram suas impressões digitais, assim como a das palmas das mãos. Os técnicos tinham vindo acompanhados de um médico que retirou uma amostra de sangue, recolheu alguns fios de cabelo, pelos do corpo e da genitália, e, por fim, o examinou. Todas as amostras foram colocadas em pequenos recipientes, etiquetadas, lacradas e assinadas. Pela primeira vez, pouco antes de o deixarem sozinho, ele falou sem que tivessem feito alguma pergunta antes:

— Alguém pode me explicar do que se trata tudo isso, por favor?

— A promotora já vai chegar — respondeu um dos homens da polícia científica. — Tenho certeza de que ela vai dar todas as explicações que puder.

— Não estou me sentindo muito bem — disse Månsson. — Tomo vários remédios e não consegui trazê-los comigo. Estão em casa. No armário do banheiro. São para asma e outras coisas.

— Podemos cuidar disso daqui a pouco — disse o médico, dando um sorriso cordial. — Assim que acabarmos o que estamos fazendo.

— Ele é bem bonito — disse a promotora, assim que Lewin e ela retornaram à sala principal da equipe de investigação. — Você disse que ele não tem nenhuma passagem pela polícia, é isso? Apesar de tudo o que aconteceu, quer dizer.

— Ele parece uma estrela do cinema de antigamente — concordou Lewin. — Sem antecedentes criminais.

— Mas, olhe, talvez ele não esteja se sentindo muito bem — disse ela, como se estivesse pensando em voz alta. — Você acha que ele vai confessar?

— Realmente, não sei — respondeu Lewin, balançando a cabeça. — Acho que logo vamos descobrir.

Como se isso fizesse alguma diferença, considerando todas as provas acumuladas, pensou ele.

\*

Enquanto os outros se agitavam feito galinhas decapitadas, Bäckström deu uma volta pela delegacia para aproveitar todas as congratulações que tanto merecia. De repente, todo mundo parecia um bando de crianças felizes. Até mesmo as duas policiais que seguiram a pista do tecido, que tinham se mostrado tão azedas quanto vinagre ainda na semana passada, começaram a rir quando o viram.

— Que bom ver você, Bäckström — disse uma delas, animada. — Aliás, parabéns.

— É mesmo uma pena que você tenha que ir — acrescentou a outra. — Mas quem sabe talvez haja uma outra oportunidade, não? Para a gente se conhecer melhor, quer dizer.

Tem alguma coisa errada, pensou Bäckström, mas sem saber o que era, ele assentiu com a cabeça, um gesto rápido e viril.

— Pois é, acho que vocês vão poder concluir isso sem mim — disse ele.

Policiais caipiras e várias mulheres. Já passava da hora de uma cerveja gelada, pensou ele.

Rogersson estava sentado em sua sala, parecendo bem infeliz.

— Eu estava pensando em voltar para casa — disse Bäckström.

— Vou com você. Só preciso transferir todos os arquivos e falar rapidinho com Holt, depois estarei pronto para ir embora.

— Holt? Aquela piranha amarga já chegou?

— Eu a vi no corredor agora há pouco — confirmou Rogersson. — Ela e aquela lourinha que trabalhava na Segurança Nacional, acho que se chama Mattei. Lisa Mattei. A mãe dela é inspetora ou algo assim. Ela é uma safada, se quiser minha opinião. Estavam conversando com a promotora. Todas essas mulheres juntas daqui a pouco vão começar a fazer uma ola.

— Vejo você no bar do hotel — disse Bäckström, levantando-se depressa. — E trate de ficar sóbrio para poder dirigir.

Ao sair, ele seguiu pelo seu atalho discreto de costume, evitando assim esbarrar em Holt. Talvez eu devesse ligar para o pai da vítima e dar a boa notícia, pensou ele, ao se afastar da delegacia. Mas uma coisa de cada vez.

Enquanto estava sentado, tranquilo, no seu quarto de hotel, tomando uma merecida cerveja gelada, o telefone tocou. Era o pai de Linda. Obviamente o imbecil do Knutsson já havia ligado para ele, tentando colher todos os louros para si mesmo.

— Ouvi dizer que você está voltando para casa — disse Henning Wallin.

— Pois é, as coisas estão um pouco complicadas no momento — respondeu Bäckström, sem entrar em detalhes. — Mas eu mesmo coloquei o homem que matou sua filha atrás das grades, então, não precisa mais se preocupar com ele. Nós vamos acabar com esse desgraçado.

— Ainda assim, gostaria de encontrar você — insistiu Henning Wallin. — Nem que seja só para agradecer pessoalmente.

— Isso vai ser um pouco complicado por razões puramente práticas. Já tomei uma cerveja.

— Posso mandar meu motorista buscar você.

— Bem, pode ser. — Bäckström começou a ceder.

— Tem uma coisa que eu queria lhe dar — disse Henning.

— Ok, então.

\*

Uma hora mais tarde, Bäckström estava confortavelmente sentado no sofá em frente à lareira na enorme sala de estar da mansão de Henning Wallin. Em respeito ao seu anfitrião em luto, ele trocou a camisa havaiana e o short por algo mais adequado. Com um copo do melhor uísque na mão, o superintendente pensou que a vida podia estar bem pior. Até mesmo Henning parecia consideravelmente mais animado do que na última vez em que se encontraram. Entre outras coisas, tudo indicava que ele readquirira o controle da mão direita ao se barbear.

— Então, quem é? — perguntou Henning, inclinando-se na direção de seu convidado, olhando fixo para ele.

— Alguém em quem eu já estava de olho há algum tempo — respondeu Bäckström, esfregando o polegar nos outros dedos. — Dá para sentir isso na ponta dos dedos. Não é nada óbvio, mas como já estou nessa há um bom tempo, eu o achei um pouco esquisito desde o início.

Ele tomou um bom gole de uísque.

— Então, qual é o nome dele?

— Sinto muito, mas não posso dar essa informação. Pelo menos não por enquanto.

— Prometo que vai ficar só entre nós.

— Muito bem, então — concordou Bäckström, com o copo na mão. — Ele parece ter conhecido a maioria das pessoas da cidade. Infelizmente, também era um dos melhores amigos de Bengt Olsson, portanto, é uma situação bem delicada...

— E ele também dormiu com minha ex-esposa — interrompeu Henning, enrubescendo de repente. — Tem algo que eu queria dar a você — acrescentou ele, se levantando.

Pouco tempo depois, voltou com um dos vários álbuns de fotografia no qual estavam registradas as grandes festas e eventos que realizara ali, desde que comprara a mansão.

— Aqui — disse ele, entregando a Bäckström uma das fotos do álbum. — Devem ter outras, provavelmente, se eu procurar. Essa foi tirada no verão de três anos atrás. Linda insistiu em convidar a mãe, que veio acompanhada do namorado da época. Apenas mais um de uma longa lista, se quer saber.

— Sempre suspeitei de que seria algo assim — disse Bäckström.

— Pode ficar com essa foto — afirmou Henning. — Mas me garanta que você vai pegar essa safada. Ela e seu, digamos, namorado tiraram minha única filha de mim.

— Tenho certeza de que isso será providenciado — concordou Bäckström, guardando a foto no bolso, antes que seu anfitrião pudesse mudar de ideia.

— Vou considerar isso uma promessa da única pessoa em quem posso confiar.

— Não se preocupe. Bem, acho que eu devia ir embora.

— Meu motorista vai acompanhá-lo — disse Henning. — Uma saideira? — acrescentou ele em inglês, enchendo o copo.

\*

Enquanto Bäckström bebia um uísque caro, Rogersson tinha entregado todos os seus arquivos e conversava com Holt.

— Eu estava pensando em voltar de carro com Bäckström — disse ele. — Para garantir que esse gordo vai chegar em casa em segurança.

— Bem, eu com certeza vou precisar de você aqui. Por mais alguns dias, pelo menos.

— Já fiz o máximo de horas extras — justificou Rogersson, dando de ombros.

— Acho que não vai precisar fazer nenhuma hora extra — falou Holt.

— Nesse caso, saiba que estou um pouco cansado. Tenho trabalhado muito ultimamente.

— Então, dirija com atenção.

\*

É muito conveniente ter alguém que dirija para você, pensou Bäckström, quando ele e Wallin estavam em pé no hall da mansão, se despedindo.

— Isso é para você — disse Henning, entregando-lhe uma caixa contendo o mesmo uísque que beberam.

— Eu não deveria aceitar presentes — reconheceu Bäckström, pegando a garrafa.

— Não faço ideia do que você está falando — disse seu anfitrião com um sorriso torto. — E acho que você deve ter deixado isso cair — acrescentou ele, enfiando um espesso envelope pardo no bolso.

Com certeza não havia fotos naquele envelope, pensou Bäckström ao se acomodar no banco de trás do grande Range Rover preto de Henning Wallin, tentando discretamente adivinhar o conteúdo. Posso sentir na ponta dos dedos, pensou ele. Sem dúvida, não são fotos.

— Você pode parar na delegacia no caminho? Preciso pegar umas coisas que esqueci lá.

O motorista não viu problema algum nisso. Pelo que o patrão dissera, ele estava à disposição de Bäckström pelo resto da noite. E, provavelmente, até mais do que isso, se fosse necessário.

Bäckström deixou o envelope e a caixa com a garrafa de uísque no banco de trás e entrou na delegacia pela última vez para se despedir dos seus incompetentes colegas que ainda estavam por lá, tentando descobrir o que fariam em seguida. Ele carregava um exemplar amassado do *Småland Post* no bolso e estava pensando

em deixá-lo com Holt. Nem que fosse só para lhe agradecer pelos seus esforços na última vez que se encontraram, quando ela quase conseguira sabotar um de seus velhos casos de homicídio, quinze anos atrás. Ele precisara de toda sua experiência, astúcia e sensibilidade na ponta dos dedos para solucionar o crime. Anna Holt era o exemplo perfeito de uma verdadeira vaca, apesar de ser terrivelmente esquelética, pensou Bäckström.

Mas, primeiro, ele precisaria cuidar do veado do Olsson. Seria um bom aquecimento.

— A gente se vê, Olsson — disse ele com um largo sorriso. — Não sei se falaram para você, mas peguei o assassino um pouco antes do almoço.

— Pois é, eu devo...

— Bobagem, Olsson — interrompeu Bäckström, do seu jeito mais compreensível. — Porra, que história trágica, considerando que se trata de um dos seus melhores amigos. Você entende que preciso tomar certo cuidado. Quer dizer, considerando o seu envolvimento.

— Não estou entendendo direito o que quer dizer — retrucou Olsson, parecendo magoado, mas não furioso. — Se você está se referindo a Månsson, acho que devo ressaltar que nós tínhamos um relacionamento totalmente profissional, por causa do nosso trabalho no...

— Pode chamar como quiser, Olsson — interrompeu Bäckström outra vez, com um sorriso ainda maior. — Mas se estivesse no seu lugar, eu bateria um papo com meu chefe. Só para poupá-lo de ter que ler os jornais amanhã.

Ele foi até Lewin. Hora de pegar o próximo veado da lista, pensou ele. O homem estava sentado no lugar de sempre, tentando se esconder atrás das pilhas de papéis.

— Obrigado pela sua ajuda, Janne — disse Bäckström bem alto, pois sabia que Lewin odiava que o chamassem de Janne.

— Não há de quê.

— Tudo bem. Não vou incomodar. Mas, pelo menos, você fez o que pôde, e agradeço por isso.

Agora só faltava a melhor, que, obviamente, ele deixara por último: Anna Holt. Ela tivera a audácia de ocupar a mesa dele, embora estivesse no prédio havia apenas algumas horas, calculando cuidadosamente a hora que ia chegar, para que ele tivesse tempo de resolver tudo.

— Está tendo dificuldade de largar o caso, Bäckström? — indagou Holt, com um sorriso indiferente.

— Pois é, sem dúvida foi um pouco difícil. Pensei em lhe dar um conselho, antes de ir. Ainda há alguns detalhes pendentes.

— E eu que achava que você já não estava mais em serviço.

— É mesmo? — perguntou Bäckström amistosamente.

— Por alguma razão, coloquei na cabeça que você já tinha começado a comemorar — disse ela, dando de ombros.

— Bobagem. Mas, se eu fosse você, tomaria muito cuidado com nosso suposto colega Olsson. — Ele lhe entregou um exemplar do *Småland Post*. — Se der uma olhada na primeira página, vai entender o que quero dizer.

— Tenho certeza de que não pode ser tão ruim assim — disse ela, olhando vagamente para o jornal. — Mas obrigada, mesmo assim. O recado foi dado.

— Mais uma coisa — acrescentou Bäckström, tendo guardado o melhor para o final. — Como você está fazendo para estabelecer uma ligação entre a vítima e o assassino?

— Lewin e os outros estão trabalhando nisso. Tenho certeza de que vão acabar descobrindo.

— Suponho que sim. Mas eu já descobri.

Ele lhe entregou a foto que recebera do pai da vítima.

Você vai ter que engolir essa, sua safada rancorosa, pensou ele, satisfeito, observando-a olhar para a foto em sua mão.

— O que é isso? — perguntou ela.



— A garota no meio é nossa vítima, à esquerda, sua mãe, e à direita, nosso assassino. O motivo de todos parecerem tão felizes e descontraídos é que a foto foi tirada numa festa em pleno verão, na propriedade do pai da vítima, aproximadamente três anos atrás. Ao que parece, Månsson fazia seus exercícios regulares em cima da mãe da vítima. O motivo que o levou a matar a filha ainda é meio vago, mas tenho certeza de que a mãe da moça vai poder ajudar com os detalhes, se você a pressionar.

— Você conseguiu isso com o pai de Linda? — perguntou Holt, embora fosse mais uma afirmação do que uma pergunta.

— Consegui com uma fonte anônima. Bem, se eu puder ajudar em alguma coisa, é só me ligar.

— Obrigada — disse Holt. — Prometo que entro em contato se surgir algo interessante.

\*

Assim que Bäckström estava seguramente trancado em seu quarto de hotel, contou o conteúdo do envelope pardo que ele nunca recebera. O mesmo total, das duas vezes que contou, portanto, devia estar certo. Aquele desgraçado deve estar nadando em dinheiro, pensou ele, quando terminou de somar.

Em seguida, ele guardou seus pertences e colocou as três latas de cerveja gelada restantes e a garrafa de uísque na parte de cima de uma pequena mochila, como simples mantimentos para a viagem de um policial exausto. Quando entregou a chave na recepção, aproveitou para opinar sobre o serviço oferecido pelo hotel.

— Tentem selecionar melhor as pessoas que lavam as roupas para vocês — disse Bäckström. — E tratem de fazer os funcionários do bar atenderem mais rápido. E demitam os desgraçados que trabalham na cozinha.

O recepcionista prometeu resolver tudo isso antes de sua próxima visita e desejou uma boa viagem a ele e a Rogersson.

*Estocolmo, segunda-feira, 25 de agosto*

A caminho de casa, Rogersson assumiu as tarefas simples e manuais atrás do volante. Bäckström estava estirado no banco de trás, bebendo todas as cervejas enquanto estavam geladas, seguidas de uma dose daquele excelente uísque. De vez em quando, ele enfiava a mão no bolso interno do casaco e deixava as pontas dos dedos brincarem com o conteúdo do envelope pardo, enquanto sonhava acordado com a manchete do jornal. O homem que solucionou o homicídio de Linda, pensou Bäckström, suspirando de pura satisfação. Um pouco antes de chegar em Nyköping, ele dormiu e sonhou de verdade, desfrutando do Repouso Merecido do Guerreiro, até Rogersson estacionar em frente à porta do seu prédio em Kungsholmen, Estocolmo. Como já fizera diversas vezes ao concluir uma missão, o superintendente Bäckström da Divisão Federal de Investigações Criminais voltara para casa triunfalmente.

Por essa razão, na manhã seguinte, ele levou um bom tempo para se dar conta de que o safado da Lapônia, do outro lado da mesa, pensava de forma totalmente diferente. Nada de flores, bolo, sequer uma simples xícara de café, embora fossem apenas oito da manhã e ele tivesse acordado ainda de madrugada para ter tempo de tomar uma ducha, escovar os dentes, comprar pastilhas para a garganta e preparar uma resposta adequada para os sinceros agradecimentos de seu líder supremo pelo empenho. Que porra é essa? Onde essa força policial vai parar?, pensou ele.

Johansson não estava nem um pouco interessado no caso do assassinato de Linda Wallin e em como Bäckström, contra todas as probabilidades, havia conseguido encaixar todas as peças, usando uma combinação testada e comprovada de procedimentos de rotina, trabalho árduo, sensibilidade na ponta dos dedos e astúcia. Em vez disso, ele começou a atormentá-lo com um monte de despesas misteriosas, saques de dinheiro, filmes pornôns registrados na conta do quarto de Rogersson, excesso de horas extras e vários tipos de irrelevâncias que todos os “especialistas” ao seu redor tinham confundido, interpretado errado e colocado a culpa nele.

— Você vai ter que lidar diretamente com o departamento financeiro — concluiu Johansson com uma expressão séria. — É só falar com a minha secretária que ela dá um jeito para você se reunir logo com eles.

— Com todo o devido respeito, chefe, mas, na verdade, sou um policial, não um gênio da matemática — objetou Bäckström. — Todas essas coisas que as outras pessoas...

— Eu ia justamente tocar nesse assunto — interrompeu Johansson, abrindo outra pasta em cima da mesa. — É sobre a denúncia que foi feita contra você na semana passada.

— Você está falando da denúncia que não denunciou coisa alguma, chefe? — indagou Bäckström com astúcia.

— Não sabia que havia outras denúncias — disse Johansson secamente. — O caso de que estou falando refere-se a assédio sexual, e o nome da autora da denúncia é Carin Ågren. Ela mesma deu queixa. Foi registrada na quinta-feira, e um interrogatório foi feito nesse mesmo dia.

— Então como é que eu não vi isso? — perguntou Bäckström num tom magoado.

— A explicação mais simples é que provavelmente não tiveram tempo. Não precisa se preocupar, Bäckström. Já falei com eles e me prometeram que iam entrar em contato com você ainda hoje.

— E o que ela diz? — indagou Bäckström, lançando um olhar frio para seu chefe e o relatório nas mãos dele.

— Segundo a moça, você teria sacudido sua linguicinha para ela. Pode conseguir mais detalhes com a unidade de investigação interna.

Que porra é essa que esse homem está falando? Que linguicinha?, pensou Bäckström.

Fora isso, não havia muito mais a acrescentar, de acordo com Johansson. O departamento financeiro falaria com Bäckström sobre as despesas, o advogado deles explicaria os aspectos legais e a queixa contra ele seria tratada como de costume. O superior imediato de Bäckström cuidaria dos detalhes práticos. No que lhe dizia respeito, só restava uma decisão a ser tomada: se preferiria sair de férias, arranjar um atestado médico ou tirar uma licença, no decorrer da investigação.

— Licença médica?! — exclamou Bäckström, exaltado. — Mas não estou nem um pouco doente. Nunca me senti melhor. É sobre esse tipo de coisa que eu deveria conversar com o sindicato.

— Boa sorte, Bäckström — disse Johansson.

Entre segunda-feira, 25 de agosto, e sexta-feira, 12 de setembro, a superintendente interina Anna Holt fez doze interrogatórios no total com Bengt Månsson, alguns longos, outros mais curtos. A promotora suplente Katarina Wibom e a detetive Lisa Mattei se alternaram no papel de testemunhas oficiais durante as sessões. O primeiro interrogatório foi o mais breve, e Anna Holt ficou sozinha com Bengt Månsson.

— Meu nome é Anna Holt e sou superintendente na Divisão Federal de Investigações Criminais — apresentou-se ela.

E tenho quarenta e três anos, pensou Holt. Sou mãe solteira de Nicke, agora com vinte e um anos. Em geral, feliz com a vida, ainda que algumas coisas pudessem ser melhores, e o futuro, sem dúvida, vai revelar se há alguma necessidade de abordar tudo isso.

— Então, talvez, você possa me explicar o que estou fazendo sentado aqui — disse Månsson.

— Bem, claro. Você está aqui porque é o principal suspeito de ter assassinado Linda Wallin.

— Sei, a tal Wibom já me disse. E isso é o mais grotesco. Não faço a menor ideia do que vocês estão falando.

— Não se lembra?

— Claro que me lembraria se tivesse matado alguém. Esse não é o tipo de coisa de que a gente se esquece.

— Tenho certeza de que pode acontecer — afirmou Anna Holt. — Sabe de uma coisa? Sugiro que a gente deixe isso de lado por

enquanto.

— Então, por que mais estaríamos sentados aqui?

— Talvez possa me contar como foi que conheceu Linda. Comece com a primeira vez em que a encontrou.

— Claro — concordou Månsson. — Se isso vai ajudar... Ficarei feliz em dizer como conheci Linda. Não é nenhum segredo.

O interrogatório foi suspenso após quarenta e cinco minutos, de acordo com o protocolo e, apenas meia hora depois, uma curiosa Katarina Wibom passou por acaso na sala de Holt.

— Como está indo? — perguntou ela.

— Exatamente como planejado e em total acordo com as minhas expectativas — respondeu Anna Holt. — Ele não se lembra de nada sobre o assassinato propriamente dito, mas, considerando o que aconteceu, mais do que isso seria uma surpresa, para dizer o mínimo. Ele me contou como conheceu Linda e a mãe. E, depois, nós conversamos. Ele foi até simpático. Prestativo, levando em conta as circunstâncias. O que já é mais do que se poderia esperar. Talvez você queira ouvir o que ele disse, não?

— Se você estiver com tempo — respondeu a promotora.

A primeira vez em que Månsson encontrou a mãe de Linda foi numa conferência, num mês de maio, cerca de três anos atrás. O tema da palestra envolvia vários projetos com foco cultural e social, administrados pelo conselho municipal e visando prioritariamente os jovens que vinham de famílias de imigrantes. Lotta Ericson compareceu por ser professora do ensino médio e ter vários alunos que não são suecos. Ele administrava projetos vinculados ao departamento de cultura do município. Evidentemente, eles simpatizaram no primeiro intervalo para o café. Alguns dias depois, saíram para jantar e a noite terminou na cama de Månsson, em seu apartamento na Frövägen. As coisas evoluíram com naturalidade e ele conheceu Linda um mês depois, na festa do solstício de verão, na mansão do pai dela, perto de Växjö.

— E o que aconteceu depois disso? — perguntou a promotora, ansiosa.

— Na verdade, não sei. Sugeri fazer uma pausa e continuar amanhã. Como ele não se opôs, paramos nesse ponto.

— Isso foi inteligente.

— Não tenho certeza. Tive a nítida impressão de que ele prefere mulheres que são difíceis. Então, estou tentando parecer um pouco distante.

— Ele deu em cima de você?

— Bem, com certeza ele estava tentando se defender. Eu diria que o futuro vai revelar a evolução do nosso relacionamento.

— Meu Deus, que emocionante — comentou a promotora, sentindo um arrepio de antecipação.

— Pois é, sempre é muito emocionante — concordou Anna Holt.

\*

No dia em que Anna Holt iniciou o interrogatório com Månsson, houve uma entrevista coletiva com a imprensa, que acabou se tornando a mais esperada de todas na história de Växjö. No centro do palco, estavam sentados Katarina Wibom, promotora; ao seu lado, o superintendente Bengt Olsson e a assessora de imprensa da polícia de Växjö. Na extremidade esquerda, estava o relutante Jan Lewin, a quem não foi feita pergunta alguma, mas que, ainda assim, acabou aparecendo na televisão, por causa de sua expressiva linguagem corporal. Dedicaram bastante tempo a ele no noticiário televisivo. Lewin torcera o pescoço de um modo muito estranho, dando a entender que estava extremamente incomodado. Por alguma razão, sua imagem também ilustrou a resposta à única pergunta feita ao superintendente Olsson.

De início, houve uma avalanche de perguntas sobre o assassino, a maioria das quais a promotora respondeu enquanto a assessora de



imprensa fazia o possível para manter certa ordem entre os jornalistas e selecionar as perguntas do modo mais imparcial possível entre aqueles que gritavam mais que os outros. Sem entrar em detalhes, a promotora adiantou que emitiria uma acusação oficial com base em uma suspeita considerável no dia seguinte, ou quarta-feira, no mais tardar. Ainda estavam aguardando os resultados de algumas análises da polícia científica, e, antes disso, ela não faria mais comentários. E, certamente, nenhum sobre a pessoa que estava em prisão preventiva como suspeita.

Após as perguntas rotineiras sobre quem era o suspeito, os jornalistas logo desistiram. Todos eles conheciam seu nome, onde morava e trabalhava. Uma foto dele, seu nome e endereço já tinham se tornado públicos na internet, e o *Dagens Nyheter* e os quatro maiores jornais do país dariam continuidade ao caso no dia seguinte. Estavam em busca de parentes, amigos, conhecidos, vizinhos e qualquer um que pudesse cooperar, fosse factível ou não, com qualquer coisa.

Então, eles deixaram a promotora de lado e se concentraram na polícia, retomando tudo desde o início. Para começar, Bengt Olsson foi requisitado a comentar a fase introdutória da investigação, mas, por algum motivo, ele preferiu falar sobre outra coisa. A pergunta se referia à crítica que o Ministério da Justiça e a Ouvidoria Judicial tinham feito à decisão de coletar amostras de DNA de quase mil cidadãos inocentes de Växjö. Segundo Olsson, a recente redução no número de policiais trabalhando no caso, de cerca de trinta para doze, indicava que eles haviam passado para uma fase inteiramente nova na investigação.

Um repórter do principal canal de notícias queria saber se tinha sido a coleta de amostras de DNA que os levava até o assassino. Também não lhe deram qualquer detalhe sobre isso, mas o superintendente Olsson pôde, pelo menos, informar que a tecnologia de análise de DNA havia desempenhado um papel decisivo nos

estágios finais do inquérito. E foi nesse momento que, por alguma razão, Lewin e seu pescoço esquelético apareceram na televisão.

\*

Assim que a coletiva de imprensa se encerrou, Lewin voltou para a sua sala e tentou esquecer o que acabara de acontecer, procurando continuar com a sua, até o momento, infrutífera busca por um suéter de caxemira, a provável fonte dos fios azuis. A ideia de Sandberg de falar com o piloto aposentado não foi totalmente inútil. Alguns anos antes, o homem havia mesmo comprado um suéter em um aeroporto. Uma oferta especial com um bom desconto. Isso acontecera em Hong Kong, onde era possível encontrar as marcas mais chiques por preços irrisórios.

— Se me lembro bem, passara de novecentos e noventa e nove dólares para apenas noventa e nove — disse ele.

Em seguida, lhe mostraram fotos de vários tipos de suéter e ele imediatamente apontou para um azul, com gola em V e mangas compridas.

— Era igual a este. De excelente qualidade. Fresco no verão e quente no inverno. Meu suéter favorito para usar durante o ano todo.

E o que acontecera com o suéter? Um dia ele simplesmente não conseguiu encontrá-lo. E continuava desaparecido.

Será que, por acaso, ele poderia ter dado para o namorado da filha caçula na época? Com certeza não, segundo o ex-piloto. A única coisa que ele lhe daria era um pé na bunda. E se naquele momento já soubesse de tudo, ele teria feito isso com toda força. No que dizia respeito aos outros aspectos de Bengt Månsson, ele disse que ela deveria falar com sua filha, mas agradeceria se pudessem lhe dar alguns dias para que ela se recuperasse. Durante o período em que conversaram, ele tentou limitar a relação que mantivera com

Månsson ao mínimo exigido pela educação. O grande mistério, na opinião do ex-piloto, era como certas mulheres, apesar de inteligentes, bonitas e encantadoras — como sua filha, por exemplo — conseguiram saber tão pouco sobre os homens.

— Talvez Månsson tivesse pegado o suéter emprestado, ou até mesmo... roubado, não? — sugeriu Sandberg.

Ela já estava ansiosa para encontrar a filha do ex-piloto e terem uma conversa bem longa sobre a insondabilidade dos homens.

— Isso não me surpreenderia nem um pouco — resmungou o ex-piloto. — Sempre achei que ele fosse capaz de todo tipo de coisa.

— O que quer dizer com isso?

Bem, não capaz de assassinar, exatamente. Quando sua família e ele foram informados sobre o assunto no final da tarde anterior, todos ficaram bastante chocados, e ainda estavam, mas ele havia desvendado que tipo de pessoa Månsson era desde o princípio.

— Alguma coisa específica em mente? — perguntou Anna Sandberg.

A primeira vez que se dera conta do tipo de pessoa com quem sua filha morava foi quando ela estava no sétimo mês de gestação e por acaso ele encontrara Bengt Månsson com outra mulher num restaurante em Växjö. Månsson tivera a audácia de se aproximar e apresentá-la como uma colega de trabalho.

Ele era mesmo indigno de confiança, notoriamente infiel, havia mentido sobre tudo, era inútil em se tratando de dinheiro, incapaz de distinguir entre o que era dele e o que era dos outros, imprestável para cuidar da própria filha, sendo que não demonstrava a menor vontade de fazer isso. Ele parecia, sob todos os aspectos, disposto a usar a filha do ex-piloto como desculpa para pegar o velho Saab emprestado. O grande mistério ainda era o fato de ela ter levado dois anos para perceber aquilo que ele mesmo começara a suspeitar desde o primeiro dia.

— Tenho certeza de que ele roubou meu suéter. Nunca confiei nesse cara. E isso foi o mais leve que ele fez.

No entanto, a busca no apartamento de Bengt Månsson, que a polícia realizava no momento, não encontrara nenhum suéter. Se estava lá antes, então havia desaparecido. E também qualquer outra coisa que tivesse alguma importância. O apartamento de Månsson era surpreendentemente arrumado. Considerando o testemunho unânime da vizinhança sobre o grande número de mulheres que ele recebera durante os anos em que morava lá, elas tinham, estranhamente, deixado poucos vestígios. O mais interessante eram as coisas que não estavam lá. Por exemplo, um mês atrás, Månsson tinha jogado fora o antigo disco rígido do computador e comprado um novo.

— Ele já deve ter se livrado do suéter — disse Enoksson a Lewin.  
— Na minha opinião, ele o jogou fora enquanto tentava se livrar do carro.

Após a conversa, Lewin falou sobre o celular pré-pago que Månsson usara na manhã em que Linda fora assassinada. “Para quem ele ligou pela última vez?”, ele anotou a pergunta na lista de pendências em seu computador.

— Conte sobre a segunda vez em que você encontrou Linda.

Assim começou o segundo interrogatório com Månsson. Ao fazer essa pergunta, Holt se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos na mesa, com um sorriso interessado, um olhar curioso...

— Bem, a primeira vez foi na festa do solstício de verão, na casa do pai dela, quando eu estava...

— Eu sei. Isso você me disse ontem — interrompeu Holt. — Mas e a segunda vez?

A segunda vez tinha sido total coincidência, segundo Månsson. Ocorreu um mês depois. Eles se esbarraram na cidade. Algo comum para quem mora em Växjö. Começaram a conversar e resolveram ir tomar um café. Antes de se separarem, ele dera seu número de telefone para Linda.

— Falaram sobre o quê?

As conversas que sempre temos quando encontramos alguém por acaso e já vimos a pessoa, pelo menos uma vez. Uma moça simpática, alegre e engraçada também, com um senso de humor ligeiramente incomum. Várias sutilezas, inúmeras piadinhas, as quais Månsson apreciara, pois, pela sua experiência, isso não era frequente nas mulheres. Entretanto, era a mãe de Linda quem ele realmente conhecia, e é claro que esse fato havia influenciado a primeira conversa que tiveram sozinhos.

Era essa a brecha que Holt estava esperando.

— Então vocês dois também falaram sobre ela?

Segundo Månsson, foi a própria Linda quem abordou o assunto, e ele ainda se lembrava claramente do que ela dissera. “Então fale sobre minha mãe querida. Vocês ainda estão vivendo o sonho de um grande amor, ou o quê?”

Nesse momento, Månsson decidira ser sincero e direto. Ele explicou a Linda que nunca fora o sonho de um grande amor. É claro que ele gostava muito da mãe dela, uma mulher bonita e inteligente. Mas com toda certeza não se tratava de nenhum sonho de um grande amor. Nem da sua parte nem da dela. Além disso, eles não tinham muito em comum. Lotta Ericson era consideravelmente mais velha do que ele e levava uma vida bem diferente, mais classe média do que a dele. Como os dois tinham se dado conta disso sem sequer precisar tocar no assunto, acabaram se encontrando cada vez menos e nas últimas semanas — desde a festa do solstício, quando ele conhecera Linda — apenas se falavam pelo telefone. Na véspera da partida de Lotta para o exterior, ele ligara para lhe desejar uma boa viagem. Ela reagira de forma razoavelmente rude e, se tivesse havido algo entre eles, já havia terminado. Com certeza, fora esta a impressão que ele tivera da última conversa dos dois pelo telefone.

— Como foi que Linda reagiu? — perguntou Anna Holt, ainda com a mesma curiosidade do início.

Da maneira direta e articulada como era de costume. Por isso ele se recordava de quase todas as palavras.

— Ela disse algo como: “Sorte sua, minha mãe é mesmo uma safada”. Em inglês. Isso porque ela tinha morado nos Estados Unidos quando criança, é claro.

\*

Na terça-feira, duas das dúvidas de Lewin se esclareceram de tal modo que um policial grisalho como ele poderia apenas sonhar.

Primeiro, uma enfermeira de vinte e sete anos de Kalmar ligou para a polícia de Växjö para contar coisas sobre o assassinato de Linda, do qual ela só se dera conta naquela manhã, ao ler o *Dagens Nyheter* no trabalho e descobrir quem era o autor do crime. Depois de se apresentar ao policial que atendeu ao telefone, Thorén recebeu a chamada e, assim que desligou, Knutsson e ele entraram no carro e seguiram para Kalmar, na intenção de interrogá-la.

Na manhã de sexta-feira, 4 de julho, Bengt Månsson ligara para o celular dela. Estava em Kalmar e queria saber se os dois podiam se encontrar. Ele a convidara num impulso repentino, pois estava a caminho do show da banda Gyllene Tider, em Borgholm, na ilha de Öland, naquela noite. Depois de resolverem vários detalhes práticos, inclusive o fato de ela ter que cancelar outro compromisso, Månsson apareceu em sua casa e, em menos de dez minutos, estavam transando. E assim passaram boa parte da tarde. Tudo muito parecido com as outras vezes em que se encontrara com ele.

A primeira vez fora em meados de maio, quando ela e um grupo de amigas do trabalho foram ao teatro em Växjö, e Månsson tinha sido o guia do grupo. Depois do espetáculo, assim que ela conseguiu se livrar das amigas, os dois foram para o apartamento dele e transaram. Para ganhar tempo, as preliminares começaram no caminho, no táxi.

Da última vez, porém, as coisas não acabaram muito bem. Naquela tarde, durante uma pausa nas atividades sexuais, Månsson perguntou se poderia colocar seu suéter na máquina de lavar dela. Um suéter elegante azul-claro que manchara de ferrugem no dia anterior. Isso acontecera quando ele estava ajudando um vizinho a consertar o carro, tendo sujado o suéter quando estava deitado debaixo do motor. Ele se arranhara também na barriga, mas quando ela apontou o machucado, ele não deu muita importância. Só um arranhão.

Ela lhe explicou então que o suéter precisava ser lavado à mão, com água bem fria. Ainda mais se houvesse manchas de sangue no

tecido. Enfim, a máquina de lavar estava fora de questão, algo que qualquer mulher sabe, mas pouquíssimos homens, infelizmente. Ela o lavou à mão para ele e o estendeu para secar, enquanto recomeçava a fazer o que andara fazendo com o dono do suéter. À noite, eles foram para o show. O suéter ainda estava úmido, mas isso não foi um problema, pois Månsson trouxera uma bolsa de lona com algumas roupas limpas. Além disso, à noite, fazia cerca de vinte graus lá fora.

Após o show, ela encontrara, por acaso, alguns velhos amigos de Västervik, e enquanto conversava com eles, Månsson desapareceu repentinamente. É verdade que havia muita gente circulando por lá, mas foi como se ele tivesse sumido num passe de mágica. Ela passou meia hora procurando por ele, até encontrar uma amiga com quem trabalhava e que estava com ela quando conheceu Månsson no teatro de Växjö. Essa amiga disse ter visto Månsson quinze minutos antes, indo embora acompanhado de uma moça.

— Imagino que isso não deve ter deixado você muito feliz, não é?  
— perguntou Thorén, no seu tom mais solidário.

“Não muito feliz” era dizer o mínimo, mas na verdade não foi isso que a irritou mais. Månsson não era para casar, mas servia aos seus propósitos, enquanto ela esperava o “homem certo” aparecer em sua vida. Como esses também pareciam ser os propósitos dele, não havia do que reclamar. O que a deixara mais irritada, “muito puta da vida, na verdade”, foi o fato de ter se dado o trabalho de lavar o suéter dele.

Então, a primeira coisa que fez ao chegar em casa naquela noite foi pegar o suéter, enfiar dentro da bolsa que ele deixara para trás e jogar tudo no lixo. Ela passara os dias seguintes esperando que ele entrasse em contato para poder contar o que fizera, mas ele nunca mais ligou. E ela, com certeza, não iria telefonar para ele.

— Então você jogou tudo no lixo? — perguntou Thorén.

O suéter, umas cuecas usadas e talvez outras coisas que esqueceu, assim como a bolsa onde ele trouxera os pertences. Tudo



acabou na lixeira, mas as latas de lixo de seu prédio eram esvaziadas uma vez por semana, e não havia mais muita esperança de encontrar alguma coisa.

— Tenho certeza de que ter nos contado isso já basta — assegurou Thorén, preferindo evitar o uso da palavra depoimento sempre que possível. — Você mencionou que, quando estive com ele pela última vez, notou que a barriga dele estava arranhada. Por acaso se lembra da aparência desse machucado?

Não era nada de especial, de acordo com a testemunha. Apenas um arranhão comum. Mais ou menos dez centímetros acima do umbigo.

Profundo? Inflamado? Infeccionado? Era recente? Tinha quanto tempo?

Não muito profundo, não parecia grave, tinha de dez a quinze centímetros de comprimento. Talvez tivesse se machucado no dia anterior, como ele dissera. Parecia que ele havia se arranhado em alguma coisa afiada, e talvez o mais simples fosse Thorén levantar a camisa e ela indicar o que estava querendo dizer. A moça ainda acrescentou que considerando a profissão que exercia, isso era algo comum para ela.

— Obrigado pela proposta — respondeu Thorén, sorrindo. — Mas que tal eu desenhar um esboço num papel, seguindo suas instruções?

— Está ótimo — disse a testemunha, cinco minutos mais tarde, apontando para o desenho de Thorén. — Você nunca pensou em ser artista em vez de policial?

— Na verdade, não. — Thorén continuava sorrindo. — Mas sempre gostei de desenhar.

Um arranhão horizontal de cerca de dez centímetros de comprimento, que ficava a aproximadamente dez centímetros acima do umbigo, e também alguns arranhões menores no peito. Era essa a aparência que tinha?

Sem a menor dúvida, nas palavras da testemunha. E, desde que aquela informação ficasse entre os três naquela sala, se ela estava tão segura assim, era porque o tinha beijado várias vezes. Ela sugeriu passar um antisséptico para beijá-lo ainda mais. Månsson recusou o medicamento, mas ela continuou com os beijos mesmo assim.

— Que jovem encantadora — disse Thorén com um suspiro, quando estavam sentados no carro, voltando para Växjö.

— Então, por que você não mostrou sua barriga sarada para ela? — perguntou Knutsson, parecendo um pouco irritado.

— Não quis deixar você constrangido.

— Esse tal de Månsson parece levar uma vida bem agitada — comentou Knutsson, mudando de assunto.

— Ele tem sorte de não ter vivido na época de Zorn — acrescentou Thorén, que, apesar de ser policial, nutria um interesse genuíno pela arte.

\*

— Bem, com exceção do infortúnio com a lixeira, acho que podemos ficar satisfeitos — declarou Lewin algumas horas depois, ao ouvir o que a testemunha revelara. — O que você quis dizer com Zorn?

O interesse de Månsson pelas mulheres, explicou Thorén. Tudo começava a indicar que ele já dormira com todas as garotas de Småland. Ou quase todas. Assim como o artista Anders Zorn, que segundo as histórias, conseguiu ter cinquenta e cinco crianças, reconhecidas, mas ilegítimas, entre uma pintura e outra.

— Cinquenta e cinco. Em apenas duas cidades: Orsa e Gagnef. Sendo assim, sorte de Månsson que a maioria das mulheres hoje em dia toma contraceptivo. Pelo visto, isso só falhou uma vez.

— E quanto ao terceiro encontro que tiveram? — perguntou Holt, com a mesma curiosidade e interesse cordial do início do interrogatório, que começara mais de uma hora atrás. — Conte para mim como foi que aconteceu.

Segundo Månsson, Linda ligara para o número que ele lhe dera. Ela fizera dezoito anos no dia anterior, e seu pai organizara uma grande festa para ela e todos os seus amigos na mansão. E ela estava pensando em prosseguir com a festa, mas dessa vez só com Bengt Månsson.

— E o que você achou disso?

— Para ser sincero, fiquei realmente surpreso. Nunca me passou pela cabeça ligar para ela, então, fiquei um pouco espantado quando ela me ligou.

— O que ela disse?

— Isso foi uma das coisas que mais estranhei. Ela me perguntou se eu podia levá-la para jantar. Comemorar que agora ela era adulta.

— Como você encarou isso?

— Ora, sugeri que poderíamos dividir a conta — respondeu Månsson.

— E o que ela achou?

— Disse que eu não deveria sequer pensar nisso, pois não era com sua mãe que eu ia sair. Ela era assim, bem direta.

— Você ficou surpreso? — perguntou Holt.

— Reconheço que foi um pouco brusco da parte dela. Mas, é claro, eu sabia que seu pai tinha bastante dinheiro. Lotta me dissera, por isso eu já sabia. E eu tinha visto onde moravam e poderia ter chegado a essa conclusão sozinho.

Então, eles jantaram num restaurante em Växjö, onde conversaram, riram.

— E quem pagou a conta no fim? — perguntou Holt, mantendo sua expressão de interesse, embora isso exigisse cada vez mais dela.

— Ora, ela, é claro — respondeu Månsson, ainda parecendo surpreso. — Até sugeri que a gente dividisse, mas ela já estava decidida. Foi como se estivesse no comando, agora que era uma mulher adulta e, portanto, tinha todo o direito de convidar alguém como eu para jantar, se tivesse vontade. Além disso, ela falou que provavelmente tinha mais dinheiro do que eu, o que era verdade, é claro, e só pude concordar. Estamos falando de uma garota que havia acabado de fazer dezoito anos.

— E então vocês foram para sua casa e passaram algum tempo juntos? — indagou Holt, sem perder a oportunidade de fazer essa pergunta.

— Fomos, sim. Para o meu apartamento e fizemos amor, na verdade.

— Conte sobre esta primeira vez que ficaram juntos.

Eles tinham feito exatamente isso: amor. Não só sexo. Eles se amaram. Em seguida, Månsson lhe ofereceu um pouco de vinho, os dois começaram a conversar, foram dormir juntos e, no dia seguinte, tomaram café da manhã. Tudo acontecera assim, e só de pensar que estava sentado ali naquele momento, num lugar como aquele, tendo que falar sobre toda a situação daquela maneira, ele se sentia terrível. Acabara se metendo numa situação inexplicável. Nunca tinha machucado Linda. Nunca sonharia em fazer isso.

— Quer saber de uma coisa? — perguntou Holt. — Sugiro que a gente pare por aqui e continue amanhã.

\*

— Então, ele admite que transou com ela? — confirmou a promotora durante o almoço.

— O cara não é burro — respondeu Holt.

— E quanto ao restante? A perda de memória do que ocorreu na sexta-feira, 4 de julho? Ele não tentou explicar isso?

— Fez uma vaga tentativa no final, mas consegui interrompê-lo — disse Holt.

— Você vai esperar para abordar isso?

— Estou pensando em deixar para quando ele admitir que estava em casa quando tudo aconteceu. Quando eu souber tudo sobre o que ele aprontou no dia em que a estrangulou.

— Quer dizer, quando chegar a hora certa?

— Isso mesmo. Quando chegar a hora certa, e acho que você deveria participar.

— Faz alguma ideia de como isso vai acabar, então?

— Claro — respondeu Holt. — Sei exatamente como vai acabar.

— Você se importa de me contar?

— Posso até deixar anotado para você, se prometer que não vai ler antes de eu terminar com ele.

— É melhor não fazer isso. Nunca fui capaz de me conter. Sou do tipo que olha sorratamente as coisas que as pessoas deixam na mesa assim que saem da sala.

— Eu também. Acho que todo policial de verdade é assim. Que ótimo finalmente conhecer uma promotora que faz a mesma coisa.

Na quarta-feira de manhã, Bengt Månsson foi oficialmente acusado pelo tribunal do distrito de Växjö como suspeito do assassinato de Linda Wallin. O relatório final, confirmando que seu DNA fora encontrado na cena do crime, tinha chegado do Laboratório Central no dia anterior. Apesar disso, por meio do seu advogado, Månsson negou veementemente ter matado Linda. Ele não tinha comentário algum a fazer, exceto que era inocente e que achava toda aquela situação incompreensível. Anna Holt resolvera conscientemente se afastar dos procedimentos judiciais. Para ela, era uma questão de não pôr em risco a relação de confiança que tentava estabelecer com o acusado. Månsson não deveria vê-la de modo desfavorável. Ao contrário, ele deveria ter a chance de pensar que ela se mantinha afastada porque não acreditava muito no que os outros diziam sobre ele. Simples assim.

— Aliás, ele perguntou por você, Holt — disse a promotora mais tarde.

— Ótimo. Eu esperava que perguntasse mesmo.

Depois do almoço, ela mesma foi buscá-lo e perguntou se ele ficaria incomodado caso uma colega policial acompanhasse o interrogatório.

— Mas, se você não quiser, podemos deixar isso para lá — acrescentou ela depressa, ao notar um lampejo de hesitação nos olhos dele.

— Não. Tudo bem — respondeu Månsson, assentindo. — Se não tem problema para você, para mim, está ok.

— Certo. Então vamos fazer assim.

A sessão durou três horas, e Lisa Mattei disse apenas cinco frases durante todo esse tempo. Antes de o interrogatório começar, Månsson repentinamente lhe fizera uma pergunta:

— É provável que isso pareça muito estranho... Mas você é mesmo policial?

— Sou — respondeu Lisa Mattei com um sorriso mais simpático do que o de Holt. — Você não é a primeira pessoa a perguntar isso.

— Você não parece mesmo uma policial, se entende o que quero dizer.

— Eu sei. Acho que é porque passo os dias sentada, lendo vários documentos. Mas, algumas vezes, também tenho que sentar e escutar.

— Fale sobre o seu relacionamento com Linda — começou Anna Holt.

Linda Wallin havia acabado de fazer dezoito anos, Bengt Månsson estava com trinta e dois, mas Holt não tinha qualquer intenção de deixar escapar alguma alusão à diferença de idade. Ainda não. Na próxima semana, talvez, se tudo seguisse conforme o esperado.

Ele não achava que era possível chamar aquilo de relacionamento. Havia diferenças demais entre eles. Tinham só passado algum tempo juntos. Talvez tenham sido vinte vezes em três anos. Com frequência maior no início, depois foi ficando mais raro. A última vez que a viu foi no começo da primavera, quando ela lhe telefonara para dizer que tinha terminado com o namorado. Mas, claro, ele gostava de Linda. Muito, na verdade, e para ser bem sincero, durante algum tempo, ficara um pouco apaixonado por ela. Pelo menos, no início, mas seja lá por qual motivo, nunca lhe dissera isso.

— Tenho a ligeira impressão de que Linda também gostava bastante de você — insinuou Holt.

Não havia dúvida quanto a isso, concordou Månsson, e por essa razão as coisas ficaram ainda mais problemáticas, dadas as circunstâncias. Uma vez, ela chegou a lhe contar que escrevera sobre ele em seu diário. Ele parou abruptamente de falar. E Holt notou o mesmo brilho no olhar que vira ao perguntar se Lisa Mattei podia acompanhar o interrogatório.

— Eu sei. Eu sei como ela gostava de você, mas tem outra coisa me intrigando — disse Holt, querendo afastar o diário daquela conversa o mais rápido possível. — Fiquei um pouco relutante em perguntar sobre isso antes, mas suponho que o pior que pode acontecer é você se opor e então falaremos sobre outra coisa.

— É mesmo? — exclamou Månsson, parecendo, de repente, hesitante e atento.

— Pois bem, não é exatamente um segredo, mas tenho a impressão de que você é um homem bem experiente no que diz respeito às mulheres. Eu até diria muito experiente — disse ela, sorrindo após dar de ombros.

Månsson entendeu o que Holt queria dizer, mas não gostou muito do termo utilizado. Experiente era uma palavra severa, cínica. Månsson gostava de mulheres. Sempre tivera facilidade de conversar com mulheres, socializar com elas, simplesmente estar em sua companhia. Na verdade, nunca tivera nenhum amigo homem, o que nunca lhe fizera falta. Mas, sim, ele já estivera com inúmeras mulheres ao longo dos anos, se era isso que intrigava Holt. Ele gostava de mulheres, sentia-se bem com elas. As mulheres, basicamente, o deixavam feliz, o animavam e o faziam se sentir em segurança. Tudo se resumia a isso.

— Não acho que há nada de estranho — concordou Anna Holt. — Entendo perfeitamente o que você quer dizer, mas acho que eu estava pensando só em Linda.

— Você quer dizer que ela podia não ser muito experiente no sexo? — perguntou Månsson.



— Exatamente. É o sexo que me interessa. Quer dizer, quando você e Linda transaram.

Sexo totalmente normal, segundo Månsson, o que não tinha o menor problema com Linda, considerando seus sentimentos por ela e os dela por ele.

— Sexo comum, baunilha — resumiu Holt.

— Estar com ela era o mesmo que estar com alguém de quem se gosta muito, alguém que você respeita — respondeu Månsson. — Mas, tudo bem, pode chamar de sexo comum, baunilha, se preferir.

Holt ainda quis saber sobre as outras. Considerando todas as mulheres com quem ele estivera, alguma delas parecera mais experiente que Linda? Tinham sido relações sexuais comuns e baunilhas também?

Nem sempre, segundo Månsson. Mas desde que fosse um comportamento voluntário e consensual da parte de dois adultos responsáveis, não havia nada de errado nisso. Não se fosse algo que ambos quisessem e desde que ninguém saísse machucado.

— Dê uma olhada em qualquer coluna de aconselhamento sexual nos jornais, que vai entender o que estou falando — disse Månsson.

— Entendo perfeitamente — concordou Holt. — Além do mais, não é por este motivo que está aqui conversando comigo.

— O que você quer dizer?

— O que você acabou de mencionar sobre um comportamento consensual entre dois adultos responsáveis. Concordo totalmente com você. O que eu tenho a ver com isso? Afinal de contas, é a sua vida particular. Olhe, que tal pararmos por aqui hoje e continuarmos amanhã? Na verdade, já faz mais de três horas que estamos sentados aqui.

— Obrigada por me ter me deixado acompanhar a sessão — disse Lisa Mattei, sorrindo para Månsson. — Foi mesmo muito interessante. Quer dizer, o que você falou sobre ser experiente e estar exausto. Achei muito bem formulado, de verdade.

— Ah, obrigado — agradeceu Månsson.

\*

— E aí? O que você achou do meu pequeno Bengt Axel? — perguntou Holt a Mattei, assim que as duas ficaram sozinhas.

— Não faz o meu tipo — respondeu Lisa Mattei. — E, bem, é provável que eu também não faça o tipo dele — acrescentou ela, dando de ombros.

— Qual é o tipo dele, então?

— Todos, se acreditarmos no que ele diz.

— E na sua opinião?

— Nenhum, só ele mesmo — respondeu Lisa, balançando a cabeça. — Se você reescrevesse o interrogatório e substituísse mulheres por comida, por exemplo, veria o que quero dizer. Um tremendo comilão, é isso que ele é.

— Mais alguma coisa?

— O diário. Aquele que todo mundo parece achar que o pai de Linda está escondendo.

— E o que podemos fazer sobre isso, supondo que seja verdade?

— Bem, é óbvio que o pai de Linda o escondeu. Nunca vamos conseguir encontrá-lo, mas é evidente que Månsson suspeita que você já o tenha lido. Foi inteligente como você fez isso, aliás. Sendo assim, é muito bom que a gente não tenha lido. O advogado dele iria querer dar uma olhada.

— Então, por que ele está tão preocupado?

— Anna — disse Mattei, dando um suspiro. — Você sabe muito bem com o que ele está preocupado.

— Que o diário de Linda não fale somente de sexo baunilha — acrescentou Holt.

— Está vendo só? Você está falando com alguém que nunca fez muito sexo baunilha. Realmente, para que precisa de mim?

A essa altura, todos já sabiam quem era o assassino de Linda. E várias pessoas pareciam conhecê-lo pessoalmente. Os detetives estavam com a corda toda, trabalhando em três turnos, e diversas informações sobre Månsson chegavam até as mesas da equipe de investigação.

O fornecedor de Månsson procurou seu contato secreto no esquadrão antidrogas da delegacia. Ele não costumava dedurar seus clientes habituais, mas Månsson não era mais um desses fregueses. Ele também nunca fora um cliente muito bom, aliás. Comprava umas duas vezes por ano, principalmente maconha. No momento, tendo em vista que ele mesmo acabara de ser condenado por dois anos e meio, talvez conseguisse um favor em troca.

Quase ao mesmo tempo, Knutsson estava descobrindo como Månsson aprendera a roubar carros. Um antigo colega de escola, em Lund, ligou para contar que ele e o suspeito tinham passado vários verões seguidos trabalhando numa instituição para jovens infratores em Skåne. Månsson sempre tivera jeito e interesse pela mecânica, apesar de transformar quase numa virtude o fato de sua aparência sugerir o oposto. No entanto, era com as mulheres que ele se mostrava insuperável. Mas é claro que eles já sabiam disso, não é mesmo?

Quase todas as ligações que receberam eram de jovens mulheres. Um número excepcional delas, superando as expectativas dos policiais, telefonava para contar as experiências que tiveram com

Månsson. E uma quantidade ainda maior ligava para dizer que tinham amigas que haviam lhes contado sobre ele. Uma dessas informantes em especial foi bem interessante. Contou que uma amiga sua estava agradecendo aos céus por ainda estar viva. Segundo o que supostamente lhe disseram, sua amiga estivera com Månsson na noite de quinta-feira, 3 de julho. Mas ela achava que havia alguma coisa errada e dera um jeito de cair fora.

Duas horas mais tarde, a tal amiga foi interrogada por Knutsson e Sandberg. Como era inevitável, a versão dela foi bem diferente. Mas em todos os aspectos significativos e do ponto de vista da polícia foi extremamente interessante mesmo assim. Além de bater com outras informações que eles tinham.

Na quinta-feira, por volta das dez da noite, ela saíra para visitar Månsson no seu apartamento, na rua Frövägen, em Öster. Já estivera ali várias vezes durante aquele verão, e tudo começara como sempre: no sofá da sala de estar de Månsson. Mas, de repente, ela decidiu colocar um fim naquilo.

— Não sei exatamente por quê — confessou ela, olhando para Anna Sandberg. — Assim, de repente, eu não quis mais.

E então, como ele reagiu?, perguntou-se Sandberg.

No início, ele não parou, mas quando ela começou a resistir, ele desistiu.

Chegou a ficar violento? Fez uso de força contra ela?

— Não — respondeu a testemunha. — Só ficou muito bravo. Como uma criança.

E como a vítima também estava igualmente furiosa, vestiu a blusa e a calça de volta, pegou sua bolsa e foi embora.

— Graças a Deus — disse ela. — Se eu tivesse ficado, ele teria me estrangulado também.

Na verdade, era provável que a situação fosse bem pior, pensou Anna Sandberg. Se você tivesse agido como sempre, Linda Wallin poderia estar viva. Em seguida, ela fez as perguntas óbvias sobre as

preferências sexuais de Månsson, e a testemunha deu a mesma resposta que todas as outras mulheres com quem tinham falado.

Ele poderia ser considerado um troféu bastante cobiçado entre as mulheres. Gostava de tomar a iniciativa durante o sexo. Era bonito, forte, em boa forma, trepava bem. Um garanhão que dominava diversas disciplinas. Tinha a mão pesada, se necessário, e se elas assim quisessem. Um cara aberto à maior parte das sugestões e ideias. Mas não era violento, não parecia querer machucar ninguém, e certamente não tentava satisfazer nenhuma tendência sádica pessoal.

— Isso é que é estranho — disse a testemunha. — Nunca percebi que ele fosse um sádico. Nunca agiu dessa forma comigo.

Porque você sempre fazia o que o cara queria, portanto, ele nunca ficava suficientemente frustrado quando estava com você, pensou Sandberg.

Provavelmente, pensou Knutsson, você não fazia o tipo dele.

A presença de Lisa Mattei durante o quarto interrogatório de Månsson não foi nenhuma coincidência. Holt estava pensando em começar a pressionar o acusado e precisava de Mattei por perto para segurar a onda e deixar essa mudança menos evidente para ele. Os modos amigáveis de Mattei, sua aparência gentil e seu ar inocente a tornavam desinteressante para Månsson, e absolutamente perfeita para Holt.

— Ontem você disse que Linda já escreveu sobre vocês dois no diário.

— E daí? — respondeu Månsson com um olhar cauteloso.

— Toda regra tem sua exceção — prosseguiu Holt. — Sei que você e Linda normalmente faziam sexo convencional, mas e nas outras vezes? Nas ocasiões em que se envolviam em jogos sexuais, quando experimentavam um ao outro? Quero que me fale sobre isso, e não acho que vai ser muito difícil para você.

— Não. Por que seria? Não era nada especial. Só o tipo de coisa que pessoas perfeitamente normais já fizeram pelo menos uma vez na vida.

Mas ele ainda não estava sendo sincero, e Holt levou quase duas horas para fazer com que ele admitisse que, em diversas ocasiões, chegara a amarrar as mãos dela, enquanto transaram. O que também havia sido uma longa jornada no relacionamento sexual entre Linda e ele, se acreditassem no que ele dizia.

Linda não era muito experiente. Antes de dormir com Bengt Månsson pela primeira vez, ela tivera quatro parceiros sexuais. Ela perdera a virgindade com quatorze anos, e sequer tinha bebido demais. Só queria acabar logo com isso e virar a página. Todos os seus parceiros anteriores tinham a mesma idade dela. Nunca chegara ao orgasmo com nenhum deles. Só conseguiu ao se masturbar pela primeira vez aos dezesseis anos, seguindo cuidadosamente as instruções da terapeuta sexual mais famosa do país, que tinha uma coluna no suplemento dominical de um grande jornal vespertino. Ela contara tudo isso a Bengt Månsson, que fora seu primeiro amante de verdade na vida.

Com Månsson, ela sempre chegava ao orgasmo. Normalmente, mais de uma vez, sempre que transavam. Logo na segunda vez em que estiveram juntos, ela teve um orgasmo durante uma relação convencional. Isso costumava ser a parte mais difícil para a maioria das mulheres, ainda mais no início, e foi então que ele notou uma coisa.

— Percebi que ela gostava quando eu a segurava com força logo antes de ela gozar — disse Månsson.

Nas primeiras vezes, as coisas não foram além disso. Então um dia, a própria Linda teve essa ideia, sem sequer ter que falar explicitamente. Ela estava deitada de costas na sua cama. Eles já haviam transado uma vez. Ele a acariciava e alisava seu corpo. De repente, ela tirou o cinto do roupão dele e lhe entregou, depois estendeu os dois pulsos para trás em sua direção, as palmas das mãos unidas. Com bastante cuidado, ele a amarrara e, depois, havia atado a outra extremidade do cinto na parte superior da cama. Em total silêncio, em total conivência e confiança. E assim, seu amante Bengt Månsson ficaria com ambas as mãos livres quando atingisse o clímax.

— É óbvio que isso faz diferença. Para chegar ao orgasmo, é preciso estímulo, físico e mental.

Amarrá-la? Com certeza. Bater nela? Nunca. Torturá-la psicologicamente sem usar violência física? Nunca. Nem mesmo linguajar grosseiro, segundo Månsson. Linda não gostava disso, acabava perdendo o interesse. Ela preferia ficar na dela, fechada, deixar aquela intimidade secreta só entre os dois.

— Sexo descomplicado, basicamente — disse Månsson. — Se você faz alguma coisa de que gosta, mas não se atreve a falar sobre isso, então é como se não tivesse sido você quem fez.

\*

— O que você acha, Lisa? — perguntou Holt, após o interrogatório.

— Não sei — respondeu ela. — Por que está perguntando a alguém que é praticamente virgem nessas coisas? Por que você acha que tantas mulheres normais correm atrás de homens dominadores? E quase sempre acabam indo para a cama com alguém como Månsson? De qualquer maneira, ele não é um homem. Provavelmente, sequer é humano.

— Então ele é o quê?

— Uma espécie de instrumentalista sexual, na minha opinião. Quer dizer... Qual é a graça de ouvir que estímulo físico e mental são importantes na hora do sexo? E quão inexperiente a pessoa precisa ser para se dar conta de que é exatamente isso que ele está fazendo? E até que ponto você ficaria excitada ao perceber que era isso que ele estava fazendo?

— Não parece muito divertido — concordou Holt.

— Se quer saber, o que eu acho interessante, e é a única razão que nos faz ficar sentadas escutando o que ele diz, é o que acontece dentro da cabeça dele quando se flagra numa situação pela qual nunca passou. Afinal, quase todas as garotas fizeram exatamente aquilo que ele queria, o tempo todo.

— E que situação é essa?



— Quando ele já está frustrado desde o início. Quando só consegue pensar em uma coisa. Quer dar umazinha?, como tantos caras dizem, romanticamente. Quando a pessoa com quem ele está enxerga o que há debaixo da máscara dele e se recusa a participar. E quando ele se dá conta disso, acaba se sentindo ridículo.

— E quando a situação é essa, Bengt Månsson deixa de ser uma companhia agradável.

— E é numa situação dessas que ele estrangula Linda Wallin. E nunca vai admitir.

— Nem para si mesmo?

— Nem mesmo para você ou para mim — respondeu Mattei.

— Tem alguma dica?

— Acabe com ele — afirmou Mattei com um sorriso meigo. — Não que assim ele vá confessar, mas eu gostaria de ver você fazendo isso. Acho que nunca vi um assassino tão egocêntrico, verborrágico e cretino como esse cara.

Compenetrado, consciente e inventivo não eram adjetivos que definiam apenas Lewin, também se estendiam a seus colegas mais próximos. Consequentemente, eles concluíram o perfil preliminar de Bengt Månsson menos de cinco dias após sua detenção.

Trinta e cinco anos. Nascido no Hospital Geral de Malmö, numa bela manhã de um domingo de maio, prenúncio do verão em Skåne. Primeiro filho de uma mãe solteira de trinta anos. Pai desconhecido. Era possível que esse fato pudesse explicar as vagas suposições étnicas sobre o DNA do assassino, que lhes causara tantos problemas, e que Lewin ainda não tinha tirado da cabeça.

Não parecia haver nada muito errado com a mãe. Vinha de uma família de agricultores, perto de Ängelholm, e os parentes com quem falaram a descreveram como uma mulher linda e alegre, de caráter firme, corajosa. Ao completar vinte anos, ela se mudara para Malmö, e apenas dez anos depois já era uma empreendedora de sucesso, com o próprio salão de beleza no centro da cidade, um local excelente, e o número de funcionários só crescia. Segundo sua irmã mais velha, ela conhecera o pai do seu filho numas férias nas Ilhas Canárias, mas a tia de Bengt Månsson não fora capaz de dar detalhes mais precisos.

No entanto, ela mostrara várias fotos aos policiais que a interrogaram em Malmö. Retratos de Bengt Månsson, desde quando era um rapazinho extremamente encantador até se formar no ensino médio, cerca de dezenove anos mais tarde, na época em que se

tornara um homem muito bonito. Um pouco como os astros de cinema costumavam ser, só que sem bigode. A tia não entendia direito o que estava acontecendo, e seu único consolo era a convicção de que a polícia logo se daria conta de que cometera um grande erro.

Quando Bengt tinha cinco anos, sua mãe conheceu outro homem. Quinze anos mais velho do que ela. Um homem de negócios relativamente bem-sucedido e ainda solteiro, por mais estranho que isso fosse. Um ano depois, a mãe se casou com ele e Bengt ganhou um meio-irmão, sendo, em seguida, formalmente adotado pelo novo pai. A família se mudou para uma elegante e caríssima casa de campo em Bellevue, na periferia de Malmö. Sua mãe vendeu o salão, obtendo grande lucro, e se tornou dona de casa, trabalhando meio-expediente como representante de uma empresa alemã, que vendia produtos para cabelo e cosméticos.

Pareciam ser pessoas decentes e trabalhadoras. Classe média respeitável. Nenhum comentário negativo da parte da vizinhança, escolas, serviços sociais nem da polícia. Nada contra Bengt nem qualquer outra pessoa da família. Bengt se saíra bem no ensino fundamental e até terminara o ensino médio um pouco acima da média. Tinha excelente forma física, embora não se interessasse muito por esportes, e havia sido popular entre seus colegas de escola, apesar de não ter nenhum amigo próximo. E desde o ensino básico, todas as garotas da escola pediam para sair com ele.

Não foi obrigado a prestar serviço militar, tendo sido dispensado sem precisar recorrer a qualquer justificativa médica bizarra. Após um ano sabático, que pelo visto ele passou na farrá com os colegas, enquanto ganhava um pequeno salário por ajudar o pai no escritório, se mudou para Lund e entrou na faculdade. Quatro anos mais tarde se formou com um diploma meio vago após cursar matérias diversas, como cinema, teatro, filosofia, literatura. Ele tivera uma participação intensa no grupo teatral da universidade e na associação de estudantes, assim como em vários outros clubes e

sociedades menos exigentes que eram oferecidos aos estudantes em Lund. E todas as alunas à sua volta pareciam ter se apaixonado por ele à primeira vista.

No outono do ano em que se formou, a mãe morreu de câncer. Ao contrário de muitos doentes de câncer, ela faleceu um mês após receber o diagnóstico. No dia anterior à véspera de Natal daquele mesmo ano, seu pai adotivo caiu morto, vítima de um violento ataque cardíaco em algum lugar entre o décimo segundo e o décimo terceiro buraco do campo de golfe ainda sem neve, em Ljunghusen.

Seu meio-irmão e ele venderam a casa de campo e outros bens. Enterraram o pai, pagaram as dívidas e dividiram o que sobrou. A quantia era, na verdade, substancialmente inferior à que esperavam, e talvez isso tenha contribuído para que os dois meios-irmãos mantivessem pouco contato depois. Assim que se formou em economia, seu meio-irmão se mudou para a Alemanha. Fazia cinco anos que ele trabalhava como diretor financeiro para a subsidiária de uma empresa florestal sueca. Casado com uma alemã, foi morar nos arredores de Stuttgart. Ele se recusara a falar com a polícia quando ligaram fazendo perguntas sobre seu meio-irmão Bengt. Todos da família de Bengt Månsson tinham morrido ou o abandonado.

Aos vinte e cinco anos, ele arranhou um emprego como administrador e assistente de projeto no departamento de cultura do município de Malmö. Naquele verão, conheceu a filha do piloto, que conseguira um trabalho temporário como recepcionista no Aeroporto Sturup. Ele se candidatou ao cargo de gerente de projetos no departamento de cultura da cidade de Växjö, e, assim que foi selecionado, se mudou com a namorada para um apartamento que o futuro sogro providenciara para eles. Cerca de um ano depois, a filha dos dois nasceu. E um ano mais tarde, se separaram. Ele então comprou um apartamento na Frövägen, onde ainda morava.

Solteiro, com direito de visitar uma filha de sete anos que via cada vez menos, ganhava um salário bruto de vinte e cinco mil coroas. Tinha habilitação para dirigir, mas não possuía carro.

Nenhum crédito atrasado nem impostos devidos. Sem ficha nos serviços sociais nem na polícia. Na verdade, sequer recebera uma multa de trânsito. E toda jovem que se aproximava parecia se apaixonar por ele.

Aos trinta e cinco anos e três meses, ele estuprara e estrangulara Linda Wallin no apartamento da mãe da vítima, no centro de Växjö. E, por conta disso, os policiais tiveram o direito de resumir sua vida até ele ser detido, para assim redigirem o relatório conhecido na linguagem policial e entre os policiais da geração de Lewin como "a breve biografia do assassino".

\*

Anna Sandberg interrogou a filha do ex-piloto, que confirmou o surpreendente apetite sexual de Bengt Månsson. Mas só no início da relação, quando transavam praticamente durante todo o tempo em que estavam acordados. Depois que começaram a morar juntos e ela engravidou, ele quase não encostou mais nela. Por outro lado, dormia com inúmeras outras pessoas e, assim que ela se deu conta disso, terminou com ele.

Respondendo a uma pergunta direta: não, ele nunca tinha sido violento com ela. Exceto pela frequência, o sexo entre eles era comum, normal. Bengt Månsson era o "homem mais bonito, mais malandro e mais encantador" que conhecera em toda a sua vida, e ela simplesmente não conseguia entender o que ele fizera oito semanas atrás. Mas sua maior preocupação era com a filha de sete anos. Já tinham decidido adiar a entrada da menina na escola e, no dia anterior, ela e o marido tinham resolvido se mudar de Växjö.

Os jornais vespertinos já haviam oferecido dinheiro e fama, caso ela aceitasse falar sobre sua vida com o assassino e sobre a experiência de ser a mãe da única filha dele, uma menina de apenas sete anos. O depravado assassino e estuprador que tinha uma

filhinha. Entretanto, não foram os caçadores de manchetes dos grandes jornais que a convenceram a sair de Växjö, mas a editora do caderno de família do *Dagens Nyheter*. A jornalista queria publicar um artigo longo, fatural e sensível sobre esse mesmo assunto. Como ela, seu novo marido e sua filha tinham se tornado vítimas do frenesi noticioso da mídia. Estava interessada na decisão dos pais em adiar o ingresso da filha na escola, em como a menina havia sido emocionalmente afetada ao descobrir que o “pai verdadeiro” era um assassino, nos rumores de que a família ia se mudar e que até planejavam trocar de nome, ou mesmo exigir uma nova identidade protegida. Foi então que ela e o marido decidiram sair da cidade. Tinham recusado todos os pedidos de entrevista.

\*

Na sexta-feira, Anna Sandberg e outra policial de Växjö foram interrogar a mãe de Linda em seu chalé de verão, à margem do lago Åsnen.

Em grande parte, foi um interrogatório infrutífero. A mãe de Linda estava em crise. O choque que sofreu um mês antes ao descobrir que a filha tinha sido assassinada se transformou em estresse pós-traumático, que durou até sofrer outro impacto, quando a polícia prendeu o assassino de sua filha e ela se deu conta do seu papel em todos esses eventos. No momento, estava de licença médica por tempo indeterminado, tomava fortes tranquilizantes, consultava um psiquiatra praticamente todos os dias e estava sob vigilância constante de sua melhor amiga.

Tinha a intenção de nunca mais pôr os pés no seu apartamento em Växjö, sem saber ao certo, porém, o que faria com ele. Não seria particularmente fácil vendê-lo, afinal de contas. Ficara conhecido como o “apartamento do assassinato” para todos que liam jornais, escutavam rádio ou assistiam à televisão. Os vizinhos na região onde

ainda era seu endereço oficial se dividiam em dois grupos: aqueles que tentavam espiar pelas janelas quando passavam diante do prédio, e os que faziam um desvio, para evitar passar por ali. Ela já havia recebido uma carta anônima de um vizinho que temia a desvalorização de seu imóvel e a culpava por isso. Mas essa era a menor de suas preocupações.

Fazia mais de três anos desde a última vez que falara com Bengt Månsson. Eles não mantiveram nenhum contato desde então. Basicamente, ela não queria mais ter qualquer relação com ele, e ele também nem tentara procurá-la. Ela parou de vê-lo assim que se deu conta de que não havia muita coisa em comum entre os dois, e que ele não estava muito interessado nela. Sua versão da história era igual à dele. Como tinham se conhecido, por quanto tempo saíram juntos, onde costumavam se encontrar. Anna Sandberg não fizera nenhuma pergunta íntima sobre o relacionamento sexual deles. Sequer chegara a considerar essa possibilidade.

A própria Linda contara à mãe que também estava saindo com Bengt Månsson. Mais ou menos um ano depois, durante um período difícil na vida delas, quando Linda foi morar com o “pai que idolatrava”, a filha jogara isso na cara dela durante uma de suas frequentes discussões. Disse apenas que o tinha conhecido, e não que haviam dormido juntos, mas sua mãe já suspeitava disso, de qualquer maneira. No dia seguinte, Linda ligara para se desculpar. Nas palavras dela, aquele era o tipo de coisa que as pessoas diziam quando estavam com raiva, mas ela não tinha falado sério. Lotta tentara tirar isso da cabeça. Agora, se arrependia amargamente de não tê-lo espancado até a morte.

— O que aconteceu foi culpa minha — disse ela, com o olhar perdido, assentindo com a cabeça para enfatizar o que acabara de dizer.

Anna Sandberg se inclinou sobre a mesa e segurou firme os braços dela para atrair sua atenção.

— Escute bem, Lotta. Você está me ouvindo?

— Estou.

— Ótimo — prosseguiu Sandberg ainda fitando-a nos olhos. — O que você acabou de dizer é uma estupidez tão grande quanto culpar a própria Linda por ter sido assassinada. Está ouvindo o que estou dizendo?

— Estou ouvindo, sim — respondeu ela, quando Anna apertou seus braços com mais força.

— Foi Bengt Månsson quem matou Linda. Ninguém mais, só ele. É culpa dele. E só dele. De mais ninguém. Você e Linda são as vítimas.

— Estou ouvindo — repetiu Lotta Ericson.

— Ótimo. Também precisa entender isso. Porque é verdade. Foi isso que aconteceu, e foi por isso que aconteceu.

Em seguida, Anna Sandberg e a outra policial voltaram para a delegacia de Växjö. Nenhuma das duas estava se sentindo muito bem. Mas em comparação com a mulher que tinham acabado de ver, suas vidas estavam maravilhosas.

— Eu seria capaz de matar aquele desgraçado — afirmou Sandberg, entrando com o carro na garagem.

— Se precisar de alguma ajuda, me avise — ofereceu sua colega.

\*

Knutsson e Thorén continuaram sua vã busca pelo diário e por mais detalhes sobre a vítima. Começaram conversando novamente com os amigos dela e assim colheram algumas informações. Por fim, foram visitar o pai de Linda em sua mansão e conseguiram o mesmo que seus colegas tinham conseguido quando tocaram no mesmo assunto com ele antes.

Henning Wallin não sabia de diário algum. Claro que ele pensara no assunto — como poderia evitar se a polícia falava sobre isso o



tempo todo? —, no entanto, tudo o que tinha a oferecer eram suas opiniões sobre a questão.

— Se você não se importar — disse Knutsson.

Na opinião de Henning Wallin, o diário de alguém era a coisa mais pessoal da vida de uma pessoa. Isso era ainda mais verdadeiro no caso dos jovens, principalmente das meninas. Como sua filha, por exemplo. Se ela tivesse mantido um diário, então era ali que, como todo ser humano sensível, dialogava consigo mesma, com a própria vida, seus sentimentos e sua consciência. Seria ali que ela teria confidenciado seus pensamentos mais íntimos, e a única razão que a levaria a fazer isso seria saber que o diário permaneceria inviolável.

— Vocês conseguem entender isso? — perguntou ele, olhando alternadamente para Knutsson e Thorén.

— Claro — respondeu Knutsson.

— Com certeza — confirmou Thorén.

— Ótimo. Agora, se os senhores me derem licença...

— Fico na dúvida se ele o jogou fora ou só o escondeu — disse Thorén no carro, a caminho da delegacia de Oxtorget.

— De um jeito ou de outro, ele leu.

— Para ter certeza de que não havia nada que identificasse o assassino — sugeriu Thorén.

— E quando não encontrou nada, provavelmente se livrou dele. Ou talvez o tenha queimado.

— Acredito que teria queimado — disse Thorén. — Não me parece o tipo de pessoa que simplesmente joga as coisas fora. Mas ainda penso que ele só escondeu num local bem seguro.

— Por que você diz isso?

— Porque ele não é o tipo de pessoa que joga as coisas fora — repetiu Thorén. — Ainda que...

— ...a gente não possa ter certeza — completou Knutsson.

O quinto interrogatório de Anna Holt com Bengt Månsson durou quase o dia todo. Lisa Mattei testemunhou a sessão e, como antes, quase não abriu a boca. Só ficou ali sentada, ouvindo tudo com um sorriso simpático e o olhar gentil. Como de costume, Holt começou abordando um assunto que Månsson não esperava. A verdade é que não havia mais qualquer extrema urgência em relação ao que tinham conversado no dia anterior. Ao contrário, tinha sido uma excelente ideia deixá-lo sozinho durante o fim de semana inteiro para refletir sobre seu relacionamento com Linda Wallin.

— Fale um pouco sobre você, Bengt — pediu ela, inclinando-se para a frente, se apoiando nos cotovelos e sorrindo para demonstrar seu interesse.

— Sobre mim? — perguntou Månsson, surpreso. — O que isso tem a ver com o caso?

— Como era sua vida quando você era jovem?

— O que quer dizer com isso?

— Comece pelo início — sugeriu Holt. — Conte suas primeiras lembranças.

De acordo com Bengt Månsson, suas lembranças da mais remota infância começavam aos sete anos, quando ele entrou na escola primária. Antes disso, não se lembrava de muita coisa. Sua mãe e a família dela lhe contaram várias vezes coisas que teria dito ou feito quando era pequeno, mas ele não se recordava de nada.

Suas lembranças da época em que entrou na escola não eram nada extraordinárias. Recordações normais. Algumas boas, mas quase todas eram desinteressantes. Outras, menos agradáveis, das quais preferia não falar. Além do mais, ele não entendia a pergunta. O que suas lembranças de infância tinham a ver com aquela situação?

Também não quis falar sobre seus pais. Estavam mortos havia anos, e ele não tinha vontade de remexer no que acontecera entre eles antes disso. Mas havia uma coisa que valia a pena destacar. Ele só conhecera um de seus genitores: sua mãe. Não fazia a menor ideia de quem havia sido seu pai verdadeiro, e ele descobrira cedo na vida que não adiantava perguntar à mãe sobre isso. Ele tivera um pai adotivo, mas não queria falar sobre ele, pois se esforçava bastante para esquecê-lo.

— Você não vai visitá-los no cemitério? — perguntou Holt.

— A minha mãe, você quer dizer — corrigiu Månsson.

— É, o túmulo da sua mãe.

— Nunca.

— E o do seu pai adotivo?

— Você acha que eu deveria ir lá para aliviar a pressão? — retrucou ele com um sorriso torto.

— O que você quer dizer com isso?

— Para mijar na sepultura dele.

— E por que você gostaria de fazer uma coisa dessas? Ele o tratava tão mal assim? — Månsson não tinha a menor intenção de falar sobre esse assunto. Nem com Holt nem com qualquer pessoa. — Não diga uma coisa dessas — falou Holt. — Talvez eu possa ajudar.

Como Holt poderia ajudar em relação ao seu pai adotivo? Afinal, o cara já estava morto. O que Holt poderia fazer com ele? Dificilmente poderia prendê-lo, não é mesmo? Månsson se dera conta de que Holt e suas colegas poderiam destruí-lo, mas elas com certeza eram inofensivas quando se tratava de pessoas que já estavam mortas.

Anna Holt fez três tentativas, abordando o assunto de pontos de vista diferentes. Sem pressa. Mas o resultado era sempre o mesmo. Ou ele não tinha lembrança alguma ou não queria falar.

— Quando você diz isso, tenho a nítida impressão de que há alguma coisa que não quer revelar sobre seus pais, principalmente sobre seu pai adotivo. Sugiro que reflita um pouco sobre isso — disse Holt, antes de chamar o carcereiro para levá-lo de volta à cela.

\*

— Que conclusão podemos tirar disso tudo, Mattei? — perguntou ela quando ele saiu da sala.

— Ele está testando em você a história que vai contar para as outras pessoas — respondeu Mattei, explicando que, após a primeira pergunta de Holt e a resposta de Månsson, ela antecipara o que ele diria três horas mais tarde, quando lhe fizeram a última pergunta.

— Bom saber disso — comentou Holt. — Talvez eu devesse conversar mais com você, daqui para a frente.

— Se eu fosse você, ficaria lisonjeada. Por que o cara ia correr o risco de você acabar com ele agora? Melhor deixar isso para os homens de jaleco branco. Ele sabe que não vai ter que se preocupar, porque eles não vão sair por aí perguntando para as pessoas daquela época se o que estava dizendo era verdade.

— Não acha que está dando crédito demais a ele, considerando-o mais ardiloso do que realmente é?

— Ele não é especialmente ardiloso — respondeu Mattei. — Mas sabe mentir muito bem para as mulheres. Sabe como se vender para um cliente cético. Isso é o que ele faz melhor.

— E eu sou só mais uma vagabunda — afirmou Holt com um sorriso.

— Não para Bengt Månsson — respondeu Mattei, balançando a cabeça. — Para ele, você é uma vagabunda esperta. Uma

vagabunda perigosa.

— Mas ainda assim ele vai conseguir transar comigo.

— Não diga uma coisa dessas, Anna. Você é boa demais para isso. O que quero dizer é só que, bem no fundo, ele tem certeza de que vai acabar lhe dando uma rasteira. Metaforicamente, quer dizer.

— Então é isso que ele acha?

— E o que mais ele poderia achar?

\*

Naquela tarde, Bengt Månsson mandou um recado para Anna Holt por meio do agente de carceragem. Precisava falar com ela novamente. Era importante. Quinze minutos depois de receber a mensagem, Holt estava sentada na cela dele. Månsson se sentia muito mal e não sabia o motivo. De repente, foi tomado por uma terrível angústia, e não entendia o que estava acontecendo dentro da sua cabeça. No banheiro da carceragem, pouco antes de Holt chegar, ele ficara tonto e caíra no chão.

— Vou chamar um médico para você — disse ela.

— Você faria isso?

Ao sair, Holt olhou intrigada para o agente de carceragem.

— Como Månsson está realmente?

— O que você anda fazendo com ele? — perguntou o agente com um sorriso largo. — Quando foi ao banheiro há pouco, ele parecia completamente fora de si. Antes que eu pudesse segurar, ele desabou no chão.

— O que você acha que está acontecendo, então?

— Ele é o melhor de todos que já vi. Regra número um: diga que está se sentindo muito mal. Defenda-se a ponto de ganhar um Oscar de melhor ator.

Mais tarde, quando estava prestes a voltar ao hotel, ela notou algo no quadro de aviso que não tinha nada a ver com a

investigação.

Era uma página do interrogatório com a jornalista que dera queixa contra Bäckström por assédio sexual.

O policial de Växjö que registrara a denúncia parecia já ter lidado com casos semelhantes. Entre outras coisas, ele parecia bem ciente da importância que a promotoria e o tribunal costumavam dar à diferença entre roupas desleixadas ou simplesmente decotadas e a nudez, que só poderia ser causada por um comportamento sexual e indecente.

— Você percebeu se ele tinha uma ereção, quando deixou a toalha cair? — perguntara o policial.

Ela não tinha certeza. Não prestara atenção. Estava berrando com ele, pedindo que se comportasse direito.

— Mas você deve ter visto alguma coisa — insistiu o policial, sabendo que isso tinha importância crucial, caso quisesse conseguir fazer o caso chegar até o tribunal.

— Parecia uma linguicinha — disse a autora da denúncia. — Uma linguicinha irritada.

Bäckström é um homem de sorte, pensou Anna Holt, amassando o papel e o jogando na lata de coisas que seriam retalhadas.

\*

— Bem feito para ele — disse Mattei, rindo, quando estava sentada com Anna Holt no bar do hotel, cada uma com uma taça de vinho, conversando sobre a semana que acabara de terminar.

— Pois é — concordou Holt com um suspiro. — Às vezes, me pergunto o que há de errado comigo. Na verdade, senti um pouco de pena dele. Imagine só, Lisa. Senti pena de Bäckström.

— Você pode arranjar ajuda para esse tipo de coisa, Anna — disse Mattei, lançando um olhar severo para a colega. — Se quiser, posso

colocar o papel de volta no quadro. Se ceder um milímetro, eles pegam você.

— Mas isso não vale para Johansson.

— Nunca para o meu Lars Martin. Jamais.

Agora, Jan Lewin sonha todas as noites. E quase sempre com aquele verão de quase cinquenta anos atrás, quando ganhou sua primeira bicicleta de verdade e seu pai o ensinou a usá-la. Contudo, não sonha com a bicicleta, não com aquela Crescent Valiant vermelha, e sim com o verão, o dia em que seu pai, repentinamente, teve que ir à cidade.

O pai não pegara o ônibus, como costumava fazer. Em vez disso, o avô foi buscá-lo de carro. O pai parecia cansado.

— Até logo — disse, afagando o cabelo de Jan.

Mas, dessa vez, as coisas não voltaram ao normal apenas com um gesto.

Em seguida, o avô também passou a mão no cabelo de Jan, e isso foi estranho, pois era a primeira vez que ele o acariciava daquela maneira.

— Você vai ter que assumir o comando, Jan. Agora será o homem da casa e deverá ajudar sua mãe, enquanto seu pai estiver na cidade — disse o avô.

— Pode contar comigo — respondeu Jan.



Um verão interminável. Uma paisagem com tantos lagos para nadar quanto estrelas brilhando no céu nórdico. No domingo, Anna Holt e Lisa Mattei prepararam uma cesta e foram a um dos lagos para recarregar as energias, antes de encarar a semana de trabalho que estava por vir.

Assim que chegaram, Anna pensou em praticar sua série de exercícios que andava esquecida. Quando acabou de se trocar, fez alongamento e depois correu ao redor do lago. Ao voltar, cerca de dez quilômetros e uma hora depois, ela se livrou dos tênis de corrida, mergulhou no lago e nadou duas vezes de uma margem a outra. Em seguida, fez duzentos abdominais e o mesmo número de flexões. Para concluir, mais alongamentos, que deixaram seu rosto corado, o peito arfando em meio aos vinte e cinco graus do calor sueco.

Lisa encontrara um espaço à sombra para se deitar e reler um dos livros preferidos de sua infância, *Emil e os Detetives*, de Erich Kästner. A parte em que o pequeno Emil usa uma prova de criminalística para pegar o bandido asqueroso — os buracos feitos com alfinete em seis cédulas roubadas —, em particular, deixara uma duradoura impressão nela, colocando Emil acima de Ture Sventon, mestre dos detetives, com suas técnicas investigativas mais intuitivas. Lisa se interessara pela criminalística desde criança. Quando terminou os exercícios, Anna também se refugiou à sombra, do seu lado, e começou a ler. Com base nos registros telefônicos,

depoimentos de testemunhas e várias informações da polícia científica, Lewin traçara a linha cronológica dos movimentos do assassino ao longo das vinte e quatro horas em que ele estuprou e estrangulou Linda Wallin. Anna precisaria disso para os interrogatórios iminentes, e pretendia memorizar cada horário, cada ínfimo detalhe.

\*

Desde aproximadamente seis da tarde de quinta-feira, dia 3 de julho, Månsson tinha estado em seu apartamento na Frövägen, em Öster, a cerca de um quilômetro do centro de Växjö. Logo após as dez da noite, ele fora visitado por uma das testemunhas, que se recusara a transar com ele. Ela saíra de lá às dez e meia, e, logo em seguida, Månsson tinha feito algumas ligações.

Entre dez e meia e meia-noite, ele realizara um total de onze chamadas no telefone fixo de seu apartamento. Todas para mulheres que ele conhecia. Nove delas não estavam em casa, e aparentemente, ele não deixou recados. Uma falou com ele, mas disse que não podia vê-lo pois tinha um compromisso. Outra atendeu, mas bateu o telefone na cara dele ao se dar conta de quem era.

Månsson dirigiu-se então para a cidade e, como o registro das duas horas seguintes se baseava em vários depoimentos de testemunhas, não se tratava de um histórico seguro e preciso, como o que fora obtido a partir da interceptação de uma linha telefônica ou mesmo de um celular. Logo depois de meia-noite, Månsson cumprimentou uma das testemunhas mais comuns para aquela hora do dia, um vizinho que voltava para o prédio depois de levar seu cachorro para passear. A testemunha tinha certeza da data, hora e pessoa em questão. E confirmou que Månsson caminhava na direção

do centro da cidade. Anna não poderia saber, mas Lewin soltara um suspiro ao ler no relatório o que a testemunha dissera.

Em seguida, havia dois depoimentos afirmando que Månsson estivera em pelo menos um bar de Växjö. O barman que lhe serviu uma cerveja por volta de meia-noite e meia, e outra meia hora depois, já o tinha visto ali antes e, nesta vez em particular, notara que Månsson não estava acompanhado por alguma mulher, e parecia “inquieto e nervoso”. Isso fez Lewin suspirar de novo e anotar a informação em seu relatório. A testemunha seguinte afirmou ter visto Månsson em outro bar perto do primeiro, entre uma e duas da manhã. Ele havia reconhecido Månsson das fotografias dos jornais — “Tenho certeza absoluta de que era ele”—, o que provocou mais um profundo suspiro em Lewin.

Às duas e quinze, as coisas avançaram significativamente. Foi quando, de algum lugar no centro de Växjö, Månsson usou o celular para ligar para o antigo número de Lotta Ericson. E como Lewin tinha encontrado e ouvido a testemunha, e também vira com os próprios olhos a listagem das ligações telefônicas, desta vez não precisava suspirar.

Pouco depois das três da manhã, segundo as análises que fizeram sobre o assassinato de Linda Wallin, o homem tinha aparecido no prédio onde a mãe dela morava. O carro da vítima estava estacionado na rua e ele deve tê-lo reconhecido. Månsson provavelmente agiu por impulso, entrando no prédio com a esperança de conseguir encontrar Linda. Nada de estranho nisso, considerando que o teclado do porteiro eletrônico da entrada estava quebrado havia dois dias.

Nesse momento ele se enganou, provavelmente pelo mesmo motivo que errou ao digitar o número de telefone, e bateu à porta do antigo apartamento da mãe de Linda, no último andar do prédio. Quando os cães começaram a latir, ele desceu novamente e verificou a lista de moradores no saguão da entrada. Havia um *L. Ericson*, a

mesma inicial e a mesma ortografia, então ele arriscou. Tocou a campainha e foi recebido por Linda, que acabara de chegar em casa.

As partes seguintes eram pura especulação, mas como eram especulações do próprio Lewin, ele não se importava com a credibilidade. Ao contrário, suas premissas davam base para outras conclusões, que ele já registrara no caderno de anotações. Por exemplo, que Månsson não tinha visitado a mãe de Linda desde que ela se mudara, três anos antes. Que ela provavelmente não lhe contara sobre a mudança, e a filha tampouco. E que a visita a Linda parecia espontânea, e não premeditada.

Entre aproximadamente três e quinze e cinco da manhã, Månsson permaneceu com a vítima no local do crime. Por volta das cinco horas, ele pulara pela janela do quarto e, o mais provável, retornara para casa a pé. Deve ter chegado em casa antes de cinco e meia.

Em seguida, colocou algumas roupas dentro de uma bolsa esportiva e resolveu sair de Växjö. O motivo exato permanece incerto. Ele já tinha ingressos para o show de Gyllene Tider, em Öland, naquela noite, mas muita coisa havia acontecido desde que os comprara. Uma tentativa pouco entusiasmada de fuga? Uma tentativa de conseguir um álibi?

Foi quando ele possivelmente decidiu roubar o velho Saab do ex-piloto, pensou Lewin. Pegar um ônibus àquela hora não parecia muito recomendável. Melhor viajar sozinho.

Então ele sai de casa, na Frövägen, e vai a pé até o estacionamento na Högtorpsvägen, a um quilômetro de seu prédio. Em algum momento por volta das seis da manhã, ele é visto pela testemunha de noventa e dois anos, rouba o carro e vai embora. Tudo isso é perfeitamente possível, já que a distância entre seu apartamento e o estacionamento podia ser percorrida em pouquíssimo tempo.

Aproximadamente às seis e quinze, ele parte para Kalmar e, cerca de dez quilômetros à frente, resolve se livrar do carro. A essa altura,

devia ser quase oito horas, supondo que tenha respeitado o limite de velocidade, pensou.

Não deve ter levado muito tempo para se livrar do carro. Depois, provavelmente seguiu a pé até Kalmar. Ninguém o viu pegando um ônibus ou informou ter lhe dado carona. Então ele passou o restante da sexta-feira em Kalmar com a enfermeira ou em Öland, no show, até meia-noite ou um pouco mais tarde. Não tinham conseguido rastrear a moça com quem, acreditava-se, ele saíra do show, apesar de pedirem na imprensa para que ela entrasse em contato com a polícia.

Não estava claro onde havia passado o restante do fim de semana. Mas na manhã de segunda-feira, ele estava de volta ao trabalho em Växjö.

\*

— Jan Lewin é um homem muito meticoloso — declarou Anna, quando acabou de ler.

— Cansativo demais para o meu gosto — retrucou Lisa. — E ele tem um jeito muito angustiado para transmitir os fatos. Acho que os usa como uma arma para combater a própria angústia.

— Como Johansson, com todas as suas histórias triunfantes e os estúpidos fracassos dos outros? — perguntou Anna, olhando com curiosidade para Lisa.

Lisa não concordava. Lars Martin Johansson não se parecia nem um pouco com Jan Lewin, embora tivessem a mesma idade. Muito pelo contrário. As histórias de Lars Martin Johansson tinham lhe ensinado mais sobre o trabalho policial do que quase tudo que ela fizera, lera, vira ou ouvira. Além disso, o homem era extremamente cativante, e havia sempre algo pedagógico nas histórias que ele contava.

— E, é claro, você acha que tudo é verdade — disse Anna, sorrindo.

Verdade absoluta, segundo Lisa, e algo bastante extraordinário, considerando que Lars Martin Johansson era uma das poucas pessoas que perceberam que havia um jeito de buscar a verdade por meio de um diálogo interior. Uma coisa que Skinner, quem diria, tinha desenvolvido em seus artigos científicos sobre a introspecção como um meio de encontrar a verdade e a luz. E que não tinha nada em comum com a visão vaga e mundana a respeito da diferença entre verdade e mentira.

— Porque você acha que Johansson nunca mente, é claro — provocou Anna.

— Não da maneira habitual. Ele não é desse tipo. Johansson nunca mente para as pessoas.

— E qual é o tipo dele, então?

— Talvez ele minta para si mesmo — respondeu Lisa, a voz parecendo repentinamente mais seca.

— Eu não entendo por que você não se casa com ele, Lisa — falou Anna.

— Ele já é casado. Além disso, acho que não sou o tipo dele — concluiu ela, com um suspiro.

Na segunda-feira seguinte àquele fim de semana, Anna Holt resolveu passar para a ofensiva e enfrentar Bengt Månsson empunhando o resumo dos passos dele, elaborado por Jan Lewin. A cordial e atenta Lisa Mattei seria substituída por Anna Sandberg, nem que fosse só para lembrá-lo do seu maior e único interesse na vida.

— E como você está pensando em fazer isso, Anna? — perguntou Sandberg.

— Eu falo, você escuta. Se eu quiser que você diga alguma coisa, você vai conseguir perceber antes.

— Por mim, tudo bem.

— Nada de ameaças, nada de promessas, sem pressa. Fora isso, você pode ser uma megera, no nível que quiser.

— Acho que essa última parte não vai ser um problema — garantiu Anna Sandberg.

\*

— Considerando que tenho tentado ser honesta com você esse tempo todo, Bengt, achei que valia a pena mostrar esse resumo para você — começou Holt, entregando-lhe uma cópia da cronologia das atividades elaborada por Jan Lewin.

— Obrigado, agradeço mesmo — disse Månsson, educado.

— Ótimo — prosseguiu Anna com um sorriso amistoso. — Então, sugiro que você o leia com calma. Tudo o que está aí nós soubemos sem precisar perguntar a você, mas seria realmente interessante ouvir sua explicação.

— É claro, agora eu entendo — disse Månsson, cinco minutos depois, ao terminar sua leitura. — E, vendo as coisas assim, eu me lembro de provavelmente ter encontrado Linda naquela tarde... noite — corrigiu. — Lembro que, para começar, nós nos sentamos e iniciamos uma conversa, em seguida transamos no sofá, eu acho... mas depois disso, não me recordo de nada.

— Você não se lembra de nada... — repetiu Holt.

— É como um buraco negro — disse Månsson.

— Então, qual é sua primeira lembrança após esse buraco negro?

Månsson se lembrava de ter encontrado uma antiga namorada, mas na casa dela. Ela morava em Kalmar. Eles passaram o dia inteiro transando. À noite, foram a um show. Gyllene Tider, uma banda de pop sueco. Disso ele se lembrava. Na verdade, tinha comprado os ingressos antes do solstício de verão, graças a um amigo do trabalho.

Depois disso, tudo se tornou escuridão. Sabia apenas que sentira uma intensa angústia. Lembrava disso. E então, simplesmente saíra andando. Deixou a amiga lá. Foi embora do show e voltou para seu apartamento. Parecia se lembrar de ter pegado o ônibus para Växjö em Kalmar. Um buraco negro, uma angústia horrível, até chegar em casa. Não sabia quando, mas devia ter sido em algum momento no dia seguinte, porque havia gente na rua.

— Então, você voltou para casa em algum momento, no sábado, durante o dia, certo?

— Se você está dizendo — respondeu Månsson, dando de ombros. — Tudo parece um enorme buraco negro.

— Há alguma coisa deixando você intrigada, Anna? — indagou Holt, virando-se para a colega.



— Então, tudo que você lembra é de que não se lembra? — perguntou Sandberg com acidez.

— Pois é — respondeu Månsson, olhando para ela como se acabasse de notar sua presença na sala.

— Mas você se lembra de que ocorreu um lapso na sua memória. Você tem certeza disso?

— Tenho. É exatamente como um buraco negro.

— Entre quatro da manhã de sexta-feira e mais tarde no mesmo dia, há apenas um buraco negro?

— Isso mesmo. Não consigo explicar.

— Imagino que não consiga — concordou Sandberg. — Nunca ouvi falar de um lapso de memória tão preciso. É engraçado que você se lembre disso tão claramente. Quer dizer, que se lembra de que não se lembra. E que isso, por acaso, inclua o período em que você estuprou e estrangulou Linda.

— Não é possível que você ache que eu seja capaz de ficar aqui sentado, mentindo sobre uma coisa dessas — protestou Månsson.

— Você provavelmente não tem coragem de confessar — disse Sandberg, dando de ombros. — É simplesmente covarde demais. Suponho que é de você que todo mundo deveria sentir pena.

— Esse buraco negro — interveio Holt, mudando de assunto. — Você poderia tentar descrevê-lo? Com o que se parece?

Com um buraco comum. Mas que pode deixar alguém terrivelmente angustiado, incapaz de entender a razão.

— Coisas terríveis parecem ter acontecido enquanto você estava nesse buraco — salientou Sandberg. — Que tal tentar sair dele?

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Månsson.

— Basta nos dizer o que você fez enquanto estava dentro dele.

— Eu não sei. Quando vi, simplesmente já estava lá dentro.

Elas não conseguiram ir além disso, mesmo tentando o dia inteiro. No final, o próprio Månsson tinha várias coisas a dizer para elas. Coisas importantes. E era importante que elas entendessem.

Primeiro, ele não matara Linda. Eles transaram. Totalmente consensual. Ele não a machucara de modo algum.

— Como você pode saber disso? — interrompeu Sandberg. — Afinal de contas, você não se lembra de nada, não é?

Månsson apenas sabia, ainda que não conseguisse se lembrar de nada. Ele nunca seria capaz de fazer algo assim. Sequer podia se imaginar pensando em fazer algo como aquilo

— Muito bem, trate de pensar bastante nisso — sugeriu Holt, concluindo o interrogatório.

\*

— Ok, então sabemos que ele estava dentro do apartamento, no sofá, transando com Linda — disse Anna Sandberg, com a mesma sede de sangue que sentira durante o interrogatório.

— Acho que sim — concordou Anna Holt, dando de ombros. — Mas ele não vai confessar.

— Lamento, mas não concordo com você — disse Sandberg.

— Nunca conseguiremos arrancar mais do que isso dele. Månsson queria apenas lançar essa ideia de buraco negro — acrescentou Holt, balançando a cabeça.

— Pelo menos, admitiu que não se lembra.

— Ele não é idiota. Já sabe de cor tudo o que Enoksson e seus homens descobriram. Seu advogado já deve ter lhe contado.

— Tem uma coisa na qual ando pensando — disse Sandberg. — Por que ele não experimenta outra tática? O jogo sexual que acaba saindo do controle?

— Acho que o advogado o aconselhou claramente a não fazer isso — concluiu Holt.

Na sua penúltima noite em Växjö, Jan Lewin sonhou com aquele verão em que seu pai o ensinou a andar de bicicleta. O verão em que ganhou sua primeira bicicleta de verdade, uma Crescent Valiant vermelha. O verão em que seu pai morreu de câncer.

Quando acordou, foi até o banheiro e, ao sair, precisou abrir a janela para respirar melhor. Chovia lá fora. Uma chuva suave sob um céu sombrio. A temperatura também caía.

O que estou fazendo aqui?, pensou ele. Está tudo terminado agora. É hora de voltar para casa.

No meio da semana, Jan Lewin e Eva Svanström partiram. Tinham feito sua parte e a presença deles não era mais necessária. Ao menos não em Växjö. A caminho de Estocolmo, Lewin tentou tomar coragem para sugerir a Eva Svanström que já era hora de resolverem seu relacionamento. Ele poderia se divorciar da esposa e ela, do marido. Deveriam ir morar juntos. Deveriam começar a planejar o futuro dos dois. Já era hora, sobretudo para ele, pois agora sua vida ficava cada vez mais curta.

Mas isso nunca foi dito, e considerando o que se passava pela cabeça de Eva Svanström, talvez tenha sido melhor desse jeito. Assim que chegasse a Estocolmo faria um grande esforço para salvar seu casamento e agradecer a Jan Lewin pelo tempo que passaram juntos. Ela admitia, numa percepção tardia, que aquilo durara tempo demais, mas cada dia passado com ele tornara aqueles anos suportáveis. E, no entanto, como explicar isso?, pensou ela. Quando o coração para de sentir e tudo o que resta no peito é uma caverna sombria que você não é sequer capaz de encarar. Mais difícil ainda falar sobre o que existe lá dentro.

\*

Nenhuma recordação anterior ao ingresso na escola. A mãe sobre a qual ele se recusava a conversar. O pai adotivo, repousando sob uma lápide que ele achava que não valia a pena visitar, nem mesmo para

mijar sobre a sepultura. Uma convicção inabalável de que não havia feito mal a Linda. Só pensar que poderia ter feito isso já era insuportável, portanto, não poderia ter feito aquilo.

Mais seis interrogatórios sobre o assunto; os quatro últimos acompanhados pela promotora. Numa ocasião, ele se viu cercado por três mulheres que se alternavam entre quem fazia as perguntas: Katarina Wibom, Anna Holt e Anna Sandberg.

— Três contra um! — exclamou Månsson, mas seu humor negro e o sorriso pareciam extremamente forçados.

— Nós tivemos a impressão de que você ia preferir estar acompanhado por mulheres — disse Katarina Wibom. — Então, pensamos que quanto mais, melhor.

Havia ainda o buraco negro, no qual — de acordo com as provas encontradas pela polícia científica — Bengt Månsson passou mais ou menos uma hora estuprando, torturando e estrangulando Linda Wallin. E também o carro que ele roubou cerca de uma hora depois para fugir de lá e deixar tudo para trás, e que era de limitado interesse judicial.

— Um buraco negro — resumiu Anna Holt.

— Além de as evidências periciais se revelarem cento e vinte por cento corretas — acrescentou Katarina Wibom.

— Se pelo menos ele tivesse negado tudo imediatamente — disse Holt. — Ou simplesmente tentado a versão do jogo sexual que fugiu ao controle.

Bem, não se pode ter tudo, pensou ela.

\*

Na tarde de sexta-feira, 5 de setembro, Knutsson e Thorén também deixaram Växjö. Outras vítimas de homicídios faziam fila, esperando por seus serviços. E as pilhas de papéis que se acumulavam em suas mesas em Estocolmo precisavam ser enfrentadas. Como eram

pessoas refinadas e bem-educadas, se despediram do superintendente Bengt Olsson, antes de ir embora.

— Obrigado por ter nos recebido aqui — disse Knutsson.

— Se alguma coisa der errado, pode ser que nos encontremos de novo — acrescentou Thorén. — Bem, você sabe o que quero dizer, Bengt.

— Entendo perfeitamente — respondeu Olsson com um sorriso. — Sem vocês, tenho certeza de que não teria sido fácil resolver este caso. Mas, vejam bem, acho que cedo ou tarde nós o teríamos encontrado, graças ao DNA.

— Sem nós, Olsson e Månsson teriam acabado se casando — brincou Knutsson dentro do carro, a caminho de Estocolmo.

— E viveriam felizes para sempre — concordou Thorén.

— Eu gostaria de saber o que vai acontecer com Bäckström — disse Knutsson.

— Bäckström vai dar um jeito. Ele sempre consegue — concluiu Thorén.

Na sexta-feira, 12 de setembro, Anna Holt e Lisa Mattei voltaram para Estocolmo. Holt retomaria seu cargo temporário no escritório de coordenação nacional da Divisão Federal de Investigações Criminais. Johansson já tentara atraí-la para sua equipe, oferecendo um novo e instigante posto diretamente sob seu comando. Pensar em ter que ouvir todas as histórias dele era desanimador, então ela recusara a proposta. Com firmeza, mas obviamente do modo mais amável possível. A reação de Johansson fora exatamente a que ela esperava. Ficara amuado como um bebê por alguns dias, mas uma semana depois voltara ao normal, cumprimentando-a com uma cordialidade quase efusiva sempre que se cruzavam no corredor.

Ele é como uma criança, pensou Holt. Eu me pergunto o que ele vai aprontar na próxima vez.

Lisa Mattei estava prestes a tirar licença do trabalho, para concluir os estudos na Universidade de Estocolmo. Esperava terminar até o final do ano, quando se encerraria também sua licença. Mas ainda estava preocupada. Cada problema acadêmico que resolvia parecia criar imediatamente outros dois, e em geral eram mais interessantes do que aquele que acabara de elucidar, e a única alternativa interessante que via pela frente era um cargo semelhante ao que Anna Holt acabara de recusar, mas Johansson nunca sonharia em oferecê-lo a ela.

Estranho que um homem tão inteligente não se desse conta de algo que era totalmente de seu interesse, pensou Mattei.

Antes de partirem para Estocolmo, Anna Holt tivera uma longa conversa com a promotora Katarina Wibom, ao longo da qual lhe entregara centenas de páginas de interrogatórios protocolares, todos, exceto um, em forma de diálogo, agora devidamente digitado e protegido por uma capa com o brasão azul e amarelo, com o logotipo da polícia de Växjö. No começo, havia um resumo introdutório endereçado à promotora.

— Não posso ir além disso por agora, então pode ficar com tudo — disse Holt, apontando com um gesto de cabeça para a mesa abarrotada de pastas.

— Ora, muito obrigada, Anna — disse a promotora. — Isso é muito mais do que eu poderia pedir, e, certamente, muito mais do que eu esperava.

— O que vai acontecer agora? Qual vai ser a sentença dele? — perguntou Holt.

— Meu palpite é prisão perpétua. E, a meu ver, Månsson e seu advogado têm dois tipos de defesa possíveis.

— Quais?

A primeira possibilidade é alegar que ele e a vítima tinham se envolvido num jogo erótico que teria saído do controle. Um ato voluntário, até mesmo incentivado por ela, e, em seguida, um infeliz acidente, homicídio culposo e alguns anos de cadeia.

— E o que você acha disso? — perguntou Holt.

— Pode esquecer — disse a promotora, balançando a cabeça. — Eu nem precisaria apresentar uma acusação de morte por negligência. O que temos da polícia científica e do legista seria mais do que suficiente.

— E você tem certeza disso?

— Não esqueça que estamos falando sobre o tribunal distrital de Växjö. Sem mencionar o fato de simplesmente não ter sido isso que aconteceu, mesmo que ele viesse a reivindicar essa versão. Felizmente, o advogado dele é esperto o bastante para aconselhá-lo a sequer tentá-la.



— E, então, qual é a outra possibilidade?

O lapso de memória, explicou a promotora. Se não servir para outra coisa, pelos menos é um argumento de peso para evidenciar seus problemas psicológicos. Um modo de preparar o terreno para todo tipo de abuso sexual e tudo o mais que ele sofreu quando era criança, algo que ele falará assim que for submetido à análise de seu estado mental, sozinho, com os médicos que, ao contrário de todo mundo, são capazes de enxergar dentro da cabeça das pessoas.

— Desde que aquelas simpáticas pessoas de jaleco branco incluíram os lapsos de memória à lista de possibilidades, não há sequer um criminoso capaz de se lembrar de alguma coisa — concluiu a promotora com um suspiro.

— O que aconteceu com o bom e velho afluxo patológico de sangue para o cérebro? Ou um bom e violento surto sueco por causa do excesso de álcool? — questionou Holt, também com um suspiro.

— Isso acabou quando começaram a condenar todos os alcoólatras à prisão perpétua, mesmo que não fizessem a menor ideia de que tinham esfaqueado o melhor amigo com um canivete na noite anterior. Hoje em dia, é mais complicado. *Schnapps* e vodca não são mais suficientes. Nem mesmo se você passou vinte anos na bebedeira atrofiando seu cérebro. A psiquiatria forense está sempre fazendo novas descobertas. O tempo todo. Deixando pessoas como você e eu nesta situação em que nos encontramos.

— Isso bastará para ele se safar, então?

— Nunca. Não no tribunal de Växjö. Nem pensar. Bem, eu não apostaria no tribunal de apelação, pois tenho certeza de que é lá que ele vai parar.

— Julgado culpado de homicídio e condenado a um hospital psiquiátrico penitenciário de segurança máxima, com condições específicas de liberdade condicional — resumiu Holt.

— É possível. É até mesmo o mais provável. O único consolo nessas circunstâncias pode ser que a maioria dos advogados tem

uma imagem bem peculiar do que seja, nos dias de hoje, um hospital psiquiátrico penitenciário de segurança máxima.

— Não é exatamente um mar de rosas — disse Holt.

— Não é exatamente um mar de rosas — concordou a promotora.

Na segunda segunda-feira de outubro, a Associação de Jornalistas Suecos, em Estocolmo, realizou uma importante reunião na qual foram debatidos vários tópicos sobre princípios legais decorrentes do agora famoso caso do assassinato de Linda. Diversas figuras importantes da imprensa do país participaram, e a joia dessa coroa midiática foi naturalmente o editor-chefe do *Dagens Nyheter*.

No entanto, ele estava longe de ser o convidado mais importante se quiséssemos ordenar todos de modo hierárquico, como num banquete oficial do Estado, pois o orador que abriu o evento, como convidado de honra, foi o ministro da Justiça, o MJ em pessoa.

O MJ manifestou sérias apreensões em relação ao modo como a polícia investigara o assassinato de Linda e outros casos similares nos últimos anos. Segundo informações que ele obtivera, a polícia de Växjö, em colaboração com a Divisão Federal de Investigações Criminais, havia coletado amostras de DNA voluntárias de quase setecentas pessoas, e ficara comprovado que seus doadores não tinham absolutamente nada a ver com o crime.

Conforme as informações que seus investigadores tinham conseguido reunir junto à equipe da Divisão Federal, o homicídio, na verdade, fora solucionado pelos métodos tradicionais, graças à combinação de informações recebidas, depoimentos de testemunhas e trabalho de investigação. De fato, o DNA do assassino desempenhara um papel substancial nas provas apresentadas pela promotoria na investigação preliminar. Apesar disso, e sem julgar a

decisão do tribunal, o MJ acreditava que as provas reunidas com ajuda dos meios tradicionais eram mais do que suficientes para sustentar a decisão da promotoria de levar o caso a julgamento.

Pessoalmente, o MJ se opunha energicamente à utilização do termo “voluntário” num contexto em que se referia, de fato, à habilidade da polícia e da promotoria para empregar os assim chamados métodos de prerrogativas legais. No seu entender, era impossível conciliar essas coisas, então ele aceitava de bom grado a proposta do chamado “inquérito de DNA” para ampliar os poderes das autoridades judiciais, possibilitando coletar amostras e realizar testes de DNA, além de registrar todos os resultados. O questionamento sobre ser um ato voluntário ou não logo se tornaria obsoleto, e, em um mundo perfeito, o DNA de todos obviamente seria arquivado desde o nascimento num amplo banco de dados nacional. Para o bem dos próprios cidadãos, naturalmente.

Concluindo, ele aproveitou a oportunidade para cumprimentar a mídia pela sua acuidade. Num comovente rompante de modéstia, declarou que não tinha certeza de que teria percebido o problema, caso os jornais não o tivessem alertado a tempo.

Os representantes da imprensa não emitiram qualquer comentário sobre a análise e a conclusão a que chegara o MJ. Tratava-se de uma questão importante, de significado decisivo para toda democracia regida por leis, e, segundo o editor-chefe do *Dagens Nyheter*, isso só aumentaria o destaque de seu jornal, se é que ainda fosse possível. De um ponto de vista pessoal, sentia-se orgulhoso e feliz por ter conseguido, com seus colegas, ter dado início ao debate.

O presidente da Associação dos Jornalistas Suecos, que conduzia a reunião, aproveitou finalmente para perguntar ao editor-chefe do *Småland Post* — já que ele estava ali e não tinham muitas oportunidades de se encontrarem — por que um dos menores jornais regionais recusara-se a publicar algo que o maior jornal

matutino da Suécia mandara publicar imediatamente, junto a diversos outros artigos e relatórios.

O editor-chefe do *Småland Post* agradeceu a pergunta. Sem entrar em detalhes, ele achava que podia ao menos revelar que a decisão envolvia o fato de conhecer o autor da matéria, o que não seria o caso de seus colegas do *Dagens Nyheter*, ou talvez apenas tivessem decidido ignorar o fato. O que sabia ele, um reles provinciano, sobre o processo da decisão de publicação do maior jornal do país?

Mesmo assim, ele tomara pessoalmente a decisão de recusar o texto escrito pelo bibliotecário Marian Gross. Não se arrependia de sua resolução sequer por um instante, e se a mesma situação voltasse a se apresentar no futuro, estava certo de que faria o mesmo novamente.

Em seguida, todos seguiram para o Opera Bar, no terraço do Grand Hotel, e para outros bares da região dedicados a uma clientela mais afortunada e, como de costume, a conversa prosseguiu noite adentro, até que os participantes finalmente voltaram para suas casas e seus familiares, para algumas horas de descanso mais do que merecido.

Na segunda-feira, 20 de outubro, teve início o processo contra Bengt Månsson no tribunal de Växjö, e o resultado do julgamento foi divulgado quase três meses depois, em 19 de janeiro do ano seguinte. A razão de ter levado tanto tempo foi que o tribunal decidira que Bengt Månsson deveria passar por uma cuidadosa avaliação psicológica, de modo a conseguirem os fundamentos mais sólidos para qualquer veredicto.

Em 20 de dezembro, foi enviado para o tribunal um relatório da clínica de psiquiatria forense, localizada em Lund, mas a essa altura todos estavam envolvidos demais com as comemorações de Natal e Ano-novo, além dos demais feriados. O tribunal precisava de muito tempo para elaborar suas conclusões e refletir sobre todos os fatos.

Ficou claro, a partir do relatório não confidencial do psiquiatra forense, que Månsson possuía um distúrbio psicológico severo, no entanto, essa desordem mental não era grave o suficiente para que ele precisasse de tratamento num hospital psiquiátrico penitenciário de segurança máxima. Dessa forma, o tribunal decidiu por unanimidade aceitar a recomendação da promotora, e então Bengt Månsson foi condenado à prisão perpétua por homicídio.

O veredicto foi para o tribunal de apelação, que solicitou uma nova avaliação psicológica, desta vez realizada no hospital psiquiátrico Sankt Sigfrids, em Växjö, sob o comando do professor de psicologia forense Robert Brundin.

Brundin chegou a uma conclusão totalmente diferente de seus colegas em Lund. Tinha convicção de que Månsson sofria de um gravíssimo desequilíbrio psicológico. O veredicto do tribunal de apelação saiu no final de março e o considerou culpado por homicídio, condenando-o a um hospital psiquiátrico penitenciário de segurança máxima, com condições específicas para liberdade condicional.

Na semana seguinte à divulgação do veredicto, o professor Brundin participou de uma longa entrevista em um dos muitos programas de TV dos canais estatais. Na sua opinião, se tratava de um homicida extremamente perturbado e com graves aspectos caóticos em sua personalidade. O problema estava associado a experiências muito traumáticas na infância.

Na verdade, não se tratava do tipo de experiências de guerra apresentado tradicionalmente por homicidas caóticos, mas os aspectos qualitativos e as consequências delas eram bem semelhantes. E elas também estavam protegidas pela legislação que garante a confidencialidade do paciente, razão pela qual Brundin não poderia revelar maiores detalhes. Mas com certeza não era um caso de sadismo sexual envolvendo fantasias sexuais claramente elaboradas. Tampouco um estereótipo de personalidade caótica. Ele era mais um interessante caso híbrido de sádico sexual e homicida caótico.

— Isso significa que finalmente encontrei a ligação que faltava entre esses dois tipos básicos — declarou Brundin, orgulhoso.

Ao mesmo tempo, desejava a si próprio e a seu novo paciente sucesso durante o período de convivência próxima que teriam dali em diante.

— E você acha que será capaz de curá-lo algum dia? — perguntou a jornalista que o entrevistava.

Com o respeito a ela e a seu programa, Brundin considerava que a pergunta havia sido mal formulada.

— Como assim? — perguntou ela.

— A questão aqui é como poderemos ajudar as futuras gerações de pessoas como ele. Mas se estiver se referindo à duração do tratamento, receio que esse paciente pertença ao que já pode ser considerada uma geração perdida — respondeu Brundin, demonstrando que era um homem bem-instruído.

\*

Bäckström assistiu ao programa na televisão. Estava em casa, sentado em meio ao conforto de seu lar, não muito longe do quartel-general da polícia; uma cerveja numa das mãos, uma dose de uísque na outra, um atestado médico de dispensa, uma acusação por assédio sexual que logo seria deixada de lado e uma boa quantia de dinheiro ainda dentro do envelope pardo. Com certeza as coisas poderiam estar bem piores.

Ainda faria mais sentido cozinhar o desgraçado num caldeirão fervente e transformá-lo em cola, pensou Bäckström. Porque, apesar de muitas falhas e defeitos, ele ainda era um homem com uma sólida noção de justiça.



Na sexta-feira, 24 de outubro, a mãe de Linda Wallin deveria comparecer ao tribunal de Växjö na condição de testemunha, onde explicaria sua relação com o homem que assassinara sua filha. Na véspera, ela conversara com Anna Sandberg ao telefone e ambas concordaram que Anna iria buscá-la em sua casa de veraneio na manhã seguinte. Na verdade, ela estava se sentindo bem melhor e tentava seguir em frente, virar a página; só assim poderia começar a lidar com a dor causada pela perda da filha.

Quando Anna Sandberg chegou pela manhã, a porta da frente estava escancarada, deixando entrar o vento outonal. Quando ela viu o espaço entre as pedras polidas, enfileiradas margeando o caminho de cascalho, entendeu imediatamente o que havia acontecido. Os mergulhadores encontraram a mulher naquele mesmo dia, a quatro metros de profundidade. Antes de saltar no lago, ela vestira seu casaco de inverno com bolsos grandes e os enchera de pedras. Em seguida, com um cinto, amarrara o peito e os braços, para o caso de mudar de ideia no último segundo.

No bolso próximo ao peito, havia uma fotografia tirada na festa do solstício de verão na casa do pai de Linda, aproximadamente três anos antes. Linda no centro e, ao seu lado, a mãe e seu assassino. Alguém havia circulado os rostos de Lotta Ericson e de Bengt Månsson e escrito a palavra "Assassinos" logo acima. O envelope dentro do qual a fotografia chegara estava no chão da cozinha, sem

o endereço do remetente, e havia sido enviado de Växjö na quarta-feira.

O atestado de óbito do médico-legista ficou pronto muito antes do fim do julgamento, e a conclusão tornou-se clara assim que o corpo foi encontrado. A mãe de Linda se suicidara. Seu sofrimento e a morte da filha sugeriam que ela não precisava de mais que um leve empurrão para cometer tal ato. A identidade da pessoa que enviou a fotografia nunca foi descoberta. Procurado pela polícia de Växjö, o pai de Linda alegou que não fazia a menor ideia de quem poderia ter enviado a foto, e que ele já havia superado a perda da ex-esposa.

Então o deixaram em paz, para alentar a lembrança de sua amada filha única.

Em abril do ano seguinte, o CCC, Comitê do Código de Conduta, da Supervisão Nacional de Polícia, finalmente concluiu o caso contra o superintendente Evert Bäckström. O processo fora demorado pois o promotor só pudera arquivar a acusação por assédio sexual contra Bäckström na semana anterior. Falta de provas.

Havia sido um inquérito complicado, em parte porque as provas não eram muito consistentes, visto que Bäckström mantivera obstinadamente sua versão do episódio. A autora da denúncia tinha insistido em subir até seu quarto, embora ele tivesse sugerido que se encontrassem no bar do hotel após ele tomar banho e trocar de camisa, o que naquele momento era algo absolutamente necessário. Já no final da investigação, a autora da queixa também se recusara a colaborar, pois não tinha mais interesse em prosseguir com o processo e, nessas circunstâncias, não restava outra escolha ao promotor.

Ainda havia as irregularidades financeiras, totalizando cerca de vinte mil coroas suecas. Numerosos e inexplicáveis saques de dinheiro, uma conta de lavanderia fora do comum, uma estranha lista de itens descritos na fatura como materiais para reunião, que incluíam, entre outras coisas, trinta e um apagadores de quadro branco, a noventa e seis coroas suecas cada um, além de um recibo pelo filme pornô debitado na conta de hotel de um de seus colegas e várias outras coisas. O mais extraordinário de tudo: no dia em que o departamento financeiro apresentou tudo isso a Bäckström, ele

pagou cada centavo em espécie. Considerando sua reputação, este era provavelmente o maior de todos os mistérios.

Mesmo assim, ele foi advertido por uma série de transgressões às regras e regulamentos que regiam os integrantes da polícia nacional, e seu representante sindical teve que se esforçar para encontrar uma solução conciliatória, com a qual o superior imediato de Bäckström, o diretor da Divisão Federal Lars Martin Johansson, pudesse conviver.

Bäckström teve que reassumir seu antigo cargo, na divisão regional de Estocolmo, onde o colocaram temporariamente no setor de perda de bens e valores. Ou Achados & Perdidos, como todo policial, inclusive Bäckström, chamava o local destinado ao descanso eterno de bicicletas não procuradas e de almas penadas de policiais.

Entretanto, ele foi autorizado a manter seu cargo de superintendente. Johansson não era o tipo de pessoa que guardava rancor. Bäckström, no entanto, aceitaria o rancor de bom grado, se isso significasse escapar daquele lugar que precisaria dividir com seu antigo colega, Wijnblad, que trabalhava ali meio expediente desde que tentara envenenar a ex-esposa, quinze anos antes. Infelizmente, ele só conseguira envenenar a si próprio, razão pela qual o transferiram da divisão da polícia científica para o *gulag* particular da polícia de Estocolmo.

Em maio do mesmo ano, durante a agora anual conferência de polícia, realizada no centro de convenções de Älvsjö, na periferia de Estocolmo, a palestra do superintendente Bengt Olsson sobre os conflitos entre diferentes culturas policiais gerou grande repercussão. Ele elaborou a apresentação com base em sua experiência como chefe da investigação policial preliminar do caso do assassinato de Linda.

De um lado, estavam ele e seus colegas da polícia de Växjö. Não tinham muitos recursos, mas possuíam amplo conhecimento local e abundante experiência prática. Do outro lado, os policiais da Divisão Federal de Investigações Criminais, que nunca se preocupavam com os gastos e, provavelmente em decorrência disso, preferiam abordar o problema da maneira mais abrangente possível.

Obviamente, houve certas tensões entre os dois grupos. Isso, segundo Olsson, era perfeitamente natural e não era culpa de ninguém, pois viviam em mundos completamente diferentes e foram criados em tradições e convicções culturais distintas. Decerto ambos os lados aprenderam muito com a experiência e ele, pessoalmente, gostaria de salientar a valiosa contribuição dada à polícia de Växjö pela equipe de perfilagem, assim como a notável participação da Divisão Federal na organização da grande quantidade de documentos gerados pelo caso.

Mas, no final da palestra, Olsson se mostrou convicto de que o conhecimento local havia sido o fator decisivo para a captura do

assassino. Isso precisaria ser levado em consideração no futuro, quando ponderassem sobre os meios de aumentar os recursos das autoridades policiais local e regional envolvidas em investigações de crimes de extrema violência, criando assim bases para uma nova forma de organização investigativa.

Após a palestra, Lars Martin Johansson subiu ao palco para agradecer Olsson. Não apenas em seu nome, mas também em nome de vários outros policiais. Era raro tantos policiais terem motivo para agradecer a um único homem por falar tanta merda em tão pouco tempo, declarou Johansson em seu modo mais cortês. E se um dia Olsson precisasse de ajuda para resolver outros crimes assustadoramente óbvios, ele não deveria nem pensar em incomodar Johansson e seus colegas.

Na sexta-feira, 28 de maio, Lisa Mattei apresentou sua tese de doutorado ao Instituto de Filosofia Aplicada da Universidade de Estocolmo. Seu trabalho intitulava-se "Em memória da vítima?", e o ponto de interrogação era justamente o cerne da questão; as mensagens ocultas na cobertura midiática dos chamados assassinatos de mulheres por motivos sexuais, que a autora resolvera analisar sob a perspectiva do gênero.

A clássica conexão semiótica entre significante e significado, e o fato extraordinário de que os nomes de quase duzentas mulheres foram usados como complemento nominal para os crimes sexuais que acabaram com suas vidas nos últimos cinquenta anos. Desde o assassinato de Brigitta, passando pelo assassinato de Gerd, o assassinato de Kerstin e o assassinato de Ulla, para mencionar apenas os quatro casos suecos mais conhecidos dos últimos cinquenta anos, até os mais recentes: o assassinato de Kajsa, o assassinato de Petra, o assassinato de Jenny... e o assassinato de Linda.

O fato de terem transformado mulheres de carne e osso em mensagens midiáticas. Em símbolos, de acordo com o vocabulário semiótico convencional. Era o melhor de todos os complementos, do ponto de vista da mídia, pois podiam até mesmo ser reutilizados uma última vez, se a polícia conseguisse pegar o assassino.

Assim, passava-se de estagiária da polícia Linda Wallin, vinte anos, para o assassinato de Linda, chegando até mesmo ao Homem de Linda, no final dos eventos judiciais.

Símbolos de quê? O que havia ali que as conectava, além da maneira como foram assassinadas, descritas pela mídia e finalmente lançadas na amnésia da história criminal sueca? Obviamente, não podia se tratar de uma questão simples, independentemente do gênero. Afinal de contas, os nomes dos homens nunca eram usados como complemento da palavra "assassinato", e não fazia diferença se os motivos eram sexuais ou simplesmente desconhecidos. Ser humano, evidentemente, não bastava. Você precisava ser mulher, mas, ao mesmo tempo, não podia ser qualquer mulher.

Você precisava ser uma mulher com certa idade. A mais jovem delas podia ter apenas cinco anos quando foi estuprada e estrangulada, mas, salvo as doze

mulheres que trabalhavam como prostitutas, nenhuma tinha idade superior a quarenta anos. Os motivos e os métodos dos assassinos tampouco forneciam explicações conclusivas. O número de mulheres assassinadas no mesmo período por motivos sexuais, ou por qualquer outra razão que sugeria ligação com um motivo sexual, chegava a quase quinhentos.

Lisa Mattei propunha a questão óbvia que ocorria a todo ser humano inteligente e a toda policial. O que fazia com que a mídia rejeitasse sessenta por cento das mulheres que tinham sido mortas por motivos sexuais?

Muitas das mulheres rejeitadas eram consideradas velhas demais pela mídia. A mais velha tinha mais de noventa anos quando foi estuprada e espancada até a morte com um machado. Muitas delas tinham vivido em condições sociais deploráveis. Haviam se relacionado com homens que estavam à margem da sociedade. Muitas foram assassinadas por criminosos que foram presos imediatamente ou logo após o homicídio, mas, de uma perspectiva exclusivamente dramaturgica, suas histórias não eram suficientemente boas.

Resumindo, elas careciam de valor midiático, de acordo com a perspectiva meramente econômica acerca da venda de jornais. As fotos não eram atraentes. O texto era entediante. Suas histórias, banais demais. Simplesmente não eram tão boas.

Por alguma razão Lisa Mattei resolvera dedicar sua tese a quase duzentas mulheres, listadas por seus primeiros nomes de acordo com a ordem alfabética sueca, de A a Å. A primeira se chamava Anna, a mesma Anna como no caso do assassinato de Anna, e a última se chamava Åsa, como no caso do assassinato de Åsa.

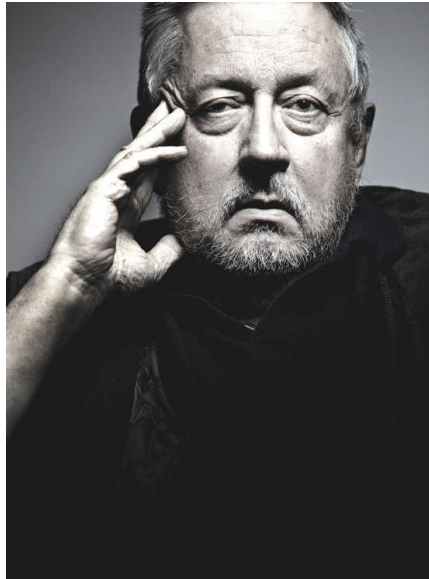
\*

Mas meu nome é Lisa, Lisa como em Lisa Mattei, pensou ela, enquanto digitava a última letra no computador. Tenho trinta e dois anos, sou mulher, policial e, em breve, ph.D.



## **SOBRE O AUTOR**

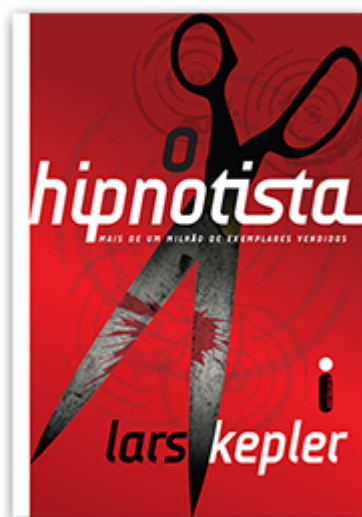
© Jørn Moen



Leif GW Persson é um dos criminologistas mais famosos da Suécia e um reconhecido analista de perfis psicológicos. Já trabalhou como consultor do Ministério da Justiça e foi professor do Conselho Nacional de Polícia. Com doze livros publicados, recebeu três vezes o prêmio de melhor romance oferecido pela Associação dos Escritores Suecos de Romances Policiais, além de ter sido agraciado com os prestigiados Glass Key Award, Petrona Award e Piraten. Persson nasceu em 1945 e mora em Estocolmo.

O personagem Bäckström inspirou a série de TV homônima transmitida pelo canal Fox, com Rainn Wilson (*The Office*) no papel do controverso policial.

## LEIA TAMBÉM



*O hipnotista*  
Lars Kepler



*No escuro*  
Elizabeth Haynes



*Vingança da maré*  
Elizabeth Haynes



*Galveston*  
Nic Pizzolatto